



UM ESTUDO  
SISTEMÁTICO DA  
DOCTRINA BÍBLICA

THOMAS PAUL SIMMONS





# UM ESTUDO SISTEMÁTICO DA DOCTRINA BÍBLICA

UMA DISPOSIÇÃO LÓGICA E UM TRATAMENTO DILIGENTE DOS  
ENSINAMENTOS DA PALAVRA SANTA DE DEUS.

THOMAS PAUL SIMMONS D. TH.

PROFESSOR DE TEOLOGIA TRISTATE BAPTIST BIBLE SCHOOL  
EDITOR DO JORNAL THE BAPTIST EXAMINER, ASHLAND, KY, 1936

Imprensa



Palabra Prudente

**Imprensa**



**Palavra Prudente**

Caixa Postal 4426  
Jardim Estoril  
Presidente Prudente, SP  
CEP: 19020-970

Loja online:  
[loja.palavraprudente.com.br](http://loja.palavraprudente.com.br)

Estudos na Internet:  
[PalavraPrudente.com.br](http://PalavraPrudente.com.br)

Copyright Palavra Prudente 2013  
Todos os direitos em língua portuguesa

Autorização para reimprimir essa magnífica obra na Internet dada ao Pastor Calvin Gardner pelos pastores:

**M.L. Moser, Jr., D.D.**

The Challenge Press

Extensão Missionária da Igreja Batista Central

Little Rock, Arkansas, EUA

03/2004

**Doug Hammett**

Lehigh Valley Baptist Church

Emmaus, Pa. 18049

03/2004

**Editor:**

Calvin Gene Gardner

**Tradução:**

Viviane de Oliveira Sena

Hirialte Fontoura

David C. Gardner

**Revisão:**

Charity Darlene Gardner

Calvin Gene Gardner

Robson Alves de Lima

Sabrina Sukerth Gardner

**Diagramação:**

Sabrina Sukerth Gardner

**Capa:**

Daniel Aaron Gardner

# SUMÁRIO

HISTÓRICO DESTA EDIÇÃO DE 2014.....	8
BIOGRAFIA DE THOMAS PAUL SIMMONS.....	10
INTRODUÇÃO.....	14
<b>CAPÍTULO 1 - EXISTÊNCIA DE DEUS.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A BÍBLIA, UMA REVELAÇÃO DE DEUS.....</b>	<b>34</b>
<b>CAPÍTULO 3 - A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA.....</b>	<b>52</b>
<b>CAPÍTULO 4 - OBJEÇÕES À INSPIRAÇÃO VERBAL.....</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 5 - A NATUREZA E ATRIBUTOS DE DEUS.....</b>	<b>76</b>
<b>CAPÍTULO 6 - A VONTADE DE DEUS.....</b>	<b>88</b>
<b>CAPÍTULO 7 - DOCTRINA DA TRINDADE.....</b>	<b>94</b>
<b>CAPÍTULO 8 - A RELAÇÃO DE DEUS COM O UNIVERSO.....</b>	<b>100</b>
<b>CAPÍTULO 9 - O SENHOR JESUS CRISTO.....</b>	<b>114</b>
<b>CAPÍTULO 10 - CARACTERÍSTICAS DE JESUS COMO PREGADOR.....</b>	<b>122</b>
<b>CAPÍTULO 11 - O ESPÍRITO SANTO.....</b>	<b>136</b>
<b>CAPÍTULO 12 - A DOCTRINA DOS ANJOS.....</b>	<b>146</b>
<b>CAPÍTULO 13 - SATANÁS - SUA ORIGEM, OBRA E DESTINO.....</b>	<b>154</b>
<b>CAPÍTULO 14 - A CRIAÇÃO DO HOMEM.....</b>	<b>162</b>
<b>CAPÍTULO 15 - ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NATUREZA HUMANA.....</b>	<b>184</b>
<b>CAPÍTULO 16 - A NATUREZA MORAL DO HOMEM.....</b>	<b>190</b>
<b>CAPÍTULO 17 - O ESTADO ORIGINAL E A QUEDA DO HOMEM.....</b>	<b>194</b>
<b>CAPÍTULO 18 - A DOCTRINA DO PECADO.....</b>	<b>202</b>
<b>CAPÍTULO 19 - A RESPONSABILIDADE HUMANA.....</b>	<b>216</b>
<b>CAPÍTULO 20 - A LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM.....</b>	<b>224</b>
<b>CAPÍTULO 21 - A DOCTRINA DA ELEIÇÃO.....</b>	<b>234</b>
<b>CAPÍTULO 22 - A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO.....</b>	<b>286</b>

<b>CAPÍTULO 23</b> - AS CHAMADAS EXTERNA E INTERNA.....	318
<b>CAPÍTULO 24</b> - O NOVO NASCIMENTO.....	324
<b>CAPÍTULO 25</b> - A CONVERSÃO.....	340
<b>CAPÍTULO 26</b> - ARREPENDIMENTO E FÉ.....	348
<b>CAPÍTULO 27</b> - A JUSTIFICAÇÃO.....	358
<b>CAPÍTULO 28</b> - A SANTIFICAÇÃO.....	368
<b>CAPÍTULO 29</b> - OS TRÊS TEMPOS DA SALVAÇÃO.....	386
<b>CAPÍTULO 30</b> - A PERSEVERANÇA E A CONSERVAÇÃO DOS SALVOS.....	390
<b>CAPÍTULO 31</b> - A DOCTRINA DA IGREJA.....	406
<b>CAPÍTULO 32</b> - A DOCTRINA DO BATISMO.....	428
<b>CAPÍTULO 33</b> - A CEIA DO SENHOR.....	454
<b>CAPÍTULO 34</b> - POR QUE A LAVAGEM DOS PÉS NÃO É UMA ORDENANÇA?.....	464
<b>CAPÍTULO 35</b> - O OFÍCIO DE BISPO.....	470
<b>CAPÍTULO 36</b> - O DIACONATO.....	476
<b>CAPÍTULO 37</b> - O LUGAR DA MULHER NA IGREJA.....	484
<b>CAPÍTULO 38</b> - O ESTADO ATUAL DOS MORTOS.....	496
<b>CAPÍTULO 39</b> - O MILÊNIO.....	508
<b>CAPÍTULO 40</b> - A SEGUNDA VINDA DE CRISTO.....	540
<b>CAPÍTULO 41</b> - AS DUAS FASES DA VIDA DE CRISTO.....	550
<b>CAPÍTULO 42</b> - O PERÍODO DA GRANDE TRIBULAÇÃO.....	556
<b>CAPÍTULO 43</b> - O HOMEM DO PECADO.....	560
<b>CAPÍTULO 44</b> - A BATALHA DO ARMAGEDOM.....	568
<b>CAPÍTULO 45</b> - O ESTADO FINAL DOS JUSTOS E DOS ÍMPIOS.....	572
<b>ANEXO I</b> - A CRIAÇÃO DO HOMEM E A EVOLUÇÃO.....	584

# HISTÓRICO DESTA EDIÇÃO DE 2014



Este livro de teologia sistemática por Thomas Paul Simmons foi publicado em inglês pela primeira vez em 1936. Foi amplo e grande o seu uso entre os batistas, seja nos seminários, nas igrejas ou nos escritórios pastorais e dos pregadores.

Em 1951 o autor deu ao seu amigo missionário Harold Morris de Campinas, São Paulo o privilégio de traduzir este para o português, qual foi feito em 1952. Seguiu outras edições até a sua terceira em 1985. No seu prefácio à tradução para o idioma de português o autor escreveu no dia 16 de outubro de 1952 da cidade de Coal Grove, Ohio o seguinte:

“O fruto nascido desta edição portuguesa para a glória de Deus conferira principalmente ao crédito de meus dois dignos e elevadamente estimados amigos, o missionário Harold Morris de Campinas, e o pastor E. W. Kerr, de São Paulo, cujo zelo sem limites e incansáveis esforços realizaram sua tradução e publicação.”

Entre 1951 e 1985 apesar da sua utilidade, o livro tornou-se carente. Foi carente de expressão, pois parágrafos inteiros do livro original foram perdidos pelos caminhos. Foi carente em exatidão, pois assuntos e capítulos que talvez não fossem apoiados pelos editores seguintes, deixaram de ser incluídos no volume. Por causa de tanta manipulação a obra merecia uma nova tradução e impressão.

Crendo que Deus motivava um desejo de usar ainda mais os escritos do pastor Thomas Paul Simmons uma nova tradução foi desenvolvida, algo que espelhasse todos os capítulos, parágrafos e palavras da sua primeira edição em 1936.

Nenhuma obra desta magnitude, que começou em julho de 2010, poderia ser realizada sozinha. A Igreja Batista da Graça Soberana em Bloomfield, NM, e a Igreja Batista do Novo Testamento em Lizton, IN mais as ofertas da família Brooks junto com as de outras famílias e igrejas, pela graça de Deus, tem custeado a formação dessa obra.

Agora este volume é uma tradução fiel e expressiva que espelha o original o mais perfeito possível. Está disponível para os que mais necessitam: os colegas de qualquer obra batista onde o português é o idioma principal e a fé uma vez dada aos santos é amada.

Uma autorização por escrito dava permissão de postar na Internet o que restava do original velho em português. Outra autorização verbal deu direito de imprimir uma vez aquela obra carente. Mas, não tendo mais algo igual ao original, e passando o tempo limite do copyright em português, achamos por bem refazer tudo com todos os parágrafos e capítulos da edição original.

A partir de 2014, pela graça de Deus, existe em português cada palavra impressa, pensamento lógico e argumento doutrinário do Thomas Paul Simmons, D. TH., que foi publicado em inglês naquela primeira edição em 1936. Louvado seja a Deus e gratidão seja dada aos cooperadores pelos anos gastos nesta digna obra Batista.

Em 1936 o autor recomendava 2 Timóteo 2:15 a todos que usarem o seu volume. Em 2014 todos que trabalharam na elaboração desta edição indicam o mesmo.

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.”

Calvin Gene Gardner  
Pastor e Missionário



# BIOGRAFIA DE THOMAS PAUL SIMMONS



Não temos em mãos as datas de nascimento ou da morte deste servo do Senhor.

Irmão Simmons pregou no Vale do Rio Ohio toda a sua vida adulta. Mudou-se para Evansville, IN no início do seu ministério e começou uma escola lá para os pregadores. Durante este tempo, ele editou um jornal cristão, “*The Baptist Examiner*” (O Examinador Batista). Eventualmente, ele se mudou de volta para o sul do Ohio e viveu em Ashland, KY até sua morte.

Para uns que conheciam pessoalmente o seu ministério na Palavra ele está tão vivo e influente hoje como era quando ainda presente. Ele realmente tem um

influência maior com o povo de Deus a cada ano que passa, pois há um maior número de pessoas lendo seu material. São estes os responsáveis pela continuação do seu ministério hoje, especialmente entre os novos pregadores.

O irmão Simmons era casado com Louthelle e teve dois filhos, Thomas Paul e Bill. Na cidade de Ashland, no Estado de Ohio, ele pastoreou a Igreja Batista Mount Pleasant, Chesapeake, OH, uma das igrejas mais antigas naquela área. Essa igreja ainda ensina a mesma doutrina sobre a igreja e sobre as doutrinas da graça, como na eleição e predestinação, que foi ensinada pelo Pastor T. P. Simmons.

O prédio da igreja em Mount Pleasant foi construído originalmente no topo de uma das montanhas mais altas em Lawrence, OH. Foi difícil demais para todos os membros chegarem lá, especialmente quando o clima era mau. Por isso, o irmão Simmons levou a igreja a mudar para a sua localização atual em Buffalo Creek, na periferia da cidade Chesapeake.

Irmão Simmons organizou a Igreja Batista de Main Street na cidade de Coal Grove, OH depois de deixar o pastorado de Mount Pleasant na década de 60. Esta igreja ainda está lá.

O Irmão Simmons tem sido conhecido amplamente, não só devido o seu livro sobre doutrina, mas pelo seu ensino do “Rasto de Sangue”. Ele viajou extensivamente para ensinar sobre este livro. Uma das pessoas entrevistadas observou que é difícil achar um lugar entre o estado de Michigan no norte dos EUA e o estado da Flórida, no sul dos EUA, onde não haja alguém ainda hoje que esteve presente quando o irmão Simmons ensinou sobre esse livro. Ele é provavelmente a primeira pessoa a realmente viajar para ensinar tal livro.

Na leitura dos livros hoje sobre a história dos Batistas em ambos os Estados de Kentucky e de Virginia, localidades onde Simmons pastoreou, pode ser notado como muitos dos pregadores passaram por vários períodos de estresse, pois naquela época muitos resistiram às verdades da palavra de Deus. Estas entradas realmente relatam a grande tensão mental e física que esses pregadores suportaram nos seus ministérios.

O irmão Simmons não foi poupado dessas tribulações, pois passou por vários colapsos mentais. Ele enfrentou dificuldades em se manter empregado e, assim sendo, sofreu para sustentar a sua família. A renda que ele recebeu quando ele pastoreou não foi suficiente para cumprir as suas obrigações financeiras. Alguns disseram que ele devia deixar o ministério, visto que ele não estava cumprindo suas necessidades familiares. Ele teve problemas com depressão e ansiedade. Isso justamente quando

muitos dos problemas de saúde mental não eram entendidos pela profissão médica. O irmão Simmons passou um tempo em um hospital psiquiátrico e sofreu com os tratamentos comuns naquela época.

Essa parte da história desse batista pioneiro pode ser útil para nós hoje, pois passamos também pelas fraquezas, aflições e tribulações das nossas limitações, tanto mentais quanto físicas.

Pelas limitações que sofreu, o Irmão Simmons deixou o pastorado e se concentrou em seu livro pelo qual muitos alunos da Palavra de Deus são gratos.

O irmão Simmons foi capacitado a escrever antes da sua morte, “*Um Estudo Sistemático de Doutrina Bíblica*”. Ainda sobrevivem cópias da edição de 1936 e, desde então, só tem crescido com a sua influência no ensino do povo de Deus. Desde 1951 este livro se encontra traduzido em português, tendo o original passado por constantes edições.

A informação contida nessa biografia foi fornecida pelo Dean Waller, um parente distante do amado pastor Simmons em Dezembro de 2011.

Pr. Calvin Gene Gardner  
Tradutor e editor da obra para o português.



# INTRODUÇÃO



Da edição em inglês de 1978.

Considero uma grande honra ser convidado para escrever a introdução de uma nova edição deste livro esplêndido<sup>1</sup>. A partir do momento em que foi emitido pela primeira vez há alguns anos, sempre o considerei o melhor livro do meu conhecimento na área da teologia sistemática. Durante meus dias de seminarista tive a necessidade de estudar vários livros sobre teologia sistemática, e desde esse tempo tenho estudado e lido muitos volumes deste assunto, mas nenhum deles foi tão satisfatório como este volume. Há várias razões por que faço tal afirmação.

1. Muitos livros de teologia **CONTÊM UMA MISTURA DE TEOLOGIA E FILOSOFIA**. Este livro trata a Teologia e deixa de fora a filosofia.

2. Este volume de porte confortável trata as doutrinas com maior habilidade do que outros livros ainda mais volumosos. A razão para isso é que o autor, sem usar palavras supérfluas, mergulha imediatamente no assunto. Ele familiariza o leitor com versículos suficientes para provar cada ponto.

3. Eu prefiro este livro porque o autor **NÃO É INFLUENCIADO DE NENHUMA MANEIRA PELAS TENDÊNCIAS TEOLÓGICAS MODERNAS**. Ele acredita que, se Deus diz algo, isso basta. Ao autor o campo da teologia não deve ser comparado a uma praia que está sendo constantemente alte-

rada pelas marés e dos ventos erráticos.

4. Penso que este livro é tão satisfatório porque **ELE ENSINA A DOUTRINA QUE SE TORNOU IMPOPULAR** por causa da mudança dos tempos e da frouxidão doutrinária que caracteriza denominações inteiras nos dias atuais. Lembro-me de um volume grande e atraente publicado há alguns anos por um teólogo muito talentoso e popular. O autor parecia disposto a comprometer-se relativamente a algumas das doutrinas que são de natureza controversa. Contentou-se com uma posição de neutralidade, procurando afirmar as diversas opiniões prós e contras, sem revelar sua própria posição. Você não vai encontrar covardia teológica por parte do autor deste livro. Além disso, se você reverencia a Bíblia, você provavelmente vai acabar concordando com ele, quer tenha começado a fazê-lo ou não.

5. Uma coisa boa sobre este livro é o fato de que **É ADAPTADO ÀS NECESSIDADES DE AMBOS: TEÓLOGO e o LEITOR MÉDIO**. Muitas vezes, conversando com um jovem ministro, pedi que ele adquirisse um exemplar deste livro e o lesse atentamente. Eu sabia que se ele fizesse isso, ele iria começar na estrada certa. Quando pessoas leigas têm me perguntado se poderia recomendar um livro que lhes daria uma boa compreensão da doutrina bíblica, eu tenho recomendado este livro, e nunca tive nenhum desapontamento expresso da parte delas.

6. Ao longo dos anos tenho descoberto neste livro uma **REFERÊNCIA VALIOSA**. Muitas vezes, ao escrever artigos, tive necessidade de refrescar minha memória sobre um assunto doutrinário. Usei este volume porque eu sabia que iria em breve encontrar a informação que eu procurava.

7. Este livro não é somente adequado para estudo em sala de aula na faculdade, Institutos Bíblicos e similares. **REVOLUCIONARIA A CRENÇA DOUTRINÁRIA DOS MEMBROS DA IGREJA** se fosse usado pelo pastor como base para uma série de mensagens doutrinárias, ou para as aulas de instrução na doutrina bíblica. Como eu usei o livro do irmão Simmons ao longo dos anos, encontrei-me mais próximo em concordância com seus ensinamentos doutrinários do que com qualquer livro de teologia sistemática que tenha conhecido. Uma coisa que aumentou o valor do livro para mim é o fato de eu ter conhecido e apreciado o autor há quase meio século. Eu estou contente que ele está planejando reeditar o livro, e confio que ele vai ter uma larga venda.

Roy Mason, A.B., Th.D, Aripeka, Florida

## **Palavra do Editor**

Não existe um livro teológico ou Pastor Batista com quem podemos ter 100% de concordância. Apesar deste volume ter a minha confiança em 99% de tudo que trata continuo sendo tricotomista, uso suco no cálice, e não prego que a cabeça da mulher deve ser coberta com um véu de pano durante o culto. Considero estes pontos importantes mas não creio que caiam no lado de fora da liberdade cristã.

Missionário Pr. Calvin Gene Gardner







CAPÍTULO 1

# A EXISTÊNCIA DE DEUS

O fato da existência de Deus é o ponto de partida tanto bíblico quanto lógico para um estudo sistemático da doutrina bíblica. É o ponto de partida escriturístico porque o primeiro versículo da Bíblia informa-nos disso. É da parte lógica pelo fato da existência de Deus ser o alicerce de todas as outras doutrinas Bíblicas. Sem a existência de Deus, todas as outras doutrinas da Bíblia não teriam sentido. John Gill, em seu “Corpo de Divindade” (pág. 1) observa com muita propriedade:

*“Eu devo começar com o Ser de Deus, as provas e as evidências disso, que é o fundamento de toda religião. Pois se não há Deus, a religião é uma coisa vã e não importa o que nós acreditamos, nem o que fazemos, uma vez que não há um Ser Superior a quem devemos prestar contas de fé ou prática.”*

Comentando sobre o primeiro versículo de Gênesis, o professor Herbert W. Morris, em “Science and The Bible” “A Ciência e a Bíblia” (pág. 25) diz: “Assim se abre o livro de Deus com o anúncio de uma verdade que nenhum processo de raciocínio poderia ter alcançado, e uma declaração do fato que nenhuma filosofia jamais poderia ter revelado. Nada pode exceder a grandeza do pensamento, nada supera a adequação das palavras, como uma introdução ao livro Sagrado. Olhando para trás, toda a gama de resíduos de todas as eras passadas, esta frase da sublimidade divina, como um ARCO mágico, está no fechamento de fronteiras da eternidade passada. Além dele são o silêncio e a escuridão da noite eterna; dele é a fonte das épocas e cenas e acontecimentos de todo o tempo.”

## **I - A EXISTÊNCIA DE DEUS É ASSUMIDA NA BÍBLIA**

A Bíblia inicia por assumir e declarar a existência de Deus, sem tentativa de prová-la. Isto é um fato digno de nota. Ao comentá-lo, diz J. M. Pendleton em “Christian Doctrines” “Doutrinas Cristãs”: “Moisés, sob inspiração divina, teve, sem dúvida, as melhores razões para o curso que ele tomou.” O autor crê que isto é verdadeiro e dá três boas razões pelas atitudes adotadas por Moisés, a saber:

### **1. ISRAEL, EM CUJO BENEFÍCIO MOISÉS ESCREVEU PRIMARIAMENTE, JÁ CRIA EM DEUS**

Daí, o propósito de Moisés, que foi mais prático que teológico, não exigiu uma discussão de provas da existência de Deus.

### **2. AS EVIDÊNCIAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS SÃO VISÍVEIS E VIGOROSAS**

Assim, foi desnecessário, mesmo para a raça humana como um todo, que um discurso prático tratasse das evidências da existência de Deus. Mas o nosso estudo é teológico bem como prático; logo, nos é oportuno notar estas evidências visíveis e vigorosas.

*“Alguns, porque o ser de Deus é um princípio primário que não deve ser con-*

*testado; e porque há uma proposição autoevidente que não pode ser refutada; têm pensado que não deve ser admitido como uma questão de debate; mas desde que assim é a malícia de Satanás o sugerir o contrário às mentes dos homens; e desde que uns bons homens têm a falha de estarem perplexos e angustiados com dúvidas sobre isso em tempos; não pode ser impróprio procurar fortalecer nossas mentes com razões e argumentos contra tais sugestões.” (Gill, *Body of divinity, Corpo da Divindade*, pág. 1).*

Essas evidências nos vêm da:

### **1) Criação Inanimada**

**A matéria não é eterna e, portanto, deve ser criada**

George McCready Price, autor de “Fundamentals of Geology” “Fundamentos da Geologia” e outros livros científicos, diz: “Os fatos da radioatividade proíbem muito positivamente a eternidade passada da matéria. Daí, a conclusão é silogística: a matéria deve ter se originado em algum tempo no passado...” (Q. E. D., pág. 30). O Professor Edward Clodd diz que “tudo aponta para uma duração finita da criação atual” (Story of Creation, História da Criação, pág. 137). “Que a forma presente do universo ão é eterna no passado, mas começou a ser, não somente a observação pessoal mas o testemunho da geologia nos assegura isso.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 40).

**A matéria deve ter sido criada por outro processo além dos processos naturais; logo, a evidência de um Criador Particular**

Diz o Prof. Price.: “Não há uma ambiguidade de evidência. Tanto quanto a ciência moderna pode lançar luz sobre a questão, deve ter havido uma criação real dos materiais pelo qual se compõe o nosso mundo, uma criação inteiramente diferente, tanto em qualidade como em grau, de algum processo contínuo.” (Q. E. D. pág. 25). A origem das coisas não pode ser explicada sobre uma base naturalística. Buscando fazer assim, Darwin foi obrigado a dizer: “Estou num lamaçal desesperado.” Seria sensato acreditar que os livros são escritos pelas forças residentes no alfabeto e pela operação das leis da ortografia e gramática como acreditar que o universo foi criado por forças residentes em matéria e da operação da lei natural. “Assim, as investiga-

ções da ciência moderna, começando em qualquer ponto do horizonte, convergem e se unem na fundamental e grandiosa verdade, de que ‘NO PRINCÍPIO CRIOU DEUS OS CÉUS E A TERRA.’ (Herbert W. Morris, *Science and the Bible*, Ciência e a Bíblia, pág. 30).

*“Cada pessoa que se esmera em pensar acredita em uma série de causas e efeitos na natureza, cada efeito tornando-se a causa de outro efeito. Agora, a aceitação disso como um fato logicamente nos obriga a admitir que deve haver um começo para qualquer série, ou seja, nunca poderia ter havido primeiro o efeito se não houvesse a Causa primária. Esta primeira Causa para mim é a Deidade, e porque eu não posso dizer onde a Primeira Causa surgiu não há razão suficiente para negar que Ele existe, senão assim também poderia negar a existência do efeito milionésimo, que, por causa do argumento, pode acontecer de ser deste mundo. Veja bem, se eu admitir uma causa como nunca tendo existido, eu sou obrigado, eventualmente, por indução a chegar à primeira causa.” (R.A.L, em um folheto, “The Reason Why” “A Razão do Por quê”, Edições Irmãos Loizeaux).*

## 2) Criação Animada

### A matéria viva não pode provir da não viva

Escrevendo no “London Times”, disse Lord Kelvin: “Há quarenta anos perguntei a Liebig, andando nalgum lugar pelo campo, se ele acreditava que o capim e as flores que víamos ao nosso redor cresciam por meras forças químicas. Ele respondeu: ‘Não mais do que eu poderia crer que um livro de botânica que as descrevesse pudesse crescer por meras forças químicas.’” Numa preleção perante o Instituto Real de Londres, Tyndall afirmou candidamente os resultados de oito meses de árduas experiências como segue: “Do princípio ao fim do inquirido não há, como visto, uma sombra de evidência a favor da doutrina de geração espontânea... Na mais baixa como na mais elevada das criaturas organizadas o método da natureza é: que a vida será o produto de uma vida antecedente.” O Professor Conn diz: “Não há a mais leve evidência de que a matéria viva possa surgir de matéria morta. A geração espontânea está universalmente desistida.” (*Evolution of today, Evolução de Hoje*, pág. 26). E o Sr. Huxley foi forçado a admitir: “A doutrina que a vida somente pode vir da vida é

vitoriosa em toda parte.” (The Other Side of Evolution, O Outro Lado da Evolução, pág. 25).

**Desde que a matéria não é eterna, a vida física, que envolve a matéria viva, não pode ser eterna**

O fato de a matéria não ser eterna proíbe a suposição que a vida física é o resultado de uma série infinita de gerações. E desde que, como vimos, a matéria viva não pode provir da não viva, somos forçados a aceitar o fato de um criador pessoal, não material. Que este é um fato que nem mesmo a teoria da evolução pode eliminar adequadamente foi francamente declarado por este consciencioso evolucionista Professor Drummond, que disse: “Em vez de abolir a Mão do Criador a evolução a demanda. Em vez de se opor à Criação, todas as teorias começam por assumi-la.” (The Ascent of Man, A Ascensão do Homem).

### **3) Ordem, Desígnio e Adaptação no Universo**

Nós vemos a ordem maravilhosa no sistema planetário, onde se encontram “não os resultados desconectados e chocantes de azar”, sob o qual teria pelo menos “mil chances contra a conveniência e a segurança para uma em seu favor,” mas sim “nós encontramos o sistema como ele existe - livre de todos esses perigos e inconveniências,” com todos “os planetas se deslocando em órbitas que garantem a segurança perfeita para todos e as maiores vantagens para cada um.” Isto tem sido provocado “pela forma mais uniforme e matematicamente exata em ajuste de número, peso e medida em todas as partes, apresentando a evidência mais convincente de que a soma é o trabalho de uma Mente Onipotente e Compreensiva.” (Morris, Science and the Bible, Ciência e da Bíblia, pág. 309, 312).

A importância total do exposto só pode ser apreciada quando levamos em consideração a atração mútua de todos os planetas e seus satélites, através da qual os planos equatoriais são transferidos, os polos norte são feitos para vagar, eixos de rotação, as velocidades orbitais alteradas, e os planetas são puxados para fora da elipse plana, caso contrário, eles seguiriam. Nosso sistema solar está arranjado de tal forma que estas perturbações são oscilatórias ou cíclicas. “Agora tudo isto, como Laplace e Lagrange têm demonstrado, é assegurado por três ajustes específicos e distintos, a saber, os movimentos dos planetas, sendo na mesma direção, suas órbitas serem de pequena

excentricidade, e esses serem ligeiramente inclinadas para o outro.” (Morris, *Science and the Bible, Ciência e a Bíblia*, pág. 317). A estes podem ser adicionados outros três ajustes, a saber, a imensa e superior força gravitacional do sol, a grande distância entre os planetas, e o fato de que dois planetas não ficam em oposição (formam uma linha com o sol no mesmo lado do sol), no mesmo lugar de sua órbita por vez. “Nós ainda assim vemos que a elíptica está constantemente modificando a sua forma elíptica; que a órbita da terra oscila para cima e para baixo; que o polo norte firmemente transforma seu dedo indicador sob um mostrador que marca 26.000 anos; que a terra precisamente está solta no espaço, que gentilmente acena para a atração do sol, da lua e planetas. Assim, as mudanças estão ocorrendo, que acabaria totalmente invertendo a ordem da natureza. Mas cada uma dessas variações tem seus limites além dos quais ele não pode passar.” (Steele, *New Descriptive Astronomy, Nova Astronomia Descritiva*, pág. 112). “Quem pode contemplar essa prova da beleza e da perfeição do sistema planetário, e não curvar em reverência e adoração diante do Arquiteto Onisciente do Céu, dizendo: ‘Grandes e maravilhosas as tuas obras de arte, Senhor Deus Todo-Poderoso, Tu és maravilhoso em conselho e excelente no trabalho’.” (Morris, *ibid*, pág.317).

Vemos o desenho maravilhoso no qual a terra foi posta na distância exata para receber o sol, sob todas as circunstâncias que predominam, o benigno benefício de receber os raios vivificadores e não ser queimada pelo calor inimaginável.

Esta distância vantajosa da terra para com o sol é vista como extremamente notável, ao refletirmos sobre o fato de que ela seja mantida, porque é aqui que a força atrativa da gravidade é exatamente empatada pela força antagônica do impulso centrífugo da terra. A força atrativa da gravidade entre a terra e o sol é dependente do tamanho e densidade (que determinam as “massas”) de ambos, a terra e o sol, juntamente com a distância entre a terra e o sol. A força centrífuga da terra depende da massa da terra, sua velocidade de movimento em que gira em torno do sol, e sua distância do sol. Mudar a massa da terra ou do sol materialmente, ou alterar a velocidade da terra materialmente, e da distância da terra do sol seria substancialmente alterado automaticamente.

*“A distância de um planeta do sol, outras coisas sendo iguais, determina a quantidade de luz e calor. Se, portanto, a terra e os seus ocupantes, como agora constituída, fossem colocados mais perto do sol, ou muito longe dele, a mudança seria*

*atendida com consequências fatais. Se fosse transferido, por exemplo, mover-se na órbita de Mercúrio, nossa luz e calor seriam aumentados sete vezes, e o esplendor do brilho do sol iria extinguir a nossa visão, e a intensidade de seus raios secariam rapidamente todos os fluídos em nossos corpos. Por outro lado, fosse a terra levada a girar na órbita distante de Saturno, nossa luz e calor seriam apenas parte de um nonagésimo do que nós apreciamos agora, e os raios fracos e dispersos do sol dificilmente nos permitiriam distingui-lo de uma estrela, ou melhor, antes que pudesse lançar a ponto de fazer tal observação, o frio imensurável nos transformaria em uma pedra de gelo. Vemos, então, que o nosso globo pode ter sido movido uma centena de diferentes distâncias muito perto do sol, e em mil outras distâncias muito longe dele, para ser uma morada adequada para os seus habitantes presentes. Mas vamos encontrá-lo colocado em uma órbita onde a temperatura está exatamente adaptada à constituição corporal e o grau de luz preciso aos órgãos visuais, dos seus inquilinos viventes. Para quem, então, devemos atribuir essa coincidência extraordinária, esta adaptação feliz e universal? Ao acaso? Ou para a previsão da Mente Infinita?» (Morris, *Science and the Bible, Ciência e a Bíblia*, pág. 282).*

Observamos a adaptação surpreendente na precisão das coisas que foram desenhadas para o homem. Por exemplo, considere o ar que respiramos como apenas um dos inúmeros exemplos. A atmosfera é composta de aproximadamente vinte e um por cento de oxigênio e setenta e oito por cento de nitrogênio. (O resto é composto de dióxido de carbono, hidrogênio, argônio, hélio, neônio, criptônio e xenônio, misturados com uma quantidade variável de vapor de água, poeira e matéria orgânica). Essas proporções de oxigênio e nitrogênio são exatamente aqueles que mais se adequam às necessidades do homem. Se a quantidade de nitrogênio fosse significativamente aumentada, todas as funções do corpo humano seriam realizadas com tanta dificuldade e dor que eventualmente chegariam a uma paralisação. Se a proporção do oxigênio fosse aumentada consideravelmente, todos os processos da vida iriam se acelerar a um ritmo febril que os corpos de todos os homens e os animais aqueceriam ao ponto de serem queimados. Se houvessem algumas outras proporções desses gases seriam transformados em venenos mortais pelo calor. De fato, em uma centena de proporções possíveis de oxigênio e nitrogênio, temos a única proporção perfeitamente adaptada às necessidades do homem e dos animais.

Não é errado salientar ainda as disposições que foram feitas para manter as proporções, em circunstâncias normais, sem variação perceptível. Quando os homens e os animais respiram tomam grande parte do oxigênio do ar e devolvem o nitrogênio. Além disso, a pequena quantidade de oxigênio que é exalada por homens e animais é combinada com carbono para formar o dióxido de carbono, que é impróprio para a respiração. Muito dióxido de carbono também é despejado na atmosfera pelos processos de combustão e decomposição. Mas o equilíbrio é mantido. O nitrogênio é mais leve que o ar. Consequentemente, quando ele é exalado, ele sobe para nunca mais voltar até que ele seja mais uma vez misturado com a proporção adequada de oxigênio. O dióxido de carbono é mais pesado que o ar e, portanto, desce de modo a tornar-se disponível para a vegetação, o qual retira o carbono para sustentar seu crescimento e retorna a maior parte do oxigênio no ar. Também as folhas das plantas, sob a influência da luz do sol, libertam um suprimento extra de oxigênio. Assim, por um sistema bem ajustado de compensação, o ar que respiramos é mantido adequado para sustentar a vida. Não há explicação natural deste, já que o nitrogênio e oxigênio na atmosfera não entram em um composto, mas continuam livres.

Tudo isso evidencia um Criador Inteligente. É suficiente para convencer a todos, exceto aqueles que são deliberadamente cegos. Poderíamos, assim acreditar que é só por acidente que os rios nos países civilizados sempre correm pelas cidades quanto de acreditar que a ordem universal, desígnio, e adaptação manifestos no universo são produtos de um concurso fortuito de átomos.

#### 4) A Consciência Humana

Para fins práticos, a consciência pode ser definida como a faculdade ou poder humano de aprovar ou condenar suas ações em uma base moral. O apóstolo Paulo, um dos maiores eruditos do seu tempo, afirmou que os pagãos, que não tinham ouvido de Deus ou de Sua lei, mostravam “a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os” (Romanos 2:15). Paulo assim afirmou que os homens aos quais não foram ensinados um padrão moral tinham uma consciência do certo e do errado. Eruditos modernos nos dizem que os povos mais rudimentares da terra têm consciência.

Não se pode dizer, portanto, que o homem tem consciência por causa dos en-



sinos morais que ele recebeu. Não se pode duvidar que a instrução moral aguça a consciência e faz sua convicção mais pungente; mas a presença da consciência no pagão ignorante mostra que a educação moral não produz consciência.

A consciência, então, nos informa da existência da lei. A existência da lei implica a existência de um legislador; logo a consciência humana atesta o fato da existência de Deus.

### **5) A Bíblia**

A referência aqui não é ao testemunho da Bíblia sobre a existência de Deus. É ilógico usar a autoridade bíblica como prova da existência de Deus, porque a autoridade Bíblica implica a existência de Deus. Tal exercício lógico de jeito nenhum explica o assunto. Mas a referência é:

#### **A Natureza do Conteúdo da Bíblia**

Foi bem estabelecido quando dito que a Bíblia é um livro que o homem não poderia ter escrito, se o quisesse, como não o teria escrito, se pudesse. Ela revela verdades que o homem, deixado a si mesmo, nunca poderia ter descoberto. Uma discussão mais ampla deste fato virá no próximo capítulo. E, se o homem pudesse, por que escreveria ele um livro que o condena como criatura pecaminosa, falida, rebelde, merecendo a ira de Deus? É próprio da natureza humana condenar-se assim a si mesmo?

#### **A Profecia Cumprida**

O cumprimento minucioso de centenas de profecias do Velho Testamento está arquivado no Novo Testamento, o qual traz a evidência interna de uma história verossímil. O cumprimento da profecia evidencia um Ser Supremo que inspirou a profecia.

#### **A Vida de Jesus**

Aceitando o testemunho do Evangelho como possuindo as credenciais de uma história verossímil, vemos em Jesus uma vida singular. Nem a hereditariedade, nem o ambiente, as duas forças naturais na formação do caráter, podem dar conta de Sua vida. Assim temos evidência de um Ser Divino que permaneceu em Jesus.

#### **A Ressurreição de Jesus**

A ressurreição de Jesus, como um fato sobrenatural e bem atestado mostra que

Ele era divino. Temos assim subsequente evidência de que há um ser divino.

Prova da ressurreição de Jesus: Depois de ouvir uma conversação num trem entre dois homens que discutiam a possibilidade de ser enganado sobre a ressurreição de Jesus, W. E. Fendley, advogado no Mississippi, escreveu um artigo que foi publicado no “Western Recorder” de 9 de dezembro de 1920. Ele abordou a matéria como advogado e deu as três seguintes razões para negar a plausibilidade da sugestão que o corpo de Jesus foi roubado: (1) “Não era ocasião oportuna para roubar o corpo”. O fato que três festas judaicas ocorreram no tempo da crucificação certifica que as ruas de Jerusalém estariam cheias de gente. Por essa razão o Sr. Fendley diz que não era boa hora para roubar-se o corpo. (2) “Havia cinco leis com pena de morte ligadas ao roubo do corpo e nenhuma delas foi imposta ou executada”. As penalidades são dadas como sendo: primeira, por permitir que o selo fosse rompido; segunda, por quebrar o selo; terceira, por roubar o corpo; quarta, por permitir o roubo do corpo; quinta, por dormir quando em serviço. (3) “Nego outra vez o alegado sobre o fundamento de testemunho premeditado e não premeditado.” E então ele mostra como os soldados vieram do sepulcro e disseram que um anjo os afastara de lá e que, quando peitados pelos fariseus, disseram que o corpo de Jesus fora roubado enquanto dormiram. O Sr. Fendley prossegue dando cinco pontos aos quais as pessoas devem acreditar para crer no relatório dos soldados, que são:

*(1) “Devem crer que sessenta e quatro soldados romanos, sob pena de morte, dormiram todos de uma vez”. (2) “Devem aceitar o testemunho dos dorminhocos”. (3) “Devem crer que os discípulos, que eram tão medrosos, todos de uma vez se tornaram tremendamente ousados”. (4) “Outra vez, devem crer que os ladrões tiveram bastante tempo de dobrar as roupas mortuárias e colocá-las ordenadamente ao lado”. (5) “Também devem crer que esses discípulos arriscariam suas vidas por um impostor defunto, quando o não fizeram por um Salvador vivo.”*

### 3. O FATO DA EXISTÊNCIA DE DEUS É ACEITO QUASE QUE UNIVERSALMENTE

Esta é a terceira razão que justifica o curso seguido por Moisés em assumir e declarar o fato da existência de Deus sem oferecer quaisquer provas. Tal aceitação universal pode ser outra evidência da existência de Deus. Os poucos que negam a

existência de Deus são insignificantes. “As tribos menos desenvolvidas têm consciência, temem a morte, crêem em feiticeiras, remiram-se ou afugentam os maus destinos. Mesmo o fetichista que chama de um deus a uma pedra ou a uma árvore, mostra que já tem a ideia de Deus.” (Strong, *Systematic Theology*, Teologia Sistemática, pág. 31). “A existência de Deus e a vida porvir são em toda a parte reconhecidas na África” (Livingstone). O grande Plutarco resumiu tudo em sua seguinte citação famosa: “Se você passar pela terra, você pode encontrar cidades sem muralhas, letras, reis, casas, riqueza e dinheiro, desprovido de teatros e escolas; mas uma cidade sem templos e deuses, e onde não há uso de orações, juramentos e oráculos, nem sacrifícios para obter o bem ou evitar o mal, ninguém nunca viu.” Cícero diz bastante verdadeiramente: “O consentimento de todas as nações de algo deve ser reconhecido como a lei da natureza”, e ele se refere às noções sobre Deus, como implantadas e inatas.

Os homens sentem instintivamente a existência de Deus. Por que, então, alguns a negam? É por causa de falta de evidência? Não, é somente por não lhes agradar este sentimento. Tal sentimento os perturba em suas vidas pecaminosas. Portanto, conjuram argumentos que erradiquem das suas mentes o pensamento de Deus. Todo ateu e agnóstico luta principalmente para convencerem-se a si mesmos. Quando eles apresentam os seus argumentos aos outros é em parte para prová-los e em parte para se defenderem. Nunca fazem com o propósito que suas ideias possam ser de auxílio a outros.

Um ateu é aquele que, por amor ao pecado, entremeteu-se na sua mente e a trouxe a uma condição de guerra com o seu coração no qual a mente assalta o coração e tenta arrancar dele o sentimento de Deus. O coração contra-ataca e procura compelir a mente a reter o pensamento de Deus. Nesta peleja a mente, portanto, está constantemente procurando argumentos para usar como munição. Ao passo que descobre esses argumentos, desfere-os contra o coração com a maior força possível. Está explicada a razão de ele gostar de expor seu pensamento. Está em guerra consigo mesmo e fica mais confiante mesmo quando escuta o roncar da sua munição sendo desferida.

Há muitas evidências de que a mente do ateu nunca é totalmente vitoriosa sobre o seu coração. “O número de ateus verdadeiramente especulativos tem sido muito pouco, se existir; alguns têm afirmado corajosamente sua descrença de Deus, mas é uma questão se os seus corações e bocas concordaram. Pelo menos eles não foram capazes de manter sua incredulidade por bom tempo sem ter algumas dúvidas

e medos.” (Gill, *Body of Divinity*, Corpo de Divindade, pág. 3). Shelley, que foi expulso de Oxford por ter escrito um panfleto sobre a “Necessidade do Ateísmo”, tinha prazer em pensar de um “belo espírito intelectual permeando o universo”. Voltaire diz-se que orou numa tempestade alpina e, ao morrer, disse: “Ó Deus - se existe um Deus - tenha piedade de mim!” Portanto podemos concluir com Calvino: “Aqueles que julgam corretamente sempre concordam que há um sentimento da divindade gravado permanentemente sobre as mentes dos homens.” Não há nenhuma explicação racional dessa “lei da natureza”, exceto na hipótese de que Deus existe.

Antes de passar adiante, presume-se bem notar as fontes desta crença quase universal na existência de Deus. Há duas fontes desta crença; a saber:

### **1) A Tradição**

Cronologicamente, nossa crença em Deus vem da tradição. Recebemos nossas primeiras ideias de Deus de nossos pais. Não há dúvida que isto tem sido verdadeiro em cada geração sucessiva desde o princípio. Mas não basta a tradição para dar conta da aceitação quase universal do fato da existência de Deus. O fato que somente uns poucos repelem esta aceitação (é duvidoso que há os que sempre a rejeitem completamente) mostra que há uma confirmação interior nessa crença tradicional da existência de Deus. Isto aponta-nos à segunda fonte desta crença, que é:

### **2) Intuição**

Logicamente, nossa crença em Deus vem da intuição. Intuição é a percepção imediata da verdade sem um processo cômico de arrazoamento. Um fato ou verdade assim percebidos chama-se uma intuição. Intuições são “primeiras verdades”, sem as quais seria impossível todo pensamento reflexivo. Nossas mentes são constituídas de tal modo a envolverem estas “verdades primárias” logo que se apresentem as devidas ocasiões.

#### **Prova que a crença quase universal em Deus procede logicamente da intuição e não da razão**

1. A grande maioria dos homens nunca tentou raciocinar para saber os alicerces do fato da existência de Deus, nem são capazes de tal raciocínio que os levaria a uma

crença mais forte sobre a existência de Deus.

2. A força da crença dos homens na existência de Deus não existe em proporção ao desenvolvimento da faculdade de raciocínio, como seria o caso se essa crença fosse primariamente o resultado de raciocínio.

3. A razão não pode demonstrar cabalmente o fato da existência de Deus. Em todo o nosso raciocínio sobre a existência de Deus devemos começar com admissões intuitivas que não podemos demonstrar. Assim, quando os homens aceitam o fato da existência de Deus, aceitam mais do que somente a razão os levaria a aceitar.

### A existência de Deus como “Verdade Primária”

1. Definição. “Uma verdade primária é um conhecimento que, conquanto desenvolvido em ocasiões de observação e reflexão, não se deriva de qualquer observação e reflexões - um conhecimento, pelo contrário, que tem tal prioridade lógica que deve ser assumido ou suposto. Tais verdades não são, portanto, reconhecidas primeiro em ordem de tempo; algumas delas são assumidas tardiamente no desenvolvimento da mente; pela grande maioria dos homens elas nunca são conscienciosamente formuladas de modo algum. Contudo, elas constituem a presunção necessária sobre a qual descansa todo o conhecimento, e a mente não tem nem a capacidade inata de envolvê-las logo que se apresentem as devidas ocasiões, mas o reconhecimento delas é inevitável logo que a mente principia a dar a si mesma conta de seu próprio conhecimento.” (Strong, *Systematic Theology*, Teologia Sistemática, pág. 30).

2. Prova. “Os processos do pensamento reflexivo implicam que o universo está fundado na razão e é a expressão dela.” (Harris, *Philosophic Basis of Theism*, Filosofia Básica do Teísmo). “A indução descansa sobre a presunção, como ela exige para seu fundamento, que exista uma divindade pessoal e pensante... Ela não tem sentido ou validade a menos que assumamos que o universo está constituído de tal modo que pressuponha um Originador absoluto e incondicional de suas forças e leis... Analisamos os diversos processos do conhecimento nas suas pressuposições básicas e achamos que a pressuposição em que baseia-se todas elas é o de uma inteligência autoexistente.” (Porter, *Human Intellect*, Intellecto Humano). “A razão pensa em Deus como existente. A razão não seria razão se não pensasse em Deus como existente.” (Dorner, *Glaubenslehre*). É por esta razão que Deus disse na Sua Palavra: “Disse o néscio no seu coração: Não há Deus.” (Salmo 14:1). Só um tolo negará a existência de Deus. Alguns tolos são analfabetos; alguns são educados; mas, não obstante, são

tolos, porque não têm conhecimento ou ao menos não reconhecem nem mesmo o princípio da sabedoria que é o temor do Senhor. Veja Provérbios 1:7.

## **II. A EXISTÊNCIA DE DEUS NÃO É DEMONSTRÁVEL MATEMATICAMENTE, CONTUDO, É MAIS CERTA DO QUE QUALQUER CONCLUSÃO DA RAZÃO.**

### **1. A EXISTÊNCIA DE DEUS NÃO É DEMONSTRÁVEL MATEMATICAMENTE.**

A respeito de todos os argumentos a favor do fato da existência de Deus, diz Strong: “Estes argumentos são possíveis, não demonstráveis” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 39). Lemos outra vez: “Nem pretendi que a existência deste Ser, possa ser demonstrada como demonstramos as verdades abstratas da ciência.” (Diman, Argumento Teístico, pág. 363). Strong cita Andrew Fuller como questionando “se a argumentação a favor da existência de Deus não tem produzido mais céticos do que crentes”; e então acrescenta: “Tanto quanto isto é verdade, é devido aos argumentos excessivos e à noção exagerada do que se pode esperar deles.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 40).

### **2. A EXISTÊNCIA DE DEUS, CONTUDO, É MAIS CERTA DO QUE QUALQUER CONCLUSÃO DA RAZÃO.**

Deixe o estudante ler novamente as citações dadas para mostrar que a existência de Deus é uma “verdade primária”, uma verdade que é assumida por todos num processo da razão, “Aquele que nega a existência de Deus deve assumir, tacitamente, essa existência no seu próprio argumento, por empregar processos lógicos cuja validade é apoiada pelo fato da existência de Deus” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 33). É uma verdade axiomática que aquilo que é o fundamento de toda a razão é mais certo do que qualquer conclusão da razão. “Não podemos provar que Deus é, mas podemos mostrar que, em face de qualquer conhecimento, pensamento, razão do homem, deve o homem assumir que Deus é.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 34).

Descartes (1596-1650) que se distinguiu em física e revolucionou o estudo da geometria e da filosofia, talvez nunca tenha sido superado na sua declaração do caso da existência de Deus. Em seu Discurso do Método, ele escreveu o seguinte:

*“Finalmente, se ainda houver pessoas que não estão suficientemente convencidas da existência de Deus e da alma, pelas razões que apresentou, eu estou deseioso que eles deveriam saber que todas as outras proposições, a verdade da qual eles se consideram talvez mais seguros, como temos um corpo, e que existem estrelas e uma terra, e como tal, são menos certas, porque, embora tenhamos uma certeza moral destas coisas, que é tão forte que há uma aparência de extravagância em duvidar de sua existência, mas, ao mesmo tempo, ninguém, a menos que seu intelecto esteja prejudicado, pode negar, quando a questão diz respeito a uma certeza metafísica, que há razões suficientes para excluir toda a garantia, na observação de que durante o sono que podemos do mesmo modo nos imaginar possuidores de um outro corpo e que vemos outros astros e outra terra, quando não há nada do tipo. Pois como sabemos que os pensamentos que ocorrem no sonho são falsos e não as coisas que experimentamos quando acordados, já que o primeiro muitas vezes não são menos vivos e distintos do que o segundo? E embora os homens de grande gênio estudem esta questão como desejam, eu não acredito que eles serão capazes de dar qualquer razão que possa ser suficiente para eliminar esta dúvida, a menos que elas pressuponham a existência de Deus. Porque, em primeiro lugar, até mesmo o princípio que já tomei como regra, ou seja, que todas as coisas que nós concebemos clara e distintamente são verdadeiras, é certo apenas porque Deus é ou existe, e porque Ele é um Ser Perfeito, e porque tudo o que possuímos é derivado dEle, donde resultam nossas ideias ou noções, que, na medida da sua clareza e distinção são reais, e procedem de Deus, deve, nessa medida, ser verdadeiro... Mas se não soubéssemos que tudo o que possuímos de real e verdadeiro procede de um ser perfeito e infinito, contudo nossas ideias devem ser claras e distintas, não deveríamos ter nenhum fundamento que represente a garantia de que eles possuíam a perfeição de ser verdade.”*

*“As pessoas mais irracionais do mundo são aquelas que no sentido estreito dependem unicamente da razão.” “A crença em Deus não é a conclusão de uma demonstração, mas a solução de um problema.” (Strong).*

E esse problema é o problema da origem do universo. “O universo, como um grande fato, requer uma explicação racional e... e a explicação mais racional que se

pode possivelmente dar é essa fornecida na concepção de um tal Ser (como Deus). Nesta conclusão a razão descansa e recusa-se a descansar em qualquer outra.” (Diman, *Theistic Argument*, Argumento do Teísmo). “Chegamos a uma crença científica na existência de Deus tanto como a qualquer outra verdade humana possível. Nós a assumimos como uma hipótese absolutamente necessária para dar conta do fenômeno do universo; então a evidência de todos os cantos começa a convergir sobre ela, até que, no processo do tempo, o senso comum da humanidade, cultivado e iluminado pelo conhecimento sempre crescente, pronuncia-se sobre a validade da hipótese com uma voz escassamente menos decidida e universal do que ele o faz no caso de nossas mais elevadas convicções científicas.” (Morell, *Philosophic Fragments*, Fragmentos Filosóficos). Logo, podemos dizer: “Deus é o fato mais certo do conhecimento objetivo.” (Bowne, *Metaphysical*, Metafísica).

### **III. A EXISTÊNCIA DE DEUS, PORTANTO, PODE SER TOMADA POR CERTO E PROCLAMADA OUSADAMENTE.**

Os fatos anteriormente citados deveriam fazer o pregador ousado na sua proclamação do fato da existência de Deus, não temendo em proclamá-la confiadamente aos cientistas. Estamos sobre terreno seguro em proclamar esta verdade. Nenhum homem pode contrariar nossa mensagem com confiança.

Há vezes, talvez, quando o pregador no púlpito deveria discutir as evidências da existência de Deus; todavia, como uma coisa usual, ele deveria assumi-la e declará-la como Moisés fez. E quando ele trata das evidências da existência de Deus, que ele não as sobrecarregue de modo a deixar a impressão que a validade do fato da existência de Deus depende de uma rigorosa demonstração racional.





## CAPÍTULO 2

# A BÍBLIA, UMA REVELAÇÃO DE DEUS

Tendo visto agora que a existência de Deus é um fato estabelecido, um fato mais certo do que qualquer conclusão de um raciocínio formal porque é o fundamento necessário de toda a razão, passemos à consideração de uma outra matéria. Há agora, e tem havido por séculos, um livro peculiar neste mundo, chamado Bíblia, que professa ser a revelação de Deus. Os seus escritores falam nos termos mais ousados de sua autoridade como interlocutores de Deus. Esta autoridade tem sido admitida por milhões de habitantes da terra, tanto no passado como no presente. Desejamos perguntar, portanto, se este livro é o que ele professa ser e o que tem sido e crido por uma multidão de pessoas - uma revelação de Deus. Se não é uma revelação de Deus, então os seus escritores ou foram enganados ou foram enganadores maliciosos.

## I - É A BÍBLIA HISTORICAMENTE AUTÊNTICA?

Por esta pergunta queremos dizer: É a Bíblia exata como um arquivo de fatos históricos? Há mais ou menos um século, críticos sustentaram que a Bíblia não era exata como história. Disseram que os quatro reis mencionados em Gênesis 14:1 nunca existiram e que a vitória dos reis do Ocidente contra os do Oriente, como descrita neste capítulo, nunca ocorreu. Negaram que um povo tal como os hititas sequer existiram. Sargom, mencionado em Isaías 20:1 como rei da Assíria, foi considerado como um personagem mitológico. Além disso, supunha-se que Daniel errara ao mencionar Belsazar como um rei babilônico (Daniel. 5:1). Exemplos típicos do Novo Testamento de supostos erros históricos podem ser encontrados em Lucas - representação da ilha de Chipre, sendo governada por um “cônsul” (Atos 13:7) e Lisânias como tetrarca de Abilene, enquanto Herodes era tetrarca da Galiléia (Lucas 3:1). Mas como é agora? Podemos dizer hoje, após as investigações de longo alcance sobre as antigas nações que têm sido feitas, que não há um único ponto da Bíblia que possa ser refutado. As recusas confiantes dos primeiros críticos têm provado os pressupostos da ignorância. Prof. A. H. Sayce, um dos mais eminentes arqueólogos, diz: “Desde a descoberta das tábuas de Tel el-Amarna, até agora grandes coisas foram levadas a cabo pela arqueologia, e cada uma delas foi em harmonia com a Bíblia, enquanto quase cada uma delas foi mortífera contra as afirmações da crítica destrutiva.” Alguns anos atrás, a United Press transmitiu o testemunho de A. S. Yahuda, ex-professor de História Bíblica na Universidade de Berlim e, posteriormente, das línguas semíticas da Universidade de Madrid, no sentido de que “toda descoberta arqueológica da Palestina e Mesopotâmia, do período bíblico, confirma a exatidão histórica da Bíblia.”

## II - É A BÍBLIA REVELAÇÃO DE DEUS?

Entramos agora na consideração de outra questão. Um livro historicamente correto podia ser de origem humana. É esta verdade da Bíblia?

### 1. UMA PROBABILIDADE ANTECEDENTE

O pensamento cuidadoso, além da questão de saber se a Bíblia é a revelação

de Deus, vai convencer qualquer crente imparcial na existência de Deus, que é altamente provável que Deus deu ao homem uma revelação explícita e duradoura por escrito da vontade divina. A consciência do homem o informa da existência da lei, como foi bem dito: “A consciência não estabelece a lei, mas adverte para a existência de uma lei.” (Diman, *Theistic Argument, Argumento Teístico*). Quando o homem tem consciência do que tem feito de errado, ele tem a indicação de haver quebrado alguma lei. Quem mais, além de Jeová, cuja existência temos encontrado como sendo um fato estabelecido, poderia ser o Autor dessa lei? E desde que o homem pensa intuitivamente que Deus é bom, também deve pensar do propósito de Sua lei é boa. Sendo assim, não podemos pensar nesta lei como sendo para o mero propósito de condenação. É preciso que esta lei seja para a disciplina do homem em justiça. Também devemos concluir que Deus, que está sendo mostrado ser sábio por suas obras maravilhosas, utilizaria todos os meios mais eficazes para a realização de seu objetivo através da lei. Este argumento em favor de uma revelação escrita - de qualquer grau de obediência a uma lei justa - é impossível ao homem sem o conhecimento dessa lei. Natureza e razão são muito incertas, indistintas, incompletas e insuficientes para o efeito. James B. Walker resume a questão da seguinte forma: “Toda a experiência do mundo confirma o fato de, além da possibilidade de ceticismo, que o homem não pode descobrir e estabelecer uma regra perfeita do dever humano.” (*Philosophy of the Plan of Salvation, Filosofia do Plano de Salvação*, pág. 73). Se esta é a verdade da lei da conduta humana, então quanto mais é a verdade do caminho da salvação?

*“A luz da natureza deixa os homens totalmente sem o conhecimento da forma de salvar o homem pecador... anjos... eles mesmos não seriam capazes de saber a forma de salvar homens pecadores, ou como homens pecadores poderiam ser justificados diante de Deus; portanto, a fim de o saberem, “desejam bem atentar para isso” 1 Pedro 1:12.” (Gill, *Body of Divinity, Corpo da Divindade*, pág. 25).*

Além disso, E. Y. Mullins diz: “A própria ideia de religião contém no seu cerne a ideia de revelação. Nenhuma definição de religião que omite isso pode permanecer à luz dos fatos. Se o adorador fala com Deus, e Deus fica sempre calado ao adorador, temos apenas um lado da religião. A religião então se torna, em um sentido, um ‘faz de conta.’” (*The Christian Religion in its Doctrinal Expression, A religião cristã em*

sua expressão doutrinária).

## 2. UMA PRESUNÇÃO RAZOÁVEL

“Se a Bíblia não é o que o povo cristão do mundo pensa ser, então temos em nossas mãos o tremendo problema de dar conta de sua crescente popularidade entre a grande maioria do povo mais iluminado da terra e em face de quase toda a oposição concebível.” (Jonathan Rigdon, *Science and Religion, Ciência e Religião*).

“Grandes esforços se fizeram para destruir a Bíblia como nunca antes se produziram para a destruição de qualquer outro livro. Seus inimigos tentaram persistentemente deter sua influência. A crítica assaltou-a e o ridículo escarneceu-a. A ciência e a filosofia foram invocadas para desacreditá-la. À astronomia, no descortinar das maravilhas celestes, pediram-se alguns fatos para denegri-la e à geologia, nas suas buscas na terra foi importunada para lançar-lhe suspeita.” (J. M. Pendleton, *Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs*). Contudo...

*“Firme, serena, irremovível, a mesma  
Ano após ano...  
Arde eternamente na chama inapagável;  
Fulge na luz inextinguível”.*

*Whitaker*

A Bíblia “levanta-se hoje como uma fênix do fogo com um ar de mistura de pena e desdém pelos seus adversários, tão ilesa como foram Sadraque, Mesaque e Abdenego na fornalha de Nabucodonosor.” (Colett, *All About The Bible, Tudo sobre a Bíblia*).

Não é provável que qualquer produção meramente humana pudesse triunfar sobre semelhante oposição como a que se moveu contra a Bíblia.

## 3. PROVAS DE QUE A BÍBLIA É A REVELAÇÃO DE DEUS

**1) As grandes diferenças entre a Bíblia e os escritos dos homens evidenciam que ela não é uma simples produção humana**

Estas diferenças são:

#### **Quanto as Suas profundezas e alcance de sentido**

“Há infinitas profundezas e alcances inexauríveis de sentido na Escritura, cuja diferença é notável de todos os outros livros e que nos compelem a crer que o seu autor deve ser divino.” (A. H. Strong). Podemos apanhar as produções dos homens e juntar tudo quanto eles têm a dizer numa só leitura. Mas não é assim com a Bíblia. Podemos lê-la repetidamente e achar novos e mais profundos sentidos. Vacilam nossas mentes ante sua profundidade de sentido.

#### **Quanto ao Seu poder, encanto, atração e frescor eterno**

Os escritores bíblicos são incomparáveis no seu “poder dramático”; esse encanto divino e indefinível, essa atração misteriosa e sempre atual que neles achamos em toda a nossa vida como nas cenas da natureza, é sempre um frescor encantador. Depois de estarmos deliciados e tocados por essas incomparáveis narrativas em nossa infância remota, elas ainda revivem e afetam nossas ternas emoções, mesmo numa idade respeitável. “Deve haver, certamente, algo sobre-humano na humanidade dessas formas, tão familiares e tão singelas.” (Louis Gaussen, in *Theopneustia*). E este mesmo autor sugere uma comparação entre a história de José na Bíblia e a mesma história no Alcorão. Outro autor (Mornay) sugere uma comparação entre a história de Israel na Bíblia e a mesma história em Flávio Josefo. Diz ele que ao ler a história bíblica, os homens “sentirão vibrar todos os seus corpos, mover seus corações, sobrevindo-lhes em um momento uma ternura de afeto, mais do que se todos os oradores da Grécia e Roma lhes tivessem pregado as mesmas matérias por um dia inteiro.” Diz ele dos relatos de Josefo, “que te deixarão mais frio e menos emocionado do que quando os achou.” Acrescenta: “O que é, então, que as Escrituras têm na sua humildade mais elevação, na sua simplicidade mais profundidade, na ausência de todo esforço mais encantos, na sua rudeza mais vigor e alvo do que podemos achar noutra lugar qualquer?”

#### **Quanto a Sua incomparável concisão**

No livro de Gênesis temos a história que fala da criação da terra e sobre ela ser feita num lugar adequado para habitação do homem. Fala da criação do homem, animais, plantas e da sua colocação na terra. Fala da apostasia do homem, do primeiro

culto, do primeiro assassinato, do dilúvio, da repovoação da terra, da dispersão dos homens, da origem da presente diversidade de línguas, da fundação da nação judaica, do desenvolvimento e das experiências dessa nação durante uns quinhentos anos; tudo, todavia, contido em cinquenta capítulos notavelmente breves. Compare agora isto com a história escrita por Josefo. Tanto Moisés como Josefo foram judeus, ambos escreveram sobre os judeus, mas Josefo ocupa mais espaço com a história de sua própria vida do que Moisés consome no arquivo da história desde a criação até a morte de José. Tomai também os escritos dos evangelistas. “Quem entre nós podia ter sido durante três anos e meio testemunha constante, amigo apaixonadamente chegado, de um homem como Jesus Cristo; quem poderia ter escrito em dezesseis ou dezessete curtos capítulos, a história inteira dessa vida: Seu nascimento, Seu ministério, Seus milagres, Suas pregações, Seus sofrimentos, Sua morte, Sua ressurreição, Sua ascensão aos céus? Quem entre nós teria julgado possível evitar dizer uma palavra sobre os primeiros trinta anos de semelhante vida? Quem entre nós podia ter relatado tanto atos de bondade sem uma exclamação; tantos milagres sem uma reflexão a respeito; tantos sublimes pensamentos sem uma ênfase; tantas fraquezas sem pecado no seu Mestre e tantas fraquezas pecaminosas nos Seus discípulos, sem nenhuma supressão; tantos casos de resistência, tanta ignorância, tanta dureza de coração, sem a mais leve desculpa ou comentário? É assim que os homens escrevem história? E mais, quem entre nós podia ter sabido como distinguir o que exigia ser dito por alto do que exigia sê-lo em minúcia?” (Gausson).

## **2) A revelação de coisas que o homem, deixado a si mesmo, jamais poderia ter descoberto dá evidência da origem sobre-humana da Bíblia**

### **O relato da criação**

Onde pôde Moisés ter obtido isto, se Deus não lho revelou? “A própria sugestão de ter Moisés obtido sua informação histórica dessas lendas caldaicas e de Gilgámesh... é simplesmente absurda; porque, interessantes como são, estão de tal modo cheias de asneiras, que teria sido impossível a Moisés ou a qualquer outro homem evoluir tais lendas místicas a registros sóbrios, reverentes e científicos que se acham no livro do Gênesis.” (Collett).

Além disso, Moisés não obteve sua informação sobre a Criação da ciência e da filosofia do Egito. “Moisés, como o príncipe do Egito, frequentou a melhor das esco-

las e foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios - a maioria da qual é considerada hoje um total absurdo - mas ele não a escreveu em seus livros. As teorias estranhas e fantásticas realizadas pelos egípcios sobre a origem do mundo e do homem foram completamente ignoradas; e no primeiro capítulo do Gênesis, na língua majestosa, que nunca foi superada até hoje, ele relata a criação por Deus do mundo e do homem, nenhuma declaração a qual tem sido refutada até hoje pela ciência moderna.” (Lorraine Boettner, *Studies in Theology*, Estudos em Teologia, pág. 34).

### A doutrina dos anjos

“Foi alguma coisa parecida com os anjos concebida pela imaginação do povo, pelos seus poetas, ou pelos seus sábios? Não. Nem mesmo mostraram jamais aproximar-se disso. Perceber-se-á, quão impossível foi, sem uma operação constante da parte de Deus, que as narrativas bíblicas, ao tratarem de tal assunto, não tivessem considerado constantemente a impressão humana de nossas acanhadas concepções; ou que os escritores sagrados não tivessem deixado escapar suas penas - toques imprudentes ao vestirem os anjos com atributos divinos demais ou afetos humanos demais.” (Louis Gaussen).

### A onipresença de Deus

As seguintes passagens representam a conclusão da filosofia humana?

“Porventura sou eu Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor.” (Jeremias 23:23,24).

“Para onde me irei do teu espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no inferno a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá.” (Salmos 139:7-10).

Estas passagens e outras na Bíblia ensinam, não o panteísmo, nem que Deus está em diferentes lugares sucessivamente, senão que Ele está em toda a parte ao mesmo tempo e contudo separado como Ser - fora da Criação. O intelecto sozinho do homem originou esta concepção, vendo que, mesmo quando ele tem sido acomodado, a mente do homem pode compreendê-lo só parcialmente?

### O problema da redenção humana

Se fosse submetido ao homem o problema de como Deus poderia ser justo e justificador do ímpio, teria o homem proposto, como solução, que Deus se tornasse carne e sofresse em lugar do homem?

“Que a criatura culpada fosse salva a custa da encarnação do Criador; que a vida viesse aos filhos dos homens através da morte do Filho de Deus; que o céu se tornasse acessível à população distante da terra pelo sangue de uma cruz vergonhosa - era totalmente remoto a todas as concepções finitas. Mesmo quando a maravilha foi conhecida pelo Evangelho, excitou o desprezo dos judeus e dos gregos. Para os primeiros, era uma pedra de tropeço e ofensa, para os últimos, era loucura. Os gregos eram um povo altamente culto, agudos no intelecto, de profunda filosofia e sutis de raciocínio, mas ridicularizavam a ideia de salvação através de alguém que foi crucificado. Eles podem muito bem ser considerados como representando as possibilidades do que o intelecto humano pode fazer, e de longe afirmar a doutrina cristã da redenção como uma invenção dos filósofos, eles ririam como se fosse uma filosofia indigna. Eles rejeitaram os fatos do evangelho, como inacreditáveis, porque para eles pareciam estar em conflito com suas concepções de razão.” (J. M. Pendleton, *Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs*).

*“Como poderiam esses livros terem sido escritos por semelhantes homens, em semelhantes ambientes sem auxílio divino? Quando consideramos os assuntos discutidos, as ideias apresentadas, tão hostis não só aos seus prejuízos nativos, mas ao sentimento geral então prevalecente nos mais sábios da humanidade, o sistema todo de princípios entrelaçados em toda parte da história, poesia e promessa, bem como de insignificantes maravilhas e singulares excelências da palavra, nossas mentes se constroem a reconhecer este como o Livro de Deus num sentido elevado e peculiar.” (Basil Manly, *The Bible Doctrine of Inspiration, A Doutrina Bíblica da Inspiração*).*

### 3) A unidade maravilhosa da Bíblia confirma-a como uma revelação divina

“Eis aqui um volume constituído de sessenta e seis livros escritos em seções separadas, por dezenas de pessoas diferentes, durante um período de mil e quinhentos anos - um volume que antedata nos seus registros mais antigos todos os outros livros



no mundo, tocando a vida humana e o conhecimento em centenas de diferentes pontos. Contudo, evita qualquer erro absoluto e assinalável ao tratar desses inumeráveis temas. De que outro livro antigo se pode dizer isto? De que livro - mesmo centenário - se pode dizer isto?" (Basil Manly, *idem*).

A Bíblia contém quase toda a forma de literatura, história, biografia, contos, dramas, argumentos, poesias, profecias, parábolas, rogos, filosofias, lei, letras, sátiras e cantos. Foi escrita em três línguas por uns quarenta autores diferentes, que viveram em três continentes. Esteve no processo de composição por uns mil e quinhentos ou mil e seiscentos anos. "Entre esses autores estiveram reis, agricultores, mecânicos, cientistas, advogados, generais, pescadores, estadistas, sacerdotes, um coletor de impostos, um doutor, alguns ricos, alguns pobres, alguns cidadãos, outros camponeses, tocando assim todas as experiências dos homens." (Peloubet, *Bible Dictionary*, Dicionário Bíblico).

Entretanto, a Bíblia está em harmonia em todas as suas partes. Os críticos têm imaginado contradições, mas estas desaparecem como a cerração ao sol matutino quando se sujeitam à luz de uma investigação inteligente, cuidadosa, cândida, justa e simpática. Os seguintes sinais de unidade caracterizam a Bíblia:

#### **Unidade no Seu desígnio**

O grande desígnio que percorre toda a Bíblia é a revelação de como o homem, alienado de Deus, pode achar restauração ao favor e à comunhão com Deus.

#### **Unidade no Seu ensino a respeito de Deus**

Toda declaração na Bíblia a respeito de Deus é compatível com qualquer outra declaração. Nenhum escritor desmentiu qualquer outro escritor escrevendo sobre o tema estupendo e inefável, o Deus infinito!

Isso é verdade, apesar dos esforços dos modernistas em representar o Deus do Antigo Testamento como um Deus de vingança e de guerra, e o Deus do Novo Testamento como um Deus de amor e paz. Modernistas propositadamente ignoram o fato de que, no Antigo Testamento, Deus lidou com uma nação, enquanto que no Novo Testamento Deus está lidando com pessoas. Não há uma palavra no Novo Testamento, que ensine que as nações não devem resistir à agressão. Modernistas grosseiramente pervertem o Novo Testamento quando eles insistem em aplicar às nações os ensinamentos de Jesus com relação aos crentes individuais.

### **Unidade no Seu ensino a respeito do homem**

Em toda a parte da Bíblia o homem é mostrado como criatura por natureza corrupta, pecaminosa, rebelde e falida sob a ira de Deus e carecendo de redenção.

### **Unidade no Seu ensino a respeito da salvação**

O caminho da salvação não foi tão claro no Velho Testamento, como era no Novo Testamento. Mas pode ser visto facilmente que o que é claramente revelado no Novo Testamento foi prefigurado no Antigo Testamento. Pedro afirmou que os santos do Antigo Testamento foram salvos exatamente da mesma maneira que os santos do Novo Testamento são salvos. Atos 15:10,11. Leia, neste contexto, os capítulos quinquagésimo terceiro e quinquagésimo quinto de Isaías. Observe também que Paulo faz de Abraão um exemplo típico da justificação mediante a fé (Romanos 4) e diz que o evangelho foi pregado a Abraão (Gálatas 3:8). Note, ainda, que Paulo disse a Timóteo que “a Sagrada Escritura” (Antigo Testamento), que ele havia conhecido desde criança, era capaz de fazê-lo um sábio “para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus” (2 Timóteo 3:15). O suposto conflito entre Tiago e Paulo sobre a justificação será tratado no capítulo sobre a justificação.

### **Unidade quanto à Lei de Deus**

Um ideal perfeito de justiça está retratado por toda a Bíblia a respeito do fato que Deus, em harmonia com as leis do desenvolvimento humano, ajustou Seu governo às necessidades de Israel para que pudesse erguer-se do seu rude estado. Este ajustamento da disciplina de Deus foi como uma escada descida a um fosso para prover um meio de escape a alguém lá enlaçado. A descida da escada não visa um encorajamento ao que está no fundo para deter-se lá, mas intenciona-se como meio de livramento; de modo que a condescendência da disciplina de Deus no caso de Israel não foi pensada como um encorajamento para o mal, mas como uma regulação do mal com o propósito de levantar o povo a um plano mais elevado. Negar a unidade da Lei de Deus por causa de adaptações às necessidades de povos particulares é tão tolo como negar a unidade dos planos do arquiteto pelo fato de ele usar andaimes temporários na execução deles.

### **Unidade no desenredo progressivo da doutrina**

A verdade toda não foi dada de uma vez na Bíblia. Contudo, há unidade. A

unidade no enredo progressivo é a unidade do crescimento vegetal. Primeiro vemos a erva, depois a espiga e então o grão cheio na espiga (Marcos 4:28).

A força desta unidade maravilhosa na sua aplicação à questão da inspiração da Bíblia é acentuada por David James Burrell, como segue: “Se quarenta pessoas de diferentes línguas e graus de educação musical tivessem de passar pela galeria de uma igreja onde situa-se um enorme instrumento musical e, sem nenhuma possibilidade de acordo prévio, cada uma delas tocasse sessenta e seis teclas, as quais, quando combinadas, dessem o tema de um oratório, submeter-se-ia respeitosamente que o homem que considerasse isso como uma “circunstância fortuita” seria tido por consenso unânime universal - para dizê-lo modestamente - tristemente desprovido de senso comum.” (Why I Believe The Bible, Por Que Eu Acredito na Bíblia).

#### **4) A exatidão da Bíblia em matérias científicas prova que ela não é de origem humana**

##### **A Bíblia não foi dada para ensinar ciência natural**

Diz-se corretamente que a Bíblia não foi dada para ensinar ciência natural. Não foi dada para ensinar o caminho que os céus vão, mas o caminho que vai para o céu.

##### **Todavia, Ela faz referência a matérias científicas**

“Por outro lado, contudo, vendo que o universo inteiro está de tal modo inteira e inseparavelmente ligado por leis e princípios, é inconcebível que este livro de Deus, que confessadamente trata de tudo no universo quanto afeta os mais altos interesses do homem, não fizesse referência alguma a qualquer matéria científica; daí acharmos referência incidentais a vários ramos da ciência...” (Sidney Collett, All About The Bible, Tudo Sobre a Bíblia).

##### **E quando a Bíblia faz referência a matérias científicas, é exatíssima**

A Bíblia não contém os erros científicos do seu tempo. Ela antecipou as elogias descobertas dos homens centenas de anos. Nenhuma das suas afirmações provou-se errônea. E é somente nos tempos hodiernos que os homens chegam a entender<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Os conflitos supostos por muitos existentes entre a Bíblia e a ciência no que diz respeito à criação da terra e dos seres vivos são tratados em capítulos posteriores na relação de Deus para o Universo e A Criação do Homem. Além disso, provas científicas do dilúvio, serão dadas no capítulo dedicado à criação do homem. Além disso, este último capítulo vai lidar também com a suposta antiguidade homem.

alguns deles.

Note as seguintes referências bíblicas a matérias científicas:

a) A esfericidade da Terra. Séculos antes de os homens saberem que a terra é redonda, a Bíblia falou do “círculo da terra” (Isaías 40:22).

b) O suporte gravitacional da Terra. Os homens costumavam discutir a questão do que é que sustenta a Terra, sendo avançadas diversas teorias. Finalmente os cientistas descobriram que a terra é sustentada por sua própria gravitação e a de outros corpos. Mas, muitos antes de os homens saberem isto, e enquanto contendiam por este ou aquele fundamento material para a Terra, a Bíblia declarou que Deus “pendura a terra sobre o nada” (Jó 26:7).

c) A natureza dos céus. A Bíblia fala dos céus como “expansão” e isto estava tão adiante da ciência que a palavra hebraica (raqia) foi traduzida por “firmamento” (Gênesis 1; Salmos 19:6), que quer dizer um suporte sólido.

d) A expansão vazia do Norte. Foi só na metade do século passado que o Observatório de Washington descobriu que, dentro dos céus do Norte, há uma grande expansão vazia na qual não há uma só estrela visível. Mas, três mil anos antes, a Bíblia informou aos homens que Deus “estendeu o Norte sobre o espaço vazio” (Jó 26:7).

e) O peso do Ar. Credita-se a Galileu a descoberta que o ar tem peso, algo com que os homens jamais tinham sonhado; mas, dois mil anos antes da descoberta de Galileu, a Bíblia disse que Deus fez “um peso do vento” (Jó 28:25).

f) A rotação da terra. Ao falar de sua segunda vinda, Cristo deu indicação de que seria noite numa parte, dia na outra (Lucas 17:34-36), implicando assim a rotação da terra sobre seu eixo.

g) O número de estrelas. No segundo século antes de Cristo, Hiparco numerou as estrelas em 1.022. Mais de 300 anos mais tarde, Ptolomeu acrescentou mais quatro. Mas a Bíblia antecipou as revelações do telescópio moderno, comparando as estrelas com grãos de areia à beira-mar (Gênesis 22:17; Jeremias 33:22.), com somente Deus sendo capaz de enumerá-las (Salmos 147:4).

h) A lei da evaporação. Muito antes que os homens soubessem que é a evaporação que evita que o mar transborde e mantém os rios correndo, tornando possível chover, todo o processo surpreendente foi notavelmente representado com precisão científica o seguinte: “Todos os rios vão para o mar, e contudo o mar não se enche; ao lugar para onde os rios vão, para ali tornam eles a correr.” (Eclesiastes 1:7)

i) A existência de ventos alisados. Hoje sabemos que a subida do ar quente nos

tropicais faz com que o ar frio do norte ao se deslocar no seu lugar, causa o que chamamos de “ventos alisados”. Sabemos também que “em alguns lugares, eles explodem em uma direção pela metade do ano, mas na direção oposta à outra metade.” (New Students Referece Work, Novos Alunos Obras de Referência, p. 1931). A Bíblia antecipou este conhecimento em uma declaração muito notável: “O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos” (Eclesiastes 1:6).

j) A importância do sangue. Somente há cerca de três séculos e meio que temos sabido que o sangue circula, levando oxigênio e alimento para todas as células do corpo, removendo o dióxido de carbono e outros resíduos do organismo através dos pulmões e órgãos excretórios, e promovendo a cura e combate a doenças. Mas há muito tempo a Bíblia declara que “a vida da carne está no sangue”. Veja Gênesis 9:4; Levítico 17:11,14.

k) A união da raça humana. Antiga tradição representava homens originalmente como brotando individualmente - a partir do solo - sem relação linear. Mas o conhecimento moderno tem revelado muitas evidências físicas, fisiológicas, geográficas e linguísticas da união da raça.<sup>2</sup> A evidência mais forte, no entanto, encontra-se no fato de que, enquanto a ciência médica pode distinguir entre o sangue humano e o sangue animal e pode distinguir entre o sangue de diferentes espécies de animais, contudo não pode distinguir entre o sangue das diferentes raças da humanidade. Mas Moisés não teve que esperar por esse conhecimento moderno. Sem hesitação ou equívoco, ele declarou que a raça se espalhou pelos descendentes dos filhos de Noé (Gênesis 9:19; 10:32). Nem Paulo hesita em afirmar que Deus “E de um só sangue fez toda a geração dos homens” (Atos 17:26).

## 5) A profecia cumprida testemunha o fato que a Bíblia veio de Deus

---

2 Uma extensa discussão sobre a união do homem é encontrada no Novo Guia Bíblico (Urquhart, a partir da página 381 do Vol. 1.), onde é feita referência a uma discussão sobre as variações na família humana por Pritchard nos Vestígios da Criação, e Pritchard é citado como tendo dito: “Nós temos noções obscuras das leis que regulamentam essa variabilidade dentro de limites específicos, mas vê-los operar continuamente, e eles são, obviamente, favoráveis à suposição de que todas as grandes famílias dos homens podem ter sido de uma origem.” Além disso Pritchard é citado como tendo dito: “A tendência do estudo das línguas modernas é o mesmo ponto.” Então Urquhart diz do eminente e graduado Quatre-Fages: “Ele manifestou a convicção de que a única conclusão possível da ciência é que a raça humana surgiu a partir de um único par.”

### A referência profética a Ciro

Cinquenta anos antes do nascimento de Rei Ciro o qual decretou que os filhos de Israel voltassem à sua terra, Isaías falou de Deus como “aquele que disse de Ciro, ele é meu pastor e cumprirá tudo o que me apraz, dizendo também a Jerusalém: Tu serás edificada; e ao templo: Tu serás fundado” (Isaías 44:28).

### A profecia do cativo babilônico

Ver Jeremias 25:11.

### Profecias a respeito de Cristo

a) Os soldados repartindo as Suas vestes. Salmos 22:18. Cumprimento: Mateus 27.35.

b) O fato de Seus ossos não serem quebrados. Salmos 34:20. Cumprimento: João 19:36.

c) Sua traição. Salmos 41:9. Cumprimento: João 13:18.

d) Sua morte com os ladrões e enterro no túmulo de José. Isaías 53:9, 12. Cumprimento: Mateus 27:38, 57-60.

e) O Seu nascimento em Belém. Miquéias 5:2. Cumprimento: Mateus 2:1; João 7:42.

f) Sua entrada triunfal em Jerusalém. Zacarias 9:9. Cumprimento: Mateus 21:1-10; Marcos 11. 1-8; Lucas 19. 29-38.

g) Seu transpassamento. Zacarias 12:10. Cumprimento: João 19:34,37.

h) Dispersão dos Seus discípulos. Zacarias 13:7. Cumprimento: Mateus 26:31.

Há, porém, uma explicação plausível da maravilha da profecia cumprida e essa explicação é que Ele “que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade” (Efésios 1:11) moveu a mão do escritor da profecia.

## 6) O Testemunho de Cristo Prova A Genuinidade da Bíblia Como Uma Revelação de Deus

Jesus considerou o Velho Testamento como a Palavra de Deus, a ele se referiu frequentemente como tal e disse: “A Escritura não pode ser anulada” (João 10:35). Ele também prometeu subsequente revelação por meio dos apóstolos (João 16:12,13). Temos assim Sua pré-autenticação do Novo Testamento.

O testemunho de Jesus é de valor único, porque Sua vida provou ser o que Ele professou ser - uma revelação de Deus. Jesus não se enganou; “porque isto alegaria (a) uma fraqueza e loucura montando a positiva insanidade. Mas Sua vida inteira e caráter exibiram uma calma, dignidade, equilíbrio, introspecção e autodomínio totalmente inconsistentes com tal teoria. Ou alegaria (b) autoignorância e autoexagero que podiam provir apenas da mais profunda perversão moral. Mas a pureza absoluta de Sua consciência, a humildade do Seu espírito, a beneficência abnegada de Sua vida mostram ser incrível esta hipótese.” Nem Jesus foi um enganador, “porque (a) a santidade perfeitamente compatível de Sua vida; a confiança não vacilante com a qual Ele desafiava para uma investigação de suas pretensões e arriscava tudo sobre o resultado; (b) a vasta improbabilidade de uma vida inteira de mentira aos declarados interesses da verdade e (c) a impossibilidade de decepção operava tal benção ao mundo - tudo mostra que Jesus não foi um impostor cômico.” (A. H. Strong).

### III - O QUE CONSTITUI A BÍBLIA?

Do que já se disse, manifesto que o autor crê que a Bíblia, revelação de Deus, consiste de sessenta e seis livros do que é conhecido como o Cânon Protestante.

Aqui não é necessário um prolongado e trabalhado argumento e nada será tentado. A matéria inteira, tanto quanto respeita aos que creem na divindade de Cristo, pode ser firmada pelo Seu testemunho.

Notemos:

#### 1. CRISTO ACEITOU OS TRINTA E NOVE LIVROS DE NOSSO VELHO TESTAMENTO COMO CONSTITUINDO A REVELAÇÃO ESCRITA QUE DEUS TINHA DADO ATÉ AQUELE TEMPO

Esses livros compunham a “Escritura” (um termo que ocorre vinte e três vezes no Novo Testamento) aceita pelos judeus. Crê-se que eles foram reunidos e arranjados por Esdras. Foram traduzidos do hebraico para o grego algum tempo antes do advento de Cristo. Não pode haver dúvida de que Cristo aceitou esses livros e nenhum outro como constituindo os escritos que Deus inspirou até aquele tempo. Ele citou esses livros na fórmula: “Está escrito”. Ele referiu-se a eles como “Escritura”. E

Ele disse: "...a Escritura não pode ser anulada" (João 10:35).

Por outro lado, nem Cristo nem os apóstolos aceitaram os quatorze livros e partes de livros (conhecidos como os Apócrifos), a maioria dos quais foram acrescentados ao cânon protestante, para compor o Antigo Testamento na Bíblia Católica Romana (Versão Douay). "E embora existam no Novo Testamento, cerca de 263 citações diretas e cerca de 370 referências a passagens do Antigo Testamento, mas entre todas estas não há uma única referência, quer por Cristo ou Seus apóstolos, aos escritos apócrifos." (Collett, *All About the Bible, Tudo Sobre a Bíblia*, pág. 50). Nem eram esses livros recebidos pela nação de Israel.<sup>3</sup>

Josefo, em escrito contra Apion (Livro 1, V. 8), diz: "Nós não temos uma multidão inumerável de livros entre nós, discordando e contradizendo um ao outro entre si, mas apenas 22 livros (este número foi estabelecido por certas combinações de nossos trinta e nove livros). Durante tantos anos já passados, ninguém foi tão ousado, quer para acrescentar nada a eles, quer para tirar qualquer coisa deles, ou fazer qualquer alteração nos mesmos." Tampouco foram esses livros parte da Septuaginta original, como foi suposto muitas vezes. Cirilo de Jerusalém (nascido em 315 dC) falou da Septuaginta da seguinte forma: "Leia a divina Escritura, ou seja, os 22 livros do Antigo Testamento que os setenta e dois intérpretes traduziram." Eles provavelmente foram adicionados ao Septuaginta em meados do século IV, desde as mais antigas cópias da Septuaginta que possuímos (versão Vaticano) os contém, e isto é suposto que data do século IV. Talvez tenha sido a adição desses livros que levou a igreja grega no Concílio de Laodicéia (363 dC) negar a sua inspiração. Mesmo tão tarde quanto 1546, o Concílio de Trento considerou necessário declarar que esses livros eram canônicos.

## **2. CRISTO TAMBÉM PROMETEU OUTRA REVELAÇÃO INDO ALÉM DE TUDO QUE ELE HAVIA ENSINADO**

Em João 16:12,13 achamos Cristo falando aos apóstolos como segue: "Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier

<sup>3</sup> Isto é admitido pelas autoridades católicas romanas. Em *Um Catecismo da Bíblia*, escrito pelo "Rev. John J. O'Brien, MA," e publicado com a autorização da Sociedade Católica Internacional da Verdade, do Brooklyn, na página 10, esta pergunta foi feita sobre estes livros: "Eram os livros adicionados aceitos pelos hebreus?" E a resposta dada é: "Não, os hebreus se recusaram a aceitar estes livros adicionados."



aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.”

Além disso, Cristo constituiu os apóstolos um corpo de professores infalível quando em Mateus 18:18. Ele disse: “Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu.” “Ligar” significa proibir, isto é, ensinar que uma coisa está errada. “Desligar” é permitir, sancionar, para ensinar que uma coisa é certa. Assim, Cristo prometeu sancionar no céu o que os apóstolos ensinassem na terra. João 20:22, 23 é da mesma importância.

No Novo Testamento temos esta revelação que Cristo deu por meio do Seu corpo infalível de mestres. Os poucos livros não escritos pelos apóstolos receberam o seu lugar no cânon, evidentemente, porque os apóstolos os aprovaram. De qualquer maneira, o seu ensino é o mesmo como o dos demais livros do cânon.

O Novo Testamento veio à existência da mesma maneira que o Velho, isto é, o cânon foi determinado pelo consenso de opinião da parte do próprio povo de Deus. O fato que Deus deu e conservou uma revelação infalível da velha dispensação prova que Ele fez o mesmo com referência ao novo.

A tese católica romana que pede que nós aceitemos nossa Bíblia com a sua autoridade (ou seja, a da igreja romana) é esplendidamente nula e eloquentemente vã. O cânon da Bíblia inteira foi estabelecido antes que houvesse uma coisa como a Igreja Católica Romana. (Veja o capítulo sobre “A Doutrina da Igreja” para uma discussão sobre sua origem). Se aceitássemos a nossa Bíblia na autoridade da Igreja Católica Romana, então deveríamos aceitar os livros apócrifos que foram adicionados, juntamente com sua tradução deturpada. Além disso, nesse caso, deveríamos aceitar as suas tradições vãs. As decisões dos concílios da Igreja são para nós considerados de valor apenas quando eles são aceitos como evidência histórica rumo ao consenso de opinião entre os verdadeiros santos de Deus e como expressar a verdade que é confirmada por outras evidências.

#### **IV. É A BÍBLIA SUFICIENTE E A ÚLTIMA REVELAÇÃO DE DEUS?**

A suficiência e o término da Bíblia são rejeitados hoje pelos católicos romanos em favor da “tradição”, e os devotos da neo-ortodoxia em favor de uma revelação

contínua. A base da disputa Católica Romana para a autoridade da tradição é a ideia de que o clero católico romano é sucessor dos apóstolos. Esta é uma invenção da uma imaginação pervertida.

Nem Jesus nem os apóstolos davam o menor indício sobre um sucessor apostólico, com exceção de Judas, e era necessário que ele seja aquele que tinha convivido com eles desde o batismo de João. Veja Atos 1:21,22. A Tradição católica romana, não apenas suplementa a Bíblia, mas também a contradiz. Ela – a Tradição – surgiu da mesma maneira que as tradições judaicas, e hoje eles estão na mesma relação com a verdadeira Palavra de Deus. Assim, a condenação de Jesus é também aplicável a eles como à tradição judaica - “Este povo se aproxima de mim com a sua boca e me honra com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.” (Mateus 15:8,9).

Paulo claramente indicou que o plano de Deus era para dar ao homem uma revelação escrita completa assim “para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra” (2 Timóteo 3:17).

A ideia moderna da “autoridade do Espírito”, que é realmente a autoridade da razão humana, como dando revelação contínua, é igualmente inútil. Devemos voltar a Cristo como nossa única autoridade de confiança, e Cristo não deu nenhuma promessa de ensinamentos autorizados além dos apóstolos. Essa ideia não será adotada por ninguém, exceto os modernistas ou aqueles grandemente afetados pelo modernismo. Aqueles que aceitam essa ideia serão encontrados de forma aberta ou na prática negando a inspiração da Bíblia. Nós não nos importamos com suas noções nebulosas. Elas são tão frágeis que entram em colapso sob seu próprio peso. O Novo Testamento é manifestamente completo, suficiente e final.



## CAPÍTULO 3

# A INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Temos visível evidência de que a Bíblia é uma revelação de Deus. E nos é dito na Bíblia que Deus deu a revelação por inspiração. Se a Bíblia é a revelação de Deus, é justo deixá-la falar por si mesma sobre sua própria natureza. É nosso propósito, então, inquirir neste capítulo o sentido e a natureza da inspiração, segundo o próprio testemunho da Bíblia.

No curso que estamos seguindo aqui, observamos a razão no seu sentido mais elevado. Mostrou-se que a razão requer uma crença na existência de Deus. E apontou-se, além disso, que é razoável esperar uma revelação escrita de Deus. Então e antes de tudo, é da competência da razão em relação à revelação, examinar as credenciais de comunicações que professam ser uma revelação de Deus. Se essas credenciais forem satisfatórias, deve então a razão aceitar as comunicações como vindas de Deus; daí, aceitar as coisas apresentadas como sendo verdadeiras. “A

revelação é o vice-rei que apresenta primeiro suas credenciais à assembleia provincial e então preside.” (Leibnitz). Na maneira precitada “a razão mesma prepara o caminho para uma revelação acima da razão e pede uma confiança implícita em tal revelação quando uma vez dada.” (Strong).

Acima da razão não é contra a razão. É o racionalismo mais cru possível que rejeita tudo que não pode aprofundar ou demonstrar racionalmente. “O povo mais irracional do mundo é aquele que depende unicamente da razão, no sentido mais limitado.” (Strong). O mero raciocínio ou o exercício da faculdade lógica não é tudo na razão. A razão, em sentido amplo, compreende toda força mental para reconhecer a verdade. A razão só pode rejeitar justamente aquilo que contradiz fatos conhecidos. E então, para estar segura, a razão deve estar “condicionada em sua atividade por um santo afeto e iluminada pelo Espírito Santo” (Strong). À semelhante razão, a Escritura não apresenta nada contraditório, conquanto ela faça conhecido muito além do poder desamparado do homem para descobrir ou compreender completamente.

## I - O SENTIDO DA INSPIRAÇÃO

Quando Paulo disse: “Toda a Escritura é divinamente inspirada” (II Timóteo 3:16), ele empregou a palavra grega “theopneustos” com a ideia de inspiração. A palavra grega compõe-se de “theos”, significando Deus, e “pneu”, significando respirar. A palavra composta é um adjetivo significando literalmente “respirado por Deus”. Desde que é o fôlego que produz a fala, esta palavra proveu um modo muito apto e impressivo de dizer que a Escritura é a palavra de Deus.

## II - O ELEMENTO HUMANO NA INSPIRAÇÃO

No entanto, foi somente em casos especiais que as palavras a serem escritas foram ditadas por via oral para os escritores da Bíblia. Na maioria dos casos as mentes dos escritores tornaram-se o laboratório em que Deus converteu o seu fôlego, por assim dizer, em linguagem humana. Isso não foi feito por um processo mecânico. A personalidade e o temperamento dos escritores não foram suspensos. Estes são manifestos nos escritos. Assim lemos em Gausson: “Ao sustentar que toda a Escritura é

de Deus, estamos longe de pensar que o homem não é nada... Nas Escrituras todas as palavras são do homem, como lá, também, todas as palavras são de Deus... Em certo sentido, a Epístola aos Romanos é ao todo uma carta de Paulo e, em um sentido ainda maior, a Epístola aos Romanos é totalmente uma carta de Deus.” (Theopneustia, um livro altamente aprovado por C. H. Spurgeon). E assim lemos também de Manly: “A origem divina e a autoridade da Palavra de Deus não são para ser afirmadas de modo a excluir ou dificultar a realidade da autoria humana, e as peculiaridades daí decorrentes. A Bíblia é a Palavra de Deus ao homem, na sua totalidade, mas, ao mesmo tempo, é verdadeira e completamente a composição de um homem. Nenhuma tentativa deve ser feita e vamos certamente nada fazer para anular ou ignorar o ‘elemento humano’ das Escrituras, que inequivocamente é bem aparente, ninguém deve desejar assim ampliar o divino ao ponto de eliminá-lo, em parte ou sua totalidade. Este é um dos erros que os homens honestos têm cometido.<sup>1</sup> Deixai ambos serem admitidos, reconhecidos, aceitos com gratidão e regozijo, cada um contribuindo para tornar a Bíblia mais completamente adaptada às necessidades humanas como o instrumento da graça divina, e guia para fracos e almas humanas errantes. A palavra não é do homem, quanto à sua origem, nem dependendo do homem, quanto à sua autoridade. É por e através do homem como seu meio; ainda não apenas simplesmente como o canal ao longo do qual ele é executado, como a água através de um tubo sem vida, mas através do homem como agente voluntário ativo e inteligente na sua comunicação. Ambos os lados da verdade são expressos na linguagem bíblica: “Homens santos de Deus falaram inspirados (carregados) pelo Espírito Santo.” (2 Pedro 1:21). Os homens falaram, o impulso e a direção são de Deus” (The Bible Doctrine of the Inspiration, A Doutrina Bíblica da Inspiração).

*“As Escrituras contêm um elemento humano, bem como um elemento divino, de modo que, enquanto eles constituem um corpo de verdade infalível, esta verdade é moldada em moldes humanos e adaptados à inteligência humana comum.”*  
(Strong).

---

1 A citação a seguir é muito para o ponto aqui: “Às vezes, pode ser francamente admitido zelo pela autoridade divina e inerrância das Escrituras pode ter levado a teorias insustentáveis e modos de expressão, que tenham obscurecido a verdade. Para dizer, por exemplo, que os escritores foram apenas instrumentos passivos nas mãos do Espírito, ou, na melhor das hipóteses, amanuenses escritos ao ditado, a adotar, em outras palavras, a teoria da mecânica é injustificada e maliciosa. Não faz parte da doutrina, e nunca foi geralmente realizada.” (Urquhart, New Biblical Guide, Novo Guia Bíblico, vol. 8, página 175).

### III - A INSPIRAÇÃO EXECUTADA MILAGROSAMENTE

O elemento humano na Bíblia não afeta a sua infalibilidade, assim como a natureza humana de Cristo não afetou Sua infalibilidade. A inspiração foi realizada milagrosamente assim como o nascimento virginal de Cristo foi realizado por milagre e assim como os homens são levados ao arrependimento e fé milagrosamente. Arrependimento e fé são atos voluntários do homem, mas porque são feitos nele pelo Espírito Santo. Deus realizou o milagre da inspiração providencialmente preparando os escritores de seu trabalho, revelando assim Sua verdade para eles e permitindo, orientando e supervisionando-os no registro de como nos dar através deles uma exata e completa transmissão de tudo o que Ele desejava revelar.

*“Apesar do Espírito Santo não ter selecionado as palavras para os escritores, é evidente que Ele o fez através dos escritores.” (Bancroft, Elemental Theology, Teologia Elementar).*

### IV - MÉTODOS NA INSPIRAÇÃO

O elemento miraculoso na inspiração, sem dúvida, não pode ser explicado. E não temos nenhum desejo que o homem possa explicá-lo. Mas até certo ponto, no mínimo, podemos discernir nas Escrituras, os métodos que Deus usou na inspiração. Um estudo dos métodos empregados deveria elevar nossa apreciação da inspiração.

#### 1) Inspiração por meio da revelação objetiva

Algumas vezes foi dada uma revelação direta e oral para ser escriturada, tal como foi o caso ao dar-se a Lei mosaica (Êxodo 20:1) e tal como foi o caso com outros escritores (Daniel 9:21-23; Apocalipse 17:7).

#### 2) Inspiração por meio de visão sobrenatural

Noutros casos, deu-se uma visão sobrenatural com ou sem uma interpretação dela, como foi o caso de João na Ilha de Patmos.

### 3) Inspiração por meio de Passividade

Noutras vezes, quando não se nos dá evidência de uma revelação externa de espécie alguma, os escritores foram tão conscienciosos e passivamente movidos pelo Espírito Santo que ficaram sabidamente ignorantes do impacto daquilo que escreveram, como foi o caso com os profetas quando escreveram de Cristo (1 Pedro 1:10).

### 4) Inspiração por meio de iluminação divina

Algumas vezes foi dada aos escritores tal iluminação divina como para capacitá-los a entenderem e aplicarem a verdade contida em prévias revelações, mas não feitas inteiramente claras por eles; como foi o caso dos escritores do Novo Testamento ao interpretarem e aplicarem a Escritura do Velho Testamento (Atos 1:16, 17, 20; 2:16-21; Romanos 4:1-3; 10:5-11).

### 5) Inspiração por meio da direção de Deus.

Em alguns casos, os escritores foram meramente de tal modo guiados e guardados para recordarem infalivelmente fatos históricos segundo Deus se agradou em fazê-lo, quer fossem esses fatos pessoalmente conhecidos deles, ou obtidos de outros, ou revelados sobrenaturalmente. Todos os livros históricos são exemplos oportunos aqui.

### 6) Inspiração por meio de revelação subjetiva.

Noutras vezes, foi a verdade revelada através dos escritores por tal vivificação e aprofundamento do seu próprio pensar como para habilitá-los a perceber e registrar infalivelmente a nova verdade, como parece ter sido o caso com Paulo em muitas das suas epístolas.

Somando tudo, podemos dizer que o processo de inspiração consistiu de tais meios e influências como aprovou a Deus empregar, segundo as circunstâncias, para poder dar-nos uma revelação divina, completa e infalível de toda a verdade religiosa de que precisamos durante esta vida. Ou podemos dizer com A. H. Strong:

*“Pela inspiração das Escrituras queremos significar aquela influência divina especial sobre as mentes dos escritores sagrados em virtude da qual suas produções, à parte de erros de transcrição, quando justamente interpretadas, constituem juntas uma regra de fé e prática infalível e suficiente.”*

## V - A EXTENSÃO DA INSPIRAÇÃO

Ver-se-á que a inspiração verbal está implicada no que já dissemos; mas, como também já foi dito, isto não destrói o elemento humano na Escritura. A Escritura é, toda ela, a Palavra de Deus; ainda assim, muitíssimo dela é também a palavra do homem. Os escritores diferem em temperamento, linguagem e estilo, diferenças que são claramente manifestas nos seus escritos, ainda que suas produções sejam tão verdadeiras e completamente a Palavra de Deus, assim como qualquer expressão oral de Jesus.

## VI - PROVAS DA INSPIRAÇÃO VERBAL

Como prova de fato que a Bíblia é inspirada em palavra e não meramente em pensamento, chamamos a atenção para as evidências seguintes:

### 1) A Escritura inspirada envolve necessariamente a inspiração verbal

É nos dito que a Escritura é inspirada. A Escritura consiste de palavras escritas. Assim, necessariamente, temos inspiração verbal.

### 2) Paulo afirmou que ele empregou palavras a ele ensinadas pelo Espírito Santo

Em 1 Coríntios 2:13, ao referir-se às coisas que ele conheceu pelo Espírito Santo, disse: “As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina.” É isto uma afirmação positiva da parte de Paulo que não foi deixado a si mesmo na seleção de palavras.<sup>2</sup>

2 Alguns acusam que em Atos 23:5 e 1 Coríntios 7:10,12, Paulo admite a não inspiração. Em Atos 23:5 Paulo diz a respeito do Sumo Sacerdote: “E Paulo disse: Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote”. “Isto pode ser explicado tanto como a linguagem de ironia indignada: ‘Eu não reconheceria tal homem como Sumo Sacerdote’; ou, mais naturalmente, como uma confissão atual de ignorância e falibilidade pessoais, o que não afeta a inspiração de qualquer dos ensinamentos ou escritos finais de Paulo.” (Strong). Inspiração não significa que os escritores da Bíblia foram sempre infalíveis no juízo ou impecáveis na vida, mas que, na sua capacidade de mestres oficiais e intérpretes de Deus, eram conservados do erro. Nas passagens da primeira epístola aos Coríntios, diz Paulo no caso de um mandamento: “Mando eu, todavia não eu, mas o Senhor”; ao passo que no caso de outros mandamentos diz ele: “O resto falo eu, não o Senhor”. Mas notai que no fim das últimas séries de exortações ele diz: “Cuido... que tenho o Espírito de Deus” (1 Coríntios 7:40). Aqui, portanto, Paulo distingue... não entre os seus mandamentos próprios e inspirados, mas entre aqueles que procediam de sua própria subjetividade (inspirada de Deus) e os que Cristo mesmo supriu por Sua palavra objetiva.” (Meyer, in Loco).



### **3) Pedro afirmou a inspiração verbal dos seus próprios escritos como dos outros apóstolos**

Em 2 Pedro 3:1,2,15,16 Pedro põe os seus próprios escritos e os de outros apóstolos em nível com as Escrituras do Velho Testamento. E desde que Pedro creu que as Escrituras do Velho Testamento eram verbalmente inspiradas (Atos 1:16), segue-se, portanto, que ele considerava os seus escritos e os de outros apóstolos como verbalmente inspirados.<sup>3</sup>

### **4) Citações no Novo Testamento tiradas do Velho provam a inspiração verbal dos escritores do Novo Testamento**

Os judeus tinham um respeito supersticioso pela própria letra da Escritura. Certamente, os judeus devotos, se deixados a si mesmos, seriam extremamente cuidadosos ao citar as Escrituras como está escrito. Mas nós encontramos no Novo Testamento 263 citações diretas do Antigo Testamento, e destes, segundo Horne, oitenta e oito são citações verbais da Septuaginta, sessenta e quatro são emprestadas a partir dele; trinta e sete têm o mesmo significado, mas palavras diferentes; dezesseis concordam mais de perto com o hebraico, e vinte diferem tanto do hebraico como da Septuaginta. Todos os escritores do Novo Testamento, exceto Lucas, eram judeus, mas eles não escrevem como os judeus. O que pode explicar isso se eles não estavam conscientes de sua sanção divina de cada palavra que escreveram? Alguns bons exemplos de citações do Antigo Testamento pelos escritores do Novo Testamento onde um novo significado é posto, são as citações se encontram em Romanos 4:6,7 que é uma citação de Salmos 32:1 e Romanos 10:6-8, que é uma citação de Deuteronômio 30:11-14.

### **5) Mateus afirma que o Senhor falou através dos profetas do Velho Testamento**

Veja a Versão Revisada de Mateus 1:22 e 2:15.

---

3 A questão pode ser levantada como a dissimulação de Pedro em Antioquia, onde temos uma “negação prática de suas convicções, separando-se e retirando-se dos cristãos gentios (Gálatas 2:11-13).” “Aqui não era o ensino público, mas a influência do exemplo particular. Mas nem neste caso, nem o referido acima (Atos 23:5), Deus permitiu o erro ser estabelecido. Por meio da atuação de Paulo, o Santo Espírito define o correto.” (Strong).

**6) Lucas afirmou que o Senhor falou pela boca dos santos profetas**

Veja Lucas 1:70.

**7) O escritor aos hebreus afirma o mesmo**

Veja Hebreus 1:1.

**8) Pedro afirmou que o Espírito Santo falou pela boca de Davi**

Veja Atos 1:16.

**9) O argumento de Paulo em Gálatas 3:16 implica inspiração verbal**

Neste lugar Paulo baseia um argumento no número singular da palavra “semente” na promessa de Deus a Abraão.

**10) Os escritores do Velho Testamento implicaram e ensinaram constantemente a autoridade divina de suas próprias palavras**

As passagens em prova disto são numerosas demais para precisarem de menção.

**11) A profecia cumprida é prova da inspiração verbal**

Um estudo da profecia cumprida convencerá qualquer pessoa esclarecida que os profetas foram necessariamente inspirados nas próprias palavras que enunciaram; do contrário, não poderiam ter predito algo do que eles souberam muito pouco.

**12) Jesus afirmou a inspiração verbal das escrituras**

Jesus disse: “A Escritura não pode ser anulada” (João 10:35). Ele quis dizer que o sentido da Escritura não pode ser afrouxada e nem sua verdade destruída. Sentido e verdade são dependentes de palavras para sua expressão. Sentido infalível é impossível sem palavras infalíveis.



## CAPÍTULO 4

# OBJEÇÕES À INSPIRAÇÃO VERBAL

As acusações que existem contra a inspiração verbal são muitas e variadas. Não vamos tentar observar todas, mas tomaremos apenas algumas das mais comuns, confiando que a nossa discussão seja razoável e facilmente eliminar todas as outras acusações.

Estas objeções concernem a:

### **I - CÓPIAS E TRADUÇÕES FALÍVEIS**

A primeira objeção que consideraremos pode ser apresentada assim: Qual o valor da inspiração verbal dos manuscritos originais da Escritura, uma vez que não temos tais manuscritos e desde que a grande maioria do povo dependa de traduções das línguas originais, traduções que não podem ser tidas como infalíveis?

### OBJEÇÃO RESPONDIDA

1) Esta objeção é correta em sustentar que as traduções das línguas originais da Escritura não podem ser tidas como infalíveis. Em nenhum lugar Deus indica que os tradutores foram poupados do erro. Inspiração verbal implica na inspiração dos manuscritos originais da Escritura<sup>1</sup>

2) Esta objeção é também correta em afirmar que não temos um só dos manuscritos originais de qualquer parte da Escritura.

3) Entretanto, esta objeção não prevalece contra o fato da inspiração verbal: ela só questiona o valor dela.

4) E a objeção está errada ao supor que uma cópia admitidamente imperfeita de um original infalível não é melhor do que a mesma espécie de cópia de um original falível. É realmente melhor ter uma cópia imperfeita de um original infalível do que ter uma cópia perfeita de um original falível.

5) A objeção está errada outra vez ao implicar que não temos uma cópia do original substancialmente exata. Por meio de uma comparação das muitas cópias antigas dos originais da Escritura, a crítica textual progrediu a tal ponto que nenhuma dúvida existe quanto a qualquer doutrina importante da Bíblia. Uma vez que Deus não nos conservou os manuscritos originais (e Ele deve ter tido boas razões para não fazer assim), Ele nos deu tal abundância de cópias antigas, que podemos, com notável exatidão, chegar à leitura dos originais.

6) O estudo do hebraico e do grego progrediu a tal ponto, e este conhecimento se tornou proveitoso mesmo ao povo comum, de tal modo, que todos podem ficar seguros do significado da língua original em quase todos os casos.

## II - SALMOS IMPRECATORIOS

Outra objeção se traz contra o que é conhecido por “salmos imprecatórios”.

---

1 Ninguém deve ser perturbado pelo fato de que as traduções não são infalíveis. Nossas duas grandes traduções do Inglês (King James, ou “Versão Autorizada” e da Versão Padronizada Americana de 1901) são boas traduções de base. Tais erros, como elas contêm, não deixam qualquer doutrina da Bíblia em dúvida. Falando em traduções em inglês, o autor pretende deixar claro que ele não recomenda a revisão mais recente da Bíblia sob o patrocínio do Conselho Internacional do Ensino Religioso conhecida como Versão Revisada Padrão. Este é manifestamente o trabalho dos modernistas que fizeram tudo o que se atreveram a fazer (e modernistas são muito ousados) para obscurecer a divindade de Jesus Cristo. Esta tradução não é nem boa nem erudita, mas sim uma peça de propaganda modernista.

Diz-se que o salmista “indignado grita contra seus opressores”, e que encontramos-lo usando uma linguagem, “que seria imprópria para os lábios de nosso Senhor”, no qual nos é dito que pode ser detectado “vestígios de preconceito e das paixões humanas”. Tais objeções são as levantadas por J. Patterson Smith, em “Como Deus Inspirou a Bíblia”.

O oponente está errado aqui no pressuposto de que os salmos imprecatórios expressam sentimentos pessoais de Davi contra os seus inimigos, apenas por causa do que tinham feito para ele. Davi foi o doce cantor de Israel, e não foi dado a manifestações de rancor e vingança pessoal. Observe sua postura de príncipe para com o rei Saul, mesmo quando Saul solicitou a sua vida sem uma boa razão.

### CASOS ESPECÍFICOS CITADOS PELO OBJETOR

**“Ó Deus, quebra-lhes os dentes nas suas bocas” (Salmos 58:6).**

Um estudo deste salmo revela que as palavras citadas acima não se referem aos inimigos pessoais de Davi, mas aos injustos em geral. Davi estava aqui só articulando a indignação d’Aquele que “odeia todos os que praticam a maldade” (Salmos 5:5). E notei que aqui nada se diz de Davi sobre este juízo ter sido infligido imediatamente. Aqui só temos a permissão inspirada de Davi do julgamento final de Deus sobre os ímpios. Isto é evidente através da comparação do Salmo 58:9-11 com Apocalipse 19:1-6. Nestas passagens temos a profecia e o seu cumprimento.

**“Sejam vagabundos e pedintes os seus filhos, e busquem pão fora dos seus lugares desolados.” (Salmos 109:10).**

Atos 1:16 mostra que isto não foi falado dos inimigos pessoais de Davi, mas foi uma expressão profética a respeito de Judas. E Pedro diz que o Espírito Santo falou isso pela boca de Davi. Esta maldição sobre os filhos de Judas é segundo a própria revelação de Deus, de Si mesmo, como o que visita “a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que O aborrecem” (Êxodo 20:5).

**“Ah! filha de Babilônia, que vais ser assolada; feliz aquele que te retribuir o pago que tu nos pagaste a nós. Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras.” (Salmos 137:8, 9).**

Notai que tais palavras não são uma oração, nem uma impreciação, mas total-

mente uma profecia. Este juízo foi atribuído à Babilônia por causa do modo pelo qual ela tratara Israel. E depois evocai as palavras de Deus faladas através de Balaão: “E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem” (Números 24:9), nas quais temos um eco daquilo que Deus assegurou a Abraão (Gênesis 12:3).

As palavras de Davi, como aquelas de Isaías (Isaías 13) sobre a Babilônia, tem um duplo sentido: referem-se imediatamente à destruição da Babilônia pelos medos (Isaías 13:7), mas remotamente à punição divina dos ímpios na vinda de Cristo à terra (Isaías 13:9-11; 34:1-17; Zacarias 14:1-7; Apocalipse 19:11-21).

Como agente de Deus, Davi revelou a indignação de Deus contra os ímpios, mas, até onde seus próprios sentimentos pessoais diziam respeito, ele tinha somente misericórdia e benevolência para com os seus inimigos pessoais. Recusou molestar o Rei Saul quando ele teve a oportunidade e justificação humana, e após Saul morrer, inquiriu: “Ficou algum da casa de Saul a quem eu possa mostrar bondade?” (2 Samuel 9:1, 2, 11).

Estes exemplos são suficientes para mostrarem quão inócuas são as objeções dos críticos a respeito dos salmos imprecatórios.

### III - A IMPRECAÇÃO DE NOÉ E O LOUVOR DE DÉBORA

Objeções semelhantes costumam ser trazidas contra a Bíblia por causa da impreciação de Noé sobre Canaã (Gênesis 9:25) e por causa de Débora louvar Jael por assassinar Sísera por traição (Juízes 5:24-31).

A resposta aqui é simples e breve. A Bíblia não justifica nem a Noé nem a Débora pelas expressões mencionadas, mas meramente recorda o fato que as expressões foram feitas. Verdade é que Noé expressou uma predição verdadeira das nações descendentes do seu filho, mas, se Deus o moveu a expressar a maldição sobre Canaã ou meramente lhe permitiu expressar a verdade numa explosão de raiva, não está declarado.

A Bíblia, de modo algum, sanciona cada palavra e ato nela recordados. Ela recorda as palavras e ações de homens maus, tais como o Rei Saul e Acabe e muitas vezes não dá o seu veredito sobre eles. Deus revelou Sua Lei pela qual todas as ações serão julgadas; portanto, foi desnecessário que Ele atravancasse a Bíblia como a apreciação de toda a palavra ou ação arquivada. Inspiração verbal quer dizer, simples-

mente, que os escolhidos para escreverem a Bíblia foram guardados do erro no que escreveram. Se os seus escritores representam uma convicção sincera de si mesmo, é verdade; mas se escrevem o relato de alguma outra pessoa, este pode ser verdadeiro ou falso conforme a sua harmonia com a Bíblia como um todo.

#### IV - CAPÍTULOS CHAMADOS “OBSCENOS”

É nos dito que certos capítulos da Bíblia “exalam a obscenidade do princípio ao fim”.

Em resposta a esta objeção, diz R. A. Torrey que “há capítulos na Bíblia que não podem ser prudentemente tratados numa audiência mista, não desejamos negar; mas os referidos capítulos não são obscenos. Falar do pecado nos termos mais claros, mesmo do pecado mais vil, para expor sua asquerosidade e para retratar o homem como ele realmente é, não é obscenidade: é pureza em uma de suas formas mais elevadas. Se uma história é ou não obscena, depende inteiramente de como é dita e para que fim é dita. Se uma história é contada para fazer uma brincadeira com o pecado, ou para o suavizar e desculpar (ou para gratificar a luxúria), é obscena. Se uma história é contada para fazer os homens odiarem o pecado, para mostrar aos homens a hediondez do pecado, para induzir os homens a darem ao pecado tão vasto desprezo quanto possível e mostrar ao homem sua carência de redenção, não é obscena: é moralmente salutar.” (*Difficulties and Alleged Contradictions and Errors in the Bible*, *Dificuldades e Alegações Contraditórias e Erros na Bíblia*).

Se esses capítulos fossem obscenos, eles seriam a leitura favorita nos antros do vício. Mas será que alguém já ouviu falar de pessoas perversas lerem a Bíblia por desejo de gratificar a concupiscência? Estes não recebem prazer de ler a Bíblia, mas eles se deleitam em ouvir os comentários obscenos dos críticos. É a crítica que é obscena e não a Bíblia. O coronel Ingersoll opôs-se à Bíblia por revelar ações vis, “sem um toque de humor”, como se fora justo a Bíblia fazer uma caçoada do pecado e da imoralidade.

#### V - VARIAÇÕES NUMÉRICAS

Uma objeção é trazida contra a inspiração verbal por causa de variações numéricas.

A respeito do número dos judeus, achamos que a soma dada em 1 Crônicas 21:5 de Israel é 1.100.000 e para Judá, 470.000, fazendo um total de 1.570.000; ao passo que o número dado em 2 Samuel 24:9 de Israel é 800.000 e de Judá é 500.000, fazendo um total de 1.300.000. Esta discrepância é facilmente explicada por notar-se que o número dado em Crônicas para Israel foi de homens “dos que arrancavam espada”, pelo que se entende que havia este número de homens sujeitos ao serviço militar, enquanto que Samuel nos diz que em Israel havia tantos “valentes que arrancavam a espada”, pelo que se quer dizer que havia esse número de homens que se distinguiram por bravura em combate atual. A diferença a respeito de Judá foi ocasionada pelo fato de Samuel ter dado o número total de homens em Judá, ao passo que Crônicas dá o número de homens sujeitos ao serviço militar.

Em outros lugares, tais como 1 Reis 7:26; 2 Crônicas 4:5; 2 Samuel 8:4 e 1 Crônicas 18:4, as diferenças numéricas são provavelmente devido a erros de transcrição. Os números se indicam por letras no hebraico e uma pequena alteração de uma letra muda grandemente seu valor numérico.

Não deverá parecer-nos estranho que as atuais cópias da Bíblia contenham alguns erros menores. Não deverá surpreender-nos qualquer coisa mais que a descoberta de alguns erros de revisão em nossas Bíblias. Não temos mais razão para crermos em copistas infalíveis do que temos para crermos em impressores infalíveis. Verificando a laboriosa tarefa de se copiarem as Escrituras à mão, é maravilhoso que não haja mais erros menores.

Noutro lugar uma diferença numérica (Números 25:9) é para ser explicada como o uso perfeitamente legítimo de números redondos dos exatos.

## VI - O ALEGADO ENGANO DE MATEUS

Alega-se que Mateus atribuiu a Jeremias uma profecia que deveria ter sido creditada a Zacarias.

Este suposto engano de Mateus acha-se em Mateus 27:9,10. Aqui Mateus parece citar Zacarias 11:13, mas isto não é absolutamente certo, parecendo uma comparação das duas passagens. Mateus não faz uma citação verbal de Zacarias, portanto



não se pode manter com certeza que ele tencionou citar Zacarias. E, enquanto não temos nos escritos disponíveis de Jeremias qualquer passagem que realmente se pareça com a citação de Mateus, estamos longe da necessidade de admitir que Mateus tenha cometido um engano. Não sabemos se temos todas as expressões proféticas de Jeremias. Em Judas 14 temos mencionada uma profecia de Enoque que não encontramos em nenhum outro lugar da Bíblia. Não ouvimos nenhuma objeção ser trazida contra esta passagem. Mas supondo que algum outro escritor na Escritura tivesse dito algo semelhante às palavras atribuídas a Enoque, então o crítico teria dito que Judas se enganou.

Mais ainda, pode ser que os capítulos 9 até 11 do livro atribuído a Zacarias tenham sido escritos por Jeremias. Muitos críticos creem que só os primeiros nove capítulos de Zacarias compõem os escritos deste profeta. Mateus estava em posição muito melhor do que quaisquer dos seus críticos para saber quem ele estava citando. Supor que ele descuidadamente escreveu Jeremias quando pensou Zacarias, deixando-o sem subsequente correção, é supor um absurdo. E não há sinais de que um copista tenha feito o erro.

## VII - SUPOSTO ENGANO DE ESTEVÃO

Nossa objeção seguinte a se considerar é uma alegada contradição entre Gênesis 23:17,18 e as palavras de Estevão em Atos 7:16.

Mesmo que uma contradição pudesse ser feita aqui, nada provaria contra a inspiração, pois Estevão não foi um dos escritores inspirados., uma vez que Lucas meramente recorda o que Estevão disse.

Entretanto, aqui não temos uma contradição. As duas passagens não se referem à mesma coisa. O sepulcro mencionado no Gênesis estava em Hebrom; o mencionado por Estevão estava em Siquém. Isto torna claro que Abraão comprou dois sepulcros. No caso do comprado em Hebron, ele comprou o campo rodeando o sepulcro; mas, no caso de Siquém, nenhuma menção se faz à compra do campo em redor.

Este último fato explica uma outra alegada contradição. Acusa-se que Gênesis 33:19 refira-se que Jacó comprou o sepulcro em Siquém. Mas tal coisa não está afirmada em Gênesis 33:19 que nos diz simplesmente que Jacó comprou o campo na vizinhança de Siquém; e, desde que os ossos de José foram enterrados neste campo,

foi neste campo, com toda probabilidade, que se citou o segundo sepulcro de Abraão. Isto também parece vir do fato do segundo sepulcro de Abraão e do campo comprado por Jacó pertencerem primeiro aos mesmos donos. Assim, neste último caso temos simplesmente Abraão comprando um sepulcro enquanto que, mais tarde, Jacó compra o campo em que se situou o sepulcro.

## VIII - A GENEALOGIA DE CRISTO

As duas genealogias de Cristo são tidas como contraditórias. Para estas genealogias vide Mateus 1 e Lucas 3.

A explicação aqui é que Mateus dá a genealogia de Jesus por meio de José, porque estava apresentando Jesus como rei dos judeus. Portanto, ele desejou mostrar o seu direito legal ao trono, o qual exigia que Jesus descendesse de Davi através do Seu (suposto) pai.

Lucas dá a descendência de Jesus por meio de Maria, porque estava interessado em apresentar Cristo somente como o Filho do Homem. Logo, é natural que ele desse a presente descendência humana de Cristo, mais do que Sua descendência suposta e legal; mas, invés de inserir o nome de Maria, Lucas inseriu o nome de José, porque não era costume aparecer os nomes de mulheres nas tábuas genealógicas. José é dito ser o filho de Eli, mas, num sentido vago, isto pode significar nada mais senão que José era genro de Eli. Os Targuns nos dizem que Eli era o pai de Maria.

Uma outra dificuldade quanto ao pai de Salatiel, Mateus dando Jeconias e Lucas dando Neri, explica-se pelo fato de que Lucas dá a linhagem completa, enquanto que Mateus deu somente a linhagem real começando com Davi.

Jeconias é o mesmo que Joaquim, um dos últimos reis de Judá.

## IX - A INSCRIÇÃO SOBRE A CRUZ

As quatro narrativas da inscrição sobre a cruz têm sido sujeitas a críticas. Mas notemos:

1) Não temos indicações que cada um dos escritores pensou estar dando tudo quanto estava na inscrição.

2) Nem um dos escritores realmente contradiz-se com os demais. Podemos ver melhor este fato por arranjar as narrativas da inscrição como segue:

Mateus 27:37 - “ESTE É JESUS ... O REI DOS JUDEUS”.

Marcos 15:26 - “... O REI DOS JUDEUS”.

Lucas 23:38 - “ESTE É ... O REI DOS JUDEUS”.

João 19:19 - “... JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS”.

Total: “ESTE É JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS”.

3) Assim como se requer dos quatro evangelistas que nos deem um retrato completo de Jesus, assim deles se requer que nos deem uma relação completa da inscrição sobre a cruz.

Os diferentes aspectos de Jesus e Seu ministério, conforme estão estabelecidos nos Evangelhos, indicam-se no seguinte verso: “Mateus, Messias, o Rei de Israel estabelece-se, morto por Israel; Mas Deus decretou que a perda de Israel fosse o ganho dos gentios. Marcos conta-nos de como em paciente amor esta terra foi uma vez pisada, por um que em forma de servo era contudo o Filho de Deus. Lucas, o médico, conta de um médico ainda mais hábil, O qual deu Sua vida como Filho do Homem, para curar-nos de todo mal. João, o amado de Jesus, vê nEle o Filho do Pai; o Verbo eterno feito carne, contudo Um com o Pai.”

Pode ser que a inscrição diferia nas três línguas, e que isto justifica, em parte, as diferenças das narrativas.

## X - NARRATIVAS DA RESSURREIÇÃO

Objeta-se por causa de supostas contradições nas diferentes narrativas da ressurreição.

Mateus menciona somente o aparecimento de um anjo às mulheres no sepulcro (28:2-8), ao passo que Marcos diz que foi um jovem (16:5-7) e Lucas diz que havia dois homens (24:4-8).

Não há contradição aqui. O jovem mencionado por Marcos é evidentemente o anjo mencionado por Mateus. Anjo quer dizer “mensageiro”. O mensageiro de Deus às mulheres foi uma aparição sobrenatural na forma de um moço. Um anjo é um espírito e não tem corpo material de si próprio, mas pode assumir um corpo

temporariamente.

**Marcos diz que a mensagem do anjo foi entregue às mulheres depois que elas entraram no túmulo. Mateus não faz menção da entrada no sepulcro.**

Aqui não há contradição uma vez que Mateus não diz que as mulheres não entraram no túmulo antes que o anjo desse a mensagem.

**Lucas menciona os dois homens em pé, enquanto Marcos menciona o jovem sentado.**

Isto se explica facilmente por supor-se que o que falou (e, sem dúvida, o outro também) estava sentado quando primeiro foi visto, e que se levantou, como seria natural, antes de dirigir-se às mulheres. Lucas não diz que os dois homens não estavam sentados quando as mulheres entraram no túmulo e Marcos não diz que o jovem não se ergueu antes de falar.

**Lucas diz, ao relatar a mensagem às mulheres: “Eles lhes disseram”, ao passo que Marcos diz: “Ele lhes disse”.**

Um desses homens provavelmente fez a fala. Não teria sido provavelmente a recitar a mensagem em uníssono, como crianças em idade escolar podem fazer. Mas o outro concordou com a mensagem. Portanto, a declaração de cada escritor é válida. Quando uma pessoa fala e outra concorda no que é dito, é perfeitamente apropriado dizer que os dois disseram o que é dito.

**A mensagem dos anjos não está relatada por todos os escritores com as mesmas palavras.**

Mas isto não apresenta dificuldade real, porque nenhum deles indica que está dando a mensagem verbalmente.

(João 20:11-13 não está considerado aqui em conexão com o citado anteriormente porque recorda uma ocorrência mais tarde).

## **XI - CHACINA DE NAÇÕES PAGÃS**

A ordem concernente à chacina das nações pagãs na terra de Canaã tem dado

lugar a uma objeção. Vide Deuteronômio 20:16,17.

**Deus afirma que punirá os ímpios no inferno por toda a eternidade**

Se Deus tem o direito de fazer isto (e quem o negará?), não terá Ele o direito de ordenar tirar-lhes a vida física quando Lhe apraz fazer? Por que, então, duvidar que Deus inspirou esta ordem?

**Foi um golpe de misericórdia cortar esses povos prematuramente em sua iniquidade, uma vez que mais dias só lhes trariam maior castigo no inferno**

Nenhum dos adultos que foram trucidados em sua impiedade foi do número dos eleitos; porque todos os eleitos que alcançam a responsabilidade veem a Cristo antes da morte; logo, é verdade que a continuação da vida só poderia envolver esses povos em maior castigo.

**Quanto às crianças entre essas nações, se Deus aprovou levá-las para o céu na sua infância, quem objetaria?**

Deus sabe melhor e faz todas as coisas bem. A salvação dos natimortos e crianças mortas está tratada no capítulo sobre Responsabilidade Humana.

## **XII - O DIA LONGO DE JOSUÉ**

Traz-se objeção porque a Bíblia recorda que certo dia se prolongou pela parada do sol à ordem de Josué (Josué 10:12-14).

**Faz-se objeção à linguagem de Josué.**

Diz-se que a linguagem de comando de Josué e do relato bíblico da ocorrência implica que o Sol se move em sua relação com a terra. Mas isso não é mais verdade nessa língua tanto quanto na nossa língua quando falamos do sol nascendo e se pondo. Em ambos os casos, temos a linguagem da aparência, que é comum tanto na Bíblia como em nossa linguagem cotidiana.

**Faz-se objeção à autenticidade da ocorrência.**

Uma objeção é feita quanto à autenticidade da ocorrência. Diz-se que uma

coisa como o prolongamento do dia não poderia ocorrer sem resultados desastrosos. Mas, por mais absurdo que possa parecer aos nossos sábios críticos, os registros deste dia têm sido encontrados no Egito, China e México. Além disso, o fato de um dia extra ter sido adicionado à cronologia astronômica é testemunhada por três eminentes cientistas, mais especificamente, W. Maunder, anteriormente do Observatório Real de Greenwich, e Professores Totten e Pickering, ex integrante do Observatório de Harvard. O autor admite que a desaceleração da rotação da terra seria acompanhada com resultados terríveis, a menos que as leis da natureza tenham sido suspensas ou algumas causas naturais, que não podemos imaginar, foram colocadas em jogo. Mas desde que nós acreditamos em um Deus que opera milagres, não temos dificuldade em acreditar que Deus poderia contornar as consequências naturais calculadas em qualquer uma das formas sugeridas.

### XIII - JONAS E A “BALEIA”

Diz-se que a baleia não poderia ter engolido Jonas. Notaremos primeiro que, quando corretamente traduzida, a Bíblia não diz que foi uma baleia que engoliu Jonas. A palavra grega para baleia em Mateus 12:40 significa simplesmente um “monstro marinho”. Por outro lado, notaremos que a ideia de uma baleia não poder engolir um homem é outra pretensão ignorante.

No “Cruise of the Cachalot”, Frank Bullen caracteriza a ideia que a garganta de uma baleia é incapaz de admitir qualquer objeto grande como “um pedaço grosseiro de ignorância”. Ele relata como “um tubarão com quinze pés de comprimento foi achado no estômago de uma baleia” e ele descreve este monstro como “nadando com a mandíbula pendurada na sua posição normal, e sua enorme goela escancarada como uma caverna submarina”. Nisto Jonas poderia ter escorregado tão facilmente que a baleia teria ficado escassamente cônica de sua entrada. Outro testemunho notável do Sr. Bullen é “que quando morrendo, a baleia sempre expulsa os conteúdos do seu estômago” e diz que, quando apanhada e morta, uma baleia de tamanho completo despeja do estômago alimento “em massas de enorme tamanho... sendo algumas delas ter sido calculado o porte de nossa chocadeira, isto é, oito pés por seis por seis!”

Ainda assim, dizem os críticos que a Bíblia está errada! A despeito da asserção confiada dos críticos quererem ser sábios, que um homem não poderia sobreviver

à ação do suco gástrico no estômago de um peixe, há casos arquivados de homens terem sido engolidos por tubarões e saírem vivos. Contudo, é desnecessária uma explicação que o Doador da Vida poderia ter conservado Jonas vivo miraculosamente.

#### **XIV - SACRIFÍCIOS DE ANIMAIS**

Na base de Isaías 1:11-13; Jeremias 7:22; Amós 5:21-24; Miquéias 6:6-8 têm-se afirmado que os profetas denunciaram todos os sacrifícios animais e não os reconheceram como sendo de instituição divina. Semelhante noção representa, sem dúvida, os profetas como estando em conflito com o Pentateuco. Para vermos que o Pentateuco representa Deus ordenando sacrifícios animais, temos somente de examinar capítulos tais como Êxodo 12; Levítico 4:8,12 e 16.

Em resposta à afirmação que os profetas denunciaram todos os sacrifícios animais e não os reconheceram como sendo de origem divina, notemos:

**Jeremias fala noutra lugar de sacrifícios como estando entre “às bênçãos coroantes de um dia mais feliz”.**

Veja Jeremias 33:18. Isto é para se cumprir num dia quando Deus diz que Israel será para Ele “um nome de júbilo, de louvor e glória, perante todas as nações da terra” (Jeremias 33:9). Então Israel não será mais uma nação rebelde, andando em obstinada desobediência. Farão então as coisas que agradam ao Senhor e uma das coisas que farão, segundo Jeremias 33:18, é oferecer, por meio dos seus sacerdotes, ofertas queimadas e sacrifícios continuamente. Jeremias fala disto com a máxima aprovação.

**Amós condenou os sacrifícios de Israel só porque juntamente com os seus sacrifícios a Deus tinham levado o tabernáculo de Moloque.**

Veja Amós 5:25,26. Com o culto idólatra, tinham negligenciado o juízo e a justiça. Por estas razões Deus odiou os seus dias de festa. Veja Ezequiel 20:39. Eram fingimentos hipócritas de respeito a Jeová. Pelas mesmas razões Deus desgostou-se dos seus cânticos. Concluiremos que Deus rejeitou todo cântico?

**O significado de Jeremias 7:22 é que Deus não falou a Israel primariamente sobre sacrifícios no dia em que o tirou do Egito e que não ordenou sacrifícios**

como um fim em si.

“Remove-se a dificuldade quando o ponto preciso do texto é reconhecido. A palavra ‘acerca’ deverá ser vertida ‘com vista à matéria de sacrifícios’. Isto é, eles não são o fim contemplado: eram só meios de alcançarem um fim mais elevado; portanto, estavam enganados e errados todos quantos limitaram suas vistas ao sacrifício formal,” (Robert Tuck, *A Handbook of Biblical Difficulties*, Um Manual de Dificuldades Bíblicas).

**A linguagem dos outros profetas não é mais forte do que a linguagem usada noutros lugares da Escritura, a qual não pode ser manifestamente tomada de forma absoluta.**

Em Êxodo 16:8 Moisés declarou a Israel: “As vossas murmurações não são contra nós, mas sim contra o SENHOR”, enquanto que, no verso 2, se diz que os filhos de Israel “murmuraram contra Moisés e Arão”. E no Salmo 51:4 Davi disse em sua oração a Deus: “Contra ti, contra ti somente pequei, e fiz o que é mal à tua vista”, quando é certo que ele pecara contra Urias. Daí lemos: “É um modo usual de falar da Escritura, para expressar a preferência que se deve a uma coisa sobre outra, em termos que expressam a rejeição daquilo que é menos digno” (Lowth). E outra vez: “Henderson nota sugestivamente que não é infrequente na Escritura afirmar-se uma coisa absolutamente que é verdadeira só relativamente. Absolutamente Deus ordenou sacrifícios, mas não tais como eles ofereceram, nem de obrigações finais.” (Tuck, *ibid.*). Mais: “A negativa no hebraico muitas vezes supre a falta do comparativo, não excluindo a coisa negada, mas só implicando a pretensão primaz da coisa posta em oposição a ela.” (Comments by Jamieson, Fausset, and Brown, *Comentários por Jamieson, Fausset, e Brown*).

Correspondendo ao citado acima, achamos em Oséias 6:6 tanto a cláusula negativa quanto a comparativa colocadas juntas como para indicar que ambas expressam a mesma verdade. E a última cláusula, “o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos”, fornece a chave para interpretar-se todas as denúncias dos sacrifícios de Israel.



Em 2 Crônicas 18:22 Mica é representado como declarando a Acabe: “O Senhor pôs um espírito mentiroso na boca destes teus profetas”. Isto faz-nos perguntar se Deus fez este espírito mentiroso estar na boca dos profetas de Acabe. A resposta é que Ele não fez. O recordado aqui, juntamente com uma porção de outras passagens, dá uma forte expressão que teve lugar segundo a providência ou propósito permissivo de Deus. Veja a discussão da vontade permissiva de Deus no capítulo sobre “A Vontade de Deus”. Veja também Isaías 45:7, onde se diz que Deus criou o mal. Isto é para ser explicado da mesma maneira como a passagem precedente.

Esta explicação é reforçada por uma comparação de 2 Samuel 24:1 com 1 Crônicas 21:1. Na primeira passagem se diz que Deus moveu Davi a numerar Israel e na última se diz que Satanás “provocou Davi a numerar Israel”. Deus moveu Davi permissivamente. Todas estas passagens tomadas em conjunto são mutuamente explanatórias.

## XVI - CITAÇÕES DO NOVO TESTAMENTO TIRADAS DO VELHO

Levanta-se uma objeção por causa de diferenças verbais entre algumas passagens do Velho Testamento e a citação delas no Novo.

Mas, como já notamos, em vez disto ser contra a inspiração verbal, é um argumento a favor dela. Se Deus pôs mais sentido nas passagens do Velho Testamento do que a linguagem podia comunicar aos homens, não foi privilégio todo Seu trazer este sentido ao Novo Testamento? Deus tem direito de interpretar Suas próprias palavras. Na verdade, estas citações mostram a profundidade e amplitude da Escritura e assim testemunham de sua inspiração.





# A NATUREZA E ATRIBUTOS DE DEUS

Estamos preparados agora para descobrir pelas Escrituras o modo do ser de Deus.

## **I - A NATUREZA DE DEUS**

Duas expressões bastarão para indicar a natureza de Deus.

### **1. DEUS É ESPÍRITO**

Temos estas palavras exatas da boca de Jesus em João 4:24. Esta afirmação significa que Deus é puro, inteiro e unicamente um espírito. Um espírito pode habitar um corpo, mas um espírito puro não tem ou não habita constantemente um corpo; pois Jesus disse outra vez, após a ressurreição: “Um espírito não tem carne

e ossos como vós vedes que eu tenho” (Lucas 24:39). Consequentemente, nunca se diz do homem ser um espírito enquanto habita o corpo. Diz-se que ele possui um espírito, mas, quando sua natureza mista é descrita, diz-se ser ele uma “alma vivente” (Gênesis 2:7; 1 Coríntios 15:45) antes de um espírito.

Também sabemos que Deus é um espírito puro, não possuindo ou habitando um corpo, por causa da Sua invisibilidade (Colossenses 1:15; 1 Timóteo 1:17; Hebreus 11:27) e por causa de Sua onipresença.

Isto nos traz considerarmos aquelas passagens da Escritura que atribuem a Deus membros corporais tais como olhos e ouvidos, mãos e pés. Em vista do que já foi dito, claro é que estas passagens estão em sentido figurado e simbólico. Semelhantes representações são conhecidas teologicamente como antropomorfismos.

Robert Young, autor de *Analytical Concordance to the Bible* (Concordância Analítica da Bíblia, *Analytical Concordance to the Bible*), diz: “Sentimentos, ações e membros humanos se atribuem a Deus, não que eles estejam realmente nEle, mas porque tais efeitos procedem dEle como aqueles que fluem de tais coisas nos homens.”

Do outro lado, há outras passagens que são explicadas por A. H. Strong, como segue: “Quando de Deus se diz como aparecendo aos patriarcas e andando com eles, as passagens são para serem explicadas como se referindo a manifestações temporárias dEle mesmo em forma humana, manifestações que prefiguram a habitação final do Filho de Deus em carne humana.” (*Systematic Theology, Teologia Sistemática*, pág. 120).

A personalidade de Deus está envolvida em Sua espiritualidade e, portanto, não é tratada como uma característica separada.

## 2. DEUS É UM

Por esta afirmação que Deus é um, pensamos afirmar Sua unidade em toda a plenitude desse termo. Queremos dizer que há um só Deus e também queremos dizer que a Sua essência é homogênea, não dividida e indivisível.

Que há um só Deus, está ensinado em Deuteronômio 6:4; Isaías 44:6; João 17:3; I Coríntios 8:4; I Timóteo 1:17; 2:5. E é irracional, ainda mais, assumir a existência de uma pluralidade de deuses, quando um só explica todos os fatos. Também há passagens que representam Deus como infinito e perfeito (veja Salmos 145:3; Jó

11:7-9; Mateus 5:47-48) e provas indiretas de Sua unidade; porquanto infinidade e perfeição absolutas são possíveis a um só. Dois seres semelhantes não poderiam coexistir, pois um limitaria o outro.

Que a essência de Deus é homogênea, não dividida e indivisível, é uma inferência necessária do fato que Deus é um espírito puro. Tudo quanto sabemos do espírito nos compele a crer que sua essência é simples e não composta.

J. P. Boyce dá as três seguintes razões para afirmar-se a unidade de Deus no sentido em que estamos discutindo agora:

“1. Porque a composição (ou pôr junto) envolve a possibilidade de separação, o que envolveria a destrutibilidade e mutabilidade, cada qual inconsistente com a perfeição absoluta e a existência necessária.”

“2. A composição envolve um tempo de existência separada das partes componentes”. Isto necessitaria de um tempo em que as partes existiram separadamente e, portanto, de um tempo em que Deus não existiu, ou quando Ele existiu imperfeitamente, não tendo ainda recebido para Sua natureza essencial as adições feitas subsequentemente, o que é inconsistente com a perfeição absoluta e a essência necessária.

“3. Se as partes foram compostas, foram feitas por alguma força exterior, ou teria havido um crescimento em Sua natureza. E ambas ideias são inconsistentes com a perfeição absoluta e a existência necessária.”

Todavia, a unidade de Deus não impede Sua trindade e Sua trindade não está de modo algum em discrepância com a Sua unidade. A trindade, como veremos mais claramente adiante, consiste de três distinções eternas no mesmo ser e na mesma pura essência, distinções que nos são apresentadas sob a figura de pessoas.

## II - OS ATRIBUTOS DE DEUS

Diz J. M. Pendleton, “O termo ‘atributo’ em sua aplicação a pessoas ou coisas, significa algo pertencente a pessoas ou coisas. Os atributos de uma coisa são tão essenciais a ela que, sem eles, ela não poderia ser o que é; o que é igualmente verdade dos atributos de uma pessoa. Se um homem fosse despidido dos atributos que lhe pertencem, ele cessaria de ser um homem, pois esses atributos são inerentes àquilo que o constitui um ser humano. Se transferirmos estas ideias a Deus, acharemos que os Seus atributos lhe pertencem inalienavelmente e, portanto, o que Ele é deve ter sido

sempre. Os seus atributos são Suas perfeições, inseparáveis de Sua natureza e constituindo o Seu caráter.” (Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs, pág. 42).

*“Os atributos de Deus são aquelas particularidades que marcam ou definem o modo de Sua existência, ou que constituem o Seu caráter. Não são separados ou separáveis de Sua essência ou natureza e, contudo, não são essência, mas simplesmente fundamento ou causa de sua existência nela, e são ao mesmo tempo as particularidades que constituem o modo e o caráter do Seu ser.” (J. P. Boyce, Abstract of Systematic Theology, Teologia Sistemática do Abstrato, pág. 65).*

“Os atributos de Deus”, segundo definição de A. H. Strong “são aquelas características distintivas da natureza divina inseparáveis da ideia de Deus e que constituem a base e o fundamento para Suas várias manifestações às Suas criaturas. Chamamos atributos, porque somos compelidos a atribuí-los a Deus como qualidades ou poderes fundamentais do Seu ser, para podermos dar conta racional de certos fatos constantes na auto revelação de Deus.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 115).

É comum dividir-se os atributos de Deus em duas classes. Isto ajuda tanto a memória como o entendimento. A estas divisões deram-se vários pares de nomes, tais como: comunicável e incommunicável; imanente e transiente; positivo e negativo; natural e moral; absoluto e relativo. Estas duas últimas classificações foram adotadas nestes estudos.

## 1. ATRIBUTOS ABSOLUTOS

Os atributos absolutos de Deus são aqueles que dizem respeito ao Seu Ser, independente de Sua aliança com qualquer outra coisa.

### Autoexistência

O ser de Deus é inderivado. Sua existência é autocausada. Sua existência é independente de tudo o mais. A autoexistência de Deus está implicada no nome “Jeová”, que quer dizer “o existente” e também na expressão “Eu Sou o que Sou” (Êxodo 3:14), que significa que SER é a natureza de Deus.

A eternidade de Deus, que figura na segunda classe de atributos, também implica sua autoexistência. Se Deus existiu para sempre, então Sua existência é uma autoexistência necessária, não derivada, autocausada. Autoexistência é um mistério

que é incompreensível ao homem; todavia, uma negação dela nos envolveria num maior mistério. Se não existe no universo alguma pessoa autoexistente, então a ordem presente de coisas veio a existir do nada, sem causa ou criador. Elas não podiam ter sido o produto de mera energia, porquanto a energia é propriedade tanto da matéria como da vida. E desde que a ciência provou que a matéria não é eterna, cabe-nos assumir uma pessoa eterna e, portanto, autoexistente como explicação da presente ordem de coisas.

### **Imutabilidade**

Notai as seguintes afirmações:

“Por imutabilidade definimos a Deus como imutável na Sua natureza e nos Seus propósitos.” (E. Y. Mullins, *The Christian Religion in its Doctrinal Expression*, A Religião Cristã em sua Expressão Doutrinária, pág. 223, 224).

*“Por imutabilidade de Deus define-se que Ele é incapaz de mudar, tanto na duração da vida, como na natureza, no caráter, na vontade ou felicidade. Em nenhuma destas, nem em nenhum outro respeito, há qualquer possibilidade de mudança.” (J. P. Boyce, *Abstract Systematic Theology*, Teologia Sistemática do Abstrato, pág. 73).*

A imutabilidade está implicada em infinidade e perfeição. Qualquer mudança, quer para melhor, quer para pior, implica imperfeição e finitude tanto antes como depois.

As principais passagens que ensinam a imutabilidade geral de Deus são: Salmos 102:27; Malaquias 3:6; Tiago 1:17.

As seguintes passagens ensinam especificamente a imutabilidade da vontade de Deus: Números 23:19; I Samuel 15:29; Jó 23:13; Salmos 33:11; Provérbios 19:21; Isaías 46:10; Hebreus 6:17.

As passagens precedentes dão-nos declarações positivas e absolutas. Todas as passagens que representam Deus como se arrependendo, tais como Gênesis 6:6,7; Êxodo 32:14; I Samuel 15:11; Salmos 106:45; Amós 7:3; Jonas 3:10 e as que de qualquer maneira parecem implicar ou sugerir qualquer mudança nos propósitos de Deus, devem ser explicadas à luz delas. Estas últimas contêm antropomorfismos.

Ao comentar Êxodo 32:14, diz A. W. Pink: “Estas palavras não querem dizer

que Deus mudou de mente ou alterou Seu propósito, porque Ele é ‘sem mudança nem sombra de variação’ (Tiago 1:17). Nunca houve e nunca haverá a menor ocasião de o Todo-Poderoso efetuar o mais leve desvio do Seu eterno propósito, pois tudo foi a Ele pré-conhecido desde o principio e todos os Seus conselhos foram ordenados por infinita sabedoria. Quando a Escritura fala de Deus arrepender-se, ela emprega uma figura de retórica em que o Altíssimo condescende em falar na nossa linguagem. O que se intenta pela expressão acima é que Jeová respondeu a oração de um mediador típico.”

E, sobre tais passagens, diz J. P. Boyce; “Pode ser assegurado que estas são meramente antropomórficas, visando simplesmente a inculcar sobre os homens Sua grande ira pelo pecado e Sua ardente aprovação do arrependimento daqueles que tinham pecado contra Ele. A mudança de conduta nos homens, não em Deus, mudará a relação entre eles e Deus. O pecado os fizera suscetíveis do Seu justo desprazer. O arrependimento os trouxera para dentro das possibilidades de Sua misericórdia. Não os tivesse Ele tratado diferentemente, então teria havido uma mudança nEle. Sua própria imutabilidade faz necessário que Ele trate diferentemente os que são inocentes e os que são culpados, os que se endurecem contra Ele e os que se viram para Ele por misericórdia com corações arrependidos.” (Abstract of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 76).

Devemos do mesmo modo entender todas as alusões que parecem indicar uma sucessão de emoções em Deus. Todas as emoções em Deus existem lado a lado uma da outra no mesmo momento e assim tem sido desde toda a eternidade. Ele tem sempre se agradado da justiça e se desagradado do pecado. E desde toda a eternidade conheceu toda a justiça e todo o pecado. O pecado expõe o homem ao desprazer de Deus. A justiça o sujeita ao prazer de Deus. A passagem do desprazer ao prazer de Deus efetua-se por uma mudança no homem e não em Deus. O sol derrete a cera, mas, se a cera pudesse ser mudada em barro, o sol a endureceria. Representaria isso qualquer mudança que fosse no sol?

A oração não muda a Deus. Ela nos muda e as coisas e circunstâncias com que temos de tratar; mas não muda a Deus. Jamais teremos a justa atitude para com Deus enquanto pensarmos que a oração é um meio de alcançarmos de Deus o que Ele não intentou fazer. Muito longe de a oração mudar a vontade de Deus, devemos orar segundo Sua vontade, se esperamos obter uma resposta. Diz-nos João: “Esta é a confiança que temos nEle, que se pedirmos qualquer coisa segundo Sua vontade,



Ele nos ouve” (I João 5:14). É o Espírito Santo que nos faz orar (Romanos 8:15; Gálatas 4:6), e é ao Espírito Santo que devemos procurar por direção nas coisas que pedimos (Romanos 8:26). A oração, então, é a obra de Deus em nossos corações preparando-nos para o uso mais proveitoso e o desfrute mais grato de Suas bênçãos. É a Sua própria chave com que Ele destranca as comportas do rio de Suas bênçãos. Nos sábios conselhos de Deus, antes da fundação do mundo, Ele ordenou a oração como um dos meios de execução da Sua vontade. A oração não muda Deus mais do que a fé do pecador arrependido muda Deus. Um e outro são simplesmente meios na realização do propósito eterno e imutável de Deus.

### Santidade

A santidade de Deus é sua perfeita excelência moral e espiritual. Deus é perfeitamente puro, inocente e justo em Si mesmo. Santidade é o fundamento de todos os outros atributos morais em Deus. A santidade de Deus foi tipificada nas vestes imaculadas do Sumo Sacerdote quando ele entrou no Santo dos santos.

*“O sistema inteiro mosaico de lavagens; divisões do tabernáculo; divisões do povo em israelitas comuns, levitas, sacerdotes e sumos sacerdotes, a quem se permitiam diferentes graus de aproximação a Deus, sob condições divinas rigorosamente definidas; o insistir sobre sacrifícios como meio necessário de aproximação a Deus; as direções de Deus a Moisés em Êxodo 3:5, a Josué em Josué 5:15, o castigo de Uzias em 2 Crônicas 26:16-21, as ordens rigorosas a Israel sobre aproximarem-se do Sinai quando Moisés falava com Deus, tudo visou ensinar, acentuar e marcar profundamente nas mentes e corações dos israelitas a verdade fundamental que Deus é Santo, irrepreensivelmente Santo. A verdade que Deus é Santo é a verdade fundamental da Bíblia, do Velho e do Novo Testamento, da religião judaica e cristã.” (R. A. Torrey, What the Bible Teaches, O que a Bíblia ensina, pág. 37).*

As seguintes passagens da Escritura são as principais a declararem a Santidade de Deus: Josué 24:19; Salmos 22:3; 99:9; Isaías 5:16; 6:3; João 17:11; 1 Pedro 1:15,16.

A santidade de Deus o faz aborrecer o pecado e, portanto, provoca Sua justiça, os quais considerarão sob os atributos relativos.

## 2. ATRIBUTOS RELATIVOS

Os atributos relativos de Deus são os que se veem devido a conexão de Deus com o tempo e a criação.

### Eternidade

Isto quer dizer que Deus não teve princípio e que Ele não pode ter fim. Quer dizer também que Ele de modo algum está limitado ou condicionado pelo tempo. A. H. Strong diz: “Deus não está no tempo. Mais correto é dizer que o tempo está em Deus. Conquanto haja sucessão lógica nos pensamentos de Deus, não há sucessão cronológica.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 130).

Deus vê os eventos como tendo lugar no tempo, mas desde toda a eternidade esses eventos têm sido os mesmos para Ele como depois que aconteceram. A eternidade tem sido descrita como segue: “A eternidade não é, como os homens creem, antes e depois de nós, uma linha sem fim. Não, é um círculo, infinitamente grande, toda a circunferência com a criação aglomerada; Deus reside no centro, contemplando tudo. E, ao passo que nos movemos nesta eterna volta, a porção finita que vemos somente, atrás de nós está o passado; o que fica adiante chamamos futuro; mas para Ele que reside no centro, igualmente afastado de todo o ponto da circunferência, ambos são iguais, futuro e passado” (Murphy, Scientific Basis, Base Científica, pág. 90).

### Onipresença

Por Onipresença de Deus quer dizer-se que Deus está presente ao mesmo momento em toda a Sua criação.

A onipresença de Deus está bela e incisivamente declarada nos Salmos 139:7-10 e em Jeremias 23:23,24.

Aquelas passagens que falam de Deus como estando presente em lugares especiais devem ser entendidas como se referindo as manifestações especiais e transcendentais de Deus. Assim se fala de Deus com uma habitação no céu, porque é lá que Ele faz a maior manifestação de Sua presença.

### Onisciência

Desde toda a eternidade Deus possuiu todo o conhecimento e sabedoria. João declara que Deus “conhece todas as coisas” (1 João 3:20). A Onisciência de Deus pode ser arguida de Sua infinitude. Em toda parte na Escritura Ele é retratado como

um ser infinito. Assim Seu conhecimento deve ser infinito. A Onisciência pode ser também arguida da imutabilidade. Se Deus não muda, como a Escritura declara, então Ele deve ter possuído todo conhecimento desde o princípio; doutra sorte Ele estaria aprendendo continuamente e isso por si mesmo constituiria uma mudança nEle e conduziria necessariamente ainda a mais mudanças manifestas.

Mais ainda: a necessidade de Onisciência da parte de Deus pode ser vista em Efésios 1:11, onde diz que Deus “faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”. Só um ser Onisciente pode operar todas as coisas segundo o conselho de sua própria vontade.

Isto será visto a partir da discussão anterior que a Onisciência de Deus inclui a Sua presciência perfeita. Desde a eternidade Deus conhece todas as coisas que passaram e tudo o que ainda passará. Além disso, Ele conheceu desde a eternidade todas as coisas que teriam acontecido se não tivesse impedido. Ele já sabe exatamente como as coisas teriam acontecido se o Seu propósito imutável tivesse sido diferente do que é em qualquer ponto.

A base da presciência de Deus de todas as coisas que passam é o Seu próprio propósito. Deus não poderia ter sabido que uma coisa que aconteceria se não tivesse sido determinado acontecer. O propósito de Deus, eterno e imutável é a única base bíblica para a certeza de eventos futuros.

Quanto à maneira em que Deus conhece todas as coisas, talvez não possamos fazer melhor do que dar uma breve citação de J. J. Rousseau, como encontrado em “O Vigário de Sabóia” (Harvard Classics, Clássicos de Harvard, Vol. 34, p. 267.): “Deus é inteligente; mas de que maneira? O homem é inteligente por um ato de raciocínio, mas a inteligência suprema não tem nenhuma necessidade de estar sob a razão. Ele não exige nem antecedencia, nem consequências; nem mesmo a forma simples de uma proposição. Seu conhecimento é puramente intuitivo. Ele contempla igualmente o que é e o que será. Todas as verdades são para Ele como uma ideia, como todos os lugares são apenas um ponto, e todas as vezes em um momento.”

### **Onipotência**

Deus possui todo o poder. Em Gênesis 17:1 Deus declara: “Sou um Deus Todo-poderoso”. Este título se aplica a Ele vezes sem conta na Escritura. Este título significa que Ele possui toda potência ou força. Lemos de novo em Mateus 19:26: “Para Deus todas as coisas são possíveis”. Muitas outras passagens declaram a oni-

potência de Deus.

A onipotência de Deus não significa, sem dúvida, que Ele possa fazer coisas que são logicamente absurdas ou coisas que são contra a Sua própria vontade. Ele não pode mentir, porque a Santidade do Seu caráter impede que Ele queira mentir. E Ele não pode criar uma rocha maior do que Ele possa erguer; nem ainda uma força irresistível e um objeto imóvel, nem pode traçar uma linha entre dois pontos menor do que uma reta, nem botar duas montanhas adjacentes uma à outra sem a criação de um vale entre elas. Ele não pode fazer qualquer dessas coisas, porque elas não são objetos de poder. Eles são autocontraditórios e logicamente absurdos. Eles violam as leis que Deus ordenou e, portanto, provocam Deus a entrar em conflito com Ele mesmo.

### **Veracidade**

Pela veracidade de Deus quer dizer Sua veracidade e fidelidade na Sua revelação às suas criaturas e no trato com elas em geral e em particular com o Seu povo redimido.

Algumas passagens que estabelecem a veracidade de Deus são: João 9:33; Romanos 1:25; 3:4; 1 Coríntios 1:9; 2 Coríntios 1:20; 1 Tessalonicenses 5:24; Tito 1:2; Hebreus 6:18; 1 Pedro 4:19.

### **Amor**

Usa-se na Bíblia o amor em diferentes sentidos quando atribuído a Deus nos Seus tratos com Suas criaturas. Algumas vezes refere-se à mera bondade na concessão de benefícios naturais sobre todos os homens (Salmos 145:9; Mateus 18:33; Lucas 6:35; Mateus 5:44,45). O amor redentor de Deus, por outro lado, é soberano, discriminante e particular. Ele diz: “Amei a Jacó, e odiei a Esaú.” (Romanos 9:13). E de Deus se declara enfaticamente que “odeias a todos os que praticam a maldade” (Salmos 5:5).

### **Justiça**

A justiça de Deus é ensinada em Gênesis 18:25; Deuteronômio 32:4; Salmos 7:9-12; 18:24; Romanos 2:6.

Foi a justiça de Deus que fez necessário Cristo morrer para que os homens pudessem ser salvos. A justiça de Deus torna impossível Deus deixar que o pecado passe impune. A morte de Cristo tornou possível que Ele fosse justo e, contudo, justificador

de pecadores crentes (Romanos 3:26).

No sacrifício de Jesus cumpriu-se a Escritura que diz: “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram.” (Salmos 85:10).

A salvação dos crentes é um ato de graça para com eles; contudo, é um ato de justiça a Jesus Cristo que morreu em lugar de todos que crêem.





# A VONTADE DE DEUS

A vontade de Deus aqui se usa para abranger o seguinte: 1) A faculdade de Deus em autodeterminar-se e escolher; 2) A preferência inerente de Deus; 3) O propósito e plano de Deus.

## I - QUALIDADES DA VONTADE DE DEUS

### 1. LIBERDADE

Liberdade da vontade, (quer de Deus, anjos ou homens), significa que a vontade não está constrangida por qualquer coisa fora da natureza do ser que a possui. Mas não quer dizer que a vontade possa agir independente ou contrariamente ao caráter desse ser. Na operação da vontade, temos simplesmente um ser moral preferindo, escolhendo e determinando cursos de ação em vista de motivos. Os moti-

vos influenciam, mas não constroem a vontade. A força relativa dos motivos é determinada pelo caráter. A vontade jamais está sujeita ao capricho ou à arbitrariedade.

## 2. FORÇA

Falamos de alguns homens a quem falta força de vontade. Por isto queremos significar que lhes falta força de vontade para desejarem o que deveriam desejar. Isto resulta da perversidade do caráter ou da natureza do homem através do pecado. Mas não há falta de força em Deus para desejar o que Ele deveria desejar. O Seu caráter é perfeitamente Santo. Consequentemente, Deus sempre deseja aquilo que é perfeitamente santo, justo e bom.

## 3. IMUTABILIDADE

A imutabilidade da vontade de Deus tem sido abordada no capítulo anterior. Menciona-se aqui por uma questão de ênfase. A vontade de Deus nada é senão a expressão de Sua natureza e caráter imutável e, portanto, é necessariamente imutável. A vontade de Deus é incapaz da menor indecisão, vacilação ou variação. É preciso sempre manter a perfeição e a santidade que possuía na eternidade. Tudo o que Deus quis na eternidade fazer ou levar a efeito, Ele, agora e para sempre, deve desejar e fazer acontecer. Assim, não houve e não haverá qualquer alteração no seu propósito ou plano.

## II - FASES DA VONTADE DE DEUS

### 1. A VONTADE PROPOSITAL DE DEUS

Deus propôs ou decretou tudo que se tem passado e tudo que ainda passará. As passagens de Salmos 135:6; Isaías 46:10; Daniel 4:35; Atos 2:23; 4:27,28; 13:48; Romanos 8:29,30; 9:15-18; Efésios 1:11 mostram que Deus é Soberano absoluto ao dirigir todos os negócios deste mundo e ao distribuir a graça salvadora. Sua vontade de propósito inclui tanto o mal quanto o bem, tanto o pecado quanto a justiça e é sempre executada perfeitamente. Mas são necessárias as seguintes subdivisões da vontade e do propósito de Deus.



### O Propósito Positivo de Deus

Deus é a causa ativa e positiva de todo o bem. Tudo que é bom é o resultado da operação eficiente do poder de Deus, quer diretamente ou por meio de Suas criaturas. É a esta subdivisão da vontade e do propósito de Deus que se aplica Filipenses 2:13, que nos diz: “Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade”.

### O Propósito Permissivo de Deus

Deus não é a causa do mal; mas, por razões justas, santas e sábias, só por Ele inteiramente conhecidas, Ele decretou permitir que o mal que viesse a acontecer, dominando-o para Sua própria glória. É a vontade permissiva de Deus que se refere a Escritura, quando diz: “Certamente a cólera do homem redundará em teu louvor; o restante da cólera tu o restringirás.” (Salmos 76:10). Esta passagem frisa que Deus restringe os homens de fazerem mais pecados do que Ele se apraz dominar para Sua glória; portanto, Ele lhes permite cometerem tal pecado como o que cometem. Ele poderia guardar os homens de todo o pecado tão facilmente como Ele os detém no lugar apontado. Não podemos dar razão que satisfará a mente carnal porque Deus permite o pecado, mas o fato que Ele o faz é abundantemente claro; e, desde que Deus sempre faz o bem, sabemos que é correto para Ele permitir aquele pecado que vem a acontecer.

Em Atos 2:23 e 4:27,28 temos uma clara afirmação que a crucificação de Cristo foi parte da vontade propositante ou decretante de Deus. Mas sabemos que Deus não levou os crucificadores a fazerem o que fizeram. Tal pensamento tornaria Deus responsável pela morte de Cristo: Deus meramente retirou o Seu poder restritivo e permitiu aos crucificadores procederem segundo seus próprios desejos maus. Isso é tudo que Deus tem a fazer para alcançar a prática pelos homens de qualquer pecado que lhe apraz dominar para Sua glória. O homem cometerá qualquer pecado que Deus lhe permitir cometer.

O endurecimento do coração de Faraó, segundo Êxodo pormenoriza, e fazer vasos para desonra (Romanos 9:31) são para ser entendidos como vindos sob o propósito permissivo de Deus.

O estudante cuidadoso notará que está implícito na discussão anterior de que a permissão de Deus no tocante ao pecado não é uma mera permissão necessária, tais como os arminianos estão dispostos a admitir e, como é exemplificado na permissão

de um homem de que ele não pode impedir, mas é uma permissão soberana, providencial, disposta e determinada de que Deus tem total poder para impedir se Ele assim o quisesse. Com relação ao pecado de Adão, John Gill apropriadamente comenta:

*“Howve um afluência de a providência divina ir a este recurso, e influenciá-la como uma ação, sem o qual nunca poderia ter sido realizada; como a providência divina suporta todos os homens ímpios no seu ser por todo o curso de sua vida viciosa, [determinando as circunstâncias e ocasiões de todos os seus atos], e assim, enquanto ele está pecando; a mesma providência acolheu [e rodeou] Adão, em seu ser, enquanto ele estava comendo do fruto proibido, caso contrário Eva não poderia ter estendido a sua mão e tomado o fruto da árvore, e comido, então, nem Adão poderia ter colocado a mão e tomado dela. As influências da providência divina concorrerem com cada ação, seja ela qual for, como uma ação, uma vez que todos vivemos, nos movemos e, todos têm seu ser em Deus, cada ação, como uma ação, é de Deus; MAS A OBLIQUIDADE, IRREGULARIDADE E PECAMINOSIDADE DA AÇÃO É DA CRIATURA: POR ISSO DEUS NÃO É O AUTOR DE NENHUM PECADO, COMO ELE NÃO É O AUTOR DO PECADO EM NENHUM HOMEM, APESAR DO CURSO DE SUA PROVIDÊNCIA COM CADA AÇÃO SUA, COMO AÇÃO...”* (*Body of Divinity, Corpo de Divindade, p. 319*).

Porque os calvinistas têm reconhecido esta verdade como inequivocamente estabelecida nessas Escrituras que atribuem o mal a Deus (cf. Êxodo 7:3,4; 1 Samuel 18:10; 2 Samuel 24:1, comparado com 1 Crônicas 21.1; João 12:40, Atos 4:27, 28;. Romanos 9:18), e, portanto, não estão dispostos a separar a permissão de Deus do pecado de Seus decretos; arminianos os têm acusado de fazer de Deus o autor do pecado. Mas todos os calvinistas representativos que já viveram repudiaram essa acusação e, como John Gill, deu base lógica para o repúdio. Isso inclui o próprio Calvino. Um exame cuidadoso de suas obras mostra a discussão em que ele ensinava nada mais no que concerne à relação de Deus com o pecado do que é ensinado aqui.

## 2. A VONTADE APROBATIVA DE DEUS

Esta fase da vontade de Deus tem a ver com a atitude de Deus para as coisas

consideradas separadamente e para além da sua relação com o Seu propósito eterno. Quando assim considerado, o pecado nunca é agradável a Deus. Deus não aprova o pecado como uma coisa dentro de si, no entanto Ele tem decretado pelo mais sábio e santo desígnio permitir aos homens de usarem os poderes que Ele lhes dá para cometerem pecado. Deus sempre aprova a justiça, mas em Seu plano perfeito Ele não considerou adequado trazer todos os homens para a justiça. Aqui reside tanto a distinção quanto a harmonia entre a vontade do propósito de Deus e Sua vontade de aprovação.<sup>1</sup> A vontade de Deus de propósito abrange tanto o bem quanto o mal, enquanto Sua vontade de aprovação inclui somente o que é bom dentro de si. Outra diferença entre estas duas fases da vontade de Deus reside no fato de que Sua vontade de propósito é sempre cumprida em sua plenitude, enquanto Sua vontade de aprovação é, na melhor das hipóteses, somente realizada imperfeitamente na Terra.

Que ninguém suponha que aqui se entende que Deus desejaria algumas coisas acontecerem e que Ele não pode levar a efeito, ou que Ele impediria o acontecimento de algumas coisas que Ele não pode impedir. Deus sempre cumpre o que Ele quer realizar, mas, ao fazer isso, Ele usa o que em si não é uma coisa que agrada a Ele. Assim como um pai, dando atenção à formação séria de seu filho, muitas vezes o castiga, não obstante o fato de que na correção, ao próprio pai, não há prazer algum.

O prazer de Deus em coisas como um todo sempre se realiza. “Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou.” (Salmos 115:3). “Tudo o que o SENHOR quis, fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos.” (Salmos 135:6). “Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade.” (Isaías 46:10).

É a partir da base da fase da vontade de Deus agora sob consideração que Ezequiel 33:11 será explicado e entendido.<sup>2</sup>

Contudo, a morte aqui mencionada não é a morte espiritual, mas a morte física no cerco babilônico; mas a relação da declaração com a vontade de Deus é a mesma. Em si mesmo considerada, a ruína dos israelitas no sítio babilônico não foi coisa

---

1 Teólogos têm usado vários nomes para esta segunda fase da vontade de Deus, como a vontade revelada, a vontade preceptiva, a vontade diretiva, vontade de comando, vontade de desejo e vontade de prazer. O autor adotou a denominação aqui empregada como o que lhe parece mais adequado e abrangente.

2 Mas não é a base desta fase da vontade de Deus que devemos entender 2 Pedro 3:9 e 1 Timóteo 2:04. Veja o tratamento destas duas passagens no capítulo sobre a expiação.

agradável a Deus; mas, considerada em conexão com as coisas como um todo, Deus decretara permitir a morte de muitos deles.

Muito poderia ser dito a respeito do porque Deus permite o que Ele não aprova, mas esse fato nunca pode ser explicado a contento da mente finita. Foi em face desse fato que Paulo levantou-se a grandes alturas exclamando: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Porque, quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.” (Romanos 11:33-36). Portanto, não tentamos explicar este mistério, para que não tentemos ser sábios acima do que é escrito ou escurecer o conselho com palavras que para nada aproveitam.

A vontade de Deus da aprovação é revelada de duas maneiras, ou seja, através da Sua Palavra, a Bíblia, e através do Espírito Santo. É revelado através da Sua Palavra como os princípios gerais e as verdades básicas. É revelado através do Espírito Santo quanto à aplicação desses princípios e verdades com as circunstâncias e os detalhes da vida corriqueira, e quanto ao chamado, capacidade e plano no qual Deus teria cada indivíduo para servi-Lo.

É a vontade de Deus de aprovação, conforme revelada em Sua Palavra, que corrige a responsabilidade do homem. Isso é mostrado com muita força em Deuteronômio 29:29, onde se lê: “As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”. “As coisas encobertas” são aquelas coisas que abraçam a vontade de Deus do propósito ou decreto. “As reveladas” são aquelas coisas que são acolhidas na vontade de Deus de aprovação, reveladas em Sua Palavra.



# DOCTRINA DA TRINDADE

## I - A TRINDADE DEFINIDA

Talvez o sentido da Trindade de Deus nunca tenha sido mais bem afirmado do que por A. H. Strong: “na natureza do Deus único há três distinções eternas que se nos representam sob a figura de pessoas e estas três são iguais.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 144).

Os princípios do Seminário Teológico Batista do Sul estabelecem a doutrina da Trindade como segue: “Deus nos é revelado como Pai, Filho e Espírito Santo, cada um com atributos pessoais distintos, mas sem divisões de natureza, essência ou ser”.

Na consideração destas definições, notai:

### 1. A TRINDADE CONSISTE DE TRÊS DISTINÇÕES

A doutrina da Trindade não quer dizer que Deus meramente Se manifesta em três diferentes maneiras. Há três distinções atuais na Divindade. A verdade disto aparecerá mais claramente depois.

### 2. ESTAS TRÊS DISTINÇÕES SÃO ETERNAS

Isto está provado, de um lado, pela imutabilidade de Deus. Se já houve um tempo em que estas distinções não existiram, então, quando vieram a existir, Deus mudou. Provado está outra vez pelas Escrituras, as quais afirmam ou implicam a eternidade do Filho e do Espírito Santo. Veja João 1:1,2; Apocalipse 22:13,14; Hebreus 9:14.

*“Não é resposta, que as expressões “gerado” e “procede de”, envolvem a idéia da existência anterior de quem gera e de quem há procissão. Estes são termos da linguagem humana, aplicada à ações divinas e devem ser compreendidos adequadamente a Deus. Não há maior dificuldade aqui do que em outros casos nos quais este princípio é prontamente reconhecido” (J. P. Boyce, Abstract of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 138, 139). Assim como pode haver uma ordem lógica, mas sem sequência cronológica, e apenas como uma causa e seu efeito pode ser simultânea, por isso temos o eterno Pai, o Filho eterno, e do Espírito eterno. “Se tivesse havido um sol eterno, é evidente que deve ter havido uma luz eterna também. No entanto, uma luz eterna deve ter sempre precedido a partir do sol. Quando Cirilo foi perguntado se o Filho existia antes da geração, ele respondeu: “A geração do Filho não precedeu Sua existência, Ele sempre existiu, e isto por geração.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 165).*

### 3. ESTAS TRÊS DISTINÇÕES NOS SÃO REPRESENTADAS SOB A FIGURA DE PESSOAS, MAS NÃO HÁ DIVISÃO DE NATUREZA, ESSÊNCIA OU SER

A Doutrina da Trindade não quer dizer triteísmo. Quando falamos das distinções da Divindade como pessoas, devemos entender que usamos o termo figuradamente. Não há três pessoas na Divindade no mesmo sentido em que três seres

humanos são pessoas. No caso de três seres humanos há divisão de natureza, essência e ser, mas Deus não é assim. Tal concepção de Deus está proibida pelo ensino da Escritura quanto à unidade de Deus.

#### **4. OS TRÊS MEMBROS DA TRINDADE SÃO IGUAIS**

Muitos dos mesmos atributos aplicam-se a cada membro da Trindade e os atributos assim atribuídos são tais como não podiam ser possuídos sem todos os outros atributos divinos. A igualdade dos membros da Trindade mostra-se ainda pelo fato de cada um deles ser reconhecido como Deus, como depois veremos.

## **II - PROVAS ESCRITURÍSTICAS DA DOCTRINA DA TRINDADE**

### **1. O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO SÃO TODOS RECONHECIDOS COMO DEUS**

#### **O Pai Reconhecido como Deus**

Isto ocorre em tão grande número de passagens que é por igual desnecessário e impraticável citá-las todas. As duas seguintes bastarão:

“Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou.” (João 6:27).

“Eleitos... segundo a presciência de Deus Pai.” (1 Pedro 1:1,2).

#### **O Filho Reconhecido como Deus**

##### **Ele é chamado Deus**

João 1:1; Romanos 9:5; 1 João 5:20.

##### **Passagens que no Velho Testamento se referem a Deus são aplicadas ao Filho no Novo Testamento**

Mateus 3:3, aludindo a Isaías 40:3; João 12:41 aludindo a Isaías 6:1.

### **O Filho possui os atributos de Deus**

Eternidade: João 1:1; Onipresença: Mateus 28:20 e Efésios 1:23; Onisciência: Mateus 9:4 e João 2:24,25 e João 16:30 e 1 Coríntios 4:5 e Colossenses 2:3; Onipotência: Mateus 28:18 e Apocalipse 1:8; Autoexistência: João 5:26; Imutabilidade: Hebreus 13:8; Verdade: João 14:6; Amor: 1 João 3:16; Santidade: Lucas 1:35 e João 6:39; Hebreus 7:26.

### **As obras de Deus são atribuídas ao Filho**

Criação: João 1:3; 1 Coríntios 8:6; Colossenses 1:16; Hebreus 1:10. Conservação: Colossenses 1:17; Hebreus 1:3. Ressuscitando os mortos e julgando: João 5:27-28; Mateus 25:31,32.

### **Ele recebe honra e adoração só a Deus devidas**

João 5:23; Hebreus 1:6; 1 Coríntios 11:24,25; 2 Pedro 3:18; 2 Timóteo 4:18.

### **O Espírito Santo é reconhecido como Deus**

#### **A Ele se atribuem os atributos de Deus**

Eternidade: Hebreus 9:14; Onisciência: 1 Coríntios 2:10; Onipresença: Salmos 139:7; Santidade: todas as passagens que aplicam o termo “Santo” ao Espírito; Verdade: João 16:13; Amor: Romanos 15:30.

#### **Ele é representado como fazendo as obras de Deus**

Criação: Gênesis 1:2; “movia” significa “chocava”. Regeneração: João 3:8; Tito 3:5. Ressurreição: Romanos 8:11.

## **2. O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO ASSOCIAM-SE JUNTAMENTE NUMA BASE IGUAL**

Isto está feito:

- 1) Na fórmula do Batismo - Mateus 28:19;
- 2) Na bênção apostólica - 2 Coríntios 13:14.



### 3. O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO DISTINGUEM-SE UM DO OUTRO

#### **O Pai e o Filho distinguem-se um do outro**

O Pai e o Filho distinguem-se como o gerador e gerado, e como o que envia e o enviado. A distinção entre o Pai e o Filho se manifestou no batismo de Jesus, quando a voz de Deus do céu foi ouvida dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mateus 3:17). Cristo distinguiu-se do Pai quando orou ao Pai, como ele sempre fazia. Essa distinção, assim entendida, não era temporal, continuando somente enquanto Cristo esteve na carne, mas é provada pelo fato de que Cristo ainda intercede com o Pai (Hebreus 7:25, 1 João 2:1). Ele é um mediador perpétuo entre Deus e o homem (1 Timóteo 2:5), e assim é perpetuamente distinguido de Deus, o Pai.

#### **O Espírito distingue-se do Pai**

O Espírito distingue-se do Pai quando dEle se diz proceder do Pai e ser enviado pelo Pai (João 15:26; 14:26; Gálatas 4:6).

#### **O Filho distingue-se do Espírito**

Jesus refere-se ao Espírito como “outro Consolador” (João 14:16). E Jesus falou de Si mesmo como enviando o Espírito (João 15:26).

### 4. O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO SANTO SÃO UM DEUS

Trindade quer dizer tri-idade, ou “três-idade”. Mostramos que há três distinções na Divindade. Agora, para provarmos a doutrina da Trindade, mais que a doutrina de Triteísmo, devemos mostrar que os três, enquanto sendo distinguíveis um do outro, contudo são um. Isto está provado:

#### **Por todas as passagens que ensinam a Unidade de Deus**

O estudante refere-se aqui ao capítulo sobre a natureza e os atributos de Deus, onde se notam estas passagens.

#### **Pelo fato que cada um dos três é reconhecido como Deus**

Já mostramos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são várias vezes reconhecidos como Deus na Escritura. Isto mostra Sua unidade, porque Deus está represen-

tado como sendo o Ser Supremo. Por essa razão não poderia haver três Deuses. A supremacia somente é possível a um só.

#### **Pelo fato que os Três são iguais**

Já analisamos a igualdade dos membros da Trindade. Igualdade absoluta é impossível sem identidade na essência, na natureza e no ser.

### **III - A DOCTRINA DA TRINDADE É MISTÉRIO INESCRUTÁVEL E INSOLÚVEL ÀS MENTES FINITAS; MAS NÃO É AUTOCONTRADITÓRIA**

Não fazemos tentativas de negar ou de explicar o mistério da doutrina da Trindade. É um grande mistério que mentes humanas nunca poderiam sondar.

Contudo, a doutrina da Trindade não é autocontraditória. Deus não é três no mesmo sentido em que Ele é um. Ele é um em essência, natureza e ser; mas, nesta essência, natureza e ser há três distinções eternas que nos representam de tal maneira que as chamamos pessoas. Quem pode dizer que tais distinções são impossíveis na natureza de Deus? Para fazer isso, se teria de ter perfeito entendimento da natureza de Deus. De maneira que fazemos bem em aceitar o que a Escritura ensina e deixar o mistério para solucionar-se quando tivermos mais iluminação, se tal iluminação nos capacitar a explicar e a entender tal verdade for dada. O mistério existe por causa de nossa incapacidade para compreendermos totalmente a natureza de Deus.



# A RELAÇÃO DE DEUS COM O UNIVERSO

Há várias ideias concernentes à relação de Deus com o nosso universo. Em contraste entre essas falsas ideias e o ensino da Escritura, notemos:

## **I - DEUS ESTÁ SEPARADO, NO SEU SER, DO UNIVERSO**

Por toda a Escritura Deus é distinguido de Sua criação. Ele é um Espírito puro, ao passo que todas as coisas e seres criados são pelo menos materiais em parte, com exceção dos anjos, tanto bons como maus. Deus é infinito; todas as coisas criadas são finitas. Deus é eterno, tendo existido desde a eternidade. Isto não é verdade quanto a qualquer outra coisa. Deus é imutável; nada mais o é. Deus é Onipresente; nada mais é. Nem qualquer outra coisa possui os atributos divinos de Onipotência e Onisciência. As Escrituras, portanto, refutam o panteísmo, o qual

é definido por Strong como “aquele método de pensamento que concebe o universo como o desenvolvimento de uma substância inteligente e voluntária, contudo impessoal, que atinge a consciência somente no homem. Ele, portanto, identifica Deus, não com cada objeto individual no universo, mas com a totalidade das coisas.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 55).

## II - DEUS CRIOU O UNIVERSO

### 1. O FATO

Isso é declarado no primeiro versículo da Bíblia. As Escrituras, portanto, negam que o universo foi criado por um espírito do mal, como os maniqueístas ensinaram. Também nega a teoria da emanção, que concorda com o panteísmo, onde Deus é da mesma substância do universo, e que o universo é o resultado de sucessivas emanções de Seu ser. A geração espontânea, a opinião dos evolucionistas ateus, é também negada. Além disso, temos aqui uma negação da eternidade da matéria.

Note-se que o autor entende Gênesis 1:1 como se referindo a todo o universo com seus bilhões de estrelas. Ele não pode concordar com aqueles que, como George McCready Price<sup>1</sup> e Harold W. Clark<sup>2</sup>, pensam que esta passagem faz alusão a nada mais do que a Terra e sua atmosfera circundante, ou, no máximo, a nosso sistema solar. A visão destes dois dignos e eruditos homens é rejeitada com base na Bíblia. A menos que o “céu” seja usado em Gênesis 1:1 em um sentido radicalmente diferente daquele em que ele é usado em muitas outras passagens, ele inclui todas as estrelas. Veja Gênesis 15:5; 22:17, 26:4; Êxodo 32:13; Deuteronômio 10:22, 2 Reis 23:5; Isaías 13:10; Jeremias 33:22; Naum 3:16. É verdade que, de acordo com Gênesis 1:8, que Deus identificou o céu com o firmamento, acima do qual havia águas (Gênesis 1:7), mas note que Deus disse: “Haja luminares na expansão dos céus”. Tais luminares incluem manifestamente as estrelas (Gênesis 1:14-17). Evidentemente, então, “firmamento” deve ter incluído como uma expansão inferior e superior.

Hoje, como nunca antes, há pleno acordo explícito e enfático entre a Bíblia e o pensamento científico sobre a necessidade de uma verdadeira criação sobrenatural do universo. Os cientistas descobriram que o universo é como um gigantesco relógio

---

1 Genesis Vindicated, Gênesis Vindicado, pág 54.

2 The New Diluvialism, O Novo Diluvialismo, pág 190.

que está lentamente perdendo a corda ou como um pedaço enorme de carvão que está se consumindo calmamente. A matéria está sendo convertida em calor e outras formas de energia e está sendo dissipada. Assim, um processo de desgaste uniforme está acontecendo em todo o universo, resultando no que os cientistas chamam de “entropia”, que é definida como “a falta de disponibilidade de energia para funcionar”<sup>3</sup>. Tudo isso tem sido expressado de forma muito eficaz por Barnett como segue:

*“Todos os fenômenos da natureza, visível e invisível, dentro do átomo e no espaço, indicam que a substância e energia do universo estão inexoravelmente se difundindo como vapor através do vazio insaciável. O sol é lento, mas seguramente, está se consumindo, as estrelas são brasas esfriando e em todo o cosmos o calor está se tornando frio, a matéria está se dissolvendo em radiação, e a energia está sendo dissipada no espaço vazio. O universo está, assim, avançando em direção a um ultimato – “morte de calor” – ou, como tecnicamente definido, uma condição de “entropia máxima.”*

Quando o universo atingir este estado daqui uns alguns bilhões de anos, todos os processos da natureza cessarão. Todo o espaço terá a mesma temperatura. Nenhuma energia pode ser usada porque tudo isso vai ser distribuído uniformemente através do cosmos. Não haverá luz, nenhuma vida, nenhum calor; nada além da estagnação perpétua e irrevogável. (O Universo e o Dr. Einstein, pág. 100). Como uma prova ao ponto em discussão, as palavras de Handrich são novamente adequadas: “Se o universo tem de findar, então ele é finito; não pode ser ao mesmo tempo finito e eterno. Se as transformações de energia vinham acontecendo desde a eternidade, então o estado estático, sem vida de entropia máxima teria sido alcançado há tempos eternos. Assim, o universo deve ter tido um começo.” (Ibid, pág. 47). O fato que o universo no início não foi criado por um processo natural, mas pelo poder sobrenatural, é demonstrado por estas palavras de Barnett: “Nada em toda a natureza inanimada pode ser inconfundivelmente identificado como um processo puramente criativo. Um tempo atrás, por exemplo, pensava-se que os raios cósmicos misteriosos que bombardeiam constantemente a Terra do espaço poderiam ser causados por um processo de criação atômica. Mas há uma prova maior para o ponto de vista oposto, que são causados pela aniquilação nuclear. Tudo visível na natureza ou estabelecido

por teoria, sugere que o universo está implacavelmente indo ao encontro de uma escuridão final e corrompida.” (Ibid, pág. 100). Então Handrich aponta que, mesmo que os raios cósmicos sejam subprodutos de um processo criativo, este fato mostra que toda a energia não está sendo reconvertida em matéria; desde que os raios cósmicos representam uma parcela de energia que está sendo desperdiçada<sup>4</sup>. Assim, mesmo que esta teoria da criação perpétua fosse verdade, a entropia deveria prevalecer. A não ser que se possa demonstrar que toda a energia gasta está sendo reconvertida em matéria, este universo não é autossustentável. Se não é autossustentável, então não foi trazido à existência por forças naturais. E mesmo que possa ser verificado que haja uma reconversão total de energia em matéria, e isso deve ser tomado como evidência de que toda a matéria foi criada a partir da energia através de um processo natural; ainda continuaria a pergunta que pode ter somente uma resposta sensata: Como é que a energia viria a existir em primeiro lugar? Assim, a evidência científica de uma criação sobrenatural é completa e irrespondível.

## 2. O TEMPO

Quando foi o princípio mencionado no primeiro versículo de Gênesis? Foi no primeiro dia da semana da criação? A linguagem da passagem permite este ponto de vista, e alguns cientistas dignos defendem-na. No entanto, a linguagem da passagem não exige essa visão, mas facilmente permitirá qualquer espaço de tempo que pode ter transcorrido entre a origem do universo e a preparação da terra para a morada do homem. Vamos ter cuidado de distinguir entre fatos bíblicos e nossas próprias teorias sobre eles. Quando a linguagem da Bíblia prontamente admitir mais de uma interpretação, é uma coisa má nos tornarmos tão dogmáticos sobre a nossa própria compreensão ao ponto de pensarmos que quem discorde de nós está negando a Bíblia<sup>5</sup>.

Ao dizer que a linguagem de Gênesis 1:1, embora não exija isso, permite que exista um lapso de tempo entre os dois primeiros versos, o autor NÃO está afirmando

4 Ibid, pág. 50

5 “A era moderna, científica desafia-nos, como cristãos, a sermos receptivos a uma nova verdade, uma vez que é descoberta. Os líderes de nossa fé nos aconselham a ter certeza de que uma nova ideia é a verdade antes que nos apressemos a adotá-la. Nossa razão nos diz para examinarmos com muito cuidado qualquer novo ensinamento que pareça substituir a antiga linha de pensamento no qual foram treinados, até que tenhamos ponderado e achado satisfatório. Devemos evitar as duas pedras de ingenuidade por um lado, e a atitude de avestruz de alguns, que deliberadamente fecham os olhos à nova verdade.” (Gedney, In *Modern Science and Christian Faith*, Na Ciência Moderna e na Fé Cristã, pág. 71).

nenhuma das seguintes características: (1) A idade das rochas ou fósseis como preconizada pela geologia uniformitária. O autor rejeita totalmente a geologia de uniformidade em favor de catastrofismo e o novo diluvialismo<sup>6</sup>. (2) A precisão de qualquer um dos quarenta métodos que os cientistas têm usado tentando determinar a idade da terra<sup>7</sup>. (3) Que tenha havido qualquer vida na terra vegetal, animal ou humana, ou que houve uma catastrófica ruína da criação original antes dos seis dias de Gênesis 1<sup>8</sup>.

### 3. A MANEIRA

#### 1) Pelo decreto soberano

Com isso queremos dizer que Deus falou e foi feito o Universo. As seguintes passagens ensinam isto bem claramente:

“Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.” (Salmos 33:6).

“Tema toda a terra ao SENHOR; temam-no todos os moradores do mundo. Porque falou, e foi feito; mandou, e logo apareceu.” (Salmos 33:8,9).

“Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados.” (Hebreus 11:3).

#### 2) Sem materiais previamente existentes

“De maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hebreus 11:3). Quando Deus chamou à existência os materiais do universo, Ele os moldou

6 Para a crítica das teorias de geólogos uniformitaristas consulte: *Evolutionary Geology, Geologia Evolucionária* (Price); *Genesis Vindicated, Gênesis Vindicado* (Price), p. 230; *Common Sense Geology, Geologia do Senso Comum* (Price); *How did de World Begin, Como o Mundo Iniciou* (Price), pág. 56; *That You Might Believe, Para que Creiais* (Morris), pág. 58; *Everyday Science for the Christian, Ciência Para o Cristão Para os Dias de Hoje* (Handrich), pág. 69; *Beyond the Atom, Além do Átomo* (De Vries), pág. 79; e *The New Deluvianism, O Novo Diluvialismo* (Clark).

7 Para a análise e crítica destes métodos, veja *Ciência Para o Cristão Para os Dias de Hoje* (Handrich) p. 69; *Ciência Moderna e a Fé Cristã*, p. 26; *Além do Átomo* (de Vries), p. 57.

8 Para críticos desta ideia, veja *Everyday Science for the Christian, Modern Science and Christian Faith, Ciência Moderna e Fé Cristã*, pág. 63; *Genesis Vindicated, Gênesis Vindicado* (Price), pág. 290; *The Creation – Facts, Theories and Faith, Criação – Fatos, Teorias, e Fé* (Handrich), pág. 126

segundo a Sua vontade. Ele iniciou sem nada. Só Ele é eterno. Todas as demais coisas saltaram de Sua mão criadora.

#### 4. A FORMA ORIGINAL DA MATÉRIA

No segundo verso do Gênesis (interpretado à luz do verso 9), encontramos a terra coberta de água e na atmosfera tão saturada com vapor que a luz do sol não poderia chegar à Terra. O autor pode pensar em apenas três pontos de vista possíveis sobre a razão para esta condição: (1) Essa foi a condição da Terra em sua origem. (2) Que resultou da ruína da criação original. (3) Essa foi uma condição que se desenvolveu através da operação das forças da natureza após a origem da Terra. Esta terceira visão é elucidada na seguinte citação:

*“Acredita-se que, em uma fase precoce, a terra estava bastante quente, possivelmente muito mais quente do que o ponto de ebulição da água. Se assim for, não poderia ter havido oceanos, pois o calor teria evaporado toda a água livre, e a terra teria sido completamente coberta de nuvens densas do céu até a superfície” (Stoner, *Modern Science and Christian Faith*, *Ciência Moderna e Fé Cristã*, pág. 35).*

Toda a matéria no universo foi criada em uma massa e, em seguida, separada por um violento poder expulsivo? Uma resposta afirmativa a esta pergunta fornece uma explicação natural de dois fatos notáveis: (1) as galáxias distantes ou “universos ilhados” parecem estar distanciando-se velozmente de nós com velocidades proporcionais à sua distância, de modo que se eles “foram traçados para trás, eles pareceriam ter se originado de um mesmo lugar no mesmo tempo.”<sup>9</sup> (2) O universo é cheio de detritos de matéria que deve-se esperar como resultado de uma explosão universal. Essa sujeira existe em três formas: (A) Cometas: o número de tais em nosso sistema solar é estimado em 17.500.000.<sup>10</sup> (B) Meteoros: são tão numerosos que “estima-se que a Terra encontra-se com milhares de milhões... a cada dia, e que o sol encontra-se muitos, talvez um trilhão por segundo.”<sup>11</sup> (C) Átomos individuais: constituem cerca de um terço de toda a matéria do universo “dispersos em uma condição de quase

9 Modern Science and christian Faith, A Ciência Moderna e a Fé Cristã, pág. 28,30.

10 New Descriptive Astronomy, Nova Astronomia Descritiva (Steele), pág. 188.

11 Summary of Science, Resumo da Ciência (Sheldon), pág. 33.



inconcebível tenuidade de um átomo por centímetro cúbico<sup>12</sup>.

A linguagem de Gênesis 1:1 não proíbe a ideia de que Deus usou as forças naturais de forma secundária para trazer a terra na condição descrita no versículo seguinte. A mesma palavra hebraica (*bara*) é usada em Salmos 89:47, onde se afirma que Deus “por que criarias de balde todos os filhos dos homens?” Aqui a palavra não admite o uso das leis naturais de geração. Sabemos duas coisas: (1) O universo foi criado por uma força sobrenatural. (2) A lei natural opera agora no universo. A questão é: em que ponto no passado a operação de poder criativo sobrenatural dar lugar a operação de processos naturais? “Gênesis afirma a criação do universo. Mas não indica quando ou como a criação teve lugar.” (Stoner, *Modern Science and Christian Faith*, A Ciência Moderna e a Fé Cristã, pág 31).

### III - DEUS PREPAROU A TERRA PARA MORADA DO HOMEM

Esta foi a obra dos seis dias referidos no Gênesis 1. Êxodo 20:11 está manifestamente falando disto, ao invés da criação original, quando diz: “Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra...” A palavra para “fez” não é “*bara*”, mas “*asah*”. Esta última palavra é usada mais de mil e quinhentas vezes, e tem muitos significados, mas nenhuma vez é traduzida por “criar”. Assim, não se refere ao que Deus fez em Gênesis 1:1. Isso dá outra razão para separar a criação original da obra dos seis dias.

#### 1. O COMPRIMENTO DESSES “DIAS”

O autor acredita que esses “dias” eram dias normais de cerca de 24 horas cada. Este é o significado claro tanto de Moisés quanto do Espírito Santo. A teoria do dia-época nunca teria surgido se não fosse por um desejo por parte de alguns para acomodar o relatório de Gênesis às “épocas” defendidas pela geologia de uniformidade. O absurdo dessa teoria pode ser visto pelo fato de que envolve a presença de vegetação durante milhares de anos, durante o “terceiro dia” sem os benefícios dos raios diretos do sol. “Além disso, essa teoria nunca pode fazer os períodos de criação se ajustarem à idade geológica mesmo se os ‘dias’ de Gênesis são esticados a terem qualquer comprimento; pois o registro bíblico tem que ser ‘adulterado’ ou mudado

de várias maneiras para torná-lo apto a estas “idades”, mesmo quando os dias são esticados para fazê-los corresponder. As incoerências gritantes que sempre se manteve entre o registro de Gênesis e a idade geológica, mesmo quando os homens, como Hugh Miller, Gladstone, Louis Agassiz usaram os seus métodos de Procusto para explicar tudo, resultando em milhares de inféis escarnecedores no fim do século XIX; e essas inconsistências sempre são testemunhas contra nós, e deve nos servir como aviso que estamos errando vergonhosamente quando tomamos liberdades com a Palavra de Deus.”<sup>13</sup>

## 2. DÁ A LUZ

O registro desta é encontrado em Gênesis 1:3, 4. A suposição de que esta luz era produzida pelo brilho da terra, ou a partir do ar ionizado, ou de fósforo, ou que foi criado de maneira sobrenatural naquele momento, é tanto infundada quanto desnecessária. C. I. Scofield diz muito bem aqui: “Nem aqui nem nos versículos 14-18 um ato criativo original é ensinado. Uma palavra diferente é usada. O sentido é: feita para aparecer; tornar visível. O sol e a lua foram criados ‘no princípio’. A ‘luz’, é claro, veio do sol, mas o vapor difundiu a luz. Mais tarde o sol apareceu em um lindíssimo céu.” (Bíblia Scofield). O aparecimento da luz neste momento foi possível, sem dúvida, pela precipitação de grande parte da umidade que havia completamente saturado o ar. Para alguém dizer que este não poderia ter sido realizado em um dia normal, até mesmo por meios naturais, é de se presumir ser este alguém onisciente.

## 3. A CRIAÇÃO DA EXPANSÃO

Versículos 6-8. A palavra hebraica “raqia”, usada dezessete vezes e sempre traduzida como “firmamento” na Versão King James, significa “expansão”. O excesso de vapor que ainda permanecia no ar depois do trabalho do primeiro dia, no segundo dia foi levado a subir para formar as nuvens; o que permitiu aumento de luz, sem dúvida, mas ainda não permitiu a bola do sol tornar-se visível. Como observado anteriormente, a Bíblia faz alusão tanto a um “firmamento” inferior quanto a um superior. Ver

---

13 Genesis Vindicated, Gênesis Vindicada (Price), pág. 13. Para uma discussão mais aprofundada dos “dias” de Gênesis 1, veja: Modern Science and the Genesis Record, Ciência Moderna e Registro de Gênesis (Rimmer), pág. 17.

especialmente versos 14 e Salmos 19:1-6.

#### 4. TERRA FIRME FEITA PARA APARECER

Versículo 9. Isso foi feito no terceiro dia. A necessidade deste trabalho mostra que a terra, conforme descrita no verso 2, foi totalmente coberta com água. A drenagem do terreno foi realizada, evidentemente, pela elevação das massas de terra, ou pela depressão de zonas marítimas, ou por ambos. Talvez muitos, se não todas as colinas e montanhas do mundo pré-diluviano foram empurrados para cima neste momento. Se a Terra até então tinha sido muito quente, como a maioria dos cientistas acreditam, a formação de uma crosta sólida externa pode ter provocado um acúmulo de pressão interna suficiente para elevar os continentes, colinas e montanhas. No entanto os fatos científicos parecem indicar que os continentes não eram tão amplos como agora. Talvez antes do dilúvio grande parte da área atual de terras foi ocupada por pântanos, mares interiores e rios. Os cursos destes rios daquela época podem ter sido o “geossinclinal”<sup>14</sup> tão bem conhecido da geologia. Pode ter havido muita atividade vulcânica em conexão com a elevação das massas de terra.

#### 5. CRIAÇÃO DA VEGETAÇÃO E ÁRVORES

Versículos 11-13. Veja também Gênesis 2:5. Isso também foi feito no terceiro dia. Um ato criativo não é afirmado aqui. Devido a este fato alguns imaginaram que a vegetação e as árvores surgiram a partir de sementes que tinham sido preservadas no solo por meio de um cataclismo que havia reduzido a criação original para a condição descrita no verso 2. Mas essa noção não pode ser feita para harmonizar com a declaração de Gênesis 2:5 no sentido de que Deus fez “toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava”. Uma razão evidente que Deus usou esse método na realização de vegetação é que as massas de terra erguidas haviam se tornado secas muito rapidamente e não houve chuva. O terreno, portanto, não estava em condições adequadas para a produção de vegetação a partir de sementes.

---

14 s.m. Grande depressão da crosta terrestre (que se está afundando progressivamente) onde se vêm acumulando sedimentos, em parte constituídos de detritos. Fonte: <http://www.dicio.com.br/geossinclinal/>

## 6. SOL, LUA E ESTRELAS FEITAS PARA APARECER

Versículos 14-18. Este foi feito no dia quatro. Temos notado já que não temos aqui a criação desses órgãos, mas apenas a apresentação completa deles. As nuvens foram tiradas do céu para que, pela primeira vez, os corpos celestes brilhassem sobre a terra em toda sua glória.

## 7. CRIAÇÃO DOS PEIXES, MONSTROS MARINHOS E AVES

Versículos 20-23. O verso 21 mostra claramente que temos aqui no quarto dia outro ato criativo. A água produziu formas de vida somente depois que Deus os criou. Isso elimina a ideia que diz que a evolução pode reconciliar-se com a Bíblia. Um complemento disso é a afirmação de que cada forma de vida foi criada para produzir conforme “a sua espécie”. Contudo, “espécie” aqui, evidentemente, é usada em um sentido mais amplo do que a mesma é usada por muitos hoje. Mas nós sabemos que o termo “espécie” não significa nada além de “família” usado na biologia.

## 8. CRIAÇÃO DOS INSETOS E ANIMAIS

Versículos 24-25. O uso da expressão “alma vivente”, no verso 24 mostra que temos aqui um ato criativo como no versículo 21.

## 9. CRIAÇÃO DO HOMEM

Versículos 26-27. O termo hebraico “bara” é usado três vezes no versículo 27, mostrando inequivocamente que a raça humana foi criada por Deus e não evoluiu. Vamos observar a criação do homem mais detalhadamente mais a frente.

## IV - DEUS AGORA PRESERVA O UNIVERSO

Deus exerce poder contínuo, por meio do qual Ele sustenta a existência das coisas que Ele criou segundo a natureza que Ele deu a cada uma. O ensino da Escritura sobre a infinidade e a supremacia de Deus é suficiente para nos convencer de que só Deus é autoexistente e imutável, e que o universo, portanto, deve ser mantido

e sustentado pelo poder que não lhe é inerente. É como devemos esperar quando encontramos a Escritura fazendo as seguintes afirmações:

“Só tu és SENHOR; tu fizeste o céu, o céu dos céus, e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há, e tu os guardas com vida a todos; e o exército dos céus te adora.” (Neemias 9:6)

“A tua justiça é como as grandes montanhas; os teus juízos são um grande abismo. SENHOR, tu conservas os homens e os animais.” (Salmos 36:6).

“Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração.” (Atos 17:28).

“E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.” - realizada em conjunto, ou, “recebem a sua perpetuidade” - Dargan. (Colossenses 1:17).

“... e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hebreus 1:3).

Foi provavelmente à preservação que Jesus se referia, em parte, pelo menos, quando Ele disse: “Meu Pai trabalha até agora...” (João 5:17). O descanso de Deus no sétimo dia da semana da criação não foi a cessação total da atividade, mas somente de Sua obra objetiva e criativa.

## V. DEUS CONTROLA O UNIVERSO

Na Escritura, aprendemos que Deus não só é o criador e conservador do universo, mas o controlador dele. Ele não criou o universo e então o abandonou, Ele agora governa ativamente toda parte e toda atividade no universo. Este ensino está envolvido na declaração que Deus “conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade” (Efésios 1:11).

As seguintes passagens também ensinam esta doutrina: Jó 37:3, 4, 6, 10-13; Salmos 135:7; 104:14; Mateus 5:45; 6:26, 30.

A doutrina do controle de Deus no universo não nega a realidade das segundas causas: ela meramente mostra a Deus como a primeira causa e o Criador de todas as segundas causas. Deus arranjou as segundas causas de modo que elas cumprissem a Sua vontade. As leis físicas são reais: elas prevalecem em todos os casos, salvo onde Deus as afasta nos Seus atos miraculosos. Levanta-se o vapor, a chuva cai e o vento assopra segundo certas leis; mas Deus ordenou essas leis e Ele agora sustenta todas as coisas segundo a natureza original de cada uma e conforme a Sua intenção para

com elas, de maneira que Deus é realmente Quem causa o vapor subir, a chuva cair e o vento assoprar. Negar a existência da lei é tolice. Representar a lei como operando independente de Deus é infidelidade.

O controle de Deus não cessa com as forças impessoais do universo: ele estende-se e compreende todas as ações dos homens. Isto se mostra pelas seguintes passagens: Êxodo 9:12; 12:36; Salmos 33:14,15; 76:10; Provérbios 19:21; 16:4; 20:24; 21:1; Jeremias 10:23; Daniel 4:35; Isaías 44:28; João 12:37,39,40; Atos 4:27,28.

Entende-se que tal controle dos homens inclui seus atos maus bem como os bons. O controle de Deus dos atos maus humanos pode ser dividido em quatro tipos:

### 1. PREVENTIVO

Gênesis 20:6; 31:24; Salmos 139:3; 76:10.

### 2. PERMISSIVO

Salmos 81:12,13; Oséias 4:17; Atos 14:16; Romanos 1:24,28.

É na área da vontade permissiva ou absoluta do controle de Deus que 1 Samuel 18:10 trata. Aqui nos é dito que “o mau espírito da parte de Deus se apoderou de Saul”. É assim que devemos entender Deus e o endurecimento e a cegueira entre os pecadores, como em Êxodo 9:12; Romanos 9:18; João 12:40. É também a este assunto que devemos referir Atos 4:27,28, o qual tem a ver com a crucificação de Cristo. Deus ordenou que Cristo morresse sobre a Cruz, mas Ele meramente deteve o Seu poder coercitivo e permitiu que os ímpios seguissem a sua própria inimizade natural contra Cristo. Em 2 Samuel 24:1 e 1 Crônicas 21:1 percebemos a prova de fato que algumas vezes na Bíblia as coisas que Deus permite a outros cometerem são atribuídas a Ele. Em 2 Samuel 24:1 diz-se que Deus moveu Davi a numerar Israel, ao passo que, em 1 Crônicas 21:1, a mesma coisa é atribuída a Satanás.

### 3. DIRETIVO

Gênesis 50:20; Isaías 10:5. Assim, enquanto Deus permite o pecado, Ele também o dirige para realizar tais propósitos como Lhe apraz.

#### 4. DETERMINATIVO

Deus não só permite o pecado e o dirige, mas marca os limites além dos quais não pode ir e Ele prescreve as linhas dos seus efeitos. Veja Jó 1:12; 2:6; Salmos 124:2; 1 Coríntios 10:13; 2 Tessalonicenses 2:7.

A doutrina do controle de Deus do universo refuta o deísmo, o qual ensina que Deus criou o universo e depois se retirou dele, deixando-o funcionar independentemente de Sua direção.

As citações a seguir podem ajudar a explicar a relação de Deus com o pecado:

*“Que os pecados dos homens procederam deles mesmos; que, no pecar eles realizam essa ou aquela ação é de Deus, que separa as trevas de acordo com o seu prazer.” (Agostinho).*

*“Deus não é a força causal, mas a força dirigente nos pecados do homem. Os homens estão em rebelião contra Deus, mas não estão fora de Seu controle. Os decretos de Deus não são a causa necessária dos pecados do homem, mas eles são os limites pré-determinados e prescritos que direciona os atos pecaminosos dos homens.” (C. D. Cole, Baptist Examiner, Examinador Batista, 01 março de 1932).*

*“Aquilo que o pecado deseja, o homem deseja; o homem é culpado; o homem é condenado, mas o Deus Onisciente impede esses desejos de produzirem ações indiscriminadamente. Ele compele tais desejos divinamente a tomar um determinado e estreito curso. As inundações de iniquidade originam-se nos corações dos homens, mas eles não são permitidos a cobrir a terra; eles estão limitados a transcorrer no canal da vontade Soberana de Deus e os homens são ignorantemente assim limitados, de modo que nenhuma parte do propósito de Deus falhe. Ele canaliza as inundações dos ímpios a fluir conforme a Sua providência para girar o moinho do Seu propósito.” (P. W. Heward).*







# O SENHOR JESUS CRISTO

Estudamos Deus o Pai e a doutrina da Trindade. Necessitamos agora estudar os outros dois membros da Trindade. Neste capítulo nosso estudo é para ser devotado ao Senhor Jesus Cristo, Deus o Filho.

## **I - SUA PREEXISTÊNCIA E ETERNIDADE**

A preexistência de Cristo significa Sua existência antes da encarnação. A Escritura ensina esta doutrina muito claramente. Mas, mais que isso, ela ensina também que Ele existiu desde toda a eternidade. Em nosso estudo da Trindade notamos que as distinções na Divindade são eternas. As seguintes passagens estabelecem claramente a preexistência e eternidade de Deus o Filho:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João 1:1).

“Eu desci do céu” (João 6:38).

“E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse.” (João 17:5).

## II - SUA ENCARNAÇÃO

Este mesmo Filho preexistente e eterno fez-se carne, tomou sobre Si um corpo humano, habitou entre os homens e se deu como sacrifício pelos pecadores.

Notemos:

### 1. O FATO DA ENCARNAÇÃO

“E o Verbo se fez carne” (João 1:14).

“Que... esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2:6,7).

“Diz... corpo me preparaste” (Hebreus 10:5).

### 2. A NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

**Foi preciso que Ele suportasse o sofrimento corporal, uma vez que sofreria como substituto do homem**

O sofrimento final dos pecadores no inferno será um sofrimento tanto do corpo como da alma (Mateus 10:28). Logo, desde que Jesus veio sofrer em lugar dos pecadores, foi necessário que Ele tivesse um corpo no qual sofresse.

**Foi preciso que Ele tivesse um corpo para que pudesse “como nós, em tudo foi tentado”, de maneira que, como sumo sacerdote, pudesse “compadecer-se das nossas fraquezas” (Hebreus 4:15)**

O anjo Gabriel não pode simpatizar conosco quando somos tentados, porque ele nunca conheceu tentação na carne. Mas Cristo pode. “Naquilo que Ele mesmo,

sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Hebreus 2:18).

**Foi preciso que Ele tivesse provação na carne e rendesse perfeita obediência à Lei a fim de que operasse a justiça que poderia ser imputada a nós**

A justiça a nós imputada pela fé não é justiça como atributo pessoal atribuído a Deus, mas é a justiça operada por Cristo em nós em Sua vida terrena. E isto é indicado porque a justiça a nós imputada descreve-se como sendo pela fé ou através da fé em Cristo (Romanos 3:21,22; Filipenses 3:9).

**A encarnação foi também necessária ao seu ministério docente, à Sua escolha dos doze apóstolos e fundação da igreja, à Sua fixação de um modelo para nós de perfeita obediência à vontade de Deus**

Estas coisas são as que Deus viu que poderiam ser mais bem cumpridas através da carne. Portanto, o Cristo encarnado foi enviado a cumpri-las.

### III - SEU NASCIMENTO SOBRENATURAL

A encarnação de Cristo é um mistério incompreensível à mente finita. É um fenômeno sobrenatural. Daí a necessidade do sobrenatural nascimento virginal de Cristo, como mostrado nas seguintes passagens:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo.” (Mateus 1:18).

“Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho” (Mateus 1:23 - citado de Isaías 7:14).

“E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.” (Lucas 1:35).

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1:14).

O nascimento de Cristo foi milagroso. Mas vamos tomar cuidado em não empurrar o elemento miraculoso a uma medida que destrua a realidade da natureza humana de Cristo. Do que consistiu o milagre do nascimento de Cristo? Não consistiu da criação miraculosa do corpo de Cristo, nem de um nascimento imediato, mas

de apenas uma concepção no ventre de Maria (Mateus 1:20; Lucas 1:31). Há toda evidência que o corpo de Jesus passou por embriogenia<sup>1</sup> e fecundação, assim como os corpos de outros bebês humanos fazem, e que ele foi levado no ventre de sua mãe para o habitual período de nove meses (Lucas 1:56, 2:6). É bastante claro que o elemento miraculoso na encarnação consistia apenas da impregnação divina do óvulo. Assim, a natureza humana de Cristo foi feita uma natureza humana normal, mas, no entanto, completamente santificados e preservados de toda mancha de pecado pela implantação da Divindade.

#### IV - SUA HUMANIDADE

As seguintes passagens mostram que Cristo tinha uma natureza humana:

“Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte” (João 4:6).

A Deidade não pode cansar-se.

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher” (Gálatas 4:4).

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem.” (1 Timóteo 2:5).

O corpo de Cristo e a natureza humana em todos os aspectos era como o nosso, exceto que não havia nenhuma mancha de pecado nele. Ele era a carne da nossa carne e sangue do nosso sangue. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo.” (Hebreus 2:14).

Acerca do lado humano de Jesus, ele era um judeu genuíno. Temos dito claramente que Ele “nasceu da descendência de Davi segundo a carne” (Romanos 1:3). Veja também João 7:42, Atos 13:23, 2 Timóteo 2:8. As características físicas de Jesus eram as de um judeu e, portanto, a mulher samaritana o reconheceu como um judeu

(João 4:9). Então Jesus livremente reconhecia-se como um judeu (João 4:22).

Nós devemos ser tão zelosos em manter a humanidade de Cristo como somos em manter a Sua divindade. Foi contra aqueles que negavam a verdadeira humanidade de Jesus que João escreveu em 2 João 7-11. E ele mostra que o erro deles foi

1 s.f. Série de formas pelas quais passa um organismo animal ou vegetal desde o estado de ovo ou de espório até o estado adulto. Fonte: <http://www.dicio.com.br/embriogenia/>

tão fatal como o erro daqueles que negam a Sua divindade. Como demonstrado na discussão anterior sobre a encarnação, foi tão necessário que Ele fosse homem como foi que Ele fosse - e é - Deus.

## V - SUA DEIDADE

“E o Verbo era Deus” (João 1:1).

“Eu e o Pai somos um” (João 10:30).

“O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu” (1 Coríntios 15:47).

“O qual é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Colossenses 1:15).

“O qual, sendo o resplendor de Sua glória, e a expressa imagem de Sua pessoa” (Hebreus 1:3).

“E chama-lo-ão pelo nome de Emanuel, que traduzido é: Deus conosco” (Mateus 1:23).

A noção dos modernistas que Jesus era divino somente no sentido que consideram os homens serem divinos não concorda com essas passagens. O homem não é divino na sua condição natural. Após a regeneração ele tem uma natureza divina habitando nele, mas também retém a natureza humana pecaminosa. Não se diz nunca que o homem, mesmo depois da regeneração, é Deus, ou que Ele é o “resplendor de Sua glória”.

Como Cristo poderia ser Deus e homem é um mistério além da capacidade do homem de compreender. O homem não tem qualquer fundamento para a negação do mesmo. É um fato revelado, necessário, como já vimos, à obra que Cristo veio fazer.

## VI - SUA VIDA SEM PECADO

“Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus.” (2 Coríntios 5:21).

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado” (He-

breus 4:15).

“Porque nos convinha tal sumo-sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus” (Hebreus 7:26).

## VII - SUA MORTE SACRIFICIAL

“Mas Ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados” (Isaías 53:5).

“Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a Sua vida em resgate por muitos” (Mateus 20:28).

“O qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação” (Romanos 4:25).

“Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras” (1 Coríntios 15:3).

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (Gálatas 3:13).

“Levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça, e pelas Suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2:24).

“Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus” (1 Pedro 3:18).

“O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 João 1:7).

“Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4:10).

Cristo não morreu apenas como um mártir. Em certo sentido Ele foi um mártir. Sua morte foi provocada, de um ponto de vista humano, por sua fidelidade à vontade do Pai. Mas Ele foi mais do que um mártir. Ele foi o substituto para os pecadores. Ele morreu em seu lugar.

*“A angústia, não de mártir, não pode ser computada e o desamparo do Pai não se justifica sobre a hipótese que Cristo morreu como simples testemunha da verdade (nem sobre qualquer outra hipótese, exceto a que afirma que Ele morreu como*

*um substituto de pecadores para satisfazer a justiça de Deus). Se os sofrimentos de Cristo não foram propiciatórios, eles não nos fornecem um exemplo perfeito, nem constituem uma manifestação do amor de Deus... Se Cristo foi apenas um mártir, então não é um exemplo perfeito, pois muitos mártires mostraram maior coragem ante a perspectiva da morte e na agonia final puderam dizer que o fogo que os consumia era 'um leito de rosas'. O Getsêmani com sua angústia está aparentemente lembrado para indicar que os sofrimentos de Cristo, mesmo na cruz, não foram principalmente físicos.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 399).*

## VIII - SUA RESSURREIÇÃO

### 1. PROFETIZADA

Salmos 16:9,10.

### 2. ENSINADA PELO PRÓPRIO JESUS

Mateus 12:40; 16:4; 20:19; 26:32; Marcos 9:9; Lucas 18:33; 24:26; João 2:19,21.

### 3. TESTEMUNHADA PELO ANJO

Mateus 28:6.

### 4. ENSINADA PELOS APÓSTOLOS

Atos 2:24; 3:15; 4:10,33; 10:40; 13:30-33; 17:2,3,31; 26:23,26; Romanos 1:4; 4:25; 6:4,5,9; Efésios 1:20; Hebreus 13:20; 1 Pedro 1:3; 3:18; Apocalipse 1:5.

### 5. PROVADA POR ARGUMENTOS RACIONAIS

Para argumentos em prova da ressurreição de Cristo, veja o Capítulo 1º.

## IX - SUA ASCENSÃO

### 1. PROFETIZADA

Salmos 68:18.

**2. ENSINADA PELO PRÓPRIO JESUS**

João 6:62.

**3. RECORDADA PELO ESCRITOR EVANGÉLICO**

Marcos 16:19.

**4. RECORDADA PELO HISTORIADOR INSPIRADO**

Atos 1:9.

**5. DECLARADA PELOS APÓSTOLOS**

Atos 3:21; Efésios 1:20; 4:8; 1 Timóteo 3:16; Hebreus 4:14; 9:24.

**6. PROVADA POR SUA PRESENÇA À DESTRA DO PAI**

Atos 7:56.

**X - OS SEUS OFÍCIOS****1. PROFETA**

Deuteronômio 18:15,18; Mateus 21:11; Lucas 24:19; João 6:14.

**2. SACERDOTE**

Hebreus 3:1; 5:6; 6:20; 7:11,15-17, 20-28; 8:1,2,6.

**3. REI**

Números 24:17; Salmos 72:8,11; Isaías 9:6,7; 32:1; Jeremias 30:9; Ezequiel 37:24-25; Daniel 7:13,14; Oséias 3:5; Miquéias 5:2; Zacarias 9:9; Mateus 2:2,6; 19:28; 21:5; 28:18; Lucas 1:33; 19:27; 22:29,30; João 1:49; 12:13,15; 12:19.

Como profeta, Cristo ensinou a vontade de Deus. Como sacerdote, Ele ofereceu o Seu próprio sangue no templo celestial (Hebreus 9:11-14) e intercede pelos crentes (Hebreus 7:25). Como Rei, Ele possui todo poder (Mateus 28:18) e rege agora um reino invisível e espiritual (João 18:36,37), e mais tarde regerá visivelmente a terra (Salmos 66:4; 72:16-19; Isaías 2:2; Daniel 7:13,14,18,22,27; Hebreus 10:13; Apocalipse 15:4).





## CAPÍTULO 10

# CARACTERÍSTICAS DE JESUS COMO PREGADOR

Jesus era o maior pregador de todos os tempos. Ele é o perfeito modelo de Deus para pregadores. Os Evangelhos são os maiores livros já escritos sobre como pregar. Há uma grande necessidade hoje de pregadores fazerem um novo estudo de Jesus como Pregador. Mas não são apenas os pregadores que necessitam estudá-lo; as igrejas precisam desse estudo também. As igrejas precisam estar familiarizadas com o modelo de Deus de pregação para que possam endossar e apoiar um ministério fiel. Vamos observar as seguintes características de Jesus como pregador:

## I - ELE NÃO TINHA O DESEJO DESORDENADO POR NÚMEROS QUE ALGUNS PREGADORES MODERNOS TÊM

Em muitas ocasiões grandes multidões seguiam a Jesus. Mas nem por isso Ele foi lisonjeado a mimar e acariciar a multidão a fim de os tornarem seus discípulos. Antes, Ele era habituado na presença das multidões a estabelecer provas mais severas de discipulado e proferir as repreensões mais fervorosas contra o pecado. Algumas instâncias destacadas sob consideração aqui podem ser achadas em João 6:22-71; Marcos 8:34-38; Lucas 12:1-53; Lucas 14:25-35. Cristo buscou qualidade ao invés de quantidade. Ele continuamente magnificou o lado mais severo do discipulado e, portanto, peneirou as multidões inconstantes. Tão poucos das grandes multidões se tornam discípulos verdadeiros! Um Billy Sunday teria feito a Palestina inteira “descer até o altar”. E muitos pregadores batistas teriam multiplicado milhares de profissões de fé. Julgado pelos padrões modernos, Jesus seria uma falha colossal como evangelista!

Hoje as igrejas Batistas estão inundadas pelos não-regenerados principalmente porque nós, ao contrário de Cristo, tivemos um desejo desordenado por números. É certo ter um zelo ardente pelos perdidos. Jesus o tinha em grau infinito, mas é um erro triste permitir que o nosso zelo atreva-nos a tomar o lugar do Espírito Santo na salvação de uma alma. Na maioria das vezes esse desejo desordenado por números vestiu a capa de um zelo evangelístico sincero e recomendável, porém equivocado. Não obstante, tem sido trágico nos seus resultados. Este erro trouxe as igrejas Batistas ao ponto de terem tão pouca consideração por um pastor que declara todo o conselho de Deus quanto os fariseus tiveram por Cristo. Tem praticamente extinguido a linha de demarcação entre a igreja e o mundo. B. H. Hillard disse certa vez:

*“A maldição perniciosa tem sido, e ainda é que os Batistas entraram numa corrida louca por membros até que milhares adentraram as nossas igrejas tendo tão pouca religião quanto um povo pagão. Isso não é uma ‘queixa’ pessimista, mas um fato trágico. Pode um homem salvo pode ter absolutamente nenhum interesse na causa de Cristo? Pode um homem salvo pode gastar tudo que ganha em prol de si mesmo e dos seus e esquecer completamente a causa do Senhor? Pode um homem salvo profanar o Sábado Cristão sem a mínima limitação? Pode um homem salvo ir habitualmente absolver toda forma de entretenimento*

*pecaminoso e mundano – especialmente quando sua igreja o opõe? Pode um homem salvo fechar seu coração contra o clamor de uma humanidade morrendo e amaldiçoada pelo pecado, em luz do mandamento claro da Escritura – as últimas palavras do nosso Senhor? Eu não creio em sequer uma palavra disto. Jesus disse: “Por seus frutos os conhecereis”. Isto basta. Isto conta uma história triste. Isto condena os homens ao inferno a não ser que a graça de Deus intervenha.”*

Estima-se que os perdidos dentro das nossas igrejas abrangem de cinquenta a setenta e cinco por cento. Claro, ninguém sabe a porcentagem exata. Mas sem dúvida é cego aquele que não vê que é representado, naquilo que o homem pode ver, por um número grande.

De onde veio essa multidão de incircuncisos? Deus acrescentou-os na igreja? Não, não foi isso. Deus acrescenta somente aqueles que são salvos. Então, de onde vieram esses? Podemos traçar suas presenças até no mínimo duas causas subjacentes:

## **1. ESQUECIMENTO QUE OS RESULTADOS PERTENCEM A DEUS**

“Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento” (I Coríntios 3:6). Não cabe a nós sermos primordialmente preocupados com resultados. Devemos ter todo cuidado em sermos servos obedientes a Deus e deixar os resultados inteiramente para Ele. Precisamos ser avisados nesse sentido especialmente hoje, quando o mundo comercial enfatiza resultados como nunca antes. Eficiência na produção é o maior fim buscado hoje no mundo comercial. Esse é o espírito nos tempos em que vivemos, e tal espírito é tão infeccioso quanto varíola. E um devoto estudo da Palavra com a mente aberta é a única vacina que nos torna imunes a esse espírito.

## **2. ABUSO DE CONFERÊNCIAS PROLONGADAS E EVANGELISMO EXTERNO**

Essas coisas são boas em si mesmas, é o seu abuso que deve ser evitado. A pregação da palavra sempre é digna, e quando a igreja sente-se guiada a ter um período especial de pregação, seja aos salvos, aos perdidos, ou ambos, com certeza tem aprovação e precedente Bíblica para fazê-lo. E se uma igreja e pastor sentem-se guiados a chamar um homem de fora para fazer a pregação, têm também precedente escriturístico na ida de Barnabé a Tarso em busca de Paulo para que pregasse em Antioquia

em uma Conferência estendida. O mal vem no abuso dessas coisas Bíblicas. A solução sábia para esses problemas não está em aboli-los, mas em livrar-los do mal. Nós chegamos ao ponto de pensar que precisamos ter resultados durante um destes cultos especiais. Normalmente, se resultados em profissões de fé não se manifestam logo cedo na reunião, então outro recurso é usado – “blasonaria”, alta pressão, emocionalismo radical, convites exploradores, muitas proposições insinceras, e muita apelação. Se a reunião vai ao cabo sem qualquer “decisão” todo mundo sente que a reunião era uma falha. Em tal caso o evangelista normalmente não recebe tanto dinheiro pela reunião. E se ele tiver muitas reuniões assim, é provável que a carreira evangelística dele será limitada. Desses modos, temos chegado inconscientemente a adotar métodos antibíblicos de evangelismo falso. Oh, quando aprenderemos que cabe a nós pregar a palavra publicamente e em particular, em tempo e fora de tempo, e depois deixar os resultados com Deus! Isso nos traz naturalmente a próxima característica de Jesus que desejamos notar, em conexão com qual notaremos outras coisas que trazem os perdidos para dentro de nossas igrejas.

## **II - ELE DEPENDIA INTEIRAMENTE NA PALAVRA DE DEUS PARA EFETUAR RESULTADOS**

Jesus usou apenas um método de evangelismo. Aquele único método era a pregação da Palavra. Há muitas coisas que Cristo não usou em sua pregação aos perdidos. Vamos notar alguns deles:

### **1. ELE NÃO DEPENDIA DO MAGNETISMO PESSOAL OU DA PSICOLOGIA DE MASSA**

Ele tinha magnetismo pessoal. E, sem dúvida, muitos foram atraídos a Ele por isso. Mas logo eles tiveram seu “copo cheio”. E o fato de tantos estarem atraídos a Ele explica porque Ele fez a maioria das Suas pregações severas às multidões. Ele conhecia a natureza humana e sabia que quando as multidões compareceram ao Seu ministério era hora de peneirar. Portanto era o Seu costume impor suas provas mais severas de discipulado na presença das multidões. Certa ocasião Jesus disse a um grupo de judeus: “Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (João 6:53). Ele não poderia proferir uma

coisa mais ofensiva aos judeus do que isto. Até a idéia deles se tornarem canibais, especialmente em vista dos regulamentos austeros sobre carnes limpas e não limpas e a proibição divina contra o comer de sangue. Claro que Cristo falava figurativa e espiritualmente (João 6:47), mas eles O entenderam como falando literalmente nesta ocasião, como o versículo 52 nos mostra. E Cristo não se esforçou para explicar o seu sentido para eles. Assim Ele afasta de Si aqueles que foram atraídos a Ele por mera influência pessoal.

Em outra ocasião, quando uma multidão O seguia, Jesus lhes disse: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Marcos 8:34). Assim Ele aplicou outra vez a prova rigorosa do discipulado. Novamente, em outra instância parecida, Ele virou-se à multidão e disse: “Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lucas 14:26). Depois Ele exortou-os a sentarem e fazerem as contas dos gastos.

O pregador deve empenhar-se em viver de tal maneira que sua vida não contradiga a sua pregação. E Deus pode manifestar a realidade e veracidade da Sua Palavra na vida do pregador. Mas mero magnetismo ou influência pessoal nunca produziram sequer um discípulo verdadeiro de Cristo. Têm feito muitos falsos, mas nunca sequer um verdadeiro. A verdade sobre a qual o discipulado baseia-se é a de revelação divina (Mateus 16:17). A atração não deve ser o pregador, mas o Cristo que ele apresenta. João 12:32.

A condenação seguinte de certa forma de psicologia em massa apareceu em “Faith and Life” (Fé e Vida) editado por Roy Mason, Tampa, Florida (Edição de Maio de 1934):

*“A prática atual de várias campanhas Batistas de avivamento e evangelismo seria um ‘fracasso’ total se não fosse pelos grupos de crianças psicologicamente forçados a entrarem na igreja. Frequentemente quando ouve-se que houve um grande número de ‘convertidos’ durante um avivamento, você descobre, ao fazer uma investigação mais profunda, que muitos deles são crianças da Escola Dominical. Eis aqui o que acontece normalmente: No segundo domingo da reunião, as classes da Escola Dominical reúnem-se por pouco tempo e depois vão ao auditório onde o pregador dirige-se às crianças (normalmente com assuntos para provocar lágrimas) e apela-lhes a fazerem uma profissão de fé. Com o ape-*

*lo do pregador, o encorajamento dos professores, e a influência de psicologia em massa, as pobres crianças tem pouca esperança. O que acontece? Uma criança começa a procissão e os outros a seguem e, que grande culto!? Igrejas Batistas têm sido, e estão sendo, enchidas ainda com pessoas não salvas através deste tipo de coisa.”*

E novamente no mesmo artigo, lemos:

“É altamente perigoso tratar-mos um grande grupo de crianças de tal forma a incentivar a mudança em massa. Qualquer homem que sabe o mínimo de psicologia infantil pode suceder em pôr em desbandada um monte de crianças.”

O escritor dessas linhas não deixaria, por nada, um pastor visitante ou evangelista arrebanhar suas crianças da Escola Dominical e aproveitar deles na maneira sugerida. Quando crianças são levadas a fazer profissão de fé em grupo, é geralmente verdadeiro que muitos deles não sabem da fé salvadora em Jesus Cristo. Uma criança lidera; outra criança segue. Por que falamos tais coisas? Porque temos batizado pessoas que foram salvas muito tempo após cometerem tal erro na infância. Recentemente duas pessoas confessaram em conversa privada que foram recebidas como membros da igreja na juventude na forma indicada acima. E por cada uma que vê o seu erro e é salva verdadeiramente mais tarde, há sem dúvida muitas que nunca enxergarão o seu erro e continuarão para o inferno.

“É nada menos que um crime tratar crianças como elas são tratadas em reuniões de avivamento. ‘Corais Juvenis’ e ‘Hora da História’ são, como regra, nada a não ser esquemas e ferramentas usadas para fazer crianças membros da igreja. Às vezes, os que usam tais métodos, sem dúvida são sinceros ao pensar que fazem a coisa certa, quando na verdade estão ajudando a ‘abater as crianças’ espiritualmente.”

## **2. ELE NÃO DEPENDIA DE MERO TRATO HUMANO E DIPLOMACIA**

Trato humano e diplomacia nunca teriam levado Jesus ao Templo para expulsar os cambiadores, nem teriam O levado a denunciar os fariseus como Ele fez. Bom trato humano e diplomacia teriam o levado a evitar o rompimento com os líderes religiosos de Seu tempo. Se Ele tivesse sido um diplomata, teriam arrazoado que Ele poderia realizar mais, estando por dentro da sociedade religiosa da Sua era e reformando-a, ao invés de romper violentamente com ela. Esse é o raciocínio de

alguns hoje quanto as igrejas e associações corruptas. Mas eles estão completamente errados. Deus não nos comissionou a sair e reformar instituições corruptas. Quando uma igreja ou instituição toma uma posição contra a verdade e justiça, o mandamento de Deus a todo cristão é “saí do meio deles, e apartai-vos” (II Coríntios 6.17).

É verdade que em certas ocasiões, a abordagem e conduta de Cristo podem ser consideradas como tendo trato e sendo diplomático até do ponto de vista humano. Mas o fato de que não era sempre assim, mostra que para Ele não era questão de ser delicado e diplomático, mas de ser de acordo com a vontade de Deus. Deveria ser o mesmo conosco. Devemos sempre considerar o que Deus deseja que seja falado e feito, e não o que é diplomático e aceitável socialmente. Se a vontade de Deus é o nosso critério, nós podemos em certa ocasião agir com bom trato e diplomacia, mas em outras ocasiões devemos agir da forma oposta.

### 3. ELE NÃO DEPENDIA DE ALTA PRESSÃO E EMOCIONALISMO INTENSO

Ele não buscou nenhuma decisão rápida. Ao contrário, Ele exortava o povo de assentar-se e fazer as contas dos gastos antes de decidir serem Seus discípulos. Veja Lucas 14:26-33. Quantos evangelistas fazem isso hoje? Ao invés disso, muitos buscam diversas maneiras de acionar a persuasão. O evangelismo de alta pressão não tem uma base Bíblica nem alicerce nos fundamentos sadios da psicologia. Charles S. Gardner, no seu livro sobre “Psychology and Preaching” (Psicologia e Pregação) tem comentários valiosos sobre essa ligação. Ele diz:

*“É notável que aqueles que dependem de sugestões de método para influenciar outros insistem numa ação imediata, enquanto aqueles que instintivamente resistem a esse tipo de influência insistem num adiamento de ação, e é um instinto sadio. O desejo de adiar ação pode ser, e com frequência é, o resultado de inércia moral, ou de um hábito que tem enfraquecido a vontade, ou de uma inclinação positiva em direção errada. Tantas vezes é assim o caso, que se hesita em questionar qualquer coisa para encorajar o deferimento de ação em resposta a um apelo. Mas, é verdadeiro no obstante que, se o resultado não é um impulso bem pensado, mas uma mera reação ansiosa sob o poder da persuasão, não tem nenhum valor ético (é assim a maioria das profissões de fé hoje – meras reações ansiosas ao poder da persuasão – Autor). O único antídoto para uma vontade enfraquecida é estimulá-la a uma ação voluntária e controlar*

*a sua conduta racional. E uma reação motora imediata induzida apenas por sugestão só acrescenta o enfraquecimento da vontade... uma pessoa é frequentemente manipulada a fazer uma ação que é subsequentemente deplorável e será reconsiderada apenas com dificuldade; ou é compromissada numa posição que desejaria deixar, mas não pode sem parecer um tolo; e, portanto, passa pela vida envergonhada e moralmente prejudicada pela sua consciência, por participar nos relacionamentos falsos. Isso descreve exatamente a situação de milhares hoje que estão no rol de membros das igrejas Cristãs; e isso, ao mesmo tempo em que permite a igreja ter orgulho quanto aos números, é uma das causas principais da falta de poder da Cristandade organizada. Eu ousou dizer que os resultados desastrosos desse método de psicologia falsa são mais abrangentes e imediatos na esfera religiosa do que em qualquer outro lugar”.*

Quase todo o evangelismo hoje incorpora esse método falso. É uma surpresa que as nossas igrejas se encontram nas condições que estão? E, se esse método pode ser culpado na base da psicologia, quanto mais na base bíblica?

#### **4. ELE NÃO DEPENDIA DE EMPREENDEDORISMO**

Uma das noções mais falsas que já tomaram conta da mente de qualquer pregador é que o pregador deve usar métodos populares de vendedor. Empreendedorismo bem sucedido é baseado no método de sugestão que já foi tratado. Imagine um vendedor falando ao cliente prospectivo: “Sente-se, faça as contas dos gastos e veja se você é capaz de comprar isto que estou tentando vender a você”. Em efeito, isso é o que Cristo disse à multidão. A maioria dos vendedores morreriam de fome se empregassem esse método.

Técnicas de venda no ministério são responsáveis quase integralmente pelos perdidos estarem em nossas igrejas. Joshua Gavett disse certa vez: “O Senhor nos livre dos homens ardilosos”. Pregadores-empresendedores são os homens ardilosos dos quais precisamos ser libertos.

#### **5. ELE NÃO MEXIA COM A ALMA NEM TENTAVA AJUDAR O ESPÍRITO SANTO**

Nem Jesus e nem qualquer outro pregador neotestamentário fez isto. Todos eles



pregaram a Palavra e deixaram os homens e mulheres encararem-se pessoalmente com ela. Se tivesse algum pregador de hoje em dia no lugar de Cristo quando Nicodemos veio falar com Ele, eles falariam: “Vamos ajoelhar aqui mesmo e resolver essa questão já” e depois habilidosamente arrancariam uma profissão de fé de Nicodemos pelo “método saca-rolhas”. Porque Cristo não fez isto? Perguntamos novamente, por que Ele não fez isto? E aguardamos a resposta de alguém que empregue esse método. Muitos dos pregadores hoje em dia usariam a mesma técnica com a mulher na fonte de Jacó. E ao pregar às multidões, muitos dos pregadores modernos teriam concluído com algo assim: “Agora todos vocês que querem ser salvos, venham aqui na frente para orar”. Mas Cristo e os apóstolos nunca usaram esse método. Novamente indagamos o porquê. Cristo e os discípulos eram pregadores modelo? Ou eles deixaram de fazer algumas coisas bastante essenciais?

O ‘banco dos arrependidos’<sup>1</sup> não é apenas extra-bíblico, mas é também anti-bíblico. É contra as Escrituras tanto quanto o confessionário do Catolicismo Romano. Um pregador Batista, ao convidar pecadores a virem para ele ou outros a fim de receber oração, é tão culposo quanto um padre que se assenta no confessionário.

O ‘banco dos arrependidos’ é o melhor lugar do mundo para excitar as emoções carnis e enganar pecadores a fazerem uma profissão de fé sem serem salvos. É inteiramente do diabo.

Ainda, o costume de convidar pecadores à frente da igreja para orar, traz confusão sobre a oração. Oração aceitável precisa ser acompanhada de fé, pois “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram?” (Romanos 10:14). Se um pecador pode alcançar Deus, a não ser por Cristo, então a mediação de Cristo não é necessária, mas sim arbitrária. Cristo disse: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João 14:6). Sendo isto verdadeiro, sabemos que cada homem que já chegou a Deus o fez através Cristo. E para chegar-se a Deus por Cristo significa alcançar-IO pela fé em Cristo. Um pecador pode passar pela forma de chamar a Deus, mas a sua oração nunca chegará a Deus até que ele coloca a sua fé em Cristo. Portanto, a necessidade primordial do pecador não é de ser levado a orar. Ele fará isso voluntariamente quando a sua convicção chegar ao ponto apropriado. O que ele

---

1 O ‘banco dos arrependidos’ era um lugar na igreja, geralmente em uma sala perto do púlpito, onde aqueles que ficaram comovidos pela pregação podiam lamentar os seus pecados, aceitar Cristo, e poderiam ser aconselhados acerca de problemas pessoais. Foi popularizado pelo evangelista Charles Finney (1792-1875) para ajudar os “perto do reino” a serem salvos pela ida deles à frente da igreja. Faz parte do “Evangelismo Fácil” ainda hoje.

precisa é ser informado como ele pode achar reconciliação com Deus.

Simão, o mago, foi exortado a orar, mas não a vir ao ‘banco do arrependimento’; nem foi exortado a orar como um pecador. É claro que ao passo que Pedro cria que Simão era perdido, ele ainda reconhecia que havia ao menos a mínima possibilidade que ele fosse salvo e dirigiu-lhe estas palavras baseadas naquela possibilidade. De outra forma, a expressão “porventura te seja perdoado o pensamento do teu coração” não tem significado nenhum. Certamente Deus perdoará o pecador quando este se arrepender e crer em Cristo, como um resultado da obra regeneradora do Espírito Santo. Se um pecador busca arrepender-se da mesma maneira que os salvos se arrependem, um arrependimento diferente daquele na experiência inicial da regeneração, ele não encontrará a capacidade de assim se arrepender nem encontrará o perdão de Deus, mesmo orando muito. Então Pedro propôs uma prova por qual ele poderia detectar sua verdadeira posição diante de Deus.

Uma interpretação verdadeira desta passagem faz com que a Bíblia não tenha sequer um caso onde um pregador neotestamentário instrui o pecador a orar ainda sendo um pecador.

O publicano orou (Lucas 18:13, 14), mas não era como no ‘banco do arrependimento’. Sua oração foi respondida, mas não sem fé; ou ele foi salvo sem fé.

Cornélio orou e foi ouvido (Atos 10:31); mas não sem fé. Cornélio tinha a mesma fé que todos os santos do Velho Testamento tiveram. Isto é evidenciado por ao menos dois fatos: (1) Sua doação de esmolas recebeu aprovação divina (Atos 10:4, 31). Ao comentar o versículo 31, H.B. Hackett bem falou: “Ele é assegurado agora da aprovação dos seus atos; os atos foram aprovados quando ele os fez” (*An American review of the New Testament, Um Comentário Americano do Novo Testamento*). Mas “o sacrifício dos ímpios é abominável ao Senhor” (Provérbios 15:8). E “os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Romanos 8:8). (2) As palavras de Pedro (Atos 10:34-35) distintamente indicam que Cornélio era um fazedor de justiça e era, assim sendo, aceito por Deus. Sua doação de esmolas e as outras ações de Cornélio ou eram obras mortas do qual ele precisava arrepender-se, ou eram obras de fé. Certamente não eram o primeiro, pois Deus não aceita obras mortas.

Mas tem sido dito que Cornélio não ouviu o evangelho até que Pedro desceu a ele. Tal afirmação é devido a um descuido. Em Atos 10:37, Pedro afirma que Cornélio sabia “a palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo”.

E mesmo se ele não houvesse ouvido de Jesus de Nazaré, ele ainda teria o evangelho do Velho Testamento, o mesmo evangelho que todos os outros santos do Antigo Testamento tiveram. A fé que ele tinha era aquela que olhava adiante para o Messias prometido.

Pedro tinha que descer a Cesária para assegurar a Cornélio que Jesus de Nazaré era o Messias prometido. Pois, tendo vindo a nova dispensação, ele precisava saber e crer nisto (pois ao mesmo tempo em que ouviu de Jesus, ainda não estava seguro que este era o Messias e, assim sendo, ainda não cria nEle como tal) para ser salvo no sentido pleno da palavra. Cornélio já era salvo no sentido de todos os outros santos do Velho Testamento eram salvos. Mas Cornélio, assim como todos os outros santos do Velho Testamento que entraram na nova dispensação, precisava reconhecer Jesus de Nazaré como o Messias e crer nEle como tal. Sua fé do Velho Testamento não era suficiente depois que chegaram a nova dispensação, especialmente depois que tinham ouvido de Jesus, como era o caso de Cornélio. Esta crença no Deus-homem, Jesus de Nazaré sendo o Messias, era necessária para sua salvação nos sentidos temporal e definitivo daquele termo. Para o sentido temporal da salvação veja Filipenses 2:12; I Timóteo 4:16. Para o sentido definitivo veja Romanos 13:11; I Pedro 1:5. Isso explica Atos 11:14.

Cornélio precisava ser salvo dos erros que existiam em sua mente por causa de uma fé que, aos olhos do Novo Testamento, era imatura. Ele precisava ser feito perfeito “quanto à consciência” (Hebreus 9:9). Isso não poderia ser realizado pela fé do Velho Testamento, que olhava através de exemplos e sombras. Para isto era necessário uma fé que plenamente percebia o Filho de Deus na carne como sendo o Messias prometido. Neste sentido e através desta fé madura neotestamentária o coração de Cornélio foi purificado depois de ouvir o evangelho de Pedro. Isso explica Atos 15:9. Com essa fé havia também arrependimento de muito que a fé imatura não tinha revelado. Isso explica Atos 11:18.

Depois que Cornélio exercitou essa fé madura neotestamentária, ele recebeu o Espírito Santo como os outros que eram já salvos tinham O recebido no dia de Pentecostes. Isso marcou o derramamento do Espírito sobre os gentios, mas de maneira nenhuma indica que Cornélio era apenas um pecador perdido até que Pedro desceu e pregou a ele. Nenhum santo durante a dispensação do Velho Testamento recebeu o batismo do Espírito Santo, nem a presença contínua do Espírito Santo. Veja o capítulo sobre o Espírito Santo. A fé plena do Novo Testamento era um pré-requisito de

ambos, e eles não são iguais.

Se pode dizer que Cornélio era um idólatra, por ter se prostrado para adorar Pedro; então pode também ser falado que o Apóstolo João ainda era um idólatra enquanto recebia revelações na Ilha de Patmos (Apocalipse 19:10; 22:8-9).

## **6. ELE NÃO ERA SENSACIONALISTA**

Ele nunca buscou fazer uma sensação da sua obra de curar nem das suas outras obras milagrosas. Ele mandou os que foram curados que não o contassem a ninguém. Ele nunca se promoveu a Si mesmo, nem encorajou outros a promoverem-se.

E temos um golpe mortal ao sensacionalismo na sua história do rico e Lázaro. O homem rico achou que seus irmãos arrepender-se-iam se Lázaro voltasse e pregasse a eles. Mas Jesus solenemente o lembrou que seus irmãos tinham Moisés e os profetas, e que, se não atentassem a eles, eles não se arrependeriam nem se um dos mortos voltasse. Imagine as multidões que Lázaro poderia ter tido para ouvi-lo! Sua fama alastraria como fogo descontrolado. O povo teria atropelado uns aos outros para escutá-lo. Em todo lugar seria gritado: “Há um pregador que morreu e voltou dos mortos pregando num culto especial na cidade. Ele está relatando o que experimentou ao morrer e ir para o seio de Abraão. Ele já viu o inferno e aqueles que já estão lá.” Os maiores locais de reunião não aguentariam as pessoas que se aglomerariam lá para o ouvir. Mas Jesus disse que nenhum se arrependeria com sua pregação como rejeitaram a mensagem calma de Moisés e os profetas! Que golpe mortal ao sensacionalismo!

## **III - ELE NÃO USOU TÉCNICAS NA SUA PREGAÇÃO PARA AGRADAR AS PESSOAS**

E ele não agradou todos. Ele nem agradou a maioria. Nenhum pregador que é fiel ao seu chamado será diferente. Cristo reprovou e repreendeu. Assim também todo pregador que cumpre a responsabilidade sagrada que foi dada a ele. Veja II Timóteo 4:2. Cristo não só repreendeu mas as vezes ele repreendia com dureza. O pregador de hoje é mandado fazer o mesmo quando a necessidade aparece. Veja Tito 1:13. Cristo granjeava o ódio do mundo – até o do mundo religioso. Ele disse que

todos os seus discípulos seriam odiados também. Veja João 15:18-20. Jesus disse que Ele veio trazer espada e dissensão. Veja Mateus 10:34-36 e Lucas 12:50-53. Estas coisas acompanharão o ministério de hoje daqueles que não detém nenhum conselho vindo de Deus. O pedido populoso é para um pregador que pode unir igrejas. Mas Deus não responsabilizou os pregadores a unir os salvos e perdidos na igreja. Apenas um ministério infiel unirá a grande maioria das igrejas nas condições da atualidade. Eles infelizmente precisam de uma divisão entre os salvos e perdidos que estão neles. Eles precisam limparem-se do fermento velho. I Coríntios 5:7.

A grande maioria das igrejas Batistas hoje não desejam um ministério fiel. Elas querem um empreendedor astuto, um diplomata, um vendedor habilidoso que saiba evitar as coisas mais ofensivas e enfeitar com açúcar o resto para que seja saboroso aos gostos pervertidos e mundanos. O clamor do banco da igreja moderna é o mesmo da velha – “Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, e vede para nós enganos” (Isaías 30:10). Mas o mandamento de Deus é: “Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao meu povo a sua transgressão” (Isaías 58:1).

Algum tempo atrás The British Weekly (O Semanal Britânico) trouxe uma acusação contra o clero da Igreja da Inglaterra, na qual disse que seus sermões nunca “picam e apunhalam” e que eles tratam de “incertezas embaçadas, ambiguidades nebulosas e evasões desajeitadas”. Isto é mais ou menos igual a maior parte das pregações nos púlpitos Batistas. Este é o tipo de pregação, e o único tipo, que manterá tudo em harmonia e a maquinaria bem lubrificada na vasta maioria de igrejas Batistas hoje. A pregação de Cristo não era desse tipo. Ela provocava muita oposição amarga e impelia a espada do Espírito nos corações dos homens pecadores. Ela criou uma tumultuosa divisão.

#### **IV - SEU ESPIRITO AJUSTOU-SE À ATITUDE E ÀS NECESSIDADES DOS SEUS OUVINTES**

Com a mulher adúltera Ele era muito manso, mas com os fariseus Ele foi duro. Este é o método de Deus (Salmos 18:25-26).

Porém, geralmente falando, o pregador precisa de ser manso (II Timóteo 2:24-25). Mas, por outro lado, há lugar para contundente repreensão pública (Tito 1:13;

I Timóteo 5:20). Se a mansidão trará o povo à verdade, então use mansidão. Se requer severidade para converter os homens do mal e pecado, então use-a. Siga o Espírito, e Ele te mostrará o necessário.

## V - ELE FALOU COM AUTORIDADE

Ele não tratou com “incertezas embaçadas, ambiguidades nebulosas e evasões desajeitadas”. Ele falou com autoridade. O pregador de hoje pode afirmar tudo com autoridade porque ele possui um livro genuíno do qual pode falar. Pregação com autoridade não é popular hoje em dia, mas é bíblica. O pregador que não tem convicções fortes o suficiente para leva-lo a falar com autoridade precisa se familiarizar com o Livro. Com certeza, nenhum homem pode justamente falar com a mesma força convincente e autoridade de Cristo, mas um homem que conhece bem o Livro será capaz de falar com um grande grau de autoridade.



## CAPÍTULO 11

# O ESPÍRITO SANTO

*“Muitos erros e confusão existem em nossos dias no tocante à personalidade, operações e manifestações do Espírito Santo. Eruditos conscientes, mas equivocados, têm sustentado pontos de vista errôneos a respeito dessa doutrina. É vital para a fé de todo crente cristão, que o ensino Bíblico a respeito do Espírito Santo seja visto em sua verdadeira luz e mantido em suas corretas proporções.” (Bancroft, *Elemental Theology, Teologia Elementar*, pág. 177).*

### I - A PERSONALIDADE DO ESPÍRITO SANTO

Ao atribuir personalidade ao Espírito pensamos que Ele não é uma energia impessoal, uma abstração, uma influencia, ou emanação. Ele é uma inteligência autoconsciente, autodeterminada, voluntária, inteligente. “Pode-se dizer que a

personalidade existe quando se encontram, em uma única combinação, inteligência, emoção, e volição, ou ainda, autoconsciência e autodeterminação.” (Bancroft, *Elemental Theology, Teologia Elementar*, pág. 178).

Que o Espírito é uma pessoa está provado:

### **A menção dele juntamente com outros membros da Trindade**

Mateus 28:19; 2 Coríntios 13:14.

### **Sua associação com outras pessoas em parentesco pessoal**

Atos 15:28

### **A atribuição a Ele de emoção e volição**

I Coríntios 12:11; Efésios 4:30

### **Atribuição a Ele de atos pessoais**

1) Ele penetra as profundezas de Deus. 1 Coríntios 2:10  
 2) Ele fala. Mateus 10:20; Atos 10:19, 20; 13:2; Apocalipse 2:7. Verifica-se também passagens que tratam da inspiração em que se diz que o Espírito falou pelos profetas e outros escritores da Escritura.

3) Ele ensina. Lucas 12:12; João 14:26; 1 Coríntios 2:13

4) Ele conduz e guia. João 16:13; Romanos 8:14

5) Ele intercede. Romanos 8:26

6) Ele dispensa dons. 1 Coríntios 12:7-11

7) Ele chama homens para o serviço. Atos 13:2; 20:28

### **A representação dEle como sendo afetado como uma pessoa pelos atos de outrem**

1) Ele pode ser objeto de rebelião, incomodado e entristecido. Isaías 63:10; Efésios 4:30

2) Pode-se blasfemar contra Ele. Mateus 12:31

3) Pode-se mentir contra Ele. Atos 5:3

### **O uso do pronome masculino em referência a Ele**

Em João 16:13, só o pronome masculino, no grego, se aplica ao Espírito sete



vezes. É isto muito significativo, visto que a palavra grega correspondente a “espírito” (pneuma) é neutra. Observamos nisso que a ideia da personalidade do Espírito é tão forte que na passagem ela tem precedência sobre a ordem gramatical. Em Romanos 8:16, 26, numa construção mais nítida, prevalece a ordem gramatical. A mesma se encontra em outras passagens também. Contudo isto não anula, mas serve para enfatizar ainda mais a significação de, na outra passagem, arredar-se à ordem gramatical.

### **A aplicação do nome masculino “parakletos” ao Espírito**

“Parakletos” é a palavra grega para “Consolador” em João 14:26; 15:26; 16:7.

*“O nome ‘parakletos’ não pode ser traduzido por “consolo”, ou ser tomado como nome de qualquer influência abstrata. O Confortador, Instrutor, Protetor, Guia, Advogado, que este termo nos traz, deve ser uma pessoa.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática).*

## **II - A RELAÇÃO DO PENTECOSTES COM O ESPÍRITO SANTO**

### **1. O ESPÍRITO SANTO JÁ EXISTIA ANTES DO PENTECOSTES**

Gênesis 1:2; Neemias 9:20; Salmos 51:11; Isaías 63:10; 2 Pedro 1:21. Temos visto que o Espírito Santo, como um membro da Trindade, é co-eterno com o Pai.

### **2. ELE TEVE ACESSO A TERRA E OPEROU NO HOMEM ANTES DO PENTECOSTES**

Veja todas as passagens imediatamente acima que seguem a primeira passagem.

### **3. ELE VEIO NO DIA DE PENTECOSTES NUMA CAPACIDADE ESPECIAL**

Isto explica os significados da promessa de Cristo de enviar o Espírito. Esta capacidade especial foi:

**Talvez como o antítipo da Shekinah. Números 9:15-22; 2 Crônicas 7:1-3**

A Shekinah, no caso do tabernáculo, destacou liderança e, no caso do templo

foi um símbolo de propriedade e possessão. A vinda do Espírito Santo no Pentecostes significou ambas as coisas à igreja.

#### **Em cumprimento da profecia e promessa. Joel 2:28; Mateus 3:11**

Não sustentamos, todavia, que o dia de Pentecostes marcou o cumprimento completo e último da profecia de Joel. Este dia viu somente um cumprimento parcial e espiritual dessa profecia. Na verdade, as palavras de Pedro precisam ser entendidas como significando nada mais do que aquilo que foi testemunhado naquele dia era igual em tipo daquilo que Joel havia profetizado. O cumprimento literal, último e completo da profecia de Joel 2:28-32 acontecerá com a conversão da nação judaica na segunda vinda de Cristo. Veja Zacarias 12:9-11; 13:8,9; Romanos 11:26.

#### **Capacitar a igreja. Atos 1:4,8**

#### **Como o Consolador presente e mestre dos crentes. João 14:16,17; 1 João 2:20,27**

Em João 14:17, note que Jesus disse aos discípulos que o Espírito “habita convosco, e estará em vós.” Aqui, os dois tempos, presente e futuro, e as duas preposições *com* e *em* são significativas. Como já se notou, antes de Pentecostes o Espírito Santo teve acesso à terra. Ele foi o agente de Deus na criação. Ele inspirou os profetas. Ele mesmo veio sobre homens ímpios como o rei Saul e Balaão. Ele também regenerou homens. Mas uma união inseparável entre a alma do crente e o Espírito Santo não foi formada até então como é agora. (Esta união inseparável como agora formada é claramente demonstrada em João 7:37-39, Romanos 8:26; Efésios 1:13,14; 4:30). Enquanto, pela dispensação especial de Deus, o Espírito foi com os profetas (1 Pedro 1:11); ainda, como uma regra, Ele foi apenas com o povo de Deus até o dia de Pentecostes. Isto é ainda demonstrado por João 7:37-39. Note a explicação de João de que a bênção prometida por Cristo poderia ser cumprida apenas quando o Espírito Santo tivesse sido dado, manifestamente em alusão ao Pentecostes. Mesmo a presença do Espírito com o povo de Deus antes do Pentecostes não era necessariamente permanente. Sua presença ainda poderia ser perdida pelo pecado. Foi assim que Davi orou: “Não retires de mim o teu Santo Espírito” (Salmos 51: 11). Antes do dia do Pentecostes, os crentes podiam ter o Espírito Santo através da oração (Lucas 11:13). Mas depois do dia de Pentecostes, como iremos observar mais detalhadamente, não há

indicação de que os crentes deveriam pedir ou atualmente devam pedir pelo Espírito Santo. Ele agora permanece constante e inseparavelmente nos crentes. (João 20:21, 22 deve ser considerado como excepcional, uma vez que os beneficiários do Espírito eram apóstolos, ou antecipando o dia de Pentecostes).

**Para convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo. João 16:8-11**

Sustentamos que esta passagem refere-se primariamente a uma obra indireta do Espírito. Para estudar a diferença entre a obra direta e indireta do Espírito, verifique mais tarde quando estudado o Seu trabalho nos perdidos.

**4. SUA VINDA NO PENTECOSTES FOI DISPENSACIONAL E FINAL**

Não há absolutamente nada que justifique a crença que o Pentecostes é para repetir-se na experiência de cada crente. Ele veio em cumprimento da profecia e promessa definidas e particulares, marcou o princípio de uma dispensação especial do Espírito.

O pentecostalismo é um disparate dos mais absurdos. Poderia alguém com a mesma razão falar de uma repetição da ressurreição e ascensão de Cristo como de uma repetição do Pentecostes. Pentecostes nunca se repetiu e nunca se repetirá. A ocorrência na casa de Cornélio foi meramente suplementar ao Pentecostes (Atos 10:44-47) e aconteceu para que Pedro pudesse saber que os crentes gentios foram recebidos por Deus no mesmo nível que os crentes judeus.

**5. DESDE O PENTECOSTES, O ESPÍRITO SANTO ENTRA EM TODO O CRENTE NA CONVERSÃO E JAMAIS O DEIXA**

João 7:38,39; Atos 19.2; Romanos 8:9; Gálatas 3:2; 4:6; Efésios 1:13; 4:30; Judas 19-20. É loucura o crente orar pelo Espírito Santo, ainda que possa orar pelo Seu poder e plenitude. Tampouco precisa o crente orar para que Deus não lhe tire o Espírito Santo; porque, ainda que o crente possa entristecer e extinguir o Espírito (1 Tessalonicenses 5:19) - recusar Seus impulsos - o crente, não obstante, está permanentemente selado pela presença do Espírito (Efésios 1:13; 4:30).

## **6. O CRENTE, PORTANTO, NÃO DEVERÁ BUSCAR NEM A PRESENÇA NEM O BATISMO DO ESPÍRITO, MAS SUA PLENITUDE.**

Efésios 5:18. Já determinamos que todo crente tem o Espírito. Só devemos agora mencionar que não há aprovação pela Escritura para afirmar-se hoje um batismo no Espírito na ocasião ou depois da regeneração. A Escritura é silenciosa acerca de qualquer noção de um batismo do Espírito para hoje. A passagem costumeiramente referida para substanciar um batismo do Espírito na regeneração (1 Coríntios 12:13) refere-se ao batismo na água. Veja o estudo deste versículo quando tratarmos do batismo na água.

O crente tem tudo do Espírito Santo, mas o Espírito não costuma ter todo o crente. Sua presença é expansiva. Ele enche somente aquilo do crente que o mesmo mortifica do egoísmo e do pecado. Assim, a exortação de ser cheio do Espírito é uma exortação para se entregar completamente a Ele. Quanto mais Ele nos encher, maior será a manifestação do Seu poder em nossas vidas (Atos 6:3-5, 11:24). A evidência da plenitude do Espírito será encontrada nos frutos do Espírito. Veja Gálatas 5:22,23.

## **III - A OBRA DO ESPÍRITO SANTO**

### **1. SUA OBRA EM GERAL**

- 1) Ele foi o agente de Deus na criação. Gênesis 1:2
- 2) Ele inspirou os escritores da Escritura. 2 Pedro 1:21. Veja outras passagens sob a discussão da inspiração verbal.
- 3) Ele é, em geral, o agente de Deus em todas as obras de Deus. Jó 33:4; Salmos 104:29, 30; Isaías 40:7; Lucas 1:35; Atos 10:38.

### **2. SUA OBRA NOS PERDIDOS**

#### **Sua obra indireta nos perdidos**

Pela obra indireta do Espírito nos perdidos queremos dizer tal obra como a que Ele executa mediante a Palavra e não imediatamente por impacto pessoal sobre a alma. Qualquer obra produzida pela Palavra é uma obra do Espírito, porquanto Ele é o autor da Palavra. Está provado em Atos 7:51,52, onde a resistência à palavra falada

pelos profetas é dita como resistindo ao Espírito Santo. Na obra indireta do Espírito nos perdidos, Ele:

**Luta com eles. Gênesis 6:3. Esta luta se faz por meio da pregação da Palavra pelos homens, tais como Enoque e Noé.**

Para usar Gênesis 6:3, como muitos pregadores fazem, para provar que o Espírito Santo trata direta e imediatamente com todos os pecadores de hoje e que Ele pode ser obrigado a retirar-se por causa da recusa do homem de ceder-se a Ele, é irremediavelmente abusar desta passagem. A passagem não faz nenhuma alusão ao trabalho direto do Espírito, e não sugere remotamente, que um homem pode forçar o Espírito a Se retirar. A passagem significa simplesmente que o ministério indireto do Espírito para aquela geração era para continuar por apenas mais 120 anos; sendo este o período de tempo que se passaria antes da destruição daquela geração no dilúvio.

**Ele os convence do pecado, da justiça e do juízo. João 16:8-11.**

A presença e as operações do Espírito no mundo, como Alguém que veio para tomar o lugar e levar adiante a obra de um Cristo rejeitado e crucificado, constituem um convincente potencial do pecado. Se Cristo tivesse sido um impostor, Sua promessa do Espírito não teria sido cumprida. Seria como se o fantasma (espírito) de um homem voltasse a assombrar os seus assassinos e prosseguisse a obra de quem os assassinos tinham tentado terminar. Tais coisas tenderiam a convencer os assassinos de sua culpa e testemunhar da justiça do homem que haviam matado.

Assim é com o Espírito Santo, o Espírito de Cristo (Romanos 8:9; Gálatas 4:6). E assim é que o Espírito Santo dá prova da justiça de Cristo, por manifestar que Ele foi para o Pai e por manifestar que Ele assim é percebido em ter triunfado sobre Satanás, o qual buscou por todos os meios impedir o propósito de Deus por meio de Cristo. Por este meio, Ele convence os homens do pecado de rejeitarem a Cristo e da certeza do juízo a todos que permanecem ligados ao Diabo, porque Satanás já está julgado (João 12:31). “Este juízo de Satanás foi alcançado na Cruz e Satanás foi feito potencialmente impotente” (Bancroft).

Note-se que o Espírito Santo, quando convence ou atua na Sua obra de convencimento, “convence, não primariamente do pecado de violar a lei, mas o pecado da descrença, ‘do pecado, porque não creem em mim.’ (Atos 2:36-37). Como todo pecado tem sua raiz na incredulidade, assim a forma mais grave de incredulidade é

a rejeição de Cristo. O Espírito, porém, em fixar esta verdade na consciência, não extingue, mas, pelo contrário, intensifica e faz prevalecer o reconhecimento de todos os outros pecados.” (Bancroft, *Elemental Theology*, Teologia Elementar).

Chamamos especial atenção para esta última oração acima. Muitos entenderiam que a incredulidade é o único pecado condenador. Alguns diriam que isto é tudo pelo qual os homens sofrerão no inferno. Semelhante noção é abundantemente contraditada pela Bíblia. Veja Romanos 2:5, 6; 7:7-11; Gálatas 3:10, 24; 1 João 3:4; Apocalipse 20:12. O Espírito não convence meramente do pecado da incredulidade, mas do pecado causado pela incredulidade. Isto é, Ele mostra aos homens sua condição pecaminosa por fazê-los ver que estão rejeitando o Cristo de Deus, mostrando assim rebelião contra Deus. A incredulidade é o principal sintoma da doença do pecado, cuja essência é a anarquia.

A obra indireta do Espírito não só pode ser resistida, mas é constantemente resistida pelos pecadores. Os pecadores fazem nada mais além de resistir o Espírito até que o Espírito, por impacto direto e pessoal sobre a alma, vivifique o pecador. Isto, como já indicado, explica Atos 7:51,52.

### **Sua obra direta nos perdidos**

Referimo-nos aqui à regeneração. A regeneração é instantânea. Não pode ser doutra maneira, por não ser possível um homem estar em parte vivo e em parte morto sob um ponto de vista espiritual. É por essa razão que colocamos a convicção antes da regeneração.

Pecadores evidenciam vários graus de convicção através de períodos de extensão variável. Somente no momento da regeneração a convicção alcança a sua intensidade mais elevada. A obra indireta do Espírito na convicção é trazida a sua culminação instantânea no momento em que a alma morta é vivificada. Mas a convicção existe antes da vivificação. Veja Paulo na sua experiência, Atos 26:14. Veja também e compare Atos 2:37. Notai que na parábola dos ossos secos no vale (Ezequiel 37:1-10) constava um efeito produzido pela pregação antes de Espírito (simbolizado pelo fôlego) viesse sobre eles. Isto ilustra a obra indireta do Espírito na convicção antes da vivificação.

A obra direta do Espírito na regeneração é irresistível. Isto não quer dizer que o Espírito viole a vontade: Ele simplesmente opera por trás da vontade. A regeneração

tem lugar na “região da alma sob a consciência” (Strong). É o meio pelo qual nossas vontades se conformam à de Deus se limitando às leis da vontade e da sua ação. Veja o capítulo sobre a livre agência do homem. A regeneração é irresistível porque é uma obra de Deus e não depende da vontade de homens (João 1:12,13). Pela regeneração Deus capacita os homens a virem a Cristo (João 6:65). É assim que Ele entrega os seus eleitos a Cristo (João 6:37). Na sua consumação, a regeneração é Deus efetuando o Seu “trouzer”, aquilo que se refere em João 6:44,45. O homem não pode fazer nada agradável a Deus enquanto estiver espiritualmente morto, estando na carne (Romanos 8:7,8). Mas, quando vivificado à vida, é certo que ele vai agir em harmonia geral com a vontade de Deus (1 João 5:4; 3:9). Assim a regeneração é necessariamente irresistível.

### 3. SUA OBRA NOS SALVOS

Já vimos que o Espírito habita todo crente. Esta moradia é para a realização de uma obra nos crentes. A obra consiste em:

#### **Garantindo de salvação**

Romanos 8:16; 2 Coríntios 1:22; Efésios 1:14.

O Espírito não só testemunha aos crentes da filiação atual, mas da garantia da salvação completa. É neste último sentido que a obra do Espírito é um “penhor”, que quer dizer “hipoteca”, uma parte do preço de compra adiantada como garantia de que a transação será completada. A presença do Espírito em nossos corações proporciona-nos uma antecipação ou antegozo do céu e é uma garantia de recebermos a herança “incompactível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo” (1 Pedro 1:4,5).

#### **Confortando, ensinando e iluminando**

João 16:7; 1 Coríntios 2:9-12; Efésios 1:17; 1 João 2:20,27.

#### **Guiando na obediência e serviço**

Romanos 8:14; Gálatas 5:16; Atos 8:27,28; Hebreus 8:10.

**Dando uma vocação especial**

Atos 13:2,4. “O Espírito Santo não só dirige o teor geral da vida cristã, mas chama homens para trabalhos especiais, tais como missões, o ministério, ensino, etc.”

*“Esta passagem não nos conta como o Espírito chama homens, presumivelmente porque Ele não chama sempre homens do mesmo modo. Cabe a nós estarmos prontos a sermos chamados, desejá-lo e então esperar que o Espírito Santo nos chame. Ele não chama a todos para o trabalho missionário no campo estrangeiro, ainda que todo cristão devesse estar pronto a responder a tal chamado. Ele chama, contudo, todo cristão para algum campo de serviço e o conduzirá, se em sujeição, a esse campo específico” (Bancroft).*

**Distribuindo dons espirituais**

1 Coríntios 12:4-11. Notai que “a manifestação do Espírito é dada a cada um (quer dizer, todo homem cristão), para o que for útil.” (1 Coríntios 12:7). Portanto, nenhum homem salvo pode verdadeiramente dizer que falta capacidade espiritual no serviço do Senhor.

**Reforçando a obediência**

Atos 1:8; 1 Coríntios 2:4; 1 Tessalonicenses 1:5.

**Frutificando**

Gálatas 5:22-25.

**Estimulando a oração e intercessão**

Romanos 8:26,27; Gálatas 4:6.

**Encorajando a Adoração**

Filipenses 3:3. Foi dito: “Em nossas orações, somos ocupados com as nossas necessidades, em nossos agradecimentos, somos ocupados com as nossas bênçãos, mas em nossa adoração somos ocupados com o próprio Deus”.

**Vivificando o corpo do crente**

Romanos 8:11-23.





## CAPÍTULO 12

# A DOCTRINA DOS ANJOS

É razoável que haja uma escala ascendente da vida, desde o homem subindo para Deus, tanto como há uma escala descendente da vida, do homem para baixo. Uma contemplação da vastidão e da maravilha deste universo pode levantar a pergunta: É o homem a única criatura que “tem uma mente para apreciar e contemplar este favor de Deus e para louvá-Lo por isso?” Sem a Bíblia seríamos deixados em cega suposição, mas nela temos clara revelação de uma ordem de seres acima do homem, de ordens e graus existentes e ascendentes, chamados anjos.

## I - A NATUREZA DOS ANJOS

### 1. SÃO SERES CRIADOS

Em Salmos 148:1-5 os anjos estão entre as entidades exortadas a louvarem o Senhor na base que Ele “mandou, e logo foram criados”. Que os anjos são seres

criados, está bem provado em Colossenses 1:16, que diz: “Porque nEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades”.

## **2. ELES SÃO ESPIRITOS PUROS**

Não queremos dizer aqui que todos os anjos são sem pecado; porque, como veremos mais tarde, alguns são maus. O que queremos dizer é que a natureza dos anjos é espírito, não misturado com materialidade. Os anjos não possuem corpos como parte do seu ser, mesmo que ainda assumam corpos para a execução de certos propósitos de Deus, como em Gênesis 19. Afirmamos que os anjos são espíritos puros porque, em Hebreus 1:14, são chamados espíritos. O homem nunca é designado assim inqualificadamente. Cristo disse que “um espírito não tem carne nem ossos” (Lucas 24:39).

## **3. ELES CONSTITUEM UMA ORDEM DE CRIATURAS MAIS ELEVADAS QUE O HOMEM**

Do homem se diz que ele foi feito “um pouco menor do que os anjos” (Hebreus 2:7). Dos anjos se diz serem maiores em poder do que o homem (2 Pedro 2:11). O seu poder superior está implicado também em Mateus 26:53; 28:2; 2 Tessalonicenses 1:7. Contudo, os anjos são servos ministrantes dos crentes (Hebreus 1:14) e pelos crentes serão julgados (1 Coríntios 6:3). Este último fato parece indicar que o homem, ainda que agora inferior em natureza aos anjos, haverá de ser depois, no seu estado glorificado, como um troféu da graça redentora de Deus, exaltado com Cristo bem acima dos anjos (Efésios 1:20,21; Filipenses 2:6-9).

## **4. ELES NÃO TÊM SEXO**

Mateus 22:30 declara que os anjos não casam, o que os prova sem sexo. “Filhos de Deus” em Gênesis 6:2 não são anjos, mas descendentes de Sete - os verdadeiros adoradores de Deus, como distintos dos descendentes de Caím.

## 5. ELES SÃO IMORTAIS

Judas 6 declara que os anjos não podem morrer, o que significa que eles não podem cessar de existir.

## II - CLASSES DE ANJOS

Os anjos consistem em anjos eleitos e anjos caídos. As seguintes passagens aludem a estas duas classes:

“Conjuro-te diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos, que sem prevenção guardes estas coisas, nada fazendo por parcialidade” (1 Timóteo 5:21).

“Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo” (2 Pedro 2:4).

“E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia” (Judas 6).

Os anjos eleitos são aqueles a quem Deus escolheu para conservar em santidade. Os outros, permitiu que caíssem, e para eles não se proveu nenhuma redenção ou possibilidade de libertação.

## III - ORGANIZAÇÃO, ORDENS E GRAUS ENTRE OS ANJOS

Em Judas 9 temos Miguel mencionado como um arcanjo. Veja também 1 Tessalonicenses 4:16. “Arcanjo” significa o chefe dos anjos. Gabriel também parece ocupar um lugar relativamente alto entre os anjos. Veja Daniel 8:16; 9:16,21; Lucas 1:19.

A menção de tronos, dominações, principados e potestades entre as coisas invisíveis, em Colossenses 1:16, implica graus e organização entre os anjos. E em Efésios 1:21 e 3:10 temos a menção de regime, autoridade, potestade e domínio nos lugares celestiais. Das ordens nomeadas em Colossenses 1:16, E. C. Dargan, em seu comentário, representa “tronos” como “sendo o mais elevado, próximo a Deus e assim chamados, tanto por estarem perto de Deus e sustentarem o trono de Deus como por sentarem, eles mesmos, sobre tronos aproximando-se mais perto de Deus em glória e dignidade; depois “domínios”, ou *senhorios*, aqueles que exercem poder ou senho-

rio sobre os inferiores ou homens; depois “principalidades”, ou “principados”, os de dignidade principesca; finalmente, “potestades”, ou autoridades, aqueles que exercem poder ou autoridade sobre a ordem angelical mais baixa, logo acima do homem”.

Consideramos mais satisfatório observar os “querubins” de Gênesis, Êxodo e Ezequiel, com os quais identificaríamos também os “serafins” de Isaías e as criaturas viventes do Apocalipse, não como seres atuais senão como aparências simbólicas, ilustrando verdades da atividade e do governo divino. As criaturas viventes do Apocalipse parecem simbolizar o louvor da criação inferior de Deus por causa deles serem libertos “da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8:21).<sup>1</sup> Os vinte e quatro anciãos associados às criaturas viventes parecem representar a humanidade redimida. É bom é notar que as criaturas viventes não se incluem entre aqueles redimidos para Deus. Essas, como representativas da criação inferior dando louvor a Deus, cumprem o Salmo 145:10, que diz: “Todas as Tuas obras Te louvarão, ó Senhor”.

#### IV - OS ANJOS NÃO SÃO PARA SEREM LOUVADOS

“E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar. E disse-me: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus” (Apocalipse 22:8,9).

Isto está também condenado em Colossenses 2:18.

#### V - O TRABALHO DOS ANJOS

##### 1. DE ANJOS SANTOS

###### 1) Eles louvam ao Senhor e cumprem os Seus mandamentos

Salmos 103:20; 148:2.

---

<sup>1</sup> Nota: Nós não concordamos com o irmão Simmons em sua simbólica interpretação dos versos no parágrafo acima. Acreditamos, sim, que estes são anjos literais.

**2) Eles regozijam-se com a salvação dos homens**

Lucas 15:7,10.

**3) Eles ministram aos herdeiros da salvação**

Hebreus 1:14; 1 Reis 19:5-8; Daniel 6:22; Salmos 34:7; 91:11,12; Atos 12:8-11.

**4) Eles são mensageiros de Deus aos homens**

Gênesis 19:1-13; Números 22: 22-35; Mateus 1:20; 2:13,19,20; Lucas 1:11-13,19; Atos 8:26; 10:3-6; 27:23,24.

**5) Eles executam o propósito de Deus**

2 Samuel 24:16; 2 Reis 19:35; 2 Crônicas 32:21; Salmos 35:5,6; Mateus 13:41; 13:49,50; 24:31; Atos 12:23; Apocalipse 7:1,2; 9:15; 15:1.

**6) Eles deram a Lei**

Atos 7:53; Gálatas 3:19; Hebreus 2:2.

**7) Eles ministraram a Cristo**

Mateus 4:11; Lucas 22:43.

**8) Eles acompanharão Cristo na Sua segunda vinda**

Mateus 25:31,32; 2 Tessalonicenses 1:7,8.

**9) Eles estão presentes nos cultos da igreja**

1 Coríntios 11:10.

**10) Eles têm grande interesse na verdade divina e aprendem por meio da igreja.**

1 Pedro 1:12; Efésios 3:10.

Não há nada acima para mostrar que há uma intervenção constante de anjos entre Deus e o homem. Eles não são em sentido algum constituídos regularmente como mediadores entre Deus e o homem. Sua intervenção é ocasional e excepcional;

sua atividade está sujeita à ordem e permissão de Deus.

Mas é evidente que o crente comum não tem dado importância suficiente ao ministério dos anjos. Todavia, doutro lado, a noção de um anjo da guarda especial para cada indivíduo não encontra fundamento na Escritura. Diz J. P. Boyce: “Guiados por fábulas rabínicas e pelos pontos de vista peculiares da filosofia oriental, alguns têm concebido que sobre cada pessoa nesta vida um anjo vigia para guardá-la e protegê-la do mal. Esta teoria do anjo da guarda tem sido sustentada de várias formas. Uns confinaram sua presença aos bons; outros a estenderam também aos ímpios; alguns supuseram dois em vez de um anjo - um bom e outro mau. Do mesmo modo a teoria tem sido sustentada de anjos da guarda sobre nações; uns limitando a boas nações, outros estendendo a todas. Que tais ideias existiam entre os judeus e que prevaleceram também entre os cristãos primitivos, pode admitir-se; mas falta autoridade escriturística para elas.” (Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 179).

Há, realmente, apenas duas passagens que sugerem mesmo esta doutrina de um anjo da guarda para cada indivíduo, que são Mateus 18:10 e Atos 12:15. Sobre Mateus 18:10 diz John A. Broadus: “Não há garantia suficiente aqui para a noção popular de ‘anjos da guarda’, um anjo especialmente designado para cada indivíduo; diz-se simplesmente, de crentes como uma classe, que há anjos que são *seus* anjos, mas nada há aqui ou noutra lugar que mostre ter um anjo o cargo especial de um crente”. (Commentary on Matthew, Comentário de Mateus).

Sobre Atos 12:15 diz H. B. Hackett: “Foi crença comum entre os judeus, diz Lightfoot, que cada indivíduo tem um anjo da guarda e que este anjo pode assumir uma aparência visível semelhante à da pessoa cujo destino lhe é cometido. Esta ideia aparece aqui, não como uma doutrina das Escrituras senão como uma opinião popular que não é afirmada nem negada” (Review of Acts, Comentário de Atos). Sobre esta passagem Broadus também diz: “Os discípulos que estavam orando por Pedro durante sua prisão, quando a menina insistiu que Pedro estava à porta, saltaram logo à conclusão que Pedro fora executado e o que se dizia ser ele era ‘seu anjo’ (Atos 12:15), segundo a noção que o anjo da guarda de um homem estava apto a aparecer com a sua forma e sua voz aos amigos logo após sua morte; mas as ideias desses discípulos estavam equivocadas em muitos pontos e não são autoridade para nós a menos que inspirada”.

Encerramos o assunto com mais este comentário de Broadus: “Não pode ser

positivamente afirmada que a ideia de anjos da guarda é um erro, mas não há nenhuma Escritura que prove ser verdadeira, e as passagens que só podem ser entendidas dessa forma, não são suficientes como base para esta uma doutrina”.

## 2. DE ANJOS MAUS

A obra dos anjos maus será considerada mais extensivamente no próximo capítulo, o qual trata de Satanás, seu regente e guia. Basta dizer aqui que os espíritos ou anjos maus combatem contra Deus e Seus santos. Vê-se isto em Efésios 6:12 e na possessão demoníaca nos primeiros tempos do Novo Testamento.

Quanto à possessão demoníaca, precisa ser dito que o que se registra é claríssimo e decisivo para admitir-se uma simples acomodação da parte de Cristo e dos apóstolos às noções populares, mas errôneas, dos judeus. É muito provável, contudo, que a possessão demoníaca foi mais comum no tempo do ministério terreno de Cristo do que agora. Podemos ver na Bíblia que era mais prevalente no princípio do que nos últimos tempos do Novo Testamento, ainda que não fosse inteiramente ausente nos últimos tempos do Novo Testamento (Atos 16:16-18); e provavelmente não é ausente hoje. Alguns médicos hoje crêem que algumas experiências e ações dos loucos são mais bem explicadas pela suposição de que a mente do paciente está sob o controle de um poder estranho. J. P. Boyce dá uma boa razão da maior prevalência de possessão demoníaca nos tempos do ministério terreno de Cristo: “A grande batalha estava para se ferir entre Cristo e Satanás e liberdade incomum foi sem dúvida concedida ao Diabo e seus ajudantes”.







CAPÍTULO 13

# SATANÁS - SUA ORIGEM, OBRA E DESTINO

Nenhum crente na inspiração plenária das Escrituras pode duvidar da existência de um diabo pessoal. A realidade de semelhante entidade está indelevelmente estampada nas páginas do Santo Escrito. “Não podemos negar a personalidade de Satanás, exceto sobre princípios que nos compeliriam a negar a existência de anjos, a personalidade do Espírito Santo e a de Deus Pai” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 223).

Mesmo que a Bíblia nada dissesse da existência de tal ser, deveríamos ser compelidos a crer na sua existência como uma explanação do poder sutil e escravizador do pecado.

## I - A ORIGEM DE SATANÁS

A existência de um ser ímpio tal como Satanás apresenta-nos uma pergunta inescapável, em face de nossa crença em Deus como sendo infinitamente santo e ainda O criador de todas as outras coisas: Como vamos dar conta de sua existência?

Céticos têm imaginado que a pergunta: *Quem fez o diabo?* oferece uma objeção irresponsável à doutrina cristã de Deus. Mas a Bíblia responde a esta pergunta clara e razoavelmente.

### 1. SATANÁS, UM ANJO CAÍDO

Afirmamos isso pelas três seguintes razões:

#### 1) Ele é da mesma natureza que os anjos

As obras atribuídas ao diabo tornaram impossível para nós compreendê-lo como sendo algo além de um ser incorpóreo. Se ele fosse material, limitar-se-ia ao espaço; e, portanto, não poderia prosseguir com as obras universais de impiedade a ele atribuídas na Bíblia.

#### 2) Ele é o líder de certos anjos

Em Mateus 25:41 Cristo usa a expressão: “O diabo e seus anjos”.

#### 3) Um destino comum espera Satanás e esses anjos

Na passagem agora referida Cristo nos diz que o inferno foi preparado tanto para o diabo como para seus anjos.

Concluimos que esses anjos dos quais Satanás é o líder e cuja punição ele deve compartilhar, são os anjos caídos mencionados por Pedro e Judas. Parece claro, então, que o próprio Satanás é um anjo caído.

A declaração em João 8:44 para o efeito que o diabo “foi homicida desde o princípio” não precisa ser conflitante com o que já dissemos. A expressão “desde o princípio” não precisa ser tomada como se referindo ao princípio da existência do diabo: pode referir-se, e cremos assim, ao princípio da história humana.

## 2. DADOS DA QUEDA DE SATANÁS

Creemos que temos na Escritura duas relações fragmentárias da queda de Satanás. Referimo-nos a Ezequiel 28:12-18 e Isaías 14:12-17.

Na primeira dessas referências foi apontada o Rei de Tiro. A segunda dessas concerne ao Rei da Babilônia. Nas duas, mais especialmente na primeira, parte da linguagem é muito forte para aplicar-se a um mero homem.

Acreditamos que estas passagens, como muitas outras profecias, têm uma dupla referência. Isto é verdade para algumas das profecias sobre o reagrupamento de Israel. A sua referência imediata é o retorno de Israel após os setenta anos de cativeiro na Babilônia. Mas as passagens também têm uma clara referência final para o ultimo reagrupamento de Israel disperso no fim desta época. Em Mateus 24:4-51 temos uma dupla referência maravilhosamente trabalhada em conjunto. A razão para esta dupla referência é que a destruição de Jerusalém em 70 dC, era um tipo de cerco final de Jerusalém pouco antes da segunda vinda de Cristo à Terra para julgar o mundo e estabelecer Seu reino milenar. E, sem dúvida, a razão para a dupla referência nas passagens que estamos considerando de Ezequiel e Isaías é que os reis de Tiro e Babilônia foram tomados como tipos de “homem do pecado” (2 Tessalonicenses 2:3-4), a “besta” do Apocalipse (Apocalipse 13 e 17), que será apenas uma ferramenta nas mãos de Satanás. Portanto, as palavras dos profetas olham para além destes reis, para o poder dominante que os sustenta, assim atingindo Satanás através de seus representantes. Temos outros casos que concernem a Satanás. Em Gênesis 3:15 a referência é a Satanás por meio da serpente, seu instrumento. E em Mateus 16:22, 23 a referência é a Satanás por meio de Pedro no qual Cristo percebeu o espírito de Satanás.

### 1) Referência a Satanás na sua condição original

“Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti.” (Ezequiel 28:12-15).

## 2) Referência à queda de Satanás

“Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e peccaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem.” (Ezequiel 28:16-18).

*“Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo. Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão, e dirão: É este o homem que fazia estremecer a terra e que fazia tremer os reinos? Que punha o mundo como o deserto, e assolava as suas cidades? Que não abria a casa de seus cativos?” (Isaías 14:12-17).*

Destas duas relações parece claro que Satanás caiu pelo orgulho. Está isto em harmonia com as seguintes passagens:

Provérbios 16:18, “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda.”

1 Timóteo 3:2,6. “Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível... não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo.”

Através de Ezequiel, entendemos que Satanás ocupava lugar muito elevado entre os anjos no seu estado original. “Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas...”. Notai que ele não era “um querubim ungido”, mas “o querubim ungido”. “Ungido” significa ser separado como um sacerdote ao serviço de Deus. “O querubim, ungido para cobrir” alude provavelmente ao querubim que cobria o propiciatório com suas asas no templo (Êxodo 37:9). Isto parece indicar que o diabo era o líder da adoração angelical; provavelmente ocupava o lugar que agora é ocupado por Miguel, o arcanjo.

## II - A OBRA DE SATANÁS

### 1) INTRODUZIU O PECADO NO UNIVERSO

As Escrituras precedentes, que dão um relato velado da queda de Satanás, nos apontam para a primeira menção do pecado que nós temos na Bíblia. Sabemos que Satanás caiu antes do homem, pois Satanás solicitou o homem ao pecar. “O pecado não tem uma criação, mas um princípio. Entrou em vigor com a ajuda de quem tinha existência prévia, a personalidade e o poder de livre escolha. Deus criou este ser não como o Diabo, mas como um santo anjo, que originou o pecado pela desobediência e se transformou no diabo ímpio que é hoje.” (Bancroft, *Elemental Theology*, Teologia Elementar).

### 2) INTRODUZIU O PECADO NA FAMÍLIA HUMANA

Gênesis 3:1-16. Há uma conexão íntima entre o que notamos de Isaías a respeito do diabo e o seu método de seduzir Eva. Satanás foi expulso do céu porque disse: “Far-me-ei semelhante ao Altíssimo”. Ele enganou Eva por dizer-lhe que, em vez de morrer como resultado de comer o fruto proibido, tornar-se-ia ela “como Deus, sabendo o bem e o mal”.

### 3) TEM A POSSE DO MUNDO E O CONTROLA

Jó 9:24; Mateus 4:8,9; João 12:31; 14:30; 16:11; 2 Coríntios 4:3,4; Efésios 6:12. O mundo pertence a Deus (Salmos 24:1), mas, como lemos em Jó 9:24, o mundo foi entregue nas mãos do ímpio temporariamente e Satanás o domina, sujeito a tais limitações como Deus se apraz impor. Veja Salmos 76:10.

### 4) ACUSA O POVO DE DEUS

Jó 1:6-9; 2:3-5; Apocalipse 12:9, 10. “Diabo” significa “acusador” ou “caluniador”.

### 5) TAMBÉM O PROVA, IMPEDE, RESISTE E ESBOFETEIA

Lucas 22:31; 1 Tessalonicenses 2:18; Zacarias 3:1; 2 Coríntios 12:7.

### 6) PROCURA OPOR E IMPEDIR A OBRA DE DEUS

Mateus 13:39; Marcos 4:15; 2 Coríntios 11:14,15; 2 Tessalonicenses 2:9,10;

Apocalipse 2:10; 3:9.

### **7) TENTA, ENLAÇA E GUIA OS HOMENS AO MAL**

1 Crônicas 21:1; Mateus 4:1-9; João 13:2,27; Atos 5:3.

### **8) CONTROLA E CEGA OS PERDIDOS**

João 8:44; 12:37-40; Atos 26:18; 2 Coríntios 4:4; 2 Timóteo 2:26. A cegueira em 2 Coríntios 4:4 e em João 12:37-40 são a mesma. Sua causa imediata é a depravação da natureza carnal. Diz-se que o diabo é o autor desta cegueira porque ele é o autor do pecado. Na outra passagem é atribuída a Deus porque é pela vontade permissiva de Deus que se concedeu ao diabo trazer o pecado ao mundo. Para mais extensa discussão desta cegueira veja o capítulo sobre a livre agência do homem.

### **9) CAUSA ENFERMIDADES**

Lucas 13:16; Atos 10:38.

### **10) TEM O PODER DA MORTE**

Hebreus 2:14.

Mas, graças sejam dadas a Deus, toda a obra de Satanás está controlada e senhoreada pela Onipotência e Onisciência de Deus e é manejada para operar ultimadamente para glória de Deus e para o bem dos santos. Veja Salmos 76:10; Romanos 8:31; 2 Coríntios 12:7; Efésios 1:11.

Na queda de Pedro temos um exemplo excelente de como Deus é glorificado e os santos beneficiados mesmo através da tentação do diabo que atualmente produz o pecado nas vidas dos santos. A experiência de Pedro em negar a Cristo fez em Pedro uma transformação. No julgamento de Jesus, Pedro acovardou-se ante uma criadinha, mas no Pentecostes ele encarou a multidão dos crucificadores de Cristo com palavras ardentes de condenação. A queda de Pedro tirou-lhe a confiança em si mesmo. Assim, Satanás, buscando a completa ruína de Pedro, assim como a Jó, peneirou a palha e deixou o trigo. Podemos ver também que as aflições de Satanás trouxeram no fim maiores bênçãos a Jó.

### III - O DESTINO DE SATANÁS

A noção comum que Satanás está agora no inferno não é correta. Também não é verdadeira a idéia que Satanás ficará sempre no inferno para infligir tormento sobre outros. Ele será lançado no inferno para ser atormentado. Ele habita agora nos ares (Efésios 6:11,12), tem acesso a Deus (Jó 1:6) e é ativo sobre a terra (Jó 1:7; 1 Pedro 5:8). Mas, finalmente, Satanás será lançado no inferno.

Já notamos que o inferno foi preparado para o diabo e seus anjos. Na passagem seguinte temos a relação de como ele será lançado no inferno:

*“E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre.” (Apocalipse 20:10).*

Isto é para acontecer ao cabo do “pouco tempo”, durante o qual é para Satanás ser solto outra vez após o milênio. Precedendo o milênio, a besta e o falso profeta serão lançados no lago de fogo (Apocalipse 19:20).







## CAPÍTULO 14

# A CRIAÇÃO DO HOMEM

Estamos aqui para lidar com a pergunta: *Como o homem veio a existir?* Outra questão que nasce desta primeira é: *A ciência já deu uma explicação natural e racional sobre a origem do homem?* Há ainda uma terceira questão que aparece: *A Bíblia ensina que o homem é a criação direta e imediata de Deus?* As respostas a estas perguntas serão manifestas enquanto damos atenção a outras três questões que formam os pontos maiores deste capítulo.

### **I - DEUS CRIOU O HOMEM?**

#### **1. A BÍBLIA DIZ QUE ELE O FEZ**

A Bíblia repetidamente responde a esta pergunta de forma afirmativa. Podemos, nesta era científica, inteligentemente aceitar esta verdade Bíblica? Veremos.

Que fique definitivamente claro na mente que não estamos neste momento perguntando como Deus criou o homem. Essa questão irá formar o nosso ponto seguinte. A nossa questão agora é, para ser mais incisivo: *Será que Deus, de alguma maneira, originou o homem?* Ou, para colocá-lo em de outra forma, *Deus é o autor da vida?*

## 2. A GERAÇÃO ESPONTÂNEA REFUTADA

Houve uma época em que os cientistas estavam bastante confiantes de que as células vivas poderiam ser geradas a partir de certos tipos de matéria morta, em condições favoráveis. Mas os experimentos de Pasteur e Tyndall demoliram esta teoria da geração espontânea da vida.

Assim lemos da fonte da Enciclopédia de Compton (Compton's Encyclopedia, Vol. B, pág. 151) publicada em 1951:

*“É só nos últimos anos que a ciência provou que a origem da vida é a mesma para as formas mais simples, como para as mais elevadas – para o infinitamente menor germe da tuberculose, e toda a multidão de plantas e germes da vida... como para a própria humanidade. Atualmente, pode-se dizer que o homem nunca criou nem sequer a forma mais simples de vida, ou a viu surgir espontaneamente.”*

Se existem aqueles que são crédulos o suficiente para acreditar que a geração espontânea ainda será observada ou demonstrada, deixe-os tomar conhecimento do fato de que o avanço do conhecimento está se aprofundando constantemente no mistério da vida. Isso foi reconhecido em 1900 por H. W. Conn, um profundo evolucionista. Em seu livro, o Método de Evolução (Method of Evolution), ele disse:

*“Uma parte importante do problema da evolução é, naturalmente, a origem da vida, o que parece significar a origem do primeiro protoplasma. Sobre este assunto deve ser confessado que estamos em profunda ignorância como nunca. Na verdade, se alguma vez houve mudanças, as revelações do microscópio moderno têm colocado a solução deste problema ainda mais longe do nosso alcance. Enquanto poderíamos considerar o protoplasma como um composto químico,*

*definitivo, embora complexo, assim era possível acreditar que a sua origem na idade geológica passada foi uma simples questão de afinidade química. Foi fácil supor que, nas condições das épocas anteriores, quando os elementos químicos eram necessariamente situados em diferentes relações entre eles e os de hoje, as combinações químicas que surgiriam resultariam na formação de um corpo complexo de protoplasma. Esta tem sido a suposição que lançou as bases de várias sugestões quanto à origem da vida. Mas, tendo aprendido agora que esta substância não é um composto químico, mas um mecanismo, e que suas propriedades são dependentes de seu mecanismo, tal concepção da origem da vida não é mais sustentável. Em seu lugar deve ter sido substituído por algumas forças que produziram um mecanismo. Mas até mesmo os nossos evolucionistas mais radicais ainda não sugeriram um modo de aterrar o fosso, e neste momento temos que reconhecer que o problema da origem da vida está numa maior escuridão do que nunca. A origem dos compostos químicos, podemos explicar, mas sua combinação em uma máquina biológica que chamamos de protoplasma é, no momento, inimaginável.”*

Muitos anos se passaram desde que o Prof. Conn escreveu o texto acima exposto, e ainda nenhum evolucionista encontrou a ponte natural entre os vivos e não vivos; e isso é ainda mais inimaginável hoje do que era em 1900.

Em vista de tudo isso o Professor Asa Gray, da Universidade de Harvard, escreveu: “Um bom começo é totalmente fora do alcance e escopo da ciência, que se preocupa com questões sobre como vão as coisas e nada tem a dizer como elas vieram a principiare-se.” (Natural Science and Religion, Ciências Naturais e Religião).

### **3. A VERDADEIRA CIÊNCIA PEDE A CRENÇA QUE DEUS CRIOU O HOMEM**

O acima exposto é verdadeiro na ciência apenas na medida em que se limita a uma explicação natural. Mas a ciência, em geral, pede um conhecimento sistematizado, e nenhum homem tem o direito de limitar a ciência às causas naturais. O termo é usado em um sentido especial como referindo-se aos conhecimentos relativos ao mundo físico. Isso é chamado de ciência natural. Mas até mesmo a ciência natural está preocupada com a observação e classificação dos fatos, com vista à descoberta de verdades gerais e o estabelecimento de leis gerais verificáveis. Ela prossegue, princi-

palmente, postulando hipóteses e testando-as, e depois tirando conclusões gerais por indução. Hipóteses com referência à origem natural da vida têm sido exaustivamente testadas e atestadas como falsas. Não é agora o tempo para todos os verdadeiros cientistas adotarem pela indução a hipótese de que só o poder sobrenatural pode explicar a origem das coisas, especialmente a vida? A observação já demonstrou que a vida só pode vir da vida. Agora, cada cientista sabe que a vida física é dependente na matéria. Além disso, ele sabe que a matéria não pode ser eterna. Portanto, ele sabe que a vida física não pode ser eterna. Qual a razão então, de o verdadeiro cientista não aprovar a conclusão de que a vida física começou através do poder da vida invisível?

Alguns cientistas têm feito isso. Entre eles está o famoso Louis Pasteur, que disse:

*“Acredite, em face desses grandes problemas, estes temas eternos de solitária meditação do homem, só restam duas atitudes mentais: uma criada pela fé, a crença na solução dada pela Revelação Divina; e uma que atormenta a alma pela busca de explicações impossíveis.” (Pasteur and His Work , Pasteur e Sua Obra, L. Decours, pág. 206).*

Contudo, ainda mais objetivo é o testemunho de Lord Kelvin, o maior cientista desde Newton, mestre da dinâmica, som, luz, calor e eletricidade; disse em uma carta a James Knowles, em 1903:

*“Eu não posso admitir que, em relação à origem da vida, a ciência não afirme nem negue o Poder Criativo. A CIÊNCIA POSITIVAMENTE AFIRMA O PODER CRIATIVO. Não está na matéria morta, em que vivemos, movemos e temos o nosso ser, mas no poder criativo e orientador DO QUAL A CIÊNCIA NOS COMPELE A ADOTAR COMO UM ARTIGO DE FÉ... Não há nada entre a crença científica e absoluta num poder Criativo, e a aceitação da teoria de um concurso fortuito de átomos...”*

No mesmo sentido é o depoimento do grande geólogo suíço, Jean L. R. Agassiz (1807-1873):

*“Embora eu conheça aqueles que tenham a posição que é anticientífico acreditar*

*que o pensamento não é algo inerente à matéria, e que há uma diferença essencial entre seres inorgânicos e seres vivos e pensantes, não permito que quaisquer pretensões de uma falsa filosofia impeçam-me de expressar a minha convicção de que, enquanto não se puder demonstrar que a matéria ou forças físicas realmente raciocinem, considerarei qualquer manifestação do pensamento físico, como sendo evidência de um ser pensante, ser o autor de tal pensamento, e vou olhar para uma inteligente e inteligível conexão entre os fatos da Natureza como prova direta de um Deus pensante... Todos esses fatos proclamam em voz alta o único Deus que o homem pode conhecer, adorar e amar; e a história natural deve, em hora propícia, tornar-se a analista dos pensamentos do criador do universo que se manifesta no reino animal e vegetal.” (Methods of Study in Natural History, Métodos de Estudo em História Natural).*

Finalmente lemos de Sir Oliver Lodge:

*“Não podemos entender a existência quer de nós mesmos ou de um mundo externo, a menos que postulem algum tipo de criação. Criação envolve desígnio, propósito e atividade mental, e implica, necessariamente, um criador de algum tipo.” (The Grand Design, O Grande Projeto, pág. 231).*

Portanto, quando aceitamos a declaração de Gênesis que Deus criou o homem, somos acionados pela fé e também compelidos pela ciência. Os únicos cientistas que vão querer negar ou até mesmo ignorar a evidência científica de uma eterna e autoexistente causa pessoal de todas as coisas existentes são aqueles cujas mentes são interrompidas por um agnosticismo ou o ateísmo, e isso significa que eles são dominados por uma atitude não-científica.

## II - QUANDO DEUS CRIOU O HOMEM?

### 1. NENHUMA EVIDÊNCIA CIENTÍFICA PARA UMA ANTIGUIDADE EXTENSA DO HOMEM.

Podemos confiar na cronologia de Gênesis, depois de feita a devida conta para quaisquer possíveis erros numéricos de transcrição? Ou somos forçados a acreditar

que o homem está na terra entre 500.000 a um milhão de anos?<sup>1</sup> Harry Rimmer, D.D., Sc.D., diz:

*“As evidências (?) de uma antiguidade extralonga para o homem são puramente hipotéticas, absolutamente errôneas, e na maioria dos casos, inteiramente fabricada pela imaginação e desejo do patrocinador de tais evidências. As tentativas de provar os dados têm sido simplesmente ridículas, e em qualquer outro campo de estudo seriam patéticas também. Mas não há nenhuma empatia nas tentativas dos homens sérios com a ciência de falsificar provas e obscurecer o próprio assunto que espera-se que ilumine. Isso é pura enganação e tolice. Essas reputações científicas são usadas para perpetuar fraudes e trotes que fariam o saudoso Barnum<sup>2</sup> ficar verde de inveja, e levá-lo a rever sua famosa estimativa que afirma que um otário nasce a cada minuto.” (The Theory of Evolution and the Facts of Science, A Teoria da Evolução e os Fatos da Ciência, pág. 118).*

## 2. A POPULAÇÃO MUNDIAL PROVA UMA BREVE HISTÓRIA DO HOMEM

Além disso, uma antiguidade extensiva para o homem não pode ser reconciliada com a população atual do mundo. Lemos em Handrich:

“Pense, se a população original era de dois, podemos calcular através de logaritmos que a população teria dobrado trinta vezes para produzir o número atual de pessoas (isto é, o número de pessoas em 1940) no mundo. Se o par original viveu, digamos, 500 mil anos atrás, que é consideravelmente inferior à estimativa média evolutiva, o intervalo médio de duplicação seria 16.667 anos, o que é um absurdo. Se, por outro lado, todas as pessoas são descendentes de Noé e sua esposa, que, de acordo

1 Todas as sugestões de que Moisés não tinha a intenção de dar uma cronologia exata em afirmar a idade dos pais no nascimento dos filhos são tão sensíveis como seria a sugestão de que não é o propósito de um relógio indicar o tempo. O autor toma sua posição com Moisés e confia na sua exatidão. Um crente na inspiração verbal não pode fazer o contrário. Pode ter havido erros menores de transcrição. Mesmo assim, a divergência não é de grande importância quando se trata de decidir se o homem tem sobre a terra uns poucos milhares de anos ou um milhão de anos. Admite-se que uma completa e confiável cronologia absolutamente não pode ser feita muito além do nascimento de Isaías. Mas nós sabemos que por nenhum modo a existência do homem nesta terra pode ser aumentada para mais do que alguns milhares de anos sem negar qualquer semelhança com a precisão da Bíblia.

2 Phineas Taylor Barnum (P. T. Barnum) (5 de julho de 1810 - 7 de abril de 1891) foi um showman e empresário do ramo do entretenimento norte-americano, lembrado principalmente por promover as mais famosas fraudes (hoaxes) e por fundar o circo que viria a se tornar o Ringling Bros. and Barnum & Bailey Circus. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/P.\\_T.\\_Barnum](http://pt.wikipedia.org/wiki/P._T._Barnum)

com a melhor cronologia bíblica, deve ter vivido há cerca de 4.500 anos atrás, então o intervalo médio para a duplicação é de 150 anos, o que é razoável.” (Creation, Facts, Theories and Faith. Criação, Fatos, Teorias e Fé, pág. 284 ).

O intervalo para a duplicação da população do mundo poderia ser aumentado para cerca de 168 anos, se a cronologia de Hales, com base na Septuaginta, fosse seguida, o que permite 5.170 anos a partir do tempo em que Noé e sua esposa foram os únicos antepassados da humanidade que existiu até 1940. Este número recebe singular e notável confirmação como sendo correto e quase exato considerando o número de descendentes de Abraão e Jacó na terra no ano 1922. Nesse ano, os descendentes de Abraão somaram cerca de 25 milhões. Abraão gerou Ismael 3.988 anos antes de 1922, de acordo com Hales. Estes números mostram os descendentes de Abraão, dobrando a cada 163 anos (aproximadamente). Por outro lado, havia 15.393.815 descendentes de Jacó no mundo em 1922. Segundo Hales, eram 3.850 anos antes de 1922 que Jacó casou-se. Estes números mostram que o intervalo para a duplicação dos descendentes de Jacó é de 162 anos (aproximadamente). A concordância aproximada desses números (168 para o mundo como um todo; 163 para os descendentes de Abraão, e 162 para os descendentes de Jacó) não pode ser descartada como uma mera coincidência. Além disso, a confiabilidade da média das estatísticas é estabelecida pelo fato de que as companhias de seguros, em todo o mundo, conduzem negócios bem sucedidos nas suas bases.

Assim, seguindo a cronologia de Hales, descobrimos que o homem tem estado na terra por cerca de 7.366 anos. O autor está disposto a arriscar a previsão de que ninguém nunca vai estabelecer um prazo mais longo para a estadia do homem neste planeta. Se for diferente, este número é grande demais. Gilbert diz:

“O homem tem 7.000 anos de história sobre a terra.” (Operations of the Victoria Institute, Operações do Instituto Victoria, Vol. 27, pág. 41).

Sir William Dawson diz:

“Este número (7.000) deve ser reduzido” (Modern Science in Bible Lands, Ciência Moderna em Terras da Bíblia, pág. 99, 100).

### 3. CRONOLOGIA DO EGITO NÃO CONTRADIZ A BÍBLIA

Nem a cronologia egípcia refuta a anterior. Não há cronologia egípcia estabelecida. Blaikie reflete este fato da seguinte forma:

*“Arqueólogos egípcios diferem quanto à duração do período autêntico da história egípcia. Seis escritores citados por Brugsch<sup>3</sup> representam tal duração como tendo se iniciado em vários períodos antes de Cristo, que variam de 3.150 anos até 5.702. O período não excede em muito o tempo permitido pela nossa cronologia normal; enquanto o fato de que as autoridades diferem a ponto de 2.552 anos mostra como há muita incerteza ainda para com o assunto. Até que ponto as dinastias foram contemporâneas, é ainda uma questão não resolvida.” (History of the Bible, História da Bíblia, pág. 50).*

#### 4. O DILÚVIO PROVAVELMENTE INTERROMPEU A HISTÓRIA EGÍPCIA

É comumente suposto que temos de dar tempo suficiente depois do dilúvio para o desenvolvimento original da civilização egípcia. Mas não é esse o caso. Urquhart dedica doze páginas de seu Novo Guia Bíblico (Vol. 1, pág. 298-309) para evidências de que o dilúvio da Bíblia invadiu a história do Egito após a Sexta Dinastia. Ele cita as seguintes palavras muito significativas de M. Mariette:

*“Após os reinados de Apappus e Nitocris, que fechou a Sexta Dinastia, uma súbita e imprevista pausa foi dada ao progresso da civilização; e durante 436 anos – da sexta à décima primeira dinastia – o Egito parece ter desaparecido da lista de nações. Quando acordou de seu longo sono, com a presença dos Entefis e Menuhotefs (da dinastia XI), foi descoberto que suas tradições antigas foram completamente esquecidas. Os nomes de família, os títulos dos funcionários, a escrita, e até mesmo a própria religião pareciam ter mudado. Já não eram Tíbis, Elephantina, e Mênfis as capitais, mas Tebas foi pela primeira vez escolhida como sede do poder soberano. Além disso, o Egito havia sido despojado de uma parte considerável do seu território, bem como a autoridade de seus reis se limitou à Tebaide. Os monumentos, que eram bárbaros, primitivos, por vezes bru-*

---

3 Heinrich Karl Brugsch (Berlim, 18 de fevereiro de 1827 - *ibid.*, 9 de setembro de 1894) foi um egiptólogo alemão. Ficou conhecido por ter fundado o *Zeitschrift für Ägyptische Sprache und Altertumskunde* (Revista para a língua e arqueologia egípcia) em 1863. Estudou desde jovem os papiros e as inscrições em egípcio demótico, a respeito das quais publicou sua monografia em 1843 *Scriptura Ægyptiorum Demotica* (a escrita do egípcio demótico). Suas numerosas estadas no Egito (em 1853, em 1857-58 e 1864-68) o levaram em 1870 a dirigir a escola de egiptologia criada no Cairo e a receber o título de paxá em 1881. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Heinrich\\_Karl\\_Brugsch](http://pt.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Karl_Brugsch)



*tos, confirmam tudo isto; e olhando para eles, podemos facilmente acreditar que o Egito sob a Décima Primeira dinastia tinha voltado ao período da infância através do qual ele havia passado até a Terceira.” (History of Egypt, História do Egito, pág. 14,15).*

Além disso, John F. Blake, em História dos Céus (History of Heaven), diz-nos que os egípcios participam de um festival do “Ano Novo ligado e determinado por Plêiades (que é a passagem do Meridan por esta constelação à meia-noite), que parece ser um dos mais universais de todos os costumes” (pág. 115). A data deste festival é 17 de novembro, que é crido por muitos corresponder ao “segundo mês, aos dezessete dias”, tal como consta em Gênesis 7:11 para o início do dilúvio. O Sr. Blake diz que este festival foi “sempre conectado com a memória dos mortos” por causa de “uma tradição de que o mundo foi destruído anteriormente neste momento.” O Sr. Blake então faz um resumo final da matéria como segue:

*“A comemoração dos mortos foi conectada entre os egípcios com um dilúvio que foi tipificado pelo sacerdote em colocar a imagem de Osiris em um cofre ou arca sagrada, e lançando-o no mar até que desapareceu de vista”. Agora, quando ligamos esse fato, a celebração ocorrendo no dia 17 de Athyr, com a data na qual relata o dilúvio de Noé na história mosaica que afirma ter o seu início, ‘no segundo mês (do ano judaico, o que corresponde a novembro), no dia 17 do mês’, deve ser reconhecido que esta não é uma mera coincidência, e que a data precisa aqui indicada deve ter sido regulamentada pela Plêiades, como era a data Egípcia” (ibid. pág. 121,122).*

### III - COMO DEUS CRIOU O HOMEM?

Observamos anteriormente que a palavra hebraica “bara” é usada três vezes em Gênesis 1:27, onde evidentemente se refere à criação da vida no homem. A palavra hebraica significa uma criação direta e imediata. Além disso, em Gênesis 2:7 nos é dito que Deus fez o corpo do homem do pó da terra, não a partir do corpo de alguma forma de vida inferior.

Agora, o ateu evolucionista nega aberta e categoricamente esse relato. Ele é ab-

solutamente cego para com isto, uma cegueira intencional, mas consistente. O evolucionista teísta é um equilibrista inconsistente. Ele tolamente tenta conciliar tanto uma criação evolucionista como a criação divina. Harry Rimmer<sup>4</sup> tem o seguinte a dizer, com referência ao livro de Gênesis e a evolução teísta:

*“Foi afirmado aqui que o homem foi criado por um decreto específico de divindade. Para refutar isso, os homens que não estão dispostos a receber e reconhecer o poder de Deus na criação produziram a teoria estranha da Evolução Teísta. Por isso, eles afirmam que a parte de Deus na matéria foi uma pequena parte. Ele criou a primeira célula minúscula e a dotou com poder de se multiplicar e mudar, e assim violou todas as leis atuais da biologia conhecidas, e por uma série de transmutações milagrosas produziu todas as coisas vivas que são ou já foram, culminando em uma criatura chamada homem. ESTA É UMA TENTATIVA DESESPERADA DE MONTAR DOIS CAVALOS QUE ESTÃO INDO EM DIREÇÕES OPOSTAS. Esta teoria da Evolução Teísta limita Deus em Seu poder de criar um ser específico e nega-Lhe a autoridade exigida pelo relato da criação em Gênesis. Também viola o ensino claro deste texto.” (Modern Science and the Genesis Record, Ciência Moderna e o Registro de Gênesis, pág. 275).*

## 1. RAZÕES BÍBLICAS PARA ACREDITAR QUE O HOMEM É CRIAÇÃO DIRETA DE DEUS

Os motivos apresentados mostrarão que a Bíblia não pode ser forçada a harmonizar-se com a evolução. Eles dizem respeito a:

### 1) O tempo de criação do homem

Tem sido demonstrado, e qualquer homem que não é totalmente cego deve reconhecê-lo, que a Bíblia não vai permitir em sua cronologia as longas eras exigidas pela evolução para a existência do homem sobre a terra.

---

4 Harry Rimmer (1890-1952) foi um americano criacionista, evangelista e escritor de panfletos dedicados ao combate à Teoria da Evolução das Espécies. Ele é o mais proeminente dos pioneiros no movimento criacionista nos Estados Unidos. Fonte: Adaptado de [en.wikipedia.org/wiki/Harry\\_Rimmer](http://en.wikipedia.org/wiki/Harry_Rimmer)

## 2) O método de criação do homem

Também foi mostrado que o método de Deus na criação do homem, conforme declarado na Bíblia, está em conflito irremediável com a teoria da evolução.

## 3) O método e o tempo da criação da mulher

Os relatos bíblicos da criação da mulher representam-na como sendo criada depois do homem e de uma costela tirada do homem. Por outro lado, a evolução teria necessariamente produzido a fêmea junto com o macho. Caso contrário, a procriação teria sido impossível.

## 4) A maneira pela qual a raça humana começou

Aprendemos com a Bíblia que a raça humana começou com um homem, Adão. Mas, se a evolução fosse verdadeira, é certo que muitos seres humanos teriam sido produzidos simultaneamente e em várias partes da terra.

## 5) O estado original e a queda do homem

Segundo a Bíblia, o homem foi criado santo e reto, e caiu desta qualidade, trazendo o pecado ao mundo (Gênesis 1:27; Eclesiastes 7:29; Romanos 5:12-21; I Coríntios 15:22.). Mas a evolução não tem lugar para estado santo original do homem, nem para a entrada do pecado através de uma queda.

## 6) A permanência de cada “tipo” de vida

Em Gênesis, Deus prescrevia que cada tipo de vida leva adiante “a sua espécie.” Já tem sido observado que no livro de Gênesis, “espécie” não precisa ser pensado como sendo mais amplo do que a “família” de acordo com a classificação biológica para entender que Gênesis é verdadeiro de acordo com ciência. A evolução é em oposição à Bíblia sobre este assunto, uma vez que acredita na transmutação não só da espécie, mas de famílias e até mesmo de filos. Vale ressaltar que os biólogos se sentiram compelidos a colocar o homem em uma família por si mesmo. O homem, designado como espécie biológica *Homo sapiens*, é o único representante da família *Hominidae*.<sup>5</sup>

---

5           Veja *Biologia Geral (General Biology)*, pág. 757 (Mavor), The Macmillan Company (1952). 757 (Mavor), Empresa Macmillan (1952).

## 2. RAZÕES CIENTÍFICAS PARA CRER QUE O HOMEM É CRIAÇÃO DIRETA DE DEUS

Toda a evidência científica da falsidade da teoria da evolução é evidência científica da criação direta do homem. Assim, temos aqui um vasto campo.

### 1) A evolução não pode provar que Protozoários se tornaram Metazoa

O filo protozoário inclui todas as formas animais que consistem de uma célula. A terra literalmente vibra com eles, pois há tantos. Eles geralmente se reproduzem por fissão. Mas eles nunca se transformam em formas animais metazoários – formas de animais com mais de uma célula. Este fato surpreendente é bem estabelecido por Harry Rimmer como segue:

*“Quando esses protozoários modernos, que são seres vivos cuja totalidade do seu organismo é composta de apenas uma célula, são observados por milhares e milhares de gerações, eles nunca mudam nenhum til do que eram no seu início. Incontáveis gerações passam, sob o olhar do observador e não surgem novas espécies de protozoários, nem os metazoários resultam de alterações na estrutura protozoária.” (The Theory of Evolution and the Facts of Science, A Teoria da Evolução e os Fatos da Ciência, pág. 24).*

Agora a evolução supõe que toda a vida, tanto vegetal quanto animal, tem evoluído de uma forma de protozoário. É de supor que uma forma do protozoário se tornou uma forma de metazoário, que é contrário tanto à observação quanto à razão. Não há nenhuma maneira imaginável para que isso ocorra. Cada vez que um protozoário se divide, dá origem a um descendente – um outro protozoário. Assim, no seu alicerce (ignorando a sua incapacidade de dar uma explicação da origem natural do protozoário em primeiro lugar), a evolução é totalmente não-científica e é culpada de uma conjectura tamanha que não é digna de ser chamada uma teoria nem hipótese. O único homem que acreditará o primeiro postulado da evolução é o homem cujo preconceito contra o sobrenatural desequilibra a sua razão.<sup>6</sup>

6 Que nenhum evolucionista seja tão tolo de pensar que ele pode apelar para o germe da vida original. The life germ is not a protozoan, for it is not an animal. O germe da vida não é um protozoário, pois não é um animal. It is a reproductive cell, distinguishable from a body cell. É uma célula reprodutiva, distinguível de uma célula do corpo. Even after fertilization, the original germ has not the power of independent life as has the protozoan; and would never be mistaken for a protozoan by any trained scientist. Mesmo após a fertilização, o germe original não tem o poder de vida independente, assim como o protozoário, e nunca seria

## 2) A evolução não pode explicar porque as células do corpo de cada espécie são diferentes

Cito novamente a partir de Harry Rimmer por uma questão de conveniência e concisão:

*“Por muito tempo, a morfologia, ciência da estrutura corporal do organismo, revelou o escândalo de todos os biólogos. Percebendo que todas as coisas viventes foram simplesmente massas de células, e supondo que células eram fundamentalmente as mesmas, o biólogo da geração passada, inventou a teoria da Continuidade da Vida.” “Tudo isso é diferente agora. Os dias arcaicos da biologia acabaram, e os supermicroscópios, os micromanipuladores e observação ultravioleta abriram novos campos. Os primeiros experimentos que conheço na diferenciação de protoplasma foram para determinar a taxa de decomposição desse elemento sob os raios ultravioleta. Então, a quantidade suficiente da substância foi isolada para um estudo mais cuidadoso... O protoplasma da família dos felinos é uma espécie de protoplasma, e o cão tem um tipo distinto de protoplasma que difere do gato. Resumindo ao essencial, existe uma fórmula variável para a formação do protoplasma por espécie. Então, estamos agora na fase de pesquisa onde podemos começar a testar o protoplasma como fazemos no sangue! Nós não cometemos o erro de dizer que, como todos os mamíferos têm sangue, são essencialmente o mesmo em sua origem, porque reconhecemos a diferença sensível no sangue de uma espécie, gênero ou família; como uma unidade de sangue difere de todos os outros tipos. Assim é hoje com o protoplasma; e a teoria da continuidade sofre colapso catastrófico.” (The Theory of Evolution and the Facts of Science, A Teoria da Evolução e os Fatos da Ciência, pág. 25, 36).*

Assim, a evolução sofre miserável demolição no reino de seu segundo postulado.

## 3) A evolução não pode provar ou mesmo explicar a transmutação de uma família para outra

A maior unidade da “família” é mencionada aqui porque, como dito anteriormente, o termo “espécies” foi usado algumas vezes no sentido de variedades; e não

---

confundido com um protozoário por qualquer cientista verdadeiro.

pode haver dúvida razoável de que multidões de variedades se desenvolveram dentro das espécies de Gênesis. Talvez gêneros possam ser utilizados com segurança aqui em vez de família. Mas o termo família é usado com o fim de estar em terreno seguro.

Antes de tudo, o evolucionista não pode encontrar formas de intervenção entre as famílias e os fósseis. Isto é tão bem conhecido para exigir mais do que mera declaração.

Em segundo lugar, a experimentação extensa, envolvendo cruzamentos seletivos, a consanguinidade, acasalamento, e mudança de ambiente, não tem produzido nenhum novo e distintivo tipo. Ocorreram cruzamentos entre as variedades de frutas e vegetais, produzindo novas variedades, mas a nova variedade ainda era uma fruta ou vegetal. Ervilhas amarelas altas foram cruzadas com ervilhas verdes anãs com o resultado que Ervilhas verdes altas e ervilhas amarelas anãs fossem produzidas, mas os híbridos foram ainda ervilhas. Muita experimentação tem sido realizada com moscas de frutas, e as mutações têm sido produzidas, mas os mutantes ainda pertenciam à espécie - não se tornaram moscas comuns, bezerros, ou abelhas. Um cruzamento entre dois membros da família do cavalo (os equídeos) produz a mula, mas aqui, mesmo que o cruzamento esteja entre dois gêneros estreitamente relacionados de uma mesma família, a natureza faz um protesto e torna a mula híbrida a ser estéril. Quando os mutantes e híbridos férteis são possíveis, em condições naturais, há sempre uma forte tendência à reversão para o tipo original. Isso anula a tão anunciada seleção natural de Darwin.

Mudança de ambiente é ainda mais inútil para efetuar mutações. George McCready Price<sup>7</sup>, em seu Q.E.D, conta a história de um botânico alemão que transplantou 2.500 tipos de plantas montanhesas para a planície, e os estudou por anos, em conexão com os tipos comuns nas planícies. Ele descobriu que o ambiente de montanha não havia feito nenhuma mudança permanente absoluta ou significativa em sua estrutura ou hábitos.

A conclusão disso tudo é que os evolucionistas não podem provar a transmutação da família, nem conseguem dar uma explicação científica de como isso poderia ocorrer.<sup>8</sup>

---

7 George McCready Price (26 de agosto de 1870 - 24 Janeiro de 1963) era um canadense criacionista. Ele produziu várias obras antievolucionistas e criacionistas, particularmente sobre o tema da geologia do dilúvio. Fonte: [en.wikipedia.org/wiki/George\\_McCready\\_Price](http://en.wikipedia.org/wiki/George_McCready_Price)

8 Para que o aluno possa entender melhor os termos utilizados na discussão anterior é melhor aqui listarmos em ordem os termos utilizados na diferenciação biológica no reino animal. Do maior para os grupos menores, os nomes usados são os seguintes: Filo, subfilo, classe, ordem, família, gênero, espécie.

#### 4) A evolução não pode explicar por que certos tipos de vida não mostraram evolução

O registro dos fósseis preservado para nós nas formações rochosas da Terra mostram que as formas de vida do presente têm sido as mesmas desde o início. Entre estes, temos os protozoários, como já indicado. Eles lotam a terra e existem em muitas variedades, mas uma variedade nunca se transforma em outra, nem um protozoário nunca se torna um metazoário. Outro exemplo de nenhuma evolução é encontrado em pólipos dos corais. Estes insetos têm vindo trabalhar desde a era na geologia uniformitária conhecida como o período Siluriano, que se supõe ter ocorrido há milhões de anos. Grandes massas de corais foram escavadas nas regiões do interior e, portanto, remontam ao tempo em que o mar cobriu a área dada; “ainda hoje os descendentes dos animais de coral Siluriano são idênticos aos seus antepassados Silurianos!” (Rimmer, *The Theory of Evolution and the Facts of Science*, A Teoria da Evolução e os Fatos da Ciência, pág. 81). O mesmo é verdadeiro de algas primitivas, mesmo período do Siluriano, as lagostas a partir da idade do Carbonífero, gafanhotos, conservados no famoso Glacier Grasshopper de Montana,<sup>9</sup> um mosquito conservado em ágata musgo, que é suposto ter sido formado “quando a terra era jovem,” muitas variedades de insetos petrificados e preservados em âmbar, formado a partir da resina que escorria das árvores pré-históricas, semelhante ao pinho ou gomas de mascar e de tubarões e baleias gigantes incrustados em rocha na costa do Pacífico milhares de pés acima do nível do mar e cerca de quarenta milhas longe da praia.

#### 5) A evolução não pode explicar a Lei Universal de Retrocesso em vez de Progressão

Esta lei aplica-se com referência à civilização. A arqueologia revelou que quanto mais fundo o escavador for, maiores evidências do tipo de civilização ele encontra.

No reino animal a lei não é, como afirmaria a evolução, o progresso do pequeno ao grande, ou do fraco ao forte. É justamente o contrário. O elefante moderno maior

é um elefante pigmeu em comparação com o imperador *Elephas* do passado distante. A preguiça de hoje é uma pequena criatura, mas a preguiça gigante (*Megatérios*)

<sup>9</sup> Grasshopper Glacier (Montana) é um glaciar situado no Montanhas Beartooth, Floresta Nacional de Custer, Montana, EUA. A geleira está dentro do deserto Absaroka-Beartooth, uma parte do Grande Ecossistema de Yellowstone. Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Grasshopper\\_Glacier\\_%28Montana%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Grasshopper_Glacier_%28Montana%29)

da história geológica pesava toneladas! A moderna libélula ou mosquito-gavião é o representante moderno do fóssil da libélula com asas com extensão de dezoito polegadas. Os grandes tigres dentes-de-sabre, que já habitaram a Califórnia, mostram alguns indícios de terem sido progenitores do presente diminutivo gato selvagem da costa do Pacífico.

Tudo isso é completamente contra a teoria da evolução, mas é exatamente em harmonia com a revelação da Bíblia que os homens gigantes viveram na Terra e que os homens eram tão fortes que, às vezes, viviam mais de 900 anos. Estas são apenas algumas das potentes objeções científicas que podem ser interpostas contra a falácia tola de evolução. O espaço impede que lidemos com muitas outras razões científicas para a rejeição desta imaginação não científica.

### 3. A FARSA DAS ERAS GEOLÓGICAS EXPOSTA

Agora estamos prestes a atacar a própria cidadela da evolução. Fósseis preservados em rochas são o que o evolucionista tem de olhar para a sua única e verdadeira prova principal. Que isso é verdade é demonstrado pelas cogitações das autoridades qualificadas a seguir:

*“A prova direta fornecida pelos restos fósseis é, por todas as probabilidades, a mais forte evidência do que temos em favor da evolução orgânica.” (Morgan, A Critique of the Theory of Evolution, A Crítica da Teoria da Evolução, pág. 24).*

*“Embora o estudo comparativo de animais vivos e as plantas possam dar provas muito convincentes, os fósseis fornecem apenas a evidência histórica e documental de que a vida evoluiu de simples para formas mais complexas.” (Schuchert and Dunbar, A Book of Geology - Part II, Um Livro de Geologia - Parte II, pág. 23).*

Geologia uniformitarista é o braço da filosofia do naturalismo que é oposta ao supernaturalismo. Segue o método de “explicar o passado e o presente do ponto de vista subjetivo” (Zittle, History of Geology, História da Geologia, pág. 23). Toma os depósitos sedimentares fracionários encontrados em várias partes



da terra, que nunca são mais do que alguns quilômetros de espessura, e, presumindo ser capaz de calcular a idade comparativa de cada estrato de rocha, reúne uma série imaginária de camadas de rocha sedimentar ou “peles de cebola”, cobrindo a terra a uma profundidade de talvez cento e sessenta quilômetros.<sup>10</sup> Em seguida, ele calcula o tempo que levou para este formar rochas sedimentares com base na taxa de deposição de hoje, que ele calcula em cerca de um pé [30cm] a cada 200 anos. Por esse método, chega-se a um valor entre 80 milhões e 100 milhões com a idade mínima para os estratos mais baixos de rocha sedimentar.<sup>11</sup> A partir daí, então, a idade de cada estrato é determinada.

Notemos a falsidade gritante deste método de procedimento e das provas da suposta evolução que ele oferece.

### 1) O método de determinar a ordem em que foram depositados vários estratos é Falso

Geólogos uniformistas recorreram a três métodos para determinar a ordem de deposição: os materiais de que os depósitos são compostos, a ordem de sobreposição, e do conteúdo dos depósitos de fósseis. Nenhum deles pode ser provado em separado e é uma maneira astuta em combinar as coisas, demonstrando assim o engano de toda parte do método.

Não pode ser colocada confiança total na composição do material porque as provas das outras duas fontes, às vezes, contrariam esta evidência. Então a superposição não pode ser plenamente confiável porque os vários estratos não são contínuos e porque alguns deles estão faltando em cada depósito. Além disso, a ordem vertical é muitas vezes invertida. Assim, os evolucionistas optam para os fósseis como seu principal indicador da ordem de deposição. Mas aqui novamente a completa dependência lhes é negada, pois, como George McCready Price aponta:

*“Qualquer tipo de rocha fossilíferos, ‘velha’ ou ‘jovem’, pode ocorrer semelhante em qualquer outro tipo de rocha fossilífera, ‘velha’ ou ‘mais jovem’” (Evolutionary Geology, Geologia Evolucionista, pág. 160).*

10 Veja “A Book on Geology” (*Um Livro sobre Geologia*, Garrels, pág. 297), Harper & Brothers, New York.

11 *ibid*, pág. 298.

No entanto, apesar deste fato, em última análise, os fósseis só determinam a ordem de deposição. E na utilização de fósseis como um indicador da idade, a evolução é presumida ser a verdade. Assim, os geólogos uniformistas procedem em um círculo. Eles presumem que a evolução é verdadeira, então procedem prová-lo por uma sequência geológica que é em grande parte organizada de forma arbitrária. Qualquer pessoa pensante pode descobrir como é falsa esta farsa.

## **2) O método utilizado para determinar o tempo necessário para a deposição de sedimentos é falso**

Supõe-se que a taxa do passado é a mesma que é hoje. Isso significa que geólogos evolucionistas assumem que não houve condições, catástrofes e cataclismos que poderiam ter produzido uma taxa mais rápida de deposição. Mais tarde veremos que há indícios, tanto em fósseis e outros lugares que a taxa de deposição não se manteve uniforme.

## **3) A maioria das grandes cadeias montanhosas mostram nas cimeiras o que os geólogos uniformistas consideram como camada jovem**

Veja Geologia Evolucionária (Price, Evolutionary Geology, pág. 155). Assim, a elevação das montanhas deve ser considerada “jovem” ou recente na escala do tempo geológico. Este é um enigma para os evolucionistas, como indicado por Dana:

*“Foi considerado incrível pensar que o clímax do movimento da crosta da terra para cima, para a formação de montanhas deveria ter chegado tão perto do fim do tempo geológico, em vez de uma idade mais jovem quando a crosta tinha uma camada flexível por baixo, e era livre para se mover, mas o fato é incontestável.” (Manual, pág. 1020).*

## **4) No fundo do oceano “os fósseis mais jovens” e “mais velhos” jazem misturados**

Veja a mesma referência dada em (3). Isso é interpretado pelos evolucionistas para mostrar quão lentamente a lama se acumula no fundo do oceano. Mas é a melhor indicação de que os fósseis são da mesma idade recente.

**5) A conformação e mistura de muitas camadas sucessivas mostram que não havia nenhum lapso de tempo grande entre as suas deposições**

Se a superfície superior de um determinado estrato é nivelado e completamente liso, tendo o estrato imediatamente superior concordando uns com os outros nas suas estruturas básicas, onde não há evidências de erosão na camada inferior, os dois são declarados em conformidade. Isso significa que o superior deve ter sido colocado antes de qualquer lapso grande de tempo entre ele e o menor. Também muitas vezes há uma junção ou mistura de camadas sucessivas que parece indicar que a menor estava ainda em condições úmidas e plásticas, quando a superior foi depositada sobre ele.

**6) É cada vez mais evidente que muitas espécies de animais, anteriormente consideradas extintas, têm representantes no Mundo Moderno**

Os evolucionistas têm utilizado o caso de animais extintos para reforçar suas ideias de grandes idades para a vida na Terra. Mas a areia está se abrindo debaixo deles! Moluscos Pós-Plioceno foram descobertos como sendo idênticos com espécies vivas.

*“O Pictet cataloga noventa e oito espécies de mamíferos que habitavam a Europa no período pós-glacial. Destes, cinquenta e sete continuam a existir de modo inalterado...” (Fairhurst, *The Theistic Evolution, A Evolução Teísta*, pág. 99).*

Em muitos casos, os evolucionistas têm baseado sua conclusão sobre espécies extintas nas provas mais frágeis. Se as formas modernas não eram exatamente como as formas fósseis, têm sido classificadas como espécies separadas. Isso fez com que até mesmo o Sr. Darwin dissesse: “É notório saber que são tão pequenas as diferenças que muitos paleontólogos usaram para estabelecer suas espécies”.

**7) A abundância de fósseis preservados em rochas testifica contra as amostras fragmentárias que agora estão sendo enterradas**

Isso é indicativo de que o registro fóssil não foi feito pela mesma len-

tidão dos processos de trabalho hoje. Além disso, a notável preservação dos fósseis argumenta para o enterro em condições muito anormais. Vendo a questão do ponto de vista ligeiramente diferente leva a uma conclusão semelhante, como mostrado por Clark, ao falar de depósitos no “High Plains” dos Estados Unidos como segue:

*“O aspecto indica que as grandes forças erosivas entalharam o contorno geral das rochas, após o qual vastas correntes de água, sobrecarregadas com sedimentos, construíram a planície aluvionar<sup>12</sup> acima da superfície erosiva. Condições normais não produziriam esta situação. Uma ação violenta de água é necessária para disseminar essa areia e cascalho tão amplo e tão densamente.” (New Diluvialism, Novo Diluvialismo, pág. 29).*

#### **8) Fósseis dão evidência de morte violenta e repentina**

A prova disto decorre do fato de que muitos fósseis dos trilobitas são encontrados firmemente enrolados em uma bola como se fosse para sua proteção, indicativo de um espasmo defensivo em que eles se jogaram por causa da exposição de uma força violentamente destrutiva. Também, há peixes cujos formatos mostram contorção, contração e curvatura; suas caudas em muitos casos sendo dobradas em torno de suas cabeças, suas espinhas fora, e as suas barbatanas plenamente difundidas, o que indica que eles morreram em convulsões. Destruição em massa também é indicada no registro fóssil, e isso prenuncia violência.

#### **9) Formações de Carvão indicam ação violenta rápida ao invés de um processo lento**

Geólogos evolucionistas supõe que o carvão foi formado a partir de turfa, que foi produzida durante longos períodos em pântanos, através da acumulação de folhas, caules e plantas. Eles devem pensar que, enquanto a turfa estava se formando havia um afundamento lento da área. Mas não é

---

12 Aluvionar é relativo a aluvião. s.f. Inundação, enxurrada. Depósito de matérias orgânicas e inorgânicas deixado pelas águas: a aluvião é formada de calhaus, cascalho, areia e lodo. Geologia Terrenos de aluvião, terrenos recentes, formados por aluvião. Fonte: <http://www.dicio.com.br/aluviao/>

fácil para eles explicarem a razão para tal acumulação vasta em um só lugar. Estima-se que ela leva de um metro e meio a dois metros de matéria vegetal para fazer 30 cm de carvão. Há alguns leitos de carvão de quinze metros ou mais de espessura. Isso teria exigido 26-60 metros de turfa. Além disso, existem casos de 117 emendas sucessivas de carvão. Mas a evidência mais forte de ação rápida reside no fato de que as árvores estenderam-se através de emendas de carvão. Em uma mina de carvão inglesa há uma árvore de 34 metros de altura. Esta árvore não poderia ter crescido assim, através de longos períodos em um pântano. Às vezes, árvores foram encontradas estendendo-se através de várias emendas de carvão e de seus estratos de rochas intermediárias. Tudo isso é indicativo de uma ação violentamente rápida no sepultamento da vegetação que fez o nosso carvão.

#### 4. QUAL A CONCLUSÃO DE TUDO ISSO?

A conclusão de todos estes indícios da falsidade da geologia de uniformidade é, para colocá-lo objetivamente, a inundação descrita no Gênesis responde pela maior parte de rochas sedimentares e os fósseis que elas contêm.

Quando se contempla a provável causa da precipitação da grande reserva de vapor que tinha sido detida em suspensão em algum lugar acima da terra, o sentido da abertura das fontes do grande abismo, e os efeitos calculados das marés que varreram para frente e para trás sobre a terra, não é difícil visualizar as forças e causas secundárias que podem explicar as formações geológicas.

Pode ter havido uma abordagem muito próxima de um cometa gigante que causou a precipitação do vasto cinturão de umidade. A inclinação do eixo da Terra pode ter sido alterada temporariamente enviando grandes ondas de água para circular sobre a Terra. O encolhimento da crosta terrestre pode ter causado córregos subterrâneos para arrebentar, assim mudando a face da terra. A entrada de água pelas entranhas da terra através de crateras vulcânicas pode ter causado grande perturbação interna.

De qualquer forma, o dilúvio da Bíblia dá a explicação mais satisfatória de todos os fatos observados.

Isto implica que a inundação foi mundial, e este é o sentido literal do

Gênesis. Para dizer que não havia água suficiente para cobrir toda a terra e submergir todas as montanhas, é de presumir que nós sabemos o quão altas as montanhas eram na época. Estima-se que há água suficiente na Terra para cobri-la até uma profundidade de mais de três quilômetros, se fosse nivelada. Esse número poderia ser muito pequeno. Quem pode dizer quanta água existe agora em suspensão na atmosfera e escondida em rios subterrâneos? O autor prefere a Bíblia a qualquer palavra do homem. E ele assume a sua posição nela contra toda teoria que ainda questiona a exatidão da sua cronologia se ela divulga uma, admitindo erros razoavelmente de transcrição.



## CAPÍTULO 15

# ELEMENTOS ESSENCIAIS DA NATUREZA HUMANA

Há duas teorias que referem-se aos elementos essenciais da natureza humana. Notemos na seguinte ordem:

### **I - A TEORIA TRICOTÔMICA**

As duas passagens seguintes são tidas por alguns para ensinar uma divisão tríplice da natureza humana em corpo, alma e espírito; constituindo três elementos distintos na natureza do homem:

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1 Tessalonicenses 5:23).

“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.” (Hebreus 4:12).

Rejeitemos esta teoria pelas seguintes razões:

**1) Se a enumeração tríplice em 1 Tessalonicenses 5:23 deve ser tomada como significando três elementos distintos no homem, então Mateus 22:37 deve ser tomado como nomeando, no mínimo, um elemento adicional, fazendo-os quatro ao todo**

Mateus 22:37 diz: “E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.” É preciso notar que essa passagem, à luz da interpretação de 1 Tessalonicenses 5:23 pelos advogados da teoria tricotômica, faz do coração e mente, elementos diferentes na natureza do homem. Diga-se agora que a “mente” nesta passagem é idêntica a “espírito” em 1 Tessalonicenses 5:23; mas o “coração” não pode ser identificado com coisa alguma em 1 Tessalonicenses 5:23, desde que “alma”, bem como coração, é mencionada em Mateus 22:37. Assim, para os advogados da teoria tricotômica à luz de sua interpretação de 1 Tessalonicenses 5:23, não há saída da necessidade de sustentar uma divisão quádrupla da natureza humana.

**2. Tão certo é manifesto pela escritura que “coração” e “mente” não designam elementos separados da natureza humana, o mesmo é manifestado acerca da “alma” e do “espírito”**

Presumimos que todos concordarão em que “coração” e “mente” representam não dois elementos distintos da natureza humana, mas apenas duas faculdades; sendo a mente especialmente a faculdade do conhecimento e o coração a faculdade do sentimento. Mais tarde mostraremos que está igualmente claro que alma e espírito não são distintos.

**3. Hebreus 4:12 não deve ser tomado como se referindo a uma divisão entre a alma e o espírito como se fossem elementos separados**

Antes pensamos que se refere à penetração “até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas”, como sendo às mesmas profundezas da natureza espiritual (A. H. Strong).



#### **4. Os termos “espírito” e “alma” são alternados na Escritura**

Veja Gênesis 41:8 comparado com Salmos 42:6; João 12:27 comparado com João 13:21 e Hebreus 12:23 comparado com Apocalipse 6:9. Este uso alternado de ambos os termos é fatal à doutrina tricotômica.

#### **5. Dois elementos apenas da natureza humana são mencionados na criação do homem**

Primeiro, Deus criou o corpo do homem. Então Ele assoprou nas narinas desse corpo o fôlego (espírito) de vida e assim o homem se tornou alma vivente (Gênesis 2:7). O homem não veio a ser primeira alma vivente ou a possuir uma alma e então receber o espírito em adição: foi a recepção do espírito que o fez alma vivente.

#### **6. Jesus dividiu a natureza humana em apenas dois elementos**

Em Mateus 10:28 disse Jesus: “ E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeis antes aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo”. Se há três elementos na natureza humana, que sucede ao terceiro quando corpo e alma vão para o inferno?

Se Eclesiastes 12:7 se oferece em resposta a esta pergunta, respondemos que a palavra hebraica traduzida por “espírito” nesta passagem, não pode ser tomada como significando “espírito” no sentido em que a usamos aqui: significa meramente “fôlego”. Em resposta, pode ser dito que, se a palavra hebraica aqui significa apenas fôlego, então significa o mesmo em Gênesis 2:7, onde a temos interpretado como significando espírito. Mas desde que, após a partida do fôlego, o homem continua a ser uma alma vivente, como evidenciado por seu sofrimento consciente eterno, no caso de ele ir para o inferno (Gehenna), deve ser entendido que a palavra em Gênesis 2:7 significa mais do que fôlego.

Não fique entendido que o que estamos dizendo aqui é que nunca há nenhuma distinção entre alma e espírito. Enquanto elas são mais frequentemente usadas como sinônimos, contudo, algumas vezes, traça-se uma vaga distinção; mas esta distinção não é entre elementos diferentes da natureza humana. Quando se faz uma distinção, ambos os termos meramente “designam o princípio imaterial de diferentes pontos de vista” (A. H. Strong).

*“Concluímos que a parte imaterial do homem, vista como uma vida individual e consciente, capaz de possuir e animar um organismo físico, chama-se “psuke” (alma); vista como um agente moral e racional, suscetível de influência e habitação, esta mesma parte imaterial chama-se “pneuma” (espírito). O “pneuma” (espírito), pois, é a natureza do homem olhando para Deus e capaz de receber e manifestar o “Pneuma Hagion” (Espírito Santo); a “psuke” (alma) é a natureza do homem olhando para a terra e tocando o mundo dos sentidos. O “pneuma” (espírito) é a parte mais elevada do homem como relacionada às realidades espirituais ou como capaz de tal relação; a “psuke” (alma) é a parte mais elevada do homem como relacionada com o corpo ou como capaz de tal relação. O ser do homem, portanto, não é tricotômico senão dicotômico e a sua parte imaterial, enquanto na posse de dualidade de faculdades, tem unidade de substância. A natureza do homem não é uma casa de três andares senão de dois, com janelas no andar de cima dando para duas direções: para a terra e para o céu. O “andar térreo” é a nossa parte física: o corpo. Mas o “andar superior” do homem tem dois aspectos: há uma visão para as coisas embaixo e uma clarabóia através da qual se veem estrelas.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 246).*

*“A alma é espírito modificado pela união com o corpo.” (Hovey).*

## II - A TEORIA DICOTÔMICA

Em vista de todas as considerações precedentes, somos mais simpáticos pela teoria dicotômica da natureza humana do que pela tricotômica. A teoria dicotômica encara o homem como se compondo de duas partes, uma material (corpo) e outra imaterial (alma ou espírito).

Já justificamos essa teoria, ao menos para nossa própria satisfação, contra a teoria tricotômica. Só nos resta agora responder aos que recusam até mesmo uma dupla divisão da natureza humana e negam que a alma seja um elemento atual, distinto do corpo. Como uma prova que o corpo e alma são dois elementos distintos, oferecemos os seguintes argumentos:

**1. Disse Jesus que o homem não pode matar a alma**

Veja Mateus 10:28. E, na mesma passagem Ele também disse que o homem pode matar o corpo; logo, corpo e alma são elementos distintos.

**2. O homem continua a existir depois do corpo voltar ao pó**

Para prova disto, veja o capítulo sobre “O Estado Presente dos Mortos”.

**3. A morte física é tratada como a partida da alma do corpo e um retorno à vida é tratado como a vinda da alma outra vez ao corpo**

Veja Gênesis 35:18; 1 Reis 17:22. Algumas vezes a palavra hebraica “alma” nestas passagens (*nephesb*) significa meramente vida; mas tal significado não faz sentido em 1 Reis 17:22, porque aí afirma-se que “a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu” ou viveu outra vez. Traduzir “*nephesb*” aqui por “vida” faria as palavras rezarem: “A vida da criança veio-lhe outra vez e ela viveu outra vez”.

**4. Paulo chama o corpo meramente nossa casa terrestre e diz que teremos outra casa após a dissolução do corpo**

Veja 2 Coríntios 5:1-4. Esta outra casa é o corpo espiritual que os crentes receberão na ressurreição. Assim o homem interior ou a alma pode mudar-se desta casa para outra e é, portanto, tão distinta em substância e separável em natureza do corpo como é o corpo humano distinto da casa em que mora. O corpo físico é somente a moradia terrena da alma.





## CAPÍTULO 16

# A NATUREZA MORAL DO HOMEM

O homem é uma criatura moral. Com isto queremos dizer que ele é responsável por suas ações. Isto é uma das características que diferencia o homem dos animais. O homem se constitui criatura moral por aquelas faculdades que o fazem responsável pelas suas ações. Essas faculdades são três:

### **I - INTELLECTO**

Intellecto é a faculdade da percepção ou pensamento. É o poder de o homem saber ou receber conhecimento. Sem isto o homem não seria uma criatura moral. Isto é ensinado por Jesus em João 9:41.

## II - CONSCIÊNCIA

De um ponto de vista estritamente psicológico, a consciência não é considerada como uma faculdade separada. Deste ponto de vista as três faculdades são intelecto, sensibilidade e vontade; sendo a consciência considerada como a ação combinada dessas três faculdades, dando ao homem um senso íntimo de sua responsabilidade moral e julgando entre o bem e o mal. Todavia, a consciência pode, num sentido, ser considerada como uma faculdade, porque é o poder da mente conhecer o bem e o mal e sentir-se obrigada a fazer o bem. Assim, o juízo está envolvido na consciência. E a razão está envolvida no juízo.

Em suma, a consciência é o guia final do homem. Errôneo é fazer uma distinção entre seguir a própria consciência e seguir a Lei de Deus. A Lei de Deus não tem meio de nos alcançar exceto através da consciência. Quando fazemos o bem, só pode ser como resultado de incitação da consciência, que age segundo o padrão aceitado pela mente. Assim a consciência nos guia direito só em proporção à retidão do padrão que tivermos aceitado como nosso guia. Daí a necessidade de conhecimento correto da Palavra de Deus.

## III - VONTADE

A vontade do homem é definida por A. H. Strong como “o poder da alma de escolher entre motivos e dirigir sua atividade subsequente de acordo com o motivo assim escolhido. Em outras palavras, o poder da alma de escolher tanto o fim como os meios de atingir o escolhido”. Diz o mesmo autor: “A escolha de um determinado fim chamamos preferência imanente; a escolha dos meios chamamos volição executiva.”

Como comentamos em relação à vontade de Deus, a vontade não é independente da natureza do seu possuidor. Não é, como se fosse, um outro ser dentro de nós. O caráter da vontade é o caráter do indivíduo que a possui. A vontade é, simplesmente, um poder da alma.

Os atos da vontade são determinados por dois fatores: motivos e caráter. Usamos o termo “motivos” significando razões e induzimentos que influenciam a direção de certos atos da vontade. Destes dois fatores, o caráter é o mais dominante, porque em todo ato da vontade fazemos escolha entre dois ou mais motivos e é o nosso ca-

ráter que determina que motivo escolhemos.

Todo ato da vontade é uma expressão de caráter em vista de motivos e todo ato da vontade tende a modificar ou confirmar o caráter. Isto explica porque uma determinada escolha da vontade torna-se cada vez mais fácil.

A questão da liberdade da vontade do homem, sendo um assunto tão vasto, será tratada em outro capítulo.







## CAPÍTULO 17

# O ESTADO ORIGINAL E A QUEDA DO HOMEM

Em Eclesiastes 7:29 lemos: “Eis aqui, o que tão somente achei: que Deus fez ao homem reto, porém eles buscaram muitas astúcias.” Nada é mais evidente do que os dois fatos mencionados nesta passagem; a saber, a retidão original do homem e a sua queda deste estado.

### **I - O ESTADO ORIGINAL DO HOMEM**

#### **1. O FATO EM SI**

A passagem a pouco citada nos diz que Deus fez o homem reto. Isto é evidente da natureza de Deus. Sendo infinitamente Santo, Ele só podia criar aquilo que é reto. Então nos diz em Gênesis 1:31 que Deus viu que tudo quanto Ele fez foi muito bom. Isto inclui o homem. A Bíblia também nos diz que Deus fez o

homem na Sua própria imagem (Gênesis 1:27).

## 2. A IMAGEM DE DEUS NO HOMEM

### 1) Considerada Negativamente

A imagem de Deus no homem não consistiu de uma trindade análoga à trindade divina. Já discutimos isto extensamente no capítulo sobre “Os Elementos da Natureza Humana”. Nesse capítulo mostramos que o homem consiste, não de três partes, senão de duas; e, se ele consistisse de três partes, que membro da trindade representaria o corpo do homem?

### 2) Considerada Positivamente

A imagem de Deus no homem consistiu de duas coisas, a saber:

#### Santidade

Nisto teve o homem uma semelhança moral com Deus. Ao afirmarmos que santidade foi uma parte da imagem de Deus no homem, queremos dizer que, na criação do homem, Deus criou as faculdades humanas com uma inclinação reta. A santidade deve ter sido parte da imagem de Deus no homem porque santidade é o atributo fundamental de Deus. Que santidade foi uma parte da imagem original de Deus no homem está também confirmado pelo fato que a santidade é criada de novo no homem na renovação da imagem de Deus nele durante a regeneração (Efésios 4:24; Colossenses 3:10). Isto está confirmado ainda mais em Eclesiastes 7:29.

A semelhança moral original do homem com Deus constitui mais que mera inocência. Foi santidade mesmo. Só isto pode satisfazer a afirmação que o homem foi feito à imagem de Deus. Se inocência fosse suficiente para satisfazer essa afirmação, então seríamos obrigados a concluir que cada criancinha nasce com a imagem moral de Deus, o que a Escritura nega (Salmos 51:5; 58:3; Jeremias 17:9).

#### Personalidade

Nisto o homem tem uma semelhança natural com Deus. A personalidade pode

ser definida como autoconsciência e autodeterminação. A primeira é a habilidade do homem em conhecer-se distintamente de tudo o mais e de analisar-se. A segunda é o poder de fazer escolhas em vista de motivos. Tais escolhas envolvem a razão e o juízo; e, quando se relacionam com assuntos morais, envolvem consciência.

É a personalidade que distingue naturalmente o homem do bruto (o animal). O bruto tem senso íntimo, mas não autoconsciência. Nenhum bruto jamais pensou “Eu”. Nenhum bruto jamais se deteve para analisar-se. Um bruto nunca reflete sobre sua própria natureza em distinção de tudo o mais. Ele nunca se empenha em introspecção. Nem o bruto faz escolhas em vista de motivos. Suas ações são determinadas por instintos e por influências externas. Assim, o bruto tem determinação, mas não autodeterminação. Que o bruto se move por instinto mais do que por escolha em vista de motivos está evidente pelo fato que os brutos nunca melhoram em seus métodos de fazer as coisas.

Que a personalidade foi uma parte da imagem de Deus no homem está evidenciado pelo fato que o homem decaído, destituído de santidade, diz-se ainda estar na imagem de Deus. Veja Gênesis 9:6; Tiago 3:9.

## II - A QUEDA DO HOMEM

A santidade original do homem não era imutável. A mutabilidade é uma característica necessária da natureza humana. Imutabilidade requer infinidade de conhecimento e poder. A infinidade é uma característica da Divindade somente. Portanto, desde que Deus desejou criar o homem e não um deus, Ele fez Adão mutável. Isto tornou possível a queda. Notemos, então, em referência à queda:

### 1. O FATO EM SI

Em Gênesis 3 temos a narrativa da queda. De modo que a queda é um fato revelado. Também é um fato que é evidente, como já o indicamos.

### 2. O PROBLEMA EM SI

Quando começamos a estudar a queda do homem, somos abordados pelo pro-

blema de como um ser como Adão pôde cair. Notemos a respeito deste problema:

### 1) Uma explicação errônea

Às vezes uma explicação deste problema da queda do homem procura representar o seu estado original como um mero equilíbrio no qual seria tão fácil escolher o erro quanto escolher o correto. Tal noção reduz o estado original do homem a uma condição de mera inocência em vez de santidade em si. Já tocamos nisto e confiamos que temos mostrado que mera inocência não satisfaz a afirmação que o homem foi criado na imagem de Deus.

### 2) A explicação correta

A queda do homem não pode ser explicada apenas com base na liberdade de escolha de Adão. Também não pode ser explicada com base no desejo natural, nem sobre a base do fato de que nossos primeiros pais foram enganados pelo Diabo. Esses fatos são bem colocados por Strong como segue: “O mero poder de escolha não explica o fato de uma escolha profana. O fato de um desejo natural de gratificação sensual e intelectual não explica como esse desejo chegou a ser desordenado. Nem também lança luz sobre o assunto para resolver esta queda em um engano dos nossos primeiros pais por Satanás. Sua condescendência a essa decepção pressupõe desconfiança de Deus e da alienação dEle. A queda de Satanás, por outro lado, já deve ter sido sem causa pela tentação de fora, é mais difícil de explicar do que a queda de Adão” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 304).

No entanto, o autor não vê a dificuldade expressa por Strong em dizer que “temos de reconhecer que não podemos compreender como a primeira emoção profana poderia ter encontrado apresentação em uma mente que foi fixada supremamente em Deus, nem como a tentação pôde superar uma alma na qual não houve propensões profanas as quais poderia recorrer.” (ibid, p. 304).

O autor crê que nos fatos seguintes tenhamos uma explicação lógica e satisfatória da queda do homem:

### **Adão era mutável**

Já discutimos este fato.

### **Sendo mutável, ele só podia permanecer firme no seu estado original pelo poder de Deus**

Veja o capítulo sobre “A Relação de Deus com o Universo”. Nada fica inalterado pela sua própria força exceto aquilo que é imutável.

### **Deus podia ser justo e santo e permitir Adão cair se Lhe agradasse**

Desde que Deus permitiu o pecado, ninguém objeta à permissão da queda, salvo aqueles que queiram criticar a Deus.

### **Deus, tendo escolhido permitir a queda, retirou de Adão o Seu poder sustentador**

Assim, a natureza moral de Adão tornou-se desordenada tanto como o universo inteiro cairia aos pedaços se Deus retirasse o Seu poder sustentador e conservador por um só instante.

## **3. OS RESULTADOS EM SI**

### **1) O Primado de Adão**

Quando Adão provou a corrupção de sua natureza, ele não era um simples indivíduo; mas o primado da raça humana. O fato de Adão ser o primado está claramente ensinado no capítulo quinto de Romanos. O seu primado ali não se apresenta como simples primado federal. Adão não pecou meramente por nós, como se ele fosse o mero cabeça federal da raça; nós pecamos nele (Romanos 5:12).

### **2) Os efeitos da queda**

#### **Sobre Adão e Eva**

Adão e Eva sofreram a corrupção de sua natureza, a qual lhes trouxe, ao mesmo tempo, morte natural e espiritual.

### Sobre a Raça

O efeito total da queda de Adão sobre a raça é a corrupção da natureza da raça, trazendo-a a um estado de morte espiritual e tornando-a sujeita à morte física.

Os descendentes de Adão são feitos responsáveis, não pelo ato manifesto de Adão em participar do fruto proibido senão pela apostasia interior da sua natureza de Deus. Não somos pessoalmente responsáveis pelo ato manifesto de Adão, porque o seu ato manifesto foi o ato de sua própria vontade individual. Mas nossa natureza, sendo uma com a dele, corrompeu-se na apostasia de sua natureza. Daí, o efeito da queda sobre a raça não consiste tanto da culpa pessoal pelo ato manifesto de Adão como da corrupção da natureza da raça. Não somos responsáveis por qualquer coisa que não possamos arrepender-nos quando vivificados pelo Espírito de Deus. Há homem hoje convicto do pecado de Adão de participar do fruto proibido? Mas nós nos sentimos convictos e podemos nos arrepender da corrupção de nossas naturezas, corrupção que se manifesta em rebelião contra Deus e em transgressões pessoais. Não cremos que a Escritura ensine mais do que isto a respeito dos efeitos da queda sobre a raça. Para uma discussão de João 1:29 a este respeito, veja o capítulo sobre a expiação.

Ao falar da corrupção da natureza humana, o autor não se refere a uma corrupção da substância ou essência da alma. A palavra “natureza” é usada aqui no sentido do caráter inerente, disposição, instintos naturais, desejos e apetites. A queda corrompeu a natureza humana no sentido da introdução de desordem moral e religiosa. Ou, para usar as palavras de Strong, pode-se dizer que a queda resultou no “depravar de todos os poderes que, na sua ação unida com referência à verdade moral e religiosa, que chamamos de natureza moral e religiosa do homem, ou, em outras palavras, a cegueira do seu intelecto, a corrupção de seus afetos, e a escravidão de sua vontade.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 307).

#### 4. A DIFERENÇA ENTRE ADÃO E EVA NA QUEDA

A narrativa do Gênesis não faz diferença vital entre Adão e Eva na queda, mas uma distinção está claramente apresentada em 1 Timóteo 2:14, onde se diz que Eva foi enganada e Adão, não. Isto quer dizer que Eva caiu em transgressão porque ela foi levada a pensar que o aviso de Deus não era verdade e que ela não morreria como uma penalidade por participar do fruto proibido. Mas com Adão foi diferente. Ele

não duvidou da Palavra de Deus; ele pecou porque preferiu ser expulso do Éden com sua esposa antes que ficar no Éden sem sua esposa. Muitas vezes pensa-se que os fatos acima ligam maior culpa ao pecado da mulher do que ao pecado de Adão, mas o oposto é verdade. Adão pecou por meio da escolha voluntária e consciente da amizade de sua esposa, antes que a de Deus. Nada disto foi verdade no pecado de Eva.

## 5. POR QUE DEUS PERMITIU A QUEDA?

Não foi porque Deus tenha sido compelido a permiti-la. Deus é soberano e faz tudo livremente. Não foi porque Lhe faltasse o poder. Deus fez o homem mutável, o que foi necessário, como temos mostrado, mas Ele podia ter conservado o homem do pecado sem a violação da vontade do homem ou de qualquer princípio. Podemos dar apenas uma resposta à pergunta acima. E esta é que Deus permitiu a queda para prover o meio para a glorificação do Seu Filho na redenção.

## 6. A QUEDA E A SANTIDADE DE DEUS

Talvez a razão carnal jamais fique satisfeita com qualquer explicação da queda em relação com a santidade de Deus. Como podia um Deus santo permitir o pecado quando Ele teve todo o poder de impedir o pecado? Que Ele teve esse poder não pode ser duvidado. E, enquanto a razão carnal possa nunca ser satisfeita, contudo a fé na Palavra de Deus satisfaz a nova mente que a permissão do pecado por Deus é perfeitamente consistente com a Sua santidade. Se tivéssemos o poder de impedir o pecado e não fizéssemos, seríamos culpados do mal, mas Deus é diferente de nós: somos dependentes e, portanto, responsáveis. Deus é independente e, portanto, não responde a ninguém. Quando nós soubermos como somos conhecidos, então poderemos entender completamente como a permissão para pecar é perfeitamente compatível com a perfeita Santidade de Deus.







## CAPÍTULO 18

# A DOCTRINA DO PECADO

Nos capítulos sobre “Satanás – Sua Origem, Obra e Destino” e “O Estado Original e Queda do Homem”, ocupamo-nos com a origem do pecado no universo e também com sua entrada na família humana. Por essa razão estes assuntos não serão tratados neste capítulo.

É muito importante que tenhamos uma compreensão adequada do pecado. Muitos erros modernos a respeito da salvação não podem ser sustentados por aqueles que pensam logicamente, se tiverem uma concepção apropriada do pecado.

## I - A NATUREZA DO PECADO

O pecado é uma hidra<sup>1</sup>. Ele apresenta diferentes fases. Um tratamento ade-

1 Fig. Coisa que se revela por um caráter de destruição ou opressão; perigo incessantemente renovado. Fonte: <http://www.dicio.com.br/hidra/>

quando do pecado deve lidar com estas diferentes fases:

### 1. O PECADO COMO UM ATO

1 João 3:4 nos dá o significado de pecado: “Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade”. A palavra iniquidade significa aquilo que é contra a equidade. É uma definição do pecado como um ato. É uma transgressão, ou uma ida contrária à Lei de Deus.

### 2. O PECADO COMO UM ESTADO

Há muitas pessoas que não podem ou não querem ver que o pecado vai mais fundo que um ato declarado. Uma pequena reflexão mostrará que os nossos atos são apenas expressões do nosso ser interior. A pecaminosidade íntima, então, precede os próprios atos do pecado.

Jesus ensinou isso, em princípio, quando disse: “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.” (Mateus 12:33). Isto significa que deve haver uma árvore má antes que possa haver frutos corruptos. Jesus ensinou esta verdade quando disse explicitamente: “Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.” (Mateus 15:19). Ele ensinou novamente, quando disse: “E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (João 3:19). Ainda mais uma vez Ele ensinou no Sermão do Monte, destacando o fato de que os homens quebram os mandamentos de Deus por abrigar maus pensamentos. Veja Mateus 5:21-22,27-28. Falando fundamentalmente em palavras simples entendemos que um homem não é o que é por causa do que faz, mas sim que ele faz o que faz por causa do que ele é.

Observe as seguintes provas escriturísticas de que o homem não é somente pecaminoso na conduta, mas que ele existe num estado pecaminoso – uma falta de conformidade para com Deus na mente e no coração:

A) As palavras hebraica e grega traduzidas por “pecado” aplicam-se tanto a disposições e estados de ser como a atos.

B) O pecado pode consistir de omitir em fazer a coisa justa tanto como de co-

meter a coisa errada. “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.” (Tiago 4:17).

C) A iniquidade se atribui a pensamentos e afetos. Gênesis 6:5; Jeremias 17:9; Hebreus 3:12.

D) O estado da alma que dá expansão a atos manifestos de pecados é expressamente chamado pecado. Romanos 7:8,11,13,14,17,20.

E) Alude-se ao pecado como um princípio reinante na vida. Romanos 6:21.

### 3. O PECADO COMO UM PRINCÍPIO

Pecado como um princípio é rebelião contra Deus. É recusar fazer a vontade dEle, o qual tem todo o direito de exigir obediência de nós.

### 4. O PECADO EM ESSÊNCIA

*“Podemos seguir o Dr. E. G. Robinson em dizer que, enquanto o pecado como um estado é dessemelhança de Deus, como um princípio é oposição a Deus e como um ato é transgressão da Lei de Deus, a sua essência é sempre e em toda a parte egoísmo.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 295).*

O pecado pode ser descrito como uma árvore chamada “vontade própria”, tendo duas raízes mestras: uma é um “não” para Deus e Seus mandamentos. A outra é um “sim” para o Eu e os interesses do Eu. Esta árvore é capaz de dar qualquer espécie de fruto no catálogo dos pecados. O egoísmo está sempre manifesto no pecador pela prioridade dada a “algum afeto ou desejo mal em vez de uma consideração a Deus e Sua Lei” (Strong). Não importa a forma que o pecado tome; acha-se sempre ter o egoísmo por sua raiz. O pecado pode tomar as formas de avareza, orgulho, vaidade, ambição, sensualidade, ciúme, ou mesmo o amor de outrem, em cujo caso outros são amados porque são tidos como estando de algum modo ligado ao Eu ou contribuindo para o Eu. O pecador pode buscar a verdade, mas sempre por fins interesseiros, egoísticos. Ele pode dar seus bens para alimentar o pobre, ou mesmo o seu corpo para ser queimado, mas só por meio de um desejo egoísta de gratificação carnal ou por honra ou para ganhar uma recompensa. O pecado, como egoísmo, tem quatro partes:

“(1) Vontade própria, em vez de submissão; (2) ambição, em vez de benevolência; (3) autojustiça, em vez de humildade e reverência; (4) autossuficiência, em vez de fé” (Harris).

Para prova do fato que o pecado é essencialmente egoísmo, insistimos nas seguintes considerações:

A) Na apostasia dos últimos dias está dito que “haverá homens amantes de si mesmos,” e também “mais amigos dos deleites do que amigos de Deus” (II Timóteo 3:2,4).

B) Quando se revelar “o homem do pecado... o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora” (II Tessalonicenses 2:4).

C) A essência da Lei de Deus é amar a Deus supremamente e aos outros como a si mesmo. O oposto disso, o supremo amor de si mesmo, deve ser a essência do pecado. Mateus 22:37-39.

D) A apostasia de Satanás consistiu na preferência de si mesmo e de sua ambição egoística a Deus e Sua vontade. Isaías 14:12-15; Ezequiel 28:12-18.

E) O pecado de Adão e Eva no jardim surgiu de uma preferência de si mesmos e de suas autogratificações, em rebelião a Deus e Sua vontade.

Eva comeu do fruto proibido porque ela pensou que lhe daria a sabedoria almejada. Adão participou do fruto porque ele preferiu sua esposa a Deus; e a razão porque ele preferiu sua esposa a Deus é que ele conceituava que a sua esposa serviria mais para a sua autogratificação do que Deus poderia.

F) A morte de Abel por Caim foi incitada pelo ciúme, o qual é uma forma de egoísmo.

G) O egoísmo é a causa da impenitência do pecado. Deus mandou que todos os homens em todo lugar se arrependam. Os homens recusam-se a fazer isso porque preferem seus próprios caminhos à vontade de Deus.

Vemos, então, que o pecado não é meramente um resultado do desenvolvimento imperfeito do homem. É uma perversidade da vontade e da disposição. O homem nunca a sobrepujará enquanto ele estiver na carne. A regeneração põe um entrave sobre ela, mas não a destrói. O pecado não é o mero resultado da união do Espírito com o corpo. O espírito mesmo é pecaminoso e seria tão pecaminoso fora do corpo como no corpo se deixado em seu estado natural. Satanás não tem corpo e, contudo, é supremamente pecaminoso. O pecado também não é mera finitude. Os anjos eleitos no céu são finitos e, contudo, estão sem pecado. Os santos glorificados ainda serão

finitos e, no entanto, não terão pecado.

## II - A UNIVERSALIDADE DO PECADO NA FAMÍLIA HUMANA

Todos os homens, com a exceção única do Deus-homem, Cristo Jesus nosso Senhor, são pecadores por natureza e expressam essa pecaminosidade interior em transgressão deliberada assim que atingem a idade da responsabilidade. Este fato está provado por:

### 1. A necessidade universal de arrependimento, fé e regeneração

Lucas 13:3; João 8:24; Atos 16:30-31; Hebreus 11:6; João 3:3,18.

### 2. Declarações claras da Escritura

1 Reis 8:46; Salmos 143:2; Provérbios 20:9; Eclesiastes 7:20; Romanos 3:10, 23; Gálatas 3:22.

## III - A EXTENSÃO DO PECADO NO SER HUMANO

As Escrituras ensinam que a extensão do pecado no ser humano é total. Isto é o significado de depravação total.

### 1. A DEPRAVAÇÃO TOTAL CONSIDERADA NEGATIVAMENTE

A depravação é um assunto muito mal entendido. Por essa razão precisamos entender que a depravação total não quer dizer:

A) Que o homem por natureza está inteiramente privado de consciência. Até mesmo o pagão tem consciência. Romanos 2:15.

B) Que o homem por natureza está destituído de todas aquelas qualidades que são louváveis segundo os padrões humanos. Jesus reconheceu a presença de tais qualidades num certo homem rico (Marcos 10:21).

C) Que todo homem está disposto por natureza para toda forma de pecado. Isto é impossível, porquanto algumas formas de pecado excluem outras. "O pecado

de avareza pode excluir o pecado de ostentação; o de orgulho pode excluir o de sensualidade” (Strong).

E) Que os homens são por natureza incapazes de se comprometer em atos que são externamente conforme a Lei de Deus. Romanos 2:14.

F) Que os homens são tão corruptos quanto podiam ser. Eles podem piorar e pioram. 2 Timóteo 3:13. Então entendemos que o termo depravação total não quer dizer que a depravação é total no seu grau. Ela tem a ver com a extensão somente.

G) Além disso, depravação total não significa que há corrupção ou depravação da substância ou da essência da alma.

A depravação total é composta apenas de uma perversão moral de todas as partes da alma, como veremos agora. É a tendência pecaminosa destas faculdades que dá ao homem uma natureza pecaminosa. Afirmar que o homem tem uma natureza pecaminosa, sem atribuir o pecado ao fundo da alma, é negar que haja qualquer coisa como caráter moral. Talvez o que aconteceu na queda da raça humana não possa ser mais bem expresso do que nas seguintes palavras de Delitzsch:

*“Em consequência do primeiro pecado, a natureza interna do homem tornou-se possuída pela morte, pela dissolução da união anterior de competências múltiplas reciprocamente atuando na vida do espírito e da alma; e com o desaparecimento da vida espiritual à imagem de Deus, e seu reflexo na alma. Até nesse momento, o amor Deus preencheu a vontade, pensamento e sentimento do espírito: esta vida tríplice divinamente cheia do espírito foi a imagem sagrada da divindade no homem. Mas quando pensamentos satânicos de um Deus sem amor encontram lugar na mente do homem, então, entrou inimizade... para o lugar do amor, e desordem [a confusão, a devastação, destruição] no lugar de paz: os poderes da alma caíram em confusão, e acendem na ânsia apaixonada oposta a Deus.” (A System of Biblical Psychology, Um Sistema de Psicologia Bíblica, pág. 153).*

Esta condição caída do homem é mais elucidada por Strong como segue: “Em suma, o homem já não fez Deus o propósito maior de sua vida. Enquanto ele reteve o poder de autodeterminação em coisas subordinadas, ele perdeu a liberdade que consiste no poder da escolha de Deus como o seu objetivo final. As intuições da razão foram anormalmente obscurecidas, uma vez que estas intuições, na medida em

que estão preocupadas com a verdade moral e religiosa, condicionadas a um estado correto dos afetos, e - como resultado necessário deste obscurecimento da razão - a consciência, que como o Judiciário moral da alma, decide com base da lei que lhe foi dada pela razão, tornou-se perversa nas suas ações. No entanto, essa incapacidade de julgar ou agir corretamente, desde que era uma incapacidade moral vinda da vontade, foi em si odiosa e condenável.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 307). No homem hoje, esta incapacidade moral herdada se manifestou da própria vontade de Adão, que foi a vontade da raça; portanto a nossa própria vontade. 1 Coríntios. 15:22; Romanos 1:12,16-19.

Vejamos a prova bíblica do que precede à medida que consideramos:

## **2. A DEPRAVAÇÃO TOTAL AFIRMADA**

A depravação total quer dizer que o pecado permeou cada faculdade do ser humano assim como uma gota de veneno permeia cada molécula de um copo d’água. O pecado tem distorcido cada faculdade no homem e, portanto, contamina todos os seus atos.

### **1) Provas da depravação total**

#### **O homem está depravado na mente**

Gênesis 6:5.

#### **No coração**

Jeremias 17:9.

#### **Nos afetos, de maneira que o homem é oposto a Deus**

João 3:19; Romanos 8:7.

#### **Na consciência**

Tito 1:15; Hebreus 10:22.

#### **Na palavra**

Salmos 58:3; Jeremias 8:6; Romanos 3:13.

**Depravado da cabeça aos pés**

Salmos 1:5,6; Isaías 1:6.

**Depravado ao nascer**

Salmos 51:5; 58:3.

## **2) Efeitos da depravação total**

**Nenhum resquício de bem fica no homem por natureza**

Romanos 7:18.

**Portanto, o homem, por natureza, não pode sujeitar-se à Lei de Deus ou agradar a Deus**

Romanos 8:7,8.

**O homem, por natureza, está espiritualmente morto**

Romanos 5:12; Colossenses 2:16; 1 João 3:14.

**Ele não pode compreender as coisas espirituais**

1 Coríntios 2:14.

**Ele não pode, até que seja vivificado pelo Espírito de Deus, voltar do pecado a Deus em piedoso arrependimento e fé**

Jeremias 13:23; João 6:44,65; 12:39,40.

A base da depravação e da inabilidade espiritual jaz no coração. Ele é enganoso mais do que todas as coisas, e perverso (Jeremias 17:9). Do coração procedem as saídas da vida (Provérbios 4:23). Ninguém pode tirar uma coisa limpa de uma contaminada (Jó 14:4). Então, nem a santidade nem a fé podem proceder do coração natural. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro do seu coração tira o mal, porque da abundância do seu coração fala a boca. (Mateus 7:17,18; Lucas 6:45).



### 3. DEPRAVAÇÃO TOTAL DEFENDIDA

A doutrina da depravação total hereditária, conforme estabelecido acima, é contrariada por três sistemas de teologia quando lidam com os efeitos da queda de Adão sobre a raça. Façamos uma breve nota destes sistemas:

#### 1) Pelagianismo

Isso foi proposto por Pelágio, um monge britânico, em Roma no ano 409. Algumas das características de pelagianismo não eram originadas por Pelágio. No entanto, ele foi o expoente mais capaz e melhor preparado do sistema como um todo.

Pelágio ensinava que cada alma humana é criada diretamente por Deus. Este é o criacionismo, que foi apoiado também por Aristóteles e Jerônimo, que é contrário ao Traducianismo que foi defendido por Tertuliano e tacitamente assumido por Agostinho. Logicamente, então, Pelágio se sentiu obrigado a considerar que a alma de uma criança era livre de más tendências. Mas ele era totalmente ilógico ao considerar a alma de uma criança como meramente inocente ao invés de positivamente santa. A santidade de Deus proíbe a suposição de que Ele pode criar um ser que é apenas inocente, como é certo que ela proíbe a suposição de que Ele pode criar um ser mal. Mas Pelágio pensou que santidade não poderia ser criada. Ver Efésios 4:24; Colossenses 3:10; 2 Pedro 1:4. Adão foi criado à imagem de Deus, e que, como vimos, significa mais do que mera inocência. Só um raciocínio arbitrário pode conduzir um criacionista a acreditar que a alma humana em sua origem é apenas inocente.

De acordo com o pelagianismo, o único efeito do pecado de Adão sobre a raça encontra-se no efeito do mau exemplo definido por ele. O pecado de Adão foi de modo algum o nosso pecado, e não herdamos uma natureza corrupta dele; a única corrupção da natureza do homem vem pela sua insistência pessoal em desobedecer a conhecida lei.

Como seria de esperar, Pelágio ensinava que o homem é capaz de obedecer à lei de Deus, e que a salvação pode vir tanto pela lei quanto pelo evangelho. Ele acreditava que os homens como Abel, Enoque, José, Jó, e até mesmo Sócrates e Aristides foram salvos pela obediência à lei de Deus. Deus foi totalmente excluído da vida interior do homem, podendo atingir o homem somente através de meios externos.

Essa teoria não requer refutação detalhada ou prorrogada. O aluno verá de uma vez que é a antítese do ensino da Bíblia em todas as suas fases. Vamos somente igno-

rá-lo lembrando desta caracterização penetrante de Dorner: “É Deísmo, aplicado à natureza do homem. Deus não pode entrar no ser do homem se quisesse e não faria se pudesse. O livre-arbítrio é tudo.” (System of Doctrine, Sistema de Doutrina, 2:38).

## 2) Arminianismo

Este sistema foi elaborado por Jacó Armínio, teólogo holandês (1560-1609), que atuou como professor na Universidade de Leyden, na Holanda do Sul. Poucos, se é que houve alguns, dos elementos do Arminianismo, tiveram início com Armínio. Orígenes baseou a eleição nas obras do crente que eram previstas por Deus. Além disso, Armínio inclinou-se ao Semi-Pelagianismo.

Armínio ensinava que os homens nascem sem justiça original e com tendências más inerentes, e são, portanto, totalmente em si mesmos incapazes de obedecer a Deus ou alcançar a vida eterna. O estado natural da criança pode ser chamado pecador, mas não envolve culpa, porque é física e intelectualmente não voluntária. Além disso, não surge da nossa unidade racial com Adão. O pecado de Adão não foi o nosso pecado. Nós herdamos as nossas enfermidades de Adão por determinação divina.

Por uma questão de justiça, segundo Armínio, Deus concedeu a todos os homens a influência especial do Espírito Santo (muitas vezes chamada de “habilidade graciosa”) desde o início da sua consciência, pela qual o homem tem o poder de cooperar e obedecer a vontade de Deus. É somente quando um ser humano conscientemente se recusa a cooperar com a influência especial do Espírito Santo que ele se torna culpado diante de Deus. O Arminianismo original foi muito modificado por John Wesley. Mas o Wesleyanismo, em geral, é tão flagrantemente quanto o Arminianismo original.

O mesmo que foi dito do Pelagianismo pode ser dito do Arminianismo. É desnecessária uma refutação além da que está contida naquela verdade da Bíblia já estabelecida neste capítulo. Em alguns aspectos é simplesmente extrabíblico, em outros, é antibíblico, enquanto em outros é logicamente infundado.

## 3) A nova Inglaterra ou Teologia “Nova Escola”

Este sistema representa uma tentativa de um compromisso entre Arminianismo e o Calvinismo. É chamado de “Nova Escola” porque se opunha à velha escola

de antropologia puritana como exposta por Jonathan Edwards e Bellamy. Foi desenvolvido através dos esforços sucessivos de Hopkins, Emmons, Dwight, Taylor, e por último por Charles G. Finney. Esta escola rejeitava grande parte da verdade ensinada por Edwards e capitalizou nos erros de Finney.

É necessário que esta escola de teologia seja tratada como é representado por seu advogado mais recente, Charles G. Finney em Palestras de Finney sobre Teologia Sistemática. Tal livro tem sido muito bem e amplamente recomendado para jovens pregadores batistas. Aqui estão algumas amostras dos seus pronunciamentos: “depravação moral não pode consistir em qualquer atributo da natureza ou constituição, nem em qualquer estado enfraquecido ou caído da natureza, pois isso é físico e não depravação moral”. “Ela (a depravação moral) não pode consistir em qualquer coisa antes da escolha, e que valida a escolha em relação de uma causa. Seja o que for é antes dessa escolha é sem o âmbito da legislação.” “Depravação moral é pecaminosidade, não da natureza, mas do estado voluntário.” (pág. 230, 231).

Sobre estas declarações respondemos:

A) Elas envolvem uma negação da nossa participação na apostasia de Adão, que é claramente ensinada em Romanos 5:12, como mostrado nos versículos pertinentes mais tarde no capítulo. “Pecaram” traduz um verbo no aoristo no grego. Agora, o tempo aoristo pode expressar ação equivalente ao que é expresso pelo pretérito imperfeito; mas tendo em conta o contexto da passagem, a versão revisada (Americana) tirou a palavra “ter” e traduziu o verbo grego simplesmente “pecado”. Entendendo esse verbo como referindo-se ao pecado pessoal de cada indivíduo é impiedoso arrancar a última cláusula da passagem de sua conexão com a cláusula primeira. Por que é mencionado o fato de que a morte veio por Adão, se a nossa morte não é o resultado do pecado de Adão? Essa interpretação, aliás, “é inconsistente com os versos 13 e 14, que têm a intenção de provar o que aqui é afirmado: mas eles não provam que todos tenham realmente pecado, mas sim o contrário” (Arnold, *An American Commentary on the New Testament*, Um Comentário Americano sobre o Novo Testamento). O significado de Romanos 5:12 como defendido aqui é ainda corroborado por 1 Coríntios 15:22 que diz “Porque, assim como todos morrem em Adão...”.

B) Eles negam que o pecado existe como um estado antes que exista uma escolha consciente do mal. Assim, eles negam que existe um estado pecaminoso que

dá origem a atos pecaminosos. Isso contradiz o princípio enunciado por Jesus em Mateus 12:33, e implica que uma macieira é uma macieira porque produz maçãs e não vice-versa. Jesus disse que as ações do mal procedem do coração (Mateus 15:19), e a palavra “coração”, quando usado em um sentido moral ou espiritual, como é aqui, se refere ao afeto, não à vontade. Assim, Jesus afirmou que a vontade age por causa dos afetos. Jesus também nos ensinou isso em João 3:19, dizendo que os homens não vêm para a luz, porque eles amam as trevas. Ainda mais, Jeremias 17:09 diz que o coração natural é “perverso”. Além disso, Paulo ensinou que os seus pecados tanto de comissão quanto de omissão foram por causa da habitação do pecado em si, isto é, em sua natureza carnal. Romanos 7:8,11,13,14,17,20. O pecado que habitava em Paulo depois que ele foi salvo não estava lá porque sua vontade era compromissada com ela como se fosse a sua preferência natural ou propósito maior;<sup>2</sup> estava lá apesar de sua vontade e impediu as expressões ou volições executivas de sua vontade. Naturalmente, o Sr. Finney foi forçado pelas exigências do seu sistema falso a negar qualquer parte de Romanos 7 que descreve a experiência de Paulo como um homem salvo. O fato de que ele tem que ignorar ou negar o sentido literal da Bíblia para apoiar seus argumentos é suficiente para mostrar sua falsidade absoluta.

C) São falsas por negar particularmente a verdade de que a vontade do homem natural sempre concorda com o estado de sua natureza. No sentido de preferência imanente ou como um fim determinado, o homem natural sempre quer ser o que é. Caso contrário, ele não estaria livre de ser o que é, mas estaria sob pressão de fora, e não seria responsável. O pecador não é cego (2 Coríntios 4:3,4), porque em algum momento de sua existência pessoal, ele fez uma escolha deliberada de ser cego. Deus diz que o diabo o cegou. Como? Ao forçar a cegueira nele por uma força maior? Não, pois isso iria destruir a qualidade do homem pecador ser um agente livre. O Diabo cegou o pecador, cegando a raça humana através da queda, a partir do qual o pecador recebeu sua cegueira por herança. No entanto, o pecador é responsável por sua cegueira. Isso poderia ser verdadeiro somente por que a sua vontade concorda e submete-se à cegueira. O mesmo é verdade em relação a todas as tendências vis e incapacidades da natureza do pecador.

---

2           Veja o tratamento da vontade no capítulo sobre a natureza moral do homem para o significado desses termos e também o significado de “volições executivas.”

D) Eles estão errados em implicar que as afeições de um homem estão sob o controle de sua vontade. Jesus disse que os homens O rejeitam por causa de suas afeições (João 3:19). “O cumprimento da lei é o amor” (Romanos 13:10). Por quê? A primeira parte do versículo diz - “O amor não faz mal...”, isto é, o amor leva o homem a fazer o que é certo. Em outras palavras, o amor controla a ação, e isso significa que o amor controla a vontade. Assim, a vontade está sujeita a afeições. Em última análise, um homem não escolhe amar. Ele ama por causa do que ele é e por aquilo que é o alvo de sua afeição. Em última análise, as afeições são espontâneas. Isso não quer dizer que o intelecto do homem, a sua faculdade de conhecimento, não tem nenhum papel na determinação de suas ações. Seu intelecto está sempre envolvido em suas afeições.

E) Eles estão errados, pois negam a existência de caráter verdadeiro. Se a vontade não age de acordo com o caráter do homem, então não existe tal coisa como caráter, nem existe qualquer coisa chamada responsabilidade. Falar sobre o caráter da vontade como se fosse separada da natureza do homem ao qual a vontade pertence é participar em falatórios imprudentes de crianças.

F) Eles estão errados, pois afirmam que a natureza caída e deficiente é “depravação física e não moral”. Em outro lugar o Sr. Finney define “depravação física” como sendo “depravação de substância, em vez de ser a depravação das ações do livre-arbítrio”. Isso significa que o Sr. Finney negou que pode haver tal coisa como desordem moral e espiritual na alma, sem uma perversão da própria substância ou essência da alma. Significa também que se existisse desordem moral ou espiritual, a colocação da alma no pecado, cegando o espírito e pervertendo o coração, ou seja, enfraquecendo assim espiritualmente todas as faculdades da alma, seria uma depravação física e não uma depravação moral, pela qual um homem não pode ser responsabilizado.





## CAPÍTULO 19

# A RESPONSABILIDADE HUMANA

Por responsabilidade humana queremos dizer a responsabilidade que o homem tem de prestar contas a Deus por todas as suas ações. O ensino da responsabilidade do homem é tão geral na Bíblia que não precisa de citações da Escritura. Qualquer um que conhece a Bíblia poderia sem nenhuma dificuldade achar várias referências bíblicas sobre este assunto.

### **I - A RESPONSABILIDADE HUMANA E A SOBERANIA DE DEUS**

#### **1. O SIGNIFICADO DA SOBERANIA DE DEUS**

A soberania absoluta de Deus quer dizer o mesmo que Paulo afirma em Efésios 1:11, onde ele fala de Deus como de quem “faz todas as coisas, segundo o

conselho da sua vontade”. Isto ensina o mesmo que a Confissão de Fé de Filadélfia, quando diz: “Deus decretou nEle mesmo desde toda a eternidade, pelo mais sábio e santo conselho de Sua própria vontade, livre e imutavelmente, todas as coisas que venham a passar”. Outras passagens que ensinam a soberania absoluta de Deus são as seguintes:

“Quem não entende, por todas estas coisas, que a mão do SENHOR fez isto? Na sua mão está a alma de tudo quanto vive, e o espírito de toda a carne humana.” (Jó 12:9,10).

“O SENHOR tem estabelecido o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo.” (Salmos 103:19).

“Tudo o que o SENHOR quis, fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos.” (Salmos 135:6).

“Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o Senhor o não mande? Porventura da boca do Altíssimo não sai tanto o mal como o bem?” (Lamentações 3:37,38).

“Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas.” (Isaías 45:7).

“Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim. Que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade.” (Isaías 46:9,10).

“E todos os moradores da terra são reputados em nada, e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes?” (Daniel 4:35).

“Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.” (Mateus 11:25).

“Respondeu Jesus: Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem.” (João 19:11).

“Pois diz a Moisés: Compadecer-me-ei de quem me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia. Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece. Porque diz a Escritura a Faraó: Para isto mesmo te levantei; para em ti mostrar o meu poder, e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra. Logo, pois, compadece-se de quem quer, e endurece



a quem quer.” (Romanos 9:15-18).

Veja também Atos 2:23 e 4:27-28.

## 2. PORQUE O HOMEM É RESPONSÁVEL?

A pergunta é, então, como pode o homem ser responsável por suas ações quando tudo que ele faz foi ordenado e decretado por Deus? Isto não é uma pergunta nova: é no mínimo tão velha quanto o Novo Testamento e, provavelmente, mais velha. Paulo antecipou esta pergunta aos seus leitores quando ele escreveu o admirável capítulo nono de Romanos. Disse ele: “Dir-me-ás então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem tem resistido à sua vontade?”. E a resposta de Paulo foi: “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?” Paulo, ao mencionar esta pergunta e sua resposta, mostra conclusivamente que ele ensinou a soberania absoluta de Deus. Na verdade, as suas palavras precedentes ensinam, claramente, isso. Paulo deu a resposta que deu porque antecipou a pergunta como vinda de um objeitor. Quando ela vem como de um reverente inquiridor, ela merece consideração mais minuciosa. A resposta de Paulo teve de ser mais breve porque o seu tempo e propósito não permitiram uma discussão mais longa. O nosso tempo permite e o nosso fim requer uma discussão mais completa.

O homem é responsável por suas ações, não obstante o fato que Deus decretou tudo quanto vem a passar, ao menos por três razões:

### **1) O decreto de Deus concernente ao pecado não é causativo senão permissivo, preventivo e determinativo**

Deus decretou que o pecado viesse ao mundo, por motivos que são inteiramente conhecidos somente a Ele, mas Ele decretou que o pecado viesse pela própria livre escolha do homem. Deus não compele o homem a pecar, mas permite-o. O homem, e não Deus, é a causa eficiente do pecado e por essa razão o homem é responsável.

Antes de passar adiante, é preciso ser observado que nenhuma objeção pode ser trazida contra a afirmação que Deus decretou que o pecado viesse ao mundo que não possa ser trazida contra a permissão atual do pecado por Deus, a menos que o objeitor

assuma a posição que Deus foi impotente para impedir a entrada do pecado. Isto seria uma negação da Onipotência e Soberania de Deus e renderia o objeto indigno de consideração aqui. A Onipotência e Soberania de Deus nos ensinam que qualquer coisa que Deus permite Ele o permite porque Ele assim o deseja. E desde que Deus é imutável, sua vontade tem sido sempre a mesma: aquilo que Ele deseja num tempo específico, Ele tem desejado desde toda a eternidade. Portanto, Sua vontade é igual ao Seu propósito e o Seu propósito é igual ao Seu decreto.

### **2) A lei de Deus, e não o Seu decreto, estabelece o dever e a responsabilidade do homem**

A Lei de Deus é o guia e o padrão do homem. Isto é a vontade revelada de Deus. O decreto de Deus é a Sua vontade secreta. O homem nada tem a fazer com isto, exceto saber e reconhecer os fatos concernentes. “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.” (Deuteronômio 29:29).

### **3) O motivo pelo qual o homem peca o torna responsável**

Porque o homem peca? É porque ele quer, porventura, fazer a vontade de Deus? Não, nunca assim. Porque os homens crucificaram a Cristo? Porque creram que Deus O enviou para morrer levando o pecado sobre Si? Não. Foi porque eles O odiaram. Crucificaram-no através de motivos ímpios. É sempre assim que o homem peca. O pecado procede do amor às trevas que o homem tem (João 3:19).

## **II - A RESPONSABILIDADE HUMANA E A INABILIDADE ESPIRITUAL DO HOMEM**

Uma outra pergunta concernente a responsabilidade do homem é: Como pode o homem ser responsável por não obedecer inteiramente à Lei de Deus e por não receber o Evangelho, quando o ouve, se ele por natureza não pode fazer ambas as coisas? Para prova da inabilidade espiritual do homem veja os capítulos sobre Pecado e Conversão.

A resposta a esta pergunta é que o homem pode ser responsável pelo que ele

não pode fazer somente na suposição dele ser culpado por sua inabilidade. E é um fato que o homem é culpado por sua inabilidade espiritual. Não é que ele, individualmente, por seu próprio ato pessoal, deu origem à inabilidade, porque ele nasceu com ela; mas todo homem pecou em Adão e assim deu origem à sua inabilidade espiritual. Que todo homem pecou em Adão é o verdadeiro ensino de Romanos 5:12: “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que **TODOS PECARAM**”. “Pecaram” no grego está no aoristo, o qual expressa ação passada distinta. A passagem o faz referir-se à participação de todos os homens no pecado de Adão.

Mas, como participamos no pecado de Adão quando não éramos nascidos quando ele pecou? Pensamos que não podemos fazer melhor do que dar em resposta as seguintes palavras de A. H. Strong:

*“Deus imputa o pecado de Adão imediatamente a toda a posteridade em virtude daquela unidade orgânica da espécie humana pela qual a raça toda existiu ao tempo da transgressão de Adão, não individualmente senão seminalmente, nele como seu cabeça. A vida total da humanidade estava então em Adão; a raça, por enquanto, tinha o seu ser somente nele. Sua essência ainda não estava individualizada; suas forças ainda não estavam distribuídas; as faculdades que agora existem em homens separados estiveram então unificadas e localizadas em Adão; a vontade de Adão foi entrementes a vontade da espécie. No ato livre de Adão, a vontade da raça revoltou-se contra Deus e a natureza da raça corrompeu-se. A natureza que possuímos agora é a mesma natureza que se corrompeu em Adão; não a mesma, meramente em qualidade senão a mesma fluindo para nós continuamente dele. O pecado de Adão nos é imputado imediatamente; logo, não como algo estranho para nós, mas porque é nosso, nós e todos outros homens tendo existido como uma pessoa moral, ou um todo moral, nele, e como o resultado daquela transgressão, possuindo uma natureza destituída de amor a Deus e inclinada ao mal” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 328).*

### III - A RESPONSABILIDADE HUMANA DEPENDENDO DO CONHECIMENTO

É preciso enfatizar que o homem é responsável somente enquanto ele conhece ou tem dentro do seu alcance o conhecimento do que é certo. O pagão é responsável em reconhecer Deus porque, e somente porque, “O que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis” (Romanos 1:19,20). Quanto a atos de conduta externa, o pagão é responsável somente pela violação de tais princípios de justiça como sua própria consciência reconhece. “Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão;”, isto é, aqueles a quem a Lei escrita de Deus não se fez conhecida, perecerão, mas não perecerão pela condenação da Lei escrita. Como então serão julgados? Os versos que seguem a citação mostram que serão julgados pelo seu próprio padrão de justiça; não serão acusados de transgressões, exceto aquelas contra sua própria consciência. Veja Romanos 2:12-15.

Considerando o parágrafo acima, é evidente que os pagãos não serão acusados do pecado de incredulidade ou rejeição do Evangelho; todavia perecerão. Mostra isto que é o pecado em geral que condena primariamente. A rejeição do Evangelho não traz condenação ao homem: ela somente a manifesta e aumenta a penalidade que será imposta por causa dela.

O fato da responsabilidade humana depender do conhecimento explica porque serão salvas as criancinhas que morrem e os imbecis natos: estão uns e outros mentalmente cegos aos princípios da justiça e, portanto, não são responsáveis. Esta é a espécie de cegueira que os fariseus pensaram que Jesus deu a entender em João 9:39. E Jesus, percebendo os pensamentos dos seus corações, disse-lhes: “Se fôsseis cegos (no sentido que tendes em mente), não teríeis pecado” (João 9:41). Só há três espécies de cegueira: cegueira física, cegueira mental e cegueira espiritual. Certamente os fariseus não supuseram que Jesus quis dizer que estavam fisicamente cegos. E, com certeza, Cristo não quis dizer na Sua resposta que eles não estavam espiritualmente cegos. Veja João 12:37-40; 2 Coríntios 4:3,4. Há apenas uma coisa que Jesus poderia estar comunicando aqui e essa é que, se estivessem mentalmente cegos, não teriam pecado. As criancinhas e os imbecis são mentalmente cegos, como já se disse, e não são, portanto, responsáveis por sua conduta. É por esta razão que cremos que serão

salvos pelo sangue de Cristo sem o exercício da fé no corpo. Contudo, desde que possuem uma natureza pecaminosa, devemos crer que lhes será necessário ser regenerados e trazidos assim à fé em Cristo. A Bíblia deixa claro que isto é necessário para uma pessoa ser aceita na presença de Deus, mas a Bíblia não nos diz quando isto acontece com referência as criancinhas e imbecis. Somos da opinião que acontecerá quando a morte separar o espírito e o corpo. Veja também Deuteronômio 1:39 sobre a responsabilidade pessoal de criancinhas.





## CAPÍTULO 20

# A LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM

Um pensamento claro é muito necessário quando vamos tratar da livre agência do homem. Alguns têm imaginado ser este um assunto muito difícil, por terem feito dele algo diferente do que é. Pela mesma razão alguns têm acusado que a doutrina da eleição incondicional, doutrina bíblica e batista, destrói a livre agência do homem.

Bem diz Spurgeon: “Em referência à matéria da predestinação e livre arbítrio, muitas vezes ouvi homens perguntarem: “Como as fazeis concordar?” Acho que há uma outra pergunta tão difícil quanto de solver: “Como as fazeis diferir?” As duas doutrinas podem ser feitas tão facilmente colidir como concordar. A mim me parece um problema que não pode ser estabelecido e um assunto que não precisa de solução” (Sermons, Sermões, Vol. 13, pág. 31).

## I - A LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM É UMA DOCTRINA BATISTA

A declaração de Fé de New Hampshire, largamente aceita entre os batistas, declara que a eleição é “perfeitamente coerente com a livre agência do homem”.

O falecido George W. McDaniel, quando presidente da Convenção Batista do Sul, disse numa carta pessoal ao autor deste livro: “A posição batista tanto reconhece a soberania divina como a livre agência moral”.

Spurgeon diz: “A predestinação de Deus não destrói a livre agência do homem nem alivia a responsabilidade do pecador.” (Sermons, Sermões, Vol. 13, pág. 30).

D. F. Estes (Seminário Teológico de Hamilton e Universidade de Colgate) diz: “A liberdade moral do homem foi claramente sustentada por Paulo e não menos positiva e tenazmente por causa de certas outras ideias que ele sustentou e que a alguns parecem ser inconsistentes entre si.” (New Testament Theology, Novo Testamento Teológico, pág. 104).

W. W. Hamilton diz: “Deus uniu certos fatos grandes na salvação e nós devemos, seguramente, angustiar-nos se deixarmos de reconhecer isso. Soberania e livre arbítrio veem-se intimamente relacionados quando Pedro disse no grande reavivamento do Pentecostes: ‘A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, prendestes, crucificastes e matastes pelas mãos de injustos’” (Biblical Evangelism, Evangelismo Bíblico, pág. 90).

J. M. Pendleton diz: “Não há verdades mais claramente reveladas na Bíblia do que a que Deus é Soberano e o homem é livre.” (Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs, pág. 103).

E. Y. Mullins diz: “O livre arbítrio no homem é uma verdade tão fundamental como qualquer outro Evangelho e não deve ser jamais cancelado em nossas disposições doutrinárias; sem ela o homem não seria homem e Deus jamais nos rouba de nossa qualidade de um ser moral em salvar-nos.” (Baptist Belief, Crença Batista, pág. 26).

J. P. Boyce diz: “A livre agência pertence à natureza de uma criatura moral e inteligente. Deve ter ela liberdade de escolha, ou não seria responsável por sua ação. A própria essência da responsabilidade consiste no poder de ação contrária, se assim o quiser.” (Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 224).

A. H. Strong diz: “Livre agência... tem-se mostrado ser consistente com os



decretos (de Deus).” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 177).

Está manifesto pelas citações acima que a livre agência, segundo o seu uso entre autores batistas, deve ter significado diferente daquele que muita gente entende ser. Spurgeon, Estes, Pendleton, Mullins, Boyce e Strong são todos claros no seu ensino da eleição incondicional. Isto nos leva então a considerar:

## II - A LIVRE AGÊNCIA DEFINIDA

### 1. PELOS DICIONÁRIOS

O Dicionário Padrão de Mesa Funk e Wagnall define a livre agência como “a faculdade ou capacidade de agir livremente, isto é, sem constrangimento da vontade”.

O Novo Dicionário Internacional Webster, ao definir o termo “livre”, na sua aplicação aos atos de um ser moral, diz: “Não determinado por algo além de sua própria natureza ou ser; não necessitado por uma causa ou agência externas; escolhendo ou capaz de escolher por si mesmo; como um livre agente”.

### 2. PELOS ESCRITORES TEOLÓGICOS PADRÕES

N. L. Rice diz: “A livre agência nada mais é do que agir sem compulsão e de acordo com os próprios desejos e inclinações.” (Sovereignty of God and Human Freedom, Soberania de Deus e Liberdade do Homem, pág. 58).

J. M. Pendleton repete a definição de Andrew Fuller, que é a seguinte: “Um livre agente é um ser inteligente que está em liberdade para agir segundo sua escolha, sem compulsão ou restrição.” (Christian Doctrine, Doutrina Cristã, pág. 104).

A. H. Strong diz: “Livre agência é a faculdade de autodeterminar-se em vista de motivos ou poder do homem (a) escolher entre motivos e (b) dirigir sua atividade subsequente em conformidade com o motivo assim escolhido.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 176).

Lutero negou o “livre arbítrio” como era empregado pelo seu grande oponente Erasmo e também pelos pelagianos e sofistas; e, com toda a sua perspicácia, supondo erroneamente que o uso feito de “livre arbítrio” pelos errados já mencionados era o único sentido da expressão, opôs-se ao seu emprego. Não obstante, ele atribuiu à

vontade uma liberdade tal como é atribuída por outros aqui citados, definindo-a nas seguintes palavras: “Vontade, quer divina ou humana, faz o que faz, seja bem ou mal, não por qualquer compulsão senão por mero querer ou desejo, como se fossem totalmente livres.” (The Bondage of the Will, Cativoiro da Vontade, pág. 41).

John Gill, que muitas vezes é falsamente acusado de antinomianismo, diz: “Uma determinação da vontade para qualquer coisa, não é contrária à escolha, porque a vontade humana de Cristo, como a dos anjos e dos santos glorificados está determinada somente para o que é bom e, todavia, ambos escolhem e fazem o bem livremente... Além disso, nem a impotência do homem, nem a influência eficaz da graça, de modo algum impedem a liberdade das ações humanas. Um ímpio que está sob a mais forte das parcialidades, poder e domínio da sua concupiscência, age livremente; como o faz também um homem bom ao fazer o que é espiritualmente bom e não mais do que quando ele está sob as mais poderosas influências da graça divina.” (Cause of God and Truth, Causa de Deus e Verdade, págs. 184,185).

Jonathan Edwards considerou a livre agência como a “faculdade, oportunidade ou vantagem que qualquer um tem de fazer como lhe apraz” (Freedom of the Will, Liberdade da Vontade, pág. 17).

Temos propositamente reservado para o fim a definição que é a mais explícita de todas, porque resume todas as outras e as estabelece em maior minúcia de um modo mais facilmente compreensível. Esta definição é de E. Y. Mullins:

*“A liberdade no homem não implica isenção da operação de influências, motivos, hereditariedade, ambientes: antes significa que o homem não está sob compulsão e suas ações são em último caso determinadas pelo seu interior. Ele é autodeterminado no que faz. Alguns sustentam que a liberdade no homem significa a habilidade de transcender e agir contra o seu caráter. (É isto o sentido errôneo de livre vontade, como crida por todos os pelagianos e arminianos e como contrariada por Lutero e muitos outros). A vontade é assim considerada, não como uma expressão do que o homem é no seu caráter essencial. É livre no sentido de ser capaz de escolhas sem relação a escolhas passadas, hábitos adquiridos e tendências hereditárias. Isto é uma ideia insustentável da liberdade: faz da vontade mera adição à natureza do homem antes que uma expressão dela. A liberdade exclui a compulsão externa como também exclui o mero capricho e arbitrariedade. Liberdade é autodeterminação.” (The Christian Religion*

*in Doctrinal Expression, A Religião Cristã na Expressão Doutrinária, pág. 258-259).*

Submetemos agora que todos esses grandes escritores estão em harmonia uns com os outros na ideia dessa liberdade que o homem possui, conquanto alguns deles negassem que liberdade fosse chamada tanto livre agência como livre arbítrio. Contudo, se houvesse em todo o universo uma coisa tal como livre agência, mesmo no caso de Deus, a liberdade do homem afirmada no que foi citado é livre agência.

Para tornar isto mais manifesto, tomamos como nossa próxima proposição:

### III - O HOMEM TÃO LIVRE AGENTE COMO DEUS

Notamos que o Dr. A. H. Strong diz: “A livre agência é a faculdade de autodeterminação”. Outros a definem como a faculdade que alguém tem de agir segundo sua escolha, fazer como lhe apraz. Vimos que livre agência não implica habilidade de transcender-se e de agir contrário ao seu caráter; não exclui a determinação tanto para o bem como para o mal; exclui compulsão e restrição do exterior da natureza de alguém e exclui também tão seguramente o mero capricho e a arbitrariedade.

Que mais do que isto se pode afirmar de Deus? Que menos pode ser afirmado do homem? Deus é autodeterminado, assim o homem, em todos os tempos. Deus sempre age segundo Sua escolha e faz como Lhe apraz<sup>1</sup>. Assim também o homem. Deus não pode transcender-se e agir contrário ao Seu caráter<sup>2</sup>. Nem o homem pode. Deus está sempre determinado para o bem. O homem natural está sempre determinado para aquilo que é espiritualmente mau. Um homem regenerado está determinado, em geral, para aquilo que é bom. Quando ele comete o mal, ele está, no momento, determinado para o mal. A vontade de Deus não é nunca compelida ou restringida por algo fora de Sua própria natureza. O mesmo é verdade quanto ao homem. Deus jamais age caprichosa ou arbitrariamente, isto é, sem causa suficiente. Nem o homem. Deus sempre age de acordo com a Sua preferência, considerando as coisas como um todo, mas nem sempre segundo a Sua preferência em si, considerando as coisas

---

1 Salmos 135:6; Isaías 46:10.

2 Nós sabemos disso devido a imutabilidade de Deus, para a discussão da qual vemos no capítulo “A Natureza e os Atributos de Deus”.

separadamente e aparte do Seu plano perfeito<sup>3</sup>. Por exemplo, Deus prefere eminentemente a santidade em todos os tempos, mas, em consideração ao Seu plano como um todo, Ele propôs permitir o pecado; porque o pecado, de algum modo, é necessário à execução do Seu plano. É isto análogo ao fato de o homem ter preferências conflituosas, mas seguir sempre a sua mais forte preferência e, em assim fazendo, sua vontade é inteira e absolutamente livre.

A posição da vontade de Deus e a natureza e leis de sua ação são as mesmas como no caso da vontade do homem; cada uma está sujeita à natureza do seu possuidor, ambas expressam a natureza do seu possuidor em vista de motivos. Tanto o homem como Deus são livres em todos os tempos para agirem nos seus desejos e suas inclinações mais dominantes. Deus não é, verdadeiramente, um livre agente mais do que o homem é.

Que a livre agência do homem em todos os tempos pode ser mais manifestada, consideraremos:

#### **IV - LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM NATURAL**

O homem não pode fazer diferente que continuar no pecado por tanto tempo quanto está no seu estado natural (Jeremias 17:9; Provérbios 4:23; Jó 14:4; Jeremias 13:23; João 6:65; Romanos 8:7,8; I Coríntios 2:14). Mas sua continuação no pecado não se deve a compulsão ou restrição exterior senão ao seu próprio caráter que lhe causa escolher as trevas mais que a luz (João 3:19). Ele continua no pecado pela mesma razão que um porco se espoja no lamaçal; continua no pecado pela mesma razão que Deus continua na Santidade. Assim ele é completamente um livre agente.

#### **V - A LIVRE AGÊNCIA E O ENDURECIMENTO E ESCURECIMENTO DIVINO**

No endurecimento e escurecimento dos pecadores, que iniludivelmente se atribuem a Deus na Escritura (Romanos 9:18; João 12:40), não há força externa trazida a influenciar a vontade do pecador. Enquanto se diz que Deus cega e endurece o pecador, diz-se que o pecador se obscurece e endurece a si mesmo. João 12:40 é uma

citação de Isaías 6:10, onde o profeta Isaías é mandado a fechar os olhos do povo. Então, em Mateus 13:14,15, há uma outra citação livre desta mesma profecia e em Mateus diz-se terem os pecadores fechado os seus próprios olhos. Então, ainda outra vez, em 2 Coríntios 4:3,4, temos um “cegamento” de pecadores atribuído ao diabo. Todas estas passagens se referem à mesma coisa e todas elas são verdadeiras porque estão na Palavra de Deus. Temos o cegamento dos pecadores atribuído a Deus, ao diabo, ao profeta e aos pecadores mesmos. Cabe-nos achar, se pudermos, a harmonia entre estas afirmações. Ei-la: A cegueira se atribui a Deus porque Ele decretou, se permissivamente, se eficientemente, todas as circunstâncias que tornam o pecador cego; atribui-se ao diabo porque ele é o autor do pecado pelo qual o pecador se cobre de trevas; é atribuído ao profeta porque sua pregação da Palavra manifesta a condição atual do pecador e faz com que este haja cegamente na sua rejeição da Palavra. Então, finalmente, é atribuído ao pecador mesmo porque ele ama mais as trevas que a luz e manifesta sua escolha pelas trevas rejeitando a Palavra. Isto deixa o homem natural como livre agente. Se Deus, ou o diabo, ou o profeta, por um poder fora da natureza do pecador pudesse compelir o pecador contra sua escolha, ele não mais seria um agente livre, conquanto Deus continua a operar nele “tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade” (Filipenses 2:13); mas esta obra, como a de vivificar, não força a vontade.

## VI - A LIVRE AGÊNCIA E CONVERSÃO

O homem é incapaz de abandonar o pecado até que ele seja vivificado pelo Espírito de Deus. Para comprovar este fato consulte as passagens dadas na afirmação do fato que o homem não pode fazer outra coisa senão continuar no pecado, enquanto ele está em seu estado natural. A nova natureza, portanto, deve ser implantada de forma lógica (mas não em ordem cronológica) antes do exercício do arrependimento e da fé<sup>4</sup>. Este é o significado da Nova Declaração de Fé Hampshire, quando diz que o arrependimento e a fé são “graças inseparáveis forjadas em nossas almas pelo Espírito regenerador de Deus.” Este é também o ensinamento de Efésios 1:19,20.

Mas quando um homem se volta para Deus em arrependimento e fé, ele age de forma voluntária e, portanto, como um agente livre. Ele não é obrigado a se trans-

formar a si mesmo por um poder fora de sua própria natureza. Pois, na implantação da nova natureza, o Espírito Santo opera “na região da alma abaixo da consciência” (Strong). Então essa nova natureza, quando implantada, torna-se tão parte do homem como a velha natureza foi; e ela move a vontade em estrita conformidade com a natureza, leis e medidas normais da vontade. Assim, o homem é um agente livre na conversão, e, naturalmente, continua a ser um agente livre, apesar de Deus continuar a trabalhar nele “tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:13). Mas este trabalho, como o trabalho de vivificação, não força a vontade.

## VII - A LIVRE AGÊNCIA E A LIBERDADE CRISTÃ

Alguns se tornam confusos a respeito da livre agência em vista da afirmação de Cristo em João 8:32: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Cristo aqui se referiu à liberdade da natureza em relação ao pecado e não à livre agência. Tornar-se-á isto evidente a qualquer estudante esclarecido sobre uma consideração do anteriormente citado tratamento sobre a livre agência. A posição da vontade, a natureza e as leis de sua ação são as mesmas antes e depois da conversão. Em ambos os casos o homem é autodeterminado em vista de motivos. Tanto antes como depois da regeneração a vontade expressa o seu caráter. A diferença entre os estados não regenerados e regenerados não é considerado como liberdade da vontade pelo fato que, antes da regeneração, o homem é o “escravo do pecado” (João 8:34), enquanto que, depois, os crentes são pelo poder da nova vida “servos da justiça” (Romanos 6:18). Em ambos os casos os homens são servos e a vontade está sujeita ao caráter, sendo tão livres num caso como no outro.

## VIII. A LIVRE AGÊNCIA E A SOBERANIA DE DEUS

Sem a mínima reserva de hesitação subscrevemos a Confissão de Fé de Filadélfia na sua declaração que “Deus decretou em Si mesmo, desde toda a eternidade, pelo sapientíssimo e santíssimo conselho de Sua própria vontade, que tudo quanto seja, todas as coisas acontecerem livre e imutavelmente”. Isto inclui o mal tanto o bem conquanto num sentido diferente e é sustentado tanto pela razão como pela revela-

ção. Veja o capítulo “A Vontade de Deus”. Veja também Daniel 4:35; Isaías 46:10; Romanos 9:19; Efésios 1:11.

Quando os homens dizem que a soberania absoluta de Deus não pode reconciliar-se com a livre agência por mentes finitas, indicam um mal entendido quer da livre agência, quer da soberania de Deus, ou de ambas. A livre agência está em harmonia perfeita, completa e manifesta com a soberania absoluta de Deus. O laço de união entre ambas jaz no fato que a vontade está sujeita ao caráter do seu possuidor. Deus determinou o caráter de cada homem por meio de um dos Seus decretos, positivo ou permissivo, positivo no caso de todo o bem e permissivo no caso de todo o mal. E Deus, tendo determinado todas as circunstâncias, controla os motivos que influenciam a vontade. Assim, Deus controla as ações humanas, todavia, os homens agem em todos os tempos livremente como Deus mesmo faz. Se não houvesse Deus, o homem não poderia agir mais livremente do que age.

Vemos esta harmonia entre Deus e Sua soberania e a livre agência do homem incisivamente exemplificada na crucificação de Cristo. Deus determinou que Cristo fosse crucificado (Atos 2:23; 4:27-8). E Deus determinou que certos homens o fariam, mas Ele fez isto permissivamente. Todos que tomaram parte na crucificação estiveram somente representando suas próprias naturezas e nunca foram mais livres em qualquer ato, nem Deus foi jamais livre em qualquer ato. Através de motivos ímpios escolheram matar o Senhor da glória. Mataram-nO porque O odiaram. Mataram-nO porque Ele os repreendeu por seus pecados. Mataram-nO porque Ele retirou a glória que tinha sido deles. Deus não os causou (obrigando-os) a fazê-lo, mas decretou permitir-lhes seguir suas próprias inclinações e desejos em fazê-lo.

## IX - A LIVRE AGÊNCIA E O PODER DA AÇÃO CONTRÁRIA

Será notado que a expressão sobre livre agência citada de J. P. Boyce implica que o poder da ação contrária é essencial à livre agência. Isto é verdade se o poder da ação contrária é definido como Boyce o define, isto é, como o poder que se tem de fazer diferente do que se faz, se assim tivesse desejado. Isto é dizer somente que o homem é livre da necessidade externa e da compulsão em suas ações. Se em qualquer momento não tivera alguém desejado proceder como procedeu, este podia ter procedido diferentemente, desde que alguém é sempre livre para fazer como lhe apraz. Quer dizer,

sem dúvida, como lhe apraz no todo. O homem sempre segue o seu desejo mais forte.

Ou, se o poder da escolha contrária é usado para significar o poder da alma de fazer escolhas contrárias ao propósito da natureza previamente regente, ele – tal poder – ainda está implicado na livre agência. Os motivos despertam as tendências latentes na alma e assim a alma pode agir contrária ao seu propósito previamente regente. Na conversão a alma age contrária ao seu propósito previamente regente, mas, neste caso, não é devido ao despertar de tendências latentes senão à implantação da nova vida.

Há outra forma de ação contrária. Alguém pode muitas vezes estender as volições executivas contrárias à sua melhor escolha ou preferência imanente. Isto é consistente com o livre-arbítrio.

Mas, se alguém supõe que o poder de ação contrária significa que é possível a alguém agir em qualquer momento diferentemente do modo no qual ele age, indivíduo e motivos permanecendo os mesmos, ele supõe uma contradição e algo absurdo porque isto é supor que alguém escolhe aquilo que não escolheu. Toda ação é o resultado de uma necessidade interna de consequências, mas não de uma necessidade externa, nem de uma necessidade de compulsão. Em outras palavras, a ação de qualquer indivíduo em qualquer tempo não podia ter sido diferente sem o indivíduo ou os motivos serem diferentes. Doutra maneira não haveria nenhuma causa para a ação da vontade e todo o senso comum proíbe a suposição de uma coisa finita sem uma causa. Assim, os atos da vontade procedem de uma necessidade interna. Mas o indivíduo é livre e espontâneo. Não há forças que venham compelir a vontade, porque a vontade é simplesmente a faculdade de escolha da alma. De fato, nenhum poder pode compelir ou coagir a vontade. É necessária ser livre e não seria vontade sem isto.





## CAPÍTULO 21

# A DOCTRINA DA ELEIÇÃO

A eleição é o princípio fundamental da graça salvadora de Deus. É a soberania de Deus em relação à salvação do homem. Ela faz parte dos decretos de Deus. Ela é uma expressão de Sua onipresente providência. Ela concerne somente a uma porção da raça humana; todavia, ela “é a expressão do amor infinito de Deus para com a raça humana, remindo o homem do pecado por meio de Cristo e trazendo-o pelo Espírito Santo ao seu estado de redenção até onde for coerente com os interesses do grande final reino de Deus.” (Smith, *System of Christian Theology*, *Sistema da Teologia Cristã*, pág. 505). A eleição pressupõe a pecaminosidade inteira da raça humana e está baseada na expiação de Cristo.

## I - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

### 1. A DOCTRINA BÍBLICA DA ELEIÇÃO NÃO POPULARMENTE ENTENDIDA E RECEBIDA

A doutrina Bíblica da eleição é muito mal entendida, muito pervertida, muito abusada e sofredora de muita oposição. Não obstante, aos “perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal (Hebreus 5:14), ela é uma doutrina abençoada, gloriosa e aproveitável, uma verdadeira mina de riqueza espiritual.

### 2. É EMINENTEMENTE ESCRITURÍSTICA

Esta doutrina tem amplo e profundo alicerce na Escritura, está tecida na própria trama e entremeio da revelação divina. Como um fio escarlate, este gracioso propósito de Deus atravessa o edifício da Palavra. “A Bíblia não só ensina a doutrina, mas a faz proeminente - tão proeminente que só podeis livrar-vos da eleição se nos livrar-nos da Bíblia” (Bishop, *The Doctrine of Grace, A Doutrina da Graça*). “Leia a Escritura com referência a esta doutrina e marque toda passagem que indique a relação de Deus com os homens como um Soberano Absoluto, também toda declaração que atribua a eleição ou os frutos dela à Sua escolha e não à vontade e aos atos humanos, e toda a ilustração fornecida de que isto é método costumeiro de Deus; e resultará que, quase sem exceção, cada livro da Escritura dará testemunho ao fato que, nos atos da graça, não menos que naqueles da providência, Deus, ‘segundo a sua vontade (...) opera com o exército do céu e os moradores da terra’ (Daniel 4:35).” (Boyce, *Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática*).

### 3. CONTUDO HÁ MUITOS OPOSITORES

Mas desde que esta doutrina é tão flagrante e humilhante para o homem natural, tão completamente rústica à mente carnal, tem muitos opositores. É mesmo como disse o imortal J. R. Graves: “Todos os homens são por natureza arminianos e a absoluta soberania de Deus é uma doutrina odiosa ao coração natural e depravado. Os falsos mestres têm-se aproveitado deste sentimento natural e por séculos inflamaram os preconceitos de homens e mulheres cristãos contra o exercício da soberania

da parte de Deus” (The Seven Dispensations, As Sete Dispensações, pág. 95, 96). Muitas teorias falsas da eleição têm-se levantado. Estas teorias surgiram através de um esforço para “medir os mistérios sobrenaturais com a vara torta da razão degenerada” (Ness).

#### 4. O SENTIDO DE ARMINIANISMO

Qualquer sistema de doutrina que condiciona o propósito salvador de Deus em atos ou méritos de homens é essencialmente arminiana. Assim como qualquer sistema que faz do soberano prazer de Deus base do Seu propósito salvador é essencialmente calvinista. Se alguém se apegar ao primeiro, é arminiano, ainda que não vá com tudo com Armínio; se ao último, é calvinista, ainda que não vá com tudo com Calvino. Não há meio termo entre arminianismo e calvinismo no seu sentido aceito entre os teólogos. Todo aquele que adota qualquer ideia da eleição, seja qual for, é uma coisa ou outra. G. W. Northrup, ele mesmo um arminiano, praticamente, diz, ao discutir se a eleição se condiciona em alguma coisa no homem: “O arminianismo pode ser considerado como representando todos os sistemas não calvinistas quanto ao que respeita ao ponto sob consideração” (Sovereignty of God, Soberania de Deus, pág. 48). E na segunda parte deste livro, escrito pelo Prof. Robert Watts, de Belfast, Irlanda, em resposta à primeira parte, temos os “Esboços” de A. A. Hodge citados como segue: “Qual a base da eterna predestinação de indivíduos para a salvação? É a fé prevista e o arrependimento dos indivíduos mesmos, ou o soberano prazer de Deus? Todo cristão deve tomar um lado ou outro desta questão. Se ele tomar o lado que faz da fé prevista o fundamento da eleição, (ou se ele, como é comum hoje, faz da fé a causa existente de uma eleição no tempo, o que é essencialmente o mesmo como a precitada proposição), ele é arminiano, não importando o que ele mais sustente. Se ele tomar o lado que faz o bom prazer de Deus o fundamento da eleição, ele é calvinista”.

#### 5. CALVINISTA E ARMINIANO SÃO TERMOS TEOLÓGICOS

É necessário compreender que calvinismo e arminianismo são termos teológicos. Não significam tudo quanto Calvino ou Armínio creram ou escreveram. Refere-se a dois sistemas antitéticos de doutrina, um tanto modificados na sua transmissão

e tendo a eleição incondicional e condicional, respectivamente, como seus pontos principais. De modo que se tornou comum na discussão teológica classificar homens e sistemas de doutrinas como calvinistas ou arminianos na base desses dois pontos principais.

## 6. O ESPÍRITO E A NATUREZA DO ARMINIANISMO

O espírito do Arminianismo é o espírito do Modernismo. O arminianismo é um sistema do racionalismo, que, como o modernismo, faz da razão, em vez da revelação divina, o padrão da verdade.

*“A igreja tem sido corrompida e amaldiçoada em quase todo século pela confiança indevida dos homens nas suas faculdades de raciocínio. Eles empreenderam pronunciar sobre a razoabilidade ou irrazoabilidade acerca de doutrinas infinitamente acima de sua própria razão, as quais são necessariamente matérias de pura revelação. Na sua presunção buscaram compreender “as coisas profundas de Deus” e interpretaram as Escrituras não segundo o seu sentido óbvio, mas segundo as decisões de sua finita razão” (Rice, *The Sovereignty of God and Human Freedom, A Soberania de Deus e a Liberdade do Homem*, pág. III).*

Acautele-se o leitor contra esse espírito soberbo que rejeita a verdade revelada porque a mente contrária e corrompida do homem não pode sondá-la inteiramente. Isto é a fonte principal de infidelidade e modernismo. “Foi por meio do orgulho raciocinador que o homem caiu,” e podemos acrescentar que da mesma maneira hoje o homem está caindo para mais longe de Deus. A razão é um dom divino e, quando usada de forma correta, é uma pérola de grande preço. Sua própria esfera na religião está em manejar bem a Palavra da Verdade; mas, quando ela se afirma como um paradigma pelo qual se afere a credibilidade da revelação divina, ela se torna em laço do diabo e em estrada segura para o inferno. “A revelação constantemente ataca a arrogância que impiamente rebaixa a credibilidade da palavra divina, a menos que o nosso mísero intelecto possa compreender as coisas que compete à glória de Deus ocultar. O desígnio do Evangelho é humilhar este espírito arrogante e nutrir em nós o espírito de ‘uma criancinha’, sem o qual a mente prosseguirá tateando o seu caminho

sombrio e perigoso, até que se perca em um Dédalo<sup>1</sup> sem fim, desorientado e sem esperança em labirintos escuros e intermináveis” (Richard Fuller, Baptist Doctrine, Doutrina Batista, por C. A. Jenkins).

O arminianismo é a mentira mais ardilosa que o diabo inventou em toda a sua milenar oposição a Deus. É o seu esforço supremo para apagar a deidade de Deus. “O arminianismo é a religião do homem, que pode ser executada pelo homem. O homem é a força principal: com o homem começa e com o homem perecerá.” (Parks). Ele eleva o homem e insulta a Deus. Ele nutre o orgulho humano e detrata a glória divina.

“O papismo gera arminianismo, e este gera criaturas cativas pelo poder do abismo.” (Rous – tradução livre). “É o Benjamin (o filho predileto) do Papa... o elixir de anticristianismo; o mistério do mistério da iniquidade; o gabinete do Papa; a verdadeira quintessência do equívoco” (Leighton). “Coloca a Deus na mesma extremidade com Dario, que alegremente teria salvo a Daniel, mas não pôde. Daniel 6:14” (Ness). Arranca “o grande Jeová mesmo do Seu trono, estabelecendo a dama Sorte para ser adorada em Seu lugar” (Ness). “Reduz o governo do mundo a mera sorte, ao capricho livre e desordem. Segundo este sistema a natureza, a providência e a graça são apenas seções do ateísmo; Deus não tem ingerência na terra e nos Seus negócios; ou – se isto for monstruoso e revoltante demais – Deus exerce autoridade sobre a matéria, mas não sobre as mentes e os corações dos homens... consequentemente, a profecia é um absurdo; a providência uma quimera; a oração uma zombaria; desde que Deus não interfere nos eventos mortais, mas desampara tudo aos humores desenfreados e às paixões de miríades de agentes independentes, de nenhum dos quais restringe os caprichos e impulsos, por quem sua vontade é constantemente derrotada e tripudiada” (Richard Fuller, Baptist Doctrine, Doutrina Batista, por C. A. Jenkins).

Não admira, então que B. F. Riley diga: “Whitefield foi um metodista calvinista, o que quer que isto seja, ainda que seja tão perfeitamente fácil de definir como um batista arminiano. Nem está livre de falácia e é claramente um ponto equivo.” (Os Batistas na Construção da Nação).

## II - A ELEIÇÃO DEFINIDA

*“Deus, de Seu próprio propósito, determinou desde a eternidade salvar um número definido da raça humana, como indivíduos, não por causa ou em prol de qualquer mérito ou obra deles, nem de qualquer valor deles a Cristo, mas de Seu próprio beneplácito.” (J. P. Boyce, Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 347).*

*“A eleição é aquele eterno ato de Deus, pelo qual, no Seu soberano prazer e devido a nenhum mérito previsto neles, Ele escolhe certos dentre o número de homens pecadores para serem os recipientes da graça especial do Seu Espírito e feitos participantes da salvação de Cristo.” (Strong, A. H., Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 427).*

### III - A ELEIÇÃO É ETERNA

Com isto queremos dizer que a eleição é sem origem atual: sempre houve, assim como Deus sempre existiu.

#### 1. PROVAS ESTABELECIDAS

##### 1) A imutabilidade de Deus

*“Com isto queremos dizer que a natureza, os atributos e a vontade de Deus estão isentos de toda a mudança... Toda mudança deve ser para melhor ou para pior, mas Deus é a perfeição absoluta e nenhuma mudança para melhor é possível. Mudança para pior seria igualmente incoerente com a perfeição.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática).*

Deus possui desde sempre todo o conhecimento e todo o poder, não pode haver ocasião de mudança nEle.

Para prova escriturística e maior discussão da imutabilidade de Deus veja capítulo sobre “A Natureza e Atributos de Deus”.

A imutabilidade de Deus nos ensina que aquilo que Deus deseja fazer em qualquer tempo, Ele sempre o quis assim. “Não pode haver um novo pensamento, um

novo intento, ou um novo propósito em Deus, do que haver um novo Deus” (Ness). Conseqüentemente, quando Deus salva um homem, Ele deve ter sempre intencionado e proposto salvá-lo. O propósito e o intento de salvá-lo envolvem eleição dele para salvação; logo, a eleição é eterna. Afirmar doutra maneira é negar a imutabilidade de Deus.

## 2) A Presciência de Deus

Em Romanos 8:29 afirma-se que Deus pré-conheceu os que Ele salva. Esta presciência envolveu um propósito de salvar e este propósito de salvar envolveu eleição. Esta presciência teve um princípio? Se teve, então houve um tempo em que Deus não foi onisciente e, portanto, nem perfeito e infinito. Sem perfeição e infinitude não pode haver Deus. Logo, a presciência de Deus é eterna e, conseqüentemente, a eleição é eterna; porque está envolvida na presciência, como vimos acima.

Vemos assim quão deletério é o ensino que a eleição tem lugar no tempo. Todo negador da eternidade da eleição é um ateu, logicamente. Ele não tem Deus, realmente; porque, tendo logicamente negado a imutabilidade, a perfeição e a infinitude de Deus, teoricamente roubou-O de Sua divindade. Contudo, os que ensinam a eternidade da eleição, são acusados de erguer novas questões e provas de comunhão entre irmãos.

## 3) Afirmações plenas da Escritura

Apelamos aqui para as duas passagens seguintes:

“Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor.” (Efésios 1:4).

“Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do SENHOR, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade.” (II Tessalonicenses 2:13).

O que teve lugar antes da fundação do mundo teve lugar antes do princípio do tempo, pois no princípio do tempo o mundo foi criado (Gênesis 1:1). A primeira passagem acima, então, põe a eleição definitivamente na eternidade. A segunda passagem quer dizer que, para sempre, desde o princípio, nossa eleição foi um ato completo. Assim teve lugar antes do princípio e, desde que na eternidade não há

antes nem depois, nunca houve um tempo em que a eleição não tivera lugar. Este é o sentido de eterno.

## 2. OBJEÇÕES RESPONDIDAS

A eternidade da eleição é objetada por alguns dizendo:

### **1) Que a eleição tem lugar quando somos salvos, porque estamos eleitos “em” Cristo**

Isto está afirmado em Efésios 1:4, que citamos há pouco. Notai, porém, que esta mesma passagem faz a eleição eterna. Por que invocarão os homens uma passagem isolada da Escritura contra si mesma?

A afirmação que fomos eleitos “em” Cristo não quer dizer senão que Cristo foi o fundamento de nossa eleição (a Sua obra salvadora sendo a base da eleição), e que nós fomos pré-conhecidos como estando em Cristo no propósito de Deus. A linguagem aqui é a linguagem d’Aquele que no Seu propósito, “chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17). Temos um outro exemplo disto em Romanos 8:29,30, onde a chamada, a justificação e a glorificação dos eleitos - todas estão postas no tempo passado. Nós não estávamos atual e experiencialmente em Cristo na eternidade; nem fomos atual e experiencialmente chamados, justificados e glorificados na eternidade; mas estávamos no propósito de Deus e isto é o significado da passagem há pouco citada.

### **2) Que somos eleitos quando somos salvos na base que a Escritura nunca aplica o termo “eleito” a ninguém, exceto aos salvos**

Verdade é que o termo “eleito” em alguns lugares da Escritura faz referência exclusiva às pessoas salvas. Tal uso do termo pode ser visto em Mateus 22:14; Lucas 18:7; Romanos 8:33; I Pedro 1:2. Estas passagens se referem somente àqueles em que a eleição se aplicou e se fez experimental; mas não é a estes somente que se aplica o termo “eleito” e os seus equivalentes. Em Efésios 1:4 e II Tessalonicenses 2:13, como já vimos, os eleitos dizem ter sido tais desde a eternidade. Então o termo “ovelha” é equivalente ao termo “eleito” e em João 10:16 temos a aplicação de Cristo do termo



“ovelha” aos gentios perdidos que ainda estavam para ser salvos. Diz essa passagem:

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.”

Mas, para maior destroço dos arminianos, achamos que II Timóteo 2:10 aplica o termo “eleito” na sua forma possessiva aos que não estavam salvos ainda. Diz esta passagem:

“Portanto, tudo soffro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna.”

### **3) Que somos eleitos quando somos salvos na base que a Escritura põe a chamada antes da eleição**

É fato que, algumas vezes, em se referindo tanto à chamada como à eleição dos crentes, ou em alusão aos chamados e eleitos, a Escritura lista primeiramente os chamados. Veja Mateus 22:14; II Pedro 1:10; Apocalipse 17:14. Os “chamados” de Mateus 22:14 (a palavra grega sendo um adjetivo usado substantivamente) são aqueles a quem soa, através de pregação do Evangelho, somente a chamada geral, que é externa e, na maior parte, ineficaz. Esta classe se compõe de muitos. Mas destes, apenas uns poucos, comparativamente falando, pertencem aos escolhidos, como se evidencia pelo fato que somente os poucos crêem no Evangelho. As outras duas passagens citadas mencionam a chamada e a eleição na ordem em que se realizam na experiência. O salvo conhece a sua eleição somente pela chamada (vivificação) que recebeu do Espírito Santo. Que as passagens dadas acima não fixam a ordem cronológica, ou mesmo a ordem lógica, da chamada e eleição, está evidente nas provas que foram dadas da eternidade da eleição, e de Romanos 8:29,30, onde a ordem é, manifestamente, a verdadeira ordem lógica. Ali a presciência e predestinação, que envolvem a eleição, se colocam antes da chamada. Então Romanos 8:28 afirma que somos chamados (particular, interna e eficazmente) “segundo o Seu (de Deus) propósito”. E este propósito envolve eleição. Assim sendo, a eleição deve preceder a chamada, tanto como o propósito de chamar deve preceder a chamada atual, uma vez que a chamada é segundo o propósito divino.

Os que forçam esta objeção contra a eternidade da eleição carecem notar que a Escritura não nomeia sempre as coisas tanto na sua ordem lógica como na cronológica; por exemplo, II Timóteo 1:9 põe a salvação antes da chamada.

#### 4) Que a eleição tem lugar quando somos salvos na base que somos eleitos por meio da santificação do Espírito e crença da verdade

Esta objeção se baseia na tradução de II Tessalonicenses 2:13 e I Pedro 1:2 segundo a versão King James. A primeira passagem diz na referida versão que somos eleitos “para a salvação por meio da santificação do Espírito e crença da verdade”. A segunda, na mesma versão, diz que somos “eleitos... pela santificação do Espírito para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo”. A preposição grega traduzida na versão King James “através de” é “en”. É um tanto desconcertante para os arminianos notarem que a Versão Revisada traduz esta preposição por “em” em vez de “através de” (a preposição grego “en” é traduzida “em” na versão ACF<sup>2</sup>). E é a eles ruinoso notarem que N. M. Williams diz desta preposição: “Ela expressa um estado, não um ato; não “através de”, mas “em”. A preposição grega raramente expressa instrumentalidade.” (Review American (Baptist) of the New Testament, Um Comentário Americano (Batista) do Novo Testamento).

A preposição grega alude ao estado em que estava o povo no tempo em que se lhe dirigiu e não significa o meio pelo qual se tornou eleito de Deus.

### 3. OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Antes de passar adiante, desejamos mostrar outras passagens que são como uma sentença de morte para a teoria infiel que a eleição e a salvação acontecem ao mesmo tempo.

#### 1) “Todo o que o Pai me dá virá a mim” - João 6:37

É manifesto que esta passagem representa o Pai dando os Seus ao Filho como sendo antes da vinda deles ao Filho. O ato de o Pai dar os Seus ao Filho (pelo qual aqui está significada a eficácia divina em trazê-los à possessão atual do Filho por meio de arrependimento e da fé, o verbo “dá” estando no presente) envolve uma eleição daqueles assim dados, pois todos os homens não foram dados a Cristo. E desde que o dar precede a salvação, então a eleição deve preceder a salvação. Este dar, sem dúvida, prova a eternidade da eleição em vista da imutabilidade de Deus. Mas aqui

só nos interessa mostrar que a eleição precede a salvação. A divina eficácia em trazer homens a Cristo está aludida em João 6:44 e 65 e Efésios 1:19-20.

**2) “E creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna” - Atos 13:48**

Esta passagem põe a ordenação de vida eterna antes da fé e, conseqüentemente, antes da salvação. Esta ordenação para a vida eterna envolve eleição sobre o mesmo fundamento em que “o dar” da primeira passagem envolve eleição.

Tanto quanto a forma da palavra grega concerne, podia ser tanto média como passiva, mas a preponderância da opinião erudita considera-a como sendo definitivamente passiva. Assim Hackett dá a tradução: “Tantos quantos foram nomeados para a vida eterna creram” e junta: “Esta é a única tradução que a filologia da passagem permite”. Mais adiante diz Hackett: “Alguns traduzem o particípio grego (tetagmenoi) por disposto, inclinado; porém, estes termos como passivos, ainda que possam significar: dispostos externamente – como, por exemplo, trazido a ser em ordem militar – não eram usados como uma ação da mente”. Jamieson, Fausset and Brown no seu comentário fazem este significativo comentário das palavras em foco: “...não podem... ser interpretadas de algo inferior a isto, que uma divina ordenação para a vida eterna é a causa, não o efeito, da crença de qualquer homem”.

Alguns têm tentado revirar a passagem, fazendo com que ela diga: “Todos quantos creram foram ordenados para a vida eterna”, o que é a maneira que se teria de ler para sequer permitir a interpretação que eleição e salvação têm lugar ao mesmo tempo. Mas a construção grega não consentirá esta transposição. Thayer diz que a passagem se refere a “tantos quantos foram ordenados para obter a vida eterna, ou a quem Deus decretará vida eterna”.

**3) “Por vos ter Deus elegido... para a salvação” - II Tessalonicenses 2:13**

Desde que os homens são escolhidos ou eleitos “para” salvação, sua eleição deve preceder a salvação. Isto está manifesto a todos, exceto a uma certa classe de arminianos que são incapazes de entender português básico.

#### IV - A ELEIÇÃO FOI PESSOAL, INDIVIDUAL, PARTICULAR E DISCRIMINATIVA

Sendo obrigados a admitir que uma eleição de qualquer espécie teve lugar na eternidade, alguns arminianos sustentam ou uma ou outra das seguintes noções:

##### **1. QUE A ELEIÇÃO NA BÍBLIA TEM REFERÊNCIA SÓ A ISRAEL COMO NAÇÃO E AOS GENTIOS COMO UM TODO, E QUE É SOMENTE UMA ELEIÇÃO A POSIÇÃO E VANTAGEM, NÃO À VIDA ETERNA**

Diz-se que Deus escolheu Israel como nação; então, nos dias do Novo Testamento, Deus o rejeitou e o substituiu pelos gentios como um todo. É crido, pelos que sustentam esta ideia, que a discussão clássica da eleição em Romanos 9 e 11 não se refere à eleição individual para a vida eterna senão somente a tal eleição global como estabelecida acima. O fato de qualquer homem poder sustentar uma posição tal como esta, apenas mostra a que extensão de loucura e o preconceito o conduzirá.

Nossa resposta:

##### **1) Que em Romanos 9 e 11 temos uma eleição individual de Judeus para a vida eterna, bem como a eleição nacional de Israel a posição e vantagem, e a evidência é:**

**A declaração que Deus tem misericórdia de quem Ele quer e endurece a quem Ele quer. Romanos 9:18**

Tal declaração é inaplicável a eleição e rejeição - nacionais ou globais. Ela só pode ser aplicada ao trato de Deus com indivíduos. E assim que se aplica torna-se mais evidente ao passo que prosseguimos além na discussão de Paulo.

**A objeção antecipada desta maneira de tratar com os homens. Romanos 9:19**

O que é esta objeção em palavras claras? É isto, como apresentada por A. N. Arnold: “Se for a vontade de Deus endurecer um homem, uma vez que a vontade de Deus não pode ser resistida com sucesso; como pode Deus culpar os pecadores endurecidos?” Pelo Prof. David Brown a objeção é apresentada como segue: “Esta doutrina é incompatível com a responsabilidade humana; se Deus escolhe e rejeita, perdoa e castiga a quem Lhe apraz, por que são culpados os que, se rejeitados por Deus, não podem evitar pecar e perecer?” E este mesmo comentarista prossegue, dizendo que

esta objeção mostra “a natureza real da doutrina objetada - a eleição e a não eleição à salvação eterna é antes de qualquer diferença de caráter pessoal no homem; assim é a única doutrina que poderia sugerir essa objeção aqui apresentada.”

#### **A menção de “vasos de misericórdia” e “vasos de ira”. Romanos 9:21-23**

Isto é inaplicável à eleição nacional ou global uma posição e uma vantagem. Numa eleição as nações não eleitas e grupos não podem ser corretamente representados como “vasos de ira”, porque tal eleição não representa estes como totalmente abandonados à ira. Durante os dias do trato especial de Deus com os judeus como a nação eleita, outras nações não foram inteiramente excluídas. Indivíduos delas podiam participar das bênçãos teocráticas de Israel por se submeterem e observarem os ritos de Israel.

#### **A menção de uma porção de Israel como “os eleitos” e “um remanescente, segundo a eleição da graça”. Romanos 11:5,7**

“Nestes eleitos remanescentes, reunidos a partir de uma nação eleita, temos uma eleição dentro de uma eleição, uma eleição de indivíduos para a vida eterna, que pertenciam a pessoas a quem Deus escolheu aos privilégios da graça.” (An American Commentary New Testamentm, Um Comentário Americano do Novo Testamento).

### **2) Que os gentios não substituíram os judeus é evidência de:**

#### **O fato de Israel não ter sido rejeitado no mesmo sentido de sua eleição ser revogada**

Israel foi temporariamente rejeitada de sua posição nacional no plano de Deus, mas, “quanto à eleição”, ainda é benquisto e ainda será restaurado ao seu lugar (Romanos 11:25-31). O chamado de Deus, se nacional, global, ou individual, é imutável (Romanos 11:29). Logo, todo falatório dos gentios terem substituído os judeus é uma coisa fútil.

#### **O argumento de Paulo em Romanos 9:6**

O argumento de Paulo é que a incredulidade da grande massa de judeus não tornou nula a promessa de Deus a Abraão com fundamento que a promessa não se aplicou a toda a semente de Abraão. Mas, se os judeus tivessem sido rejeitados como

atinentes à eleição e os gentios os substituíssem, o argumento de Paulo desenvolver-se-ia alguma coisa como segue:

*“A escolha de Abraão e sua semente não falhou; porque, ainda que Israel tenha sido rejeitado, os gentios tomaram o seu lugar e Deus tem o direito de escolher a nação que ele quiser aos privilégios do seu reino visível” (Commentary Jamieson, Fauset, and Brown; Comentário de Jamieson, Fauset, e Brown).*

### **3) Que há uma eleição individual dos gentios, tanto como dos judeus à vida eterna é evidência de:**

#### **Romanos 9:24**

Neste verso Paulo segue sua referência a “vasos de misericórdia, que para glória já dantes preparou” (V. 23) com a afirmação (V. 24): “Os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios.” Isto mostra-nos claramente que os “vasos de misericórdia” que manifestamente são indivíduos eleitos, constituem-se tanto de judeus como de gentios. Temos assim uma eleição individual de gentios bem como de judeus. Sobre este verso o Prof. Brown nota de forma bem clara: “Aqui, pela primeira vez neste capítulo, introduz-se a chamada dos gentios; tudo antes dizendo respeito não à substituição dos judeus rejeitados pelos gentios chamados, mas à escolha de uma porção do mesmo Israel. Fora a total rejeição de Israel, a promessa de Deus a Abraão não se teria cumprido pela substituição deles pelos gentios; mas sendo só parcial a rejeição de Israel, a conservação de um “remanescente”, no qual a promessa valeu, era “segundo a eleição da graça”. E agora, pela primeira vez, o apóstolo nos diz que, juntamente com este remanescente eleito de Israel, é propósito de Deus ‘tomar deles (os gentios) um povo para o Seu nome’ (Atos 15:14).”

#### **Referências à eleição em outros livros do Novo Testamento**

Estas referências aparecem nalgum lugar nesta discussão, pelo que não precisam ser mencionadas aqui. Vire o leitor as páginas deste capítulo e note estas referências, marcando quão certo elas se referem a uma eleição individual para a salvação. Note especialmente II Tessalonicenses 2:13 em contraste com a teoria que a eleição é só para posição e vantagem e não para salvação.

Nos dirigiremos agora à segunda teoria, a qual nega que a eleição foi individual.

## **2. QUE A ELEIÇÃO ETERNA SE APLICA SOMENTE À CLASSE DOS “QUEM QUER QUE QUEIRA”**

A falsidade desta teoria se prova por:

### **1) A presciência de Deus dos que Ele salva**

Romanos 8:29 afirma a presciência de Deus dos que Ele salva. E desde que Deus pré-conhece os que Ele salva, a eleição deles não poderia ter sido mera eleição de classe. Eleger uma classe com total conhecimento prévio dos que ao certo hão de compor essa classe é igual a uma individualização de cada um na classe.

### **2) O fato dos nomes dos eleitos estarem escritos no livro da vida**

Que os nomes dos eleitos estavam escritos no livro da vida na eternidade está provado por Apocalipse 17:8, que diz:

“A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, mas que virá.”

Esta passagem, falando daqueles, cujos nomes não estavam escritos no livro da vida, implica distintamente que houve alguns, cujos nomes estavam escritos no livro da vida “desde a fundação do mundo”. A frase: “Desde a fundação do mundo”, diz Justin A. Smith, “é a maneira que o Novo Testamento representa aquilo que aconteceu no passado remoto, antes que o tempo existisse, para o homem entender.” (An American Commentary on the New Testament, Um Comentário Americano no Novo Testamento).

Este escrever dos nomes dos eleitos no livro da vida certamente faz a eleição individual e pessoal.

### **3) O fato que Deus salva pessoas como indivíduos**

A imutabilidade de Deus, como já indicamos, leva-nos a crer que Deus propôs

eternamente fazer tudo o que Ele faz. Portanto, desde que Ele salva o povo como indivíduos, Ele deve ter tido um propósito eterno de salvá-los como indivíduos. Este propósito eterno é igual a eleição, e assim está provado ser a eleição individual.

Todos esses argumentos mostram também que eleição em nenhum sentido teve como objeto todos os homens: ela pertence somente àqueles a quem Deus salva atualmente. Todos os outros Ele não elegeu, deixando-os sofrer a justa penalidade dos seus pecados no inferno.

## **V - ELEIÇÃO NÃO SE BASEOU NA FÉ PREVISTA DOS ELEITOS**

É certo que Deus previu a fé dos eleitos. E também é certo que este pré-conhecimento não foi o fundamento da eleição. Prosseguimos a provar que a eleição não se baseou na fé prevista dos eleitos usando algumas objeções bíblicas. Veremos então que esta teoria não elimina algumas das objeções mais fortes que os arminianos têm contra a doutrina da eleição incondicional. Primeiro tomaremos as:

### **1. OBJEÇÕES A TEORIA QUE A ELEIÇÃO SE BASEOU NA FÉ PREVISTA DOS ELEITOS**

E, antes de dar essas objeções, desejamos enfatizar o fato que elas se aplicam com igual força à teoria que somos eleitos quando somos salvos, pois ambas as teorias condicionam a eleição na fé.

#### **1) Esta teoria nega que a fé seja um dom de Deus e faz dela um exercício do coração natural**

Nenhum defensor judicioso desta teoria pode sustentar que a fé seja o dom de Deus, que é operada em nós pela força regeneradora do Espírito Santo. O notável Agostinho, no seu livro das Retratações, habilmente reconheceu o seu erro em ter pensado uma vez que a eleição se baseia na fé prevista, dizendo: “Eu nunca podia ter afirmado que Deus ao escolher homens para a vida tivesse qualquer respeito à sua fé, tivera eu considerado devidamente que a fé é o Seu próprio dom”. A fé é a salvação germinando. Portanto, dizer que Deus dá a fé e depois nos salva eletivamente por causa dessa fé prevista, equivale a dizer que Deus salva e então, por causa disso,



elege-nos para a salvação. O único argumento lógico que pode ser tomado pelos que crêem que a eleição se baseia na fé prevista é que a fé precede a vivificação poderosa do Espírito Santo e que é, portanto, um exercício do coração natural. Isto implica as seguintes coisas que a Escritura nega:

#### **Que uma coisa limpa pode sair de uma impura**

Certamente a fé é limpa e santa. O coração natural é, certamente, impuro e ímpio. Jeremias 17:9 ensina que o coração natural é perverso. E em Romanos 7:18, Paulo diz que na sua natureza carnal não havia bem algum. Mais ainda, a doutrina de depravação total, como ensinada na Escritura e crida pelos Batistas, afirma que toda faculdade do homem está poluída pelo pecado, e, portanto, é impura e ímpia.

Agora, pode a fé, uma coisa limpa, proceder do coração natural, uma coisa impura? Respondemos que não pode, por causa destas duas razões:

a) A lei inexorável que tudo gera conforme a sua espécie:

Isto é uma lei universal. Opera em cada esfera. É um axioma. Esta lei é expressa figuradamente no brocardo que a água não pode levantar-se acima do seu nível.

b) A afirmação de Jó:

Referíamos aqui a Jó 14:4, que diz: “Quem do imundo tirará o puro? Ninguém”.

#### **Que um que está acostumado a fazer o mal pode voltar a fazer o bem**

O pecador está acostumado a fazer o mal. A fé é uma boa coisa. Pode então o pecador exercê-la enquanto está no estado natural? Jeremias afirma fortemente a impossibilidade de o pecador fazer isto. Ele diz: “Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.” (Jeremias 13:23). Assim Jeremias diz que é tão impossível ao homem natural fazer o bem e, exercer a fé, como é ao negro fazer-se branco ou ao leopardo despir-se do seu manto malhado.

#### **Que o que está na carne pode agradar a Deus**

A fé é agradável a Deus. A menos que alguém seja vivificado pelo Espírito Santo, está na carne, isto é, está sob o poder dominador da natureza carnal. Pode então alguém exercer a fé antes de ser vivificado? Não segundo Paulo, que diz: “Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem,

em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus.” (Romanos 8:7,8).

### **Que o homem natural pode receber as coisas espirituais**

A fé salvadora é a recepção de Jesus Cristo como o seu Salvador. Cristo como salvador é certamente uma coisa espiritual. Receber a Cristo como o seu salvador é mais do que receber a verdade intelectualmente. Deve haver uma capacitação no coração de sua condição perdida e de sua completa inabilidade para salvar a si mesmo. Deve haver também uma convicção no coração quanto ao poder salvador de Cristo e de como o homem participa desse poder. Deve haver uma apreciação verdadeira destas coisas. E estas coisas, quando devidamente apreciadas na sua profunda significação, são certamente coisas espirituais. E foi com referência a “Cristo e Ele crucificado” que Paulo escreveu quando disse: “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (I Coríntios 2:14).

### **2) Esta teoria faz a eleição depender do correr e do querer do homem**

Contudo, ao discutir a eleição, diz Paulo: “Assim, pois, isto não depende do que quer, nem do que corre, mas de Deus, que se compadece.” (Romanos 9:16).

### **3) Esta teoria nega a salvação pela graça e dá ao homem base para gloriar-se diante de Deus**

Se Deus é representado como contemplando através dos séculos e prevendo que uns creriam sem qualquer propósito soberano para trazê-los à fé, tendo os escolhido por causa desta fé prevista, não pode ser negado que Deus salva somente os que são melhores do que a parte comum da humanidade. A grande maioria dos homens prossegue na incredulidade, o que evidencia neles um espírito muito pior do que seria evidenciado se cressem. Daí, os que crêem, em princípios arminianos, são melhores em si mesmos (porque a fé, se for uma condição de eleição, deve, como já o mostramos, preceder o poder vivificador do Espírito Santo e vem, portanto do coração natural) do que os que não crêem. Segue-se, conseqüentemente, como a noite ao dia, que Deus salva somente os que são melhores do que outros. E essa bondade, conquanto

mesmo consista só de fé, não pode ser excluída da categoria de atos meritórios. A fé é a semente da santidade. Em verdade é muito mais do que isso: é a própria expressão de uma disposição santa. De sorte que, o que crê que Deus elegeu homens sob condições de sua fé, deve, se ele for capaz de pensar, aceitar a proposição que Deus elegeu salvar homens sobre o fundamento do seu próprio mérito parcial. Nenhum homem que crê na eleição condicionada na fé pode sustentar coerentemente a salvação pela graça.

Os arminianos sustentam, comumente, que Deus não pode com justiça não considerar os homens caídos, como os elecionistas incondicionais. O representam como deixando de considerar todos os não eleitos. Mas, “se Deus não pudesse com justiça ter deixado o homem quando ele caiu, Deus lhe teria feito uma injustiça não o tendo considerado, e quando, em vez de não considerá-lo, o considerou, Deus estava simplesmente executando um mero ato de justiça para com ele. Certamente isto seria um desvio grave da linguagem para chamar esta interposição um ato de graça. Os arminianos estão sempre reivindicando que são os defensores da “graça livre”, mas os seus princípios provam claramente que tal pretensão está absolutamente destituída de bom senso, tanto na natureza de como manejam essas doutrinas hoje como também na história” (Watts, *Sovereignty of God*, Soberania de Deus, pág. 13).

*“Só há dois sistemas de teologia. Um deles dá toda a glória a Deus; os demais a dividem com o homem.” (J. W. Porter, Casual Observations – On the Election, Observações Casuais – Sobre a Eleição – pág. 41).*

Segundo a teoria agora refutada, um homem salvo pode dizer: “Pai, agradeço-Te teres mandado a Cristo morrer por mim e agradeço-Te por me ofereceres a salvação, porque, a menos que tivesses feito estas coisas, eu não poderia me salvar. E agradeço-Te que me influenciaste pelo Espírito. Mas, Pai, posso agradecer só a mim mesmo por ter aceitado Tua oferta de misericórdia. O crédito disso a mim pertence, uma vez que nada do que fizeste foi suficiente para irresistivelmente causar a minha aceitação de Tua livre mercê. Fizeste tanto pelos outros que ainda estão perdidos como fizeste por mim antes de eu crer; logo, eu a mim mesmo me fiz diferir dos demais. Pai, não pode com justiça negar-me o direito de gloriar-me nisto e jactar-me disso por toda a eternidade, como ficarei especialmente movido a fazê-lo quando penso na condição dos perdidos no inferno e me lembro de que foi meu ato que me guardou de estar no

inferno. De alguma maneira, ou por hereditariedade, treino ou qualquer outra coisa, fui melhor do que eles, porque me submeti a Ti e eles não. Assim, ainda mesmo que a salvação é em grande parte pela Tua graça, todavia não o foi inteiramente; porque Tu não me terias salvo se eu não fora melhor do que aqueles que perecem.”

Ao contrário, é-nos dito no santo escrito que Deus arranhou a dispensação de Sua graça “Para que nenhuma carne se glorie perante ele.” (I Coríntios 1:29).

#### **4) Esta teoria faz da eleição uma farsa**

*“Se os homens fossem previstos como possuindo fé e santidade, antes de sua eleição e independentes dela, seria difícil conceber que ocasião houve para serem eleitos. Não haveria necessidade dela para garantir sua felicidade final. Porque o Juiz de toda a terra deve fazer justiça e a miséria eterna jamais foi designada para ser a porção de qualquer um que creia e seja santo; paz e salvação estão ligadas inseparavelmente a tal estado e a essas pessoas. Ter ordenado esses para a felicidade e glória, que foram previstos estar assim qualificados, teria, portanto, sido em tudo desnecessário” (A. Booth, Kingdom of Grace, Reino da Graça, pág. 63).*

Assim o arminianismo faz da eleição um termo desnecessário e sem sentido.

#### **5) Esta teoria representa-nos como sendo eleitos porque fomos previstos como santos em vez de que devêssemos ser santos.**

O crente é santo; isto é, é uma pessoa santificada. Assim, ensinar que fomos eleitos porque fomos previstos como crentes é ensinar que fomos eleitos porque fomos previstos como sendo santos; mas a Escritura ensina que fomos escolhidos em Cristo “para que fôssemos santos” (Efésios 1:4).

#### **6) Esta teoria faz a eleição por causa da adoção em vez de fazê-la para adoção**

Todos os crentes foram adotados, porque a adoção é por meio da fé (Gálatas 3:26). Assim, se a eleição tivesse sido baseada na fé prevista, teria sido também ba-

seada na adoção prevista; mas a Escritura ensina que a predestinação (que envolve eleição) é “para filhos de adoção” (Efésios 1:5).

### 7) Esta teoria destrói a Soberania de Deus

Segundo o arminianismo, Deus está sem poder para salvar a qualquer pessoa, exceto os que por si mesmos consentem em salvar-se. Assim, “Deus está sem poder ante a majestade da vontade arrogante do homem. Os pecadores têm a glória de sua própria salvação. Orar a Deus para converter um homem é absurdo. Deus elege o homem porque prevê que o homem eleger-se-á a si mesmo.” (S. R. Mason, como citado aprovadamente por A. H. Strong - Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 433).

## 2. A FUTILIDADE DA TEORIA QUE A ELEIÇÃO SE BASEOU NA FÉ PREVISTA DO ELEITO

Os arminianos imaginaram esta teoria para eliminar certas objeções que eles inventaram contra a eleição incondicional. Objetam à certeza que prevalece sob a eleição incondicional, porque fantasiavam que esta certeza revoga a livre agência do homem. Mas a teoria em consideração envolve nada menos que um grau de certeza. Se Deus prevê que uma coisa vai ser, é absolutamente certo ser. Nada o poderia fazer mais certo.

Eles não gostam de pensar de que há alguns homens nascidos no mundo sem nenhuma possibilidade de salvação. Mas a teoria em consideração envolve a mesma coisa; pois, certamente, se Deus previu os que creriam, também previu os que não creriam, e não há possibilidade destes jamais crerem.

Eles pensam que a eleição incondicional coloca a responsabilidade dos que perecem sobre Deus, mas sua admissão da presciência de Deus está igualmente aberta à mesma objeção, como mostrado na seguinte citação:

*“Eu logo admito que a mera previsão de um evento que não podemos impedir e em que não teremos parte na realização não nos envolve em responsabilidade alguma. Mas, quando o Criador, de Seu próprio soberano prazer chama a existência um agente inteligente, amolda-o com certos poderes e apetites e o*

*coloca no meio de cenas em que Ele vê claramente que tentações o sobrepujarão, num tal caso é autoevidente que as nossas débeis faculdades não podem separar presciência de pré-ordenação. A negação, portanto, da pré-ordenação não mitiga qualquer objeção: apenas esconde a dificuldade dos ignorantes.” (Richard Fuller, *Doctrines Baptists, Doutrinas Batistas, por C. A. Jenkins*).*

### 3. A NATUREZA DA PRESCIÊNCIA DE DEUS

Romanos 8:29 e I Pedro 1:2 têm sido usados para provar a teoria que a eleição está baseada na previsão que Deus tem da fé dos eleitos; mas, presciência e previsão não são idênticas em significado. Ao comentar Romanos 8:29, diz o Prof. Brown: “No capítulo 11:2 e nos Salmos 1:6 o ‘conhecimento’ que Deus tem do Seu povo não pode restringir-se a mera previsão de eventos futuros ou familiaridade com o que vai se passando aqui em baixo... A presciência que Deus tem do Seu próprio povo, quer dizer Sua complacência peculiar e graciosa para com eles.” (Commentary, Jamieson, Fausset and Brown, Comentário, Jamieson, Fausset e Brown). Dizer que Romanos 8:29 quer dizer que a quem Deus previu como os que de si mesmos crêem “é distorcer o texto fazendo-o ser contrário a todo o espírito e mesmo à letra do ensino apostólico” (ibid). A mesma palavra em Romanos 8:29 aparece de novo na sua forma de participio em I Pedro 1:20, onde ela se refere a Cristo na Sua obra redentora. Aí ela certamente não pode limitar-se ao simples sentido de previsão. É uma noção comum que I Pedro 1:2 representa a presciência como logicamente antecedendo a eleição, mas tal noção não se contém na passagem em foco. Esta passagem ensina, simplesmente, que a eleição opera junto com a presciência de Deus. A expressão “eleitos... segundo a presciência de Deus” tem o mesmo sentido que “eleitos na presciência de Deus”. Os referidos foram eleitos em que Deus, antes que o mundo existisse, os olhou com especial e graciosa complacência. A palavra presciência em I Pedro 1:2 está definida no Léxico de Thayer com o significado de “pensado antes, acordo prévio”.

Qualquer presciência que implique certeza, como é o caso em ambas as passagens em discussão, deve ser considerada como logicamente subsequente ao propósito ou decreto de Deus. Veja Atos 2:23. “Logicamente, ainda que não cronologicamente, o decreto vem antes da presciência”, (Strong). “Donde vem o conhecimento de Deus da futuridade de quaisquer eventos, exceto do conhecimento do Seu propósito de causar ou permitir que eles viessem a acontecer?” (Boyce). “A presciência de Deus

descansa sobre o Seu determinado conselho.” (Graves, *The Seven Dispensations, As Sete Dispensações*, pág. 100).

## VI - A ELEIÇÃO É PARA A SALVAÇÃO

Declara-se esta verdade em II Tessalonicenses 2:13, que diz: “...Por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação...”.

Note três coisas desta passagem:

### 1. ELEIÇÃO NÃO É SALVAÇÃO

Os arminianos afirmam que a eleição incondicional quer dizer salvação incondicional e que nós ensinamos que os homens foram atualmente salvos na eternidade. Ambas as coisas são sem fundamento, porque a eleição não é salvação. Fomos incondicionalmente eleitos na eternidade para uma salvação condicional no tempo. E quando falamos da salvação como sendo condicional, não queremos dizer que a salvação dos eleitos seja de qualquer modo fortuita ou incerta, mas somente que certas condições (arrepentimento e fé) devem cumprir-se antes que eles venham a possuir a salvação. Uma condição é “alguma coisa que necessariamente precede um resultado, mas não o produz”. Na eternidade passada a salvação dos eleitos de Deus foi programada e os eleitos estão representados neste propósito de Deus como: chamados, justificados e glorificados (Romanos 8:29-30), mas isto é simplesmente a linguagem d’Aquele que, no Seu propósito, “chama as coisas que não são como se já fossem” (Romanos 4:17). Muitas passagens ensinam claramente que a salvação real acontece em um tempo determinado. Por essa verdade contendemos fortemente. Não temos paciência de espécie alguma com a teoria de que a salvação que acontece em um tempo determinado seja só uma salvação temporária, ou salvação limitada a esta vida.

### 2. A ELEIÇÃO É PRIMARIAMENTE PARA A SALVAÇÃO MAIS DO QUE MERAMENTE PARA O SERVIÇO

O diabo não se cansa de inventar noções contrárias à verdade. Ele já levou alguns a dizerem que a eleição da Bíblia é meramente para serviço; mas a Palavra de

Deus posta-se frontalmente contra esta tola noção, revelando-nos que fomos escolhidos “para a salvação”.

### 3. A ELEIÇÃO É PARA A SALVAÇÃO MAIS DO QUE PARA PRIVILÉGIOS EXTERNOS

Outra noção diabólica é que a eleição é meramente para privilégios e oportunidades externas; mas II Tessalonicenses 2:13 mata essa noção também.

## VII - A ELEIÇÃO INCLUI TODOS QUE SERÃO SALVOS

Alguns têm a ideia que a eleição inclui somente uns tantos em cada geração como necessário para garantir que o Evangelho seja crido e proclamado. Outros têm a noção que em adição aos eleitos tem que haver espaço para “aqueles que querem vir”. A afirmação acima nega ambos estes pareceres. Certo é que a eleição inclui a todos quantos forem salvos, porque:

### 1. A IMUTABILIDADE DE DEUS PROVA A ELEIÇÃO

O homem, na sua condição natural não pode vir a Cristo. Veja Jeremias 17:9; Provérbios 4:23; Jó 14:4; Jeremias 13:23; João 12:39,40; Romanos 8:7,8; I Coríntios 2:14. A habilidade para vir a Cristo, portanto, é divinamente dada, como estabelecido em João 6:35. Logo, ninguém pode vir a Cristo e ser salvo a não ser aqueles a quem Deus dá a habilidade para virem. Já notamos previamente que a imutabilidade de Deus nos ensina que o que quer que Deus faça em qualquer tempo deve Ele ter sempre proposto fazer. Consequentemente, na eternidade Ele se propôs a dar habilidade para virem a Cristo todos quanto Ele atualmente dá no tempo. Este propósito é igual à eleição. E desde que ninguém pode vir exceto aqueles a quem esta habilidade é dada, e estes foram todos incluídos no propósito de Deus, o que é igual a eleição, entendemos que ninguém jamais se salvará exceto os eleitos. Os eleitos e os “que querem vir” são um, desde que ninguém pode querer vir para Cristo senão quando Deus neles opera o querer.



## 2. A ONISCÊNCIA DE DEUS O PROVA

A salvação é do Senhor. Desde que Deus é Onisciente, Ele soube exatamente a quem salvaria. Este conhecimento incluiu um propósito de salvá-los. Este propósito, como observamos antes, iguala à eleição. Assim a eleição inclui todos quantos em qualquer tempo serão salvos, porque ela inclui todos quanto Deus soube que Ele salvaria.

## 3. O FATO QUE NINGUÉM EXCETO OS ELEITOS ENTRARÃO NA NOVA JERUSALÉM PROVA-O

Apocalipse 21:27 diz-nos que os habitantes da Nova Jerusalém serão “só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro”. Vimos que o escrever de nomes no livro da vida teve lugar no passado remoto, antes do princípio do tempo como o conhecemos agora; e isso é, portanto, equivalente a eleição. Então a Nova Jerusalém será habitada somente pelos eleitos. Se outros além dos escolhidos se salvam, fariam melhor carregarem uma tenda ao céu com eles, porque terão de acampar fora da Nova Jerusalém. Só os eleitos entrarão.

## VIII - O PROPÓSITO DA ELEIÇÃO ESTÁ INSEPARAVELMENTE LIGADO COM TODOS OS MEIOS NECESSÁRIOS PARA SUA REALIZAÇÃO

Ao mesmo tempo que Deus escolheu o Seu povo, Ele ordenou todos os meios necessários para realizar sua salvação completa e final. Tais meios estavam inseparavelmente ligados à eleição no decreto de Deus. Não simpatizamos com o cascadurismo, o hipercavinismo<sup>3</sup>. Dizer que os eleitos se salvarão se ouvirem ou não o evangelho é entender mal a conexão entre a eleição e os meios que Deus ordenou para o cumprimento do propósito da eleição.

---

3 Basicamente, um hipercalvinista (ou um “cascadura”) é alguém que:

Nega que o chamado do Evangelho se aplica a todos os que ouvem, OU

Nega que a fê é o dever de todo pecador, OU

Nega que o evangelho faça qualquer “oferta” de Cristo, de salvação, ou de misericórdia para o não eleito (ou nega que a oferta de misericórdia divina é gratuita e universal), OU

Nega que exista tal coisa como a “graça comum”, OU

Nega que Deus tem algum tipo de amor pelo não eleito.

Fonte: <http://www.bomcaminho.com/tc002.htm>

Salvação, - espiritual, temporal e eterna - é pela graça por meio da fé (Efésios 2:8-10; Romanos 5:1; Gálatas 3:26). Todos os pagãos que morrem sem ouvir o Evangelho estarão perdidos (Romanos 1:19,20; 2:12). A fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus (Romanos 10:17).

Onde quer que Deus tenha uma alma eleita, na plenitude do Seu próprio tempo, Ele de algum modo mandará o Evangelho chamar esse tal das trevas para a luz. Veja II Tessalonicenses 2:14. Assim Filipe foi enviado ao eunuco eleito e assim se deu a Paulo sofrer para que os eleitos obtivessem salvação eterna (II Timóteo 2:10). Assim temos o vínculo divino entre a eleição e as missões.

Alguns acusam que a eleição incondicional faz todos os meios inúteis. Alguns dizem que se o caso é tal com o homem que ele não pode por natureza receber coisas espirituais e deve ser vivificado pelo Espírito antes que ele possa se arrepender do pecado, e por ser certo que ele se arrependerá do pecado quando é vivificado, então por que pregar-lhe? Nós lhe pregamos, primeiro, porque Deus o mandou. Aceitamos a Palavra de Deus, quer possamos explicar ou não o porquê Ele fala isso ou aquilo. Não fazemos de nossa razão o padrão de obediência ou de verdade, como é o caso com os arminianos. Mas, por outro lado, descobrimos que a palavra de Deus ensina que Deus chama os Seus eleitos pela Palavra, pois a Palavra é o instrumento do Espírito na regeneração (João 3:5; Efésios 5:25, 26; Tito 3:5; Tiago 1:18; I Pedro 1:23). Não há maior inconveniência em pregar o Evangelho aos espiritualmente mortos do que houve em Cristo, diante do túmulo de Lázaro, morto há quatro dias e dizendo: “Lázaro, sai para fora.” Enquanto permaneceu morto, Lázaro não pôde ouvir e muito menos obedecer à ordem; mas o poder vivificador vindo de Deus acompanhou a palavra de Deus e Lázaro tanto ouviu como saiu. Cabe a nós pregar o Evangelho a toda criatura, porque assim Cristo mandou. Cabe a Deus trazer os mortos à vida. Veja também a parábola dos ossos secos no vale, onde temos um quadro de conversão pela pregação (Ezequiel 37). Os ossos estavam sem vida; todavia, pregar-lhes não foi em vão.

E os arminianos perguntam: “Por que orar pelos perdidos uma vez que todos os eleitos de Deus serão salvos e nenhum outro poderá salvar-se?” Oramos pelos perdidos pela mesma razão que Paulo orou pelos perdidos, mesmo que ensinasse a eleição incondicional. Oramos pelos perdidos pela mesma razão porque Cristo orou pela segurança dos crentes, mesmo que essa segurança já estivesse certa. Veja João 17:11. Cristo também orou pela restauração de Sua glória que tinha com o Pai. Veja

João 17:5. Foi em qualquer sentido incerto? A oração, bem como a pregação, é um meio pelo qual Deus executa a Sua vontade. Os seus propósitos são soberanamente estabelecidos e eternamente imutáveis, mas Ele não os estabeleceu independentemente dos meios.

## **IX - A ELEIÇÃO NÃO É CASCADURISMO**

É costumeiro aos arminianos censurar a doutrina bíblica da eleição por se referirem a ela como “cascadurismo”. Que Deus os perdoe, porque eles não sabem o que fazem. Que a eleição não é cascadurismo, prova-se pelos seguintes fatos:

### **1. A ELEIÇÃO ESTÁ INDISSOLUVELMENTE UNIDA AO EVANGELHO COMO MEIO DE DEUS PARA CHAMAR OS SEUS ELEITOS À SALVAÇÃO**

Isto está provado pelas passagens dadas acima, que mostram que a regeneração é por meio da Palavra. E também se prova por II Tessalonicenses 2:13,14. Os eleitos foram escolhidos “para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade”. A isto Paulo diz: “pelo nosso evangelho vos chamou”. Os cascaduras comumente negam a indispensável necessidade do conhecimento do Evangelho na regeneração. Por esta razão mostram pouco interesse em cumprir a grande comissão.

### **2. OS CASCADURAS E MISSIONÁRIOS NÃO DISCORDARAM A RESPEITO DA ELEIÇÃO**

1) Discordam sobre “missões, educação, sustento de pastores e outros empreendimentos religiosos” (Jarrel, pág. 431).

2) Na divisão, ambas as partes apegaram-se à eleição incondicional.

Não será posto em dúvida que os cascaduras apegam-se a esta doutrina. Que os missionários também o fizeram está provado pelo testemunho de Spencer, o qual diz que os missionários “que abraçaram o corpo principal da denominação sustentaram os sentimentos doutrinários de Andrew Fuller”, o qual creu na eleição incondicional, mesmo que ensinasse um sacrifício de suficiência universal. Veja História dos Batistas de Kentucky, Vol. I, pág. 645.

### **3. AINDA NÃO HÁ NENHUMA DIFERENÇA ENTRE OS MISSIONÁRIOS E OS CASCADURAS SOBRE A MATÉRIA DA ELEIÇÃO SER INCONDICIONAL**

Isto se prova por:

**O fato de ambos aceitarem a afirmação sobre eleição na Confissão de Fé de Filadélfia**

Os cascaduras ainda aceitam isto. E entre os missionários esta confissão “ainda é largamente usada, sendo no sul, provavelmente, a mais influente de todas as confissões.” (McGlothlin, Baptist Confessions of Faith, Confissões Batistas de Fé, pág. 298).

**O fato de a eleição incondicional ser ensinada na outra grande confissão Batista Americana, a de New Hampshire.**

Veja prova disto posteriormente no tratamento de eleição incondicional como doutrina batista.

**O fato de todos os nossos compêndios teológicos padrões e todos os livros doutrinários escritos por batistas representativos e reconhecidos ensinarem esta doutrina.**

Para prova disto veja o tratamento referido imediatamente acima.

### **4. OS CRENTES BATISTAS QUE CRÊEM NA ELEIÇÃO INCONDICIONAL, LIGADA COM O EVANGELHO COMO UM MEIO INDISPENSÁVEL NA REGENERAÇÃO, TÊM SIDO SEMPRE ZELOSOS NA PROPAGAÇÃO DO EVANGELHO**

A visão e o esforço missionário originaram-se, não entre os Batistas Gerais (arminianos), nem ainda entre qualquer outra denominação arminiana, mas entre os Batistas Particulares (calvinistas) da Inglaterra. Veja os registros na maioria das histórias batistas. Robert Hall, Andrew Fuller e William Carey foram os líderes.

O esforço Americano para missões mundiais originou-se na Associação de Filadélfia, a qual adotou a detestada Confissão de Fé de Filadélfia. (Veja “A História dos Batistas”, Cook, pág. 327). “A Associação de Filadélfia rapidamente se tornou o grupo maior dos batistas americanos, posição que ela até hoje não perdeu inteiramente (1897). Praticamente tudo considerado de bom em nossa história, de 1700 a

1850, pode ser traçado à sua iniciativa ou cooperação ativa” (Vedder, Brief History of Baptists, Breve História dos Batistas, pág. 204).

## X - A ELEIÇÃO NÃO ENSINA DUAS SEMENTES

Isto aí é outro epíteto com que os arminianos se deliciam em aplicar à doutrina bíblica da eleição. O ensino de duas sementes sustenta que Adão e Eva geraram duas sementes, uma de Deus e outra da serpente. Daniel Parker, que propagou esta doutrina, ensinou que a semente de Deus “foram os filhos verdadeiros de Deus desde a eternidade” e que a semente da serpente foram “gerados do diabo” (Minutes of the General Association of Baptists in Kentucky, Atas da Associação Geral dos Batistas em Kentucky, 1837, pág. 11).

Nenhuma doutrina semelhante a esta está envolvida na eleição incondicional. Mostramos que a eleição é “para a salvação” e, portanto, não é salvação. A salvação tem lugar no tempo. Todos os homens são filhos do diabo até que se tornem filhos de Deus pela regeneração e pela fé (I João 3:9,10).

## XI - A ELEIÇÃO NÃO ENVOLVE FATALISMO

Os que não podem ver a diferença entre eleição e fatalismo carecem de consultar um bom dicionário. “O destino é pagão; uma força irresistível e irracional, determinando todos os eventos com nenhuma conexão clara com a razão ou a justiça”. “Pré-ordenação e predestinação são cristãs, denotando a racional e justa ordem ou decreto do Deus Supremo e Onisciente”. A. R. McGehee disse uma vez o seguinte concernente a diferença entre fatalismo e predestinação:

*“Fatalismo é aquela teoria da vida que ensina que todo o destino é fixo desde o princípio, e que as circunstâncias e atos intermediários não afetam esse destino fixo. O fim em vista, quer bom ou mal é alçado por simples decreto ou capricho, e pouca conta se faz de moralidade ou propósito, com escassa ênfase na personalidade divina ou humana. É uma filosofia e não uma religião. Em contraste, o determinismo sustenta que o fim ou destino em vista é efetuado por uma*

*combinação de todos os atos e circunstâncias precedentes. A eleição, por outro lado é moral e pessoal e intencionada, e os eventos são divinamente ordenados e controlados a fim de produzirem certos valores morais.”*

O arminiano está obrigado a negar a presciência de Deus ou trancar-se em vago fatalismo. Se Deus previu o destino final de cada homem, então o destino foi decretado e fixo na eternidade. O que então fixou o destino? Os arminianos têm de um lado um trono vazio e de outro um futuro fixo. Para eles só há duas saídas. Eles podem prosseguir com sua infidelidade na direção do seu término lógico e negar a presciência de Deus, ou podem reconhecer a sorte como o determinante dos eventos humanos. Faça cada arminiano sua escolha e então escreva-nos a respeito.

Dissemos que há só dois caminhos para o arminiano. Isso é verdade por tanto tempo enquanto ele ficar arminiano. Mas há, depois de tudo, uma saída do dilema que é segura e feliz: reconhecer a verdade da soberania absoluta de Deus. Desejamos que todo arminiano pudesse conhecer o conforto e o gozo que a aceitação dessa verdade traz.

## **XII - A ELEIÇÃO É PERFEITAMENTE COERENTE COM A LIVRE AGÊNCIA DO HOMEM**

Para a definição e tratamento geral da livre agência veja capítulo XX.

A doutrina bíblica da eleição representa o homem na sua condição natural como completamente escravizado pelo pecado, sem nenhuma habilidade nas coisas espirituais. Também representa Deus como tomando a iniciativa na conversão por vivificar o pecador morto para a vida, logicamente antes do seu arrependimento e da sua fé. Mas para a prova de que isto não envolve um conflito entre a livre agência e a eleição veja no capítulo XX o tratamento desse assunto sob a epígrafe “A Livre Agência do Homem Natural” e “Livre Agência e Conversão”.

## **XIII - A ELEIÇÃO NÃO DESTRÓI A RESPONSABILIDADE DO PECADOR**

Quando Paulo escreveu a sua maravilhosa epístola aos Romanos, ele antecipou

a objeção que muitas vezes é feita à sabedoria de Deus tratando com os homens no fundamento que ela destrói a responsabilidade do pecador. Diz Paulo: “Dir-me-ás então: Por que se queixa ele ainda? Porquanto, quem tem resistido à sua vontade?” (Romanos 9:19). Em outras palavras: “Se Deus escolhe e rejeita, perdoa e pune a quem Lhe apraz, por que são culpados os que, se rejeitados por Ele, não podem deixar de pecar e perecer?” Ou, se Deus salva a todos que Ele escolhe salvar, deixando o resto num estado de impotência espiritual, do qual não podem livrar-se, sendo certo persistir no pecado para sua condenação eterna, por que Ele condena os que continuam no pecado? Isto mostra claramente, como já indicamos, que Paulo ensinou a eleição incondicional e a total inabilidade espiritual do homem natural. Uma objeção semelhante não seria sugerida por qualquer outra doutrina.

### 1. ESTA OBJEÇÃO É ÍMPIA

Em resposta a essa objeção, diz Paulo: “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?” (Romanos 9:20). Paulo respondeu, assim como nós respondemos a semelhantes objeções, que o homem não tem direito, sob quaisquer circunstâncias, de questionar qualquer coisa que Deus faz. Deus não está sob obrigação alguma de dar contas de Si mesmo ao homem. O arminiano não merece nenhuma consideração a mais.

Mas o inquiridor reverente, que prontamente aceita tudo que Deus tem revelado e deseja, para a sua própria edificação espiritual, saber tudo que ele possa aprender da Palavra de Deus a respeito dos caminhos infinitamente sábios e santos d’Aquele cuja presença é como chama de fogo e cuja glória Ele elevou sobre os céus, esse merece mais consideração. Por amor de tal inquiridor, notamos ainda:

### 2. AS DUAS FASES DA VONTADE DE DEUS

Temos dito que Deus salva todo o que Ele escolhe ou deseja salvar. Por outro lado, Deus “...anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam;” (Atos 17:30). Ele também ordenou que o evangelho seja pregado a toda criatura (Marcos 16:15), e o evangelho é o chamado geral de Deus<sup>4</sup>, também devi-

4 Através de uma chamada geral e um convite geral queremos dizer que sejam abrangidos a outros, bem como os eleitos. Tomamos o convite de Cristo a incluir expressamente os que estão esforçando-se para a salvação pela observância de regras e leis, sendo assim, oprimidos. É demais supor

damente acompanhado de um convite geral, como Cristo deu (Mateus 11:28). Isto torna evidente que uma distinção deve ser feita em lidar com a vontade de Deus. Deus fez essa distinção para nós. Você vai encontrá-la em Deuteronômio 29:9. Neste versículo, a vontade de Deus é dividida em Sua vontade secreta<sup>5</sup> e a Sua vontade revelada<sup>6</sup>. Esta distinção é apresentada neste versículo, porque é ensinado nos capítulos 29 e 30 que Deus permitiria os israelitas desobedecerem os Seus mandamentos, e que Ele os mandaria ao cativo e, finalmente, os espalharia aos quatro ventos da terra. Sua vontade secreta era permitir isso. Mas Sua vontade revelada era que eles deveriam obedecer. Em Deuteronômio 29:29 a responsabilidade dos israelitas estava claramente estabelecida.

Essa distinção entre a vontade secreta e a vontade revelada de Deus não põe, como tem sido afirmado, “um dualismo intolerável dentro do Ser de Deus e acusa Ele - sit vênia verbo<sup>7</sup> - de falsidade e engano” (Schaff). Baseia-se num fato da experiência humana. A vontade revelada de Deus expressa Sua preferência imanente nas coisas consideradas em si mesmas e fora do Seu propósito perfeito e santo. Que é mister que exista uma diferença entre a preferência imanente de Deus nas coisas dissociadas do todo e do Seu propósito consumado está imperfeitamente ilustrado no seguinte exemplo: Um pai amoroso não tem prazer no sofrimento de um filhinho. Entretanto, para o bem e a felicidade futura do filhinho, o pai inflige-lhe sofrimento pela correção. O pai emprega assim uma coisa que é desagradável em si mesma para conseguir um propósito. Deus não se agrada do pecado, considerado em si mesmo; mas, na realização do Seu propósito, agradou-lhe permitir o pecado e dominá-lo para Sua glória.

### 3. A ELEIÇÃO E OS NÃO ELEITOS

A eleição não impõe nenhuma restrição aos não eleitos. Ela não os afeta ativamente de modo algum. Ela os deixa exatamente na mesma condição em que estariam se não houvesse nenhuma coisa como a eleição, a saber, numa condição de impotência espiritual e de condenação, tal como todos os pecadores estão por natureza. Uma eleição de alguns para a vida não implica uma eleição de alguns para a morte. A morte do ímpio não é o resultado da eleição, mas dos tratos justos de Deus com ele – o ser

---

que toda esta classe que ouviram essas palavras vieram a Cristo. Assim, este convite foi geral.

5 A Vontade secreta de Deus é o mesmo que Sua vontade de propósito.

6 A vontade revelada de Deus é o mesmo que sua vontade de aprovação.

7 Expressão latina que significa “perdoe-me pela expressão”



humano como pecador. É o salário justo do ímpio (Romanos 6:23). Na eleição, Deus simplesmente escolhe dentro da massa da humanidade depravada aqueles a quem Lhe apraz salvar por justas e santas razões conhecidas somente por Ele. Os que restam Ele simplesmente os deixa às justas consequências do seu pecado. Se um homem rico escolhe um mendigo e lhe dá riquezas, pode ser dito que, por fazer disso, o rico elege todos os demais mendigos para sofrerem perpétua pobreza?

Após a leitura do exposto, perguntou: “Será que o autor não acredita em reprovação?” A resposta é: Com toda certeza! E o que precede é de modo algum contrária a ela, mas implicitamente afirma a reprovação. O autor está plenamente de acordo e feliz com Warfield<sup>8</sup> na seguinte declaração sobre a reprovação: “Se não fossem todos os homens pecadores, poderia ainda haver uma eleição tão soberana como agora, e havendo uma eleição ainda haveria tão soberana rejeição; mas a rejeição não seria uma rejeição para punição, destruição, morte eterna. mas para algum outro destino consoante ao estado em que os deixados devem ficar. Não é verdade que os homens são pecadores por eles ficarem sem eleição; a eleição é livre, e a rejeição, o oposto dela, deve ser livre igualmente; mas é apenas porque os homens são pecadores que aquele estado a qual eles estão é a destruição” (Biblical Doctrines, Doutrinas Bíblicas, pág. 54).

#### 4. RESPONSABILIDADE E INCAPACIDADE ESPIRITUAL

O pecador está sem capacidade espiritual, mas isso não elimina a sua responsabilidade. Dizer que a responsabilidade depende da capacidade do pecador é uma teologia furta-cor, ou seja, uma posição que não pode sustentar-se à luz dos fatos bíblicos. O pagão é responsável em viver à luz da consciência que ele possui concernente à lei de Deus. Compare Romanos 2:12-16. Mas ele não pode fazer isto; porque se alguns conseguissem, não haveria base para sua condenação, segundo a passagem acima, e eles se salvariam pelas obras, algo pelo qual a Escritura diz que ninguém pode ser salvo. Aqueles que ouvem a Lei serão julgados por ela. Quer dizer que eles são responsáveis em obedecer a Lei: mas eles não podem fazer isso, porque a voz da Lei fecha toda boca (Romanos 3:19). Assim sendo a responsabilidade não depende da habilidade presente e a inabilidade não destrói a responsabilidade.

<sup>8</sup> Benjamin Breckinridge Warfield (05 de novembro de 1851 - 16 de fevereiro de 1921) foi professor de teologia no Seminário Teológico de Princeton de 1887 a 1921. Seria o último expoente de Princeton, antes das divergências de 1929 onde foram criados o *Seminário de Westminster* e a *Igreja Presbiteriana Ortodoxa*.

## 5. O HOMEM RESPONSÁVEL POR SUA INABILIDADE ESPIRITUAL

Ao passo que a responsabilidade não depende na capacidade atual, ela tem a sua base na habilidade original. O homem originalmente tinha habilidade nas coisas espirituais. Pelo seu pecado ele perdeu esta habilidade na queda de Adão. A raça inteira participou desta queda. É o ensino de Romanos 5:12 que diz que “todos pecaram” na Versão King James (e da ACF) é a tradução do tempo aoristo no grego. O tempo aoristo é o modo indicativo (e alguns outros modos), no qual expressa ação específica no passado. Romanos 5:12, portanto, não alude a uma vida pecaminosa seguida por parte de cada indivíduo, mas refere-se à uma apostasia, da apostasia de Adão, da qual todos participaram. O modo em que todos da raça de Adão tomaram parte na queda está fortemente estabelecido por A. H. Strong como segue:

*“A vida total da humanidade estava naquele tempo em Adão: a raça tinha, como ainda tem, o seu ser somente nele. Sua essência ainda não estava individualizada; suas forças ainda não estavam distribuídas; os poderes que agora existem em homens separados estavam naquele tempo unificados e localizados em Adão; a vontade de Adão era ainda a vontade da espécie. No ato livre de Adão a vontade da raça revoltou-se contra Deus e a natureza da raça corrompeu-se. A natureza que agora possuímos é a mesma que se corrompeu em Adão – não a mesma em espécie meramente, mas a mesma vida pecaminosa fluindo dele continuamente para nós.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 328).*

Tendo feito pecado em Adão, cada descendente de Adão é responsável pela depravação e inabilidade espiritual resultante.

## XIV - A ELEIÇÃO É PERFEITAMENTE CONSISTENTE COM A JUSTIÇA DE DEUS

Paulo também antecipou esta objeção à sua doutrina (Romanos 9:14), o que mostra que Ele ensinou a eleição incondicional, pois nenhuma outra teoria da eleição teria sugerido esta objeção. Se, por acaso, alguém que mal entendesse essa doutrina de Paulo tivesse apresentado a objeção, essa agora era a hora e o lugar para ele apre-

sentar claramente que sua doutrina de eleição não estava aberta a essa objeção porque ensinava que a eleição estava baseada na fé prevista dos eleitos. Paulo certamente teria feito isto, se tivesse sido arminiano; mas, em vez disso, despediu-a como sendo absurda, dizendo: De maneira nenhuma. Então ele prosseguiu respondendo à objeção com a própria declaração de Deus concernente ao Seu trato soberano com os homens.

Examinemos mais a objeção, note:

## 1. JUSTIÇA E PARCIALIDADE

Entre outras noções cruas e não escriturísticas, merece lugar importante a ideia que a justiça e a parcialidade são necessariamente antagônicas. Nós somos mandados a sermos imparciais, mas em nenhum lugar diz Deus que Ele é imparcial. A sabedoria, a independência e a soberania dão-Lhe direitos que a nossa ignorância, sujeição e dependência nos negam. A Escritura mostra que Deus é parcial. Ele é parcial aos homens caídos em comparação com os anjos caídos no sentido de, com alguns dos primeiros (os homens), ter promovido redenção, ao passo que todos os últimos Deus “reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia”. (Judas 6). Ele é parcial para com as pessoas nas assim chamadas terras cristãs em comparação com o povo das terras pagãs, em que a primeira tem a luz do Evangelho, enquanto a última, em muitos casos, vive através da vida na ignorância do Evangelho que é o único meio de salvação.

Quanto à parcialidade ser injusta, depende das circunstâncias. O ministro, no seu trato com os que persistem no pecado, não é para conceder que qualquer coisa o faça desculpar alguns onde todos são igualmente culpados (I Timóteo 5:21). E não devemos preferir alguns homens em favor ou honra por causa das riquezas ou qualquer coisa semelhante (Tiago 2:4). Em outras palavras, devemos tratar com os homens conforme com o que eles realmente merecem; mas, na salvação, Deus trata inteiramente com os desmerecidos; porque a graça é favor imerecido e favor não devido como obrigação. Logo, Deus pode distribuir Sua graça entre os homens como Lhe ditam Sua perfeita sabedoria e santidade. Em assim fazendo, Ele elegeu alguns para a vida e outros deixou perecerem como a justa consequência dos seus pecados. Quem ousará negar-Lhe este direito?

*“Não pode o Deus soberano de tudo,  
Dispensar os Seus favores como Lhe apraz;  
Escolher alguns para a vida, enquanto outros caem,  
E ser justo e santo contudo ainda?”*

## 2. DEUS NADA DEVE AO HOMEM

Isto precisa ser enfatizado. Se ao homem devesse Deus algo, então a salvação seria por dívida e não por graça. Dirão alguns que Deus deve ao homem uma oportunidade de se salvar. Ele deu esta oportunidade aos pagãos que morreram sem o Evangelho? Uma oportunidade de se salvar não alcança nada para o homem. Podia alguém falar igualmente de se dar a um homem totalmente paralítico a oportunidade de andar. Todo homem que não está fisicamente são tem toda a oportunidade possível de andar; mas a oportunidade é de nenhum valor na ausência de habilidade. Os perdidos estão espiritualmente mortos. Eles devem ter a habilidade de vir a Cristo (João 6:65). Dirão alguns que Deus deve esta habilidade ao homem, mas esta habilidade é a salvação em germe e daí, se Deus deve esta habilidade, a salvação não é por graça. E supondo que Deus desse tal capacidade a todos os homens, como os arminianos contendem, e então eles recusassem empregar esta habilidade; não ficaria Deus desobrigado de qualquer compromisso de renovar essa habilidade? Esta é a posição do homem. Uma vez ele teve habilidade, mas veio um tempo em que ele a desperdiçou e assim a perdeu. Teve isto lugar em Adão, no qual diz Deus que todos pecaram. Está agora Deus na obrigação de renovar essa habilidade?

## 3. DEUS PODE FAZER O QUE ELE QUISER COM O QUE É DELE

Deus age com o mesmo direito sobre a humanidade assim como o oleiro sobre o barro (Romanos 9:21-23). “Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei” (Atos 13:41). Contudo, seja dito, para prevenir mal entendidos, que o método de Deus “fazer vasos de ira preparados para destruição” é diferente do Seu método de fazer “vasos de misericórdia”. Este último é um ato de graça soberana. O primeiro é um ato de justiça permissiva. Ele executa o último pela operação eficaz de sua graça; o primeiro Ele não causa eficazmente, mas só permite por sábias e santas razões conhecidas completamente só por Ele.

## **XV - A ELEIÇÃO NÃO FAZ DE DEUS UM RESPEITADOR DE PESSOAS**

Quando as Escrituras nos dizem que Deus não é um respeitador de pessoas, elas querem dizer que os tratos de Deus com os homens não se determinam pelas diferenças externas de raça, riquezas, posição social ou coisa parecida. Isto a Escritura insinua distintamente. Veja 2 Samuel 14:14; Atos 10:34; 1 Pedro 1:17. Ter respeito a pessoas é fazer uma diferença entre pessoas igualmente merecedoras, mas não envolve nenhum respeito de pessoas para fazer uma diferença entre os que são inteiramente desmerecedores. Deus assim tem feito em vários casos como mostramos na discussão supra sobre justiça e parcialidade.

## **XVI - A ELEIÇÃO NÃO IMPLICA QUE DEUS CRIOU OS NÃO ELEITOS MERAMENTE PARA CONDENÁ-LOS**

Deus não tem prazer na destruição dos ímpios, como uma coisa em si mesma. Pelo contrário, é a salvação dos homens, em si mesma, agradável a Deus. Mas Ele fez o homem para Sua própria glória. De algum modo, não inteiramente compreensível à mente finita, subserve a essa glória que alguns homens pereçam. Assim Deus quis permiti-lo, mas não porque Ele seja alguém que se exulte com o sofrimento do homem. Podemos ficar seguros que Deus salvará o maior número que Ele pode salvar sem detrimento à manifestação mais gloriosa do Seu caráter como um todo. Finalmente, veremos por completo a santidade do propósito de Deus.

O crente na eleição incondicional não está mais na obrigação de responder a esta objeção do que o crente na presciência de Deus que nega a eleição incondicional: Porque Deus criou aqueles que Ele soube que pereceriam? Richard Fuller estava exatamente certo em dizer que a presciência da parte de Deus e a pré-ordenação não podem ser separadas. A negação da pré-ordenação “só oculta a dificuldade ao ignorante” (Richard Fuller).

## **XVII - A ELEIÇÃO EXPLICADA AQUI É UMA DOCTRINA BATISTA**

Vamos agora mostrar que a doutrina da eleição incondicional é uma doutrina

batista. Para prova disto chamamos a atenção para o seguinte:

## 1. A FÉ DOS PROGENITORES BATISTAS

### 1) Os Paterinos

Dos Paterinos diz W. A. Jarrell: “Eles apelavam para os textos do nono capítulo de Romanos, por outros usados, para prova da doutrina da eleição incondicional” (Church Perpetuity, Perpetuidade da Igreja, pág. 139).

### 2) Waldenses e Albigenses

Um artigo de uma velha confissão Waldense, segundo citada por C. H. Spurgeon, diz o seguinte:

*“Que Deus salve da corrupção e da condenação aqueles a quem Ele escolheu desde a fundação do mundo, não por qualquer disposição, fé, ou santidade que Ele previu neles, mas por Sua misericórdia em Cristo Jesus, Seu Filho, deixando de lado todos os outros, segundo a razão irrepreensível de Sua própria livre vontade e justiça.” (Spurgeon’s Sermons, Sermões de Spurgeon, Vol. 2, pág. 69).*

O Prof. A. A. Hodge, do Seminário de Princeton, diz: “Os Waldenses... eram todos calvinistas”.

*“Entre os crentes mais antigos no sistema de doutrina Calvinista podemos, com muito respeito, mencionar os Waldenses e Albigenses, – aquelas eminentes e honradas testemunhas pela verdade, durante o longo período quando a igreja e o mundo foram assolados por erro grosso e imoralidade.” (Rice, God Sovereign and Man Free, Soberania de Deus e Liberdade do Homem).*

*“Gualtier, um monge jesuíta, nas suas tábuas cronográficas traçou um catálogo consistindo de vinte sete elementos, no qual Ele mostra que os princípios dos Waldenses e os dos Calvinistas coincidem mutuamente.”*

*“Lidanus, bispo católico da Sé de Ghent, que escreveu em defesa dos postulados da Igreja de Roma, em média 1550, chama a Calvino ‘o herdeiro das doutrinas dos Waldenses’” (Jones’s Church History, História da Igreja de Jones, pág. 357).*

### 3) Anabatistas

A fé dos Anabatistas a respeito da eleição está estabelecida por um dos seus líderes como segue:

“Cristo, o Cordeiro de Deus, foi desde o princípio do mundo um mediador entre Deus e os homens, e ficará mediador até ao fim. De que homens? De vós e eu apenas? Não assim, mas de todos os homens a quem Deus O deu por possessão.”

### 4) Batistas Particulares da Inglaterra

Os Batistas nos EUA descenderam diretamente dos Batistas Particulares da Inglaterra, com os quais se associaram homens tais como John Bunyan, Andrew Fuller e William Carey. Denominaram-se “Particulares” porque creram numa expiação só para os eleitos. Isto seria o bastante para mostrar sua posição a respeito da eleição, mas temos prova explícita desta posição na sua grande confissão de fé, chamada a Confissão de Londres. Esta confissão foi mais tarde adotada pela Associação de Filadélfia na América e o seu testemunho concernente à eleição será achado abaixo.

## 2. CONFISSÕES DE FÉ BATISTAS

### 1) A confissão de Filadélfia

Diz a Confissão de Fé de Filadélfia: “Conquanto Deus saiba o que possa ou venha a acontecer sobre todas as supostas condições, contudo Ele não decretou o que quer que seja porque Ele previu como coisa futura, ou como aquilo que viria a se passar em certas condições. Pelo decreto de Deus, para manifestação de Sua glória,

alguns homens e anjos estão predestinados ou preordenados para a vida eterna por meio de Jesus Cristo, ao louvor de Sua gloriosa graça; outros sendo deixados a agir nos seus pecados para sua justa condenação, ao louvor de Sua gloriosa justiça.”

## 2) A Confissão de New Hampshire

A Confissão de New Hampshire originou-se no meio de forte influência arminiana; conseqüentemente, sua posição a respeito da eleição está benignamente expressa. Não obstante, ela fala da eleição como o “propósito eterno de Deus”. Aqui não há eleição no tempo e o artigo sobre o arrependimento e a fé liga esta confissão ao ensino que o eterno propósito eletivo de Deus foi incondicional. Diz:

“Cremos que o arrependimento e a fé são deveres sagrados e também graças inseparáveis operadas em nossas almas pelo Espírito regenerador de Deus”. Então o artigo sobre a regeneração fala do arrependimento e da fé como frutos da regeneração. Nenhum negador da eleição incondicional pode aceitar qualquer desses postulados, os quais só se harmonizam com a eleição incondicional. Todos os negadores da eleição incondicional crêem que o arrependimento e a fé são no mínimo, logicamente, se não cronologicamente, antes à regeneração.

## 3) Outras Confissões

Segundo o Prof. W.J. McGlohtniel, eleição incondicional é ensinada nas Confissões dos Batistas em alemão, francês, belga, suíço, dinamarquês, húngaro e russo. Veja “Baptists Confessions of Faith” (Confissões de Fé Batista), pág. 334.

### 3. PREGADORES E ESCRITORES BATISTAS REPRESENTATIVOS

J. W. Porter, pregador eminente, redator, autor e erudito:

*“1. A eleição teve lugar na eternidade. 2. Foi uma eleição individual. 3. Baseou-se inteiramente na boa vontade de Deus e não no mérito previsto dos eleitos.” (De uma carta ao autor).*

F. F. Gibson, antes o pastor da maior Igreja Batista de Kentucky, a Igreja de



Walnut Street em Louisville:

*“Primeiro, a eleição é pessoal. Segundo, a eleição é eterna. Terceiro, a eleição não foi em vista de fé ou boas obras previstas.” (De uma carta ao autor).*

John Clarck, fundador da primeira Igreja Batista na América:

*“Eleição é o decreto de Deus, do Seu livre amor, da Sua graça, e misericórdia, escolhendo alguns homens para a fé, santidade, e vida eterna, para louvor da Sua gloriosa misericórdia...”*

*“A causa que motivou o Senhor a eleger os que são escolhidos foi nada além da Sua boa vontade. (Backus’ Church History, Historia da Igreja de Backus – New England, pág. 110)*

Roy Mason (Tampa, Fla.), autor de “The Church that Jesus Built, A Igreja que Jesus Construiu” e outros livros:

*“Deus, em graça soberana, agindo sobre fundamentos bons e justos, conhecidos somente por Ele, na eternidade, antes da fundação do mundo, escolheu certas pessoas para Si mesmo dentre a raça humana. Ao mesmo tempo em que Deus elegeu incondicionalmente esses para a vida eterna, da mesma maneira ordenou o meio suficiente para trazer os eleitos no tempo determinado a um conhecimento salvador dEle mesmo. Esta eleição não é aparte de Cristo, mas é em Cristo e o fim – a salvação dos eleitos – está inseparavelmente ligado com os meios ordenados por Deus para fazer acontecer o que foi ordenado.” (De uma carta ao autor).*

David Burris, (Oakdale, Tenn):

*“O propósito da eleição não pode ser condicionado sobre qualquer mérito ou fé dos escolhidos, uma vez que não há tal mérito. Isto é especialmente verdadeiro desde que a fé do homem está prevista somente como o resultado da obra da graça de Deus... A fé, como efeito da eleição, não pode ser ao mesmo tempo a causa da eleição.” (The Baptist Sentinel, O Mirante Batista, Agosto 1934).*

R. A. Venable:

*“Não posso concordar com eles (Metodistas) quanto à doutrina da eleição e predestinação. Eles sustentam que a eleição de Deus para a salvação baseou-se na Sua presciência; que Deus previu que alguns creriam e a todos quantos Ele soube que creriam Ele elegeu para a salvação. A soberana vontade de Deus nada teve a ver em decidir Sua graça eleitora. Isto, creio eu, está contra tanto à razão como contra a revelação.”* (*Why Baptist and Not Methodist, Por que Batista e Não Metodista, in Batista – Por que sim e Por que não, pág. 123, publicado por Comitê de Escola Dominical Batista, Nashville, Tenn*).

Robert Watts, Belfast. Ire., em artigos escritos a pedido de T. T. Eaton, publicados no *Western Recorder* enquanto ele era editor, publicados mais tarde em livro pelo Livro de Assuntos Batistas:

*“A favor do Calvinismo pode-se afirmar que é o sistema doutrinário deduzido das Escrituras”. E mais além, ao falar da noção arminiana de eleição estar baseada na fé prevista. – “Não está manifesto que tal noção tira o governo de Seus agentes morais fora das mãos de Deus? E ela não O apresenta como ocupando a posição de um mero espectador, cuja linha de ação se determina pelas criaturas de Sua criação?”* (*Sovereignty of God, Soberania de Deus, pág. 63, 128*).

J. B. Moody, autor de mais quarenta livros, aos noventa e cinco anos, disse:

*“A eleição para a salvação é soberana, eterna, incondicional, com meios e agências predestinados para assegurar o casamento da noiva e torná-la esposa do Cordeiro, vicariamente redimida.”* (*The Plan and the Way of Salvation, O Plano e o Caminho da Salvação, pág. 5*).

D. F. Estes, em “New Testament Theology, Novo Testamento Teológico”, pág. 180:

*“Sobre o que esta escolha divina depende não temos base para reivindicação,*

*mas notamos que a escolha divina nunca é feita para depender de uma escolha prévia do homem por Deus, mas é feita para antecipar à ação do homem.”*

D. B. Ford, ao comentar Romanos 8:29:

*“Que... a eleição... não depende da presciência de Deus de nossa fé ou bondade é também evidência da declaração do... apóstolo, que somos escolhidos em Cristo ‘antes da fundação do mundo para que fôssemos santos.’ Veja Efésios 1:4” (An American Commentary [Baptist] on the New Testament, Um Comentário Americano [Batista] sobre o Novo Testamento).*

A. N. Arnold, ao comentar a mesma passagem:

*“Esta presciência não deve ser explicada como a presciência meramente do seu arrependimento e fé futuros, porque isso faria do seu arrependimento e fé a causa e não, como verdadeiramente são, a consequência de sua pré-ordenação. Veja 1 Coríntios 4:7” (An American Commentary [Baptist] on the New Testament, Um Comentário Americano [Batista] sobre o Novo Testamento).*

Alvah Hovey, redator geral do comentário acima, citado por Strong:

*“As Escrituras nos proibem de achar razões para a eleição na ação moral do homem antes do novo nascimento e meramente nos aponta a vontade e misericórdia Soberana de Deus, isto é, elas ensinam a doutrina de eleição pessoal.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 427).*

W. T. Conner (Seminário de Sudoeste), autor de “The System of Christian Doctrine, O Sistema da Doutrina Cristã”, diz:

*“A doutrina da eleição quer dizer que Deus salva em prosseguimento de um propósito eterno. Isto inclui todas as influências do Evangelho, a obra do Espírito e assim por diante, que guiam o homem a arrepender-se dos seus pecados e aceitar a Cristo. Na consideração da liberdade do homem, a doutrina da eleição não quer dizer que Deus decreta salvar um homem independente de sua von-*

*tade: mas significa que Deus propõe guiar um homem numa tal direção que ele aceitará livremente o Evangelho e será salvo”.*

B. H. Carroll, no Comentário em Efésios, pág. 79:

*“Ordenar é decretar, e a pré-ordenação é um decreto de antemão. Quem foi ordenado? Os indivíduos que foram escolhidos. Para que foram eles ordenados? Para adoção como filhos. Por meio de quem foram eles adotados como filhos? Por meio de Cristo. Segundo o que foi esta pré-ordenação de adoção como filhos por meio de Cristo? Segundo a beneplácito de Sua vontade. Não pode ser segundo qualquer coisa em nós; foi antes do nosso ser.”*

J. R. Graves, em “The Seven Dispensations, As Sete Dispensações”, pág. 100:

*“A semente de Abraão’ foram aqueles que tiveram a fé de Abraão, uma Semente Espiritual - crentes; foram todos a quem Deus previu desde o princípio que criariam em Seu Filho, Jesus Cristo, e viriam a Ele. “Mas, como a presciência de Deus descansa no seu determinado conselho, esta ‘semente’ se compõe de todos, em todos os tempos, a quem Deus determinou salvar, e aqueles no tempo, Deus eficazmente, por seu Santo Espírito e sem violentar suas vontades ou agência moral, atrai a Seu Filho.”*

John Broadus, no seu comentário de Mateus 22:14:

*“Do lado divino vemos que as Escrituras ensinam uma eleição eterna de homens para a vida eterna simplesmente pela boa vontade de Deus.”*

J. M. Pendleton, em “Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs”, pág. 107 e 108:

*“Alguns há que fazem da fé e das boas obras o fundamento da eleição; isto é, supõem que Deus elegeu o Seu povo porque Ele previu sua fé e boas obras. Esta ideia transpõe a causa e o efeito, pois faz a eleição dependente da fé e das boas obras, enquanto a fé e as boas obras são escriturísticamente dependentes da eleição... A ideia arminiana é sem fundamento na Palavra de Deus, porque a*

*eleição é a fonte, única fonte, donde jorra a fé, santidade e as boas obras.”*

E. C. Dargan, em “The Doctrines of Faith, As Doutrinas da Fé”, pág. 128:

*“Há condição à escolha de Deus? Ele escolhe porque Ele prevê que os homens se arrependarão, ou sob a condição de fé? Não; ao escolher salvar homens Deus é Soberano, livre, espontâneo, gracioso agindo por Sua própria iniciativa.”*

A. H. Strong, em “Systematic Theology, Teologia Sistemática”, pág. 427:  
*“A eleição é aquele ato eterno de Deus pelo qual, no Seu soberano prazer, e por causa de nenhum mérito previsto neles, escolhe a certo número de homens pecadores para serem os recipientes da graça especial do Seu Espírito e assim para serem feitos participantes voluntários da salvação de Cristo.”*

E. Y. Mullins, em “The Christian religion in Doctrinal Expression, A Religião Cristã na Expressão Doutrinária”, pág. 343:

*“Deus escolhe homens para a salvação por causa de suas boas obras ou porque Ele prevê que eles crerão no Evangelho quando lhes for pregado? Além de toda a dúvida Deus prevê sua fé e a fé é uma condição de salvação. A pergunta é se é também o fundamento da salvação. As Escrituras respondem negativamente a esta pergunta. O Evangelho é eficaz com uns e não com outros, porque a graça de Deus é operativa num caso além do grau de sua ação no outro.”*

J. P. Boyce, em “Systematic Theology, Teologia Sistemática”, pág. 427:

*“Deus, do Seu próprio propósito, determinou desde a eternidade salvar um número definido da humanidade como indivíduos, não para ou por causa de qualquer mérito ou obra deles por qualquer valor para com Deus, mas de Sua própria boa vontade.”*

## XVIII - A ELEIÇÃO CONFORME ESTABELECIDADA AQUI, É UMA DOUTRINA PROVEITOSA

A eleição incondicional provou-se nas vidas dos seus defensores. Os mais eminentes, os mais corajosos, os missionários mais zelosos e os homens mais santos do mundo religioso a sustentaram. A maior revolução religiosa da História – a Reforma – foi operada por Calvinistas. Os Calvinistas forneceram quase todos os mártires. O Arminianismo não gera as características que faz mártires. O Arminianismo é construído mais sobre o sentimento e o sentimento nunca fez um mártir. “A sobrevivência da doutrina evangélica e da liberdade civil ou religiosa no mundo, deve-se, com as bênçãos de Deus, aos escritos e à pregação de Calvinistas” (Rice, *Sovereignty of God and Human Freedom, Soberania de Deus e a Liberdade do Homem*, pág. 15). “Durante a Idade Média a sã doutrina e a moralidade pura acharam um refúgio na fortaleza dos Alpes, foram admiravelmente defendidas e conservadas pelos Waldenses e Albigenses Calvinistas” (ibíd, pág. 14). Acerca do exército Calvinista de Cromwel, Macaulay diz: “O que distinguiu o exército de Cromwell dos demais exércitos foi a moralidade austera e o temor de Deus que permearam todas as fileiras”. O esforço missionário mundial de hoje nasceu entre os Calvinistas em ambos os hemisférios. Falando de eleição, Spurgeon diz: “Através desta verdade eu faço uma peregrinação ao passado e nessa viagem, vejo pai após pai, cristão após cristão, mártir após mártir, ficando em pé para darem a mim uma mão fraternal. Fosse eu um pelagiano ou alguém que acreditava no livre arbítrio (no sentido errôneo), eu teria de caminhar sozinho durante séculos. Aqui e acolá encontraria um herege, sem virtude desejável, que poderia erguer-se e chamar-me irmão. Mas considerando essas doutrinas como os paradigmas de minha fé, vejo a terra dos antepassados povoada por irmãos meus” (Sermons, Sermões, Vol. 2, pág. 69). Olhando para o passado recente, descobrimos que todo Batista que é digno ensinou a eleição incondicional.

A utilidade da eleição incondicional, como evidenciado acima, está baseada no fato que:

### 1. DÁ UMA IDEIA EXALTADA DE DEUS

Quando Moisés falou a Israel como Deus escolheu-os soberanamente, não por causa de qualquer coisa neles, ele disse: “Saberás, pois, que o SENHOR teu Deus, ele é Deus” (Deuteronômio 7:9). É um dos propósitos da eleição ensinar isto. O Deus

dos Calvinistas é “alto e sublime” e “toda a terra está cheia da sua glória” (Isaías 6:1,3). O deus dos Arminianos está constantemente tripudiado sob o pé dos homens e a terra inteira está cheia de sua derrota. Com o Deus dos Calvinistas “E todos os moradores da terra são reputados em nada, e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão, e lhe diga: Que fazes?” (Daniel 4:35). Mas com o deus dos Arminianos a terra está povoada de gigantes que são maiores do que ele. Ele faz o seu melhor para cumprir sua vontade entre os homens, mas infelizmente a vontade senhorial do homem é forte demais para ele. Sua mão está tristemente detida, porque tenta salvar todos os homens e, no entanto, só consegue salvar apenas uma minoria de adultos responsáveis. Ele não ousa discriminar entre os homens, porque então o homem soberbo podia com razão desafiá-lo e exigir: “Que fazes?” Isto é na realidade o deus imaginário que o Arminiano adora. Um Deus exaltado opera temor nos homens. Com um Deus exaltado o homem tenta grandes coisas e espera grandes coisas e também possui uma santa ousadia.

## **2. ESTIMULA A FÉ**

Todas as dúvidas envolvidas na eleição não podem ser explicadas até a satisfação completa da mente carnal. Daí, a Palavra de Deus sobre a eleição deve ser aceita pela fé. Quando alguém assim a aceita, descobrirá que a sua fé foi provada e revigorada. Um Deus exaltado também inspira fé indômita.

## **3. PREPARA O CAMINHO PARA A ACEITAÇÃO DE OUTRAS VERDADES**

Quando alguém aceitou os mistérios da eleição pela fé, foi desviado da razão como padrão de sua fé e está então preparado para tomar a palavra de Deus sobre todo assunto sem indagação duvidosa.

## **4. CONDUZ PARA A PREGAÇÃO DE TODO O CONSELHO DE DEUS**

De maneira que muitos pregadores fazem da diplomacia o guia de sua pregação, em vez de buscarem a direção do Espírito Santo. A razão disto é que eles não possuem a fé para confiarem na benção de Deus sobre as porções de Sua Palavra que não são prontamente aceitas pelos homens em geral; mas, quando alguém aprendeu

a crer e a pregar a eleição, aprendeu a confiar na benção de Deus sobre Sua palavra quando se calcula que ela provoque a oposição dos homens. Isto prepara o caminho para pregarem-se outras muitas verdades necessárias, mas indesejáveis.

## **5. É A BARREIRA MAIS FORMIDÁVEL CONTRA O MODERNISMO**

Isto não é só verdade pelas razões já afirmadas: é também verdadeiro porque, tanto quanto o homem crê na sua impotência espiritual absoluta, por natureza, não pode negar, logicamente, a necessidade de uma revelação sobrenatural e uma intervenção sobrenatural para sua salvação. “A história da igreja cristã não proporciona nenhum caso de um grupo religioso que sustente essas doutrinas dos Decretos Divinos e da Livre Agência do homem que tenha podido rejeitar qualquer doutrina fundamental do cristianismo”. (Rice, *Sovereignty of God and Human Freedom*, Soberania de Deus e a Liberdade do Homem, pág. 18).

## **6. OFERECE O FUNDAMENTO MAIS DURADOURO PARA A SEGURANÇA DOS SALVOS**

Sem a eleição soberana a segurança dos salvos paira no meio do ar sem nenhum apoio lógico. E muitíssimos dos que têm negado a eleição soberana têm também negado a segurança dos salvos. São coerentes. As duas permanecem juntamente e caem juntas, de um ponto de vista lógico.

## **7. EXCLUI TODA A JACTÂNCIA E GERA HUMILDADE, GRATIDÃO E DEVOÇÃO**

Deus arranjou a dispensação de Sua graça de modo que a jactância está excluída (Romanos 3:27) e “que nenhuma carne se glorie perante Ele” (1 Coríntios 1:29). Isto é alcançado através da concessão soberana de Sua graça aos Seus escolhidos pela Sua própria boa vontade e não para ou por causa de algo neles. Sob a eleição o crente não pode dizer mais do que “pela graça de Deus sou o que sou” (1 Coríntios 15:10). E, em resposta à pergunta: “Porque, quem te faz diferente?” (1 Coríntios 4:7), o crente deve responder: “DEUS”. Só a eleição incondicional ensina isto. A eleição condicional dá ocasião ao homem de jactar-se. Segundo ela, o santo se fez ser diferente do incrédulo; mas, segundo a eleição incondicional, a diferença entre o santo no santuário e o



ébrio na sarjeta se deve inteiramente à eficácia da graça soberana de Deus. Este fato gera humildade e também gera profunda gratidão sabendo que Deus, pela Sua graça soberana e irresistível, nos salvou quando podia, em justiça a nós, nos ter deixado sofrer as consequências merecidas de nossos pecados nas chamas do geenna (inferno). Esta gratidão produz obediência em devoção pela “fé operando por meio do amor” (Gálatas 5:6), pois “Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro.” (1 João 4:19).

## 8. ENCORAJA O EMPREGO DE MEIOS

Já acentuamos o fato que a eleição está inseparavelmente ligada aos meios ordenados por Deus para efetuarem a salvação dos eleitos. Percebendo que os meios estão incluídos no plano de Deus, alegrar-nos-emos em usá-los se os nossos corações estiverem direitos com Ele. Temos então o encorajamento de sabermos que Deus abençoará sempre o nosso emprego dos meios quando somos dirigidos pelo Espírito Santo, porque o Espírito Santo jamais nos dirigirá doutro modo senão de acordo com o plano de Deus. É somente na base da eleição incondicional que Deus pode prometer que a Sua Palavra não voltará a Ele vazia. E é assim que podemos saber que o nosso trabalho “não é vão no Senhor.” (1 Coríntios 15:58).

A doutrina da eleição incondicional, firmada no seu contexto bíblico e com a sua ligação idônea com as outras doutrinas, sempre fará bons missionários. Ela forneceu a Paulo o seu motivo missionário (2 Timóteo 2:10). Também a nós nos fornecerá o nosso, quando crermos toda a verdade a respeito dela. Não é estranho que todos os líderes de renome entre os missionários do passado creram na eleição incondicional.

## 9. PROVÊ O MOTIVO CORRETO NA EVANGELIZAÇÃO

Deus salva os homens para Sua própria glória (Efésios 1:12). Portanto a glorificação de Deus deveria ser o nosso primeiro motivo no evangelismo, em vez de restringir os homens do inferno. É a eleição incondicional que grava isto profundamente em nossos corações.

## 10. PRODUZ UM EVANGELISMO CORRETO

Aqueles da eleição condicional imaginam que Deus está fazendo o máximo que

pode para salvar o maior número possível. Por essa razão tornam-se obcecados em contar narizes e enfatizar números. Esta obsessão os leva a rodearem terra e céu em busca de profissões. E fazem, no máximo, seus convertidos duas vezes mais filhos do inferno do que antes. Assim temos em nossas igrejas uma multidão de incircuncisos que falam a linguagem de Ashdod e constantemente cobiçam as panelas de carne do Egito. O evangelismo não escriturístico com o seu apelo persuasivo tem sido a única prática com tão grande maldição que os batistas jamais sofreram.

A eleição incondicional nos ensina, como diz Alvah Hovey, que “Deus tem alguma outra razão além da de salvar tantos quantos possível pela maneira em que Ele distribui Sua graça”. Por essa razão os da eleição incondicional não vão após números - senão simplesmente fazem a vontade de Deus. Como Paulo, “tudo sofre”, não por amor de números, mas “por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna” (2 Timóteo 2:10). Por essa razão os da eleição incondicional estão dispostos a ficarem dentro do plano de Deus no evangelismo e “militar legitimamente”, sabendo que Deus pode executar Sua vontade e que nenhum ‘apelo’ apelativo é necessário, desde que ninguém pode vir a Cristo sem a atração soberana de Deus e desde que todo a quem Deus atrai virá pela pregação da Palavra de Deus. Assim os da eleição incondicional pregam a Palavra “a tempo e fora de tempo”, tanto em público como em particular, e depois num espírito de oração esperam em Deus, pois sabem que é “Deus que dá o crescimento” (1 Coríntios 3:7).

## 11. TENDE PARA A SALVAÇÃO DOS PECADORES

A eleição não é especificamente para pecadores. A eles cabe pensar sobre sua necessidade, mais do que imaginar se foram eleitos ou não. Todo homem que vier a Cristo descobrirá que foi eleito; mas, ao passo que a eleição não é especificamente para pecadores em geral, contudo Cristo a pregou a pecadores endurecidos (Mateus 11:25,26; João 6:37, 44, 65, 10:26). E, se for pregada, pecadores a ouvirão certamente. Tendo-a ouvido, é melhor que se safem de suas desfigurações. Assim, loucura é dizer que não se deve pregar a eleição a pecadores. C. H. Spurgeon, o maior evangelista moderno, pregou-a muitas vezes a pecadores e disse uma vez que nunca a pregou sem conversões. Quando devidamente apresentada, a eleição sendo a verdade de Deus, é proveitosa, mesmo a pecadores, quando Deus aprouver usá-la. Ela tende para a salvação de pecadores nas seguintes maneiras:

### **1) Ela tende a deslocar o pecador de toda esperança nos seus próprios esforços**

A eleição ensina que a salvação é inteiramente de Deus; daí, os esforços do homem de salvar-se por si mesmos são absolutamente fúteis. Assim, observemos com Spurgeon: “Em primeiro lugar, a doutrina da eleição, aplicada pelo Espírito Santo, aniquila para sempre todos os esforços da carne. É objetivo da pregação arminiana fazer os homens ativos, - excitá-los a fazerem o que puderem, mas o fim e o objetivo devidos da pregação do Evangelho é fazer os homens sentirem que eles não têm de si nenhum poder e trazê-los como mortos ao trono de Deus” (Spurgeon’s Sermons, Sermões de Spurgeon, Vol. 8, pág. 235).

### **2) Ela tende a despertar pecadores descuidados**

Há duas causas para falta de interesse dos pecadores a respeito de sua salvação. (1). Ou a mente do pecador está tão cheia de pensamentos das coisas mundanas que os pensamentos sobre a salvação se amontoam fora, ou (2) o pecador se conforta com o pensamento de que se virará para Cristo antes de morrer. A eleição é tão contrária à mente carnal que atravanca a mente do primeiro grupo de pecadores quando ela é pregada: eles não podem conservá-la fora, uma vez ouvida. Quando uma vez na mente, a eleição prepara o caminho para a pergunta se o pecador individual é um dos eleitos ou não. Chegando a refletir sobre a pergunta, o pecador está pronto para a mensagem de como ele pode saber que é um dos eleitos. Essa mensagem é: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”. Uma contemplação da doutrina da eleição deverá conduzir o pecador a dizer: “É assim? Estou eu absolutamente nas mãos de Deus? Pode Ele salvar-me ou condenar-me como quiser? Então clamarei a Ele: ‘Ó Deus! Salva-me da ira vindoura, do tormento eterno, do banimento da Tua presença! Salva-me, ó Deus! Que queres que eu faça? Oh! Que queres que eu faça, que eu possa achar favor e viver?’” (Spurgeon’s Sermons, Sermões de Spurgeon, Vol. 8, pág. 239).

Então a eleição mostra ao segundo grupo de pecadores acima mencionados que eles não têm razão para esperar que possam voltar-se para Cristo na última hora, desde que a habilidade para voltar não está no homem por natureza. Isto os deverá despertar a apresentar o pensamento e dirigir suas mentes como agora explicado.

### 3) Ela dá encorajamento ao pecador despertado

Ela o faz nas duas seguintes maneiras como indicadas por Spurgeon:

A. “Somos todos prisioneiros, condenados a morrer. Deus, como soberano, tem o direito de perdoar a quem Lhe apraz. Agora, imaginai um número de pessoas entre nós encerrados numa cela condenada, todos culpados. Um dos criminosos diz a si mesmo: ‘Sei que não tenho razão para esperar ser liberto. Não sou rico. Se tivesse alguns parentes ricos... Podia ser achado louco e solto... Se eu tivesse a educação de alguns homens, podia contar com alguma consideração. Não sou um homem de favor ou posição; sou um homem sem mérito e influência, logo não posso esperar que eu seja selecionado como um para ser salvo.’ Não; creio que se as autoridades de nossa sociedade fossem as pessoas a serem levadas em consideração, um homem que fosse pobre pudesse ter uma oportunidade muito escassa de esperar qualquer livramento gracioso; mas, quando Deus é o grande soberano, o caso é diferente; porque, quando argumentamos assim: ‘Eis-me aqui, minha salvação depende inteiramente da vontade de Deus; há alguma oportunidade para mim?’ Notamos a lista dos que Ele salvou e achamos que Ele salva o pobre, o analfabeto, o ímpio, o ateu, o pior dos piores, as coisas vis e as desprezadas. Bem, que dizemos? ‘Então por que Ele não me salva a mim? Por que não me salva? Se devo procurar alguma razão em mim mesmo, nunca acharei qualquer razão porque devesse salvar-me e, conseqüentemente, nunca terei esperança. Mas se é para eu ser salvo sem razão alguma, sendo que Deus quer salvar-me, ah! Então há esperança para mim. Aproximar-me-ei do gracioso Rei; farei como Ele me ordena; confiarei no Seu querido Filho e serei salvo’. Assim esta doutrina abre a porta da esperança ao pior dos piores e as únicas pessoas a quem desencoraja são os fari-seus, que dizem ‘Senhor, graças Te dou que não sou como os demais homens’. Estes espíritos orgulhosos que dizem: ‘Não; se não sou salvo por alguma coisa boa em mim mesmo, então serei condenado!’ E serão condenados então, e com a ira divina e justa também.” (Spurgeon’s Sermons, Sermões de Spurgeon, Vol. 8, pág. 236).

B. “Mais ainda, não vedes, caros amigos, como a doutrina da eleição conforta o pecador no assunto de poder? Sua queixa é: ‘Acho que não tenho poder para crer; não tenho poder espiritual de espécie alguma’. A eleição curva-se e segreda ao seu ouvido: ‘Mas, se Deus quer salvar-vos, Ele dá poder, dá vida, dá a graça; portanto, desde que Ele deu poder e força a outros tão fracos como vós, porque não vós? Tenha coragem; olhe para a Cruz de Cristo e viva’”. (Ibid. pág. 237).



## CAPÍTULO 22

# A DOCTRINA DA EXPIAÇÃO

A palavra “expição” ocorre só uma vez na versão King James no Novo Testamento (Romanos 5:11) e nenhuma vez no Novo Testamento da versão da Almeida Corrigida Fiel (1998). Em Romanos 5:11 está uma tradução de “katallage”. Este substantivo grego (#2643, Strong’s) ocorre em três outras passagens: uma vez em Romanos 11:15, onde está traduzido “reconciliação”; uma vez em 2 Coríntios 5:18, onde está traduzido “reconciliação” e uma vez no verso seguinte (II Coríntios 5:19), onde outra vez está traduzido “reconciliação”.

O verbo grego “katallasso”, correspondente ao nome “katallage”, acha-se também em 2 Coríntios 5:18,19; em Romanos 5:10 e 1 Coríntios 7:11. Em cada um destes casos está traduzido para o significado de “reconciliar”.

Segundo o uso do grego, a palavra “expição” pode ser usada ou da provisão da base objetiva de salvação, na qual temos uma expiação potencial, ou pode ser usada da realização atual da salvação, na qual temos uma expiação atual na aplica-

ção dos benefícios da morte de Cristo e a aplicação do Seu sangue no templo celestial.

O verbo grego “katallasso” está usado no primeiro sentido em 2 Coríntios 5:19, onde lemos: “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados”. O sentido aqui é que Deus estava reconciliando o mundo Consigo mesmo ao lançar os seus pecados sobre Cristo. A passagem refere-se então aquilo que se realizou pela morte de Cristo e não aquilo que se realizou através das Suas pregações enquanto ministrava aqui no mundo.

É neste sentido (aquilo que se realizou pela morte de Cristo) que a palavra “expição” é ordinariamente empregada nas discussões teológicas, sentido em que a usamos neste capítulo.

## I - A IMPORTÂNCIA DA EXPIÇÃO

A expiação é o tema central do Cristianismo. Tudo o que a ela precede profetiza acerca dela e tudo que a segue refere-se a ela pela história. Pode-se ver sua importância revendo os fatos seguintes:

### 1. ELA É A MARCA DISTINTIVA DO CRISTIANISMO

O cristianismo é a única religião com uma expiação. Conta-se que há alguns anos passados, quando se reuniu o Parlamento de Religião na Exposição Mundial em Chicago, Joseph Cook, de Boston, o orador escolhido para falar do Cristianismo, levantou-se, depois de terem sido apresentadas outras religiões, e disse: *“Eis aqui Lady Macbeth com as suas mãos manchadas com a morte infame do Rei Duncan. Vede-a como perambula pelas salas e corredores de sua casa palacial, detendo-se para gritar: ‘Fora, mancha danada! Fora! Digo Eu! Nunca mais estas mãos ficarão limpas?’* O representante do Cristianismo virou-se para os adeptos de outras religiões e os desafiou triunfantemente: *“Pode alguém de vós que estais tão ansiosos de propagar vossos sistemas religiosos proporcionar qualquer eficácia purificadora para o pecado e a culpa do crime de Lady Macbeth?”* Emudeceram, porque nenhum deles teve uma expiação a oferecer.

## **2. ELA CONFIRMA A SANTIDADE E A JUSTIÇA DE DEUS**

Não podia haver em Deus verdadeira santidade e justiça se Ele permitisse ao pecado passar impune. A santidade proíbe tal encorajamento do pecado. A justiça requer retribuição.

## **3. ELA ESTABELECE A LEI DE DEUS**

Sem expiação a salvação dos crentes deixaria a lei vã, uma letra morta. Veja Romanos 3:31 e Hebreus 2:2.

## **4. ELA MANIFESTA A GRANDEZA DO SEU AMOR**

De nenhum outro modo poderia Deus ter manifestado maior amor pelo Seu povo do que em dar o Seu único Filho para morrer em seu lugar. Veja João 3:16; 15:13; Romanos 5:8; I João 4:9.

## **5. ELA PROVA A AUTORIDADE DIVINA NOS SACRIFÍCIOS DO VELHO TESTAMENTO**

Vemos na expiação de Cristo o antítipo mais belo dos sacrifícios do Velho Testamento. Vemos nesses sacrifícios um método eficaz para apontar a necessidade de expiação. Esses sacrifícios mostraram tão bem a expiação verdadeira que aqueles que tiveram a obra do Espírito Santo neles entenderiam completamente os símbolos de tal forma que entraram pelo véu da simbologia à Luz verdadeira. A autoridade divina nos sacrifícios do Velho Testamento não apresenta dificuldade alguma aos que crêem que a morte de Cristo foi em substituição. Mas, os que desejam negar que a morte de Cristo foi em substituição também negam que foi Deus que instituiu os sacrifícios de animais do Velho Testamento.

## **6. ELA FORNECE A PROVA DEFINITIVA DOS SISTEMAS TEOLÓGICOS**

Pelas suas atitudes diante da expiação, os sistemas teológicos classificam-se em pagãos ou cristãos. A oposição deles quanto à expiação também reflete suas ideias da natureza de Deus, de Sua Lei e do pecado.

## II - A NATUREZA DA EXPIAÇÃO

### 1. IDEIAS FALSAS DA EXPIAÇÃO

#### 1) A ideia governamental

Esta ideia sustenta que o propósito da expiação foi impedir que o perdão de Deus pelos pecadores encorajasse o pecado. Ensina ainda que para salvar os pecadores não é necessário que a penalidade dos seus pecados seja tratada. Pelo pecador arrepender-se do seu pecado já justifica que Deus desse-lhe a salvação. Mas o perdão dos culpados, sem alguma exibição do ódio de Deus contra o pecado ou da importância da Sua Lei, daria uma permissão ao pecado e roubaria da lei qualquer autoridade dela sobre a consciência dos homens.

#### 2) A ideia de exemplo

Esta ideia sustenta juntamente com a ideia governamental que a morte de Cristo não foi uma substituição. Ela sustenta que Deus não precisou ter nenhuma satisfação no lugar do pecador; que o único impedimento à salvação dos pecadores jaz na sua prática contínua do pecado. Portanto, uma boa reforma é o remédio adequado e isto pode ser efetuado pela própria vontade do homem. Para encorajar-nos nisto, Jesus morreu como um nobre mártir, exemplificando uma abnegação tão devota que escolheu a morte antes que falhasse no Seu dever para com Deus e com o homem. Somos salvos, não por confiar nEle como Aquele que levou o nosso pecado, mas por confiar em Deus segundo o Seu exemplo e assim entregando-nos a nós mesmos à justiça.

#### 3) A ideia de Influência Moral

Esta ideia sustenta em comum com ambas as primeiras que o pecado não traz culpa que deva ser removida. Não é a culpa, mas a prática do pecado que impede a salvação. A morte de Cristo foi somente uma exibição de amor para abrandar o coração do homem e levá-lo ao arrependimento. “Os sofrimentos de Cristo foram



necessários, não para remover um obstáculo ao perdão de pecadores, tal obstáculo existindo somente na mente de Deus, mas para convencer os pecadores que tal obstáculo não existe” (Strong).

#### 4) A ideia de tirar a depravação gradualmente

Esta ideia é definida por Strong como segue:

*“Cristo tomou a natureza humana como existia em Adão, não antes, mas depois da queda – a natureza humana, portanto, com a sua corrupção nata e predisposta para a maldade moral; que, não obstante a possessão desta natureza corrompida e depravada, Cristo, pelo poder do Espírito Santo, ou de Sua divina natureza, não só guardou Sua natureza humana de se manifestar em qualquer pecado atual ou pessoal, mas purificou-a gradualmente, por meio de luta e sofrimento até ao ponto que na Sua morte Ele extirpou completamente sua depravação original e a reuniu com Deus. Esta purificação subjetiva da natureza humana na pessoa de Jesus constitui Sua expiação e os homens são salvos não por qualquer propiciação objetiva por eles, mas somente por se tornarem participantes da nova humanidade de Cristo pela fé”.*

Há outras duas ideias da expiação que os teólogos comumente discutem sobre teorias falsas ou inadequadas da expiação, mas aqui não daremos tratamento especial. Referimo-nos a ideia de acidentes e a ideia comercial. A primeira sustenta que a morte de Cristo foi um acidente imprevisto e não antecipado por Cristo. Esta ideia é tão claramente absurda que não merece nem o espaço neste livro que seria necessário para refutá-la. Também não damos agora atenção especial à ideia comercial da expiação porque ela contém tanta verdade que será considerada quando tratarmos da ideia correta da expiação.

## 2. A IDEIA CORRETA DA EXPIAÇÃO

A ideia da expiação que consideramos a correta, reconhece um pouco de verdade em cada uma das teorias já mencionadas e também alinha bem com as que são costumeiramente chamadas de ideia comercial e ideia ética, mas a verdadeira vai mais

fundo do que qualquer destas.

### **1) Verdades reconhecidas noutras duas ideias**

#### **A falha em punir o pecado derrubaria o governo divino**

Este é o elemento de verdade na ideia governamental, mas isto é só um dos muitos elementos de verdade envolvidos na expiação. A simples exibição do ódio de Deus contra o pecado sem instituir uma penalidade justa não estabelece nem mantém os interesses do governo divino. Qualquer exibição do ódio divino para com o pecado agirá como um impedimento ao pecado e assim tenderá a manter o governo, mas, ao ponto em que essa exibição do ódio divino falhe em satisfazer a justa penalidade, ela fracassa em fornecer um empecilho ao pecado que honre completamente o governo divino.

#### **Na morte de Cristo temos um exemplo inspirador**

É um exemplo de abnegação zelosa a Deus e ao homem. E o povo salvo (não os perdidos) são exortados a seguir este exemplo. Veja Mateus 16:24; Romanos 8:17; 1 Pedro 2:21, 3:17 e 18; 4:1,2. Mas, que Cristo não morreu meramente como um nome mártir é evidente pela Sua própria atitude para com a Sua morte. Se Ele morreu apenas como exemplo, então Ele nos deu um exemplo muito pobre. Muitos mártires humanos tem ido para a fogueira sem um sinal de angústia; todavia, o Senhor Jesus Cristo souo como se fossem grandes gotas de sangue no jardim. Muitos mártires desfrutaram um vívido senso da presença de Deus na hora da morte, mas o Senhor Jesus Cristo foi desamparado pelo Pai na hora da morte. Contraste a atitude de Cristo perante a morte com a de Paulo.

#### **Na morte de Cristo temos uma exibição de amor de Deus**

Veja João 3:16; Romanos 5:8; 15:13; 1 João 4:9. Esta exibição deveria mover os homens ao arrependimento. Este é o elemento de verdade na ideia de influência moral da expiação. Sendo a expiação mais do que uma simples exibição de amor far-se-á manifesta ao passo que avançamos.

#### **Através da morte de Cristo somos feitos participantes da vida de Cristo**

Veja 2 Coríntios 4:11; 5:14-17; 12:9,10; Gálatas 2:20; 2 Pedro 1:4. Este é o ele-

mento de verdade na ideia de depravação gradualmente extirpada da expiação. Mas, conseguimos esta nova vida em Cristo junto com a fé nEle como nosso Substituto dos nossos pecados. Esta ideia recém mencionada nega:

## 2) Outras verdades reconhecidas

A verdadeira ideia da expiação reconhece todas essas verdades das outras ideias, mas reconhece mais. Erram os outros por enfatizarem um elemento de verdade à exclusão de outros.

Outras verdades reconhecidas pela verdadeira ideia da expiação, são:

### A Verdade Quanto à Natureza de Deus

Todas as falsas ideias a que temos dado especial atenção negam que haja qualquer obstáculo na natureza de Deus ao perdão dos pecadores. O entrave supõe-se ser todo da parte do pecador. O sofrimento de Cristo não foi em nenhum sentido uma satisfação de qualquer princípio subjetivo na natureza divina.

Assim estas ideias negam, logicamente, a santidade e a justiça de Deus. Elas representam Deus como sendo somente amor. A ira retributiva contra o pecado não é elemento da natureza divina.

Que essas ideias são falsas em respeito à ideia da natureza divina que elas sustentam é evidente em Romanos 3:25,26. Aqui se nos diz que Deus manifestou Jesus Cristo não simplesmente como uma exibição comovente do seu ódio contra o pecado para cumprir as exigências do Seu governo; nem como um exemplo de abnegação zelosa ao dever; nem como simples manifestação de amor através do sofrimento do Criador com a criatura; nem ainda como o meio de purificação subjetiva da natureza humana, mas, como cobrindo o pecado (pela expiação), para que Sua justiça não fosse desrespeitada na justificação de homens pecadores.

### A verdade quanto à natureza da Lei

Todas as falsas ideias de expiação a que temos dado especial atenção representam a Lei de Deus como uma aplicação espontânea do Seu governo que pode ser relaxado parcial ou totalmente conforme uma vontade puramente arbitrária em vez de uma revelação da natureza de Deus com nenhuma possibilidade de mudança nos seus requisitos ou em sua natureza. Ela requer um olho por um olho e um dente por

um dente. Essa lei requer que toda e qualquer transgressão e desobediência receba a sua justa recompensa. Hebreus 2:2. Qualquer ideia de expiação que for correta deve reconhecer isto.

### **A verdade quanto à culpa do pecado**

Essas falsas ideias que já mencionamos negam que o pecado nos envolve em culpa objetiva a qual exige expiação. As passagens seguintes ensinam que ele envolve: João 3:36; Romanos 1:18; 2:5,6; 3:19; 6:23; Gálatas 3:10; Efésios 5:5,6; Colossenses 3:5,6; Apocalipse 20:13.

### **A verdade quanto à expiação sendo uma substituição**

As passagens seguintes mostram que o sofrimento de Cristo foi em substituição ao sofrimento que os crentes precisariam conhecer no inferno:

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.” (Isaías 53:4-6).

“Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus. Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus” (Romanos 3:24-25). Propiciação é um sinônimo de expiação, que significa “aturar toda a penalidade de um erro ou crime”. A propiciação aplaca o legislador por satisfazer a Lei com “um equivalente legal completo pelo mal causado”.

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.” (Romanos 5:8,9).

“Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica.” (Romanos 8:33). A resposta implicada é: Ninguém! E a implícita razão é: Porque Cristo pagou sua dívida de pecado padecendo a penalidade da Lei em seu lugar.

“Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.” (Romanos 10:4).

“...Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.” (1 Coríntios 5:7).

“... Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras,” (I Coríntios 15:3).

“Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.” (2 Coríntios 5:21). Nós nos tornamos justiça de Deus em Cristo, não por meio de qualquer influência moral da morte de Cristo sobre nós, mas pela imputação a nós da justiça através da fé sem as obras.

“...Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.” (Efésios 5:2).

“Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus.” (Hebreus 10:12).

“Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito.” (I Pedro 3:18).

E. A verdade quanto aos aspectos redentores e resgatadores da expiação

Note as seguintes passagens:

“Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mateus 20:28).

“Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.” (1 Coríntios 1:30).

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.” (Gálatas 3:13).

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.” (Gálatas 4:4,5).

“Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça.” (Efésios 1:7).

“O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.” (1 Timóteo 2:6).

“O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras.” (Tito 2:14).

“Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção.” (Hebreus 9:12).

“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais,

mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado” (1 Pedro 1:18-19).

“E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação;” (Apocalipse. 5:9).

Nas passagens acima, nas quais “redimir” ou uma de suas cognatas aparece, temos quatro palavras gregas ou suas cognatas: “*agorazo*”, significando “adquirir no fórum”; “*exagorazo*”, “adquirir do fórum”; “*lutroo*”, “soltar por um preço”; “*apolutrosis*”, “libertar”. As palavras gregas nas passagens em que “resgate” aparece são, respectivamente, “*Lutron*”, “um preço” e “*antilutron*”, “um preço correspondente”. O sentido claro dessas passagens, à luz do resto do Novo Testamento, especialmente Romanos 3:25-26, é que a morte de Cristo foi o preço de nosso livramento da penalidade do pecado. Veja mais além. Romanos 8:33,34; 10:4 e Gálatas 3:13 descrevem exatamente como somos redimidos quando nos diz que somos remidos da maldição da Lei por meio de Cristo, que se fez maldição por nós. Ele levou a maldição que merecíamos. Ele pagou a penalidade que nós devíamos. Por essa razão somos livres.

Note que “resgate” em I Timóteo 2:6 significa “um preço correspondente”. Isto quer dizer que o preço pago por Cristo correspondeu à dívida que devíamos. Em outras palavras, Cristo sofreu o equivalente exato daquilo que teriam de sofrer no inferno aqueles por quem Ele padeceu. Se a justiça de Deus exigiu que Cristo morresse para que Deus justificasse pecadores, a mesma justiça exigiu que Ele pagasse a penalidade toda devida pelos pecadores. A justiça tanto pode arcar com toda a penalidade como tão facilmente arcar com a mínima parte dela.

*“Para Deus tomar como satisfação o que realmente não é tal, é dizer que não há verdade em nada. Deus pode tomar a parte pelo todo; o erro pela verdade, o mal pelo bem... Se cada coisa criada, oferecida a Deus valesse justamente o tanto como Deus a aceita, então o sangue de touros e bodes podiam tirar pecados e Cristo foi morto em vão.” (Hodge, Systematic Theology, Teologia Sistemática. 2:573-81; 3:188-9).*

*“Deus não mandou Cristo ao inferno para sempre, mas Ele pôs em Cristo o equivalente da punição disso. Ainda que Ele não desse a Cristo beber o inferno atual de crentes, contudo deu-Lhe uma retribuição igual – algo equivalente*

*disso. Ele tomou o copo da agonia de Cristo e nele colocou sofrimento, miséria e angústia... o que foi o equivalente exato de todo o sofrimento, toda a desgraça e todas as torturas eternas de todo aquele que por fim estará no céu, comprado com o sangue de Cristo” (Spurgeon, Sermons, Sermões, Vol. 4, pág. 217).*

*“A penalidade paga por Cristo é estrita e literalmente equivalente a que o pecador teria de levar, conquanto não idêntica. Sendo vicário ao levá-la exclui a última” (Shedd, Speeches and Essays, Discursos e Ensaios, pág. 307).*

*“A substituição exclui identidade de sofrimento; não exclui equivalência” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 420).*

Algumas vezes os oponentes à natureza resgatadora e redentora da morte de Cristo perguntam a quem foi pago o preço. E eles lembram-nos, enquanto um pouco sarcásticos, que alguns se apressaram em dizer que foi pago ao diabo. Não, não foi pago ao diabo; como uma transação comercial, não foi pago a ninguém. O preço é a penalidade exigida pela justiça de Deus.

Adotamos, portanto, como a verdadeira característica da natureza da expiação, uma ideia que combina as teorias comercial e ética como são descritas por Strong. Da teoria comercial aceitamos a ideia expressa em 1 Timóteo 2:6 – o pagamento de um preço correspondente ou equivalente. E, da teoria ética, aceitamos o fato que não foram a honra e a majestade divinas que exigiram a expiação, segundo afirma a ideia comercial, mas os princípios éticos da santidade e justiça de Deus.

*“Entre o credo mais ortodoxo da expiação por satisfação da justiça própria, real e completa, e da vergonhosa e franca negação da expiação que não oferece nenhuma satisfação a Lei, não há absolutamente nenhum lugar para concórdia.”*

*“Escritura sem hesitação e sem explicação representa a salvação por Cristo como uma operação análoga à do pagamento da dívida, o resgate de um cativo, o resgate de uma herança perdida. Desde o início até ao fim da Bíblia não há nenhuma nota de advertência, nenhuma insinuação de que essas comparações podem ser enganosas. Presume-se sempre que eles estabelecem claramente o tra-*

*balho de redenção de Cristo.*

*“O clamor contra a teologia que compara a obra de Cristo ao pagamento da dívida, o resgate de uma herança perdida, o clamor contra o uso de qualquer uma das sugestões abundantes nas Escrituras às transações financeiras, é um clamor que trai uma vez para sempre um desrespeito pela Escritura e é um entendimento equivocado da obra perfeita de redenção de Cristo (Armour, Expição e do Direito, pág. 128, 137).*

### III - A EXPIAÇÃO E A DEIDADE DE CRISTO

Às vezes objeta-se que Cristo não podia ter sofrido em poucas horas o equivalente do sofrimento eterno do pecador no inferno. Mas esta objeção deixa de tomar em consideração o fato que Cristo era divino e, portanto, com uma capacidade infinita para sofrer. Ele disse que nenhum homem podia tomar-Lhe a vida; que Ele mesmo a daria. Tendo o poder, portanto de reter Sua vida, à vontade, Ele a reteve através de tamanha intensidade de sofrimento e assim Ele trago até os últimos resíduos do veneno do inferno por todos aqueles a serem salvos por Ele. O que os pecadores eleitos teriam sofrido *extensivamente*, por serem finitos, Cristo sofreu *intensivamente*, por ser infinito. Um homem com uma constituição física dez vezes mais forte do que um homem comum pode sofrer em um segundo o equivalente daquilo que o homem comum pode sofrer em dez segundos. Correspondentemente um ser infinito pode suportar qualquer grau de sofrimento no tempo que lhe apraz sofrê-lo.

### IV - A EXPIAÇÃO E A HUMANIDADE DE CRISTO

Enquanto foi necessário que Cristo fosse divino para suportar numas poucas horas o sofrimento eterno devido a pecadores eleitos, também foi necessário que Ele fosse humano para suportar o equivalente daquilo que os seres humanos são para suportar no inferno.

Foi necessário também que Cristo fosse organicamente um com o homem para fazê-lo perfeitamente apropriado para Deus aceitar o Seu sofrimento como um subs-



tituto para o do homem. Somos responsáveis pela apostasia de Adão porque fomos organicamente um com Adão. Os anjos não participaram nessa responsabilidade. Nem nós na queda dos anjos. Assim parece claro que não teria sido segundo a filosofia divina colocar nossa responsabilidade sobre Cristo sem Ele tornar-se organicamente um conosco.

## V - A EXTENSÃO DA EXPIAÇÃO

Há três teorias quanto à extensão da expiação.

### 1. A TEORIA DE UMA EXPIAÇÃO GERAL PARCIAL

Referimo-nos aqui à noção que Cristo pagou por toda a raça humana a penalidade do pecado de Adão. Usualmente esta ideia é sustentada em conjunção com a ideia de uma suposta base temporária para a salvação de todos os homens, mas a natureza dessa consideração necessita que a tratemos separadamente.

Pensa-se, por parte de alguns, que esta teoria é necessária para explicar a salvação daqueles que morrem na infância e os que têm uma imbecilidade nata. Já mostramos uma base escriturística para a salvação dos tais sem a necessidade desta teoria. Veja o capítulo XVIII.

João 1:29 é a passagem principal citada como uma base para esta teoria. A forma singular de “pecado” acentua-se como se referindo ao pecado de Adão; mas o argumento não tem força, porque há outras passagens numerosas em que se usa o singular em referência aos pecados pessoais de homens num sentido *coletivo*. Veja Romanos 3:20; 4:8; 6:1; Hebreus 9:26.

Esta teoria supõe que o efeito do pecado de Adão sobre a raça é duplo: (1) imputação da culpa do ato ostensivo de Adão em tomar o fruto proibido e (2) corrupção da natureza. Também implica que a culpa pode ser imputada sem a corrupção. Isto nós negamos completamente. Nós nos tornamos culpados por meio de sua *posição da representante federal da raça humana* da qual herdamos uma natureza corrupta. Estamos sob a penalidade do pecado porque pecamos em Adão, sendo nossa natureza uma com ele. Romanos 5:12. Se a culpa fosse imputada sem corrupção, então a Lei exigiu a morte de Cristo, porque Ele teve uma natureza humana; mas a ideia que Ele morreu em qualquer sentido para Si mesmo é totalmente estranha à Escritura. Em

toda a parte das Escrituras Cristo é manifestado e apresentado sem nenhuma culpa de Si mesmo, mas levando a culpa dos outros. Se Lhe foi imputada culpa pelo pecado adâmico, como necessariamente era o caso se esta culpa é imputada a todo descendente de Adão à parte de corrupção, então Ele conheceu pecado, mas a Escritura diz que Ele não conheceu pecado (1 Coríntios 5:21).

## 2. A TEORIA DE UMA EXPIAÇÃO GERAL

### 1) A teoria apresentada

A teoria de uma expiação geral é que Cristo morreu em favor de cada filho de Adão – tanto um quanto qualquer outro<sup>1</sup>, removendo assim os impedimentos legais para a salvação de todos os homens e fazendo-a objetivamente possível para cada ouvinte do Evangelho ser salvo. Diz Strong: *“As Escrituras representam a expiação como tendo sido feita para todos os homens e suficiente para a salvação de todos. A expiação, portanto, não está limitada senão a aplicação da expiação.”* E outra vez: *“A expiação de Cristo fez provisão objetiva para a salvação de todos, tirando da mente divina qualquer impedimento ao perdão e restauração dos pecadores, exceto a sua insistente oposição a Deus e a sua recusa de voltar-se para Ele.”* Diz Andrew Fuller que, se a expiação é vista meramente quanto *“para qual ela em si mesma é suficiente para fazer, e declarada no Evangelho para*

<sup>1</sup> Alguns podem objetar a essa representação. Mas esta afirmação de sua teoria é provada como verdadeira ao afirmarem que a morte de Cristo fez ser possível a salvação de todos; que todos os obstáculos legais foram removidos para a salvação de todos os homens. Se Ele fez isso para todos, o que mais Ele pode fazer para um outro? Se Ele removeu todos os obstáculos legais para a salvação de todos, então, Ele satisfaz a lei para eles. Ele não fez mais do que isso para ninguém.

E quando os defensores de uma expiação geral tentam escapar das implicações de sua posição, eles só se contradizem. Por exemplo, o notável J. R. Graves diz que Cristo “não pagou a dívida que cada pecador tem diante da lei divina, senão cada um será salvo, pois a lei não pode, e ainda ser justa, intimar este pagamento novamente ao pecador”, e ainda diz que Cristo, por Sua morte, “removeu todos os obstáculos legais e governamentais” da possibilidade da salvação de todos. Se Cristo não pagou a dívida de cada pecador, então Ele não removeu os obstáculos legais da possibilidade da salvação de cada pecador. Afirmar uma e negar a outra é uma contradição absoluta, ou as palavras usadas não possuem significado nenhum.

Existem apenas duas posições consistentes sobre a extensão da expiação. Uma delas é a visão puramente arminiana, que é a que Cristo morreu pelo pecado “mas apenas no sentido de que se torna consistente para Deus oferecer a salvação para com os homens na base de obediência evangélica, e não de obediência juridicamente perfeita” (Boyce, Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 310). A outra é a posição defendida neste livro. Aqueles que tentam tomar uma posição entre os dois se envolvem em uma contradição, não importando o que fazem para evitá-la.

*quem deve ser adaptada,... foi para pecadores como pecadores”; mas que em “respeito ao propósito do Pai em dar Seu Filho para morrer e ao desígnio de Cristo em dar a Sua vida, foi somente para os eleitos.”*

Esta teoria da expiação é às vezes resumida pela seguinte expressão: a expiação foi *suficiente* para todos, mas *eficaz* somente para os eleitos, ou, como alguns prefeririam, para aqueles que creem. Ou, para pô-lo de outra maneira, diz-se muitas vezes que Cristo é o Salvador provisionalmente de todos os homens e especial (ou eficazmente) dos crentes.

Outros têm imaginado que o sacrifício no Calvário foi para todos, mas que o sangue de Cristo no céu foi aplicado apenas para os eleitos.

Essas duas afirmações dão a mesma coisa – uma expiação geral com uma aplicação ou desígnio limitado. Cremos ser possível e esperamos que possamos provar que esta posição é uma contradição em termos, contrária à razão, repugnante à natureza de Deus e não segundo uma interpretação homogênea da Escritura.

## 2) A teoria desaprovada

**Esta teoria não provê nenhuma satisfação real da justiça de Deus, ou ela faz que Deus esteja envolvido na injustiça de punir aqueles para quem a justiça já foi satisfeita.**

Eis-aqui o dilema e cada um que advoga uma expiação geral pode escolher a posição que queira defender. Uma dessas proposições tem que ser verdadeira.

A primeira proposição já declarada é, provavelmente, a que o maior número daqueles que defendem uma expiação geral são logicamente forçados a aceitar. Sem dúvida a maioria deles aceitaria a declaração que, se tivesse somente um pecador salvo, teria sido necessário a Cristo ter sofrido exata e identicamente o que Ele padeceu. Diz Boyce: *“O que Cristo precisou fazer por um homem teria sido suficiente para todos”* (Summary of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 314). Diz Strong: *“Cristo não precisaria ter sofrido mais, se todos fossem salvos”* (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 422).

Esta noção quanto ao sofrimento de Cristo é totalmente inconsistente com a justiça. Seria isto necessário para satisfazer a justiça: Mil pecadores no inferno, merecendo todos o mesmo grau de punição, sofreriam mil vezes tanto como sofreria cada um deles individualmente. Ficará a justiça satisfeita agora em Cristo por todos

estes mil, se Cristo sofresse apenas aquele tanto como sofreria um único pecador? Em outras palavras, a justiça exige uma coisa dos próprios pecadores e uma outra de Cristo como o substituto deles? É isto exatamente o que a teoria de uma expiação geral envolve.

A teoria de uma expiação geral não satisfaz a justiça mais do que a teoria governamental. Na morte de Cristo, segundo a teoria de uma expiação geral, temos apenas uma exibição linda e simples da ira de Deus contra o pecado; depois da qual Ele aplica, à vontade, os benefícios disto a quem queira. Noutras palavras, em vista do que Cristo fez, Deus relaxa a Sua justiça rigorosa e salva uma multidão incontável de pecadores que mereciam o inferno, para os quais a justiça não foi atualmente satisfeita. De modo que, em vez de a morte de Cristo proporcionar a Deus o meio de ser justo e ainda salvar pecadores crentes, O permite relaxar Sua justiça.

A única maneira de escapar desta última proposição é considerar o arrependimento, a fé e a obediência dos que se salvam como completando o que está faltando na morte de Cristo. Os arminianos podem dizer isto (contudo alguns deles não considerem arrependimento, fé e obediência como sendo meritórios na salvação), mas outros não podem admitir essa consideração sem ceder a crença na salvação como sendo inteiramente da graça de Deus.

Alguns podem tentar escapar ao dilema estabelecido no primeiro parágrafo sob esta epígrafe por afirmarem que Cristo sofreu atualmente pelos pecados de todos os homens e que os perdidos no inferno sofrerão apenas pelo pecado de incredulidade continuada. Diversas coisas poderiam ser ditas em refutação desta ideia. (1) Deixa o pagão que não ouviu o Evangelho sem sofrer nada no inferno, porque nenhum homem pode ser acusado justamente por não crer em quem nunca ouviu falar. Romanos 10:14. Que Deus não acusará aqueles que nunca ouviram o Evangelho do pecado de incredulidade está claro em Romanos 2:12, que nos informa que Deus não julgará pela Lei os que nunca ouviram a Lei. Deus os julgará somente à luz de suas próprias consciências. Romanos 2:14, 15. Alguém deve pecar contra a luz antes de poder ser justamente punido por desobediência. Daí, se ninguém sofrerá no inferno por qualquer pecado, exceto o pecado de incredulidade continuada, os que nunca ouviram o Evangelho nada terão por que pagar. John A. Broadus diz corretamente nos seus comentários sobre Mateus 11,22 – “Os pagãos não serão condenados por rejeitar Cristo se não tivessem nenhuma oportunidade a conhecê-LO; mas somente por não considerar as suas próprias consciências (Romanos 2:14-16), a luz da natureza exter-

na (Romanos 1:20), e quaisquer ideias religiosas que de qualquer forma poderia ter chegado a eles” (*An American Commentary on the New Testament*, Um Comentário Americano no Novo Testamento). (2) Todo crente era culpado do pecado de incredulidade desde o tempo de ouvir o Evangelho até ao tempo de aceitá-lo. Este pecado de incredulidade, sem dúvida, teve de ser expiado como qualquer outro pecado. Assim Cristo sofreu pelo pecado de incredulidade por aqueles que são salvos. Agora, se Ele morreu por todos, por um como por qualquer outro, o que é necessário se a salvação era para ser feita possível a todos, então sem dúvida Ele morreu pelo pecado de incredulidade por todos os homens. Isto deixa a qualquer que for para o inferno absolutamente sem pecado algum pelo qual sofrer. Se Cristo não morreu pelo pecado de incredulidade de todos que o cometeram, então Ele não morreu suficientemente para a salvação de todos. (3) A Bíblia claramente ensina que os perdidos no inferno sofrerão por todos os seus pecados. Romanos 2:5,6; 2 Coríntios 5:10; Efésios 5:5,6; 2 Pedro 2:9-13; A. S. V.; Apocalipse 20:13.

**Esta teoria é fútil, desde que ela não é necessária para ser base de qualquer ensino escriturístico, dever, ou resultado, nem como prova de qualquer verdade revelada.**

a) Não se discute que Deus estava sob a obrigação de prover redenção para todos os homens, sem exceção, porque um argumento tal excluiria a graça da expiação. A graça quer dizer não somente favor imerecido senão também favor não devido. Graça e obrigação excluem-se mutuamente. Ainda mais, se Deus foi obrigado a prover redenção para todo filho de Adão, da mesma maneira Ele seria obrigado a dar a cada um a capacidade de receber essa redenção pela fé. Isto Deus não fez, segundo mostramos no prévio capítulo sobre a eleição.<sup>2</sup>

*“Redenção, bem como a criação, também deve ser uma decisão puramente soberana da vontade divina. Isto é exigido pelas necessidades do caso, bem como claramente declarado nas Escrituras. Nenhuma doutrina de redenção que de alguma forma procura tirar o menor brilho da beleza da alta montanha da Soberania Divina não pode nunca ser tolerada nem por um momento sequer. Todas as posições teológicas que de alguma ma-*

2 Ao longo deste capítulo, assume-se a verdade da eleição incondicional, tal como estabelecido no capítulo anterior. Nós não iríamos perder tempo tentando provar a verdade como uma expiação limitada a um arminiano.

*neira implicam ensinar ou sugerir que haja qualquer obrigação da parte de Deus em fazer isto ou aquilo para o não salvo, os rebeldes da Sua lei, são antibíblicas, irracionais, senão blasfêmias”. (Armour, Atonement and Law, Expição e Direito, pág. 20).*

b) Ademais, não era necessário que Deus provesse uma expiação geral para fazer os homens responsáveis pela rejeição de Cristo. Os homens rejeitam a Cristo, não por causa de uma falta de expiação para eles, mas por causa de amarem as trevas mais do que a luz (João 3:19); por não quererem que Ele reine sobre eles (Lucas 19:14).

c) Nem foi necessário que Cristo morresse por toda a raça adâmica para que Deus fizesse sincera Sua chamada geral. É da noção de alguns que a chamada geral de Deus requer de todos os homens crerem que Cristo morreu por eles. Isto não é verdade. Os vinte e oito capítulos de Atos, “ainda que repletos de informações sobre relações apostólicas com as almas, não arquivam precedente algum que seja desse discurso que diz aos não convertidos: Cristo morreu por você.” (Sanger, The Redeemed, Os Redimidos). “Todos os homens são chamados na Escritura a crerem no Evangelho, mas não há um caso na Escritura em que os homens são intimados a crer que Cristo morreu por eles.” (Carson, *The Doctrine of the Atonement and Other Treatises*, A Doutrina da Expição e outros tratados, pág. 146).

A ilustração seguinte de “O Sangue de Jesus”, por William Reid (*The Blood of Jesus*, pág. 37), também mostra a compatibilidade de uma expiação limitada e os convites gerais do Evangelho. Após descrever passageiros tomando um trem na Estação de Aberdeen, (Escócia) Estrada de Ferro Nordeste, diz ele:

*“Nem vi qualquer cidadão recusando-se entrar porque o carro proveu só um número limitado de assentos para seguir viagem por aquele trem. Podia haver oitenta mil habitantes na cidade e nos seus arredores, mas não houve ainda assim ninguém que falasse disso como algo absurdo de prover acomodação só para umas vinte pessoas porque, na prática, descobriu-se ser suficiente.”*

*“Deus, na sua infinita sabedoria, fez provisão de uma espécie semelhante para todo o nosso mundo perdido. Deus proveu um trem chamado Graça para levar ao céu tantos dos seus habitantes, da grande metrópole do universo, quantos estão dispostos a se aproveitarem das Suas provisões graciosas”.*

Supondo que Deus tivesse esperado até o fim antes de mandar Cristo morrer (como Ele podia tão facilmente como esperou quatro mil anos para enviar Cristo depois que o pecado entrou no mundo), e o tivesse então mandado para morrer por todos que tivessem crido. Teria então sido manifesto que uma expiação limitada não oferecia obstáculo nenhum a salvação para qualquer homem que não existia até aquele momento por causa da sua natureza humana pervertida. Deve estar bem claro a qualquer pessoa pensante, que a ocorrência da morte de Cristo há dois mil anos não pode alterar o caso, porque Ele morreu por todos que crerem, pois estes são conhecidos por Deus desde a eternidade tão completamente como serão no fim.

Insinuamos que Deus está tão obrigado a remover a inabilidade espiritual do homem pecador para poder vir a Cristo como prover-lhe uma expiação. Em outras palavras, a perversidade da natureza do homem faz sua salvação tão impossível de um ponto de vista humano como faz a ausência de uma expiação.

Mas alguns podem abrir uma exceção a isto, dizendo que, enquanto a perversidade da natureza do homem cria uma impossibilidade moral, a falta de expiação fornece uma impossibilidade natural. Respondemos que isto está correto, e a impossibilidade moral é primária e é absoluta; portanto, a impossibilidade natural não pode fornecer nenhum outro entrave.

d) Também não é necessária uma expiação geral para manifestar o amor de Deus. A provisão de uma expiação sem efeito não revelaria nada senão um amor cego e fútil. É desta espécie de amor o de Deus? Claro que não, mas o amor de Deus é inteligente, intencionado, soberano, efetivo. O amor redentor de Deus está totalmente fundado dentro dEle mesmo e não procede de modo algum pelo fato de os objetos serem desejáveis, nem porque mereçam qualquer coisa boa vinda da Sua mão. Portanto este amor está inteiramente sujeito à Sua soberana vontade (Deuteronômio 10:15; Romanos 9:13). Dispensar Seu favor a objetos eleitos é do seu gracioso, imanente e particular prazer.

e) Finalmente uma expiação universal não é necessária para a manutenção do zelo evangelístico e um espírito missionário. Admite-se abertamente que existem muitos que sustentam a doutrina da expiação limitada cujo zelo evangelístico faltava o zelo ardente que deveriam ter tido. Porém, a falta não estava por causa da doutrina, mas por causa da falta de outras verdades. Para muitos, incluindo os nobres valdenses e albigenses, bem como Spurgeon e muitos outros de renome, um zelo evangelístico transbordante e forte crença de uma expiação limitada, essas doutrinas andam lado a

lado na mais gloriosa harmonia. De fato, a crença numa expiação limitada, em razões que aqui não dispomos de espaço para discutir, deve fazer os homens mais evangélicos ainda do que a crença numa expiação geral, guardando-os, entre outras coisas, de excessos contudentes.

### 3. A TEORIA DE UMA EXPIAÇÃO LIMITADA

#### 1) A teoria apresentada

A teoria de uma expiação limitada sustenta que Cristo morreu para os eleitos e só para eles; que o valor e desígnio ou aplicação, a suficiência e a eficácia dela são as mesmas; que Cristo, em nenhum sentido que seja, morreu por qualquer um que perece no inferno. A esta damos o nosso endosso feliz e incondicional.

#### 2) A prova da teoria

##### Argumentos de outros homens

*“Todos aqueles por quem Cristo deu a Sua vida em resgate ou são por ela resgatados, ou não são; pois é evidente que todos não são resgatados ou remidos do pecado, da Lei, de Satã e da segunda morte... Agora, se alguns por quem Cristo deu Sua vida em resgate, não são resgatados, então segue essa absurdidade chocante... a saber, que Cristo foi morto em vão, ou que, em última análise, Ele deu Sua vida como um resgate em vão; por isso então, será corretamente concluído que Ele não deu Sua vida em resgate por todo homem individualmente” (John Gill, *The cause of God and truth, A causa de Deus e verdade*, pág. 98).*

*“As provas supostas pelas Escrituras da Redenção Universal dependem de suposição humana, não simplesmente da Palavra. Pois quanto a citação “a propiciação pelos pecados de todo mundo”, é-nos dito que a palavra “mundo” deve significar cada pessoa no mundo. Mas, porque deve significar isto? Essa é a pergunta sem resposta. A palavra “mundo” significa muitas coisas diferentes na*



*Palavra de Deus, sobre as quais pode ver a Concordância Crudens. A relação textual da palavra é o seu verdadeiro intérprete. Afirmar que a palavra 'mundo' deve significar ou isso ou aquilo é participar em fábulas profanas e vazias."* (Sanger, *The Redeemed, O Resgatado*, pág. 7).

*"Se a lei pode se render a tudo, se o universo criado e não criado pode dar-se ao luxo de ter a lei em suas esferas superiores mudando-se como cera derretida, se o amor de Deus pode, sob qualquer aspecto ser manifestado para os infratores da lei em detrimento da justiça, se Cristo, havendo feito tudo e de ter sofrido tudo o que devia fazer e sofrer - a justiça, a justiça exata, a justiça pura e simples, não permitiu, requereu, exigiu, demandou a libertação daqueles que Ele representava e que Ele veio para redimir, então, 'Cristo morreu em vão', então a 'ofensa da cruz' é eliminada, e 'o salário do pecado' não é 'morte', então estamos todos no mar sem rumo sem poder entender a necessidade da intervenção de Cristo, e estamos prontos para cada um de nós sairmos em viagens diversas para descobrir se podemos encontrar qualquer razão por Ele ter vindo ao mundo, e especialmente para explicar o Seu sofrimento no Getsêmani e na cruz."* (Armour, *Atonement and Law, Expição e Direito*, pág. 129).

*"Sempre que as Sagradas Escrituras falam da suficiência da redenção, elas sempre posicionam em contexto com a eficácia da redenção. A expiação de Cristo é suficiente porque é absolutamente eficaz, e porque ela atinge com a salvação todos por quem ela foi feita. A sua suficiência não está em viabilizar aos homens uma possibilidade de salvação, mas em realizar a sua salvação com poder invencível. Por isso a Palavra de Deus nunca representa a suficiência da expiação mais ampla do que o desígnio da expiação"* (Pink, *Exposition of the Gospel of John, Exposição do Evangelho de João*, 1945 edição, vol. 3, pág. 76).

Tão bom seria que essa última frase pudesse ser estampada no céu.  
**QUE SEJA ENFATIZADA NOVAMENTE: NO ASSUNTO DA EXPIAÇÃO DE CRISTO, SUFICIÊNCIA E EFICIÊNCIA SÃO IGUAIS.**

*“Indubitavelmente as palavras, ‘universal’ e ‘redenção’ (aqui a palavra “redenção” usada como sinônimo de ‘expição’: no sentido de ‘agorazo’), é onde a maior parte dos homens perece, são tão irreconciliáveis quanto ‘Romano’ e ‘Católico’” (John Owen, citado aprovadamente por C. H. Spurgeon, Sermons, Sermões, Vol. 4, pág. 220).*

*“Fosse a totalidade da humanidade igualmente amada de Deus e promiscuamente remida por Cristo, o cântico que os crentes são dirigidos a cantar dificilmente seria feito por eles com agrado: ‘E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dentre os mortos e o príncipe dos reis da terra. Aquelle que nos amou, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados, e nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém.’ (Apocalipse 1:5,6). Um hino de louvor como este evidentemente parece proceder na hipótese de uma eleição particular da parte de Deus e de uma redenção limitada da parte de Cristo, a qual achamos declarada mais explicitamente em Apocalipse 5:9,10, ‘E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.’ Temos aqui um transcrito do hino que os espíritos dos justos aperfeiçoados cantam agora diante do trono e do Cordeiro: ‘E os vinte e quatro anciãos, e os quatro animais, prostraram-se e adoraram a Deus, que estava assentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia!’ ‘porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação’ (Apocalipse 5,9). Aqui diz que os eleitos foram remidos dentre os homens (Apocalipse. 19:4).” (Augustus M. Toplady, autor de Rock of Ages – Rocha dos Séculos, no prefácio a Predestinação Absoluta, por Zanchius).*

*“Que Cristo é nossa vida, verdade, paz e justiça – nosso pastor e advogado, sacrifício e sacerdote que morreu para a salvação de todos que deveriam crer e ressurgiu para a sua justificação” (Artigo 7 da Confissão de Fé adotada em 1.120 pelos valdenses, o grupo mais em evidência de progenitores batistas. Veja a História da Igreja de Jones, pág. 276).*

*“A doutrina da expiação tem sido entendida diferentemente. As igrejas antigas quase unanimemente sustentaram que ela era particular; quer dizer, que Cristo morreu só pelos eleitos e nos Seus estupendos sofrimentos nenhum respeito foi dirigido ou nenhuma provisão foi feita para quaisquer outros da arruinada raça de Adão”* (Benedict, *General History of the Baptist Denomination, História Geral da Denominação Batista*, pág. 456).

*“Se há qualquer coisa claramente ensinada na Escritura é que o sacrifício de Cristo foi feito somente para aqueles que forem eventualmente salvos por ele.”* (Alexander Carson, *The Doctrine of Atonement and other treatises, A Doutrina da Expição e outros tratados*, pág. 196).

*“Não pode ser admitido que uma alma por quem Ele (Cristo) deu Sua vida e derramou Seu sangue; cujos pecados Ele levou e cuja maldição Ele susteve, deva de qualquer forma perecer finalmente. Porque, se esse fosse o caso, a divina justiça, depois de ter cobrado e pago pelo Fiador, pediria novamente o principal; em outras palavras, exigiria pagamento em dobro.”* (Booth, *The Reign of Grace, O Reino da Graça*, pág. 235).

*“Pode um Deus de ética perfeita e infinita, o qual com a Sua própria mão lançou a tremenda carga da culpa do pecador sobre o adorável Fiador, repudiar os Seus próprios termos da Sua aliança e negar-lhe a recompensa comprada pelo custo do Seu preciosíssimo sangue? Dizer assim equivale a uma negação aberta da verdade e da justiça do Deus Fiel à Sua Aliança”.* (Prof. Robert Watts, *Sovereignty of God, Soberania de Deus, ajuntando artigos de Pres. G. W. Northrup, publicados no Standard de Chicago, e as respostas de Prof. Watts, artigos os quais foram escritos por sugestão de T. T. Eaton e publicados no Western Recorder enquanto Eaton foi o editor*).

*“Eles (certos teólogos) creem que Judas foi expiado da mesma maneira que Pedro; crêem que os condenados no inferno foram objetos da satisfação de Jesus Cristo tanto quanto os salvos no céu; e conquanto eles não o digam claramente nestes termos, dessa maneira devem dizer, pois é justo concluir que, no caso de multidões, Cristo morreu em vão, pois estes teólogos dizem que Ele morreu por*

*todos eles; e ainda mais a Sua morte foi ineficaz por eles, pois mesmo que Ele tenha morrido por estes, ainda são condenados subsequentemente. Saiba, tal expiação eu a desprezo, rejeito-a. Posso ser chamado antinomiano ou calvinista por pregar uma expiação limitada; mas antes eu crer numa expiação limitada que é eficaz para todos os homens para quem foi intencionada do que uma expiação universal ineficaz, a não ser que tenha a cooperação da vontade do homem.” (Sermões de Spurgeon, Vol. 4, pág. 218).*

*“Creio que a eleição eleger os eleitos, que a presciência os conheceu antes; que ‘estavam ordenados para a vida eterna’ e estes também ‘predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho’; que a redenção os remiu; que a regeneração os regenerou; que a santificação os santifica; que a justificação os justifica; que a preservação os preserva; que a providência providencia tudo por eles e assim por diante até à glorificação. Daí, aqueles a serem glorificados são aqueles antes conhecidos e remidos. Não creio numa redenção geral e nem uma glorificação especial” (J. B. Moody, Sin, Salvation and Service; Pecado, Salvação, e Serviço, pág. 40).*

*“Os cinco pontos do Calvinismo são: eleição incondicional ou predestinação, redenção particular, depravação total, necessitando de graça; chamada eficaz ou graça irresistível e preservação ou perseverança dos salvos. E o autor não hesita em aliar-se a todos os cinco pontos.” (C. D. Cole, Definição de Doutrinas, Vol. 1, pag. 137, em português).*

O autor dá um entusiástico “Amém” a todos estes. Ele não se envergonha de se achar na companhia destes como também na de muitos outros eminentes santos de Deus que sustentaram os mesmos sentimentos. Ele está pronto a achar-se contendo pela fé histórica dos batistas, a fé das *antigas igrejas*; a fé dos Valdenses, “essas eminentes e honradas testemunhas da verdade durante o longo período em que a igreja e o mundo foram assaltados por torpe erro e imoralidade” (Rice, God Sovereign and Man Free, *Deus Soberano e o Homem Livre*).

### Argumentos Lógicos da Razão

a) É a única teoria que faz a morte de Cristo *verdadeiramente substitutiva*. Se

Cristo morreu por um homem tanto quanto por outro, algo que Ele devia ter feito se Ele fez a salvação possível a todos os homens, então Ele morreu por alguns que sofrerão eternamente no inferno. Sua morte, portanto, não foi verdadeiramente substitutiva.

b) É a única teoria compatível com a justiça de Deus. A justiça de Deus exigiu que Cristo pagasse a mesma penalidade dos pecados daqueles que se salvam. A justiça de Deus também exige que Ele salve todos cuja penalidade Cristo pagou. Isto é uma afirmação axiomática. É também uma afirmação escriturística. Qual é o significado de 1 João 1:9 em estabelecer que Deus seja “justo para nos perdoar os pecados”, se não quer dizer que o perdão de nossos pecados é um ato de justiça para com Cristo? A teoria de uma expiação limitada é a única que estabelece a razão justa para a condenação dos pecadores não arrependidos. Se foi feita uma expiação geral, então não há justiça em mandar qualquer pecador para o inferno. Se for suficiente para todos os homens, então exige liberdade para todos. Desde que a expiação foi exigida como uma satisfação à justiça de Deus, sua eficiência deve igualar sua suficiência. A mesma justiça que requer que a penalidade do pecado seja paga, assim tão enfaticamente requer que o pecador seja libertado quando o pagamento tenha sido feito. Há absolutamente nenhum fundamento na Escritura ou na razão em fazer uma distinção entre a expiação e a sua aplicação, ou entre a expiação, a redenção ou a reconciliação, quanto ao alcance ou valor. Expiação, redenção e reconciliação, todas contêm como base objetiva o perdão e todas por igual incluem o perdão atual.

c) É a única teoria que dá à morte de Cristo qualquer valor argumentativo em provar a segurança do crente. A seguinte afirmação será reconhecida, sem dúvida, como um forte argumento da segurança do crente por todos que creem essa doutrina:

“Cristo, na Sua morte sobre a cruz, sofreu por todos os pecados de cada crente. Se o crente fosse para o inferno, ele sofreria pelos mesmos pecados pelos quais Cristo sofreu. Crente e Cristo estariam então pagando pelos mesmos pecados, e Deus, ao punir dois homens pelos pecados de um, seria o tirano mais injusto do universo. Esqueça tal pensamento! O juiz de toda a terra deve fazer o que é reto!”

Mas este argumento não tem força se Cristo morreu por todos, tanto um como outro, se fez a salvação possível para todos, removendo todos os impedimentos judiciais da salvação deles. Ademais, segundo este argumento e também segundo a verdade e a lógica, todos aqueles que afirmam que Cristo sofreu a penalidade da Lei por todo homem fazem Deus “o tirano mais injusto do universo”.

### Argumentos da Escritura

a) Isaías 53:11. Nesta passagem, o profeta, ao falar do sacrifício de Cristo, diz que Deus “verá o trabalho da sua alma e ficará satisfeito”. Tomamos isto para significar que as justas exigências de Deus, a penalidade da Lei transgredida, foram satisfeitas na morte de Cristo. Mas, por quem? Se por todo o filho de Adão, então Deus não pode com justiça condenar qualquer deles. A justiça satisfeita não pode exigir nada mais. Se o leitor está pensando de arguir que o perdido no inferno sofrerá, não pelos seus pecados em geral senão somente pelos pecados de rejeitar a Cristo, nós o apontamos ao nosso tratamento da teoria de uma expiação geral sob “(2). A teoria desaprovada”.

Mais ainda, esta mesma passagem representa a Deus como dizendo: “com o Seu conhecimento o Meu Servo, o Justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre Si.”. Isto ensina como Cristo justifica os homens, isto é, levando suas iniquidades. E notai que esta justificação não é feita para depender de qualquer outra coisa mais. Se Cristo tivesse que levar as iniquidades dos homens para justificá-los, então segue, como o dia à noite, que aqueles cujas iniquidades Ele levou devem receber justificação. Por aceitar esta satisfação às mãos de Cristo, Deus põe-se a Si mesmo sob a obrigação a Cristo (não ao pecador) de comunicar justificação a cada um por quem a satisfação se faz, a qual Ele faz pela operação do arrependimento e da fé no coração.

b) João 15:13: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” Se Cristo desse a Sua vida por todo homem sem exceção, então Ele tem o maior amor por todo homem; e, portanto, ama os que perecem no inferno tanto como aqueles a quem Ele salva. Podia Cristo porventura se satisfazer com alguns dos objetivos do Seu maior amor estarem no inferno?

Mais ainda, se fosse verdade que Cristo ama aqueles que perecem tanto como os que se salvam, teríamos de atribuir nossa salvação a nós mesmos e não ao amor de Cristo.

c) Romanos 8:32. “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?” Esta passagem afirma que o maior dom de Deus, o Seu Filho, garante todos os dons menores. Daí se segue que Deus entregou Seu Filho a ninguém exceto aqueles a quem Ele livremente dá todas as outras bênçãos espirituais, isto é, aqueles que creem. Veja Efésios 1:3.

d) Romanos 8:33,34. Estes versículos dizem-nos que a acusação ou condenação não podem ser trazidas contra os eleitos; que Deus não os acusará, porque é Ele que os justifica; e que Cristo não os condenará, porque Ele por eles morreu. Esta passagem estaria destituída de toda a força lógica se Cristo tivesse morrido por qualquer um que Ele um dia condenará no dia do juízo. Daí Ele não morreu por nenhum a não ser aqueles que escapam ao juízo.

e) 2 Coríntios 5:14 “Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram.” Eis aqui a inegável afirmação que todos por quem Cristo morreu, morreram representativamente nEle. Por isso a morte não tem poder sobre eles e nenhum deles a sofrerá, mas todos receberão a justificação e a vida eterna pela fé. Ao comentar as três últimas palavras desta passagem, diz A. T. Robertson: “Conclusão lógica ... aquele Um morreu por todos e assim estes todos morreram quando Ele morreu. TODA A MORTE ESPIRITUAL POSSÍVEL PARA OS A QUEM CRISTO MORREU” (Ênfase nossa – *Word Pictures in the New Testament*, Palavras do Novo Testamento Explicadas). Não deixe de notar o uso de “todo” nesta passagem.

f) 2 Coríntios 5:19 “Deus estava em Cristo, reconciliando (Katalasso) consigo o mundo, NÃO LHES IMPUTANDO OS SEUS PECADOS ...” Isto ensina o que Deus estava fazendo na morte de Cristo e como Ele o estava fazendo: Ele estava reconciliando os homens consigo e Ele o estava fazendo por lançar os seus pecados sobre Cristo e, portanto, não imputando, atribuindo, cobrando nem qualificando aqueles por quem Cristo morreu. Cristo, na Sua morte, conseguiu a reconciliação completa e objetiva para os objetivos de Sua morte, o que necessita que estes sejam trazidos à experiência da reconciliação subjetiva. A única conclusão correta disso é que Cristo morreu por aqueles e só aqueles que eventualmente recebem reconciliação. Note o uso da palavra “mundo” nesta passagem.

g) João 10:15; Atos 20:28; Efésios 5:25. Nestas passagens se diz ter Cristo comprado a igreja, ter-Se dado por ela, e ter dado a Sua vida pelas *ovelhas*. “Sei que termos universais estão algumas vezes conjuntados nas Escrituras com a expiação; mas, se os mesmos são para serem interpretados no seu sentido mais lato, por que os escritores sagrados deveriam ter empregado o restritivo? Os termos universais... podem ser harmonizados prontamente com os restritivos, mas homem algum pode fazer o restritivo harmonizar-se com o ilimitado” (Parks, *The Five Points of Calvinism*, Os Cinco Pontos do Calvinismo)

### As Escrituras Explicadas

Tratamos nessa parte as passagens usadas por alguns para ensinar a expiação geral.

A. João 3:16; 1 João 2:2. Em ambas as passagens a palavra “mundo” é usada em conexão com a obra salvadora de Cristo. Uma fala de Deus amando o “mundo” e a outra fala de Cristo sendo uma propiciação pelos pecados de todo o “mundo”.

Contra a interpretação dada a essas passagens pelos advogados de uma expiação geral, respondemos:

a) Um amor que causasse Deus dar a Cristo para morrer em lugar de cada homem individual da raça de Adão também causaria Deus salvar a todos<sup>3</sup>. Por qual razão Deus discriminaria entre os homens em salvá-los se Ele os amou a todos com o maior amor possível? Veja Romanos 8:32.

b) Não haveria uma expressão real de amor em mandar O Salvador morrer sem eficácia pelos homens. Que espécie de amor é aquele que realiza um ato que não pode realmente beneficiar? O amor verdadeiro seria manifestado por um pai em comprar um belo quadro para um filho que está totalmente cego?

c) Que Deus não ama todos os homens sem exceção está provado, como já citado, pela declaração: “Amei a Jacó, e odiei a Esaú.” (Romanos 9:13). Será que Deus amou Faraó? (Romanos 10:17). Ele amou os Amalequitas? (Êxodo 17:14). Ele amou os cananeus, a quem ele ordenou serem extirpados sem misericórdia? (Deuteronômio 18:03). Será que Ele ama os trabalhadores da iniquidade? (Salmos 5:5). Será que Ele ama os vasos da ira, preparados para destruição, a quem Ele suporta com muita paciência? (Romanos 9:22) (Haldane, Atonement, Expição, pág. 113).

d) A palavra “mundo”, finalmente, de nenhum modo alude a todos os homens sem exceção em cada caso da Escritura e, portanto, deve ser provado que ela significa isso nessas passagens. “Mundo” é usado para indicar incrédulos em distinção de crentes (João 7:7, 12:31, 14:17, 15:18,19, 16:20, 17:14; I Coríntios 4:9, 11:32; Efésios 2:2; Hebreus 11:7; 1 João 3:1; 3:13; 5:19. É usada para gentios em distinção de judeus (Romanos 11:12,15). É usado para a generalidade do povo conhecido (João 12:19). Cremos que a palavra alude, nas duas passagens sub consideração, não a todos os homens sem exceção, mas a todos os homens

<sup>3</sup> Tenha em mente que estamos escrevendo neste capítulo, como já observamos, para o benefício daqueles que já acreditam na eleição incondicional.



sem distinção; isto é, a homens de todas as nações, tribos e línguas (da qual temos

uma paralela em Apocalipse 7:9); revelando que Cristo não morreu só para os judeus senão para os gentios também, mesmo até aos confins da terra.

A razão lógica do emprego desta palavra neste sentido é dada por John Gill, como segue: “Foi uma controvérsia agitada entre os doutores judeus se, quando o Messias vier, os gentios, o mundo, teriam qualquer benefício por Ele; a grande maioria estava pronta para responder na negativa e decidiram que os gentios assim não teriam... que os juízos mais severos e calamidades tremendas lhes aconteceriam; sim, que seriam lançados no inferno no lugar dos israelitas. *Opondo essa noção estão João Batista, Cristo e seus apóstolos e é a verdadeira razão do uso desta frase nas passagens que falam da redenção de Cristo*” (*The Cause of God and Truth, A Causa de Deus e Verdade*, pág. 66)<sup>4</sup>. Como um judeu típico Nicodemos pensou que Deus não amava a ninguém fora dos judeus, mas nosso Senhor lhe disse que ‘Deus amou o mundo (gentios bem como judeus) de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê (gentios ou judeus) não pereça, mas tenha a vida eterna.’ (Cole, *Definições de Doutrinas*, Vol. 1, pág. 127 edição em português). Note outra vez o uso de “mundo” em II Coríntios 5:19, onde o “mundo” por quem Cristo morreu foi potencialmente reconciliado por Sua morte, e não lhes imputou os seus pecados. Noutras palavras, este ‘mundo’ deve receber o perdão que Ele para este ‘mundo’ comprou.

B. 1 Timóteo 2:6; Tito 2:11. A palavra “todos” aparece em ambas estas passagens, mas esta palavra é usada na Escritura numa variedade de sentidos. De nenhum modo ela é sempre usada no sentido absoluto. Note uns poucos de seus usos limitados: (1). Um grande número (Mateus 3:5; 4:24; 14:35). (2). Todas as espécies e classes (Mateus 23:47; Lucas 2:10; João 12:32; Atos 13:10; Romanos 1:29; 15:14; II Tessalonicenses 2:9; 1 Timóteo 6:10). (3). Tudo com exceções manifestas (Marcos 11:30; Atos 2:46-47; 1 Coríntios 6:18; 8:32; 9:22; 10:33; Tito 1:15). (4). Todos ou cada um de certa classe em particular (Lucas 3:21; Romanos 5:18, última parte; 1 Coríntios 8:2 comparado com os vs. 7 e 11; 15:22, última parte; 1 Coríntios 8:2 comparado com os vs. 7 e 11; 15:22, última parte; Colossenses 1:28). Assim podemos ver facilmente

<sup>4</sup> A aptidão de Gill para falar sobre este assunto é citado por Cramp, como segue: “No diploma (de Marischal College, Aberdeen, a atribuição do grau de Doutor da Divindade) menção especial foi feita da proficiência do Dr. Gill na sagrada literatura, nas línguas orientais, e em antiguidades judaicas... Dr. Gill foi um profundo estudioso. Ele estava familiarizado com todo o círculo de literatura judaica. Ninguém podia competir com ele por este motivo” (Baptist History, História Batista, pág. 508).

que o significado de “*pas*” deve ser determinado segundo o contexto e o ensino da Escritura em geral. Portanto, em vista do que se tem dito sobre as inferências não bíblicas da ideia que Cristo morreu por todos os homens sem exceção, afirmamos que “*pas*”, nas passagens já citadas, é usada segundo sentido acima na lista e que o significado é homens de “toda a nação, de todas as tribos e povos e línguas”, da qual achamos um paralelo descrito em Apocalipse 7:9. O “*todos*” pelo qual Cristo morreu tem exatamente o mesmo foco com a palavra “*todos*” que Ele atrai a Si (João 12:31)<sup>5</sup> O significado é *todos sem distinção* ao invés de *todos sem exceção*.

*“Está observado que se diz que Cristo no versículo 6 (de I Timóteo 2:6) ‘se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos’ o que está entendido de todos os homens em particular; mas deveria ser observado também que este resgate é ‘antilitron huper panton’, um resgate vicário, substituído no lugar de todos, pelo que um preço integral foi pago para todos, e uma satisfação plenária foi feita pelos pecados de todos, qual não pode ser verdadeiro de cada indivíduo, pois então nem um homem sequer podia ser condenado e punido com justiça ... É melhor entender-se em vez de ‘todos os homens’ a entender alguns de toda espécie ...” (John Gill, Cause of God and Truth, Causa de Deus e verdade, pág. 51).*

C. Hebreus 2:9. Não há aqui palavra para “homem” no grego. A expressão é simplesmente “*todos*” ou “*cada um*” no grego: “*pas*”. E o contexto nos dá a explicação quanto àqueles incluídos nesta passagem, a saber, todo filho que Ele traz à glória. Assim, “*todos*” é usado aqui no quarto sentido na lista acima, isto é, todo ou cada um de uma classe em particular.

D. I Timóteo 4:10. A mera provisão de salvação por todos os homens não faz de Deus O Salvador deles de uma maneira maior de atualmente salvá-los. A provisão não satisfaz o significado de Salvador se for aplicada à salvação da alma. O grego

<sup>5</sup> J R Graves, embora ensine que a morte de Cristo “removeu todos os impedimentos legais e governamentais” da salvação de todos os homens, diz: “O qual se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.” (I Timóteo 2:6), deve ser interpretado pelas próprias palavras de Cristo: “Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mateus 20:28). E quando Cristo disse: “E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.” (João 12:32) Sem dúvida nenhuma Ele não quis dizer que cada pecador da raça de Adão, pois seria notoriamente falso, mas Ele quis dizer todas as condições e raças de homens, e, sabiamente, só todos os homens que Lhe foram dados pelo Pai” (The Seven Dispensations, As Sete Dispensações, pág. 102).

é “*soter*”, que quer dizer “livrador” e “conservador”, assim também como salvador. Estamos persuadidos que este é o significado neste versículo. Deus livra a todos os homens (enquanto Lhe apraz fazer assim) de perigos tanto visíveis como invisíveis e os conserva em vida. É assim que Ele exhibe “as riquezas de Sua bondade e paciência e longanimidade” que deveriam levar os homens ao arrependimento (Romanos 2:4). O que Deus faz por todos os homens em geral, Ele faz de uma maneira especial para os crentes.

E. II Pedro 2:1. A palavra desta passagem para o “Senhor” não é “*kurios*”, a qual é usada tanto de Deus ou de Cristo; mas é “*despotes*”, a qual nunca se usa para Cristo. Assim entendemos este ser uma referência a Deus. Pedro escreveu especialmente aos judeus. Sem dúvida os falsos mestres também eram judeus. E em Deuteronômio 32:6 é explicado como o Senhor os comprara. Aqui se diz ter Deus comprado toda a nação judaica porque Ele os livrou do Egito.

“O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.”

F. II Pedro 3:9. Esta passagem não menciona a expiação, redenção, reconciliação ou qualquer ensino semelhante; mas porque ele diz que Deus “não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.” é muito natural ser usada pelos defensores de uma expiação geral. Mas esta passagem em si mostra que a “alguns” e a “todos” não são toda a raça dos homens. Não é um ato de grande misericórdia para com os não eleitos que Deus vai reter o retorno de Cristo. Cada dia os não eleitos estão aumentando ao seu sofrimento eterno por desprezar mais ainda o evangelho (se eles já tiveram o evangelho pregado a eles) e aumentando o número dos seus pecados. Além disso, a cada dia o número dos pecadores que são responsáveis no mundo está aumentando. Assim, a retenção do retorno de Cristo está aumentando a população final do Inferno. “Todos” é explicado pela palavra “conosco”. É “todos” os eleitos. Deus está esperando até que, na Sua providência soberana e pelo Seu Espírito, eles sejam levados ao arrependimento e a fé.





## CAPÍTULO 23

# AS CHAMADAS EXTERNA E INTERNA

A eleição tem a ver com o propósito e plano da salvação. A expiação tem a ver com a provisão da salvação. Agora vamos estudar a aplicação e os meios usados desta aplicação da salvação aos eleitos.

### **I - A CHAMADA EXTERNA**

A Escritura fala claramente de duas chamadas diferentes. A primeira, na ordem de sua ocorrência, é conhecida geralmente como a chamada de fora ou externa. As passagens seguintes referem-se à chamada externa: Isaías 45:22; 55:6;

Mateus 9:13; 11:28; 22:14; Marcos 2:17; Lucas 5:32; Apocalipse 22:17. Há outras passagens que se referem evidentemente às ambas as chamadas, mas reservarmo-las até quando consideraremos a chamada interna.

### **1. ESTA CHAMADA É POR MEIO DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO**

Foi por meio do Evangelho que Jesus chamou pecadores ao arrependimento. Hoje toda apresentação do evangelho é uma chamada aos homens para deixarem o pecado e confiarem em Cristo. O evangelho devidamente pregado estabelece o dever e responsabilidade do pecador em arrepender-se e crer (Atos 17:30). Também inclui o rogo fervoroso aos homens para que se reconciliem com Deus (2 Coríntios 5:20), um convite a todos que estão cansados dos pecados (Mateus 11:28) e estão com sede (Isaías 55:1; João 7: 37; Apocalipse 22:17).

### **2. ESTA CHAMADA É UMA CHAMADA INDIRETA DO ESPÍRITO**

Veja no capítulo XI a discussão da obra indireta do Espírito nos perdidos.

### **3. A CHAMADA, PORTANTO, É GERAL**

Com isto queremos dizer que ela não se limita aos eleitos (Mateus 22:14). Somos mandados pregar o evangelho a todos. Esta chamada é designada a todos os homens, apesar de nem todos a ouvirem. Isto é verdade também, pois todos os homens são ordenados mandados a arrependerem-se (Atos 17:30), ainda que nem todos os homens ouçam este mandamento.

### **4. ESTA CHAMADA, EM SI MESMA, É SEMPRE INEFICAZ**

A Israel Deus disse: “porquanto chamei, e não respondestes” (Isaías 65:12). A chamada a que se refere aqui foi uma chamada externa igual a chamada sob discussão. Devido à depravação do homem, somente a pregação do evangelho nunca é suficiente para trazê-lo a Cristo. Ele carece mais do que uma chamada externa. O evangelho “é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê” (Romanos 1:16); “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e

não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (1 Coríntios 2:14). O homem precisa ser capacitado para negar-se do pecado e para crer em Cristo. Jeremias 13:23; João 12:39-40; 6:44-65.

No entanto, é o dever imediato de todos em responder positivamente a esta chamada. Atos 17:30.

## 5. A CHAMADA É SINCERA

Os arminianos objetam que o sistema calvinista de doutrina faz insincera uma chamada geral. Sincero quer dizer: “ser na realidade como na aparência. Intencionando precisamente o que um diz ou o que um parece intencionar”. Tendo definido o termo sob discussão, estamos agora preparados para examinar as bases exatas dessa objeção. Três ensinamentos calvinistas são denunciados em fazer que a chamada geral seja insincera. São:

### 1) O ensino que o homem por natureza não pode virar-se do pecado para Cristo

Dizem os arminianos que, se o caso com o homem natural fosse como os calvinistas o representam, e isto fosse inteiramente conhecido a Deus, então Deus não podia ser sincero em convidar os homens a virem a Cristo. Mas não há nada na chamada geral que faça parecer que todos os homens podem respondê-la. Isto não é nada mais do que uma inferência desnecessária. E tem seu fundamento, não na chamada em si mesma, mas em uma concepção errônea do estado do homem pela natureza. Daí, esta chamada não é insincera.

*“A chamada de Deus a todos os homens para que se arrependam e creiam no evangelho não é mais insincera do que o Seu mandamento a todos os homens para que O amem de todo o coração. Não há entrave no caminho da obediência do homem ao evangelho que não exista também para impedir sua obediência à lei. Se é correto publicar os mandamentos da lei também é correto publicar os convites do evangelho. Um ser humano pode ser perfeitamente sincero em dar um convite que ele sabe que será recusado. Ele pode desejar que o convite fosse aceito, enquanto pode, por certas razões de justiça e dignidade pessoal, estar*

*indisposto a empregar esforços especiais, além do convite mesmo, para conseguir a aceitação daquele a quem se deu o convite” (Strong).*

O convite ou chamada de Deus a todos os homens parece indicar que todos os homens podem aceitá-lo mais do que Seu mandamento a todos os homens para amarem-O supremamente parece indicar que todos os homens podem amá-Lo?

## **2) O ensino quanto ao propósito eletivo de Deus de salvar somente uma porção da raça de Adão**

Dizem os arminianos que, se Deus resolveu salvar só uma parte da raça de Adão, então Ele não pode sinceramente convidar todos os homens a virem a Cristo para a salvação. Observe-se primeiro, quanto a esta fase da objeção, que o objetor, para ter a aparência de coerência, deve negar a presciência de Deus; porque, se Deus conheceu tudo antes, então Ele certamente conheceu antes que todos os homens não creriam no evangelho, desde que entendemos que todos não crêem. E, certamente, nenhum evangélico diria que Deus propôs salvar os que rejeitam o evangelho. De modo que, se a presciência de Deus for verdadeira, então Deus propôs salvar só uma parte da raça de Adão (crentes). Daí, a coerência requer que o arminiano ceda ou esta fase da objeção ou, na alternativa, a presciência de Deus. Não pode ser lógico e sustentar ambas.

## **3) O ensino de uma expiação limitada**

Este foi abordado em relação à sinceridade de chamada geral de Deus através do evangelho no capítulo anterior. No entanto, damos maior destaque agora, mesmo sendo breve. Se alguém está indo ante um grande número de pessoas para oferecer a cada um deles uma nota de dez dólares, e ele tem conhecimento inerente antes que apenas uma centena desse número vai aceitar sua oferta, ele precisa, a fim de fazer uma oferta sincera a todos, ter mais de uma centena de notas de dez dólares? Certamente que não. Sabendo que ele tem um número suficiente para suprir todas que vão aceitar a oferta, ele pode tão livre e sinceramente dizer: “Que cada um de vocês que deseja uma nota de dez dólares venham a mim e eu vos darei uma.” Não é claro para todos os



que podem pensar logicamente que, no caso como o descrito acima, o fracasso de todas as pessoas, senão a centena que recebeu uma nota de dez dólares seria devido à sua recusa da proposta e não por uma falta de provisão?

A chamada geral de Deus é em aparência nada mais do que é na realidade. E Deus não parece intencionar mais do que Ele atualmente intenciona. Isto não parece como algo que todos os homens podem responder, nem como algo que habilitará os homens a vir a Cristo, ou que, necessariamente, os impila a vir. Essa chamada também não parece afirmar que Deus fez uma fraca provisão de salvação para os que persistem na incredulidade. Nesta chamada Deus parece intencionar que todos os homens são bem-vindos se quiserem vir; que todos serão aceitos se vierem. Atualmente Ele não intenciona outra coisa. É tão correto a Bíblia afirmar que todos quanto vierem a Cristo serão salvos como é correto dizer que só os eleitos serão salvos. Podemos subscrever cordial e alegremente a Declaração da Fé de New Hampshire quando diz: “nada impede a salvação do maior pecador sobre a terra, a não ser a sua própria depravação inerente e a sua recusa voluntária em submeter-se ao Senhor Jesus Cristo”. Noutras palavras, estas são as coisas que levam o pecador ao inferno.

## II - A CHAMADA INTERNA

As seguintes passagens referem-se à chamada interna: Atos 2:39; Romanos 1:6; 8:28,30; 9:11,24; 1 Coríntios 1:1; 7:15; Gálatas 1:15; 5:8; Efésios 4:4; Colossenses 3:15; 1 Tessalonicenses 2:14; 5:24; 2 Timóteo 1:9; Hebreus 9:15; 1 Pedro 1:15; 2:9; 3:9; 5:10; 2 Pedro 1:3,10; Judas 1. Algumas dessas passagens, como já falamos antes, parecem aludir a ambas as chamadas, interna e externa.

### 1. ESTA CHAMADA É UMA CHAMADA DIRETA POR MEIO DO ESPÍRITO

O Espírito Santo toma o evangelho pregado e, abrindo o coração do pecador (Atos 16:14), aplica a Palavra ao coração com poder regenerador. É quando isto acontece, e apenas depois disso, que o homem pode entender e receber as coisas do Espírito de Deus. Assim a chamada interna é também pelo evangelho, mas pelo evangelho aplicado pelo Espírito Santo. As passagens tocando nesta obra do Espírito através da Palavra serão fornecidas quando estudarmos a regeneração.

## **2. ESTA CHAMADA É PARTICULAR**

Por meio dela os objetos da graça salvadora de Deus são separados. A diferença aqui entre as chamadas externa e interna pode ser ilustrada de forma imperfeita pela diferença entre um convite geral feito pela igreja ao povo de uma comunidade para frequentar seus cultos e os convites pessoais que se estendem a indivíduos particulares pelos membros da Igreja. Sem dúvida, como dissemos, isto só imperfeitamente ilustra a diferença entre as duas chamadas de Deus. Romanos 8:30 mostra a particularidade desta chamada.

## **3. ESTA CHAMADA É SEMPRE EFICAZ**

Está estabelecido que as passagens dadas no princípio do tratamento desse assunto referem-se a uma chamada efetiva e eficaz. Nunca é resistida com sucesso; contudo, em respondê-la, o homem age voluntária e livremente. Veja o capítulo sobre “A livre agência do homem”. A efetividade desta chamada está afirmada em Romanos 8:28,30; 1 Coríntios 1:24.



## CAPÍTULO 24

# O NOVO NASCIMENTO

A última coisa considerada no capítulo anterior é a chamada interna. Esta chamada vem aos homens no novo nascimento. Isto nos traz, logicamente, a um estudo do novo nascimento ou regeneração.

## **I - A NECESSIDADE DO NOVO NASCIMENTO**

### **1. O FATO DE SUA NECESSIDADE**

Jesus não deixou dúvidas quanto a indispensável necessidade do novo nascimento como um pré-requisito à entrada no Reino de Deus quando Ele disse a Nicodemos: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” (João 3:5).

## 2. RAZÕES DE SUA NECESSIDADE

O novo nascimento é necessário porque:

### 1) As bênçãos espirituais de Deus são somente para os filhos espirituais

Romanos 8:16,17. O homem, por natureza, não é um filho espiritual de Deus, ainda que o seja naturalmente. Adão é chamado “o filho de Deus” (Lucas 3:38). Esta filiação baseou-se, não no nascimento, nem na mera criação, mas na semelhança de Deus herdada pelo homem.

Essa imagem era dupla: Adão tinha uma similaridade moral ou espiritual com Deus na santidade. Tinha uma similaridade natural com Deus na personalidade. Para discussão mais ampla dessas semelhanças veja o capítulo sobre “O Estado Original e Queda do Homem”. Quando o homem caiu, ele perdeu a semelhança moral e espiritual com Deus e assim cessou de ser um filho espiritual de Deus. Mas ele não perdeu sua personalidade, não caiu ao nível de um bruto e assim reteve uma base natural de filiação. Isto explica Atos 17:28-29.

Espiritualmente e moralmente o homem é um filho do diabo (João 8:44; e I João 3:10), porque traz a semelhança espiritual e moral do diabo. Assim ele deve nascer de novo para herdar as bênçãos espirituais de Deus, porque estas, como Romanos 8:16,17 mostra claramente, não são para ninguém exceto Seus filhos espirituais.

### 2) O homem está espiritualmente morto e o reino de Deus, tanto aqui como no além, é por natureza espiritual

Romanos 5:12; Efésios 2:1; Colossenses 2:13; I João 3:14. A afirmação que o homem está espiritualmente morto quer dizer que por causa do pecado o homem está completamente sem vida espiritual divina; contudo, ele tem vida espiritual natural. O seu espírito perdeu toda verdadeira afinidade com Deus. Ele não tem afeto por Deus ou pelas coisas espirituais (Romanos 8:7,8). Ele não tem habilidade para as coisas espirituais (Jeremias 13:23; João 6:65).

Portanto, nada há na natureza do homem que o qualifique para a cidadania num reino espiritual. Uma pessoa espiritualmente morta não pode habitar um reino espiritual; da mesma maneira que uma pessoa fisicamente morta não pode habitar um reino físico. Assim, é necessário o homem nascer de novo para poder entrar no

reino de Deus.

### **3) Estar no reino de Deus implica submissão ao domínio de Deus e o homem por natureza está num estado de inimizade contra Deus**

Romanos 8:7,8. O reino de Deus é Deus reinando nos corações e vidas dos Seus santos. Entrar no Seu reino é submeter-se ao Seu domínio. Mas o homem, por natureza, não pode fazer isso porque ele está em inimizade contra Deus. É necessário o novo nascimento para que esta inimizade seja dominada.

## **II - A NATUREZA DO NOVO NASCIMENTO**

### **1. CONSIDERADA NEGATIVAMENTE**

#### **1) Não é uma erradicação da velha natureza**

O novo nascimento pode-se chamar uma “mudança de coração” no sentido de uma transformação da disposição preferencial (incluindo a mente e os afetos bem como a vontade), mas o novo coração não desarraiga o velho. O velho, ou a natureza carnal, fica. Vide Romanos 7:14-25; Gálatas 5:17. O novo coração ou nova natureza é colocada lado a lado da velha e o santo tem duas naturezas, como as passagens antes citadas mostram. O novo nascimento deixa a velha natureza inalterada.

A velha natureza ou natureza carnal, como distinguida da nova natureza ou disposição estabelecida no novo nascimento, é designada de várias maneiras no Novo Testamento. É chamado de (1) a carne - Grego “sax” (João 1:13; Romanos 7:18,25; Romanos 8:4,5,8,9,13; I Coríntios 5:5; II Coríntios 10:2; Gálatas 5:13,16,17,19,24; Efésios 2:3; Colossenses 2:11,23; I Pedro 3:21; II Pedro 2:10,18; I João 2:16); (2) corpo - Gr. “soma” (Romanos 6:6; 7:24, 8:13; I Coríntios 9:27; Filipenses 3:21; Colossenses 2:11), (3), homem velho - Gr. “palaios anthropos” (Romanos 6:6; Efésios 4:22; Colossenses 3:9); (4) pecado que habita - Gr. “oikousa en emoi hamartia” (Romanos 7:17,20); (5) mente carnal - Gr. “to phronema tes sarkos” (Romanos 8:7).

Há várias coisas que estas passagens Bíblicas não ensinam: (1) Elas não

ensinam que a matéria física da qual o corpo é composto é pecaminoso. Não há nessas passagens qualquer sugestão de que a matéria é inerentemente má, como os Maniqueístas ensinavam. (2) Elas não afirmam que existe no crente duas almas ou dois espíritos. (3) Elas não ensinam que o crente tem duas personalidades. (4) Elas não significam que o crente tem dois centros de vontade.

Essas passagens ensinam que do corpo físico, enquanto influenciado pela alma regenerada, ainda surgem concupiscências, ou seja desejos vis (Gálatas 5:16,17; Colossenses 3:5; 1 Tessalonicenses 4:5; Tiago 1:14,15.; 1 João 2:16), que tendem sempre para produzir todas as obras da carne mencionadas em Gálatas 5:19-21; e, assim, a alma regenerada está impedida a dar decisões executivas e eficazes que seriam em conformidade com suas preferências inatas ou, a sua escolha preferida de santidade conforme estabelecido especialmente em Romanos 7:15-25; Gálatas 5:17.

## **2) Não é uma simples aquisição de religião**

O homem é naturalmente religioso. Note os Atenienses pagãos em Atos 17. Lembre também das várias religiões e formas de adoração nas terras pagãs de hoje. Não importa quão religioso um homem se torne, sem o novo nascimento ele permanece essencialmente pecaminoso. Nós lemos num folheto Metodista: “Cremos que alguém pode ‘adquirir religião’, perder esta religião, e ficar eternamente perdido.” Nós escrevemos na margem: “Eu proponho algo um pouco melhor do que isto. Eu creio que um homem pode adquirir religião, continuar nela, e ir para o inferno, levando a sua religião consigo.”

## **3) Não é reformação humana**

A reformação humana é superficial, deixando a natureza inteira essencialmente a mesma. Por essa razão a reformação humana provavelmente não dura. O novo nascimento será seguido de mudanças, mas são mudanças que provém de uma transformação fundamental na disposição preferencial e não a que se baseia numa simples resolução da mente. A reformação humana nunca consegue tirar o pecado da alma e implantar uma nova disposição.

#### 4) Não é adoção

Adoção é um termo judicial. É o resultado imediato de justificação. Não é o mesmo que regeneração. A adoção faz-nos filhos de Deus legalmente, ao passo que a regeneração nos faz filhos de Deus experimentalmente. A adoção traz mera mudança de parentesco legal. A regeneração muda nossa natureza. A adoção tem haver conosco pois somos os filhos, espiritualmente e moralmente, do diabo por natureza. A regeneração tem haver conosco como aqueles que são por natureza sem a vida espiritual.

#### 5) Não é uma alteração da substância ou essência da alma, nem uma infusão de substância nova na alma, nem a criação de alguma faculdade nova na alma

Na queda, o homem não sofreu perda ou alteração na substância ou essência da alma. Ele também não foi privado de qualquer dote natural ou faculdade. Após a queda, o homem ainda era capaz de conhecer, sentir e desejar. Ele ainda tinha consciência.

A queda envolveu como prioridade a escolha do mal como alvo. Esta escolha perverteu e cegou a mente para a verdade espiritual (Gênesis 6:1; Romanos 8:7; 1 Coríntios 2:14; II Coríntios 4:3,4), corrompeu o coração (Jeremias 17:9; João 3:19; Mateus 15:19; Hebreus 3:12; 1 João 2:15), contaminou a consciência (Tito 1:15; Hebreus 10:22), e escravizou a vontade (Jeremias 13:23; João 6:65, 8:34, 12:39,40; Romanos 6:16,17). Na regeneração tudo isso é revertido quando somos capacitados pelo poder vivificador do Espírito para priorizar a escolha de santidade como alvo.

## 2. CONSIDERADA POSITIVAMENTE

A regeneração, ou o novo nascimento, é uma obra sobrenatural e instantânea de Deus na parte da alma, que é na sua subconsciência, pela qual a tendência pecaminosa herdada nas faculdades da alma durante a queda da humanidade está transformada, e pela instrumentalidade da Palavra de Deus, o primeiro exercício de uma santa disposição dada por Deus é manifestada.

Considerando esta definição supra de regeneração e as Escrituras notemos que:

### **1) É um ato de Deus**

O homem não pode dar nascimento a si mesmo. João atribui claramente a regeneração a Deus quando, ao falar de nascermos outra vez, diz: “Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” (João 1:13). Esta passagem nos diz que a nova natureza não é hereditária; que ela não provém da vontade da velha natureza (carne); e que não se realiza pela vontade de homem algum, mas é operada por Deus. Arrependimento e fé nunca são condições para a regeneração mas, são dádivas de Deus. Na regeneração não temos um homem agindo sobre a si mesmo ou por outro homem qualquer, mas um homem recebendo a ação Divina. Baseado nessa verdade podemos amplificar a afirmação que encabeça este parágrafo e dizer que a regeneração é um ato soberano de Deus. João 3:8. Na sua fase inicial (vivificação), a regeneração é incondicional. O homem, pela ação sua, não obriga Deus a o regenerar. A agência do Espírito na regeneração é declarada em João 3:5.

### **2) É um ato supernatural**

Em certo sentido, a queda da chuva, o sopro do vento, e o relampejar dos relâmpagos são as obras de Deus. Mas elas ocorrem de acordo com as leis da natureza. O nascimento carnal representa uma obra de Deus, mas é de acordo com as leis naturais de reprodução. O novo nascimento é diferente. Não é realizado simplesmente por leis da natureza ou de processos naturais. O natural é para o pecador continuar no pecado. Nem o pecador, nem qualquer outra força natural ou agência de si mesmo, tem o poder para reverter o curso da vida pecaminosa. Igual um etíope não tem o poder de mudar a sua pele ou um leopardo mudar as suas manchas. Jeremias 13:23.

### **3) É um ato instantâneo**

A. H. Strong diz: “A regeneração não é uma obra gradual. Conquanto possa haver uma obra gradual da providência de Deus e do Espírito, preparando a mudan-



ça, e um reconhecimento gradual dela depois que ocorre, deve haver um instante de tempo em que, sob a influência do Espírito de Deus, a disposição da alma, logo antes hostil a Deus, muda-se para O amar. Qualquer outra ideia assume um estado intermediário de indecisões que não tem nenhum caráter moral e confunde a regeneração com a convicção ou com a santificação.” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 458).

A regeneração consiste em gerar e produzir uma vivificação e um nascimento. E, por causa disso, alguns tem tentado explicar uma tal analogia entre os nascimentos físicos e espirituais introduzindo um lapso de tempo entre gerar e nascer; mas a separação quanto ao tempo entre gerar e nascer no reino físico é ocasionada por condições que são peculiares ao referido reino. Nenhumas condições tais prevalecem no reino espiritual.

Alguns tentaram interpor um elemento de tempo entre gerar e nascer, fazendo uma distinção entre as passagens das Escrituras, mostrando alguns como referindo-se a geração e outros como se referindo ao nascimento ou dando à luz. Há três palavras gregas usadas com referência ao novo nascimento. São eles: “apokueo”, usado apenas uma vez (Tiago 1:18); “anagennao”, usado apenas duas vezes (I Pedro 1:3,23); e “gennao”, usado muitas vezes e traduzido por tanto “gerar” e “nascido”. As palavras gregas têm o mesmo significado substancial. Eles se referem a todo o trabalho de regeneração, e assim fazer as passagens em que eles são usados.

#### **4) Acontece na região subconsciente da alma**

Que há uma região subconsciente da personalidade humana é uma proposição necessária para corretamente analisar fenômenos psicológicos, tais como certas tendências mentais, amnésia, sono e sonhos. Além disso, esta proposição também é necessária para a compreensão da obra do Espírito, inspirando escritores Bíblicos, e revelações divinas através de sonhos, transe e visões sobrenaturais. Veja Gênesis 20:3, 31:11-13; 1 Reis 3:5; Jó 33:14-18; Isaías 1:1; Daniel 2:19, 7:1, 8:1; Obadias 1; Naum 1:1; Habacuque 2:2; Mateus 1:20, 2:12; Atos 10:10-16, 16:9, 18:9,10, 27: 23-25; 2 Coríntios. 12:1-4; Apocalipse 1:10, 4:1.

Delitzsch diz bem que nós “que moramos num corpo terreno, e temos

como um pano de fundo do nosso ser uma região desconhecida de qual a nossa capacidade mental esforça-se a vir à luz do dia; e assim avança muito, especialmente quando dormimos, e disso chegamos a um conhecimento só olhando para trás.”Então ele diz ainda: “Certamente, a profundidade da natureza interna do homem, no qual ele entra no sono, esconde muito mais do que é manifestado. Foi [publicado em 1855] um erro fundamental da maioria dos psicólogos até então, fazer a alma capaz de agir somente naquilo que a sua consciência pode determinar: essa filosofia abraça, como agora é reconhecida, uma abundância de poderes e relações muito maior em número do que pode comumente aparecer em sua consciência.” ( *A System of Biblical Psychology, Um Sistema de Psicologia Bíblica*) (Jeremias 17:9).

Que foi nesta região subconsciente que a nossa depravação aconteceu é evidenciado pelo fato que a Bíblia diz que somos por natureza mortos no pecado (Efésios 2:5; Colossenses 2:13) e por termos um coração enganoso cuja maldade não podemos conhecer plenamente (Jeremias 17:9).

Que esta é a região onde a regeneração acontece e onde o Espírito habita em união com a alma regenerada e efetua a Sua obra é provado por (1) o fato de que a vivificação precisa ocorrer na mesma região onde estamos mortos - que o estado natural da morte espiritual motiva a vontade (e, portanto, na nossa subconsciência) está ainda provado pelo fato de que enquanto estamos no estado natural podemos ter volição mas não podemos desejar aquilo que agrada a Deus (Jeremias 13:23; João 6: 65, 12:38-40; Romanos 8:7,8; II Coríntios 4:3,4; II Timóteo 2:24-26); (2) o fato de que o poder vivificante do Espírito é dito operar como o vento - este poder vivificante é além do nosso controle e compreensão, e observado por nós somente por causa dos seus efeitos (João 3:8), (3) o fato de que o Espírito Santo habita em nós e nos sela (João 7:37-39; 14:17; I Coríntios 6:19; Efésios 1:12-14), movendo-nos a orar (Gálatas 4:6), interpretando os nossos gemidos inexprimíveis (Romanos 8:26-27), e mesmo assim não somos conscientes de uma segunda pessoa dentro de nós; (4) o fato de que Deus opera em nós o querer (Filipenses 2:13), e, portanto, deve operar na volição. Somente desta forma Deus pode garantir que o filho de Deus “não pode pecar” (I João 3:9), no sentido de renunciar aquele preferido alvo em qual a vontade é fixada em regeneração.

### **5) Retifica o que ocorreu na alma na queda da raça**

Antes da queda, os corpos e as almas de Adão e Eva eram harmoniosos em santidade, os seus corpos estando sob o perfeito controle de suas almas santas. A queda real foi interna. “O comer do fruto proibido é apenas a manifestação externa da ação que já foi internamente cometida” (Delitzsch, *ibid*, pág. 147). Com a tentação, sua natureza moral sendo permitida por Deus a enfraquecer (Ele não forneceu a graça extra que teria impedido a queda), os desejos corporais tornando-se desordenados, dominou a alma e trouxe-a em harmonia com os seus desejos desordenados. Assim, as faculdades da alma se desviaram de Deus. Na regeneração essas faculdades se voltam para Deus. O corpo é permitido nesta vida para permanecer no centro das afeições desordenadas. Mas o pecado não permanece na alma, de modo que a alma, como era antes da salvação, quando se apartar do corpo, estava pronta para a perdição; depois da salvação está pronta para entrar na presença de. Fé operada pelo Espírito regenerador de Deus purifica a alma. 1 Pedro 1:22.

Assim, o crente tem a imagem de Deus restaurada na alma (Efésios 4:24) e participa da natureza divina (2 Pedro 1:4) enquanto as faculdades santas da alma são trazidas à manifestação.

### **6) Não está completo até que o arrependimento e a fé tenham sido operados na alma**

É a esses que nos referimos quando falamos antes do “primeiro exercício da disposição santa”, qual exercício é obtido pela regeneração. Arrependimento e fé devem ser considerados como parte da regeneração, em vez de frutos da regeneração. A alma não é renovada se ela permanece na impenitência e incredulidade. Estas atitudes do coração são produzidas pela regeneração. Isto é confirmado pelo fato de que a Verdade é usada instrumentalmente na regeneração. Se a regeneração não consistisse na operação de arrependimento e fé no coração, não haveria necessidade da instrumentalidade da Palavra.

Do exposto, vemos que o homem não é totalmente passivo na regeneração. Ele é passivo na concessão inicial da vida, em que as faculdades morais da alma são recuperadas da depravação da queda e uma disposição santa e

governante é estabelecida, mas no exercício inicial desta disposição santa, o homem é ativo.

### III - COMO É EFETUADO O NOVO NASCIMENTO

#### 1. CONSIDERADO NEGATIVAMENTE

##### 1) Não por educação ou cultura

A educação e a cultura não podem tirar do homem aquilo que não esteja nele. Daí, desde que o homem é essencialmente pecaminoso e totalmente depravado, a educação e a cultura não podem nunca produzir aquela santa disposição que é operada na regeneração.

##### 2) Não por batismo

Que o batismo não é instrumental no novo nascimento, está provado pelos seguintes fatos:

**Não há nenhum meio concebível pelo qual o batismo possa remover o pecado da alma ou comunicar uma santa disposição governante.**

Os meios físicos não podem nunca operar uma mudança espiritual. A ideia de regeneração batismal “é totalmente e em toda parte um esquema geral que faz a salvação ser mecânica em vez de moral, e é mais coerente com uma filosofia materialista do que espiritual.” (Strong). A quem disser que no batismo entramos em contato com o sangue de Cristo, damos a resposta é que este é um subterfúgio anti-bíblico e infantil que é usado somente por aqueles que são derrotados e não têm a honestidade de admiti-lo.

**Pedro afirma que o batismo não é o despojo da imundícia da carne (a natureza carnal) senão a resposta de uma boa consciência para com Deus (I Pedro 3:21).**

Uma boa consciência é a que foi purificada pelo sangue de Cristo (Hebreus

9:14). Até que assim se purifique, a consciência é má (Hebreus 10:22). E quando alguém é purificado, não há mais consciência de pecados (Hebreus 10:2). Daí um que tem uma boa consciência nunca fará nada para poder salvar-se, porque não tem consciência de pecados, nenhum sentimento de necessidade de salvação. Tudo isto prova que alguém está salvo antes do batismo e não por meio do batismo.

**As palavras de Jesus em Mateus 3:15 ensinam que o batismo é uma obra de justiça e Paulo diz que não somos salvos somente pelas obras de justiça Tito 3:5.**

**A fé deve preceder o batismo (Atos 2:41, 8:37, 19:1-5), e quando a fé é exercitada, o pecador já está salvo (João 3:18; 5:24; I João 5:1).**

Esta é uma posição que nenhum defensor da instrumentalidade do batismo na salvação já teve a coragem de encarar.

**Quando a fé já foi exercitada, a regeneração está completa; logo, o batismo que segue a fé não pode ser instrumental na regeneração.**

O fato é que a fé é operada no coração na regeneração como já foi provada e será apresentada melhor ainda no capítulo sobre a conversão.

**O ladrão na cruz foi salvo sem batismo.**

A suposição que este ladrão deve ter tido o batismo de João antes de sua crucificação não tem base. Tal batismo não teria sido melhor do que o batismo recebido pelos doze em Éfeso, porque teria sido, como o dos doze, sem fé em Cristo, portanto não válida. A ideia que o ladrão e os outros durante o ministério pessoal de Cristo foram salvos sem a participação do Evangelho mas com uma dispensação especial de Deus ou de Cristo quer dizer que a morte de Cristo foi desnecessária. Se Deus pudesse salvar alguns sem o Evangelho, Ele poderia também salvar todos da mesma maneira. O esforço para estabelecer que as palavras de Cristo ao ladrão formassem uma pergunta em vez de uma declaração é absurdo e sem o mais leve pretexto no grego. Que o paraíso é o céu, a presença imediata de Deus, está evidente de Apocalipse 2:7 e 22:1,2. Passagens pensadas por muitos para ensinar que o batismo é necessário para a salvação são tratadas no capítulo sobre o Batismo.

## 2. CONSIDERADA POSITIVAMENTE

A regeneração é operada:

### 1) Pelo Espírito Santo

João 3:5 nos diz que o novo nascimento é pelo Espírito Santo. Há dois sérios erros em relação à obra do Espírito Santo na regeneração. Um é que Ele opera (pelo menos em alguns casos) inteiramente independente e à parte da Palavra escrita de Deus. Isto é sustentado pelos Cascaduras. Consequentemente, eles creem que os homens podem salvar-se sem o conhecimento da Palavra de Deus escrita. As passagens que atribuem à Palavra de Deus num lugar na regeneração, que são notadas sob a próxima epígrafe, refutam esta noção. O outro erro a que aqui nos referimos é o ensino que o Espírito na regeneração não age imediatamente sobre a alma, mas somente imediatamente por meio da Palavra. Isto é o ensino dos Campbelistas.

*“As asserções escriturísticas da morada do Espírito Santo e do Seu imenso poder na alma proibem-nos considerar o divino espírito na regeneração como vindo em contato, não com a alma, mas somente com a Verdade. Desde que a Verdade é só o que é, simplesmente, não pode haver mudança operada na Verdade. As frases “energizar a Verdade”, “intensificar a Verdade”, “iluminar a Verdade”, não têm nenhum sentido, uma vez que Deus não pode fazer a Verdade mais verdadeira. Se houver alguma mudança, ela deve ser operada na alma e não na Verdade.” (Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 453).*

A depravação e inabilidade do homem por natureza de receber a Verdade e converter-se do pecado para Cristo e para a justiça (Jeremias 13:23; João 6:65; 1 Coríntios 2:14) também provam a necessidade absoluta do impacto imediato e da operação do Espírito Santo sobre a alma na regeneração. “O mero aumento de luz não fará que o cego veja; a doença do olho deve primeiro ser curada para que o cego veja objetos externos. Assim a obra de Deus na regeneração deve ser executada dentro da alma. Sobre qualquer influência da Verdade deve-se ter a influência direta do Espírito Santo sobre o coração.” (ibid).

## 2) Usando a instrumentalidade da Palavra

A instrumentalidade da Palavra na regeneração está ensinada em João 3:5; Efésios 5:26; Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23. É evidente em 1 Pedro 1:25 que a palavra nestas passagens é a Palavra escrita ou pregada e não o Verbo encarnado (que é Cristo). Em 1 Pedro 1:23 a palavra está caracterizada como aquilo que “vive e permanece para sempre”. Então, no verso 24, está referida a natureza corrompível de outras coisas. E, no verso 25, a durabilidade da Palavra está de novo referida, e está plenamente especificada que a referida Palavra é “a Palavra de boas novas que vos foi evangelizada” (tradução correta).

Todavia, carece ficar entendido (como temos já ensinado) que na primeira fase da regeneração (vivificação) o Espírito opera sobre a alma independente da Palavra. À alma espiritualmente morta deve ser dada a vida antes que ela possa ver e agir sobre a Verdade. É na vivificação que a capacidade é dada para vir a Cristo (João 6:65). É assim que Deus entrega os homens à posseção de Cristo (João 6:37).

Aqui, novamente, como seria de esperar, a falsidade da teologia de Charles G. Finney se manifesta. Ele contradiz a si mesmo abertamente. Ele faz a regeneração ser a obra pessoal do Espírito Santo, e ainda nega que o Espírito faz um impacto direto sobre a alma. Dessa maneira ele acha que uma influência humana seria dada em regeneração. Ele afirma que o homem tem a natural capacidade de obedecer a Deus, mas ainda ensina que nenhum homem pode ser salvo sem a obra do Espírito Santo. Se lesse o tratamento dele sobre a regeneração, então entenderia perfeitamente o porquê que o Sr. Finney temporariamente vacilou sobre a questão da perseverança dos santos. Realmente, de acordo com seu ponto de vista da regeneração e da natureza humana e do método de Deus para lidar com o homem, ele não tem nenhuma razão lógica para acreditar na perseverança dos santos, e, sem dúvida, não acreditaria nele se ele poderia encontrar algumas maneiras de anular as declarações simples da Escritura com relação a elas. Ver pág. 254, 288, 296, 324, 325, 552, de Palestras de Finney de Teologia Sistemática.

## IV. EVIDÊNCIAS DO NOVO NASCIMENTO

### 1. CONFIANÇA GENUÍNA SÓ EM CRISTO PARA A SALVAÇÃO

Notamos que a fé é operada no coração como uma parte (a secundária) da regeneração. Isto é necessariamente assim porque a nova natureza não pode existir na incredulidade. A fé que se opera no homem pela regeneração é totalmente necessária para confiar implicitamente em Cristo como salvador pessoal. Não é meramente crença a respeito dEle, mas fé e confiança nEle e sobre Ele. Isto é tão evidente das passagens que tratam da fé que argumento mais extenso não é preciso para substantiá-lo.

Ninguém se regenerou até que esteja pronto a confiar o seu bem-estar eterno inteiramente a Cristo. Deve ter se arrependido das obras mortas (Hebreus 6:1). Todas as obras engajadas para a salvação são obras mortas. Nenhuma fé é considerada como justiça e portanto não é fé salvadora, excetuando a fé daquele “que não pratica” nada para salvação (Romanos 4:5). Enquanto alguém está olhando para qualquer outro ser além de Cristo, este tal não é regenerado.

### 2. O TESTEMUNHO E A HABITAÇÃO DO ESPÍRITO

Romanos 8:16,9; 1 João 3:24; 4:13. O testemunho e a habitação do Espírito não se evidenciam por algum sentimento vago, místico, e inútil, mas pelo o poder governante e constante do poder do Espírito (Romanos 8:14) que produz devoção a Deus e uma vida de obediência. É pela habitação constante do Espírito e a Sua operação em nós que Deus executa até ao fim a obra que Ele começa em nós na regeneração (Filipenses 1:6, 2:13). O testemunho e a moradia do Espírito estão evidenciados nestas maneiras que seguem.

### 3. PRONTIDÃO EM ACEITAR A PALAVRA DE DEUS

João 8:47. Uma pessoa regenerada sempre mostrará um desejo de conhecer a vontade do Seu Pai em tudo e seguir aquela vontade quando se torna conhecida. Não se encontrará andando habitualmente em rebelião aberta contra a Verdade.

### 4. RECONHECIMENTO DO PECADO

Romanos 7:14-25; 1 João 1:8. Nenhuma pessoa salva pensará de si mesmo que



é impecável. Os que creem que são, estão enganados e sem a Verdade pela qual somos regenerados (Tiago 1:18) e libertos (João 8:32). Isto o torna claro que não estão salvos. A nova natureza reconhecerá sempre a presença do pecado no corpo, como no caso de Paulo (Romanos 7:14-25). Essa nova natureza tem em si mesma a unção iluminadora do Espírito (1 João 2:27) e participa da natureza de Deus mesmo (2 Pedro 1:4), sendo criada em justiça e verdadeira santidade (Efésios 4:24). Não pode estar cega ao pecado.

### **5. AMOR DE DEUS E JUSTIÇA**

João 8:42; Romanos 7:22; 2 Coríntios 5:17; 1 João 4:16-19. Junto com a consciência do pecado interior terá o amor de Deus e da justiça, tal como no caso de Paulo. Paulo encontrou o pecado no corpo, mas deleitou-se na Lei de Deus segundo o homem interior.

### **6. UMA VIDA QUE É SEMPRE MAIS OBEDIENTE COMO SEU ALVO**

João 14:21-24; Romanos 6:14; 8:6,13; Gálatas 5:24; 1 João 1:6; 2:4,15; 3:8,9; 2 João 6. A vida da pessoa salva não será perfeita, mas será justa e obediente para com o seu intento maior. Para maior informação deste assunto veja o tratamento de 1 João 2:4.

### **7. PURIFICAÇÃO PROGRESSIVA**

1 João 3:3. O crente nunca alcançará perfeição sem pecado nesta vida, contudo ele sempre batalha contra os seus próprios pecados.

### **8. AMOR AOS OUTROS CRENTES**

1 João 3:14, 5:2. Há uma tal afinidade entre as pessoas regeneradas que elas se amam mutuamente. Uma evidência deste amor é que elas se alegram na presença e comunhão de uns com os outros. Deus, porém, somou uma outra prova de nosso amor pelos irmãos: se amarmos a Deus e guardamos os Seus mandamentos sabemos que amamos os filhos de Deus. Examina 1 João 5:2. Assim, de novo somos trazidos

de volta à matéria de obediência a Deus.

### **9. PERSEVERANÇA ATÉ AO FIM**

Mateus 10:22; Romanos 11:22; Filipenses 1:6; Colossenses 1:23; 1 João 3:9; 5:4. A perseverança tanto é uma doutrina da Escritura como a conservação. Pela conservação de Deus somos levados a perseverar. Estas duas doutrinas são perfeitamente coerentes e precisam ser sustentadas e pregadas como verdades gêmeas. Ninguém alcançará o céu senão aqueles que resistem firmes até ao fim e vencem o mundo. Vide as promessas aos vencedores em Apocalipse 3 e 4. Nenhuma promessa a outros. Mas todos dentre os regenerados vencerão (1 João 5:4).



## CAPÍTULO 25

# A CONVERSÃO

Deixando o lado divino da salvação para o lado humano, somos trazidos a uma consideração sobre a conversão. Notemos:

### **I - A CONVERSÃO DEFINIDA**

#### **1. A PRÓPRIA CONVERSÃO**

Quando dizemos a “própria” conversão queremos destacar o sentido técnico e teológico em que a doutrina é comumente usada. Neste sentido tem sido definido como segue:

*“Conversão é aquela mudança voluntária na mente do pecador em que ele se*

*vira do pecado, por um lado, para Cristo, doutro lado. Ao elemento primário e negativo<sup>1</sup> da conversão, ou seja, deixar o pecado, damos o termo 'arrependimento'. O elemento da conversão, último e positivo, ou seja, virar-se para Cristo, damos o termo 'fé'. Ainda mais: "Conversão trata do lado humano ou aspecto daquela mudança espiritual fundamental, que, vista do lado divino, é conhecida pelo termo 'regeneração.'" - A. H. Strong, Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 460.*

Podemos explicar mais ainda do que foi explicado por Strong nessa citação acima e dizer que a regeneração, ou o novo nascimento, no seu sentido maior, inclui a conversão. Está assim apresentada em tais passagens como Tito 1:18 e 1 Pedro 1:23, com a Palavra de Deus sendo distintamente representada como o instrumento do Espírito Santo na regeneração. Se o novo nascimento significasse somente a entrega de vida, então não haveria necessidade da instrumentalidade da Palavra. Portanto, podemos estabelecer que a regeneração tem tanto do lado divino como do humano. Ao lado divino podemos dar o termo 'vivificação' e o humano 'conversão'.

## 2. CONVERSÃO NO SEU SENTIDO GERAL

*"Pelo fato que a Palavra 'conversão' significa basicamente uma 'mudança', qualquer alteração de direção do cristão em relação ao pecado, depois daquela primeira, pode, num sentido subordinado, ser denominado uma conversão (Lucas 22:32). Desde que a regeneração não é uma santificação completa e a mudança da disposição preferencial da vontade do cristão não é a purificação completa da natureza, tais mudanças subsequentes em relação ao pecado são consequências necessárias e evidências da primeira (Cf. João 13:10). Mas essas alterações não implicam, como a primeira, mudanças radicais na disposição preferencial da vontade; mas são novas manifestações daquela disposição já mudada. Por esta razão, a própria conversão, como a regeneração, que é o seu lado oposto, pode ocorrer apenas uma vez." A. H. Strong, em Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 461.*

---

<sup>1</sup> Negativo, quando usado em teologia, não quer dizer algo que é nocivo, prejudicial, mas, quando em comparação, o lado que trata da ação, ou característico menos louvável. Neste caso é o pecado (nota de CCG).

Neste capítulo tratamos os sentidos técnico e teológico da conversão como já explicado.

## II - A ORDEM LÓGICA DE VIVIFICAÇÃO E CONVERSÃO

Como afirmamos acima, vivificação e conversão parecem ser os lados divinos da regeneração ou, do novo nascimento. É nosso propósito agora, portanto, considerar a questão quanto ao que é logicamente primeiro na regeneração, o lado divino ou o lado humano. Propor esta questão é respondê-la a todos que são capazes de pensar logicamente. O lado divino com certeza está antes do lado humano. Em consideração desta atitude notemos:

### 1. PROVAS APRESENTADAS

#### **1) A conversão envolve alterar-se completamente do pecado, o que o homem por natureza não pode fazer.**

Pela natureza normal do homem ele pode reformar sua vida um pouco: pode voltar-se de algumas apresentações do pecado; mas, por natureza não pode mudar a disposição governante de sua natureza. Está isso provado em Jeremias 13:23, que diz: “Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal.” O pecador está acostumado a fazer o mal; logo, é-lhe impossível voltar-se do mal (pecado) até que a sua disposição governante seja mudada. Isto é tão impossível como é para o homem com a cor de pele mais preta que existe alterar-se a si mesmo a ter a pele mais clara, ou o leopardo despir-se do seu manto malhado.

#### **2) A conversão é agradável a Deus e o homem natural não pode agradar a Deus**

Ninguém pode duvidar da primeira parte da afirmação supra. A última parte está provada em Romanos 8:8, que diz: “os que estão na carne não podem agradar a

Deus.” Isto inclui a todos a quem Deus não deu uma nova natureza.

**3) A conversão é uma boa coisa e nenhuma boa coisa pode proceder do coração natural**

Disse Paulo que não havia nenhuma coisa boa na sua natureza carnal (Romanos 7:18). Esta é a única natureza que o homem possui até que Deus lhe dê uma nova; portanto, a entrega de uma nova natureza, ou vivificação, deve vir antes da conversão. Afirmar diferente é negar a depravação total, a qual significa que o pecado permeou cada parte do ser humano e envenenou cada faculdade sua, não deixando no homem natural nenhuma coisa boa.

**4) A conversão envolve submissão à vontade ou à Lei de Deus e isto é impossível ao homem natural.**

A impossibilidade disso está estabelecida em Romanos 8:7, onde lemos: “Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser.”

**5) A conversão envolve receber a Cristo como o Salvador pessoal. Tal recebimento é uma ação espiritual para com um ser Espiritual. O homem natural não pode receber coisas espirituais.**

Esta última verdade está declarada em 1 Coríntios 2:14; como segue: “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” Se a verdade do poder salvador por Cristo pela fé não é pelo Espírito de Deus, ou seja, uma coisa que o homem somente pode entender pela revelação do Espírito, então qual verdade é pelo Espírito de Deus?

**6) A conversão é uma ressurreição espiritual. Numa ressurreição a entrega da vida deve sempre preceder a manifestação daquela vida que está ressurgindo.**

A conversão está representada em Efésios 2:4-6 como uma ressurreição espiritual, que diz: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos), e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” O ressuscitar nesse contexto representa a conversão. Assim, a questão que estamos considerando é quanto ao que é primeiro, o vivificar ou o ressuscitar. Não pode haver dúvida razoável que o vivificar é o primeiro num sentido lógico.

### **7) A conversão necessita que o pecador vá a Cristo e o ato do Pai em dar homens a Cristo precede a vinda deles a Cristo**

Em João 6:37 lemos como segue: “Todo o que o Pai me dá virá a mim”. Certamente que esta passagem coloca o ato do Pai em dar homens a Cristo logicamente anterior à vinda dos mesmos a Ele, o Filho. Este ato do Pai é um ato discriminativo e eficaz, porque todos que são dados vêm e todos os homens não vêm. Portanto este ato de dar não podia aludir ao ceder simplesmente a oportunidade de vir a Cristo, nem podia aludir à “habilidade graciosa” que os que advogam essa ideia se supõe a ser dada a todos os homens. Mas, este ato não pode referir-se a nada menos que à entrega atual de homens à imediata posseção de Cristo pela vivificação deles à vida. Os homens vêm a Cristo na conversão. Assim o vivificar deve preceder a conversão.

### **8) A conversão envolve a ida a Cristo e nenhum homem pode vir a Cristo a menos que Deus lhe dê habilidade para fazer assim**

Em João 6:65 lemos: “Por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido.” Esta passagem, como notada há pouco, não se refere à mera entrega de oportunidade de vir a Cristo, nem à provisão de uma “graciosa habilidade” pelas mesmas razões apresentadas supra em comentar João 6:37. Esta última passagem, assim como a primeira, refere-se a um ato discriminativo. O contexto faz esse ensino bem claro no caso de João 6:65. As palavras desta passagem foram faladas para explicar o fato do por que alguns não creem.

Nenhuma destas últimas passagens pode referir-se a qualquer espécie de mera assistência que Deus pudesse supostamente dispensar ao homem natural, porque ar-

rependimento e fé não podem proceder do coração natural, conforme já mostramos. Ambas as passagens não podem referirem-se a nada menos que o poder vivificador de Deus, no qual os homens são habilitados a vir a Cristo.

## 2. AS ESCRITURAS EXPLICADAS

Sendo verdadeiro o fato que diz que a conversão é o resultado de vivificar e, portanto, não é uma condição para a vivificação, pode ser perguntado como devemos entender aquelas passagens que fazem da fé uma condição de filiação. Veja João 1:12; Gálatas 3:26. Respondemos que essas passagens se referem à filiação através da adoção e não a filiação através da regeneração. Como já notamos, a adoção é um termo legal: ela vem como um resultado imediato da justificação. Não é o mesmo como um resultado imediato da justificação. Não é a mesma coisa da regeneração. A regeneração confere o direito de filiação. A regeneração confere a natureza de filhos.

## III - A RELAÇÃO CRONOLÓGICA DA VIVIFICAÇÃO E DA CONVERSÃO

Porque a vivificação *logicamente* precede a conversão não é prova que o faz em relação ao tempo, ou seja, cronologicamente. Mantemos que a vivificação não precede a conversão em relação ao tempo, mas ambas são sincronizadas ou simultâneas. Notemos:

### 1. ARGUMENTOS EM PROVA DISTO

**1) Uma diferença cronológica entre vivificação e conservação criaria a existência de um monstro, ou seja, um indivíduo com vida dos céus, mas ainda na incredulidade.**

Quando Deus comunica a nova vida, participamos da natureza de Deus (2 Pedro 1:4). E é impossível que uma tal natureza fosse incrédula. Quando a Bíblia aponta aos incrédulos ela classifica todos como mortos. Daí, não pode ser que haja nunca um instante em que exista a vida nova sem fé.



## 2) A Escritura declara que somente aquele que tem o Filho tem vida

Isto está declarado em 1 João 5:12. *Ter* o Filho envolve *crer* no Filho. Portanto, ninguém tem a vida exceto crentes; ou, para dizê-lo de outra maneira, todos os que têm vida são crentes; logo, não pode haver período algum de tempo entre vivificar e converter.

## 2. EXPLICAÇÃO

Como pode haver uma sucessão lógica sem uma sucessão cronológica? Um número de ilustrações poderia ser dado para mostrar que é possível, mesmo no reino físico. Uma ilustração apta é como se segue. Imagine-se um tubo que vá da costa do Atlântico dos Estados Unidos ao Pacífico. Agora imaginai também que este tubo está cheio de um fluido incompressível. Quando a pressão é feita deste fluido na costa atlântica, instantaneamente será registrada no Pacífico. Todavia, logicamente, a pressão dada numa extremidade deve preceder o registro dela no outro extremo.

Damos então a seguinte bela ilustração da simultaneidade de vivificação e conversão. É de Alvah Hovey, como dada por A. H. Strong: “Ao mesmo tempo em que Deus faz sensível a chapa fotográfica, Ele raia com a luz da verdade por meio da qual se forma na alma a imagem de Cristo. Sem a sensibilização da chapa ela nunca fixaria os raios de luz de modo a reter a imagem. No processo de sensibilização, a chapa é passiva; quanto à influência da luz ela é ativa. Tanto em sensibilizar como em fazer a imagem o agente real não é nem a chapa nem a luz, mas o fotógrafo. O fotógrafo não pode executar ambas as operações no mesmo momento. Deus pode. Ele dá a nova preferência afetiva e no mesmo instante Ele garante o seu exercício em vista da verdade.”

## 3. OBJEÇÃO RESPONDIDA

A posição acima citada pode ser objetada que “a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação” (II Coríntios 7:10), mas um morto em pecado não pode ter tristeza divina. Isto é verdade. Mas a tristeza divina opera arrependimento instantaneamente e é simultâneo com o arrependimento. É impossível pensar biblicamente de um homem exercitando tristeza divina sem possuir também a mente e a

atitude mudadas para com o pecado. A tristeza divina, bem como a vivificação, *logicamente* precede o arrependimento, mas nenhuma delas o precede *cronologicamente*.



## CAPÍTULO 26

# ARREPENDIMENTO E FÉ

No último capítulo notamos que a conversão tem os elementos arrependimento e fé. Agora queremos avançar em nosso estudo à consideração deles.

## **I - O ARREPENDIMENTO CONSIDERADO SEPARADAMENTE DA FÉ**

### **1. AS PALAVRAS ORIGINAIS**

Existem, na língua grega, duas palavras para o arrependimento. São “metanoeo” (sendo a forma correspondente do nome “metanoia”) e “metamelomai” (da qual a forma do nome não ocorre no Novo Testamento). Só a primeira palavra se associa com a salvação. A última palavra é usada em Mateus 21:29 (no caso do filho que primeiro recusou obedecer a seu pai, mandando-o trabalhar na vinha,

“Não quero. Mas depois, arrependendo-se, foi.”); Mateus 21:32; 27:3 (no caso de Judas); Romanos 11:29; 2 Coríntios 7:8,10 e Hebreus 7:21.

A respeito dessas duas palavras, diz Thayer: “Que ‘metanoeo’ é o termo mais amplo e mais nobre, expressivo de ação moral e tudo relacionado com essa ação, e está indicado não só por sua derivação senão pela maior freqüência do seu uso...”

## **2. DUAS ESPÉCIES DE ARREPENDIMENTO**

Há um arrependimento evangélico e há também um arrependimento legal. O arrependimento legal surge inteiramente através do temor das consequências do pecado. Esta é a espécie que Judas provou. O arrependimento evangélico é acompanhado de tristeza segundo Deus e se opera no coração pelo Espírito regenerador de Deus. O arrependimento evangélico é aquele que vamos considerar nesse capítulo.

## **3. OS COMPONENTES BÁSICOS DO ARREPENDIMENTO**

### **1) O Pecado é Reconhecido – A Convicção**

O homem deve perceber que ele é contrário a Deus e em rebelião contra Ele. Deve ver a oposição entre a sua condição e a santidade de Deus. Deve perceber que Deus detesta a sua condição e o seu estado. O reconhecimento do pecado que faz parte do arrependimento para a salvação tem a ver, primariamente, não com o fato que o pecado traz castigo, mas com o fato que o pecado ofende a Deus. Há, sem dúvida, um temor das consequências eternas do pecado; mas não é a coisa primária.

Este reconhecimento do pecado é convicção e constitui o elemento intelectual do arrependimento.

### **2) O Pecado é Lamentado e Aborrecido — A Contrição**

A tristeza segundo Deus começa a aparecer no arrependimento. Quando alguém vê a si mesmo como Deus o vê, ele é trazido a lamentar o seu pecado e a aborrecê-lo. Isto é o elemento emocional do arrependimento.

### 3) O Pecado é Abandonado – A Conversão

O arrependimento não é completo até que exista internamente aquele abandono do pecado que conduz a uma mudança externa da conduta. Isto é o elemento voluntário ou volitivo do arrependimento. Assim sendo o arrependimento envolve cada parte da natureza básica do homem: inteligência, emoção e vontade.

### 4. O ARREPENDIMENTO É INTERNO

Ao passo que o arrependimento sempre se manifesta exteriormente, contudo o arrependimento verdadeiro opera no interior do homem, conforme o significado do original em grego. A Escritura não iguala o arrependimento e os “frutos dignos de arrependimento” (Mateus 3:8; Atos 26:20).

### 5. O ARREPENDIMENTO E A PENITÊNCIA CONTRASTADOS

A tradução católica romana da Bíblia (Douay Version) substitui a palavra “arrependimento” por “penitência” na tradução da palavra grega “metanoeo” nesta versão<sup>1</sup>. Assim lemos pela Versão de Douay: “Fazei penitência, porque o reino do céu está próximo.” (Mateus 3:2); “A menos que façais penitência, todos igualmente perecereis.” (Lucas 13:5). “Testificando tanto a judeus como gentios penitência para com Deus e fé em nosso Senhor Jesus Cristo.” (Atos 20:21). E da penitência diz a Versão de Douay nas anotações sobre Mateus 3:2: “Essa palavra, segundo o uso das Escrituras e dos santos padres, não só significa arrependimento e melhora de vida, mas também a punição dos pecados passados pelo jejum e semelhantes exercícios penitenciais.” Três coisas podem ser ditas a respeito deste comentário:

**1) É absolutamente falso dizer que a “punição dos pecados passados pelo jejum e semelhantes exercícios penitenciais” faz alguma parte do sentido desta palavra grega**

Como já foi notado, a palavra grega significa uma mudança interna. “O ver-

<sup>1</sup> A Version Douay não existe em Português. Portanto, a tradução da mesma neste estudo não é oficial. Porém, pode-se examinar as Bíblias católicas Ave Maria ou a da CNBB e verá como traduzem “metanoeo” nessas mesmas referências citadas neste estudo.

dadeiro arrependimento consiste de emoções mentais e emocionais, não de castigos externos autoimpostos. A vida piedosa e aquela devoção a Deus resultantes são descritas não como arrependimento senão frutos dignos de arrependimento” (Boyce, Abstract of Systematic Theology, Resumo de Teologia Sistemática, pág. 384). “Metanoeo” é composto de “meta”, significando “depois” e “noeo”, significando “perceber”, entender, atender, pensar, ponderar, considerar.”

**2) Nega a suficiência da satisfação de Cristo pelos nossos pecados, sendo assim, em contradição aberta com a Escritura (Romanos 4:7,8; 10:4; Hebreus 10:14; 1 João 1:7).**

Desde que Cristo fez a plena satisfação pelos nossos pecados, não existe nenhuma punição a aturar, exceto as consequências naturais do pecado. Deus castiga o crente quando ele peca, mas Ele nunca o pune, nem nesta vida e nem na vindoura. A punição é retribuída e está baseada em “olho por olho e dente por dente”. O castigo é corretivo e está baseado no amor paternal. Cristo não deixou nada para nós pagarmos e verdadeiramente podemos cantar:

*Jesus Pagou tudo;  
A Ele devo tudo na cruz.  
Rubra nódoa o pecado deixou.  
Lavando-a, alva como a neve ficou.*

**3) Implica que os atos temporais da criatura podem expiar o pecado**

A Bíblia nada sabe de tal ensino. Ela ensina que Cristo somente pode fazer a expiação. Mesmo na eternidade, as almas no inferno nunca poderão expiar o pecado. Por essa razão não há fim para a sua punição. Então o cântico, seguramente, fala a verdade quando diz:

*“Para sempre meu choro verteste;  
Sem folga meu zelo conheceste;  
Não poderiam meu pecado expiar,  
Tu deves salvar, Jesus, Tu somente...”*

## 6. O ARREPENDIMENTO É UM DOM DE DEUS

As três passagens seguintes provam isto:

“Deus com a sua destra o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados.” (Atos 5:31)

“E, ouvindo estas coisas, apaziguaram-se, e glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.” (Atos 11:18).

“E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade,” (2 Timóteo 2:24,25).

O sentido disso é que o arrependimento simplesmente se opera no homem pelo poder vivificador do Espírito Santo, como já o notamos.

## II - A FÉ CONSIDERADA SEPARADAMENTE DO ARREPENDIMENTO

Aqui tratamos da fé evangélica ou salvadora; por isto notemos:

### 1. A FÉ SALVADORA DEFINIDA

A fé evangélica ou salvadora é confiança e dependência no Senhor Jesus Cristo como o Salvador pessoal e Quem levou os pecados. E, desde que a salvação inclui a santificação tanto como a justificação, a fé salvadora alcança a entrega do ser a Cristo.

### 2. A FÉ SALVADORA DISTINGUIDA DE SUAS IMITAÇÕES

#### 1) Crença Histórica

Isto é mera crença nos fatos da revelação como matérias de história, incluindo a crença na existência de Deus e em que houve um homem chamado Jesus que reivindicou ser o Filho de Deus. Pode ver-se prontamente que semelhante crença não tem valor salvífico.

## 2) Assentimento Intelectual

Este faz mais um passo, adicionando a aceitação mental das coisas reveladas de Deus e de Jesus Cristo. Assim, quem crê na existência de Deus também crê nEle como sendo um ser conforme a Bíblia O revela ser e também crê que semelhante pessoa como Jesus viveu, torna a crer que Ele era o Filho de Deus e que Ele morreu como um sacrifício pelo pecado. Isto é quase igual da fé salvífica, mas não é ela mesma.

O Campbelismo ensina que a fé salvadora não é nada mais que o que foi agora citado. Esse ensino baseia-se em passagens como 1 João 4:15 e 5:1. Mas estas passagens devem ser compreendidas à luz de toda a outra Escritura e tais Escrituras certamente proíbem que a crença referida nessas passagens devem ser entendidas como sendo um mero assentimento intelectual da divindade de Cristo. A fé salvadora não é somente da mente (intelecto), mas do coração (emoções). Veja Romanos 10:9-10. A crença de que se fala naquelas passagens é tal aquela produzida no coração por um conhecimento experimental do poder de Cristo.

Dois fatos, então, quanto às circunstâncias sob as quais estas expressões foram enunciadas, lançam luz sobre elas.

A. O perigo de confessar crença na divindade de Cristo foi tal nos dias apostólicos que ninguém o faria assim a menos que fosse impulsionado pela verdadeira fé nEle.

B. O cristianismo apresentou contraste tamanho com o judaísmo e o paganismo que ninguém creria na divindade de Cristo sem a verdadeira fé nEle. Aqueles que não tinham tal fé considerariam a Jesus como um impostor.

## 3. A FÉ COMO UM DOM DE DEUS

Isto está provado pelas passagens já citadas que designam o arrependimento como um dom de Deus; porque, como veremos, o arrependimento e a fé são graças inseparáveis. Cada uma, quando aparece só nas Escrituras, abraça a outra; porque, se isto não fosse verdadeiro, as passagens que mencionam só uma ou outra ensinariam que alguém poderia salvar-se sem arrependimento e sem fé.

Isto também está provado pelas passagens que ensinam que a vida a Cristo e a crença nEle são o resultado da operação do poder de Deus. Veja João 6:37,65; Efé-



sios 1:19,20. Isto está ainda provado pelo fato que a fé é um fruto do Espírito Santo (Gálatas 5:22).

#### 4. A FÉ NÃO TEM MÉRITO EM SI MESMA

A Fé é meramente o canal através do qual a graça de Deus que justifica e santifica entra na alma. A Fé não é mais meritória do que o ato de se receber um presente valioso. A Fé não é, de modo algum, o substituto da nossa obediência à Lei, nem traz um rebaixamento da Lei de modo que preenchamos suas exigências. A fé é uma vez referida na Escritura como trabalho (João 6:29), não que seja da Lei, mas somente que o homem esteja ativamente engajado no seu exercício. “Tal fé, de João 6:29, é descrita como um dom de Deus e de simplesmente tomar a misericórdia imerecida oferecida; está expressamente excluída da categoria de obras como a base de que o homem pode reivindicar a salvação (Romanos 3:28; 4:4,5,16). Não é o ato de uma alma cheia dando, mas o ato da alma vazia recebendo. Conquanto esta recepção seja movida pelo Espírito Santo atraindo o coração para com Deus, esta atração do coração ainda não é de um amor cômico e amadurecido: semelhante amor é o resultado da fé (Gálatas 5:6)” (A. H. Strong, *Systematic Theology*, Teologia Sistemática, pág. 469, 470).

#### 5. A FÉ NECESSARIAMENTE SE EXPRESSA EM OBRAS

A fé é um princípio dinâmico. Ela dá expressão do amor e, portanto as obras (Gálatas 5:6). A fé que não se expressa em obras é uma fé morta, o que é uma outra maneira de dizer que é falsa ou espúria (Tiago 2:17).

#### 6. A FÉ SE DISTINGUE DA ESPERANÇA

A fé e a esperança são muito aparecidas; mas os dois termos não são sinônimos. Fé e esperança se diferem nas seguintes maneiras:

##### 1) Fé é confiança; esperança é expectativa.

A diferença aqui é pouca, mas é uma diferença tal como é comum entre vários

termos tão parecidos. Tanto a fé como a esperança incluem “a idéia de confiança, mas com o uso de preposições diferentes” (Boyce). “Confiamos em” num ato de fé. “Confiamos para algo” quando há esperança.

**2) “A Fé é firmeza sobre algo agora presente como conhecido ou crido, Esperança está olhando pra diante, para algo no futuro”. (Boyce).**

**3) Cristo é o alvo da fé; ao passo que a salvação, liberdade do pecado, glori-ficação e céu são os alvos da esperança.**

**4) A esperança resulta da fé e, portanto, não pode ser fé. Veja Romanos 5:2-6; 15:4-13; Gálatas 5:5; Hebreus 11:1.**

## 7. A BASE DA FÉ

Cristo, objetivamente revelado à mente e ao coração, é o alicerce da Fé. Está isto implicado em toda a Bíblia e está iniludivelmente ensinado em Romanos 10:11-17. Lemos ali que “a fé vem pelo ouvir” e ali também achamos a pergunta (insinuando uma impossibilidade): “Como crerão naquele de quem não ouviram?” A Bíblia nada sabe, absolutamente nada, sobre uma fé secreta, assim como a chamada, que pode existir à parte do conhecimento de Cristo, tal como alguns cascaduras ensinam.

No Velho Testamento Cristo foi revelado, não somente através de tipos e sombras, mas por meio de profetas, tal como Isaías. E nos é dito plenamente que o Evangelho foi pregado a Abraão e Israel (Gálatas 3:8; Hebreus 4:2).

## III. ARREPENDIMENTO E FÉ CONSIDERADOS JUNTOS

O arrependimento e a fé são graças sincrônicas e inseparáveis. Temos em mente sem dúvida, a esse arrependimento (significado por “metanoeo” e “metanoia”) que é para salvação e não à espécie (significado por “metamelomai”) que Judas testemunhou.

Que o arrependimento e a fé são sincrônicos ou simultâneos é evidente no fato que, quando um homem é vivificado para a vida, não pode haver lapso de tempo antes de ele arrepender-se, nem pode haver qualquer lapso de tempo antes que ele creia. De

outra maneira teríamos a nova natureza em rebelião contra Deus e em incredulidade. Assim não pode haver ordem cronológica com o arrependimento e a fé.

Uma outra coisa que mostra a inseparabilidade do arrependimento e da fé é o fato que a Escritura muitas vezes menciona somente um de ambos como o meio de salvação. Por causa deste fato devemos pensar de cada um, quando usado separadamente, compreendendo o outro.

Em arrependimento e fé, como já tratado em outro capítulo, a vontade é trazida a escolher a justiça como um fim preferido.





## CAPÍTULO 27

# A JUSTIFICAÇÃO

A justificação é aquele ato instantâneo, divino, eterno, gracioso, livre e judicial, pelo qual, Deus, devido ao mérito do sangue e da justiça de Cristo, liberta um pecador arrependido e crente da penalidade da Lei. Restaurado ao favor de Deus e considerado como possuindo a justiça imputada de Jesus Cristo; em virtude de tudo disso ele é adotado e feito como filho.

### I - O AUTOR DA JUSTIFICAÇÃO

Deus é o autor da justificação. O homem nada tem que ver com a sua justificação, a não ser o recebê-la através da fé que o Espírito Santo o habilita a exercer. A Escritura declara: “É Deus quem os justifica” (Romanos 8:33). E outra vez lemos: “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em

Cristo Jesus.” (Romanos 3:24).

De Cristo se pode dizer que nos justifica só no sentido que Ele pagou o preço da redenção.

## II - A CAUSA E MOTIVO DA JUSTIFICAÇÃO DIFERENCIADOS

É apenas nos tribunais da terra que “causa” e “razão” encontram os usos aceitáveis como sinônimos. Num processo judicial uma “causa” significa a mesma coisa de “base” ou “razão” da ação. Em outros casos não devem ser confundidos e, principalmente, não devem ser confundidos com respeito à justificação. Estritamente falando, a causa de uma ação é o agente, força motriz, base ou a razão pela qual, ou por causa de que, a ação é efetuada ou produzida. Na medida em que é adequado falar de uma causa mediata, ou causa relacionada, a referência aqui é a razão fundamental ou a causa originária. A razão básica, como usada aqui significa alicerce, base, aquilo sobre qual tudo tem o seu apoio principal.

Com estas definições diante de nós, estamos preparados para observar que o amor de Deus, acionando a Sua graça e misericórdia, é a causa de nossa justificação; enquanto a morte de Cristo e a expiação efetuada por essa morte, assim, é a razão básica, ou seja, a razão fundamental da nossa justificação. Que o amor de Deus é a causa da nossa justificação é claro nas duas passagens seguintes:

“Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou... nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus” (Efésios 2:4 e 6).

“Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.” (Romanos 5:8).

Mas Deus não poderia de forma consistente basear, ou fundamentar, a nossa salvação em Seu amor, porque o amor, agindo sozinho, não poderia ignorar nossos pecados de forma consistente. A justiça de Deus, decorrente de Sua santidade, tinha que ser satisfeita. Assim, era necessário que o amor fornecesse uma base justa para a nossa salvação. Romanos 3:25 e 26 diz em linguagem bela e impressionante como essa base foi fornecida. Por amor, Deus

enviou Cristo para morrer para que Ele pudesse salvar os pecadores e ainda ser justo. Cristo foi uma “propiciação”. A propiciação é aquilo que propicia. Propiciar é apaziguar, conciliar. Um esclarecimento poderoso deste apaziguamento e conciliação que ocorre na justificação nos é dada em Salmos 85:10 “A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram.”

Qual a base fundamental desta reconciliação? Simplesmente o amor, misericórdia ou graça de Deus? Não. Estes devem encontrar um alicerce, uma base justa, antes que eles possam se tornar eficazes no perdão do homem; senão a misericórdia violaria a verdade e a justiça de Deus iria ser anulada. O fundamento dessa reconciliação é a propiciação ou expiação feita por Jesus Cristo. As únicas pessoas que terão problema com esta declaração são aqueles que negam que Cristo prestou uma satisfação própria, real, completa, exata e absoluta à justiça retributiva pelo sofrimento de toda a penalidade da lei que os pecadores crentes merecem sofrer no inferno por seus pecados. Essas pessoas vão encontrar a base da justificação no amor e misericórdia soberanos de Deus ou em algo feito pelo pecador.

### III - OS MEIOS DA JUSTIFICAÇÃO

Fé no sangue de Cristo é o meio de justificação. Estude Atos 13:89; Romanos 3:24-25 e 28; 5.1 e 9; Gálatas 2:16. É bom notar a partir dessas passagens que a fé pela qual somos justificados não é fé no amor, graça e misericórdia de Deus, mas fé naquilo que o amor, a misericórdia e a graça de Deus forneceram, ou seja, o sangue de Cristo. Este fato explica melhor a discussão anterior.

Pela fé a justificação é aplicada e a torna pessoal ou experimental. É assim que chegamos ao gozo dos benefícios da morte expiatória de Cristo.

Fé, como estudamos anteriormente, não tem mérito em si, quando sozinha. Não é uma mão cheia oferecendo algo, mas uma mão vazia recebendo algo. O exercício da fé vem da obediência interna. É por causa deste fato que a Escritura alude a “obediência da fé” (Romanos 16:26), a obediência ao Evangelho (Romanos 10:16; II Tessalonicenses 1:8; 1 Pedro 4:17), “obediência à verdade” (I Pedro 1: 22)... e obedecendo “de coração à forma de doutrina a que fostes

entregues.” (Romanos 6:17) Mas isso não é a obediência meritória. É totalmente sem mérito como é o ato de um mendigo em comer alimentos que têm sido dado a ele.

A justificação é pela fé, pelas seguintes razões:

Para que seja segundo a graça – Romanos 4:16.

A jactância pode ser excluída – Romanos 3:27.

Porque pela fé somos identificados com Cristo da mesma forma que fomos identificados com Adão pelo nascimento natural. Atos 13:39 – deve-se ler, “nEle”, em vez de “por Ele”; 1 Coríntios 1:30; 15:22; Efésios 2:5,6; Colossenses 3:3; I João 4:17. “A união com Adão e com Cristo é a base da imputação. Mas o paralelismo é incompleto. Enquanto o pecado de Adão é imputado a nós, porque é nosso, a justiça de Cristo é imputada a nós, simplesmente por causa de nossa união com Ele, de maneira nenhuma por causa da nossa justiça pessoal. No primeiro caso, a virtude é levada em conta, no outro não está. No pecado, nossos delitos estão incluídos; na justificação nossos merecimentos são excluídos. (H. B. Smith, *Presbyterian Review*, Revisão Presbiteriana, Julho 1881)

Porque a fé “opera pelo amor.” (Gálatas 5:6); é o meio pelo qual Cristo habita em nosso coração (Efésios 3:17-19; Gálatas 2:20); pelo qual somos progressivamente transformados na imagem de Cristo em nossas vidas (Romanos 1:17, 2 Coríntios 3:18.); e, portanto, estamos impedidos de converter “em dissolução a graça de Deus” (Judas 4). “Assim Deus constituiu a alma que as afeições, e também a consciência, são afetadas e controladas pela fé; e a pureza de uma e integridade da outra, e a atividade de ambos, dependem daquilo que o homem crê; sendo isso verdadeiro, nenhuma mente pode evitar a convicção de que o princípio da fé, que Cristo colocou na base do sistema cristão é, sendo a natureza das coisas, o único princípio pelo qual os poderes morais do homem podem ser trazidos para uma atividade feliz, harmoniosa e perfeita “(J. B. Walker, *Philosophy Plan of Salvation*, Filosofia do Plano de Salvação, pág. 177).

Não há conflito entre Tiago e Paulo sobre a questão da justificação pela fé. Paulo usou a palavra grega “dikaioo” para significar “declarar, pronunciar alguém justo, com justiça, ou aquilo que ele deveria ser”, enquanto Tiago usou a mesma palavra para significar “mostrar, exibir, evidenciar alguém ser justo ou aquilo que ele deveria ser. “ Paulo diz que Abraão foi justificado, no sentido daquela definição que ele usa o termo, antes da circuncisão (Romanos 4:9,10), enquanto Tiago diz que Abraão foi



justificado, no sentido daquela significação que ele usa o termo, quando se ofereceu Isaque. Referência ao Gênesis 17, revela que Abraão foi circuncidado um ano antes do nascimento de Isaque, que está registrado em Gênesis 21. Isaque tinha aproximadamente 25 anos de idade na época de Abraão oferecer-lhe. Assim, é claro que Paulo e Tiago não estavam falando da mesma coisa.

Para outros casos em que a palavra grega é usada no mesmo sentido em que Tiago usa, veja Mateus 11:9 e 1 Timóteo 3:16. Além disso, note que Tiago afirma com Paulo que “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Tiago 2:23).

## IV - A NATUREZA DA JUSTIFICAÇÃO

### 1. É INSTANTÂNEA

É um ato e não um processo. Ela ocorre e é completa no momento em que o indivíduo crê. Não admite graus ou fases. Do publicano se diz ter descido à sua casa justificado. Ele foi justificado completamente no momento em que colocou sua fé na obra propiciatória de Cristo.<sup>1</sup> Refere-se à justificação do crente sempre no tempo passado. Em toda a Bíblia não há o mais leve vislumbre de um processo contínuo na justificação.

### 2. É ETERNA

Quando alguém é justificado, está justificado por toda a eternidade. A justificação não pode jamais ser revogada ou revertida. É uma vez para sempre até a eternidade. Por essa razão Deus pergunta: “Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus?” (Romanos 8:33). Cristo pagou o resgate inteiro e fez a satisfação completa por todos os crentes; doutra maneira Cristo teria de morrer outra vez, ou então o crente cairia em condenação pelos seus pecados futuros. Mas lemos que a oblação de Cristo se fez uma vez (Hebreus 10:10), e que o crente “não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.” (João 5:24).

<sup>1</sup> Não esquecendo-nos que a Obra propiciatória de Cristo tem sua eficácia mesmo antes dos acontecimentos que se deram no Calvário. A Bíblia deixa claro que, antes do Calvário, a salvação se dava pela fé no Salvador que haveria de vir. (NR)

Tendo a posição do crente em foco, ele já passou o juízo. Foi julgado e absolvido completa e eternamente. Que Paulo ensinou uma justificação eterna e imutável mostra-se no fato de ele sentir-se responsável a defender sua doutrina contra os ataques dos que contenderiam que tal doutrina dava licença a pecar. Esta é a acusação que se faz hoje contra a doutrina que ora estabelecemos.

Finalmente lemos: “Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados.” (Hebreus 10:14). É verdadeiro que são os santificados considerados neste contexto, mas é aplicável aos justificados também; porque, santificados e justificados são um. Se os santificados são aperfeiçoados para sempre, assim são os justificados. A perfeição aqui é a de posição diante de Deus.

### **3. É GRACIOSA E LIVRE**

O pecador não merece nada das mãos de Deus, a não ser a condenação. Logo, a justificação é inteiramente de graça. Está assim estabelecido em toda parte na Escritura, exceto por Tiago que empregou o significado secundário do termo. No sentido primário do termo a justificação nunca é representada como sendo pelas obras ou obediência do homem. Veja Romanos 3:20; 4:2-6; Tito 3:5.

E, enquanto que a justificação é baseada na obra meritória e expiatória de Cristo, contudo, da parte de Deus, é livre e espontânea, desde que Deus não estava sob nenhuma obrigação de permitir a Cristo agir como nosso substituto.

### **4. É SOMENTE JUDICIAL E DECLARATIVA**

A justificação, no sentido primário, é um termo forense ou judicial. É um ato feito no tribunal celestial. Não faz o crente internamente justo ou santo. Fã-lo justo apenas quanto à sua posição. Muitos sempre confundem a justificação com a santificação; mas tais não são a mesma coisa. Justificação é apresentada como o oposto de condenação, ao passo que santificação como o oposto de uma natureza pecaminosa. Veja Romanos 5:18.

## **V - OS BENEFÍCIOS DA JUSTIFICAÇÃO**

## 1. RESTAURAÇÃO AO FAVOR DE DEUS

A justificação não apenas liberta meramente o homem da penalidade da Lei: fá-lo à vista de Deus como um que nunca quebrou a Lei. A justificação torna o crente tão inocente perante Deus em relação à sua posição como Adão foi antes de cair.

## 2. IMPUTAÇÃO DA JUSTIÇA DE CRISTO

As passagens seguintes ensinam que, na justificação, a justiça de Cristo nos é imputada ou dada: Romanos 3:22, 4:3-6, 10:4; Filipenses 3:9.

Que a justiça é o assunto nessas passagens é provado pelo fato de que Cristo é “para nós foi feito... Justiça” (1 Coríntios 1:30) e temos essa justiça “em” Cristo (2 Coríntios 5:21). É ainda provado por Romanos 5:18,19, onde é dito que temos recebido a justificação “por um só ato de justiça” e “somos feitos justos” “pela obediência de um”, e Este “um” é, certamente, Jesus Cristo. Comenta D. B. Ford muito apropriadamente:

*“Paulo não tem onde usar a frase exata: Deus imputa a nós a justiça de Cristo sem as obras, mas equivale à mesma coisa quando ele fala da justiça de Deus, que será nossa pela fé em Jesus Cristo, quando ele afirma que somos justificados gratuitamente e por graça pela redenção que há em Cristo Jesus; quando afirma que ‘justificação de vida’ é através do ato justo e da obediência do segundo Adão; que a nossa fé em Cristo, pela qual somos justificados, é imputada a nós por justiça; que Cristo é o fim da lei para a justiça; que ele é feito para nós justiça; e que nos tornamos a justiça de Deus nEle” (An American Commentary on the New Testament, Um Comentário Americano sobre o Novo Testamento).*

Nas passagens dadas na discussão anterior é evidente que a justiça de Cristo é igual à obediência de Cristo. A chave para o significado da obediência de Cristo é dada em Filipenses 2:8 e Hebreus 5:8. Foi a obediência feita num estado de humilhação. Objeta-se por parte de alguns que, como homem, Jesus devia obediência à lei para si mesmo, por isso Ele não poderia obedecê-la para nós. É verdade que Jesus, como homem, devia obediência à lei, em respeito ao homem, mas, como Deus, Ele não devia obediência à lei, para com o homem. Como Deus, Jesus devia obediência às leis de justiça, como elas dizem respeito a um ser infinito. Nem Deus está isento

de lei. Ele não pode desobedecer à lei, em respeito ao ser infinito (isto é, Ele não pode fazer o que é errado para Ele) e permanecer Deus. Mas Deus, sendo infinito e, portanto, independente, tem direitos e prerrogativas que não pertencem ao finito e dependente homem. Por exemplo, ao homem é ordenado não matar, mas Deus pode tirar a vida como Lhe agradar, porque Ele é o doador da vida. Ao homem é ordenado não julgar, mas Deus julga. Ao homem é proibido gloriar-se em si mesmo, mas a glória pertence a Deus essencialmente.

Portanto, quando Jesus trouxe divindade em união com a humanidade na encarnação, a divindade era voluntária e gratuitamente sujeita à lei de Deus para o homem. Isto foi verdadeiramente tão vicário e substitutivo como Sua morte na cruz. E foi necessário para fazer-nos positivamente justos. Não é suficiente que sejamos perdoados, desculpados. Isto, por si só, isentar-nos-ia do inferno, mas não teria nos dados direitos ao céu. Para ter direito ao céu, temos de ter o mérito positivo e perfeito de Jesus Cristo. Hebreus 10:14.

### 3. ADOÇÃO DE FILHOS

Lemos: “Deus enviou Seu Filho... para remir os que estavam debaixo da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos.” (Gálatas 4:4,5). É na base desta redenção que somos justificados. A adoção é o clímax da justificação. Cristo tomou nosso lugar; portanto, quando cremos nEle, tomamos Seu lugar como um filho. É assim que recebemos o direito de nos tornarmos filhos. A adoção é necessária para que sejamos “herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo” (Romanos 8:17), e para que tenhamos direito legal à herança “incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus” para nós (1 Pedro 1:4). Quando fomos justificados, já éramos filhos do diabo. Não podíamos ser ‘desnascidos’ como tais. Por isso tínhamos de ser transferidos da família do diabo para a de Deus por adoção. Tornamo-nos filhos experimentalmente pela regeneração, mas legalmente pela adoção. Regeneração e adoção não são as mesmas.

### 4. LIBERDADE DA PENALIDADE DA LEI

As seguintes passagens afirmam este benefício: Romanos 6:14; 7:4-6; 10:4; 1 Coríntios 9:21; Gálatas 2:19, 5:18. O que essas passagens significam? Elas devem ser entendidas corretamente à luz do ensinamento neotestamentário como um todo.

### 1) Há sentidos em que o crente está sob a lei de Deus e de Cristo

A. Ele está sob a lei de Cristo quanto à prova de salvação em sua vida. João 14:24; 1 João 2:4.

B. Ele está sob a lei de Deus enquanto o Espírito trabalha nele a justiça da lei. Romanos 8:4.

### 2) Há sentidos em que o crente não está debaixo da lei Romanos

A. Ele não está sob a lei com a pena que vem da mesma. Romanos 10:4; Gálatas 3:13. Cristo, por Sua morte, tendo cumprido as exigências da lei na íntegra para os crentes, encerrou o poder da lei para condenar. Por esta razão, o crente não pode nunca estar novamente em condenação e não tem os seus pecados cobrados dele como merecendo a pena da lei. João 5:24; Romanos 4:7, 8; 8:1, 33, 34. O crente não pode pecar com impunidade absoluta, pois Deus lida com ele debaixo da graça como um filho, e não como estando debaixo da lei. 1 Coríntios 11:31,32; Hebreus 12:7.

B. Ele não está sob a lei como uma força externa forçando a sua obediência. Ele tem a lei escrita no seu coração (Hebreus 8:8-10; 10:16, 2 Coríntios 3:6.).

C. Ele não está sob a lei no sentido de ter que ganhar com a lei uma justiça meritória. Ele já a tem em Cristo através da fé, como já foi assinalado.

D. Ele não está sob a lei mosaica como um todo, nem qualquer parte dela, como tal, em qualquer sentido. A lei mosaica foi a lei de Deus para uma nação terrestre. Como tal, foi um ajuste da regra original e perfeita de justiça. Isso é mostrado no Sermão da Montanha, em que Jesus mostrou as bases de alguns dos preceitos da lei mosaica, mostrando o seu âmbito limitado. Que o crente não está sob a lei de Moisés é mostrado em 1 Coríntios 9:21. A lei de Cristo é simplesmente o reino perfeito e eterno da justiça nas mãos de Cristo.

## 5. PAZ COM DEUS

Romanos 5:1. O crente tem paz com Deus por causa e pelo conhecimento de todos estes benefícios.





## CAPÍTULO 28

# A SANTIFICAÇÃO

Neste capítulo o assunto é a santificação do crente. O uso da palavra em referência a outras coisas será somente quando necessário para explicar melhor a santificação do crente.

### **I - O SIGNIFICADO DE TERMOS**

O substantivo “santificação” é a tradução do grego “hagiasmos”. O verbo no grego é “hagiazoo”. O verbo hebraico correspondente é “quades”. O substantivo grego é usado dez vezes no Novo Testamento. Cinco vezes está traduzido “santificação” e cinco vezes está traduzido “santidade”. O verbo grego é empregado vinte e nove vezes no Velho Testamento. Vinte e seis vezes é traduzido como “santificar”. Duas vezes é traduzido por “santificar” (“hallow”, inglês). Uma vez ocorre a voz

passiva e está traduzida como “seja santo”. “Hagios” é outra palavra grega derivada de “hagiazoo” e é usada tanto por adjetivo como por substantivo. Como adjetivo ocorre noventa e três vezes com a palavra “pneuma” (Espírito) para designar o Espírito Santo. Em sessenta e oito outros casos é usado como adjetivo e está traduzido como “santo”. O substantivo é traduzido “santíssimo” duas vezes, uma vez “o mais santo de todos”, quatro vezes “O Santo”; três vezes “lugar santo”; uma vez “coisa santa”; três vezes “santuário” e “santo” ou “santos” sessenta e duas vezes.

O Léxico de Thayer define “hagiazoo”: “dar ou capacitar ser venerável, reverenciar, separar de coisas profanas e dedicar a Deus, consagrar; purificar”. Isso tanto externamente - cerimonialmente (1 Timóteo 4:5; Hebreus 9:13) ou por expiação (Hebreus 10:10; 13:12) – como internamente. O significado de “hagiasmo” e “hagios” derivados do mesmo significado de “hagiazoo”, conforme o uso próprio de cada um.

## II - A SANTIFICAÇÃO PASSADA DOS CRENTES

Há um sentido em que o crente já foi santificado.

### 1. REFERÊNCIAS ESCRITURÍSTICAS QUANTO A ISSO

Atos 20:32; 26:18; 1 Coríntios 1:2; 6:11; 2 Tessalonicenses 2:13; Hebreus 9:14; 1 Pedro 1:2.

### 2. A SUA NATUREZA

A santificação passada do crente é tríplice:

#### 1) Consagração

O crente foi consagrado ou dedicado ao serviço de Deus. Temos o tipo disto na santificação do tabernáculo e do templo com seus apetrechos e equipamentos. Veja Êxodo 29:37; 30:25-29; 40:8-11; Levítico 8:10,11; 21:23; 1 Reis 7:51; 2 Crônicas 2:4; 5:1; 29:19. Esse tipo de santificação pode ser vista em Gênesis 3:2; Joel 1:14; Jeremias 1:5; João 10:36.

Santificação neste sentido é uma separação formal e pública para com Deus. Não há intenção de dizer que tal santidade é interna.



## 2) Purificação Judicial

Este é o tipo de santificação tratada em 1 Coríntios 1:30; Efésios 5:26; Hebreus 10:10; 13:12. Com respeito à Lei do Velho Testamento o crente é santo, porque Cristo pela Sua morte pagou a penalidade da Lei e, pelo Seu sangue, se lavou de toda e qualquer culpa (1 Coríntios 6:11; Gálatas 3:13; Apocalipse 1:5; 7:14).

## 3) Purificação Moral da Alma

Noutro capítulo já indicamos que a regeneração remove toda depravação da alma, ou natureza espiritual do homem, de maneira que o único pecado que fica no homem é o pecado da natureza carnal, a qual é muitas vezes referida como sendo o corpo. Cremos que esta espécie de santificação é referida em 2 Tessalonicenses 2:13 e 1 Pedro 1:2, também 1 Coríntios 6:11.

O que diz respeito à remoção da presença do pecado da alma, o crente tem uma perfeita santificação moral, tanto como uma perfeita santificação formal e judicial. Continua a necessidade de mais santificação no crente, mas esta maior santificação não tem ligação com a remoção do pecado da alma. A alma é tornada impecável na regeneração e neste sentido está perfeitamente santificada.

## 3. COMO É REALIZADA

### 1) Deus, sem dúvida, é o seu autor

Ele é o autor de toda a boa coisa. Ele nos elegeu para ela. Ele a idealizou e a planejou.

### 2) O Espírito Santo é o Agente de Deus na Realização da Santificação

### 3) A morte de Cristo é à base da obra do Espírito Santo.

Veja as passagens já dadas sob a purificação judicial.

### 4) A fé é o meio

Atos 26:18. A fé é o meio pelo qual a alma se purifica (Atos 15:9; 1 Pedro 1:22).

### 5) A Palavra de Deus é um meio Secundário

Isto é verdadeiro porque a “fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus”

(Romanos 10:17).

### III - A SANTIFICAÇÃO PRESENTE DO CRENTE

Há um sentido em que o crente está sendo santificado.

#### 1. ESCRITURA REFERENTE A SANTIFICAÇÃO PRESENTE

João 17:17 e 19; Romanos 6:19-22; 15:16; 1 Tessalonicenses 5:23; Hebreus 2:11; 10:14; 12:14; 1 Pedro 1:15. Alistamos somente agora as passagens em que “hagiasmos”, “hagiazoo” ou “hagios” aparecem no original. Há muitas outras passagens que, indiretamente, se referem à santidade presente do crente.

#### 2. COMO É REALIZADA

##### 1) Deus é o Autor

João 17:17; 1 Tessalonicenses 5:23.

##### 2) O Espírito Santo é o agente

Romanos 15:16. O Espírito Santo realiza a nossa santificação presente por guiar (Romanos 8:14), transformar (Romanos 12:2; 2 Coríntios 2:18), fortalecer (Efésios 3:16), e por fazer-nos frutíferos (Gálatas 5:22,23).

##### 3) A Morte de Cristo é a Base

A morte de Cristo é a base para toda obra do Espírito Santo.

##### 4) A Palavra de Deus é o Instrumento do Espírito

João 17:17. Isto está provado por todas as passagens que ensinam que a verdade promove a obediência, previne e nos purifica do pecado, faz-nos odiar o pecado e causa em nós o crescimento na graça. Veja Salmos 119:9, 11, 34, 43, 44, 50, 93, 104; Hebreus 5:12-14; 1 Pedro 2:2.

##### 5) A Fé é o Meio Principal

Pela fé a instrumentalidade da Palavra é eficiente. A fé é ao mesmo tempo tanto

o resultado da obra santificadora do Espírito quanto o meio principal para a Sua obra contínua de santificação.

#### **6) Nossas próprias obras são também um meio para a nossa santificação atual**

Romanos 6:19. Assim como o exercício físico é necessário ao crescimento físico, também o exercício espiritual é necessário para o crescimento espiritual. O exercício físico anima o apetite para o alimento, do qual recebemos nutrição que produz crescimento. O exercício espiritual desenvolve maior apetite para a Palavra de Deus, do qual recebemos nutrimento espiritual que produz crescimento na graça.

#### **7) Outros meios menos diretos**

Entre outros meios menos diretos em nossa santificação presente são: a oração, o ministério ordenado de Deus (Efésios 4:11,12), frequência à igreja e comunhão com os irmãos nela, a participação da ordenança do batismo e a da Ceia do Senhor, o guardar do dia do Senhor, a correção e as providências de Deus.

Todas essas coisas ajudam a nossa santificação presente, não por causa de qualquer virtude intrínseca em si mesmas, mas somente porque de um ou outro meio, trazem-nos em contato com a verdade divina, iluminam nossas mentes em relação a ela e trazem-nos a uma apreciação mais elevada dela e mais completa obediência a ela. É somente desta maneira que o batismo e a Ceia do Senhor contribuem para a nossa santificação presente. Não são sacramentos que adicionam a graça. A graça recebida por meio das ordenanças não é recebida *ex opere operato*<sup>1</sup> – do mero ato de observação.

### **3. A SUA NATUREZA**

É “aquela operação contínua do Espírito Santo, pela qual aquela santa disposição comunicada na regeneração é mantida e fortalecida” (Strong, *Systematic Theology*, Teologia Sistemática, pág. 483). Apesar dos argumentos fracos do Sr. Finney, a preferência imanente da vontade estabelecida na regeneração pode crescer.

---

<sup>1</sup> Expressão de origem latina que, literalmente, significa “o trabalho feito.” Refere-se à maneira pela qual a graça é conferida pela válida administração e digna recepção de um sacramento, segundo o entendimento católico. O termo foi definido no Concílio de Trento em 1547. Baseado na seguinte fonte: [http://www.corazones.org/diccionario/exopere\\_operato.htm](http://www.corazones.org/diccionario/exopere_operato.htm) (Endereço web de uma congregação católica estadunidense)

## 1) O que a santificação presente não é

### Não é um melhoramento da carne

Nossa santificação presente inclui o corpo (1 Tessalonicenses 5:23), mas não tanto assim que altere essencialmente a pecaminosidade da carne. A carne sempre cobiça contra o Espírito (Gálatas 5:17). Mesmo num idoso e experimentado soldado cristão, como foi o apóstolo Paulo, vemos que a carne estava ainda inalterada (Romanos 7:14-24). O corpo está incluído em que à alma, por meio da santificação, é dada maior controle sobre o corpo e assim é guardado de fazer, até certo ponto, atos ostensivos de pecado; mas sua pecaminosidade essencial ainda está presente.

### Não é uma eliminação gradual de pecado na alma

Como já notamos, a alma se torna impecável na regeneração e se une com o Espírito Santo. Nenhum pecado fica na alma para ser eliminado durante a nossa santificação presente.

## 2) O que a nossa santificação presente é

### É uma manutenção progressiva e fortalecimento da alma em santidade.

Por meio da nossa santificação presente a santa disposição dada às nossas faculdades no novo nascimento é reforçada. A mente é ensinada. Através da maior meditação da beleza do Senhor, somos constrangidos a amá-Lo com mais fervor. Assim a vontade é reforçada (temos mais força de vontade) e é capacitada para executar mais decisões eficazes em interesse de sua preferência imanente. Se isso não fosse possível, então não teria maneira concebível que poderíamos crescer na graça.

Na regeneração, as faculdades da alma estão fixadas em Deus, na plenitude da força que têm naquele momento. Essa força pode crescer. Tudo isto é maravilhosamente estabelecido em Efésios 3:16-19, que o aluno é incentivado a ler neste ponto.

### É completamente subjetiva

Nossa santificação passada é objetiva em parte, mas a santificação presente é inteiramente subjetiva.

### É prática

Conquanto seja interna, contudo ela se manifesta externamente na vida cristã prática.

### É experimental

Nossa santificação passada pode ser vagamente experimental no começo, mas a nossa santificação presente é definitivamente baseada na experiência. O crente sente e reconhece a obra do Espírito no seu coração, fortalecendo-o, transformando-o de glória em glória e graça por graça (2 Coríntios 3:18; João 1:16), incentivando-o à oração, aos estudos Bíblicos e outros exercícios e atividades cristãs. E esta obra do Espírito no crente é a fonte da sua segurança. É deste modo que o Espírito testifica com os nossos espíritos que somos filhos de Deus (Romanos 8:16).

### É sempre incompleta nesta vida

A nova vida jamais ganha perfeito controle sobre a natureza carnal. Isto nos leva a considerar:

## IV - REFUTADA A DOCTRINA DA IMPECABILIDADE DO SANTO

Um estudo da doutrina bíblica de santificação não é completo sem uma consideração do ensino que a impecabilidade é possível nesta vida. Afirmamos o seguinte:

### 1. OBJEÇÕES A ESTA DOCTRINA

**1) O apóstolo Paulo, a quem Deus estabeleceu como um exemplo humano para crentes (1Timóteo 1:16) e em cuja vida não afirmamos falhas, não teve, mesmo na velhice, alcançado perfeição impecável.**

É isto evidente em Romanos 7:14-24. Absurdo é referir esta passagem a Paulo antes da regeneração. No décimo quarto versículo há significativa mudança do tempo passado para o presente. Fazer os versículos além do décimo quarto referirem-se à vida de Paulo antes da regeneração é fazer deles uma monstruosidade gramatical. A última parte do versículo vigésimo quinto mostra que a vitória sobre o pecado por

meio de Jesus Cristo não tem lugar nesta vida. Isto também está patente em Romanos 8:23-25. A vitória vem somente com a redenção do corpo, a qual acontecerá na ressurreição.

Outra vez, a linguagem de Romanos 7:14-24 mostra que ela se refere a um homem salvo. “Nenhum homem não regenerado pode verdadeiramente dizer: ‘consinto com a Lei, que é boa’; ‘o querer está em mim’; ‘porque segundo o homem interior, tenho prazer na Lei de Deus’; ‘Assim que eu mesmo com o entendimento sirvo à Lei de Deus’” (Pendleton, *Christian Doctrines, Doutrinas Cristãs*, pág. 301).

A ideia que em Romanos 7 temos a experiência de Paulo depois de ter sido salvo, mas antes santificado, enquanto que em Romanos 8 temos sua experiência depois de ter sido santificado, é também absurda. Como temos apontado, o capítulo oitavo de Romanos não ensina a perfeição impecável mais do que o capítulo sétimo. No capítulo oito Paulo ensina que os crentes ainda gemem debaixo da pecaminosidade do corpo e estão esperando pela sua redenção (vs. 23), sendo salvos pela esperança (vs. 24,25). Aquela conversa que diz que trata-se do crente na sua experiência, saindo do sétimo capítulo de Romanos para o oitavo, não tem sentido. Todo crente vive toda a sua vida em ambos os capítulos, que ambos são só parte de um discurso ligado. “O portanto” do versículo 1 do capítulo 8 dirige-nos de volta à última parte do sétimo capítulo como base do que está dito no oitavo.

A epístola aos Romanos foi escrita antes da viagem de Paulo a Roma. Depois de ter sido levado a Roma, enquanto esteve prisioneiro lá, escreveu algumas epístolas. Uma delas é a epístola aos filipenses. Nesta epístola Paulo ainda renuncia à perfeição absoluta. Disse ele que não se considerou como já sendo feito perfeito. Filipenses 3:12.

## **2) O modelo de oração dado por Cristo aos Seus discípulos implica pecaminosidade contínua por parte do povo salvo.**

Como é bem sabido, Cristo ensinou na Sua oração modelo aos Seus discípulos a confessarem os seus pecados. Nem Ele em qualquer tempo ou de qualquer modo insinuou ou implicou que havia um tempo quando eles poderiam apropriadamente dispensar esta confissão do pecado e petição de perdão.

### **3) O fato que todos os filhos de Deus são castigados por Ele mostra que todos eles pecam (Hebreus 12:5-8).**

“Se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos.” (Hebreus 12:8). Não pode haver castigo sem pecado. Deus podia tratar-nos de um modo providencial, se fôssemos perfeitos, mas os Seus tratos não poderiam chamar-se castigo.

### **4) Tiago declara que todos pecam.**

“Todos tropeçamos em muitas coisas” (Tiago 3:2). Não pode ser limitada aos professores; mas se pudesse, o princípio seria o mesmo.

### **5) João declara que quem professa impecabilidade está enganado.**

“Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós” (1 João 1:8). “Nós” – certamente se refere a crentes. E o tempo presente mostra que a passagem se refere, não a uma negação de pecado anterior senão a uma negação de pecado atual. E esta passagem nos diz que os que ensinam a perfeição impecável enganam-se a si mesmos. Se enganam a si mesmos em quatro coisas pelo menos, a saber:

#### **A. A natureza da Lei de Deus (a Lei de Cristo – 1 Coríntios 9:21) para crentes**

Em vez de encarar a Lei de Deus para crentes como uma declaração de Sua santidade, um padrão perfeito de justiça, eles encaram tal como um padrão variável que se acomoda à nossa capacidade. “Esta ideia reduz a dívida real ser proporcional à capacidade do devedor em pagá-la, que é um método excelente para eliminar obrigações. Dessa maneira posso saltar a torre de uma igreja, se me for permitido fazer uma torre de igreja bem baixa; posso tocar as estrelas, se as estrelas baixarem ao nível da minha mão.” (Strong).

#### **B. Os Limites do Pecado**

Queriam que crêssemos que as transgressões “involuntárias” não são pecados. John Wesley, um dos mais proeminentes advogados dessa doutrina da possibilidade

de ter perfeição absoluta nesta vida, disse: “Creio que uma pessoa cheia do amor de Deus ainda está sujeita a transgressões involuntárias. Tais transgressões podem ser chamados de pecados, se desejar; eu não.”

Meios involuntários: “1. Contrário à vontade ou ao desejo de alguém. 2. Não sob o controle da vontade.” Quando aplicada a atos morais, a palavra deve ter o primeiro sentido. O segundo sentido aplica-se somente a tais coisas como a digestão, os batidos do coração e outras funções naturais do corpo. E o significado da vontade ou desejo na primeira definição deve ser entendido no sentido restrito do teor normal da vontade. No sentido lato é claro que ninguém age contra sua vontade ou desejo, exceto quando sobrepujado pela força física. Nenhuma pessoa salva normalmente deseja zangar-se e falar palavras ferinas; mas, sob sérias provocações, perde-se a calma e expressam-se coisas que não deveriam ser expressadas. São estes atos involuntários, segundo o único sentido em que se pode aplicar o termo a atos morais. Portanto, conforme com John Wesley e outros perfeccionistas, estes atos não são pecados. As mesmas coisas podem ser aplicadas ao homicídio de Urias por Davi e ao seu adultério com Bateseba.

### C. O poder da vontade humana

Afirmar que a vontade humana pode, normalmente a cada momento, fazer volições executivas que são totalmente conformadas com a sua preferência imanente (o final preferido) e à perfeita vontade de Deus é negar o conflito que existe sempre entre as duas naturezas do crente, conforme estabelecido em Gálatas 5:17. Charles G. Finney faz isso. Em sua opinião, o pecado que habita no crente é apenas uma escolha pecaminosa. Mas, na regeneração, esta escolha pecaminosa é invertida. Assim, não há mais pecado que habite no crente. Ver págs. 254, 294. Então, Finney diz: “Quando um desejo é escolhido, essa escolha exercita toda a sua volição para garantir a sua realização, e, por enquanto, até que outra finalidade seja escolhida... é impossível que a vontade usasse qualquer volição inconsistente com aquela escolha” (pág. 235). Esta ideia é flagrantemente falsa, tanto psicologicamente quanto bíblicamente, como é quase a totalidade de tudo que se encontra no livro do Sr. Finney. Isso representa um esforço miserável para efetuar uma concordância entre o Calvinismo e o Arminianismo<sup>2</sup>. Como eu disse antes, atenção especial está sendo dada à teologia do Sr.

<sup>2</sup> Não esquecer que, mesmo sendo pelagiano em essência, Finney teve seus rudimentos cristãos ao “converter-se” numa igreja Presbiteriana, que aderiu às Confissões de Fé de Orientação Calvinista, como a Confissão de Fé de Westminster. (NR)



Finney porque seu livro foi ampla e urgentemente recomendado para leitura entre jovens pregadores Batistas, e especialmente aqueles que são Calvinistas.

#### D. A Salvação deles

Quando João diz: “não há verdade em nós” (I João 1:8), ele não se refere à verdade abstrata, mas à “verdade do Evangelho, trazendo a luz de Deus à alma e assim revelando os pecados como a luz solar descobre o pó” (Sawtelle).

*“A verdade é para ser entendida objetivamente como sendo a verdade divina em Cristo, o verdadeiro princípio de vida vindo de Deus recebido no coração” (Lange).*

Este sentido é confirmado pelo versículo 10, que diz: “Se dissermos que não pecamos, fazemo-lo (a Deus) mentiroso, e a Sua palavra não está em nós.” Esta passagem desvenda a verdade do versículo 8. “As pessoas que devem afirmar isto estão sendo consideradas naquele ponto quando deveriam estar expressando a sua confissão – a confissão de pecado que começa no passado e continua ao tempo presente; daí, o tempo perfeito” (Sawtelle).

E as expressões “não há verdade em nós” e “a Sua palavra não está em nós” negam qualquer virtude cristã em cada qual que afirma essa doutrina da impecabilidade do crente. De acordo com estas passagens bíblicas, todos eles estão perdidos.

## 2. AS ESCRITURAS EXPLICADAS

Tratamos as seguintes passagens da Escritura tidas pelos perfeccionistas como aquelas que comprovam a sua teoria.

### 1) As passagens que referem ao crente como sendo “perfeito”

Referimo-nos aqui as passagens: Lucas 6:40; 1 Coríntios 2:6; 2 Coríntios 13:11; Efésios 4:11; Filipenses 3:15; Colossenses 4:12; 2 Timóteo 3:17.

A “perfeição” mencionada nessas passagens não é absoluta. É somente perfeição relativa. Algumas vezes a palavra “perfeito” refere-se apenas àquela maturidade cristã contrastada com aquela fraqueza das criancinhas em Cristo. Algumas vezes significa

somente aqueles mencionados no contexto que estão livres de qualquer falta grave. Assim nos é dito que “Noé era homem justo e perfeito” (Gênesis 6:9), ainda que ele tenha ficado bêbado (Gênesis 9:21). É assim dito que Jó era “íntegro, reto e temente a Deus” (Jó 1:1).

O emprego da palavra “perfeito” em Filipenses 3:15 lança luz interessante e instrutiva sobre o seu sentido usual na Escritura. No versículo 12, como já notamos, Paulo renuncia à perfeição. Então, no versículo 15 ele entrega uma exortação à “todos quantos já somos perfeitos”. É claramente evidente que no versículo 12 ele faz referência à perfeição absoluta, enquanto que no versículo 15 ele alude aos que são relativamente perfeitos ou maduros. E a estes ele exorta que “sintamos isto mesmo”. Assim ele quer dizer que eles devem renunciar à perfeição absoluta, como ele fez, e prosseguir para o alvo. Assim percebemos que “perfeito”, em consideração do significado costumeiro deste termo na Escritura, quando aplicado a crentes, exige que os crentes renunciem a perfeição absoluta e ainda prossigam para o alvo, ou seja, para as coisas mais elevadas. Aquele indivíduo que professa impecabilidade e aquele que não está prosseguindo para o alvo não estão “perfeitos”.

## **2) Mateus 5:48 “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.”**

Nesta passagem Jesus estabelece para os Seus discípulos o ideal de perfeição absoluta. Ele não podia ter firmado nada menos do que isto sem cooperar e encorajar o pecado. Mas não há nada neste contexto ou em qualquer outro que dê a entender que os seguidores de Cristo alcançarão este ideal enquanto na carne. De fato, é impiedade afirmar que eles atingem este ideal, pois a perfeição entendida é a de Deus mesmo.

## **3) 1 Tessalonicenses 5:23 “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”**

Esta passagem deve ser entendida à luz da própria experiência de Paulo e à luz da Escritura como um todo. Se Paulo orou pela completa santificação dos tessalonicenses nesta vida, então ele orou por algo para eles que ele mesmo não tinha provado, ou ele perdeu a sua completa santificação mais tarde, pois, quando ele escreveu aos

romanos muito depois, como temos notado, ele não professou impecabilidade.

A santificação pela qual Paulo orou pedindo para que Deus operasse nos tessalonicenses foi, na verdade, a santificação completa, assim evidenciada pela palavra grega “holoteles”; mas ele não diz que é para ser cumprida nesta vida. A Escritura claramente condena a noção que Paulo esperava que ela se cumprisse nesta vida. E a menção da vinda de Cristo sugere que ele contemplava o futuro como aquele tempo quando sua oração teria a completa resposta. Paulo orou pela santificação progressiva deles, assim como Cristo orou pelo mesmo para os Seus discípulos (João 17:17). E essa santificação progressiva resultaria em completa santificação na segunda vinda de Cristo.

**4) 1 João 2:4 “Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade.”**

Juntamente com esta passagem podemos classificar outras passagens semelhantes: João 14:23; Romanos 8:12; 1 João 1:6.

Estas passagens fazem referência ao teor geral da vida cristã. Elas não podem ser tidas como ensinando que quem está salvo guarda os mandamentos de Deus perfeitamente em qualquer momento, porque outras passagens o negam.

O Rio Mississipi, como também o Rio Amazonas, proporciona uma excelente ilustração da vida cristã. Se perguntasse a alguém qual direção corre esse rio, seria respondido que ele corre na direção do sul (no caso do Rio Amazonas, seria ao Leste). Todavia é fato que este rio algumas vezes corre para leste, outras para oeste e algumas vezes mesmo corre numa direção norte. Mas, a despeito destes fatos, continuamos a dizer que ele corre para o sul. Assim falamos porque consideramos o rio como um todo. Vemos o alvo principal do rio. Assim é com a vida cristã. Quando é vista como um todo, ou quanto ao seu alvo principal, percebe-se que é uma vida de justiça. Conforme a sua corrente fluvial, o seu alvo não é tão rápido perto das margens como é no centro. E nunca conservará sempre uma única direção. Baterá em obstruções que a desviarão temporariamente, mas brevemente de novo assumirá o seu curso normal.

**5) 1 João 1:7, “Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado.”**

Alguns têm a ideia que esta passagem ensina que o sangue de Jesus Cristo faz-nos impecáveis quanto ao nosso estado. Mas não é assim. O sangue de Jesus Cristo purifica-nos somente quanto à nossa posição perante Deus. Esta passagem faz referência à justificação e santificação jurídica, mas não à santificação progressiva e prática.

A necessidade da purificação constante de contaminação recorrente foi ensinada por Jesus quando Ele lavou os pés dos Seus discípulos. Ele disse: “Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo.” (João 13:10). O restante dessa passagem “Ora vós estais limpos, mas não todos.”, o qual está explicado no versículo seguinte significando: “mas não todos”, referindo-se a Judas, ensina que Jesus estava expondo uma analogia entre a purificação física e a purificação espiritual. Como aquele que toma banho não precisaria de lavar-se outra vez, mas só de limpar-se do pó nos pés, assim quem se banhou no sangue de Cristo não o repetirá mas, não obstante, estará com a necessidade diária de se purificar da contaminação que se lhe adere no seu contato com o mundo. Ele “no mais todo está limpo” quanto à sua posição perante Deus é, mas ainda tem a necessidade da confissão e do perdão diários para que mantenha comunhão com Deus.

**6) 1 João 3:9 “Quem é nascido de Deus não peca, porque Sua (de Deus) se-  
mente permanece nele; não pode pecar porque é nascido de Deus.”**

A respeito dessa passagem, temos o seguinte a dizer:

**A. Ela se refere ao padrão atual do viver cristão e não a um mero padrão  
ideal**

A passagem fala do que o cristão realmente é na sua conduta e não meramente de o que deveria ser. Isto é evidente no versículo seguinte, que diz: “Nisto (quer dizer, nesta falta de condição a pecar) são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo”.

**B. Ela se refere ao homem inteiro e não meramente à nova natureza**

É evidente que a “semente” nesta passagem se refere à nova natureza e não à Palavra de Deus. O grego aqui é “sperma”. É usada quarenta e quatro vezes no Novo Testamento, significando quarenta e uma vezes, não semente de plantio, mas progênie, descendências. Quando a Palavra de Deus é chamada “semente”, o grego não tem

“sperma”, mas “spora” ou “sporos”. Veja Lucas 8:11; 1 Pedro 1:23.

Outra objeção de peso à ideia que “semente” representa aqui a Palavra de Deus e o “Quem é” a nova natureza, é que não é a Palavra de Deus que faz impossível a nova natureza pecar. É a qualidade da nova natureza que faz isto impossível. Se a nova natureza fosse pecaminosa, então a Palavra de Deus não impediria que ela pecasse mais do que ela impede a carne de pecar.

Thayer faz “semente” nesta passagem referir-se a energia divina do Espírito Santo operando na alma, pela qual somos regenerados. Mas isto é uma interpretação puramente arbitrária. Não temos razão para crermos que tanto o Espírito Santo como Sua energia são referidos ainda como “sperma”.

Portanto, tomando a “semente” como se referindo à nova natureza, necessariamente interpretamos “Quem que” como se referindo ao homem inteiro; porque é “ele”, o homem inteiro, em quem a “semente”, a nova natureza, permanece, que não pode pecar.

**C. Ela afirma, não que uma pessoa regenerada não pode cometer um só pecado, mas que ela não pode seguir um curso contínuo de pecado; não pode viver em pecado**

Adotamos esta interpretação desta passagem pelas seguintes razões:

(a) É a única ideia que está em harmonia com o texto. Está manifesto pelo contexto, como já foi observado, que João falava daquilo que é exterior e atual, algo que faz uma diferença marcante em si e de si. Então, também, esta passagem evidentemente quer dizer a mesma coisa que os versículos seis e oito e, se possível, são menos favoráveis às outras interpretações.

(b) Enquanto é verdade que o homem todo não é nascido de Deus, todavia, em passagens gerais tais como a que ora se consideram a Escritura não faz distinção entre as duas naturezas do crente, mas frouxamente se refere ao homem como um todo. Diz a Escritura: “Exceto UM seja nascido de novo” e não “exceto um tenha uma nova vida nascida com ele”; “se alguém está em Cristo, ELE é uma nova criatura”; não “ele tem uma nova criatura nele”; “vivificou-NOS com Cristo”, não “vivificou uma nova vida dentro de nós”; “ele nos gerou pela Palavra da verdade”, não “ele gerou algo dentro de nós pela Palavra da verdade.”

(c) É a única ideia que trata o infinitivo presente “pecar” (grego “harmartanein”) na última parte da passagem. O infinitivo presente sempre significa ação durativa,

linear, progressiva – ação em sua duração contínua. Por causa deste sentido do infinito grego, Weymouth traduz a passagem: “Ninguém que é um filho de Deus está habitualmente culpado de pecado. Um germe de vida dado de Deus fica nele e ele não pode pecar habitualmente”. E Sawtelle explica “não faz pecado” e “não pode pecar” como significando: “Não o faz como a lei de sua vida, como a tendência do seu ser; não pertence à esfera do pecado.”

**D. Perfeccionistas impecáveis devem notar os seguintes fatos sobre esta passagem:**

(a) Sua afirmação aplica-se a todos os salvos; não apenas a alguns que alcançaram um suposto plano elevado de vida. Assim esta passagem elimina a teoria da “segunda bênção”. Esta passagem está falando sobre o que o crente é em virtude da regeneração, não o que ele é em virtude de uma suposta “segunda obra de graça”.

(b) Esta passagem afirma que aquilo referido não pode pecar. Assim, segundo sua própria teoria, teriam de interpretar a passagem como ensinando que um que alcançou a impecabilidade não pode cair de novo no pecado. Isto eles não admitirão. Assim mostram que seu único interesse nesta passagem é promover a sua heresia ignorante e sem sentido.

## V - OS FRUTOS DA SANTIFICAÇÃO PROGRESSIVA

Pensamos que é bom mencionar aqui quatro coisas que J. M. Pendleton, em “Christian Doctrines (Doutrinas Cristãs)” dá como evidências ou frutos das influências graciosas do Espírito Santo em nossa santificação progressiva.

### 1. UMA NOÇÃO PROFUNDA DA NOSSA PECAMINOSIDADE

Nenhuma pessoa em quem o Espírito Santo fez qualquer obra importante tem qualquer disposição para envaidecer-se de sua bondade. Para exemplos da noção da humildade da parte dos santos de Deus, veja Jó 38:1,2; 40:4; 42:5,6; Efésios 3:8; Isaías 6; Filipenses 3:12-15.

## 2. UM ÓDIO CRESCENTE AO PECADO

Nenhuma pessoa salva ama o pecado; isto é, o amor ao pecado não é o afeto dominante de sua vida. Os pecados que ela comete não são o resultado de um amor normal e dominante ao pecado senão de um levante ocasional da carne ou do conflito constante entre a carne e o Espírito.

## 3. UM INTERESSE CRESCENTE NOS MEIOS DE GRAÇA

Quanto mais o Espírito Santo opera numa pessoa, tanto mais ela aprecia a Palavra de Deus, a oração, o culto e os demais; e mais obtém vantagens dos benefícios de tais atos.

## 4. UM AMOR MAIOR PELAS COISAS CELESTIAIS

Este amor substitui o primeiro amor pelo pecado e faz o filho de Deus buscar aquelas coisas que são de cima.

Todos estes frutos do processo santificante esclarece a verdade que a impecabilidade é impossível nesta vida por ainda existir o engano do pecado. A presença do pecado na vida do cristão não lhe proporciona nenhuma consolação; pelo contrário, proporciona-lhe pesar. Ele quisera estar livre do seu peso terreno e elevar-se aos cimos de Deus para que sua alma pudesse aquecer-se no sol de justiça. Toda pessoa salva pode dizer com Paulo: “Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7:24). Ele deseja que fosse sem pecado, mas está indisposto a violentar a Escritura e praticar a autodecepção para fingir que está sem pecado. O seu próprio desejo de impecabilidade impede-o de praticar a hipocrisia, de perpetrar um engodo como todos os perfeccionistas fazem.







## CAPÍTULO 29

# OS TRÊS TEMPOS DA SALVAÇÃO

Salvação é um termo muito amplo. C. I. Scofield, no seu comentário sobre Romanos 1:16, diz muito bem: “As palavras hebraicas e gregas para salvação transmitem as ideias de livramento, segurança, preservação, cura e santidade”. Salvação é a palavra que inclui todas as partes do Evangelho. A palavra salvação reúne em si todos os atos e processos da redenção: como justificação, redenção, graça, propiciação, imputação, perdão, santificação e glorificação.

Portanto, salvação, no seu sentido lato, tem tanto a ver com a alma como com o corpo, com a vida presente bem como com a futura. Ela tem referência não só à remissão da penalidade do pecado e à remoção de sua culpa, mas também a vitória sobre o poder do pecado e no fim a eliminação da presença do pecado no corpo. Reconhecendo isto é a única maneira que alguém pode entender a doutrina Bíblica da salvação completamente. E é só quando classificamos cada passagem Bíblica que trata da salvação de acordo com os fatos precedentes que podemos evi-

tar a confusão que existe na mente do crente comum. Podemos evitar esta confusão se notarmos que se fala da salvação em três tempos e considerarmos cuidadosamente cada tempo. Cada um dos três tempos está resumido em 2 Coríntios 1:10 “O qual nos livrou (tempo passado) de tão grande morte, e livra (tempo presente); em quem esperamos que também nos livrará (tempo futuro) ainda”.

## I - O TEMPO PASSADO DA SALVAÇÃO

Nós fomos salvos da PENALIDADE do pecado.

Note as seguintes passagens:

“A tua fé te salvou” (Lucas 7:50). “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé” (Efésios 2:8). “Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação;” (2 Timóteo 1:9). “...segundo a sua misericórdia, nos salvou” (Tito 3:5).

Todas estas passagens, e muitas outras como elas, falam da salvação como uma obra terminada no passado. Este tempo de salvação coincide com a santificação passada do crente, como considerada no capítulo anterior. Ela tem a ver (1) com a alma; (2) com a remissão da penalidade do pecado, a remoção da culpa e também a eliminação da presença do pecado da alma.

Neste sentido a salvação do crente está completa. Como dissemos da justificação, assim podemos dizer deste tempo da salvação: é um ato e não um processo. Este tempo da salvação ocorre e se completa no momento em que o indivíduo crê. Não tem graus diferentes nem etapas.

É neste tempo da salvação que devemos classificar as passagens Bíblicas que falam do crente como tendo vida eterna agora. Veja João 5:24, 6:47, 17:2,3; 1 João 3:13, 5:11,13. Simplesmente isto significa, como João 5:24 diz, que o crente passou de não ter mais perigo da condenação e do poder da segunda morte.

## II - O TEMPO PRESENTE DA SALVAÇÃO

Estamos sendo salvos do PODER do pecado.

“Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, (estão sendo salvos) é o poder de Deus.” (1 Coríntios 1:18).

O particípio grego na passagem supra está no tempo presente e denota “aqueles sendo salvos, o ato... estando em progresso, não completado” (E. P. Gould).

É com referência ao tempo presente da salvação que Filipenses 2:12 fala, quando diz: “operai a vossa salvação com temor e tremor.” O sentido desta passagem é que os crentes filipenses tiveram de efetivar em suas vidas a nova vida que Deus implantara nos seus corações.

Outras passagens há nas quais a salvação não é mencionada, as quais, não obstante, referem o processo presente de salvação, tais como Romanos 6:14; Gálatas 2:19,20; 2 Coríntios 3:18.

No tempo presente da salvação os crentes estão sendo salvos, através da obra do Espírito que habita neles, do poder do pecado que impede o crescimento da nova vida. É igual à santificação progressiva. Não tem nada a ver com a alma nem com o corpo, mas com a vida.

### III - O TEMPO FUTURO DA SALVAÇÃO

Devemos ser salvos da PRESENÇA do pecado

Nas passagens seguintes a salvação é falada como algo ainda futuro: Romanos 5:9,10, 8:24, 13:11; 1 Coríntios 5:5; Efésios 1:13,14; 1 Tessalonicenses 5:8; Hebreus 10:36; 1 Pedro 1:5; 1 João 3:2,3.

Em Romanos 8:23 Paulo nos ensina o que esta salvação futura em geral é. É “a redenção do nosso corpo”, por isso ele quer dizer a aplicação da redenção ao corpo do crente. Isto acontecerá na ressurreição dos que dormem em Cristo (1 Coríntios 15:52-56; 1 Tessalonicenses 4:16) e no arrebatamento dos que estiverem vivos na vinda de Cristo no ar (1 Tessalonicenses 4:17). É só então que o espírito regenerado entrará em completa fruição da salvação. Assim lemos que o espírito é para ser salvo “no dia do Senhor Jesus” (1 Coríntios 5:5). Este tempo de salvação tem a ver principalmente com o corpo e a presença do pecado no corpo.

É sob esta epígrafe que devemos classificar todas as passagens que tratam da vida eterna como de alguma coisa que o crente receberá no futuro. Veja Mateus 25:46; Marcos 10:30; Tito 1:2, 3:7.

Temos assim a harmonia bela que existe entre todas as passagens que tocam o assunto da salvação. Não há conflito entre estas passagens, porque elas se referem a

diferentes fases da salvação. Absurdo e herético é qualquer homem tirar um grupo das três, não importa que grupo ele tire, e procurar negar ou nulificar um ou outro, ou ambos, dos dois grupos restantes. O modo da verdade é tomar todos eles corretamente divididos.

Seja observado ao encerrar que a salvação em todos os seus tempos e fases é do Senhor. Paulo dá-nos o método de Deus no trabalho da salvação, do princípio ao fim em Filipenses 1:6 e 2:13. Deus inicia a obra da salvação e a levará até sua consumação. E por toda a caminhada Ele opera em nós “tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.” E mais, é tudo de graça pela fé. “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: Mas o justo viverá da fé.” (Romanos 1:17).



CAPÍTULO 30

# A PERSEVERANÇA E A CONSERVAÇÃO DOS SALVOS

A perseverança e a conservação dos santos são doutrinas bíblicas gêmeas. Deus as reuniu inseparavelmente na Sua Palavra infalível. Não o separe o homem.

Alguns têm errado em apresentarem a conservação (a segurança) dos salvos como se esta fosse independente da perseverança. Tal apresentação desta doutrina tende para o antinomianismo. Tende também a representar a salvação como algo de natureza física ou mecânica, em vez de uma realização moral e espiritual. Ela fornece munição ao arminianismo. Ela ensina só uma meia verdade. Não está calculada a levar os santos a serem sérios para com a conduta como devem ser. Os autores que escreveram palavras inspiradas evitaram este extremo e seus resultados medonhos por combinarem tanto a fase humana como a divina da salvação. Ensinaram que a salvação é do Senhor do princípio ao fim, mas também ensinaram que Deus salva os homens, não por uma lei mecânica e nem sem a consideração da necessidade de sua resposta para com Ele; contudo tal salvação veio a ser uma

realidade em completa harmonia com a sua natureza como criaturas voluntárias, ao exigir que obedeçam à Sua vontade e por operar neles de tal maneira a mover suas vontades e desembaraçar a sua cooperação para com Ele conforme Ele os capacita para entrar em Sua presença. Assim Deus é glorificado nestes tanto aqui na terra quanto nos céus pela eternidade. Dessa maneira a graça é impedida de desculpar qualquer lascívia do homem cristão.

Os modeladores da Declaração de Fé de New Hampshire foram sábios e felizes na verdade na sua apresentação da matéria, que é como segue: “Cremos que somente são crentes reais os que continuam até ao fim; que o seu perseverante apego a Cristo é o grande sinal que os distingue daqueles que apenas tenham profissões superficiais; que uma Providência especial vela sobre o seu bem estar; e que pela fé são guardados pelo poder de Deus para a salvação.”

A exposição da Confissão de Fé de Filadélfia é também eminentemente digna de atenção: “Aqueles a quem Deus aceitou no Amado, eficazmente chamados e santificados pelo Seu Espírito, e dado à fé preciosa dos Seus eleitos, não podem cair do estado de graça nem total nem finalmente... mas certamente perseverarão nela até ao fim e serão salvos eternamente...”

Note que ambas estas apresentações dão ênfases à perseverança tanto como a conservação. Estamos em perfeita harmonia com estas declarações históricas dos Batistas e da fé bíblica e, enquanto em nossa elaboração do assunto, teremos ocasião de discutir coisas não mencionadas nelas mas, ao apresentarmos nossas convicções livre e completamente, não esperamos sermos movidos a dizer qualquer coisa contrária a elas.

## I - A RESPONSABILIDADE DA PERSEVERANÇA

Cremos que Deus na Sua Palavra põe sobre os crentes a responsabilidade de perseverarem na fé e na justiça. Citamos as seguintes passagens em prova disto:

“Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos” João 8:31.

“Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no

fogo, e ardem.” (João 15:4, 6).

“...permanecei no meu amor.” João 15:9.

“O qual, quando chegou, e viu a graça de Deus, se alegrou, e exortou a todos a que permanecessem no Senhor, com propósito de coração” (Atos 11:23).

“Confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus.” (Atos 14:22).

“Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Está bem; pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Então não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que não te poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira também tu serás cortado.” (Romanos 11:19-22).

“...mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.” (Mateus 10:22).

O Evangelho “Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão.” (I Coríntios 15:2). Crer em vão é ter somente a fé intelectual.

“A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis, se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho...” (Colossenses 1:21-23).

“Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. Porque, se pecarmos voluntariamente” (pecar como a regra das nossas vidas, viver dominado pelo poder do pecado) “depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados” (Hebreus 10:23,26)

“Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele.” (Hebreus 10:38)

“Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor; tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem.” (Hebreus 12:14,15).

“...Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus.” (Apocalipse 2:7).

“...O que vencer não receberá o dano da segunda morte.” (Apocalipse 2:11).

Muitas e variadas são as tentativas que se fazem para eliminar o significado evidente destas passagens, mas todas essas tentativas são fúteis. Elas se batalham contra as teorias abstratas, e consideram todos que advogam essa responsabilidade de perseverar na fé como sendo defensores de uma dedução lógica e fria, por ensinarem que ninguém atingirá a morada final dos santos de Deus exceto aqueles que permanecem em Cristo, agarram-se com o Senhor, continuam na fé e na bondade de Deus, permanecem até ao fim, guardam o Evangelho na memória, seguem a santidade e vencem o mundo. Nisto cremos tão confiadamente igual a Armínio ou qualquer dos seus seguidores, porque é a verdade indisputável.

## II - A PERSEVERANÇA ASSEGURADA

Mas esta doutrina não quer ensinar que uma pessoa a quem Deus salva será perdido.

Por favor! A Escritura é tão enfática em declarar que todos os verdadeiros crentes, todos os regenerados, perseverarão.

Notem as seguintes passagens:

“Porque qualquer que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé.” (1 João 5:4).

“Ninguém que seja filho de Deus é habitualmente culpado de pecado: um germe de vida dado por Deus fica nele e ele não pode habitualmente pecar.” (1 João 3:9) – Tradução de Weymouth<sup>1</sup>.

Se escapar da segunda morte e o privilégio de comer da árvore da vida são para os vencedores, então estas coisas são para todos a quem Deus regenera. Uma pessoa regenerada não pode pecar “como um hábito dominante, pois a tendência ideal do seu ser não pertence mais à esfera do pecado” (Sawtelle). Assim uma pessoa regenerada não pode voltar ao pecado, mas tem toda a certeza que vai perseverar até ao fim; pois a semente de Deus (“o princípio divino de vida” - Vincent) habita nele perpetuamente.

---

<sup>1</sup> Para exposição detalhada dessa passagem, queira ver refutação da teoria da impecabilidade nesta vida, no capítulo sobre a santificação. Por favor, veja esse estudo. Além disso, A. T. Robertson diz: “O hamartanein infinitivo presente ativo só pode significar que ‘não pode continuar pecando’” (Word Pictures).



Isto não quer dizer que o filho de Deus não vai retroceder temporariamente e cair em muito pecado, mas quer dizer que ele não viverá outra vez perpetuamente em pecado. Davi e Pedro são casos que expressam essa verdade.

### III - A PERSEVERANÇA REALIZADA

A perseverança é realizada pelo poder de Deus. Isto é uma parte da obra da salvação e “do Senhor vem a salvação” (Jonas 2:9).

É aqui que a nossa discussão de perseverança se funde com preservação. Os filhos de Deus perseveram porque Ele os preserva.

Notemos como Deus faz isto:

#### 1. PELO SEU ESPÍRITO

“E, porque sois filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai.” (Gálatas 4:6). O Espírito em nossos corações guarda-nos em comunhão com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo.

“Mas o fruto do Espírito é... fé” (Gálatas 5:22).

“...e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da sua glória.” (Efésios 1:13,14).

“...Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo;” (Filipenses 1:6). Essa boa obra é a santificação que começa na regeneração. Deus a começa e a terminará. Ele faz isto pela operação do Espírito Santo.

“Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.” (Filipenses 2:13).

Deus não só mantém a nossa fé pelo Espírito, mas também opera em nós para fazer-nos obedecer à Sua vontade.

#### 2. POR MEIO DA SUA PALAVRA

É por esta razão que Ele deu os mandamentos e admoestações já notadas. Outras porções da Palavra especialmente adaptadas a promoverem a perseverança dos

santos em santo viver como segue:

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” (Mateus 7:21).

“Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências” (Romanos 6:12).

“Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis.” (Romanos 8:13).

“Seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus.” (1 Coríntios 5:5). Se Deus nos desamparasse e nos Seus próprios desígnios não subjugasse a carne, o espírito não se salvaria; em outras palavras, estaríamos perdidos.

“...Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne... E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito” (Gálatas 5:16, 24, 25).

“... operai a vossa salvação com temor e tremor” (Filipenses 2:12). Isso foi endereçado aos salvos e é uma exortação a eles cooperarem voluntariamente com Deus em salvar-nos.

“Para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos. Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus.” (Filipenses 3:11,12).

“Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente” (Tito 2:11,12).

“Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?” (Tiago 2:20).

“E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude... ciência... temperança... paciência... piedade... amor fraternal... caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados (o apóstolo argumenta aqui da própria profissão de alguém). Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis.” (2 Pedro 1:5-10).

“Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiro-

so, e nele não está a verdade.” (1 João 2:4).

“...Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.” (1 João 2:15).

“E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro.” (1 João 3:3). Isto é, o homem com a esperança da semelhança com Cristo na ressurreição levará avante, segundo Deus opera nele, um processo de purificação, repelindo contra as moções do pecado no seu corpo.

“Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele.” (1 João 3:15).

Que esses mandamentos e exortações não apontam a uma possibilidade absoluta dos crentes a desviarem-se de Cristo está provado por um caso paralelo. Em Atos 27:22-24 temos conta da revelação de Deus a Paulo em caminho para Roma. Lemos:

“Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo.

Mas, pouco depois, quando a tempestade aumentou e os nautas estavam prestes a desertar o navio, lemos:

Disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos.” (Atos 27.31).

Era absolutamente possível que qualquer no navio se perdesse? O que assim diz, blasfema contra Deus; porque diz que é possível Deus mentir: Deus disse que não haveria perda da vida de homem algum. Isto teve de se provar verossímil, porque era a palavra do Deus que não pode mentir. Mas Paulo disse ao centurião e aos soldados que isso podia cumprir-se somente pelos marinheiros ficando a bordo. E ELES FICARAM. Deus usou esse aviso para executar Sua vontade predeterminada.

Assim é com as admoestações sobre perder nossa fé. Elas não ensinam a possibilidade disso, porque Deus que não pode mentir declarou que Ele glorificará a todos quanto Ele justifica. Essas admoestações são meios objetivos de Deus realizar aquela mesma coisa que ele determinou. De um ponto de vista humano, desviar-se de Cristo é possível, mas Deus não o permitirá. Ele usa de Sua Palavra para promover nossa perseverança voluntária. Assim Ele nos trata como seres pessoais e não como máquinas ou objetos inanimados.

### 3. ATRAVÉS DA INTERCESSÃO DE CRISTO

Somado a todos os meios já mencionados, Deus também nos preserva e guarda através da intercessão de nosso grande Sumo Sacerdote. Quando aqui na terra, Ele orou:

“... Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.” (João 17:11).

E agora Ele “pode também salvar perfeitamente (até ao último, absolutamente, completamente), os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.” (Hebreus 7:25). Deus sempre ouve a Jesus quando Jesus ora (João 11:41,42).

### 4. NA BASE DA OBRA EXPIATÓRIA DE CRISTO

Note as seguintes passagens:

“Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado.” (Romanos 4:7,8).

“Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.” (Romanos 10:4).

“Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.” (Romanos 8:33,34).

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós...” (Gálatas 3:13).

“Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus ...” (Romanos 8:1).

Estas passagens requerem pouco comentário. Elas ensinam claramente que Cristo satisfaz plenamente a Lei por nós e que a Lei, portanto, não tem poder para condenar-nos. Não estamos mais debaixo dela a respeito de nossa posição perante Deus. Cristo tomou nosso lugar na cruz e agora nós tomamos o Seu lugar em nossa posição diante de Deus, “... para que no dia do juízo tenhamos confiança; porque, qual ele é, somos nós também neste mundo.” (1 João 4:17).

## 5. SOB A NOVA ALIANÇA

Tendo passado de sob a Lei, estamos agora sob a graça e a nova aliança (Hebreus 8:6-12, 10:16-22; Jeremias 32:40), no qual Deus diz: “Esta é a aliança que farei com eles depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei as minhas leis em seus corações, e as escreverei em seus entendimentos; acrescenta: E jamais me lembrarei de seus pecados e de suas iniquidades.” E “... farei com eles uma aliança eterna de não me desviar de fazer-lhes o bem; e porei o meu temor nos seus corações, para que nunca se apartem de mim.”

## 6. ATRAVÉS DE SEU LIDAR CONOSCO COMO SEUS FILHOS

“Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo.” (1 Coríntios 11:32).

“Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho.” (Hebreus 12:6).

Essas verdades ensinam que mesmo que Deus não trate o crente sob a Lei, não lhe dando castigo judicial, contudo não o deixa continuar no pecado: castiga-o como a um filho e assim o preserva para que não caia sob a condenação do mundo.

## 7. NA EXECUÇÃO DO SEU ETERNO PROPÓSITO

“Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou.” (Romanos 8:29,30).

Não precisamos entrar na discussão do fundamento de nossa eleição, desde que já fizemos num capítulo anterior. Pouco importa o que isso foi, a passagem supra nos informa iniludivelmente que aqueles a quem Deus salva Ele conheceu de antemão, mesmo na eternidade, porque Ele foi infinito em conhecimento no princípio. Então todos que Ele conheceu como Seus, como aqueles a quem Ele salvaria, Ele pré-ordenou, chamou, justificou e glorificou no Seu propósito; isto é, Ele determinou que deveriam ser chamados, justificados e glorificados. Assim, a todos os que Ele justifica, Ele glorificará. Isso O obriga a manter a fé destes, porque não pode haver

justificação sem fé.<sup>2</sup>

Por causa do eterno propósito de Deus temos as seguintes garantias de nossa perseverança e preservação:

“Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo.” (1 Pedro 1:5).

“... somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Romanos 8:37).

“Nós (os salvos), porém, não somos daqueles (falsos professantes) que se retiraram para a perdição, mas daqueles que creem para a conservação da alma.” (Hebreus 10:39).

“Porque o SENHOR ama o juízo e não desampara os seus santos; eles são preservados para sempre...” (Salmos 37:28).

“Mas aquele que beber (o grego significa “uma vez para sempre”- Robertson) da água que eu lhe der nunca terá sede (nunca precisará ser salvo outra vez), porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna.” (João 4:14).

“Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Romanos 11:29). Isto quer dizer que Ele jamais muda Sua mente e retira o dom da salvação ou revoga o chamado que nos traz para Ele. Notais Romanos 8:30 e 2 Timóteo 1:9 para o significado de “chamada”.

“...tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da sua glória.” (Efésios 1:13,14). Este selar é nada menos que a morada e a presença inseparável do Espírito no coração do crente, pelo qual o crente é constringido a perseverar na fé e santidade.

“Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados.” (Hebreus 10:14). Esta passagem ensina que todos os salvos são santificados. Quer dizer que eles têm pela eternidade uma posição perfeita perante Deus fundamentada na morte de Cristo. Isto quer dizer que Cristo sofreu por todos os nossos pecados até ao fim de nossas vidas. Deus, tendo colocado os nossos pecados sobre Seu Filho, não pode agora punir-nos por eles.

“...o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora.” (João 6:37).

“E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles

2 A imutabilidade de Deus O leva a terminar o que Ele começou; a Sua justiça constringe-O a julgar o pecado; o amor moralmente leva-O a corrigir Seus Filhos, mas nada fora Dele O obriga a fazer algo. (Nota do Tradutor)

que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Romanos 8:28). Desde que todas as coisas operam para nosso bem, nada pode causar nossa condenação.

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; E dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará da minha mão.” (João 10:27,28). Todas estas afirmações são positivas. Nesta passagem não há “se”.

#### **IV - RESPONDIDOS OS ARGUMENTOS OPOSTOS**

As passagens seguintes e os seus casos podem ser citadas como desaprovando o que havemos dito sobre perseverança e conservação:

##### **1. 1 CORÍNTIOS 3:12-15**

Alguns podem usar esta passagem contra nossa posição sobre a perseverança dos santos, usando-a para ensinar que um crente pode viver de modo a não ter recompensa no céu. Esta passagem não ensina semelhante coisa. O caso é hipotético: mostra o que aconteceria se um crente assim vivesse de modo a perder toda recompensa. Não afirma que isto será verdade para crente algum. E à luz de 1 João 5:4 e 3:9, bem como de outras passagens, não somos justificados em concluir que tal possa ser verdade.

##### **2. CERTOS CASOS CONHECIDOS**

Algumas pessoas argumentariam que uma pessoa salva pode perder sua salvação por causa de certos conhecidos seus que, creram, foram salvos e então voltaram ao pecado permanentemente, afundando ainda mais baixo no pecado do que estiveram antes. Nossa resposta a este argumento é: “Seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso” (Romanos 3:4 – tradução por A. T. Robertson). Deus disse que todo quanto nasce dEle vence o mundo. 1 João 5:4. Deus disse que os que nascem de novo não podem “continuar pecando” (1 João 3:9). Deus disse que não podem perecer e que nada pode separá-los do Seu amor. João 10:27,28; Romanos 8:35-39. Creremos

em Deus ou no homem?

Todos os casos semelhantes como estão sendo agora considerados são decisivamente eliminados por Hebreus 3:14, que lê: “Porque nos tornamos (grego, tempo perfeito, deverá ser “temos tornado” - Robertson) participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio de nossa confiança até ao fim”. Se não, isto prova que não fomos feitos participantes de Cristo, não fomos salvos, no princípio.

### 3. ANJOS CAÍDOS E ADÃO

Certos anjos e Adão decaíram do seu estado justo e envolveram-se em condenação, mas isto não prova que os salvos hoje podem fazer da mesma maneira. Note estes contrastes entre anjos decaídos com Adão de um lado e aqueles salvos por Cristo doutro lado:

1) Os anjos e Adão caíram sob a Lei, mas os salvos estão debaixo da graça. Romanos 6:14.

2) Deus não os elegeu e predestinou para permanecerem, mas ele elegeu e predestinou os salvos para a glorificação final. Romanos 8:29,30.

3) Deus não disse que tanto anjos quanto Adão venceriam o mundo, mas disse isto sobre os salvos. 1 João 5:4.

4) Nem anjos nem Adão têm promessas de serem guardados e que pereceriam, mas os salvos têm tais promessas. 1 Pedro 1:5; João 10:28.

5) Nem anjos nem Adão foram selados pelo Espírito Santo, mas os crentes são. Efésios 1:13,14; 4:25.

6) Nem os anjos nem Adão alicerçaram na base da morte expiatória de Cristo.

### 4. OS JUDEUS

Os judeus caíram como nação e não como indivíduos; caíram sob a Lei e não sob a graça; caíram de privilégios nacionais e não da salvação. Logo, o seu caso, como o de anjos e Adão, nada prova concernente à matéria sob consideração.

### 5. MOISÉS

Deuteronômio 42:48-52. Por causa do pecado não foi permitido a Moisés en-



trar em Canaã, mas, que ele não perdeu sua salvação está provado pelo seu aparecimento no monte da transfiguração com Elias e Cristo. Mateus 17:3.

## 6. O REI SAUL

Para obtermos a verdade devemos interpretar a Escritura pela Escritura. À luz do Novo Testamento o ensino é que toda alma regenerada vencerá o mundo como um resultado da conservação de Deus e devemos negar que Saul fosse salvo, conquanto está dito dele que “Deus lhe mudou o coração em outro” (1 Samuel 10:9). A Escritura é clara para entendermos que Deus só lhe deu novas intenções e impulsos; não um novo coração no sentido de regeneração.

## 7. DAVI

Salmos 51:11,12. Nesta passagem Davi orou: “Não retires de mim o teu Espírito Santo” Foi isto devido ao fato que o Santo Espírito, sob a velha dispensação, não permaneceu constantemente nos crentes. Sua presença era um favor especial de Deus e podia perder-se pelo pecado; mas, desde o Pentecostes o Espírito Santo tem morado permanentemente em todo coração salvo, e por meio de Sua presença e obra, o crente, como temos notado, está selado até ao dia da redenção. Assim agora Ele fica. Para discussão mais extensa, vide o capítulo 9. Bom é, antes de passar, notar que Davi não orou por uma restauração da salvação, senão só da alegria da salvação. Esta pode perder-se e se perde quando qualquer frieza ou pecado perturba temporariamente a comunhão do crente com Deus.

## 8. EZEQUIEL 18:24

Esta passagem está facilmente explicada por Ezequiel 33:13, que diz: “Quando eu disser ao justo que certamente viverá, E ELE, CONFIANDO NA SUA JUSTIÇA, praticar a iniquidade”, etc. A passagem sob consideração fala da perdição do homem que é justo quanto às suas próprias obras e desvia-se delas. Esta passagem nada tem a ver com o homem a quem Deus imputou a justiça de Cristo sem obras. Romanos 4:6-8. A morte ameaçada é morte no cerco de Babilônia que era por vir. Por todo o livro de Ezequiel Deus promete salvar os obedientes, mas destruir os ímpios

neste cerco.

### 9. MATEUS 12:43-45

A saída do espírito impuro aqui não representa conversão, desde que a casa donde saiu foi deixada vazia. O coração não é deixado vazio na conversão, mas é ocupado pelo Espírito Santo, pelo qual somos selados, selados contra a volta do pecado, até ao dia da redenção. Gálatas 4:6; Efésios 1:13,14.

Temos aqui em geral um quadro da reforma humana, mas, em particular, é a descrição do judeu. Tinham primeiramente abandonado o espírito mau da idolatria, mas agora tornaram-se piores, mais do que nunca, pela sua rejeição do seu Messias.

### 10. 2 PEDRO 2:20-22

Não está dito desses falsos mestres que eles alguma vez foram salvos. Se o tivessem, não teriam voltado. 1 João 5:4; 3:9. Escaparam das “corrupções do mundo” pela auto reforma. São comparados a uma porca ou a um cão. Uma pessoa salva não é nem uma porca nem um cão, mas uma ovelha; e das Suas ovelhas disse Cristo: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz... e elas me seguem.” (João 10:27).

### 11. MATEUS 13:20-22

Desde que todos os regenerados vencem o mundo, aqueles representados nestes versos (parábola da sementeira) devem ser considerados como tendo apenas fé intelectual. Uma fé intelectual pode operar grande mudança na vida, no que pode parecer haver indicação real de conversão; mas daí a pouco, sob dificuldade e provação, falha. Hoje há multidões de casos desta espécie.

### 12. JOÃO 15:2

Os ramos nesta parábola devem ser pensados como ramos enxertados, porque ninguém está em Cristo por natureza. Alguns ramos são enxertados propriamente, de modo que eles têm ligação vital e sustentadora com a vinha. Outros são enxertados impropriamente e não tem tal conexão com a vinha para continuarem a crescer

permanentemente e dar fruto. Assim é com discípulos. Os ramos aqui são todos que professam fé em Cristo. Alguns destes ramos são enxertados em Cristo com fé real do coração. Vivem e produzem fruto. Outros são enxertados somente com fé intelectual, como os indicados em Mateus 13:20, 21. Não perseveram e não produzem fruto aceitável. São os que são podados – Todos os verdadeiros ramos ficam, como temos indicado.

### 13. 1 CORÍNTIOS 9:27

Esta passagem é equivalente a Filipenses 3:8-14. Em ambas as passagens Paulo reconhece que a única prova final da salvação de alguém é perseverança na fé e uma vida justa até ao fim, como temos acentuado. Paulo sabia que a menos que ele provasse sua salvação pela vitória sobre o mundo ele seria provado ter crido em vão e ser réprobo. É isto tudo que estas passagens indicam. Elas estão perfeitamente em harmonia com o ensino deste capítulo.

### 14. HEBREUS 6:4-6

É a opinião do autor que esta passagem descreve os crentes, os salvos. A razão principal dessa convicção é a afirmação que, se recaíssem, seria impossível que “sejam outra vez renovados para arrependimento.” A palavra Grega para “renovar” é a forma da palavra encontrada em Tito 3:5, onde nós lemos da “renovação do Espírito Santo.” Isso parece indicar que estes foram renovados pelo Espírito Santo para arrependimento, ou seja, foram regenerados.

Mas esta passagem é apenas um caso hipotético. Não diz que um indivíduo salvo pode recair; somente diz que se pudesse recair, não poderia ser salvo novamente. E tal crença não é apoiada pelos que creem na doutrina da apostasia. Eles creem que o crente pode cair, e perder a salvação e pode tornar a tê-la. Às vezes nas Escrituras os assuntos são considerados separados dos outros assuntos. Essa passagem parece ser uma delas. O autor limita a sua atenção ao único assunto de que o que seria o estado do homem se caísse.

**15. APOCALIPSE 3:5**

Esta passagem não quer dizer que alguns tenham seus nomes no livro da vida e, por causa de infidelidade, os tiveram riscados. É simplesmente uma garantia a crentes de que, apesar do que possam atravessar, a continuação da sua fé e a perseverança são garantias de que receberão todas as bênçãos da salvação. É uma garantia de que Cristo não os deixará.

**16. APOCALIPSE 22:19**

Devemos interpretar esta passagem na luz de todas as declarações e promessas da Palavra de Deus a respeito dos crentes. Na luz deste fato, esta passagem pode ser tomada como se aplicando só àqueles que meramente professam estar salvos. Estes mesmos devem ser considerados como tratados na base da sua própria profissão superficial, como é muitas vezes o caso na Bíblia. Temos notado que nenhum vencedor terá seu nome apagado do livro da vida. Apocalipse 3:5. Então, desde que todos que são nascidos de Deus vencerão (1 João 5:4), nenhum deles pode sofrer a perda aqui indicada.

A dificuldade no pensamento de um homem perder sua parte no livro da vida quando ele nunca teve tal parte, como é verdade com meros professos, está explicada por uma comparação de Mateus 13:12 e Lucas 8:18. Estas passagens são paralelas. Na primeira lemos: "... aquele que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado". Não é isto impossível? Mas notai a segunda passagem: "... e a qualquer que não tiver até o que PARECE TER será tirado". Assim é com a perda referida nesta passagem.



# A DOCTRINA DA IGREJA

Quando alguém é salvo a primeira consideração que deveria chamar sua atenção é a igreja. A gratidão a Deus pela salvação deveria fazê-lo tão cômico acerca da filiação na igreja como acerca dos assuntos pertinentes à salvação.

## **I - A NATUREZA DA IGREJA**

### **1. VÁRIAS CONCEPÇÕES FALSAS DA IGREJA**

#### **1) A Concepção Católica Romana**

Os Católicos Romanos creem que a igreja é um organismo hierárquico mundial sob a direção do Papa em Roma. J. F. Noll, editor de “Nosso Visitante Do-

minical”, de Huntington, Indiana, em “O Argumento Mais Justo” compara a igreja com uma árvore, e diz: “As folhas representam os Católicos leigos por todo o mundo. Eles estão em comunhão direta com os seus respectivos padres paroquiais (os ramos menores da mística árvore). Os padres, por sua vez, estão em comunhão direta com os seus bispos, isto é, os ramos maiores. E todos os bispos estão em comunhão direta e constante com o Soberano Pontífice, isto é, o tronco, ou caule, de toda a árvore.”

Algumas vezes os Católicos Romanos expandem sua concepção de igreja de maneira a fazê-la incluir “todos os fiéis que existiram desde Adão até ao dia presente, ou que existirão até ao fim do tempo” (Catecismo do Concílio, como colocado em 1566).

## **2) A Concepção Nacional**

Isto é exemplificado na “Igreja da Inglaterra”, uma instituição nacional com o Rei da Inglaterra como seu cabeça.

## **3) A concepção Denominacional**

Ouvimos falar da “Igreja Metodista Episcopal”. Há também a “Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos”. E algumas pessoas, sem conhecimento da ordem Batista, falam das igrejas da Convenção Batista do Sul como a “Igreja Batista do Sul.”

## **4) A Concepção Universal**

Uma noção popular é que a igreja é composta de todos os salvos em todo o mundo de qualquer tempo ou de toda a gente salva que já viveu, se vivos agora ou falecidos. Assim a igreja é conhecida como sendo universal e invisível.

## **5) A Concepção Agregada**

Todas as igrejas e grupos religiosos, tomados no agregado, são ditos algumas vezes como “a igreja” em distinção do mundo.

## 2. A CONCEPÇÃO ESCRITURÍSTICA DA IGREJA

Todas as concepções anteriores da igreja são falsas e não escriturísticas. A concepção escriturística da igreja pode ser vista observando:

### O significado de “Ekklesia”

A palavra Grega para “igreja” é “ekklisia”. A palavra em Inglês para “igreja” não é uma tradução da palavra grega; é uma substituição.

“Ekklesia” vem de “ekketos” e esta última palavra vem de “ekkaleo,” chamar para fora ou separar-se. Mas “ekklisia” não significa “os chamados para fora”. Que esta declaração seja bem ponderada. O uso, não etimológico, determina o significado das palavras. Por exemplo, “prevenir”, etimologicamente, significa antecipar ou prece-der. Mas o uso fez disto um significado arcaico. Pelo uso, “prevenir” significa impedir, frustrar, fraudar, estovar.

“Ekklesia” teve a sua aplicação original a “uma reunião de cidadãos chamados para fora de seus lares em algum lugar público” (Thayer). Depois passou a significar qualquer assembleia ou reunião de pessoas ou multidão de homens, mesmo quando reunidos por acaso ou tumultuosamente. Veja Atos 19:32 e 39 e 41. O significado resultante é “assembleia”. A palavra nunca quis dizer simplesmente “os chamados para fora”. Ela sempre pressupôs que os chamados para fora se reuniriam ou se uniriam. Assim, de acordo com a culminação, a palavra sempre quis dizer “assembleia”, e mais tarde veio a significar apenas isto.

Neste sentido, após o dia de Aristóteles, de acordo com Hatch, na Organização das Igrejas Primitivas, ela veio a ser aplicada ao local, clubes seculares autogovernados e associações.

Nem o simples significado de “assembleia” é contradito pelo uso de “ekklisia” na Septuaginta. Às vezes na LXX “ekklisia” é usada para traduzir o “qahal” Hebraico. A partir deste fato alguns têm “inversamente e mais illogicamente julgado que, já que qahal algumas vezes significa todo o povo Israelita e às vezes é traduzida por ekklesia, portanto, ekklesia deve sempre assumir uma grande amplitude de significação. Referências da LXX, no entanto, mostrarão que os tradutores Gregos do Antigo Testamento, tão longe de encorajar tal juízo, cuidadosamente tem-no impedido. Pois quando qahal tem o amplo sentido ela nunca é traduzida por ekklesia, mas por outra palavra grega.” (Thomas, A Igreja e o Reino, pág. 200).

Este fato é confirmado por B. H. Carroll, que fez uma compilação de todas as ocorrências de *ekklesia* na LXX, sendo encontradas noventa e duas; e não foi encontrado um único caso onde fosse dado a *ekklesia* um significado mais amplo do que uma assembleia real, literal e genuína.

### A Distinção Entre a Igreja e o Reino

Aqueles que acreditam que a teoria da existência de uma igreja universal e invisível, para todos os efeitos práticos, confundem a igreja e o Reino. Mas a Escritura nunca confunde os termos ou usa-os alternadamente.

*“Será prontamente deduzido... que a palavra ekklesia chamaria, na mente de um grego comum, ou falante de língua grega, uma concepção não só não idêntica com, mas em todas as particulares antíteses de, essa sugerida por basilica”* (*Thomas, A Igreja e o Reino, pág. 213*).

Que esta distinção é mantida no Novo Testamento é manifesto nos seguintes contrastes entre a igreja e o reino:

- 1) A igreja é uma assembleia; o reino é o domínio do Rei.
- 2) A igreja como uma assembleia é necessariamente local; o reino é universal.
- 3) A igreja é tida como aquela que devia ser edificada (Mateus 16:18); do reino nunca se falou assim.
- 4) Cristo disse: “Dize-o à igreja” (Mateus 18:17); nunca tal mandamento é dado a respeito do reino.
- 5) A igreja é chamada de um corpo (Efésios 1:22,23; Colossenses. 1:18; 1 Coríntios 12:27); do reino nunca foi dito isso.
- 6) A igreja é uma democracia sob a liderança de Cristo, como notaremos presentemente; o reino é uma monarquia.
- 7) A igreja tem caráter orgânico, sendo visível e tendo oficiais (1 Coríntios 12:28); o reino nem é orgânico nem visível (Lucas 17:20).
- 8) A membresia da Igreja é assunto para ação democrática do corpo (Romanos 14:1, Atos 9:26; 1 Coríntios 5:5; 2 Coríntios 2:6.); enquanto Deus, puramente independente da ação da igreja, coloca os homens em Seu reino através do novo nascimento (João 3:5; Colossenses 1:13).
- 9) O reino foi pregado e, ao mesmo tempo, foi anunciado como “está próximo”



(Atos 20:25; 28:31, Marcos 1:15), mas tal linguagem nunca é usada em referência à igreja.

10) Lemos acerca do evangelho do reino (Marcos 1:14; Mateus 4:23, 9:35; 24:14); mas nunca do evangelho da igreja.

### **O uso de “Ekklesia” no Novo Testamento**

É razoável supor precipitadamente que Cristo e os apóstolos tomaram uma palavra grega que tinha um significado bem estabelecido e deu a ela outro significado sem nenhuma palavra de explicação. Consequentemente, vemos que em cada passagem no Novo Testamento onde ocorre ekklesia ela pode ser tomada no sentido verdadeiro de assembleia. Não existe qualquer passagem que exija um sentido mais amplo. Encontramos no Novo Testamento, em plena harmonia com o uso comum de palavras, um uso triplo de ekklesia, a saber:

#### **1) O Sentido Abstrato ou Genérico**

Termos que são comumente concretos em significado são frequentemente usados num sentido abstrato ou genérico. Tal é a verdade das palavras casa, casamento e o homem.

Encontramos tal uso da “ekklesia” em Mateus 16:18, Efésios 3:10,21; 1 Coríntios 12:28, e possivelmente noutras passagens.

A igreja assim representada é concebida de uma instituição similar a uma casa na expressão, o lar Americano, e semelhante ao casamento na frase: Casamento é uma instituição Divina. “Igreja” em Atos 9:31, o melhor manuscrito têm o singular em vez do plural, ou refere-se aos membros da igreja em Jerusalém que haviam sido espalhados, ou refere-se num sentido genérico a essa igreja e várias outras que possam ter sido estabelecidos na Judéia.

#### **2) O Sentido Prospectivo**

Existem duas passagens da Escritura onde “ekklesia” refere-se a uma assembleia futura. Fazemos menção aqui a Efésios 5:25-32 e Hebreus 12:23. Em Efésios 5:25-32 a igreja abraça os eleitos de todas as épocas; mas, de acordo com a etimologia da palavra original, a igreja neste sentido não pode ser concebida como existindo atual-

mente no presente tempo. A palavra é usada assim perspectivamente. E o mesmo é verdade em Hebreus 12:23.

### 3) O Presente Concreto e o Sentido Particular

De todos os 113 casos no Novo Testamento onde “ekklesia” refere-se à instituição fundada por Cristo, exceto os casos já notados, e uns outros poucos onde possivelmente existe um emprego misto, todos referem-se a uma igreja particular, concreta, igreja local, ou a uma pluralidade de tais igrejas, tais como “a igreja que estava em Jerusalém” (Atos 8:1); “todas as igrejas dos gentios” (Romanos 16:4); “as igrejas da Macedônia” (2 Coríntios 8:1); “a igreja em tua casa” (Filemom 2); e “as igrejas de Deus” (2 Tessalonicenses 1:4).

### 4) O Fato que a Igreja é Chamada de “o Corpo de Cristo”

Um corpo é uma associação viva e compacta de várias partes. É um meio através do qual a ação é obtida. É uma entidade em funcionamento. O corpo humano existe para desempenhar as funções determinadas pela mente trabalhando através do cérebro localizado na cabeça. É manifestamente, devido à relação entre a cabeça humana e o resto do corpo, que a igreja é chamada corpo de Cristo. Assim como o corpo humano cumpre os propósitos formados na cabeça, assim a igreja existe para realizar os propósitos de sua cabeça, Cristo Jesus.

Agora a imaginária igreja invisível e universal nunca funciona coletivamente. Ela não mantém qualquer serviço, não observa qualquer ordenança, não envia e suporta quaisquer missionários. Ela é simplesmente uma não-entidade colossal, sem função, propósito ou razão para a existência.

É a igreja local que funciona por Cristo. E é apenas a igreja local que pode ser corretamente chamada de o corpo de Cristo. Veja 1 Coríntios 12:27.

O autor, portanto, afirma enfaticamente que a teoria da igreja invisível e universal é sem fundamento no grego, fora da Escritura, sem fundamento na tradução grega do Antigo Testamento, e é sem fundamento no uso do Novo Testamento. Ela é primariamente o produto de ilusões, e é a mãe de uma matriz heterogênea de heresias. É apropriado encerrar esta parte de nosso estudo com estas palavras de Armitage:

*“A ficção Romanista de uma Igreja impessoal e invisível nunca existiu até o século IV, quando foi criada a fim de trazer as Igrejas locais sob o jugo... A Igreja local foi a única Igreja conhecida pelos próprios Apóstolos, o único corpo do qual eles sempre falaram, e que eles conheciam coletivamente como as “Igrejas espalhadas no estrangeiro” (History of Baptists, História dos Batistas, pág. 121).*

## II - A FUNDAÇÃO DA IGREJA

### 1. DUAS CONCEPÇÕES ERRÔNEAS

#### 1) A noção que a igreja foi fundada no dia de Pentecostes registrado em Atos 2

Não há o mais leve indício da fundação de qualquer coisa neste dia. A igreja que existia ao final do Dia de Pentecostes, existia antes do Pentecostes. Antes do Pentecostes a igreja tinha o Evangelho e o pregava. Ela tinha batismo e a Ceia do Senhor. Tinha também um ministério e realizava cultos. Antes do Pentecostes, a igreja era um corpo de crentes batizados, unidos para fazerem a vontade de Jesus Cristo. Isto é o que uma igreja é.

#### 2) A noção que Mateus 16:18 marca o tempo da fundação da igreja

Isto é uma noção geral entre aqueles que rejeitam a teoria Pentecostal da fundação da igreja. Mas Jesus não disse: “Sobre esta pedra ‘fundarei’ a minha igreja”. Ele empregou a palavra “edificar” em vez da palavra “fundar”. E a palavra Grega aqui traduzida por “edificar” quer dizer edificar a superestrutura. A mesma palavra ocorre em Atos 9:31, que está traduzida por “edificadas”. Cristo estava então edificando ainda Sua igreja tal qual Ele disse que faria em Mateus 16:18. Isto explica o tempo futuro (Eu edificarei) em Mateus 16:18.

O que temos dito do Dia de Pentecostes, podemos também dizer do dia em que Cristo proferiu as palavras de Mateus 16:18. A igreja que existia ao final desse dia, existia antes desse dia. Nada há que se possa chamar de igreja que veio a existir nesse dia, tanto quanto o registro inspirado nos informa.

## 2. O MOMENTO VERDADEIRO DA INSTITUIÇÃO DA IGREJA

Ao tentar determinar a fundação da igreja, devemos achar um tempo que responda à descrição de quando a igreja veio a existir. Esta regra aponta-nos para o tempo, quando, após uma noite de oração, Cristo escolheu os doze apóstolos. Com esta escolha, estes doze homens, pela primeira vez, tornaram-se um corpo. Tiveram um cabeça - Cristo. Tiveram um tesoureiro - Judas. Supõem-se que eles foram batizados crentes. Uniram-se para fazer a vontade de Cristo. Que mais além disto eles se tornaram no dia em que seu Mestre proferiu as palavras de Mateus 16:18?

## III - A FUNDAÇÃO DA IGREJA

Existe muita controvérsia acerca do significado de “pedra” nas palavras de Cristo, “Sobre esta ‘pedra’ edificarei a minha igreja.”

Os Católicos Romanos e outros tomam a pedra como sendo Pedro. Mas a diferença em gênero e o significado exato entre “Petros” traduzido como Pedro e “petra” traduzido como rocha, torna insustentável esta ideia. No Grego clássico a distinção está geralmente observada (vide “petra” no Léxico de Thayer), “petra” significando “a enorme rocha viva,” e “petros” significando “um fragmento destacado, mas grande.”

Outros tomam “petra” como significando a fé de Pedro; e outros ainda, a confissão de Pedro.

Nós consideramos que Cristo aqui usou um jogo de palavras. Tomamos “petra” se referindo a Cristo divinamente revelado e implantado nos corações dos homens (Colossenses 1:27). Pensamos que esta interpretação é sustentada por 1 Coríntios 3:11. Esta passagem fala da fundação da igreja em Corinto. Esta fundação foi lançada pela pregação do Evangelho, pela divina revelação e pela implantação de Cristo no coração.

## IV - AS ORDENANÇAS DA IGREJA

Num sentido geral uma ordenança é meramente um mandamento, e qualquer mandamento é uma ordenança. Mas o uso comum dos dias atuais limita o termo ordenança da linguagem religiosa a formas e cerimônias especiais que pertencem à igreja e são observadas sob sua jurisdição. Neste sentido só encontramos duas ordenanças da igreja na Bíblia. São elas:

## 1. BATISMO

O batismo, que é a imersão em água de um crente arrependido no nome da Trindade ou de Cristo sobre autoridade apropriada e com o propósito de mostrar a morte do crente para o pecado e ressurreição para andar em novidade de vida, era o rito inicial das igrejas neotestamentárias. Ninguém era recebido sem este rito. Paulo diz que ele é o meio pelo qual os crentes são feitos parte do corpo de Cristo, a igreja (1Coríntios 12:13).

O batismo é um assunto tão vasto que um capítulo inteiro ser-lhe-á dedicado mais tarde. Uma consideração mais ampla, entretanto, está reservada para esse capítulo.

## 2. A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor é o memorial instituído por Cristo no qual Suas igrejas são ordenadas, pelo uso de pão ázimo e vinho, a mostrar Sua morte. Uma maior consideração desta ordenança virá num capítulo inteiramente reservado a ela.

## V - OS OFICIAIS CONSAGRADOS DA IGREJA

O Novo Testamento só menciona dois oficiais separados pela consagração da igreja. São eles:

### 1. ANCIÃOS OU BISPOS

O título “ancião” ou “bispo” designa o oficial principal nas igrejas neotestamentárias. Os ocupantes deste ofício presidiam aos cultos, ensinavam e guiavam o povo nas doutrinas e nos deveres cristãos e exerciam a supervisão nas igrejas.

Estes dois títulos são usados reciprocamente no Novo Testamento, e, portanto, designam o mesmo ofício. O seu uso recíproco pode ser visto em Atos 20:17, 28. Na primeira passagem é dito que Paulo enviou os anciãos da igreja de Éfeso, e na segunda passagem ele os chama “bispos”<sup>1</sup> que é a tradução literal da palavra a qual

---

<sup>1</sup> Nota do Revisor: Atos 20:28 é “Supervisores” (overseers, #1985, episkopos, Strong’s) na versão em Inglês. Tem a ideia de “tendo cuidado dele” (#1983, episkopeo, Strong’s, inglês: oversight) em I Pedro 5:2.

noutro lugar é traduzida por “bispos.” Veja Filipenses 1:1. O uso alternado de ambos os títulos<sup>2</sup> sob discussão pode ser visto também em Tito 1:5,7.

O termo “pastor” é um outro termo, usado apenas uma vez no Novo Testamento (Efésios 4:11), o qual parecidamente designava o mesmo ofício do ancião e do bispo.

Parece ter sido a regra no Novo Testamento as igrejas terem uma pluralidade de anciãos, como é visto claramente no caso da igreja de Éfeso (Atos 20:17), e no caso da igreja de Filipos (Filipenses 1:1); e como parece estar indicado no caso de outras igrejas em Atos 14:23 e Tito 1:5.

A razão principal, talvez, para ter uma pluralidade de anciãos nas igrejas neotestamentárias é que era costume haver apenas uma igreja em cada cidade, tendo essa um número variado de pontos de pregação pela cidade.

Um ministério graduado é desconhecido no Novo Testamento. O bispo era um oficial de uma igreja particular, e não um supervisor de todas as igrejas em um determinado distrito, como é o caso hoje em algumas denominações.

## 2. DIACONOS

Veja Atos 6:1-8; Filipenses 1:1; 1Timóteo 3:8-13.

Existe tanta coisa a ser dita em relação ao diaconato que nós reservamos um tratamento mais amplo para um capítulo exclusivamente dedicado a este assunto.

## VI - O GOVERNO DA IGREJA

As igrejas neotestamentárias eram independentes e democráticas em seu governo. Este fato é provado em:

### 1. A ESCOLHA DE MATIAS

Embora o método usado na escolha de Matias não ser o de costume nas votações atuais, o registro de Lucas (Atos 1:23-26) implica que a igreja inteira participou de sua escolha. “Apresentaram” (v. 23), “oraram” (v. 24), e “lançaram sortes” (v. 26). O

---

<sup>2</sup> Nota do Revisor: Os termos usados em Tito 1:5 e 7, na ACF, são “presbíteros” e “bispo”, termos usados com o mesmo significado.

grupo inteiro de cento e vinte (v. 15) é o antecedente mais natural do pronome “eles” nestas expressões.

## **2. A ESCOLHA DOS SETE DIÁCONOS**

Quando surgiu a necessidade destes sete servos da igreja, os apóstolos não assumiram a autoridade de indicá-los, mas “convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a Palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolheis, pois, irmãos dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio” (Atos 6:2,3). “E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram” os sete homens cujos nomes são dados. A multidão dos discípulos, isto é, a igreja, fez a escolha.

## **3. A SEPARAÇÃO DE BARNABÉ E SAULO**

Nisto vemos a independência das igrejas neotestamentárias. A igreja em Antioquia, ainda que muito mais jovem que a de Jerusalém, procedeu neste assunto independente da igreja de Jerusalém e sem ao menos consultá-la. Veja Atos 13:1-3. A igreja também não consultou os apóstolos.

## **4. A EXCLUSÃO E RESTAURAÇÃO DO HOMEM INCENTUOSO EM CORINTO**

Paulo dirigiu-se à igreja como um todo neste assunto. Veja 1 Coríntios 5. E em sua recomendação acerca da restauração deste homem (2 Coríntios 2:6) ele fala de sua punição como tendo sido imposta a “muitos,” literalmente, a maior parte ou maioria. Isto implica distintamente que a igreja era democrática na exclusão daquele homem. Não foi feita pelos anciãos, nem pelos diáconos, mas pelo “muitos” ou a maioria.

## **5. A ESCOLHA DE COMPANHEIROS DE VIAGEM PARA PAULO**

Compare 1 Coríntios 16:3 e 2 Coríntios 8:19,23. Paulo reconheceu o direito das igrejas de terem seus próprios representantes acompanhando-os em suas viagens entre as igrejas para arrecadar as ofertas para os santos em Jerusalém. Nós, sem dú-

vida, temos estes “mensageiros da igreja” mencionados em Atos 20:4. Assim Paulo não foi um senhor sobre a herança de Deus, mas reconheceu-lhes o direito de autonomia. Ele fala destes irmãos como tendo sido escolhidos das igrejas. Isto implica que as igrejas procederam como corpos em sua escolha. Eles não foram indicados pelos anciãos. O único meio que uma igreja pode proceder como um corpo é através algum método de votação. Qualquer método apropriado de votação é uma expressão de democracia.

## 6. O DEVER E A RESPONSABILIDADE DE TODA A IGREJA EM:

### Manter a unidade de ação

Veja Romanos 12:16; 1 Coríntios 1:10; 2 Coríntios 13:11; Efésios 4:3; Filipenses 1:27; 1 Pedro 3:8. Strong mui justamente observa nestas passagens que elas não são “meros conselhos de submissão passiva, tais como poderiam ser dados sob uma hierarquia, ou aos membros da Companhia de Jesuítas; são conselhos de cooperação e juízo harmonioso.”

### Conservar puras a doutrina e a prática

1 Timóteo 3:15; Judas 3. Veja também as exortações às igrejas em Apocalipse 2 e 3.

### Guardar a ordenanças

1 Coríntios 11:2, 23, 24.

E podemos concluir dizendo que em nenhum caso no Novo Testamento vemos contraditadas a independência e a democracia da igreja.

## VII - A MISSÃO DA IGREJA

A missão da igreja está claramente esboçada na comissão de despedida de nosso Senhor como registrado em Mateus 28:19,20. Existem três elementos nesta comissão.



### 1. FAZER DISCÍPULOS

A frase “fazei discípulos de todas as nações” pode ser traduzida “discipular todas as nações” e este é o seu significado. Da interpretação de Marcos acerca da comissão achamos que os discípulos são feitos pela pregação do Evangelho. Sob a luz de outras passagens, não pode ser sustentado que o discipulado era feito através do ato de batismo, como alguns gostariam que fosse. Nós achamos que o Mestre, Autor da comissão e nosso exemplo perfeito, “fez e batizou” discípulos (João 4:1); o que implica que os discípulos foram feitos e então batizados, não feitos pelo ou através do batismo.

Precisamos notar que esta comissão autoriza a pregação mundial do Evangelho. Nós devemos ir a todo o mundo e pregar o Evangelho a toda criatura (Marcos 16:15), fazendo discípulos de todas as nações. Nem pode ser razoavelmente sustentado que isto coube apenas à era apostólica. A promessa da presença de Cristo até a consumação dos séculos (Mateus 28:20) implica uma continuação da comissão até a consumação dos séculos, pelo qual se quer dizer o fim da presente dispensação que virá na volta de Cristo.

### 2. BATIZANDO-OS

O batismo nada tem a ver com o fazer discípulos e não tem poder salvador, todavia ele é ordenado por nosso Senhor, é, portanto, importante.

A comissão de Cristo proíbe expressamente batizar crianças de peito e outras pessoas não responsáveis por si mesmas. O antecedente de “-os” são aqueles que são discipulados. Ninguém tem direito ao batismo a menos que possa ser ensinado, e então ele não tem direito ao batismo até que tenha sido ensinado e tenha recebido esse ensino. Veja Atos 2:41, 8:36,37, 19:1-5.

### 3. ENSINANDO-OS

Nós completamos o mandamento quando fizemos discípulos e os batizamos. Somos intimados a ensinar-lhes, e a ensinar-lhes tudo quanto Cristo mandou.

Já nos referimos à promessa da presença de Cristo que se junta a esta comissão. A promessa não só indica que a comissão tem uma aplicação perpétua até ao fim dos séculos, mas também indica que Cristo se dirigiu aos apóstolos, não como indivíduos, mas como igreja. Estes apóstolos há muito estão mortos, e, contudo o fim dos

séculos ainda não veio. Cristo, entretanto, precisou falar-lhes como a um corpo que se perpetuaria até ao fim dos séculos. A comissão, portanto, foi comissionada à igreja. A execução dela, então, é, primariamente, uma responsabilidade da igreja.

## **VIII - A MEMBRESIA DA IGREJA**

De qual tipo de pessoas as igrejas neotestamentárias eram constituídas? Existia algo semelhante à membresia infantil na igreja? Podemos responder a esta última pergunta com uma negativa enfática. Toda palavra do Novo Testamento que de qualquer maneira toca o assunto da membresia da igreja é totalmente contra a ideia da membresia infantil na igreja. Não encontramos nem mesmo o mais leve indício de que alguma vez uma igreja neotestamentária tenha recebido qualquer pessoa não responsável por si mesma. As igrejas neotestamentárias eram compostas somente de pessoas supostamente regeneradas. Aqueles que se desviaram disto, se desviaram da Palavra de Deus, e suas instituições são indignas de ser chamadas igrejas neotestamentárias.

## **IX - A DISCIPLINA DA IGREJA**

Disciplina pode ser definida como tratamento apropriado a um aprendiz ou discípulo, ou o treinamento para alguém proceder de acordo com regras estabelecidas.

Da grande comissão nós temos visto que o ensino ou treinamento dos discípulos de Cristo tem sido comissionado à igreja. Este ensino ou treinamento deve ser apropriado às necessidades de diferentes classes de discípulos, e necessita consistir de mais que uma mera proclamação da verdade. Achamos que isto é verdade de acordo com as epístolas pastorais e de acordo com Cristo mesmo. Notamos, portanto:

### **1. TRÊS TIPOS DE DISCIPLINA**

#### **1) Disciplina formativa**

Esta é a forma primária e mais simples de disciplina. Consiste em ensinar, instruir e guiar os bem-dispostos nos caminhos da verdade e da justiça.

As igrejas deveriam envolver-se diligentemente nesta forma de disciplina. É o melhor método e mais satisfatório. Se for usada fielmente, outras formas de disciplina menos agradáveis não serão tão necessárias.

## **2) Disciplina corretiva**

Entretanto a mais diligente disciplina formativa não impedirá os lapsos do caminho estreito e apertado por parte de todos os crentes. Alguns estão certos de serem surpreendidos pelo pecado.

Esta classe é relatada em Gálatas 6:1. Estes não são os obstinados e persistentes em pecar, mas tal como os que vivem em geral retamente, são tomados por alguma tentação ou hábito e assim caem em pecado. Eles devem ser restaurados pelos inclinados para a espiritualidade na igreja. Os inclinados para a espiritualidade na igreja deveriam ir até aqueles que têm errado e, com humildade, procurar recobrá-los do seus pecados. Se este plano for seguido, muitos serão salvos de grandes danos a si mesmos e à igreja.

Um outro exemplo de disciplina corretiva encontra-se em Mateus 18:17. Aqui temos o caso de ofensa de um irmão contra outro. Após o irmão ofendido ter dado os dois primeiros passos em vão, ele deve trazer o assunto ao conhecimento da igreja. A igreja, então, deve julgar o caso e buscar reconciliar os dois irmãos apartados. Isto é disciplina corretiva.

## **3) Exclusão como disciplina**

Por exclusão entende-se cortar ou excluir um membro da igreja por alguma ofensa ímpia ou pelo curso persistente do pecado. Não importa o quanto uma igreja possa absolver-se no uso das disciplinas tanto formativa como corretiva, ela encontrará a necessidade, de vez em quando, de afastar alguma pessoa de participar da membresia da igreja. Podemos notar:

### **A. Os propósitos da exclusão como disciplina**

**a) O bem do excluído**

Quando o excluído parece ser uma pessoa salva, o seu bem deveria ser a coisa predominante. E mesmo quando estiver claro que o ofensor for uma pessoa perdida, deveríamos esperar que sua exclusão ajude a ocasionar sua salvação.

Paulo recomendou a exclusão do homem incestuoso em Corinto, antes de tudo, para “a destruição da carne”, isto é, a natureza carnal. Deveríamos orar pelo excluído para que Deus use a disciplina para o próprio bem dele.

No caso do homem em Corinto vemos que a disciplina realizou o seu propósito desejado. Em 2 Coríntios 2:6-8 vemos que esse homem se arrependeu. Muitos discípulos têm sido despertados e trazidos ao seu bom senso por ser excluído da igreja.

**b) O bem da igreja**

Paulo assinalou uma outra razão para a exclusão do homem em Corinto. Ele disse-lhes para se alimparem do fermento velho porque “um pouco de fermento faz levedar toda a massa”. Veja 1 Coríntios 5:7,8. A igreja deve excluir o ímpio a fim de proteger o restante de sua membresia. O exemplo do ímpio, se ele for deixado na igreja, tenderá a corromper a igreja inteira.

**c) A glória de Cristo**

Ainda que a igreja não precisasse excluir os ímpios por amor deles mesmos e como uma proteção do restante da membresia, ela necessitaria fazê-lo para a glória de Cristo. A igreja é Seu corpo. Ela representa Cristo no mundo. É uma desonra para Cristo ter Seu corpo maculado pela impiedade. Paulo argui contra as divisões na igreja com o fundamento que Cristo não está dividido (1 Coríntios 1:13). Do mesmo modo podemos raciocinar contra a entrada da impiedade na igreja sobre o fundamento que em Cristo não há impiedade.

**B. Ofensas que merecem a exclusão**

Estas ofensas podem ser divididas em três tipos; a saber:

**a) Ofensas pessoais**

Esta classe de ofensas é referida em Mateus 18:15-18, e o método de tratar com elas está indicado. Uma igreja não deveria permitir a qualquer de seus membros trazer diante dela uma queixa contra outro membro antes que se tenha dado os dois

passos precedentes prescritos por Jesus.

### **b) Ofensas doutrinárias**

Veja Romanos 16:17; 1 Timóteo 6:3-5. De cada uma das passagens precedentes a exclusão da igreja como disciplina, no caso dos professores que persistem em ensinar erro, é uma inferência racional. Aqueles mencionados em Romanos 16:17 evidentemente não eram membros da igreja. Mas supondo que eles fossem, a membresia da igreja podia evitá-los de modo a impedi-los de causar muito dano sem excluí-los da igreja? Ela estaria em boas condições para manter na igreja pessoas que a membresia como um todo precisaria evitar? E supondo que estes falsos mestres insistissem em ensinar seus erros nas reuniões da igreja? Respondam a estas perguntas prudentemente e verão a clara inferência de tais naturezas como referidos em Romanos 16:17, se na igreja, deve ser necessária a exclusão para que as instruções de Paulo sejam cumpridas de uma maneira ordeira e efetiva.

E seria correto para Timóteo retirar-se dos membros da igreja? Tal solução não causaria divisão no corpo, que nunca deveria existir no corpo de Cristo? Assim temos o mesmo ensino desta segunda passagem.

Mas notem que em ambos os casos os falsos mestres são descritos como propagando seus erros e causando divisão na igreja. Tal conduta clama por disciplina. Contudo, o caso é diferente com aqueles que não compreendem a verdade como deveriam, mas são capazes de aprender e não se portam de maneira a causarem divisão na igreja. É desta classe que Paulo fala quando diz: “Ao que é enfermo na fé, recebei-o”. (Romanos 14:1).

### **c) Ofensas morais**

Veja 1 Coríntios 5:1-7; 2 Tessalonicenses 3:6,14.

## **2. MAIS OBSERVAÇÕES SOBRE DISCIPLINA**

### **1) Indicação de uma comissão não obrigatória**

Note-se que nada é dito em quaisquer das passagens referidas, nem qualquer coisa é dito em qualquer das passagens, quanto à necessidade de se mandar uma co-

missão para ver um membro ofensor antes que se institua a ação disciplinar.

Não dizemos que isto nunca deveria ser feito. Mas desejamos enfatizar que a Escritura de nenhum modo prende a igreja para assim fazer em qualquer caso. De fato, a Escritura nenhuma vez menciona a indicação de uma comissão em casos de disciplina. A igreja é deixada livre sob a liderança do Espírito Santo para decidir quando se precisa de uma comissão.

Alguns procuram usar Mateus 18:15-17 para provar que uma comissão deve sempre ser indicada para ver a pessoa ofensora. Mas não existe qualquer menção aqui de uma comissão indicada pela igreja. Nesta passagem temos instruções para ofensas pessoais. Isto nada tem a ver com as outras ofensas.

## **2) Visita pessoal não obrigatória**

Não está dito na Escritura que alguém deva trabalhar privadamente com a pessoa culpada de ofensa doutrinal ou moral antes de o caso ser trazido perante a igreja para a exclusão disciplinar. Outra vez não dizemos que isto não deveria ser feito. No caso de ofensas doutrinal e moral nós não somos obrigados a este procedimento em todos os casos. E em ofensas mais graves e vulgares, isto não deveria ser seguido. Em tais casos, só a exclusão imediata pode conseguir os resultados almejados. Notem que Paulo, no caso do homem de Corinto, recomendou a exclusão imediata, sem quaisquer passos intermediários. Veja 1Coríntios 5:1-7.

## **3) Julgamentos da igreja desnecessários e imprudentes**

Nada é dito em qualquer lugar da Escritura acerca de um julgamento da igreja para um ofensor.

Nos assuntos de ofensas pessoais, pode haver ocasiões em que o acusado deveria ser ouvido em sua própria defesa. E em tais casos, ele deveria ser ouvido, a menos que os fatos a respeito de sua culpa sejam já conhecidos muito bem para admitir qualquer dúvida. Mas em tais casos é melhor que sua defesa seja trazida à igreja por uma comissão do que pela própria pessoa acusada. E em outras ofensas, se a igreja o julgar acertado, pode ser permitido ao acusado defender-se a si mesmo; mas então, igualmente, é muito melhor que sua defesa se faça por uma comissão. De outra maneira muito mal pode ser causado por palavras amargas e assuntos impróprios

apresentados à igreja.

Em qualquer caso onde a igreja está segura da culpabilidade do acusado, ela não necessita de permitir-lhe qualquer defesa. Uma igreja nunca deveria excluir um membro, contudo, sem estar segura das evidências. Ela deveria sempre dar os passos necessários para verificar os fatos. Mas ela não está obrigada a qualquer forma estereotipada de procedimento. A igreja não é um tribunal, e não pode ser forçada a agir sob as regras de um tribunal. Chamamos a atenção para estes assuntos porque tratam-se de algumas das coisas que o Diabo usa para entravar a disciplina e magoar as igrejas de vários modos. Na maioria das igrejas um assunto de disciplina chamará sempre algum tradicionalista aos seus pés para insistir que a igreja siga certos passos que eram costumeiros no interior quando ele era menino. Se a igreja permitir ser trazida sob tal tradição, ela quase nunca cumprirá o seu dever na questão disciplinar. Comissões para ver as partes ofendidas raramente funcionam, e continuam de uma reunião de negócios para outra até que o assunto se gaste e seja esquecido. Se a igreja recusar ser feita escrava da tradição caipira e seguir a Palavra e o Espírito de Deus, ela achar-se-á em melhor situação.

## **X - A PERPETUIDADE DA IGREJA**

O autor sustenta que Mateus 16:18 garante a perpetuidade da igreja local. Ele acredita, como já indicado, que “igreja” nesta passagem se refere à igreja como uma instituição, expressando a si mesma em corpos locais.

A palavra traduzida “edificar” (oikodomeo) significa “desenvolver” e é sempre traduzida “edificar”. Cristo estava aqui dizendo, ao nosso ver, acerca da edificação perpétua de sua igreja, por meio da qual ela seria mantida viva; assim como o corpo humano que é mantido vivo sendo constantemente edificado. “Inferno” (hades, que é a palavra Grega introduzida no Inglês) não alude distintamente ao lugar de tormenta; mas ao reino da morte ou habitação dos mortos. “Portas” significa entrada. Nós entendemos, portanto, que Cristo está dizendo, que Sua igreja não seria engolida pelo reino dos mortos, não morreria, em outras palavras; porque Ele a edificaria perpetuamente.

O autor acredita que esta promessa tem sido executada. No segundo século, muitas igrejas foram arrastadas do padrão neotestamentário. Uma cisma entre estas

e a maioria das igrejas verdadeiras aconteceu no meio do segundo século. As igrejas verdadeiras vieram a ser conhecidas principalmente como Montanistas. Depois estas igrejas verdadeiras foram conhecidas por outros nomes tais como Novacianos, Donatistas, Paulicianos, Albigenses e Waldenses. O mais cedo possível, no terceiro século, o nome geral de Anabatistas foi dado à estas igrejas. Este nome significa “rebatizadores.” Ele foi dado porque estas igrejas se recusaram a reconhecer o batismo administrado pelas falsas igrejas. Finalmente o prefixo “ana” foi tirado e o simples nome “Batista” permaneceu.

Não é sustentado que qualquer das igrejas sobre os vários nomes dados eram perfeitas, ou que não existiam falsas entre estas que eram chamadas por estes vários nomes. Mas é sustentado que estes grupos, na maioria, mantinham os essenciais da fé neotestamentária.

## **XI - OS SINAIS IDENTIFICADORES DA IGREJA**

Se, como cremos, a igreja de Cristo tem sido perpetuada então ela está no mundo hoje e tem estado no mundo desde sua fundação. Por quais meios, então, devemos identificar esta igreja em cada tempo? Para haver uma igreja, ela deve ser:

### **1. UM CORPO LOCAL INDEPENDENTE**

A Igreja Católica Romana não pode qualificar-se como igreja de Cristo. Nem o pode qualquer ramo da persuasão Metodista Episcopal. Nenhuma das tais existiu nos tempos do Novo Testamento. As igrejas neotestamentárias eram locais, corpos independentes. Nenhuma instituição hierárquica pode qualificar-se como uma igreja.

### **2. SUSTENTANDO A VERDADE COMO O MEIO DE FAZER DISCÍPULOS**

O propósito primário de Jesus ao colocar a igreja no mundo foi para que Seu Evangelho fosse pregado. Nenhuma instituição que prega um falso evangelho é reconhecida d'Aquele que mesmo tendo ameaçado a igreja de Éfeso com a remoção do seu castiçal porque ela tinha simplesmente esfriado em seu zelo e crescido na negligência concernente à obra que Ele comissionou às Suas igrejas.



Nenhuma instituição que ensina qualquer forma de salvação pelas obras está sustentando a verdade acerca do meio de fazer discípulos. Uma igreja deve ensinar a salvação totalmente pela graça através da fé.

### **3. SUSTENTANDO A VERDADE QUANTO AO BATISMO**

O batismo Escriturístico é essencial para uma igreja verdadeira porque é a porta para entrar na igreja. Veja 1 Coríntios 12:13. Logo não pode existir igreja sem batismo. Uma organização que pratica qualquer coisa menos a imersão, ou ela não sustenta o batismo dos crentes, ou batiza pessoas para que elas possam ser salvas, certamente não é reconhecida por Cristo como uma de Suas igrejas.

### **4. RECONHECENDO APENAS CRISTO COMO SEU CABEÇA, E PROCURANDO EXECUTAR SUA VONTADE E MANDAMENTOS**

A igreja é um corpo espiritual. Consequentemente ela pertence ao seu cabeça. Se o seu cabeça é Cristo, ela é Sua igreja. Se o seu cabeça é o Papa, ela é a igreja do Papa. Se o seu cabeça é uma conferência, então ela é a igreja de uma conferência. Se o seu cabeça é um presbitério ou sínodo, então ela pertence ao presbitério ou sínodo em vez de Cristo.

Onde quer que seja encontrado um corpo local possuindo todos estes atributos, aí está uma igreja. Sem todos eles não pode haver igreja.

E nós não hesitamos em dizer encerrando que, no que diz respeito às denominações regulares, ao menos, apenas as igrejas Batistas hoje, podem, pelos testes citados, ser identificadas com igrejas neotestamentárias.





## CAPÍTULO 32

# A DOCTRINA DO BATISMO

O batismo é talvez o assunto mais polêmico na Escritura. Por séculos ele tem sido um campo de batalha teológico, no qual muitos nobres soldados da cruz lutaram, sangraram e morreram. Talvez mais sangue de mártires tem sido derramado sobre o batismo do que sobre qualquer outra coisa. A controvérsia tem se centrado principalmente ao redor de quatro aspectos do batismo. Nossa discussão, portanto, tratará desses quatro aspectos.

### **I - O ADMINISTRADOR**

Faz alguma diferença quem seja o administrador do batismo? Dizem alguns que não. Eles argumentam que o batismo é um ato de obediência por parte de alguém ao ser batizado, e que o administrador não tem a menor importância. Mas

os que pensam desta forma imaginam que teria sido a mesma coisa aos olhos de Deus se o povo nos dias de João o Batista tivesse recebido o batismo de algum Fariseu ou Saduceu em vez de receber o de João? Naqueles dias Deus divinamente indicou um administrador, e nosso Senhor andou uma grande distância para receber o batismo de suas mãos. Se Deus divinamente indicou um administrador naqueles dias, não é provável que Ele tenha um hoje? Nós cremos que tem. Permita-nos notar:

## 1. O BATISMO É UMA ORDENANÇA DA IGREJA

Como prova disto oferecemos as seguintes Escrituras:

### 1) Mateus 28:18-20

Na passagem referida, como é bem sabido, nós temos o relato de Mateus da última comissão de Cristo, comumente chamada de a Grande Comissão.

A quem Cristo estava falando quando Ele proferiu Sua última comissão? A promessa que está anexada a ela mostra que Ele não estava falando aos apóstolos como indivíduos. Ele prometeu Sua presença até o fim dos séculos. Certamente Ele não pensou que os apóstolos viveriam tanto tempo. Então Ele deve ter se dirigido a eles com alguma capacidade oficial ou corporativa. Ele dirigiu-se a eles como um corpo oficial de ensino apostólico que devia-se perpetuar? Nós dificilmente pensamos assim, já que nada é dito sobre a perpetuação do ofício apostólico. Para ser um membro dos doze originais, era necessário que alguém tivesse acompanhado Jesus com os demais desde o batismo de João e devesse ter sido uma testemunha da ressurreição (Atos 1:21-22). Paulo foi um apóstolo num sentido pouco mais amplo, em que ele teve uma comissão pessoal de Cristo, que lhe apareceu e lhe comissionou na estrada de Damasco. Num sentido ainda mais amplo, outros são chamados apóstolos. Entretanto nenhum indício é dado da perpetuidade do ofício até o fim dos tempos. E nem existe qualquer indício que o ofício pudesse ser transmitido de um para outro.

Cremos que Cristo falou aos apóstolos como constituindo a igreja. Isto cremos porque:

#### A. A Igreja é o Corpo de Cristo

Ela é representada assim frequentemente para que seja necessário mencionar

qualquer referência Escriturística. Desde que a cabeça realiza suas obras através do corpo, cremos que Cristo comissionou sua obra ao Seu corpo.

### **B. A Igreja é o Templo do Espírito Santo**

Veja 1 Coríntios 3:16. Nesta Escritura Paulo não estava falando do corpo humano do crente, o qual noutra lugar é denominado de o templo do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19). Ele estava falando plenamente da igreja. Este capítulo trata do edifício da igreja.

Desde que a Igreja é o templo do Espírito Santo, e o Espírito está aqui para dirigir a obra de Cristo, parece que é por meio da Igreja que Ele fará sua obra, e por isso que foi à Igreja que Cristo deu a Grande Comissão.

### **C. A Igreja é coluna e firmeza da verdade**

Veja 1 Timóteo 3:15. A verdade toda está contida na Grande Comissão. Já que a Igreja é coluna e a Firmeza da verdade, a comissão deve ter sido confiada a ela.

## **2) 1 Coríntios 12:13**

Assim diz a Escritura: “Todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo”. Alguns sustentam que esta passagem se refere ao batismo no Espírito Santo, mas não existe qualquer fundamento Escriturístico para tal noção. Não existe qualquer indício na Escritura que cada crente receba o batismo do Espírito na regeneração ou depois dela. Isto é uma presunção, nada mais.

Esta passagem significa que estando sobre ou sob o poder do Espírito Santo fomos todos trazidos pelo Senhor ao batismo, e assim fomos feitos membros de Seu corpo, a igreja local. Assim o batismo é a porta cerimonial para entrar na Igreja.

Sendo isto verdade, e sendo também verdade que a igreja é um corpo democrático, implica que ela tem autoridade da sua própria porta; ou, noutras palavras, a igreja tem a autoridade de receber membros. Isto está implicado na exclusão dos pecaminosos e em sua recepção outra vez se e quando eles se arrependem (1 Coríntios 5:1-7; 2 Coríntios 2:6-8). Também está implicado na injunção de Paulo à Igreja de Roma: “Quanto ao que está enfermo na fé, recebei-o” (Romanos 14:1). Assim o batismo é uma ordenança da igreja.

## 2. O BATISMO PODE SER ADMINISTRADO SOMENTE POR AQUELES A QUEM A IGREJA AUTORIZA

Sem dúvidas que a Igreja como um todo não pode batizar. Ela deve realizar a ordenança por meio daqueles a quem ela autoriza, tanto como Jesus batizou por meio dos apóstolos (João 4:1,2).

É com este fundamento que as igrejas Batistas sadias rejeitam a imersão, administrados por grupos que elas não podem reconhecer consistentemente como Igrejas Neotestamentárias. O nome de Batista, é derivado, como temos visto, a partir de Anabatista; e este nome foi aplicado a vários grupos porque eles rejeitavam a imersão administrada por falsas igrejas.

A aceitação de imersão estranha ameaça a existência das igrejas verdadeiras. Isto as coloca em pé de igualdade com as organizações criadas pelo homem. Isso leva em direção à comunhão aberta, sindicalismo e troca de cartas intereclesiásticas. E todas estas levam para a destruição.

## II - O CANDIDATO

Quais são as qualificações, se houver alguma, que devem ser possuídas pelo candidato antes do batismo para poder ser administrado corretamente?

A posição de alguns é que a única qualificação exigida dos adultos é “um desejo de fugir da ira vindoura e ser salvo dos seus pecados” (Wesley).<sup>1</sup>

Outros ensinam que uma mera crença intelectual na divindade de Jesus Cristo qualifica alguém para o batismo, considerando também que o batismo tem eficácia salvadora. Para uma discussão das Escrituras que são invocados para ensinar que a fé no evangelho é uma mera crença intelectual de que Jesus Cristo é o Filho de Deus; veja o capítulo sobre Arrependimento e Fé. É sustentada também por alguns que os filhos dos membros crentes podem receber adequadamente o batismo.

Mas o que dizem as Escrituras? As Escrituras são claras e inequívocas em seu ensino que:

---

1 *What the Adult Applicant for Church Membership Should Know*, O Que o Candidato Adulto à Membresia da Igreja Deve Saber (Tate), publicado pelo Conselho de Gestores de Folhetos e Literatura Evangélica, Igreja Metodista Episcopal, Sul.

## 1. A FÉ SALVADORA PESSOAL É UM PRÉ-REQUISITO DO BATISMO

A fé salvadora é a confiança e a dependência em Jesus Cristo como suficiente salvador pessoal. Para mais discussão acerca disto veja o capítulo referido acima.

### 1) Não existe qualquer indicação nas Escrituras que alguma pessoa já tenha sido batizada sem fé

#### A. Onde os detalhes são dados, à fé do sujeito é claramente indicada

Para casos destes, veja Atos 2:41; 8:12-37; 18:8; 19:4. Duas destas passagens (Atos 8:37 e 19:4) bastam para mostrar que a conexão de fé com o batismo nestes casos não é incidental nem acidental. Em Atos 8:37 temos a declaração de Filipe que o Eunuco não podia ser batizado, exceto se ele cresse. Em Atos 19:4 está claro que Paulo batizou os doze homens em Efésios porque eles não tinham compreendido corretamente a pregação de João Batista acerca da fé no Messias vindouro (essa pregação foi imperfeitamente transmitida a eles por Apolo, talvez), por isso não tinham crido; tornando assim o seu primeiro batismo inválido.

#### B. Noutras passagens onde os detalhes não estão explícitos, a fé dos sujeitos está implicada

Veja Mateus 3:1,2,6; Mateus 28:19; Marcos 16:16; João 4:1; Atos 9:17-18; 10:47; 16:30-33. João pregou o arrependimento e exigiu frutos dignos do arrependimento daqueles que ele batizou. E o arrependimento e a fé são graças sincrônicas inseparáveis. Na Grande Comissão Jesus ligou a fé com o batismo (Marcos 16:16) e colocou o fazer discípulos antes de batizá-los (Mateus 28:19). A Versão Revista em inglês traduz retamente esta passagem para que se leia: “Fazei discípulos de todas as nações”, em vez de “ensinai todas as nações”; pois a palavra traduzida “ensinando” no verso seguinte é diferente da palavra no verso 19 que é traduzida por “ensinai” na versão comum. Que os discípulos não devem ser feitos pelo batismo está evidente em João 4:1, que indica que tanto João como Jesus “fizeram e batizaram discípulos”. Os discípulos nos tempos do Novo Testamento primeiro eram feitos e depois batizados. E a versão da Grande Comissão por Marcos mostra que os discípulos eram feitos por meio da pregação do evangelho e da fé nele. O alegado batismo de criancinhas não responsáveis no caso do batismo familiar será tratado quando viermos a falar do batismo infantil.

## 2) O Simbolismo da ordenança requer fé por parte do sujeito

O simbolismo do batismo está claramente estabelecido em Romanos 6:2-5 e Colossenses 2:12. Ele simboliza nossa morte para o pecado e ressurreição para andarmos em novidade de vida. Semelhante experiência só pode vir por intermédio da fé. A passagem de Colossenses nos informa que ela vem “pela fé no poder de Deus”<sup>2</sup>.

### 2. POR ISSO DEVEMOS BATIZAR SOMENTE PESSOAS SALVAS

Se a fé exigida como um pré-requisito do batismo é a fé salvífica, então apenas as pessoas salvas devem ser batizadas. Que esta fé é fé salvífica é evidente pelo fato que a salvação está condicionada sobre a fé e é dito que o crente possui vida eterna. Veja Atos 16:31; Efésios 2:8-10; João 5:24. Não devemos batizar pessoas com o propósito de salvá-las, nem porque elas querem ser salvas, mas justamente porque já estão salvas. O simbolismo da ordenança prova isto ainda mais. Quando alguém é batizado sem ter morrido para o pecado por meio do poder regenerador do Espírito Santo, que é o único modo que alguém pode morrer para o pecado, ele professa uma falsidade perante o mundo.

### 3. BATISMO INFANTIL, PORTANTO, É PROIBIDO

O batismo infantil não tem qualquer autoridade ou alicerce na Escritura. A fé como um pré-requisito do batismo é indicada, implicada ou exigida por cada passagem da Escritura no tocante à questão. Exceto o alegado batismo de crianças no batismo familiar, o qual dispostos em breve, não existe na Escritura a mínima semelhança de um indício que crianças foram alguma vez batizadas. Tem sido imponentemente dito que as passagens que são usadas pelos advogados do batismo infantil caem em três categorias: Uma menciona batismo, mas não menciona crianças. Uma outra categoria menciona crianças, mas não mencionam batismo. E uma terceira categoria não menciona nem crianças nem batismo.

---

<sup>2</sup> Estas passagens manifestamente se referem ao batismo com água. E tal entendimento deles não pode ser consistentemente recusados por aqueles, como os Metodistas, que dizem que o batismo é “um sinal de regeneração, ou o novo nascimento.” Veja *The Doctrines and Discipline of the Methodist Episcopal Church, South, As Doutrinas e Disciplina da Igreja Metodista Episcopal, do Sul, 1930, pág. 24.*



Alguns pedobatistas, sob o peso da evidência contra eles, têm mudado do seu posicionamento original para considerar o batismo de criancinhas como sendo nada mais do que uma apresentação delas ao Senhor assim como nós separamos para o Senhor os nossos edifícios. W. A. Swift, numa série de artigos no *The Methodist Herald* (já extinto, *O Arauto Metodista*), em Jackson, Tennessee, sobre “Porque os Metodistas Batizam por Derramamento e Batizam Bêbes” assim indaga: Ele diz: “Porque dedicar o edifício da igreja à Deus? Porque dedicar um navio, um monumento de pedra ou qualquer outra coisa? As crianças não têm mais valor do que as pedras e os edifícios?” E ele relata os acontecimentos de um culto numa igreja Batista em Chicago na qual duas mães dedicaram suas crianças à Deus como fez Ana com Samuel, mas sem o emprego de água, e ele acrescenta: “O uso de água fere o quê?” Tal argumento destrói à ideia que o batismo é “um sinal de regeneração, ou de novo nascimento”. Contudo, os metodistas ainda assim declaram<sup>3</sup>.

E à luz dos fatos Escriturísticos já citados, muitos eruditos pedobatistas não tentarão manter que o batismo infantil foi uma instituição apostólica. Isto veremos ao notar:

### 1) O testemunho de eruditos pedobatistas sobre o batismo infantil

*LUTERO: “Não pode ser provado pelas Sagradas Escrituras que o batismo infantil foi instituído por Cristo, ou começado pelos primeiros Cristãos depois dos apóstolos.”*

*ERASMO: “Em lugar algum dos escritos apostólicos está expresso que eles batizaram criancinhas.”*

*OLSHAUSEN: “Existe uma falta completa de qualquer passagem conclusiva como prova para o batismo infantil, no tempo dos apóstolos, nem qualquer necessidade dele pode ser deduzido como a natureza do batismo.”*

*GEORGE EDUARD STEITZ, - SCHAFF-HERZOG Encyclopedia - Artigo Batista: “Não existe qualquer vestígio de batismo infantil no Novo Testamento.”*

<sup>3</sup> “*The Doctrines and Disciplines of the Methodist Church, South (As Doutrinas e Disciplinas da Igreja Metodista, Sul)*” (1930), pág. 4.

A. T. BLEDSOE, LL. D.: “É um artigo de nossa fé (Metodista Episcopal), que o batismo de criancinhas (recém-nascidas) tem que ser retido na igreja de qualquer forma como sendo o modo mais agradável à instituição de Cristo. Entretanto, ainda, com toda a nossa pesquisa, temos sido impedidos de encontrar no Novo Testamento uma única declaração expressa ou palavra em favor do batismo infantil.” (*Southern Review, Revisão Sulista, Vol. 14*). E este mesmo escritor diz: “Centenas de eruditos pedobatistas têm chegado à mesma conclusão, especialmente desde que o Novo Testamento tem estado sujeito a uma exegese mais íntima, mais conscienciosa, e mais franca do que foi anteriormente praticada pelos seus defensores.”

H. A. W. MEYER, TH. D. (chamado “o príncipe dos exegetas”): “O batismo das crianças, do qual nenhum vestígio é encontrado no Novo Testamento, não deve ser sustentado como uma ordenança apostólica...”

NEANDER: “O batismo, no princípio, foi administrado apenas aos adultos, pois os homens estavam acostumados a conceituar batismo e fé como estritamente ligados. Não parece existir qualquer razão de sustentar que o batismo infantil veio de instituição apostólica; e o reconhecimento dele, que veio mais tarde, como sendo uma tradição apostólica, serve para confirmar esta hipótese.” (*Church History, História da Igreja*).

GEORGE HODGES: “Os candidatos ao batismo parecem ter sido originalmente pessoas de vida madura. O mandamento, ‘Ide, ensinai todas as nações, e batize-as’, e as duas condições, ‘Arrepende e ser batizado’ e ‘Aquele que crer e for batizado’, indica adultos.” (*The Episcopal Church, Faith and Order, A Igreja Episcopal, Fé e Ordem, pág. 51*).

A. C. MCGIFFERT: “Se as criancinhas foram batizadas na era apostólica, não temos meios de determinar.” (*History of Christianity in the Apostolic Age, História do Cristianismo na Era Apostólica, pág. 543*).

ROBERT RAINY, ao tratar do período A. D. 98–180: “O batismo pressupunha alguma instrução Cristã, e era precedido de jejum. Significava perdão

*dos pecados passados, e era um ponto de partida visível da nova vida sob as influências Cristãs e com a inspiração dos propósitos e alvos Cristãos.” (The Old Catholic Church, A Velha Igreja Católica, pág. 75).*

*HARNACK, ao tratar do período pós-apostólico: “Não existe qualquer vestígio seguro de batismo infantil na época; a fé pessoal é uma condição necessária.” (History of Dogma, História do Dogma, Vol. I, pág. 20).*

*H. M. GWATKIN: “Nós temos boa evidência que o batismo infantil não é uma instituição direta quer do próprio Senhor, quer de Seus apóstolos. Não existe vestígio dele no Novo Testamento.” (Early Church History to 313, História da Igreja Primitiva para 313, Vol. I, pág. 250).*

Espaço insuficiente nos impede de continuar. Estas citações mostram a posição da maioria dos eruditos pedobatistas.

Mas, apesar disso, em face a tudo quanto foi dito, existem alguns que fazem determinado esforço para provarem que os apóstolos praticaram o batismo infantil. Daí, notamos:

## **2) Argumentos a Favor do Batismo Infantil Respondidos**

### **A. A tentativa mais ousada que tem sido feita para justificar o batismo infantil está na busca de provar que a criança está salva.**

“O bebê e a pessoa convertida estão ambos num estado correspondente à regeneração. Se uma está apta ao batismo, assim também a outra. Se é necessário batizar um adulto convertido, então pela mesma razão é necessário batizar uma criancinha... Nunca podemos estar confiantes que um adulto é salvo quando o batizamos, mas, em relação às crianças, não existe possibilidade de engano.”<sup>4</sup> E a cerimônia usada pela Igreja Metodista Episcopal do Sul, ao administrar o “batismo” às criancinhas, está escrito em parte com segue: “Amados, porquanto todos os homens, ainda que caídos em Adão, são nascidos neste mundo em Cristo o Redentor, herdeiros da vida eterna e sujeitos a graça salvadora do Espírito Santo,” etc.<sup>5</sup>

4 Metodismo, por Ethalmore V. Cox, publicado pelo Conselho de Gestores de Literatura Cristã, da Igreja Metodista Episcopal, Sul.

5 As Doutrinas e Disciplina da Igreja Metodista Episcopal, Sul, 1930.

Existem duas passagens que são usadas para provar que as crianças são salvas. Uma delas é mencionada pela disciplina Metodista citado acima seguindo as palavras citadas. Esta passagem é encontrada em Mateus 19:14; Marcos 10:14; e Lucas 18:16. Nela, ao falar das crianças, Jesus disse: “Dos tais é o reino dos céus” ou “Dos tais é o reino de Deus”. As citações seguintes mostram a verdade desta passagem:

*“Tais’ significa, certamente, pessoas de espírito manso igual às crianças, e aparentemente não significa criancinhas de modo algum. Assim o menfítico, ‘para pessoas deste tipo, delas é o reino do céu’. E a Peshita faz grande esforço, ‘para aqueles que são como elas, deles é o reino do céu’. Todos os comentaristas Gregos explicam-na como significando mansidão, nenhum deles mencionando criancinhas como incluídas, e vários expressamente estabelecendo o contrário. Nem qualquer comentarista Grego, na medida que se pode encontrar, menciona o batismo infantil em conexão com esta passagem, apesar de que todos eles praticaram o rito.” (Broadus, sobre Mateus).*

*“Não criancinhas, mas homens de mansa disposição (como é natural para crianças).” (Meyer).*

*“Daquela referência ao batismo infantil, que é tão comum buscar nesta narrativa, é claro que nela não pode ser encontrado o mais leve vestígio dessa prática. O Salvador coloca as crianças diante dos apóstolos como símbolos de regeneração espiritual, e da franca confiança e humildade que fazem parte dela.” (Olsbhausen).*

Mas, sem considerar o significado desta passagem, ela não autoriza o batismo infantil. O propósito de trazer-Lhe as criancinhas está explicitamente declarado, e a objeção dos discípulos mostra claramente que isto era até mesmo estranho. De maneira que a passagem está morta contra o batismo infantil, sem importância sobre qual interpretação é colocada sobre as palavras “dos tais é o reino de Deus”.

A outra passagem usada para provar que as criancinhas estão salvas está em 1 Coríntios 7:14: “Porque o marido descrente é santificado pela mulher; e a mulher descrente é santificada pelo marido; de outra sorte os vossos filhos seriam imundos; mas agora são santos”.

Mas, antes de tudo, é necessário notar que esta passagem prova além para os pedobatistas segundo o seu uso dela. Se ela prova que os filhos pela união entre um crente e uma descrente estão qualificados ao batismo em virtude de sua ligação com o cônjuge crente, então o cônjuge descrente também está qualificado ao batismo, sem maiores qualificações; pois a mesma santidade que é transmitida aos filhos de tal união é transmitida ao membro descrente.

A santidade mencionada nesta passagem é claramente nenhuma santificação moral, mas somente uma piedade exterior que faz o convívio no lar aceitável para o membro salvo. “A pertinência do argumento de Paulo pode ser mais óbvio, se levado em conta que a influência Judaica ainda era poderosamente operante na igreja. Portanto, é provável que os Cristãos que tinham estado sob desta influência, que tinham maridos ou esposas descrentes, que tinham medo da contaminação ritual pela relação conjugal com descrentes. Isto, contudo, Paulo declara ser um temor sem fundamento; pois, como todo tipo de alimento é santificado pela oração (1 Timóteo 4:5), de modo que um Cristão pode recebê-lo sem contaminação ritual, pois todo associado legal ou companheiro na vida é assim santificado ao Cristão.” (Alvah Hovey).

E esta passagem realmente prova a falsidade da discórdia que todas as crianças estão salvas. Se todas as crianças estão salvas, então todas são santas; e o argumento de Paulo seria inapropriado.

Além disso, esta ideia de salvação infantil nega a necessidade universal de regeneração. Quando traduzidas corretamente, as palavras de Jesus a Nicodemos sobre o novo nascimento não são, “Exeto o homem,” etc., como se elas se aplicassem apenas a adultos; mas a palavra deve ser, “Aquele,” etc. Católicos Romanos usam esta passagem para provar que os bebês devem nascer de novo para serem salvos, e, assim, porque eles erroneamente acreditam que o batismo é necessário para a regeneração, encontram fundamento para o batismo infantil. Se eles estavam certos em sua visão do batismo, então eles estariam totalmente certos em toda sua visão desta passagem. Esta passagem nos ensina que todos, sem exceção das crianças, devem nascer de novo para serem salvos. Quando as crianças morrem recebem a regeneração não está revelado na Escritura. Mas está claro que elas naturalmente não nascem salvos, e é evidente que elas devem ser regeneradas para serem salvas. Nossa opinião é que a regeneração das natimortas ocorre no momento da separação da alma do corpo. Já temos tratado em extenso a salvação daqueles que morrem na infância no capítulo sobre Responsabilidade Humana.

**B. Da mesma maneira não existe qualquer garantia escriturística para a asserção que o batismo veio em lugar da circuncisão**

Nem um indício de coisa semelhante aparece em qualquer lugar do Novo Testamento, nem mesmo na discussão da Conferência sobre a circuncisão em Jerusalém. De fato, esta Conferência claramente provou que a circuncisão não cedeu ao batismo; pelo contrário a questão em foco podia ser prontamente resolvida simplesmente por dizer que os gentios não estavam obrigados a serem circuncidados porque o batismo tinha tomado o lugar da circuncisão. Um pedobatista teria estado seguro de propor essa solução se ele tivesse estado lá. E isso, a propósito, é prova de que não existiam pedobaptistas lá. Os crentes Judeus continuaram a praticar tanto a circuncisão como o batismo sem qualquer indício em contrário por parte dos apóstolos.

**C. O próximo argumento para o batismo infantil que tomaremos em conta está baseado supostamente em Atos 2:39.**

Isto tem sido apresentado assim: “Pedro, dirigindo-se a uma multidão de Judeus no dia de Pentecostes, disse (Atos 2:39): ‘Porque a promessa voz diz respeito a vós, a vossos filhos.’ Vocês podem compreender esta declaração? Estes Judeus tinham sido ensinados a receber criancinhas e a dar-lhes o sinal da aliança Abraâmica. Não existe qualquer dúvida para nós sobre as criancinhas serem batizadas no dia de Pentecostes.”

Mas esta declaração diplomaticamente omite muito da última parte da passagem citada, de acordo com as táticas habituais de pedobaptistas.

Esta última parte explica a passagem; e, se devidamente considerada, mostrará que todas as crianças batizadas no dia de Pentecostes, ou em qualquer outro momento nos tempos do Novo Testamento, foram apenas como os tais que foram chamados do Senhor. É necessário que elas sejam crescidas o suficiente para receber o evangelho e agir de acordo com ele. A parte da passagem a qual nos referimos diz: “A tantos quantos Deus nosso Senhor chamar.” Ficaremos satisfeitos em batizar todas as crianças que o Senhor nosso Deus chamar, e mais nenhum; pois não temos fundamento para batizar aqueles cujo batismo Deus não tem autorizado.

**D. O próximo e último argumento do batismo infantil que notaremos está baseado nos batismos dos lares mencionados no Novo Testamento**

**a) Tal argumento supõem duas coisas para as quais não existem provas:**

(1) Que existiam criancinhas nessas famílias; (2) Que essas criancinhas foram batizadas, e em oposição direta a tudo que está revelado na Bíblia sobre o significado do batismo e as qualificações dos candidatos ao batismo.

Da Teologia de Knapp (Knapp era pedobatista) nós lemos: “É possível fazer qualquer objeção contra essas passagens onde o batismo de famílias inteiras é mencionado, a saber, Atos 10:42-48; 16:15-33; I Coríntios 1:16, que era duvidoso se existiam quaisquer criancinhas nessas famílias, e se existiam, se elas então foram batizadas.”

**b) Uma pesquisa dos batismos das cinco famílias registradas no Novo Testamento não deixa qualquer prova que seja de batismo infantil, mas antes, em muitos casos, fornece prova conclusiva do contrário.**

Está escrito que Cornélio foi “Piedoso e temente a Deus, com toda sua casa” (Atos 10:2). E lemos que “Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra” (Atos 10:44), fato que foi evidenciado por eles falarem em línguas (v. 46). Se existissem quaisquer criancinhas na família de Cornélio, elas não foram incluídas quando a sua casa foi mencionada em sua relação com Deus, e portanto, não seriam batizadas. E, outra vez, se quaisquer crianças foram batizadas nesta ocasião, então elas também receberam o Espírito Santo e falaram em línguas.

A forte probabilidade é que Lídia não era mulher casada. Ela era uma comerciante, e no tempo de sua conversão estava longe de sua casa em Tiatira. Mesmo se tivesse sido casada, o fato dela estar comercializando tornaria improvável que ela tivesse filhos. Seu lar, sem dúvida, consistia de servos e empregados, como no caso da “casa de César” (Filipenses 4:22). Esta expressão não pode referir-se ou incluir qualquer dos filhos de Nero, pois certamente nenhum deles era membro da igreja em Roma.

Quando Paulo disse ao carcereiro em Filipos: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e tua casa”, suas palavras significaram que os demais membros da família do carcereiro deviam ser salvos por sua fé pessoal, e não certamente através da fé do carcereiro; pois se fosse assim, então os adultos da família deviam ser salvos sem fé pessoal. E está escrito que o carcereiro “alegrou-se com toda a sua casa”. Tudo

isto mostra que, ou não existia criancinhas na família do carcereiro ou então não elas foram consideradas nos eventos que se desenrolaram naquela noite.

Nada é dito dos detalhes da conversão da família de Estéfanos. Paulo nos conta que ele e a sua casa estavam entre os poucos que ele batizou em Corinto (1 Coríntios 1:16). Mas três ou quatro anos mais tarde Paulo escreveu à igreja em Corinto e falou da família de Estéfanos como “se tem dedicado ao ministério dos santos” (1 Coríntios 16:15). É improvável que isto tivesse sido dito se a família que foi batizada há poucos anos antes tivesse incluído criancinhas.

No caso de Crispo, o principal da sinagoga em Corinto, é dito distintamente que ele “creu no Senhor com toda a sua casa”. Sem criancinhas aqui.

Assim este é caso dos batismos das casas que os pedobatistas tanto se baseiam. Não há nenhuma centelha de evidência que existiram criancinhas em quaisquer dessas famílias, e muito menos que elas teriam recebido o batismo se tivessem tais criancinhas presentes.

Não perderemos tempo respondendo às tentativas dos pedobatistas para justificar o batismo infantil com outros argumentos além daqueles tirados da Escritura. Estes estudos são preparados para aqueles que creem em seguir a Cristo e os apóstolos, e nenhum argumento pode induzir os tais a aprovar aquilo que é subversivo em suas práticas; e isto é certamente verdadeiro quanto ao batismo infantil.

### III - O PROPÓSITO

Qual é o propósito ou designo do batismo? É para a salvação, como alguns sustentam? Ou é, como outros contendem, para o propósito de manifestar salvação, testemunhando a morte do crente para o pecado e a ressurreição para a justiça? Nossa posição é que a última é verdadeira. Em consideração a esta posição assumimos:

#### 1. AS PASSAGENS QUE MOSTRAM ESSE BATISMO NÃO TEM EFICÁCIA SALVADORA

Todas as passagens que nos informam que a salvação não é pelas obras, tais como Romanos 4:1-6; 11.6; Efésios 2:8-10; Tito 3:5, nos afirmam que o batismo não tem eficácia nenhuma para a salvação. Batismo é uma obra, uma ação física. Jesus



claramente ensinou que o batismo é um cumprimento de justiça (Mateus 3:15). É assim estabelecido como uma obra da justiça.

Todas as passagens que condicionam a salvação a depender apenas do arrependimento e da fé mostram que o batismo não tem eficácia salvadora. Veja João 3:16,18; 5:24; Lucas 13:3; Atos 16:31; Romanos 4:5; Efésios 2:8. Se o batismo é essencial à salvação, porque foi deixado de fora destas passagens que se propõem a apontar o caminho da vida aos homens perdidos? Verdade é que todas elas não mencionam tanto o arrependimento como a fé, mas a razão para isto é que tanto o arrependimento como a fé estão implícitos um no outro. Mas isto não é verdadeiro quanto ao batismo.

Em 1 João 1:7 e todas as passagens similares, ao mostrar que o sangue de Jesus purifica do pecado, proíbe a crença que o batismo tem poder purificador.

Passagens que mostram que o batismo não é uma parte do evangelho, à luz de Romanos 1:16, proíbem a visão de que o batismo é essencial para a salvação. Em 1 Coríntios 15:1-5 Paulo dá uma descrição muito completa do conteúdo do evangelho, e o batismo não é mencionado. Então, em 1 Coríntios 1:14-16, ele agradece a Deus por ter batizado apenas alguns dos Coríntios (alguém pode imaginar um pregador do Campbellita fazendo isso?); e segue com uma clara distinção entre o batismo e o evangelho, dizendo: “Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar”. Além disso, em 1 Coríntios 4:15, ele disse aos Coríntios: “Porque ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo”.

## **2. AS PASSAGENS QUE ALGUNS TOMAM COMO PROVENDO AO BATISMO EFICÁCIA SALVADORA**

Existem outras passagens que alguns tomam como se ensinassem que o batismo tem eficácia salvadora. Nós já temos visto que tal significado é estranho à Escritura como um todo, mas examinaremos estas passagens de modo que possamos ver completamente que elas não estão fora de harmonia com a Escritura.

### **1) Marcos 16:16 - “Quem crer e for batizado será salvo”**

Se esta Escritura fosse tomada isoladamente, pareceria ensinar que a salvação

está condicionada tanto com a fé quanto com o batismo. Mas isto não pode ser verdadeiro à luz plena das outras Escrituras. À luz da Escritura como um todo, e isto é o único método sadio para interpretação de qualquer passagem, esta passagem não pode significar mais que aquele que crê e prova a genuinidade de sua fé ao ser batizado será salvo. Nós precisamos lembrar que alguém pode crer em vão (1 Coríntios 15:2). Alguém pode ter uma fé meramente intelectual, a qual é uma fé morta (Tiago 2:20). Isto é o tipo de fé que é aludida em Mateus 13:20. Notem também a força da última parte desta passagem. Ela não diz: “Quem não for batizado será condenado,” mas “quem não crer”, etc. Assim vemos que é a fé que salva. O batismo e outros atos de obediência provam apenas a genuinidade de nossa fé.

## **2) João 3:5 - “Aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”**

Muitos tomam a frase “nascer da água” para referir-se ao batismo, e eles tomam esta passagem como se ensinasse que o novo nascimento é alcançado no batismo. Mas, à luz da Escritura toda, nós não podemos entender esta passagem como se ensinasse a regeneração batismal. Outros têm entendido “nascer da água” como se referisse ao nascimento natural. Eles pensam que Jesus disse: “Se um homem não nascer da carne e do Espírito, ele não pode entrar no reino de Deus”. Mas foi desnecessário para Jesus dizer que um homem não podia entrar no reino de Deus sem ser nascido da carne. Ninguém poderia supor outra coisa. E parece manifesto que a passagem se refere apenas a um nascimento. Ela não diz: “Se um homem for nascido da água e também do Espírito”, etc. Nós entendemos água aqui como um símbolo da Palavra. A favor desta interpretação nós instamos com as seguintes considerações:

A. A regeneração é uma lavagem. Tito 3:5.

B. A regeneração é por meio da Palavra. Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23.

C. A Palavra é comparada com a água em seu poder purificador. Efésios 5:25,26.

Agora quando estes fatos são todos colocados juntos pensamos que não existe nada mais simples senão que “nascer de água” quer dizer “nascer da Palavra”. Assim temos em João 3:5 uma alusão tanto ao agente (o Espírito) como ao instrumento (a Palavra) no novo nascimento.

### 3) Atos 2:38 - “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”

Em consideração a esta passagem permita-nos notar:

A. A pergunta feita no verso anterior não é a pergunta limitada: “Que é necessário que eu faça para me salvar?” de Atos 16:30, mas a pergunta ampla no plural: “Que faremos?” Logo não é estranho que tenhamos uma resposta mais ampla do que em Atos 16:31.

B. O arrependimento é colocado antes do batismo; e quando alguém já se arrependeu já está salvo; e portanto não pode ser batizado com o propósito de salvar-se. O arrependimento é uma plena mudança da mente baseada numa nova disposição que foi implantada pelo Espírito Santo. O arrependimento e a fé são inseparáveis e simultâneos, como é mostrado pelo fato que algumas vezes um e algumas vezes outro é mencionado isoladamente como o meio de salvação. E quando alguém crê, já é um filho de Deus. Veja 1 João 5:1.

C. A passagem não diz: “Seja batizado para ou para completar tudo na recepção do perdão dos pecados” e aquele que afirma que este é o significado deve arcar com o ônus da prova.

D. O significado da passagem, como interpretada à luz do teor comum do ensino da Escritura é: “Seja batizado pelo ou em reconhecimento ao, ou simbolizando ou demonstrando o perdão dos pecados”.

Não faz diferença se seguirmos a versão comum e lermos “pelo” ou a revisão e lermos “para”, o significado é o mesmo e o Novo Testamento proporciona impressionantes ilustrações do significado.

Se “pelo” for tomado como a tradução correta da preposição Grega “eis,” então vamos para Lucas 5:12-14 para uma ilustração. Aqui um homem já purificado de lepra é mandado: “Mostra-te ao sacerdote, e oferece, PELA tua purificação, o que Moisés determinou, para que lhes sirva de testemunho.” O homem foi oferecer sacrifício PELA purificação que ele já recebera. Da mesma forma nós somos batizados PELO perdão dos pecados já recebidos. O antecedente subentendido de “lhes” é o povo em geral. Assim o batismo é um testemunho de nossa parte para que todos observem que estamos salvos.

Se “para” for considerado como a tradução apropriada, então nós temos duas excelentes ilustrações do significado. A primeira acha-se em Mateus 3:11, onde João

fala do seu batismo como “para arrependimento”. Isto não pode significar que João batizava o povo para que eles pudessem se arrepender. O batismo nada tem em si mesmo que possa produzir arrependimento. Por outro lado, João apresentava o arrependimento como uma condição de batismo e com ele a maioria dos homens concordam. O significado é que João batizava para o reconhecimento do arrependimento. Ver 1 Coríntios 10:2, como tratamos presentemente, como outra ilustração de “para” com relação ao batismo. Ao estudar Atos 2:38 também é bom lembrar que Pedro falou estas palavras aos Judeus, que eram impregnados de simbolismo na linguagem.

**4) Atos 22:16 - “E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o Seu nome”**

A lavagem falada nesta passagem é figurativa. É o sangue que na verdade purifica (1 João 1:7). A água não pode lavar pecados. E, como temos notado, Pedro diz que este não é o propósito do batismo.

**5) Romanos 6:3 - “Não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?”**

O Grego para “no” (eis) é a mesma palavra que está traduzida por “em” em 1 Coríntios 10:2. O batismo nos coloca na mesma relação com Jesus que a travessia do Mar Vermelho colocou os Israelitas com referência a Moisés. Por este meio os Israelitas eram declarados a serem os seguidores de Moisés. O batismo nos revela como seguidores de Jesus.

**6) Gálatas 3:27 - “Todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo”**

Esta passagem explica a precedente. O batismo é um vestir-se de Cristo. É uma declaração pública de nosso discipulado. É assumir perante o mundo a obrigação de viver para Cristo.

**7) Tito 3:5 - “Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação**

## do Espírito Santo”

A “lavagem da regeneração” é a purificação moral da alma pela Palavra de Deus na regeneração (Efésios 5:26; Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23).

**8) 1 Pedro 3:20-21 - “... a arca... na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo, não do despojamento da imundícia da carne...”**

Esta passagem é um verdadeiro bumerangue nas mãos daqueles que acreditam que o batismo tem alguma coisa a ver com a realização da salvação. Porque ela diz que o batismo nos salva, estas pessoas apressam-se em invocar esta passagem; mais ela diz demais para servir de qualquer valia para elas. A passagem verdadeiramente diz que o batismo salva, mas ela conta apenas como e em qual sentido ele salva, a saber:

A. Não pelo “despojamento da imundícia da carne”. Apenas aqueles que são mais interessados em suas próprias ideias do que são pela verdade tomarão a posição absurda que Pedro aludiu ao corpo físico ao usar: “sarx” (carne). Todos os outros verão que tal afirmação era desnecessária, e entenderão a referência de ser a natureza carnal; e assim eles verão que a passagem diz claramente que o batismo não tira literalmente o pecado.

B. Mas apenas no mesmo sentido que a água do dilúvio salvou os ocupantes da arca. Registramos portanto: (a) A água do dilúvio não salvou os ocupantes da arca por contê-los dentro da arca. Eles entraram antes da água chegar. Se alguém aguardasse, na esperança que a água colocasse-os dentro da arca, eles pereceriam. Do mesmo modo o batismo não coloca-nos verdadeiramente em Cristo. (b) A água não salvou os ocupantes da arca tornando-os mais seguro depois que veio do que eles eram antes dela chegar. (c) A água salvou os ocupantes da arca apenas num sentido declarativo ou demonstrativo. Ao levantar a arca e carregá-la em seu seio, a água manifestou que o favor de Deus repousava sobre aqueles que estavam dentro da arca. O batismo do mesmo modo se manifesta e declara a nossa salvação.

## IV - O MODO

Aqui está o nosso propósito para inquirir se o batismo pode ser escriturísticamente administrado por outro modo além da imersão. Nós mantemos que não pode e oferecemos as seguintes provas:

### 1. O SIGNIFICADO DE “BAPTIZO”

O autor leu bastante extensivamente na área desta controvérsia sobre o significado desta palavra Grega no Novo Testamento. Mas aqui é possível, por causa dos limites de espaço e tempo, apenas dar um resumo da evidência em suporte da posição tomada.

#### 1) O Testemunho dos Léxicos

Não podemos começar a listar aqui o testemunho de todos os léxicos, mas daremos os de três em evidência. Estes três são: o de Liddel e Scott, no Grego clássico; o de Sófocles' para os períodos Romano e Bizantino; e o de Thayer's, para o Grego do Novo Testamento.

##### A. Liddel e Scott:

“Mergulhar em ou sob a água; no Latim: immergere.”

##### B. Sófocles:

“Mergulhar, imergir, afundar... Não há evidência de que Lucas e Paulo e os outros escritores do Novo Testamento colocaram sobre este verbo significados não reconhecidos pelos gregos.”

##### C. Thayer:

“No Novo Testamento ele é usado particularmente do rito da sagrada ablução, primeiro instituída por João o Batista; depois recebida pelos Cristãos por mandamento de Cristo e ajustada aos conteúdos e natureza de sua religião... a saber, uma imersão em água, realizada como um sinal da remoção do pecado, e administrada àqueles que, impelidos por um desejo de salvação, procuravam admissão aos benefi-

cios do reino do Messias.”

## 2) A Prática Atual dos Gregos

Os Cristãos Gregos mergulham para o batismo, e De Stourdza, o maior teólogo Grego moderno, escreveu que “baptizo” significa literalmente e sempre ‘mergulhar’”. Ele também acrescentou:

*“O batismo e a imersão são portanto idênticos, e dizer ‘batismo por aspersão’ é como alguém deveria dizer ‘imersão por aspersão’ ou qualquer outro absurdo da mesma natureza. A igreja Grega sustenta que a igreja Latina, em vez de ‘baptismos’, pratica um mero ‘rantismos’ (aspersão), - em vez de baptismo, um mero derramamento.”*

## 3) Os Testemunhos das Enciclopédias

Nós não temos espaço para citar as enciclopédias, mas mencionaremos simplesmente o nome daquelas que tanto falam do significado da palavra Grega ou da natureza original da ordenança, ou ambos, e as quais dão o significado da palavra como “imersão” ou falam do modo original da ordenança como tal, ou ambos.

São elas: Enciclopédia Americana, Enciclopédia Metropolitana, Ciclopédia Penny, Enciclopédia de Chamber, Ciclopédia Nacional, Ciclopédia de Ree, Ciclopédia de Brand, Enciclopédia Eclesiástica <sup>6</sup>.

## 4) O Testemunho de Eruditos e Líderes Pedobatistas.

### A. Lutero:

“Batismo é uma palavra Grega, e pode ser traduzida por imersão, como quando imergimos alguma coisa em água para que ela fique totalmente coberta; e, embora ele é quase totalmente abolido (pois eles não mergulham as crianças completamente, mas apenas derramam um pouco de água sobre elas), elas deviam, no entanto, ser totalmente imersos, e então imediatamente retiradas, pois isto é o que parece exigir a etimologia da palavra.”

<sup>6</sup> Citações sobre o batismo de todas estas podem ser encontrados em “Antes da Ribalta” (Iams), começando na página 112.

**B. Calvino:**

“A própria palavra batizar, no entanto, significa imergir; e é certo que a imersão foi a prática da igreja antiga” - do comentário sobre Atos 8:38.

**C. Zwinglio:**

“Em Sua morte. Quando fostes imersos (intingeremini) na água do Batismo, fostes enxertados na morte de Cristo” - Anno. sobre Romanos 6:3.

**D. Meyer:**

“Imersão, cuja palavra no Grego clássico, e no Novo Testamento, e em toda a parte significa” (Comentário de Marcos 7:4).

**E. Lightfoot:**

“Que o batismo de João foi por mergulho do corpo (foi - da mesma maneira da lavagem de pessoas imundas e o batismo de prosélitos) parece surgir daquelas coisas que são relatadas dele; nomeadamente, que ele batizou no Jordão, que ele batizou no Enon, porque ali havia muita água”, etc.

**F. James Macknight, notável autor Presbiteriano Escocês e líder:**

“Jesus apresentou-se para ser batizado - isto é, sepultado sob a água por João, e ser levantado dela outra vez, como uma ênfase de Sua futura morte e ressurreição.” - Apos. Epis. Nota sobre Romanos 6:4,5.

**G. Whitfield:**

“É certo que nas palavras de nosso texto (Romanos 6:4) existe uma alusão quanto à maneira de batismo por imersão.”

**H. Augusti:**

“A palavra ‘batismo’ segundo a etimologia e o uso, significa imergir, submergir,” etc.

**I. Lange:**

“E foram batizados, imersos, no Jordão, confessando os seus pecados. A imersão era o símbolo do arrependimento” (Comentário de Mateus 3:6).



**J. Geo. Campbell:**

“A palavra batismo, tanto pelos autores sacros como pelos clássicos, significa mergulhar, afundar, imergir.”

**K. Chalmers:**

“O significado original da palavra batismo é imersão.”

**L. Schaff:**

“Imersão, e não aspersão, foi inquestionavelmente a forma original (de batismo). Isto é mostrado pelo próprio significado da palavra Grega baptizo, baptisma, e a analogia do batismo de João, que foi realizado no Jordão...” (History of the Apostolic Church, História da Igreja Apostólica, pág. 568).

Estas citações poderiam ser multiplicadas.

**2. O SIMBOLISMO DA ORDENANÇA REQUER IMERSÃO**

A escritura faz alusão ao batismo como um sepultamento (Romanos 5:4; Colossenses 2:12). Um sepultamento exige imersão. A objeção de que estas passagens não fazem alusão ao batismo em água, mas ao batismo do Espírito ou à conversão num sentido figurado, é infundada, e dá clara evidência de ter nascido de preconceito do que de uma consideração justa e imparcial das passagens. Enquanto os pedobaptistas referem-se ao batismo como um “sinal de regeneração,” como temos observado, eles não podem, em harmonia consigo mesmos, eliminar destas passagens uma alusão ao significado simbólico do batismo. Nem encontrarão este significado em derramamento ou na aspersão. A única maneira sensata de interpretar a linguagem é tomá-la como tendo o seu sentido usual, a menos que um outro sentido seja indicado ou requerido. Esta regra requer que o batismo signifique batismo em água, exceto onde algum outro tipo de batismo é especificado ou de algum modo exigido. Nenhum destes é verdadeiro no caso das passagens sob consideração. A réplica que se estas passagens se referem ao batismo em água, elas ensinam que a regeneração batismal é infundada tendo em conta que elas falam manifestamente do batismo quanto ao que ele simboliza e não quanto ao que ele atualmente executa.

### 3. AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE ACOMPANHAM A ADMINISTRAÇÃO DO BATISMO NO NOVO TESTAMENTO INDICAM A IMERSÃO

#### 1) João batizou no Rio Jordão

Marcos 1:5. O sentido mais natural disto, e o único que nós devemos tomar, a menos que boas razões possam ser aduzidas em contrário, é que o rito era administrado no rio como nós entendemos tal expressão e não meramente na proximidade do rio. O v. 8 confirma isto quando, segundo a melhor tradução, diz: “Eu vos batizo em água”.

Isto não é negado pelo uso do dativo de instrumento, como em Lucas 3:16; Atos 1:5; 11:16. Clark bem diz: “A visão Grega poderia correta e igualmente contemplar elemento envolvente localmente, tal como aquele em que, ou, instrumentalmente, como aquele com o qual, a imersão foi efetuada. E embora seja estranho para nós falarmos de imergir uma coisa com água, é simplesmente uma questão de familiaridade de idioma; e nós precisamos apenas tomar um sinônimo verbal, ‘submergir,’ e é perfeitamente natural falarmos de ‘submergir com água’” (Comentário em Lucas 3:16). Conant, além disso, salienta que o uso do dativo instrumental é para a finalidade de distinguir “o elemento usado para imersão num único caso daquele empregado num outro;” e acrescenta: “O dativo simples ocorre no Novo Testamento, apenas onde o material ou elemento usado para imergir deve ser assim distinguido. Em todos estes casos, a distinção é entre o elemento de água e o Espírito Santo...; e como este último poderia ser menos propriamente concebido como o mero instrumento de um ato, é em cada caso interpretado com a preposição local em... Esta é a única explicação do uso de ambos, o dativo simples e o dativo com a preposição na mesma conexão e relação” (The Meaning and Use of Baptizein, O Significado e o Uso de Baptizein, pág. 100).

E o argumento de que o Jordão, no lugar onde é suposto João ter batizado, é raso demais ou rápido demais para permitir que a imersão nele tem sido provada como falso inúmeras vezes por aqueles que o tem visitado.

#### 2) Noutra ocasião João batizou no Enon, “porque havia ali muitas águas.”

João 3:23.

Os aspersionistas e os derramadores tentam explicar que a água era necessária para outros propósitos que não o batismo, como num encontro dos Metodistas no ar livre no campo. Mas Hovey habilmente responde:

*“Esta passagem afirma virtualmente que o batismo não poderia ser convenientemente administrado sem uma porção de água considerável. O apelo que a água era necessária para outros propósitos que não o batismo é posta de lado pela linguagem do escritor sagrado. A Pois a razão pela qual João estava batizando lá (não porque ele estava pregando lá), foi porque havia muita água no lugar.” (Comentário sobre João 3:23).*

“Muita água”, literalmente é, no Grego, “muitas águas.” Mas é sustentado por eruditos eminentes da Bíblia para significar “muita água,” e é assim interpretado pelos revisores da versão Rei Tiago, a maioria dos quais eram pedobatistas. A razão pela qual esta expressão é aqui sustentada para verdadeiramente chegar a “muita água,” é suprida por C. R. Condor (*Tent Work in Palestine, Trabalho de Tenda na Palestina*, pág. 91). Ele conta que quase no sítio certo de Enon “encontram-se as nascentes num vale aberto, cercadas de colinas desoladas e disformes. A água jorra sobre um leito pedregoso, e flui rapidamente para baixo num córrego fino cercado por arbustos de adelfa. O suprimento é perene, e uma sucessão contínua de pequenas fontes ocorre pelo leito do vale, de modo que a correnteza vem a ser o principal afluente ocidental do Jordão, ao sul do Vale de Jezrel. O vale é aberto na maior parte do seu curso, e achamos os dois requisitos para a cena do batismo de uma enorme multidão, - um espaço aberto, e abundância de água.” Enon significa “fontes,” e cerca de cinco quilômetros ao sul do vale acima descrito encontra-se uma vila chamada Salem. As “muitas águas” são as “nascentes” e a “sucessão contínua de pequenas fontes”. E estas “muitas águas” unem-se num fluxo considerável, fazendo assim “muita água”.

### 3. Filipe levou o eunuco “na água” para batizá-lo

Atos 8:38,39. A preposição Grega para “em” é eis. Ela pode significar “para.” Mas, como Hackett assinala, aqui não pode significar “para a água,” como se eles fossem apenas à beira dela; mas deve significar “na água” porque ela é usada em contraste com “fora da água” - ek tou hudatos, no verso seguinte. E Plumtre observa:

*“A preposição Grega (a saber, eis) podia significar simplesmente ‘para a água’, mas a universalidade da imersão na prática da igreja primitiva sustenta a versão Inglesa” (Commentary on the New Testament Ellicott, Comentário do Novo Testamento de Ellicott).*

É desnecessário observar que não seria natural para o candidato ser levado para dentro da água afim de ser aspergido ou ter a água derramada sobre ele.



## CAPÍTULO 33

# A CEIA DO SENHOR

A Ceia do Senhor é a segunda ordenança eclesiástica. Ela foi instituída por Cristo na véspera de Sua traição e crucificação. E Cristo indicou que ela devia ser observada até a Sua volta.

### **I - A NATUREZA DESTA ORDENANÇA**

#### **1. A CEIA NÃO É UM SACRAMENTO**

Os Católicos Romanos fazem da Ceia do Senhor, que eles chamam de “a Eucaristia”, um dos seus sete sacramentos. E em seu compêndio de teologia conhecido por Catecismo, um sacramento é definido da seguinte forma: “Um sacramento é um sinal visível ou ação instituída por Cristo para dar graça.” Mas não existe qualquer fundamento na Escritura para tal visão da Ceia do Senhor. Tal

posição contradiz a verdadeira natureza da graça, pois graça é favor desmerecido. Se a graça é recebida por meio de um ato externo de obediência então ela não é totalmente desmerecida. Um ato externo de obediência para receber a graça contradiz o ensino que a vida eterna é um dom (Romanos 6:23), e que somos justificados livremente, que quer dizer, de modo gratuito, sem pagar nada (Romanos 3:24). Credo que a Ceia do Senhor é um sacramento que dá graça em troca de uma ação na parte do celebrante, contradiz o ensino da Escritura que não somos salvos por meio das obras (Efésios 2:8; Tito 3:5).

## 2. A CEIA É UMA ORDENANÇA SIMBÓLICA

Isso nega as duas coisas a seguir:

### 1) Que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes atualmente no pão e no vinho

*“A Igreja Católica tem sempre ensinado seus filhos que no momento em que o padre, na Missa, pronuncia as palavras de consagração do pão e do vinho, eles são transformados no sagrado Corpo e Sangue de Cristo.” (Vincent Hornoyold, The Seven Sacraments, Os Sete Sacramentos).*

Num esforço para substanciar este ensino quanto a real presença de Cristo no pão e no vinho, Os Católicos apelam para as palavras de Jesus em João 6:48-58, e fazem duas suposições sem fundamento. Primeiro, eles pressupõem, com um antagonismo direto às próprias palavras de Cristo, que Ele falou literalmente quando Ele disse: “Se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o Seu sangue, não tereis vida em vós mesmos” (João 6:53). No verso 63 Ele indicou claramente que Ele tinha falado figurativamente nos versículos anteriores. Ele disse: “O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida.” Segundo, eles pressupõem, contrário ao contexto, que Jesus aludia à nossa participação dEle na chamada “Eucaristia”. O versículo 47 mostra que participamos dEle pela fé. Fica patente a qualquer pessoa não cegada pelo preconceito que os versículos 47 e 53 são paralelos no sentido.

Em seguida os Católicos levam sua interpretação literal e injustificável para interpretar toda e qualquer outra passagem que menciona o corpo e o sangue de Cristo

em conexão com a Ceia do Senhor. Este literalismo tem a sua fonte no misticismo pagão embebido pelo Catolicismo Romano. Também o princípio fundamental da salvação pelas obras faz suas contribuições a esta perversão da simplicidade escriturística.

## 2) Que a celebração da ceia constitui uma repetição do sacrifício de Cristo

Os Católicos tem aplicado à celebração da Eucaristia o nome de “Missá”. E nós lemos:

*“Agora, na Missa um sacrifício verdadeiro é oferecido à Deus, pois a humanidade de Nosso Bendito Senhor, por ser colocada sob as formas de pão e de vinho, é reduzida a ser equivalente ao mesmo estado inanimado de uma vítima oferecida ao Pai Eterno através do Padre.” (Hornoyold, The Seven Sacraments, Os Sete Sacramentos, pág. 10).*

Em resposta a isto, Strong diz:

*“Isto envolve a negação da perfeição do sacrifício completo já dado por Cristo e presume que um padre humano pode repetir ou acrescentar algo à expiação feita por Cristo de uma vez por todas (Hebreus 9:28 - apax prosenekueis). A Ceia do Senhor nunca é chamada de sacrifício, nem são os altares, sacerdotes ou consagrações jamais pronunciadas como tais no Novo Testamento. Os sacerdotes da velha dispensação são expressamente contrastados com os ministros da nova. Os primeiros ‘ministraram’ acerca das coisas sagradas, isto é, executaram ritos sagrados e serviram no altar; mas os últimos ‘pregam o Evangelho’ (1Coríntios 9:13, 14).”*

## II - O SIGNIFICADO SIMBÓLICO DA CEIA DO SENHOR

### 1. É UMA COMEMORAÇÃO DA MORTE DO SENHOR

Disse Jesus: “Fazei isto em memória de mim” (1 Coríntios 11:24). A Ceia do Senhor, então, tem a intenção de refrescar nossas mentes quanto à morte vicária de

Cristo.

## **2. É UMA PROCLAMAÇÃO DE SUA MORTE**

Jesus também disse: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor até que venha” (1 Coríntios 11:26). A Ceia é uma ordenança em forma de pregação, assim como comemorativa. Este fato favorece a observação da ordenança na presença de toda a congregação em vez de despedir a congregação e fazer os membros observá-la separadamente. Já que é uma ordenança que prega, deixem a todos que queiram, que a testemunhe.

## **3. É UM LEMBRETE DA SEGUNDA VINDA DE CRISTO**

Notamos na passagem há pouco citada as palavras: “Anunciais a morte do Senhor até que venha.” Assim todas as vezes que a ordenança é observada lembramos que estamos observando-a por causa da ausência da presença corporal de Cristo, e que algum dia o simbólico dará lugar ao literal.

## **4. ELA SIMBOLIZA O FATO QUE SOMOS SALVOS POR NOS ALIMENTARMOS DE CRISTO**

Já frisamos que a nossa alimentação de Cristo não é literal. Participamos dEle pela fé. E assim somos salvos. Isto está simbolizado na Ceia do Senhor.

## **5. ELA FIGURA NOSSA NECESSIDADE DE PARTICIPAÇÃO CONSTANTE DE CRISTO PARA SUSTENTO ESPIRITUAL**

A repetição desta ordenança manifesta que a fé, pela qual participamos de Cristo, não é meramente uma coisa momentânea, mas uma coisa contínua, pela qual a alma é sustentada constantemente.

## **6. ELA ASSINALA A UNIÃO ENTRE OS MEMBROS DA IGREJA**

Em 1 Coríntios 10:16-17 lemos:



“Porventura o cálice de bênção, que abençoamos, não é a comunhão (ou participação) do sangue de Cristo?” O pão (pedaço ou inteiro) que partimos não é porventura a comunhão (ou participação) do corpo de Cristo? Porque nós, sendo muitos, somos um só pão (pedaço ou inteiro), e um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão (pedaço ou inteiro).”

Estes versos revelam o fato de que a união da igreja se manifesta pelos membros participantes de um só pão. Por essa razão, o pão deverá ser trazido à mesa numa única porção ou pedaço. De outra maneira a figura não é tão impressiva.

### III. OS ELEMENTOS DA CEIA DO SENHOR

Existem dois, e apenas dois, elementos escriturísticos. São eles:

#### 1. PÃO SEM FERMENTO

Strong diz: “Ainda que o pão que Jesus partiu na instituição da ordenança foi indubitavelmente o pão ázimo da Páscoa, não existe nada no simbolismo da Ceia do Senhor que necessite o uso Romanista da hóstia,” (Systematic Theology, Teologia Sistemática, pág. 539). Quanto às palavras exatas desta declaração, concordamos com Strong. E vamos ainda mais longe e dizemos que o uso Romanista da hóstia (um pequeno disco chato de farinha tostada) tende a obscurecer uma parte do simbolismo da Ceia. Mas entendemos que a declaração de Strong implica que o simbolismo da Ceia não necessita do uso do pão ázimo. Entretanto, necessita sim e por três razões, a saber:

**Somente o pão sem fermento pode representar adequadamente o impecável corpo de Cristo**

Fermento é caracterizado pela bíblia como uma figura do pecado, e é assim representado em I Coríntios 5, em relação com a Ceia do Senhor.

**O pão sem fermento também responde a sinceridade de coração com a qual devemos participar da Ceia**

“Façamos a festa, não... com o fermento da maldade e da malícia, mas com os

ázimos da sinceridade e da verdade” (1 Coríntios 5:8).

### O pão ázimo, ainda mais, acentua a necessidade de purificação da igreja

“Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Por isso façamos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade” (1 Coríntios 5:7,8). Esta passagem, seguindo o mandamento de Paulo para excluir o homem incestuoso, mostra que ele relacionou o pão ázimo com a pureza da igreja.

Pelas razões citadas, bolachas e pão fresco nunca devem ser usados na celebração da Ceia do Senhor. Melhor é não celebrá-la do que celebrá-la impropriamente.

## 2. O VINHO FERMENTADO

Damos três razões porque o vinho fermentado deveria ser usado:

### Cristo usou vinho na instituição da Ceia

Sobre este ponto damos as seguintes citações:

“Todo Judeu na noite da Páscoa deve ter quatro copos de vinho vermelho” (A Páscoa Judaica e a Ceia do Senhor, por Harry Singer, também superintendente da Missão Hebreu-Cristã de Detroit, Mich.). Em referência a Provérbios 23:31 mostra-rá que o tipo de vinho usado deve ser o vinho “vermelho”.

*“Todo Judeu sabe que a Ceia Pascoal deve ser celebrada bebendo-se vinho genuíno e não suco de uva sem fermento ... Vocês acharão tudo isto completamente corroborado se consultarem a Enciclopédia Judaica, que é a mais fidedigna e autorizada em todos os assuntos Judaicos” (Trecho de uma carta pessoal endereçada ao autor por J. Hoffman Cohn, Secretário Geral da Junta Americana de Missões aos Judeus, do Brooklin, N. Y.).*

Leopold Cohn, editor de “O Povo Escolhido”, em resposta à pergunta: “O vinho da Páscoa era ou não fermentado?” Disse: “Sim, segundo o ritual Judaico nenhum vinho pode ser assim chamado e usado nas cerimônias, a menos que seja intoxicante. Mais ainda, o vinho usado na Páscoa era tão forte que tinha de ser misturado

com água.”

“Uma grande tentativa tem sido feita para provar que o vinho bebido na Ceia do Senhor era sem fermento, por e pelo amor dos obreiros do nosso tempo e país que por consciência abstenham de álcool. Tais tentativas são capazes de fazer mais mal do que bem entre aquelas famílias de costumes orientais hoje, ou a história dessas nações. Mas o apóstolo Paulo estabeleceu o caso de abstinência total em Romanos 14 de tal maneira que não é necessária a ajuda traidora de uma exegese duvidosa para seu apoio.” (Dicionário Bíblico de Peloubet).

Alguns presumem que Cristo absteve-se de todo uso do vinho. Mas isto é presumido diante do fato que Cristo, logo antes de Sua morte, bebeu “vinagre” (Marcos 15:36; Mateus 27:48; João 19:28-30), o que, segundo Thayer, Broadus, Hovey e W. N. Clark (os três últimos escritores em “Um Comentário Americano do Novo Testamento”) era vinho azedo que os soldados bebiam.

#### **A igreja em Corinto usava vinho fermento na Ceia e não recebeu qualquer censura do apóstolo Paulo**

Sabemos que a igreja em Corinto usava vinho porque, pelo abuso da ceia, alguns ficavam bêbados (1 Coríntios 11:21). Um léxico grego mostrará que a palavra Grega aqui quer dizer exatamente o que nós comumente entendemos pelo termo “embriagado”. Outros casos do uso da mesma palavra Grega (methuo) achar-se-á em Mateus 24:49; Atos 2:15; 1 Tessalonicenses 5:7. A respeito desta palavra, lemos em “Um Comentário Americano do Novo Testamento”: “A palavra por si mesma significa estar bêbado, e nada mais brando. A passagem é conclusiva quanto ao vinho usado por eles na Ceia do Senhor.”

Marcos Dods diz:

*“Conquanto o vinho da Santa Comunhão tivesse sido tão feiamente abusado, Paulo não proíbe o seu uso na ordenança. Sua moderação e sabedoria não têm sido seguidas universalmente neste ponto. Em ocasiões infinitamente menores, modificações têm sido introduzidas na administração da ordenança com a intenção de impedir seu abuso por bebedores recuperados, e ainda num pretexto mais leve uma modificação mais ampla foi introduzida há muitos séculos pela Igreja de Roma.”*

### O simbolismo da Ceia exige vinho fermentado

O vinho fermentado sozinho corresponde ao pão ázimo, e é exigido pelas mesmas razões que o pão ázimo é exigido.

Em resposta à nossa indagação, Frederic J. Haskin, Diretor da Agência de Informação de Washington, D. C., deu a seguinte significativa resposta: “A Agência da Indústria da Planta do Departamento de Agricultura dos E.G. diz que as uvas contêm naturalmente um agente fermentador e que este está presente no suco.” Perguntamos então o que acontecia a este fermento no processo da fermentação. O que respondeu o Sr. Haskin: “O fermento é consumido no processo de fermentação, de modo que o produto acabado, ou vinho, não contém nada.”

Entretanto alguém pode perguntar o que deve ser feito acerca do juramento que alguns têm feito de nunca tocar qualquer tipo de intoxicante. Respondemos que a consistência escriturística e uma comemoração adequada da morte do Senhor devem preceder um juramento ou qualquer outra coisa. É melhor quebrar um juramento do que falhar em guardar este memorial apropriadamente. Deus a ninguém responsabiliza pela observância de um juramento que impede a pessoa de honrar a Cristo devidamente. Aos que fizeram juramento, deixem-nos aderir ao compromisso em geral; mas não deixem o juramento interferir entre eles e a apropriada comemoração da morte de Cristo.

## IV - A CEIA RESTRITA REIVINDICADA

A ceia restrita é uma prática Batista histórica. Muitos pseudo-Batistas têm reconhecido a consistência Batista na ceia restrita, tendo reconhecido que as Escrituras não autorizam a vinda dos não batizados à mesa do Senhor. Nenhuma prática dos Batistas é mais bem fundamentada na Palavra de Deus do que a ceia restrita; ainda, talvez, nenhuma outra prática é tão mal interpretada e tão combatida. Entenda-se que os Batistas não negam que os membros de outras denominações sejam salvos. Simplesmente eles não acreditam que os mesmos têm sido batizados escriturísticamente. Os Batistas praticam a ceia restrita<sup>1</sup>:

---

1 Observação do Editor: Na época da impressão original deste livro em inglês (1936), existiam apenas duas posições entre os batistas sobre quem deveria participar da Ceia do Senhor. Estas posições eram: 1) somente os membros da igreja que estava administrando a Ceia do Senhor, e 2) todos que se julgavam aptos a participar não importando qual igreja eram membros.

### **Porque Cristo instituiu a ceia restrita**

Quando Cristo instituiu a ceia (a Ceia do Senhor não a da páscoa) apenas os onze apóstolos estavam presentes. Consigo, havendo Judas saído já. Ele não tinha Sua mãe ali. Nem tinha outros de Seus seguidores em Jerusalém. Até o ponto que exista qualquer registro, Ele nem convidou o homem da casa na qual a ceia foi instituída.

Por quê? Porque a ceia não era para ninguém mais além dos membros daquela igreja. Por isto, já que os Batistas não consideram os outros como membros daquela igreja de Cristo, eles não os convidam para a ceia.

### **Porque a ordem Escriturística observada no Pentecostes e depois deste, leva à prática da ceia restrita**

A ordem no Pentecostes e depois foi: (1) fé; (2) batismo; (3) membresia com a igreja; (4) a Ceia do Senhor. Veja Atos 2:41, 42. Esta é exatamente a ordem sobre a qual insistem os Batistas. Eles não negam que outros possam ter fé, mas negam que tenham recebido batismo válido e que sejam membros de uma igreja de Cristo.

### **Porque os interesses da disciplina de uma igreja escriturística requerem a prática da ceia restrita.**

Em Romanos 16:17 e 1 Timóteo 6:3-5 temos implícito fundamento de disciplina exclusiva no caso de doutores e pastores que persistem em ensinar a heresia. A necessidade de união na igreja também enfatiza a necessidade de disciplina exclusiva no caso há pouco mencionado.

Agora imagine que uma igreja ache necessário excluir um falso mestre. Se a igreja pratica a ceia aberta, este falso mestre pode ainda comungar com a igreja, não obstante o fato que a participação da Ceia do Senhor é um dos privilégios mais íntimos e sagrados dos membros da igreja. Permitindo tal prática, nulificaria logo a disciplina da igreja. Envolveria a igreja em notória incoerência. Se alguém não está apto para pertencer a igreja, apto não é para participar da Ceia do Senhor.

### **Porque é impossível observar a Ceia do Senhor através de uma ceia aberta**

Uma igreja pode comer pão ázimo e beber um gole de vinho com um grupo com qual discórdias estão presentes, mas Paulo claramente diz que em tais circunstâncias “não é para comer a ceia do Senhor.”. Veja 1 Coríntios 11:19, 20.

### **Porque a Ceia do Senhor á uma ordenança da igreja local**

O significado desta declaração é que ela deve ser somente observada pelos membros da igreja local. Nem todos os Batistas reconhecem isto. Mas é reconhecido pela maioria dos Batistas mais rigorosos. E onde tal posição é reconhecida, tal declaração torna a prova maior conclusiva da ceia restrita.

Para provar esta preposição oferecemos duas provas:

#### **1) A união do corpo é simbolizada pelo pão usado na ceia**

Para uma discussão disto, veja a segunda divisão deste capítulo. Este simbolismo seria incoerente em permitir a participação dos que não são membros.

#### **2) Existem certas categorias de pessoas com quais a igreja é ordenada a não comer**

Veja 1 Coríntios 5:11. Quando a igreja convida a participar da ceia aqueles que não fazem parte da sua membresia, é uma desconsideração atrevida desta ordem; ela não pode saber se alguns destes convidados pertencem ou não às categorias mencionadas em 1 Coríntios 5:11.



## CAPÍTULO 34

# POR QUE A LAVAGEM DOS PÉS NÃO É UMA ORDENANÇA?

Ainda que tenhamos alguns amigos que, tendo sido criados entre certos batistas estranhos que lavam os pés e são inclinados a crer que o lavar dos pés deve ser observado como uma ordenança da igreja, cremos que devemos ocupar espaço para mostrar o porquê isto não é verdadeiro. Damos seis razões:

### **I - CRISTO NÃO O INSTITUIU COMO UMA ORDENANÇA DA IGREJA**

É verdade que Cristo lavou os pés aos Seus discípulos na mesma noite em que Ele instituiu o memorial da Ceia. E é verdade que Ele mandou Seus discípulos lavarem os pés uns dos outros; mas nada há tanto no exemplo como na ordem que indique que devemos observar a lavagem dos pés como ordenança da igreja. É, puramente, opinião pessoal. Tinha a ver com o dever do anfitrião ou anfitriã

para com o hóspede.

## **II - AS EPÍSTOLAS DO NOVO TESTAMENTO NÃO O APRESENTAM COMO ORDENANÇA DA IGREJA**

Nessas epístolas temos amplas instruções a respeito do batismo e da Ceia do Senhor, mas nenhuma palavra sobre o lava pés como uma ordenança da igreja. Esse silêncio é prova tão forte que as igrejas do Novo Testamento não praticaram o lava pés com autoridade de uma ordenança nas igrejas como é o silêncio que prova que elas não reconheceram um papa, nem adoraram imagens, nem oraram a Maria, nem confessaram os seus pecados a um padre, e nem praticaram a extrema unção.

## **III - O LAVA PÉS MODERNO NÃO É UM ATO IGUAL AO QUE CRISTO REALIZOU**

Cristo realizou e mandou um ato de serviço, mas a lavagem dos pés de uns aos outros não é mais um ato de serviço. Todos aqueles que estão mesmo remotamente familiarizados com os costumes dos tempos quando Jesus andou por este mundo, sabem que o povo naquela época usava sandálias comuns. Isto causava a lavagem dos pés muito frequente, necessária por causa tanto do conforto como da limpeza. Um dos primeiros deveres do anfitrião ou da anfitriã, à chegada de um hóspede, era pelo menos prover água para a lavagem dos pés, porque era muito desconfortável e desagradável sentar-se com a poeira e a areia apanhadas nos pés e nas sandálias no caminho trilhado. Cristo mandou aos Seus seguidores fazerem mais que prover água: mandou-os lavarem os pés uns aos outros. Era para realizarem assim um ato de serviço humilde. Mas, por causa da mudança de calçado, o lava pés de uns para com os outros hoje (salvo nos casos de enfermidade, morte, ou alguma emergência) não é mais um ato de serviço; nada mais que uma peça de formalidade desnecessária e sem sentido. Seria tido como um insulto (e justamente assim) oferecer-se alguém hoje para lavar os pés de um hóspede, pois tal implicaria que o hospede era muito desmazelado com a higiene corporal. Insistir que o mandamento de Cristo ainda está vigente literalmente, quando não há mais necessidade do ato é perder o verdadeiro



sentido do Seu mandamento. É exaltar a letra à custa do espírito. Para seguirmos o espírito do mandamento de Cristo realizemos atos reais de serviço uns pelos outros.

#### **IV - OS CRENTES DO NOVO TESTAMENTO PRATICARAM O LAVA PÉS COMO UM ASSUNTO PARTICULAR NO LAR**

Prova disto se acha em 1 Timóteo 5:10. Este verso dá algumas das qualificações de viúvas que eram dignas de receber auxílio material da igreja. Cada uma dessas viúvas deveriam ter lavado “os pés aos santos”. Agora, se a igreja em Éfeso (a qual Timóteo estava ministrando ao tempo em que ela recebeu esta carta) tinha estado praticando o lava pés como ordenança da igreja, cada membro da igreja podia ter cumprido esta qualificação e sua menção entre as qualificações de viúvas que eram dignas seria, portanto, desnecessária e sem sentido. A menção do lava pés neste contexto mostra conclusivamente como os crentes do Novo Testamento consideravam o mandamento de Cristo. Eles o consideraram como um assunto individual pertencente especialmente ao lar. Estava no mesmo nível da criação de filhos, o alojamento de estrangeiros, o alívio dos afitos, etc.

#### **V - O LAVA PÉS MODERNO NÃO MOSTRA HUMILDADE**

Não obstante tudo que temos dito, alguém pode dizer: “Sim, mas quando lavamos os pés uns dos outros, mostramos nossa humildade”. Isso traz à mente uma história pertinente. Um homem veio ao seu pastor e disse: “Pastor, creio que és um bom homem e pregas alguns excelentes sermões; mas parece que faltas na humildade.” O pastor lhe disse: “Talvez eu esteja mesmo faltando em humildade. De fato, muitas vezes sinto que o estou; mas suponho que tu és homem humilde.” O homem replicou: “Por certo que sou e faço questão mostrá-lo também.” Qual dos dois era mais humilde? O pastor que reconheceu sua falta ou o outro que se orgulhava e buscava exibir-se? Resumo moral: A suposta humildade vãmente exibida é uma espécie de orgulho.

## VI - O LAVA PÉS MODERNO NÃO SIMBOLIZA NENHUMA VERDADE ESPIRITUAL

Portanto, o lava pés é totalmente diverso do batismo e da Ceia do Senhor e não merece lugar como uma ordenança da igreja.

Houve um belo significado apegado ao lava pés dos discípulos por Jesus. Ele assinalou a manutenção de nossa comunhão com Cristo a despeito da contaminação recorrente do pecado, ou a restauração dessa comunhão quando ela (nossa comunhão com Cristo; não a nossa posição legal nEle) tenha sido quebrada por deslize espiritual temporário, cuja restauração Cristo realiza por trazer-nos ao arrependimento e confissão através da obra do Espírito Santo. João 13:8-10 transmite incisivamente este belo e gracioso significado. Nestes versículos há duas palavras gregas usadas para transmitir a ideia de purificação – “nipto” e “louo”. A última faz referência ao banho do corpo inteiro, ao passo que a primeira se refere à lavagem de partes do corpo, tais como as mãos e pés. Quando Jesus disse a Pedro (v. 8): “Se eu te não lavar, não tens parte comigo”, Ele empregou “nipto”. E quando Ele disse (v.10): “Aquele que está LAVADO não necessita de LAVAR senão os pés”, Ele empregou ambas as palavras neste versículo – “louo” no primeiro caso e “nipto” no segundo. Nestas duas citações Jesus assinala claramente o significado de Sua lavagem dos pés dos discípulos. Na primeira citação Jesus podia ter feito referência a nada mais fora da purificação espiritual, porque Ele não lavou literalmente os pés de muitos que com Ele tivera parte então e Ele não lavou literalmente os pés a qualquer dos vivos que agora tem parte com Ele. Na segunda citação, então, Jesus discrimina a espécie de purificação a que Ele se referiu na primeira citação. Quando Pedro foi informado da importância da lavagem espiritual dos pés, ele mal entendeu o significado de Cristo e impulsivamente pediu um banho completo. Jesus então lhe disse que ele não precisava de um banho completo, mas apenas da lavagem dos seus pés. O banho completo (indicado por “louo”) tipificava a “lavagem da regeneração” (Tito 3:5), uma “lavagem da água, pela palavra” (Efésios 5:26). Enquanto a lavagem dos pés (indicada por “nipto”) tipificava a manutenção e restauração de nossa comunhão (1 João 1:7, 9) como já indicada. Quando Cristo disse a Pedro: “O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois” (João 13:7), cremos que Ele quis dizer que a lavagem dos pés de Pedro tinha especial e particular referência à sua restauração depois de sua queda. Temos a recordação desta restauração em João 21:15-17. Isto foi o profundo sentido espiritual do

lava pés dos discípulos por Cristo, tipificando a contínua purificação que recebemos de Cristo. Cristo disse: “Se eu te não lavar, não tens parte comigo.” É Cristo que nos lava a todos e não nós que lavamos uns aos outros. Portanto, a lavagem recíproca dos pés não pode ter significado espiritual.

Ao encerrar resumiremos o que temos dito dizendo que não há uma razão sã e bíblica para a prática do lava pés como uma ordenança da igreja, e assim não se praticou nas igrejas do Novo Testamento. Aquilo praticado hoje é uma ilusão astuta e está acrescentando ao padrão divino.





## CAPÍTULO 35

# O OFÍCIO DE BISPO

Os ofícios principais nas igrejas neotestamentárias eram chamados de bispos, ou anciãos, ou pastores. “Que os títulos ‘bispo,’ ‘presbítero’ (ou ancião) e ‘pastor’ designam o mesmo ofício e ordem de pessoas, pode ser mostrado a partir de Atos 20:28.” (Strong). No mesmo sentido são as palavras de muitos outros, incluindo aqueles de Conybeare e Howson e passagens citadas por Giessler (*História da Igreja*, Vol. 1, pág. 90). Ver Filipenses 1:1; 1 Timóteo 3:1, 8; Tito 5:7; 1 Pedro 5:1, 2.

A primeira objeção plausível à identidade dos anciãos e bispos foi avançada por Calvino, com base em 1 Timóteo 5:17. Mas, em vez de mostrar que os termos designam dois ofícios, esta passagem mostra meramente que o único ofício envolvia dois tipos de trabalho, ensinando e governando ou tendo a supervisão. Alguns ocupantes do ofício eram mais bem sucedidos em um do que no outro, com o ensino sendo considerado como a mais alta função do ofício. As passagens

seguintes mostram que o ensino e o governar pertenciam ao mesmo indivíduo: Atos 20:28-31, Efésios 4:11; Hebreus 13:7; 1 Timóteo 3:2.

A pluralidade de anciãos ou bispos nas igrejas neotestamentárias era incidentais, e não incumbente sobre todas as igrejas; isto é, uma pluralidade de anciãos não é essencial para a existência de uma igreja neotestamentária. A pluralidade era determinada pelo tamanho e da escassez das igrejas, e as grandes extensões de pobreza.<sup>1</sup>

## I - AS QUALIFICAÇÕES DO BISPO

Estas qualificações são dadas em 1 Timóteo 3:1-7 e Tito 1:5-9. São elas:

### IRREPREENSÍVEL

Por isso, não queremos dizer que o bispo deve ser moralmente perfeito. Nenhum homem na carne o é. Isso significa que ele não deve ser manchado com pecado grosso. Este requisito é explicado e amplificado em ambas as passagens dadas acima, como segue:

“Além disso, ele deve ter bom testemunho dos que estão de fora, para que ele não caia em afronta, e no laço do diabo” (1 Timóteo 3:7).

“Porque convém que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância” (Tito 1:7).

Se o público não tem um grande respeito pela integridade moral de um homem, ele nunca deve ser feito um bispo.

### RELAÇÕES CONJUGAIS ADEQUADAS

Ele deve ser esposo de uma só mulher. É claro que isto significa que ele deve ser esposo de uma esposa de cada vez. Não pode ter duas esposas vivas ao mesmo tempo. Isto não requer que um pregador seja casado - embora, na maioria dos casos, é melhor

---

1 O bispo não é um sacerdote oficial. A palavra no Grego para o sacerdote é totalmente diferente das traduzidas por bispo, ancião, pastor. As igrejas neotestamentárias não tinham o ofício para sacerdotes. Todos os crentes são sacerdotes. Veja: 1 Pedro 2:5, 9; Apocalipse 5:10. Aqui está a tentativa lamentavelmente mais fraca já feita por um Católico preeminente para justificar o sacerdócio: «A própria palavra ‘sacerdote’ em nossa língua é derivada da palavra do Novo Testamento ‘presbuteros.’ Presbuteros se tornou presbítero, e presbítero se tornou sacerdote. Esta é a indicação suficiente do ofício e prova que a sacerdócio Católico é “escriturístico”.

que ele seja; nem o proíbe de se casar novamente se sua esposa morrer.<sup>2</sup>

### VIGILÂNCIA, SOBRIEDADE, E BOM COMPORTAMENTO

Estes são dados em conjunto em 1 Timóteo 3:2. Eles são dados (na Versão Revisada) no sentido de que o bispo deve ser temperante, sóbrio e ordeiro. E esta versão deixa de fora a referência ao vinho no versículo seguinte. Temperança significa autocontrole em tudo. Ela envolve abstinência total daquilo que é prejudicial ou mal.

### HOSPITALIDADE

Hospitalidade se refere ao entretenimento dos visitantes do lar. Nos dias do Novo Testamento, hospitalidade era “um serviço especialmente necessário ... quando o viajante Cristão estava exposto a dificuldades peculiares e perigos, e, portanto, um dever que frequentemente tinha particular importância.” (Harvey, sobre Tito).

A hospitalidade pode não ser tão urgentemente necessária hoje, mas não deixa de ser bela e benéfica.

### APTIDÃO PARA ENSINAR

Isto significa ter ambos, amor pelo ensino e habilidade nele. Isto requer conhecimento e a capacidade de transmiti-lo.

### PACÍFICO

As qualificações que seguem a aptidão para ensinar são dadas na melhor tradução da seguinte forma: “... não ser contencioso, não um ser espancador, mas manso.” O bispo não deve ter uma disposição que tende a agitar-se para discórdia. Ele não deve ser de natureza violenta e combativa, mas um homem gentil, de espírito tolerante, adverso a controvérsias e disputas. Veja 2 Timóteo 2:24. No entanto, ele deve batalhar pela fé, e lutar contra o mal.

---

2 Deixe aqueles que pensam que o requerimento que um bispo “seja irrepreensível, marido de uma mulher” demanda que ele seja um homem casado, refletirem sobre o fato, em primeiro lugar, que tal demanda requeriria a renúncia imediata de um pastor cuja esposa morrer. Além disso, deixe estes anotarem, em segundo lugar, que Tito 1:6 acrescenta, “tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes.” Se o requerimento anterior significa que um bispo deve ser casado, então este significa que não é suficiente para um homem ser casado - ele não deve ser ordenado bispo até que ele tenha filhos e eles sejam salvos. Vamos tentar ser coerentes, irmãos.

**FALTA DE COBIÇA**

Ele não deve ser amante do dinheiro, pois o amor ao dinheiro é a raiz de toda sorte de males. Ele não deve colocar o dinheiro à frente do fiel cumprimento da vontade de Deus.

**CAPACIDADE DE DISCIPLINAR**

O teste para isto é o modo no qual ele controla seus próprios filhos. A Escritura diz que se ele não controla-los, ele não pode tomar conta da igreja de Deus.

**EXPERIÊNCIA CRISTÃ AMADURECIDA**

O bispo não deve ser um novato, ou seja, um recém-chegado à fé. Ele deve possuir um considerável grau de maturidade cristã.

**FIRMEZA NA FÉ**

Para as oito qualificações precedentes seguimos a epístola a Timóteo, e não tentamos listar tudo mencionado em ambas as epístolas, falando que em Timóteo temos, de uma maneira geral, tudo o que está incluído em Tito. Mas a última estipulação em Tito desejamos observar. Assim está escrito:

“... retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes” (Tito 1:9).

Isso significa que o bispo deve ser aquele que persiste em seguir a Palavra de Deus apesar de toda a tentação de abandoná-la.

**II - OS DEVERES DO BISPO**

Os deveres do bispo são os seguintes:

**GOVERNAR A IGREJA**

1 Timóteo 5:17; Hebreus 13:7,17. O governar aqui, no entanto, não é um governo absoluto ou autocrático (2 Pedro 5:3), mas apenas um governo com supervisão e liderança. Em nossa consideração da igreja, temos mostrado que esta é uma democracia, recebendo e excluindo membros e gerenciando seus próprios negócios.



E nós temos apontado que “presbíteros governantes”, no sentido moderno, não são autorizados por 1 Timóteo 5:17.

### **ENSINAR**

1 Timóteo 3:2; 2 Timóteo 4:2; Tito 1:9; Hebreus 13:7. Este é o principal trabalho do pregador. Não deve ser permitido nada que interfira nele. Se ele falhar nisso, ele falhou em tudo. Todo o resto é secundário para o trabalho de ensino.

### **PASTOREAR O REBANHO**

Efésios 4:11. Nesta passagem temos o bispo chamado de pastor. Isto significa que ele pastoreia. Ele deve ter o mesmo interesse em devoção altruísta para com seu rebanho como foi o caso com o velho pastor e suas ovelhas. Ele deve alimentá-las, protegê-las do perigo, confortá-las na angústia, e fortalece-las quando fracas.

### **ADMINISTRAR AS ORDENANÇAS**

Parece de acordo com a natureza do ofício do bispo considerar a administração das ordenanças como uma função peculiar dos bispos. E, como já observamos antes do batismo, para que possamos dizer agora do batismo e da Ceia do Senhor, que não temos qualquer indicação que alguém outro a não ser o bispo, sempre os administraram.





## CAPÍTULO 36

# O DIACONATO

### I - A ORIGEM DO OFÍCIO

Podemos afirmar com muita certeza que temos a origem do diaconato no capítulo sexto de Atos. A palavra “servir” (diakoneo) em Atos 6:2 é exatamente a mesma que é usada para designar o ofício do diácono em 1 Timóteo 3:10,13. Também é o verbo correspondente para o substantivo para diáconos em Filipenses 1:1; 1 Timóteo 3:8,12.

É interessante e instrutivo notar como os primeiros diáconos receberam seu ofício. Eles foram eleitos pela Igreja. Os doze convocaram a multidão dos discípulos e disseram: *“Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio”* (Atos 6:2,3).

Os apóstolos constituíram os diáconos nos seus ofícios, ou ordenou-os,

como vemos no verso seis, sendo este o significado de “constituamos” no verso três; mas os apóstolos não presumiram de elegê-los. Eles deixaram isto para a igreja. Nem mesmo recomendaram à igreja aqueles que ela deveria escolher. Eles deixaram a igreja descobrir isto do próprio Espírito Santo. Isto foi um assunto excepcionalmente importante, mas os apóstolos não tinham receio de confiá-lo à igreja. É este um excelente exemplo da democracia das igrejas neotestamentárias.

## II - OS DEVERES DESTE OFÍCIO

Os primeiros sete diáconos foram escolhidos e ordenados para “servirem às mesas”, isto é, distribuir alimento aos necessitados, especialmente as viúvas. Entretanto, diante do fato do ofício tornar-se permanente (Filipenses 1:1; 1Timóteo 3:8-13) e do fato de nenhuma outra igreja além da de Jerusalém, tanto quanto sabemos, tinha a comunhão de bens que necessitava a criação original do ofício, tanto quanto as qualificações dadas em 1 Timóteo 3:8-13, concluímos que os deveres do ofício devem ter crescido junto. Talvez os diáconos vieram a ter a responsabilidade de todos os aspectos seculares da igreja e a ser auxiliares do pastor nos assuntos espirituais.

Contudo, tenham em mente que os diáconos são “servos,” segundo o significado do título, e não patrões. Eles devem receber instruções da igreja em vez de ditar à igreja. Eles devem ajudar o pastor em vez de dizer-lhe o que deve fazer. Lembrem-se sempre que o seu ofício está subordinado ao do pastor.

O abuso do ofício do diaconato tem tornado os diáconos inúteis ou pior que inúteis em muitas igrejas. Talvez isto seja porque a devida atenção não tem sido dada às qualificações escriturísticas de diáconos, à qual dirigiremos agora nossa atenção.

## III - AS QUALIFICAÇÕES DOS DIACONOS

### 1. COMO DADAS EM ATOS 6

#### **Homens de boa reputação**

Os diáconos devem ser homens de boa reputação em geral. Eles devem ser homens nos quais o povo tenha a máxima confiança. Sem dúvida, antes de tudo, eles devem ser homens que são escrupulosamente honestos; homens que merecem

confiança.

### Cheios do Espírito

O Espírito Santo está em todo crente (João 7:38, 39; Romanos 8:9,14; 1 Coríntios 6:19; Gálatas 4:6; Efésios 1:13). Ele é recebido no momento em que somos salvos, e depois habita conosco para sempre. Quando recebemos o Espírito Santo, recebemos toda parte dEle, porque Ele é uma pessoa e, portanto, indivisível. A doutrina de hoje que diz que o Espírito é recebido subsequente a conversão, como foi o caso com os crentes no dia de Pentecostes, não é uma doutrina escriturística. Não pode existir uma repetição do Pentecostes como de igual forma não pode ter uma repetição do Calvário. Todas as obras da graça são definitivas, e aqueles que ainda estão falando sobre uma outra que ainda virá devem ser lamentados. Os que são verdadeiramente salvos receberam inumeráveis obras de graça definitivas. As pessoas que não tem em o Espírito Santo habitando em si não precisam buscar a “segunda benção”; eles ainda não receberam a primeira.

Ainda que todas as pessoas salvas tenham o Espírito nelas, nem todos estão cheios dEle. Elas têm tudo dEle, mas Ele não tem tudo delas. A necessidade não é que elas devem buscar o Espírito, mas que elas devem render-se ao Espírito já nelas de modo que Ele as encherá com Sua presença e poder. A presença dEle é expansiva e Ele enche somente aquele tanto que não está cheio de alguma outra coisa. Se o Espírito deve encher-nos, nós devemos esvaziar-nos de nós mesmos e do mundo. É apenas homens que fizeram completa rendição ao Espírito que devemos fazer diáconos.

### E de Sabedoria

Os diáconos devem ser homens de discernimento e habilidade. A sabedoria aqui mencionada não é sabedoria humana, mas aquela que vem do alto (Tiago 1:5, 3:17). “*O bom senso que é santificado*” é um designação incorreta. Não existe tal coisa. O “bom senso” é o pensamento comum do homem. E o pensamento comum do homem é o pensamento da mente carnal. E a mente carnal está em inimizade contra Deus (Romanos 8:7). Logo, alguém pode do mesmo modo falar sobre inimizade santificada contra Deus como falar de bom senso que é santificado. A estimativa de Deus acerca do senso humano encontra-se em Tiago 3:15. Tentar conduzir os negócios de Deus segundo a maneira dos negócios seculares ocasionará muito dano. Tiago 1:5 conta como assegurar a sabedoria necessária para um diácono.

## 2. COMO DADO EM 1 TIMÓTEO 3

### **Honestos**

Isto significa que eles devem ter dignidade, mentes sérias e livres de leviandade e frivolidade. Não significa que eles devem ser mal-humorados e de caras melancólicas.

### **Não de Língua Dobre**

Isto significa que os diáconos não devem ser homens que falem de uma forma para uma pessoa e de outra forma para outra pessoa. Tais diáconos serão uma fonte inesgotável de vergonha para a igreja. A palavra dos diáconos deve ser de homens confiáveis.

### **Não Dados a Muito Vinho**

Nos tempos do Novo Testamento as bebidas alcoólicas não eram abusadas como elas têm sido hoje; portanto, não eram absolutamente proibidas. Apenas o abuso delas era proibido. Mas hoje elas têm sido sujeitas a tal abuso que é bom para todos os crentes, especialmente pastores e diáconos, abster-se de vinho totalmente exceto para fins médicos e sagrados.

### **Não Cobiçosos de Torpe Ganância**

Um diácono não deve ser um homem que tenha um amor desordenado pelo dinheiro. Se ele for, ele provavelmente apropriar-se-á dos fundos a ele confiados. Grande tem sido a vergonha nas igrejas por causa de confiar as finanças das igrejas aos homens cobiçosos de torpe ganância.

### **Guardando o Mistério da Fé numa Consciência Pura**

Os diáconos deveriam ser sãos na fé. Eles não são os mestres oficiais, mas terão muitas oportunidades de testemunhar particularmente da sua fé. Ninguém além de um batista convicto deveria jamais ser eleito diácono. Aquele que acredita que uma igreja é tão boa quanto qualquer outra, ou aquele que é no mínimo maculado com o modernismo ou o arminianismo, ou aquele que nega uma verdade fundamental da Escritura não está apto para ser um diácono. O diácono deve guardar a fé numa consciência pura - uma que tenha sido purificada pelo sangue de Cristo e renovada

pelo Espírito Santo. Tal consciência estará livre de egoísmo flagrante e hipocrisia e será regulada pela devoção e sinceridade.

### **Estes Sejam Primeiro Provados**

Assim como os bispos, da mesma forma como os diáconos; a ninguém impomos as mãos precipitadamente (1 Timóteo 5:22). E como um bispo, um diácono não deveria ser um neófito, ou alguém novo na fé (1 Timóteo 3:6). Nós não deveríamos eleger homens para o diaconato apenas para honrá-los, nem por serem influentes ou ricos; mas apenas quando eles tiverem provado estarem em posse de qualificações escriturísticas.

### **Suas Esposas Devem Ser Honestas, Não Maldizentes, Sóbrias e Fiéis em Tudo**

Alguns contendem que aqui estão referidas as diaconisas. E enquanto esta visão pareça ter algumas coisas a seu favor, nós a consideramos longe de ser estabelecida. Notemos os argumentos usuais oferecidos como prova que aqui refere-se a diaconisas:

#### **A. Afirma-se que tal ofício existiu em algumas igrejas do Novo Testamento pelo menos, desde que Febe é chamada uma “*diakonos*” (Romanos 16:1)**

Mas “*diakonos*” aparece em muitos outros lugares onde o ofício não está significado. Veja 2 Coríntios 2:6, 11:22; Efésios 3:7, 6:21; Colossenses 1:7,23, 25; 1 Tessalonicenses 3:2; 1 Timóteo 4:6, onde “*diakonos*” está traduzido por “*ministro*”. Esta palavra e suas formas cognatas aparecem em muitos outros lugares similares ao acima também. Em vista disto, nós certamente temos um fundamento muito fraco para o ofício de uma diaconisa porque “*diakonos*” está apenas uma vez aplicado a uma mulher. É bastante óbvio que Febe, com a sua energia e sua própria riqueza tinha “*hospedado a muitos*” e o apóstolo Paulo também (Romanos 16:1); portanto, ela foi chamada uma “*diakonos*”, ou alguém que ministrava para a necessidade de outros. Não existe prova de que ela serviu oficialmente nesta qualidade.

#### **B. Supõe-se também que as mulheres mencionadas em Filipenses 4:3 eram diaconisas**

Mas aqui existe menos evidência para o ofício do que no caso anterior. Não se dá aqui o mais leve indício que estas mulheres foram diaconisas. Existiram algumas mulheres que ajudaram a Cristo em Sua obra; será que elas também foram diaconisas?

### **C. É argumentado que tal ofício existiu nas igrejas pós-apostólica**

Entretanto muitas coisas existiram na maioria das igrejas pós-apostólicas que não foram de instituição divina.

### **D. Diz-se que o “Grego não tem ‘suas esposas’, mas simplesmente mulheres, sem artigo ou pronome, e é, portanto, devidamente interpretada, não ‘suas esposas’, mas mulheres, e, neste contexto, diaconisas” (H. H. Harvey)**

É verdade é que o Grego não diz expressamente “suas esposas,” e, enquanto que a palavra para “*esposas*” é uma palavra que possa significar simplesmente “*mulheres*”, contudo, é a única palavra no Novo Testamento para esposas, e é, portanto, a palavra que seria usada para denotar esposas. O pronome possessivo é facilmente entendido desde que diáconos estão sob discussão. Quanto à omissão do artigo, isto não é significativo por causa da inexistência do artigo antes de diáconos no verso 8. E quando lemos no verso seguinte que o diácono deve ser marido de uma esposa, acrescenta força à visão que as esposas de diáconos estão intencionadas no verso 11.

### **E. É argumentado que não existe razão para se definir as qualificações das esposas de diáconos enquanto que nada é dito das esposas de bispos**

Não existe razão para limitar “*suas esposas*” às esposas de diáconos. Nós cremos que se refere tanto às esposas de diáconos como também as esposas de bispos. Tal interpretação nada tem a ver contra isto. E cremos que é a correta.

### **Sejam os Diáconos os Maridos de Uma só Mulher, e governem bem seus filhos e suas próprias casas**

Um diácono deve ter apenas uma esposa viva. Ele deve ter seus filhos em sujeição. Uma das maiores necessidades práticas destes dias é um reavivamento dos velhos



tempos com a autoridade paterna. A autoridade frouxa, se de fato pode ser chamada de autoridade, no meio dos lares cristãos hoje é uma vergonha e uma desgraça. Não é de admirar que a geração mais jovem é notável por sua ausência aos cultos na maioria dos lugares. Elas são criadas para seguir o seu “próprio caminho”, e ir a igreja não é de acordo com seu “próprio caminho”. A maioria dos filhos hoje, na maior parte, obedecem apenas quando lhes apraz. O diácono deve GOVERNAR seus filhos e não deixar que seus filhos o governem. E o diácono deve ser o cabeça de sua casa, pois a Escritura não só especifica que ele deve governar seus filhos, como também toda a sua casa. O plano Divino é para o marido ser o cabeça do lar. Quando o homem é um cristão, e isto é reconhecido, o lar será o mais feliz dos lares. Se o homem não é cristão e a mulher é, então ela terá que fazer o melhor que puder. Se ela era cristã quando se casou com ele, ela violou a Palavra de Deus (2 Coríntios 6:14), e deve fazer o melhor que puder do castigo que receberá. Tem-se dito e muito verdadeiramente, se uma mulher casa com um filho do Diabo, ela pode esperar ter problemas com o seu sogro.

#### **IV - A RECOMPENSA TEMPORAL DE UM DIACONO**

O versículo 13 dá-nos a recompensa de um diácono. Se ele servir bem como um diácono, ele adquire um bom grau e grande valor na fé. O Novo Testamento retrata o diaconato como um ofício exaltado. Ele tem sido muito degradado por causa de nossa falha em respeitar as qualificações estabelecidas na Escritura e por nossa alteração da obra dos diáconos para os adaptar as nossas próprias noções.





CAPÍTULO 37

# O LUGAR DA MULHER NA IGREJA

Os tempos têm mudado sim. Entretanto, para a mudança dos tempos nós temos a imutável Palavra – a Palavra que está eternamente firmada no Céu; que tem se oposto tanto aos violentos ataques de inimigos como ao abuso de amigos.

Meros costumes podem mudar sem sofrer qualquer dano ou perda. Mas a conduta divinamente ordenada deve ser mantida inviolável por aqueles cujas corações são regidos pelo temor de Deus.

*“A autoridade da Escritura é tudo para os Batistas. Por esta razão apenas que eles justificam sua tenacidade quanto ao modo de batismo. Desista da doutrina da autoridade absoluta e do caráter inerente e inerrante das Escrituras e os Batistas podem permitir qualquer mudança na política eclesiástica que a sabedoria humana pareça justificar.” (A. H. Strong).*

*“Aquilo que é chamado de ‘O Movimento da Mulher’ é a mais insidiosa e maligna conspiração jamais inventada contra a inspiração da Bíblia.” (W. P. Harvey, Feminism, Feminismo, pág. 118).*

*“Dizendo a verdade, não é de cunho Batista torcer a Bíblia para justificar qualquer prática. Nossa glória tem sido que nós mudamos nosso comportamento, quando foi necessário, para estar em conformidade com o Novo Testamento. Estamos sempre dispostos a encarar a Bíblia com rosto e coração abertos prontos a obedecer Seu claro ensino. Assim façamos aqui.” (A. T. Robertson, Feminism, Feminismo, pág. 110).<sup>1</sup>*

Ao falarmos do lugar da mulher na igreja, referimo-nos ao seu lugar no serviço de Deus como membro da igreja. Portanto, nossa discussão terá mais a ver com a conduta das mulheres nas reuniões públicas da igreja.

Nosso assunto aponta uma verdade que necessita de ênfase. A verdade é que existe um lugar para as mulheres na igreja.

Algumas vezes nossa oposição contra as usurpações não escriturísticas pelas mulheres parece criar a impressão que a mulher não tem lugar na igreja, o que está longe de ser verdade. Ela tem um lugar muito importante, e negligenciado – negligenciado porque tantas vezes ela tem estado muitíssimo mais preocupada em tentar tomar o lugar do homem do que ocupar sua própria esfera divinamente atribuída. A glória da mulher encontrar-se-á em sua própria esfera. Sua vergonha ocorre quando ela sai dessa esfera.

Notemos primeiro:

## **I - AS COISAS QUE AS MULHERES ESTÃO VEDADAS DE FAZER**

### **1. ELAS ESTÃO PROIBIDAS DE ENSINAR**

“Não permito que a mulher ensine” (1Timóteo 2:12). O infinitivo “ensinar” está sem objeto e a passagem significa simplesmente que as mulheres não devem ocupar o ofício de mestre na igreja. Elas podem ensinar em particular e informalmente, mas

<sup>1</sup> Nós mantemos esta citação mesmo quando estamos bem cômnicos de que o escritor mais tarde mudou sua posição sobre o feminismo e lutou para justificar a ideia popular. Que nossos leitores considerem a última posição do Professor Robertson à luz desta citação.

não pública ou oficialmente.

## 2. ELAS ESTÃO PROIBIDAS DE DIRIGIR ORAÇÃO PÚBLICA

“Quero, pois, que os homens orem em todo lugar” (1Timóteo 2:8).

A palavra grega para “homens” é “aner” que distingue homens de mulheres e crianças e não a palavra genérica “anthropos”. O artigo “os” está também presente antes de homens, e, isso por si só, serviria para distinguir homens de mulheres. Por esta razão, todavia, como Fausset observa, a ênfase não está sobre “os homens” senão sobre a questão da oração; contudo, o fato que permanece é que a passagem distingue os homens das mulheres e restringe a oração em qualquer local de adoração pública somente aos homens. Às mulheres o apóstolo deu outras instruções (v. 9). Isto está de acordo com qualquer comentador ou erudito notável.

## 3. ELAS ESTÃO PROIBIDAS DE AGIR EM QUALQUER CAPACIDADE QUE ENVOLVA O EXERCÍCIO DE AUTORIDADE SOBRE HOMENS

Paulo, após falar da proibição da mulher de ensinar, continua: “nem use de autoridade sobre o marido” (1 Timóteo 2:12). Uma mulher mandona é uma monstruosidade tanto quanto um homem efeminado.<sup>2</sup>

## 4. ELAS ESTÃO PROIBIDAS ATÉ MESMO DE FALAR NA IGREJA

“As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja.” (1 Coríntios 14:34-35). A referência aqui é a assembleia pública e não ao prédio da igreja.

---

2 A frase aqui citada estabelece a razão da proibição apostólica da mulher ensinar publicamente na igreja, ou seja, pois isso faz que elas tenham domínio sobre os homens. Mas a palavra grega aqui, como antes no versículo oito, distingue os homens das mulheres e as crianças. Portanto as mulheres não estão impedidas de ensinar as crianças se estiverem separadas da assembleia. Também as mulheres são mandadas a ensinarem as mulheres como veremos depois.

## 5. ELAS NÃO DEVEM APARECER NOS CULTOS COM CABEÇAS DESCOBERTAS

Vide 1 Coríntios 11:3-10. É perfeitamente evidente que isto se refere ao culto público. Assim sendo, até profetizar não é permitido às mulheres, que isto não se aplique quando as mulheres guardam seus lugares. Mas orar também é mencionado; e, ainda que as mulheres não devam dirigir uma oração pública, contudo elas deveriam orar em silêncio e assim participar do culto. Esta passagem de modo algum insinua que se uma mulher tem cabelo comprido ela não necessita de se cobrir. Paulo simplesmente declara que assim como o fato de ser natural que as mulheres terem cabelo comprido é apenas um indício da necessidade de uma cobertura adicional. Esta cobertura é para ser usada no culto público como um sinal da sujeição da mulher ao seu marido, ou aos homens em geral se a mulher não for casada.<sup>3</sup>

## 6. ELAS NÃO DEVEM APARECER EM TRAJE IMODESTO OU EXTRAVAGANTE.

Vide 1 Timóteo 2:9,10.

## II - RAZÕES PARA ESTAS PROIBIÇÕES

Paulo dá duas razões reais para estas proibições:

### 1. A PRIORIDADE DE ADÃO NA CRIAÇÃO

Vide 1 Timóteo 3:13. A primazia de Adão na criação indica sua liderança sobre a raça humana. O ensino público por parte da mulher ou o exercício de qualquer autoridade sobre homem contradiz essa liderança.

### 2. O ENGANO DA MULHER NA QUEDA

Vide 1 Timóteo 2:14.

---

3 Nota do Tradutor Harold Morris, 1948: Não concordamos com o Professor Simmons que uma mulher necessite de véu adicional além do seu cabelo comprido. Se uma mulher deseja usar de um outro véu, não fazemos objeção, mas sentimos, à luz da Escritura, em 1 Coríntios 11:15, que “o cabelo lhe foi dado em lugar de véu”, e que, se uma mulher tiver cabelo comprido, isto satisfaz o mandamento que “uma mulher deve ter um véu em sua cabeça.”

A mulher foi enganada pela serpente ao pensar que comer do fruto proibido traria benefício em vez de banimento. O homem participou do fruto, mas não foi enganado. Ele sabia quais seriam as consequências e, provavelmente, participou do fruto porque preferiu ser expulso com sua esposa a separar-se dela. O engano da mulher na queda mostra a suscetibilidade da mulher para ser enganada.

Isto não é por qualquer inferioridade geral das mulheres em relação aos homens. É por causa da diferença de temperamento e natureza. A natureza da mulher se adequa para o lar e para a criação de filhos. Para estes fins ela tem um temperamento delicado e apropriado junto com uma natureza emocional fortíssima. Por isso ela é caracteristicamente dominada com mais facilidade do que um homem. Sua natureza a dispõe para chegar a conclusões pela intuição e não pela franca consideração. Todos estes fatos desqualificam as mulheres para a liderança pública ou para o ensino. Se já houve uma mulher pregadora que tenha pregado a verdade, mesmo sobre outras coisas do que o lugar das mulheres, nós nunca a observamos.

### **III - ARGUMENTOS RESPONDIDOS CONTRA ESTAS PROIBIÇÕES**

Muitos argumentos são apresentados por aqueles que gostariam de desviar ou pôr de lado o evidente significado das passagens já citadas. Notemos os mais salientes desses argumentos. É argumentado que:

#### **1. EXISTIRAM MULHERES NA BÍBLIA QUE FIZERAM AS COISAS QUE DISSEMOS QUE ERAM VEDADAS ÀS MULHERES**

Citam-se os seguintes casos:

##### **1) Débora**

Vide Juízes 4:5. Enquanto Débora executou seu juízo em seu próprio lar (Juízes 4:5), contudo é verdade que o seu lugar de liderança era inconsistente com as proibições do Novo Testamento. Mas isso de modo algum cancela estas proibições. Não devemos presumir que tudo que foi feito pelos personagens da Bíblia foi de acordo com a vontade de Deus. E com certeza não devemos por de lado os claros mandamentos de Deus porque alguns agiram de forma inconsistente com esses man-

damentos.

Além disso, o que Deus permitiu na dispensação do Velho Testamento não é padrão pelo qual se determine Sua vontade para a dispensação do Novo Testamento. Ele permitiu a poligamia, e depois a regulou prescrevendo por meio de Moisés a necessidade de um divórcio escrito; mas, finalmente, no Novo Testamento, houve um retorno ao significado original e ao espírito do casamento, que permite o divórcio apenas em caso fornicação (Mateus 19:3-9).

Assim é com referência ao lugar das mulheres. O Novo Testamento reverte à ordem original, apesar do que Deus permitiu na dispensação do Velho Testamento. E as proibições notadas aplicam-se à igreja. Certamente, então, nada permitido fora da igreja pode anulá-las.

## 2) Ana

Vide Lucas 2:36-38. Não existe prova que Ana fez um discurso ao ar livre e por isso não há prova que ela violou 1 Timóteo 2:12. Ela não estava na igreja e daí não violou 1 Coríntios 14:34. É evidente que ela apenas falava informalmente aos que ela viu em redor do templo. Isto não é violação da Escritura, como veremos mais claramente depois. Além disso, são os mandamentos de Deus e não a conduta de Ana, ou a de quaisquer outras pessoas, que revelam a vontade de Deus. A conduta de Ana não pode ser tomada por critério mais do que a de Débora, ou outros personagens falíveis.

## 3) As mulheres que ajudaram a Jesus e a Paulo

Vide Lucas 8:2,3; Romanos 16:1,2; Filipenses 4:3. A Sra. M. B. Woodworth-Etter diz:

“Paulo trabalhou com as mulheres no Evangelho mais do que qualquer dos apóstolos; Priscila e Febe viajaram com Paulo pregando e edificando as igrejas” (Atos 18:2-18,26; Romanos 16).”

*“Ele e Febe fizeram cultos de avivamento juntos; agora ela é chamada para ir à cidade de Roma; Paulo não pode ir com ela, mas ele está muito cuidadoso acerca de sua reputação e ela é tratada com respeito; ele escreve uma carta de recomendação: ‘Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve (o verbo*



*aqui está em referência ao trabalho de um ministro da igreja) na igreja que está em Cencrêia, Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.’ (Romanos 16:1)”. (Signs and Wonders, Sinais e Maravilhas, pág. 211).*

Isto é um claro exemplo de aumento e evidente desfiguração da Escritura por aqueles que declaram o exemplo das mulheres mencionadas acima como um argumento contra as proibições que Paulo pronunciou contra as mulheres. Não existe a mínima menção que qualquer uma dessas mulheres tenha pregado ou cometido qualquer coisa inconsistente para com as proibições de Paulo. No caso das mulheres associadas a Cristo está claramente afirmado que elas “O serviam com a sua fazenda.” Febe e as outras mulheres, provavelmente, que laboraram com Paulo, fizeram o mesmo a Paulo. Algumas delas podem ter feito trabalho pessoal também.

#### **4) As mulheres que foram enviadas ao túmulo de Jesus com uma mensagem para os apóstolos**

Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-11; Lucas 24:1-9; João 20:1-18. Estas mulheres foram enviadas a um serviço ocasional; não foram comissionadas a fazer um discurso público.

#### **5) As mulheres da igreja em Jerusalém no Pentecostes**

Atos 2. Nenhuma mulher discursou no dia de Pentecostes conforme os registros. Pedro foi o único que fez um discurso público naquele dia.

Qualquer pronúncia feita pelas mulheres que eram membros da igreja e foram cheias do Espírito foi quando passaram entre as pessoas, como Ana que deu um testemunho informal. O Espírito nunca liderou mulheres a violarem Suas próprias proibições ditas através de Paulo, pois Ele não se contradiz a si mesmo.

#### **6) A mulher samaritana**

João 4:16. A única coisa que Jesus mandou esta mulher fazer foi ir e chamar seu

marido. Qualquer coisa que ela tenha feito, o fez de acordo com sua própria vontade e sem autoridade divina necessária. Todavia não existe qualquer indicação que ela fez mais do que falar informalmente àqueles que ela encontrou.

### **7) As filhas de Filipe**

Vide Atos 21:9. Não existe qualquer registro que as filhas de Filipe violaram tanto a letra ou o espírito das proibições que temos notado. Assim, qualquer que fizer objeção não tem como basear o seu argumento. O fato que elas foram profetisas de modo algum prova que discursaram publicamente ou que nalgum tempo usurparam autoridade sobre o homem. De fato, enquanto Paulo estava na casa de Filipe, Deus enviou de fora de Jerusalém um profeta para entregar-lhe uma mensagem.

### **8) Profetisas nos últimos dias**

Vide Atos 2:18. O fato que as filhas de Filipe eram profetisas e, no entanto, pelo que sabemos, nunca fizeram um discurso público ou usurparam autoridade sobre homens mostra que esta passagem não deve ser tomada como indicativo de qualquer coisa a mais nas mulheres do que seu testemunho pessoal. O ônus da prova recai sobre o opositor e ele nada tem a oferecer como prova.

### **9) Priscila e Áquila**

Vide Atos 18:26. Priscila fez o indicado aqui na privacidade do seu próprio lar e juntamente com seu marido. A Bíblia nada diz contra o testemunho particular das mulheres. Elas podem mostrar aos perdidos o caminho da salvação, ou podem testemunhar a verdade aos homens em particular. E por certo, quando uma esposa faz isto juntamente com seu marido, ela não está deixando seu lugar escriturístico.

### **10) As mulheres profetisas em Corinto**

Vide 1 Coríntios 11:5-16. As mulheres em Corinto estavam cometendo duas ofensas. Não só estavam falando na igreja, mas estavam fazendo isso com a cabeça descoberta. Paulo, no capítulo já referido, corrigiu a última. No capítulo décimo quar-

to ele corrige a primeira.

Para uma abordagem similar à participação das festas idólatras, vide 1 Coríntios 8:10 e 10:14-21. Na primeira passagem, Paulo simplesmente diz que os santos em Corinto deviam ser cuidadosos caso a participação das festas idólatras viesse a ofender aqueles que não podiam entender que um ídolo nada era. Mas na última passagem ele condena comer das festas idólatras como uma coisa totalmente fora de lugar para o cristão.

## **2. GÁLATAS 3:28 PROVA QUE NÃO HÁ DISTINÇÃO ENTRE A ESFERA DOS HOMENS E A DAS MULHERES**

Tal afirmação apresenta um juízo muito pobre por parte daqueles que advogam em prol do discurso público das mulheres perante assembleias mistas ao invocar Paulo para argumentar contra si mesmo. Se a passagem sob consideração ensina completa igualdade e identidade de esfera sexual, então também ensina igualdade racial, e o casamento misto das raças brancas e negras é justificado<sup>4</sup>. A passagem ensina nada mais que todos são igualmente salvos e que todos têm o mesmo relacionamento gracioso com Cristo. “Raça e sexo tem seus respectivos dons a serem dedicados e usados. O trabalho e a vocação dos sexos continuam diferentes, enquanto em Cristo não há nem macho nem fêmea.” (Ministry of Women, Ministério das Mulheres).

## **3. PROIBIÇÃO DE PAULO EM 1 CORÍNTIOS 14:34 FOI APENAS CONTRA CONVERSAS OCIOSAS**

Esta noção é totalmente sem fundamento. A palavra grega “falar” refere-se comumente a qualquer espécie de fala.

## **4. ESTA PROIBIÇÃO VEDAVA QUE A MULHER APENAS FIZESSE PERGUNTAS EM PÚBLICO QUE CAUSASSE DISSENSÃO**

Mas a proibição de se fazer perguntas por parte das mulheres é apenas secundária à proibição contra seu discurso em qualquer forma na igreja.

## **5. ESTA PROIBIÇÃO SÓ SE REFERE ÀS REUNIÕES DE NEGÓCIO NA IGREJA**

Não era a respeito de uma reunião de negócios que Paulo estava escrevendo, mas uma reunião semelhante à que nós chamaríamos “reunião de testemunho”.

## **6. O FATO DA MULHER PERGUNTAR A SEU MARIDO EM CASA SOBRE ASSUNTOS QUE ELA NÃO ENTENDE, SE APLICA APENAS A MULHERES CASADAS**

Seria de fato muito estranho para Paulo proibir à mulher casada de falar, enquanto o consentisse à solteira de fazê-lo, já que as casadas são comumente mais velhas e mais ponderosas que as solteiras. Nesta passagem Paulo dá suas instruções para cobrir circunstâncias normais, não sentindo ser necessário cuidar de alguma exceção. Uma mulher solteira pode facilmente achar algum homem a quem ela possa perguntar a respeito de coisas que ela não entende.

## **7. AS INSTRUÇÕES DE PAULO AOS CORÍNTIOS APLICARAM-SE SOMENTE À IGREJA DE CORINTO**

Mas Paulo disse: “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei” (1 Coríntios 14:34). Parece que foi só em Corinto que as mulheres estavam usurpando o lugar do homem. Na passagem supra, Paulo instruiu a igreja em Corinto a manter a mesma ordem quanto às mulheres no culto público que era mantida em todas as outras igrejas.

## **8. AS PROIBIÇÕES CONTRA MULHERES NO CULTO PÚBLICO APLICAVAM-SE SOMENTE À ERA APOSTÓLICA**

Os opositores dizem que era a concepção comum naquela época que as mulheres que apareciam em público sem véu e que exerciam qualquer função pública eram de caráter leviano; que foi por essa razão que o apóstolo mandou que as mulheres estivessem quietas e usassem véus. Assim, as proibições são tomadas à mesma luz que a exortação de Paulo para se absterem de comer carne oferecida a ídolos; isto é, para evitar ofensa aos outros. Ou, como diz A. T. Robertson: “Muitos cristãos modernos sentem que existiam condições especiais em Éfeso assim como em Corinto que ne-

cessitaram ordens estritas para as mulheres que agora não se aplicam mais.”

Mas tais noções estão claramente desaprovadas pelo fato que Paulo dá seu mandamento para o silêncio das mulheres como um mandamento do Senhor. Ele não diz isto em referência à abstinência de carne oferecida a ídolos. Depois Paulo fundamenta a proibição contra o ensino das mulheres por causa da prioridade do homem na criação e a decepção da mulher na queda. Assim ele mostra que esta proibição esta fundada na própria natureza das coisas e, portanto, é permanente.

#### **IV - COISAS QUE MULHERES DEVERIAM FAZER**

Tendo observado o que as mulheres são proibidas de fazer, vamos agora observar o que elas podem e deveriam fazer.

##### **1. ELAS DEVEM FREQUENTAR O CULTO PÚBLICO**

Este é o dever de toda pessoa salva. As mulheres devem frequentar o culto público para aprenderem e receberem aquelas bênçãos espirituais que normalmente advêm do culto. A alma de toda pessoa salva carece da influência curativa, purificadora e animadora do culto público.

##### **2. ELAS DEVEM PARTICIPAR DO CULTO ORANDO SILENCIOSAMENTE E SE POSSÍVEL, NO CANTO CONGREGACIONAL**

Estes são também deveres gerais, tanto como privilégios. Alguns diriam que, se não é permitido à mulher falar na igreja, então ela também não pode cantar. Mas devemos interpretar Paulo pelas intenções manifestas no contexto. Ele não estava discutindo o cantar, mas o falar. Mesmo que o cântico envolva a fala, contudo tecnicamente, cantar não é falar.

##### **3. ELAS DEVEM CONTRIBUIR DOS SEUS MEIOS**

A contribuição, como o cultuar, a oração silenciosa e o cântico congregacional, são deveres e privilégios gerais e pertence tantom a mulheres como a homens.

#### **4. ELAS DEVEM RECONHECER O LAR COMO SUA PRINCIPAL ESFERA DE ATIVIDADE**

Tito 2:5. É aqui que a mulher deve encontrar seu trabalho principal, não só em cuidar de sua própria família, mas em hospedar a outros. (1 Timóteo 5:9,10). É no lar e no lar somente que ela pode ganhar a recompensa de profeta por hospedar profetas (Mateus 10:41).

#### **5. AS MULHERES MAIS VELHAS SÃO MANDADAS A ENSINAREM AS MAIS NOVAS**

Tito 2:3-5. Elas estão especialmente incumbidas de ensinar as jovens os deveres caseiros práticos, mas esta Escritura não limita o seu ensino a isto. Elas devem ser “mestras no bem” (v. 3), e a razão do seu ensino, “a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada”, abre um campo considerável de instrução. Não encontramos nada na Escritura contra o ensino de mulheres e crianças só por mulheres em qualquer tempo e em qualquer lugar. A Escritura não diz que o seu ensino deve ser feito somente no lar, nem diz que elas devem ensinar só uma cada vez. Ensinar privadamente não quer dizer, necessariamente, ensinar só uma de cada vez. Vide Lucas 10:23.

Não existe nada, absolutamente nada, na Escritura contra mulheres ensinando em classes bíblicas compostas inteiramente por mulheres e crianças, desde que elas o façam em sujeição ao pastor da igreja, a própria igreja e a seus próprios maridos. Aqueles que proibem mulheres de ensinarem mulheres e crianças estão simplesmente aumentando à Palavra de Deus.



## CAPÍTULO 38

# O ESTADO ATUAL DOS MORTOS

Que os homens não entram no estado final quando morrem é bastante evidente para se requerer prova detalhada. As ressurreições, que ainda são futuras, provam um estado intermediário para os mortos atuais. A coisa com que estamos especialmente preocupados é a natureza do estado intermediário, matéria esta para a qual nos dirigimos agora.

Os Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas (falsas) de Jeová e alguns outros, ensinam o que é conhecido comumente por “sono da alma”. Mas a substância real deste falso ensino é que o espírito do morto fica inexistente entre a morte e a ressurreição. Isto é logicamente verdadeiro nesta teoria e é assim admitido pelos Adventistas, pelo menos. É logicamente verdadeiro, porque um espírito dormente (se tal fosse possível) seria um espírito inexistente. A ideia do espírito estar vivo e inconsciente quando livre do corpo é o cúmulo do absurdo. E que este ensino é

igual a afirmar a inexistência do espírito é mostrado nas seguintes palavras de “Signs of the Times” (Sinais dos Tempos), uma revista dos Adventistas do Sétimo Dia (edição de 15 de dezembro de 1931): “Seguramente nenhuma expressão mais convincente poderia ser possivelmente usada para mostrar a completa cessação da existência do que esta: Na morte ‘não existirei mais’” (Comentário de Jó 7:21, por Carlyle B. Haines, um dos seus escritores ilustres).

## I - OS MORTOS NÃO SÃO INEXISTENTES

Contra esta teoria afirmamos e nos comprometemos a provar pelas Escrituras que o espírito do homem não cessa de existir na morte. Pelo termo “espírito” queremos dizer a natureza imaterial do homem em seu mais elevado relacionamento. Nós usamos o termo “espírito” em preferência ao termo “alma” porque cremos que espírito melhor expressa a parte imaterial do homem em distinção da vida corporal.

*“A parte imaterial do homem, vista como uma vida individual e consciente, capaz de possuir e animar um organismo físico é chamada psuche (alma); vista como um agente racional e moral, suscetível a influência e habitação divinas, esta mesma parte imaterial chama-se pneuma (espírito)” (A. H. Strong). O espírito é a natureza imaterial do homem olhando na direção de Deus. “O espírito é a parte mais elevada, mais profunda e nobre do homem. Através dele o homem está ajustado para compreender coisas eternas, e é, em suma, a casa que habitam à fé e a Palavra de Deus. A alma é este espírito, segundo a natureza, mas ainda em outra espécie de atividade, nomeadamente, nisto, que ela anima o corpo e opera por meio dele” (Lutero). “A alma é o espírito modificado pela união com o corpo” (Hovey).*

Algumas vezes as palavras para espírito, tanto no Hebraico como no Grego, denotam vento ou fôlego, mas que nem sempre são assim está evidenciado em Mateus 26:41; Lucas 23:46; Atos 7:59; 1 Coríntios 2:11; 5:5; 7:34; 14:14 e 1 Tessalonicenses 5:23. Deixem que os interessados estudem estas passagens e substituam fôlego por espírito e vejam que sorte de sentido se forma. Então sabemos que espírito pode significar mais que fôlego, porque “Deus é espírito” (João 4:24).



### **1. A MORTE FÍSICA NÃO RESULTA NA INEXISTÊNCIA DO ESPÍRITO DO HOMEM, PORQUE NÃO ESTÁ SUJEITO À MORTE FÍSICA**

Temos a prova disto em Mateus 10:28. Se o homem não pode matar o espírito, então a morte física não tem poder para terminar com a existência do espírito. O homem pode matar qualquer coisa que esteja sujeita à morte física. Na morte física o corpo cessa o seu funcionamento e começa a desintegrar-se, o homem deixa de ser uma “alma vivente” no sentido distinto do vocábulo “alma”. Mas o espírito não pode ser morto e nunca se falou de cessar na morte. Ao invés, encontramos Jesus ao morrer, entregando o Seu espírito nas mãos de Deus e Estevão entregando o seu espírito nas mãos de Jesus (Lucas 23:46; Atos 7:59). A morte física é meramente a separação do espírito do corpo.

### **2. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE COMO UM SONO NÃO ENSINA QUE O ESPÍRITO DORME, E QUE É, PORTANTO, INEXISTENTE**

O sono é puramente um fenômeno físico. A morte é sono só por analogia, não literalmente. E a analogia está na aparência do corpo, não no estado quer do corpo quer do espírito. No sono o espírito ainda está unido com o corpo, e, portanto, condicionado por ele. Mas na morte, como todos são forçados a admitir, espírito e corpo são separados. E o espírito separado do corpo não está mais condicionado pelo corpo.

Estevão adormeceu (Atos 7:60), mas o seu espírito não cessou de existir, porque ele o entregou nas mãos de Jesus (Atos 7:59); e um espírito inexistente não podia ser entregue nas mãos de alguém. Paulo descreveu a morte como um sono (1 Coríntios 15:6; 1 Tessalonicenses 4:14), mas não ensinou a inexistência dos mortos. Paulo considerou a morte, não como uma cessação da existência, mas como uma partida para estar com Cristo (Filipenses 1:23). Para Paulo, estar ausente do corpo não significa ser inexistente, mas estar presente com o Senhor (2 Coríntios 5:6). Aquilo que é inexistente não pode estar presente em lugar algum ou com pessoa alguma.

### **3. A REFERÊNCIA AOS ÍMPIOS MORTOS COMO “ESPÍRITOS EM PRISÃO” MOSTRA QUE OS MORTOS NÃO SÃO INEXISTENTES (1 PEDRO 3:20)**

Um espírito inexistente não existe, nem como uma entidade, e, se não existe, não pode estar em qualquer lugar, pois: Ser é Existir.

#### **4. MOISÉS NÃO CESSOU DE EXISTIR QUANDO ELE MORREU, POIS SÉCULOS DEPOIS ELE APARECEU COM CRISTO NO MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO (MATEUS 17:3)**

Podem alguns dizer que Moisés foi ressuscitado imediatamente depois do sepultamento? Em caso afirmativo, uma refutação está esperando por eles em 1 Coríntios 15:20. Sendo Cristo as primícias dos mortos proíbe a teoria de Moisés ter sido ressuscitado logo depois do seu sepultamento.

#### **5. OS HABITANTES DE SODOMA E GOMORRA NÃO CESSARAM DE EXISTIR QUANDO ELES MORRERAM (JUDAS 7)**

Judas os descreve como, ainda na época neotestamentária, “sofrendo a vingança do fogo eterno”. A palavra “sofrendo” nesta passagem é um particípio presente, que expressa ação progressiva e duradoura. E que isto não é um presente histórico está mostrado pelo tempo presente dos verbos “foram postos”.

#### **6. O RICO E LÁZARO NÃO CESSARAM DE EXISTIR QUANDO MORRERAM (LUCAS 16:19-31)**

Isto não é uma parábola, mas pouco importa que o fosse. O Filho de Deus não recorreu a falsas representações mesmo em parábolas. Todas as Suas parábolas são de verdade e fatos.

#### **7. CRISTO E O LADRÃO ARREPENDIDO NÃO CESSARAM DE EXISTIR QUANDO MORRERAM**

Cristo não dependia do corpo para viver, pois Ele viveu antes que tivesse um corpo (João 1:1,2,14). E, na cruz, Cristo asseverou que Ele e o ladrão estariam naquele dia juntos no paraíso. Espíritos inexistentes não poderiam estar em lugar algum, muito menos juntos.

#### **8. OS ESPÍRITOS QUE JOÃO VIU DEBAIXO DO ALTAR NÃO TINHAM CESSADO DE EXISTIR**

Apocalipse 6:9

### **9. A RESSURREIÇÃO PROVA QUE OS MORTOS AGORA NÃO SÃO INEXISTENTES**

Se fossem inexistentes, então seria necessário haver uma recriação em vez de uma ressurreição. E isto destruiria totalmente a base dos galardões, pois aqueles que surgissem da sepultura seriam indivíduos diferentes daqueles que efetuaram obras aqui neste mundo.

### **10. O FATO QUE OS MORTOS BEM-AVENTURADOS NÃO TENHAM ATINGIDO O SEU MAIS ALTO ESTADO DE ALEGRIA, E DEVEM AINDA PASSAR PELA RESSURREIÇÃO, NÃO PROVA QUE ELES SEJAM AGORA INEXISTENTES**

“A bem aventurada esperança” (Tito 2:13; 1 João 3:2,3) é a união do espírito com o corpo glorificado. Somente isto trará a satisfação completa da aspiração do crente (Salmos 17:15). Mas Deus tem escolhido adiar a realização desta esperança até um tempo vindouro. E enquanto o estado desencarnado não é o ideal, todavia é melhor do que continuar na carne (Filipenses 1:23); e aqueles que estão neste estado estão presentes com o Senhor (2 Coríntios 5:8).

### **11. O FATO QUE OS ÍMPIOS MORTOS AINDA ESTÃO PARA SER JULGADOS E LANÇADOS NO LAGO DE FOGO NÃO PROVA QUE ELES AGORA SEJAM INEXISTENTES**

Aproveu a Deus guardar os espíritos dos ímpios mortos em prisão (Isaias 24:22; 1 Pedro 3:19), finalmente trazê-los e destiná-los todos juntos para o lago de fogo (Apocalipse 20:11-15); mas que os ímpios mortos já estão em tormento de fogo consciente mostramo-lo previamente (Lucas 16:19-31; Judas 7). A miséria final dos ímpios, como a felicidade final dos justos, espera a ressurreição do corpo, em cujo tempo os ímpios serão lançados, tanto corpo como alma, no inferno (Mateus 10:28).

### **12. O FATO QUE A VIDA ETERNA É RECEBIDA PELA FÉ NÃO PROVA QUE AQUELES QUE NÃO A POSSUEM NÃO TÊM EXISTÊNCIA ETERNA**

A vida eterna nas Escrituras significa mais do que existência eterna. Está em

contraste com morte espiritual (João 5:24; Efésios 2:1; Colossenses 2:13; 1 João 3:14). A morte espiritual é escravidão íntima num estado de pecado e separação de Deus, no qual a pessoa está privada de vida espiritual divina, embora possua vida do espírito humano. A vida eterna é liberdade e comunhão com Deus. “A morte espiritual torna a pessoa sujeita à segunda morte, a qual é uma continuação da morte espiritual numa outra existência sem tempo” (E. G. Robinson). E vida eterna é isenção da segunda morte.

### **13. O FATO QUE A IMORTALIDADE É REVELADA NOS EVANGELHOS E ALCANÇADA APENAS NA RESSURREIÇÃO NÃO PROVA QUE OS HOMENS POR NATUREZA NÃO TENHAM EXISTÊNCIA ETERNA. VIDE ROMANOS 2:7; 1 CORÍNTIOS 15:53,54; 2 TIMÓTEO 1:10**

Enquanto em ambos os idiomas (Grego Clássico e Inglês), “imortalidade” é usada como sinônimo de “existência infinita,” ela não é usada assim na Escritura. Na Escritura, imortalidade significa incorruptibilidade e a falta de morte. O espírito humano desencarnado não está sem morte, pois está segurado nesse estado pela morte; todavia, como já mostrado abundantemente, ele tem existência infinita.

### **14. A ATRIBUIÇÃO DE IMORTALIDADE SOMENTE A DEUS (1TIMÓTEO 6:16) NÃO SIGNIFICA QUE OUTROS NÃO POSSUAM EXISTÊNCIA ETERNA.**

Esta passagem da Escritura significa que somente Deus possui imortalidade como parte da Sua essência e é inata, ou seja, não derivada. Isto não nega que os anjos eleitos agora possuem imortalidade (Lucas 20:36). Nem prova que os homens por natureza não possuam existência infinita. Como já chamamos a atenção, imortalidade, na Bíblia significa mais do que existência infinita.

### **15. AS DECLARAÇÕES DE JESUS EM JOÃO 3:13 E 13:33 NÃO ENSINAM QUE OS HOMENS JUSTOS QUE MORREM ESTÃO INEXISTENTES**

A Escritura deve ser interpretada à luz da Escritura. Portanto, a primeira passagem acima não pode ser tomada com absoluta literalidade. Pois em 2 Reis 2:2,11 está declarado duas vezes que Elias foi recebido no céu. O sentido da afirmação de

Cristo aqui, então, não pode ser mais do que apenas Jesus ter ascendido ao céu e voltado para revelar os mistérios a Ele comunicados lá. A segunda passagem é explicada pelo verso 36. Cristo quis dizer simplesmente, que, entretantes, aqueles a quem Ele estava falando não O podiam seguir; não que eles nunca O seguiriam, pois nesse caso eles nunca poderiam ir ao céu.

#### **16. A DECLARAÇÃO DE PEDRO EM ATOS 2:34 NÃO SIGNIFICA QUE DAVI ERA INEXISTENTE**

Esta declaração sobre Davi está elucidada pela declaração de Cristo a Maria Madalena a respeito de Si mesmo (João 20:17). Cristo disse: “Ainda não subi para meu Pai”. Mas o espírito de Cristo ascendera ao Pai (Lucas 23:43,46; Apocalipse 2:7; 22:1,2). O significado, então, da declaração de Pedro a respeito de Davi, e a de Cristo sobre Si mesmo é que eles não tinham ascendido em corpo.

#### **17. AS ESCRITURAS DO VELHO TESTAMENTO NÃO PROVAM A INEXISTÊNCIA DOS MORTOS**

A Escritura deve ser explicada pela Escritura. As revelações incompletas e indistintas do Velho Testamento devem ser explicadas pelas revelações mais amplas e mais claras do Novo Testamento. E à luz destas mais amplas e mais claras revelações algumas, declarações no Velho Testamento concernentes ao estado dos mortos podem ser tomadas somente como linguagem simbólica. Escritores do Velho Testamento, não tendo uma revelação clara concernente ao estado dos mortos, muitas vezes falaram dos mortos do ponto de vista desta vida. É neste sentido que devemos entender passagens tais como Jó 3:11-19; 7:21,22; Salmos 6:5; 88:11,12; 115:17; Eclesiastes 3:19,20; 9:10; Isaías 38:18.

## **II - OS JUSTOS QUE MORREM ESTÃO COM O SENHOR**

Nós já mencionamos o estado dos mortos tanto dos justos como dos ímpios. Mas, para maior clareza, vamos reafirmar o ensino da Escritura sobre este assunto.

Quando os justos morrem estão com o Senhor. Isto está provado pelas seguin-

tes passagens:

“Enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor... Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor.” (2 Coríntios 5:6-8). Assim, para os justos estar ausente do corpo, isto é, estar naquele estado ocasionado pela morte, é estar na presença do Senhor.

“Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo” (Filipenses 1:23). Paulo está impossibilitado de decidir se ele preferia permanecer na carne, isto é, continuar a viver aqui na terra, ou morrer para estar com Cristo. Assim, para os justos, a partida desta vida é a entrada na presença de Cristo.

Para com o ladrão arrependido que estava a morrer Jesus disse: “Hoje estarás comigo no paraíso”. O paraíso é o terceiro céu dos Judeus, o lugar do trono de Deus (2 Coríntios 12:2 e 4). Mais prova disto encontra-se no fato da árvore da vida estar no paraíso (Apocalipse 2:7), e perto do trono de Deus (Apocalipse 22:1,2).

### **III - OS ÍMPIOS QUE MORREM ESTÃO EM TORMENTO CONSCIENTE E ARDENTE**

Isto é provado pela história do rico e Lázaro (Lucas 16:19-31). Alguns replicam que isto é apenas uma parábola. Mas não há nenhum indício que o seja. E o fato que a uma das pessoas envolvidas é dado um nome é inconsistente com todas as outras parábolas. Mas supondo que fosse uma parábola, Cristo mal representaria fatos nas Suas parábolas? Que propósito Ele poderia ter tido em para fazer isso? Uma falsa representação de fatos na Escritura em discussão não ensina um erro? Aqueles que buscam fugir a isto com fundamento que é uma parábola, mostram o desespero de sua teoria com tal argumento miserável.

Este fato também está patente, como já o frisamos, pelas palavras de Judas no verso 7 de sua epístola a respeito dos habitantes de Sodoma e Gomorra. Ele os descreve como “sofrendo (tempo presente) a pena do fogo eterno”.

O lugar onde os ímpios estão confinados é chamado uma prisão (1 Pedro 3:19). São como criminosos condenados esperando na prisão até ao tempo de serem colocados na eterna penitenciária de Deus, o lago de fogo (Apocalipse 20:15). Isto acontecerá no juízo do grande trono branco. Naquele tempo em que tanto o corpo como as almas dos ímpios serão lançados no fogo (Mateus 10:28).

## IV - NENHUMA SEGUNDA OPORTUNIDADE DEPOIS DA MORTE

A noção que há uma segunda chance depois da morte toma duas formas. A primeira está contida em:

### 1. O ENSINO CATÓLICO SOBRE O PURGATÓRIO

“A Igreja Católica ensina a existência do Purgatório, onde aqueles que morrem com pecados leves nas suas almas, ou aqueles que ainda não conseguiram satisfazer a punição temporal devida aos seus pecados, estão detidos até que se purifiquem suficientemente para entrar no céu” (O que a Bíblia protestante ensina sobre a Igreja Católica, Patterson).

As passagens dadas para substanciar este ensino são: Mateus 5:26; 12:32; 1 Coríntios 3:13-15; Apocalipse 21:27; 1 Pedro 3:19.

Antes de comentar abreviadamente estas passagens, este é o lugar para notar que o ensino acima claramente contradiz tudo aquilo que a Escritura ensina a respeito da justificação e salvação inteiramente pela graça por meio da fé em Cristo. Nós temos visto que Deus não condena o cristão pelos seus pecados (Romanos 4:8; 8:33). O crente já está eternamente liberto da culpa de todo pecado. Mais ainda, Hebreus 9:27 estabelece claramente que não há possibilidade alguma de trocar de lugar entre o tempo da sua morte e o tempo do juízo final. Estas passagens, para não mencionar muitas outras, mostram que o Purgatório é uma invenção humana.

Quanto às passagens usadas para fundamentar a doutrina do Purgatório: Mateus 5:26 é claramente interpretado como se referindo à prisão Romana. Mateus 12:32, por sua vez, faz simplesmente “uma forte e ampla declaração” que a blasfêmia contra o Espírito Santo não será jamais perdoada. Encontrar aqui o ensino que alguns pecados possam ser perdoados no porvir é fundar uma doutrina de longo alcance sobre uma dedução incerta. Tal doutrina, se verdadeira, seria declarada com toda certeza muito mais clara do que esta passagem proporciona. Em 1 Coríntios 3:13-15 temos apenas uma forte alusão à provação das obras dos homens no dia de Cristo. Não há aqui nenhuma purificação ou limpeza, como os Católicos supõem ocorrer no Purgatório, mas somente a perda do reconhecimento das obras inaceitáveis. Apocalipse 21:27 declara que apenas os ímpios não podem entrar na Nova Jerusalém. O espírito e o corpo glorificado do crente não tem pecado. O espírito é purificado de

todo pecado na regeneração. A última passagem (1 Pedro 3:19) será estudada no próximo título.

A segunda forma desta noção de uma segunda oportunidade depois da morte jaz principalmente:

## 2. NA CRENÇA QUE CRISTO PREGOU AOS ÍMPIOS QUE MORRERAM

Esta crença baseia-se em 1 Pedro 3:19,20. Esta forma da noção de uma segunda chance depois da morte é diferente do ensino Católico do Purgatório, pois essa inclui apenas incrédulos, ao passo que o ensino Católico inclui apenas crentes que podem gozar dessa segunda chance. De acordo com esta forma da doutrina de uma outra oportunidade depois da morte, os incrédulos terão outra oportunidade de se arreenderem e serem salvos depois da morte.

Isto é extensamente discutido em *What Happens After Death! (O Que Acontece Depois da Morte!)* por William Striker, publicado pela Sociedade de Folhetos Americana.

Deve-se admitir que as traduções comuns de 1 Pedro 3:19,20, permitem esta crença ser difundida. Mas, mesmo nisso, é estranho que Jesus teria pregado apenas àqueles que foram rebeldes durante os dias de Noé, ou que, se a todos foi pregado, apenas estes deveriam ser mencionados.

E não se pode insistir sobre o verbo “foi” como indicando que Jesus veio a ter contato pessoal com os espíritos em prisão. “Grande peso se tem dado a esta palavra para sustentar a ideia que Cristo foi em pessoa à prisão dos perdidos. Mas a palavra não ensina por necessidade que fosse uma locomoção pessoal” (N. M. Williams, Com. in loco). Exemplos de uma palavra similar onde locomoção pessoal não é indicada se encontra em Gênesis 11:5-7 e Efésios 2:17.

Além do mais, não é de todo necessário traduzir o Grego como nas versões comuns. A frase “os quais noutra tempo foram rebeldes”, é a tradução de apenas duas palavras no Grego – “*apiethesasi pote*” A primeira palavra grega é um participio na primeira forma do aoristo, expressando ação no passado. A segunda palavra grega é um advérbio pronominal, expressando tempo indefinido, e pode ter um significado geral de passado. Se o participio “*apiethesasi*” fosse precedido pelo artigo, então ele seria definitivamente atributivo; e a frase relativa da Versão Revisada<sup>1</sup> seria inques-

<sup>1</sup> Este comentário pode ser desconsiderado pois refere-se somente à versão revisada em inglês.



tionavelmente a tradução correta. Mas este particípio está sem o artigo, portanto ele pode ser considerado predicado. Veja Pequena Gramática do Novo Testamento de Robertson, pág 194. Como um particípio predicado ele pode ser considerado circunstancial, como expressando tempo relativo ao verbo principal, que é “ekeruxeit” (pregou), outro primeiro aoristo. Agora um aoristo particípio (especialmente quando usado como neste caso, com um verbo aoristo) pode expressar “tempo coincidente com aquele do verbo”. Veja Grega de Goodwin, pág. 276 e 197).

De tudo que se tem ouvido, o fim é: que ele faz perfeitamente bom grego ao adotar a seguinte tradução: “...no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão, QUE ANTERIORMENTE ERAM DESOBEDIENTES, quando a longanimidade de Deus esperava...” Isto significa que Cristo em espírito pregou nos dias de Noé, através de Noé e dos outros, aos espíritos que estavam em prisão no tempo que Pedro escreveu, espíritos estes que no tempo da pregação foram desobedientes. Para uma maior e extensa discussão desta passagem conforme essa já exposta, veja *An American Commentary on the New Testament* (Um Comentário Americano sobre o Novo Testamento).

Pode ser questionado por quê a Versão do Rei Tiago, a Revista e as versões da União Bíblica, todas traduzem esta construção com uma cláusula relativa. Responderemos que isto é evidência da influência da Vulgata, e a parcialidade teológica da Cristandade que tem favorecido a noção de uma outra chance depois da morte. Mas o Novo Testamento está em toda parte em oposição à ideia de outra oportunidade depois da morte, sem a qual esta suposta pregação aos mortos ímpios foi inútil. Tal chance não é necessária para vindicar a justiça de Deus, pois mesmo os pagãos sem o evangelho são “inescusáveis” (Romanos 1:20).

1 Pedro 4:6, que é outra passagem usada para ensinar uma oportunidade extra depois da morte, significa que o Evangelho foi pregado aos mortos enquanto estavam vivos.





## CAPÍTULO 39

# O MILÊNIO

A palavra “*milênio*” chegou até nós do Latim, significando “*mil anos*”. Refere-se aos mil anos de Apocalipse 20:1-7. Nestes versos existem seis referências a este período de tempo. Nesta passagem é o tempo durante o qual Satanás deverá ser preso e os santos reinarão com Cristo.

Quando os opositores do pré-milenismo asseveram que a palavra “milênio” não está na Bíblia, falam enganosamente. É justamente tão verdadeira na Bíblia como a expressão “mil anos”. Já que estas expressões são inglesas, nenhuma delas estava nos manuscritos originais. Mas a palavra “milênio” representa o significado do Grego tão verdadeiramente quanto a expressão “mil anos”. Assim não pode existir qualquer ponto dizendo que a palavra em questão não está na Bíblia, a menos que se diga para causar em alguns dos seus ouvintes ou leitores seres preconceituosos.

Nosso tratamento do assunto não justificará a acusação que o pré-milenismo

“constitui-se principalmente com base numa passagem do Apocalipse 20:1-10”, ou que os pré-milenistas “partem de uma certa interpretação de Apocalipse 20:1-10 e então incorporam essa ideia nas epístolas e evangelhos.” Ao contrário começaremos com outras Escrituras e por elas interpretaremos a passagem do Apocalipse.

Ainda mais, nossa discussão conformar-se-á com uma regra enunciada por um de nossos opositores; a saber: “É um princípio de interpretação bíblica comprovado de começar com Ele que é a Luz do Mundo; em outras palavras, começar com o estudo do Novo Testamento, e voltar ao Velho com a luz do Novo.” Esse será, exatamente, o nosso método de proceder.

Todavia, depois de haveremos feito isto, depois de termos deixado o Novo Testamento focar a luz do Velho sobre esta questão, interpretaremos então Apocalipse 20 na visão dessa luz. E se os nossos opositores desejarem continuar a vociferar sobre o erro de somar ao texto o que não está lá, trataremos a acusação com complacente e tolerante desdém. Não existe um único deles que não “soma algo” em tais passagens como Lucas 13:3, que a fé bem como o arrependimento é uma condição de salvação. Assim é através de toda a Bíblia. Tomamos os vários detalhes de passagens colaterais e as reunimos para obter a verdade íntegra.

## **I - AS FORMAS PRESENTES E FUTURAS DO REINO**

### **1. A FORMA PRESENTE DO REINO NÃO É A FORMA FINAL**

Isto está plenamente indicado por um número de passagens que apontam para um reino futuro. Vide Mateus 6:10; 25:34; Marcos 14:25; Lucas 13:28,29; 2 Timóteo 4:1. Notem também que algumas das parábolas em Mateus 13 indicam que o reino do céu contém agora falsos professos (joio e peixe ruim), enquanto outras passagens falam de uma forma do reino do céu em que só os justos entrarão. Vide Mateus 5:20; 7:21. Estas passagens apontam evidentemente para o período que seguirá o cumprimento de Mateus 13:41, “Mandarà o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade”. Isto manifestamente deve se cumprir no juízo, no fim desta época (Mateus 13:39-40), e então seguir-se-á o reino ou forma do reino aludida em Mateus 5:20; 7:21 e também em Mateus 25:34. Destas passagens, então, vemos claramente que o juízo no fim desta época não trará um fim ao reino Messiânico, mas antes o precederá na

sua forma final.

Nem devemos considerar este claro ensino como contradito por 1 Coríntios 15:24. Jamais podemos esperar chegar à verdade a menos que deixemos as passagens mais claras sugerirem a interpretação daquelas que são um tanto obscuras. Leia vs. 22-24, na Revisão. Notem a leitura<sup>1</sup>: “então os que são de Cristo na Sua vinda” em vez de “depois os que são de Cristo”, etc. Assim a Revisão dá a “epeita” o mesmo sentido de “eita”. “Então” é empregado para traduzir ambas. Notem que o primeiro “então” permite o lapso de tempo entre a ressurreição de Cristo e Sua segunda vinda. Portanto, “então virá o fim” não pode ser usada para provar que “o fim”, seja o que for, ocorre imediatamente depois da vinda de Cristo. “Epeita” e “eita” nestes versos não marcam sucessão temporal imediata, mas antes sequência em enumeração, dependendo “da natureza das coisas enumeradas” (Thayer). Certamente não há diferença nas palavras que permitirão à primeira admitir um lapso de mais que dezenove séculos ao passo que proibindo qualquer lapso de tempo à última. Assim compreendido, ver-se-á prontamente que o v. 24 em si mesmo sugere que “então virá o fim” não fixa o tempo “quando tiver entregado o reino a Deus” (melhor, “quando Ele quiser entregar”, etc.), mas antes vice-versa.

Ainda mais, como E. P. Gould diz muito significativamente: “Na Sua vinda’, pode ser trazido na parousia ou presença, isto é, durante o tempo da presença de Cristo na terra, seguindo Sua segunda vinda.” Este é o sentido, se, como cremos, com base em Isaías 65:20 e implicações noutras passagens, a morte continuará na terra após o estabelecimento dos “novos céus e uma nova terra” (Isaías 65:17)<sup>2</sup>. Em outras palavras, esta passagem admite de uma contínua ressurreição dos justos através do reino de Cristo sobre a terra, e cremos que as Escrituras em geral a exigem. Como os crentes em corpos naturais morrem eles serão ressurretos imediatamente. Podemos então dar a “então vem o fim” o seu sentido mais natural segundo o seu contexto, entendendo que isto quer dizer o fim do reino Messiânico o qual não virá imediatamente, senão apenas depois que a morte for completamente aniquilada.

---

1 Esse argumento usa a versão Revised Standard Version em inglês, a “Revisão”. A ACF é imunizada deste conflito.

2 É evidente que “um novo céu e uma nova terra” aludidos por João em Apocalipse 21:1 não são os mesmos que os “novos céus e uma nova terra” mencionados por Isaías. João viu, manifestamente, os resultados de uma segunda renovação que é para seguir-se à soltura de Satanás e à consequente rebelião de Gog e Magog. Vide Apocalipse 20:7-10.

## 2. CRISTO É AGORA REI, MAS ELE NÃO ESTÁ AGORA NO SEU TRONO, O TRONO DE DAVI

O autor expressivamente desaprova a ideia que Cristo não está reinando agora. Isto é sustentado por alguns pré-milenistas, mas não é uma parte necessária do pré-milenismo. Cristo já é rei de um reino espiritual (comumente dito no Novo Testamento como “o reino de Deus”), isto é, um reino sem cabeça visível ou fronteiras físicas, cujos súditos podem ser distinguidos apenas por características espirituais. Que Cristo já é rei de tal reino é ensinado de forma definitiva e inequívoca em Mateus 28:18-20; João 18:36; Colossenses 1:13; Apocalipse 3:21.

Mas Cristo não está agora no Seu trono, o trono de Davi que Lhe foi prometido. Lucas 1:32. Notem esta significativa passagem:

“Ao que vencer Lhe **CONCEDEREI** que se assente comigo no **MEU** trono; assim como eu venci, e me assentei com meu **PAI NO SEU TRONO**” (Apocalipse 3:21).

Notem que Cristo está agora sentado com o Pai no trono do Pai, e que está implicado que nalgum tempo no futuro assentar-se-á Ele em Seu próprio trono, tempo no qual os vencedores (todos os regenerados, 1 João 5:4) assentar-se-ão com Ele. Os contrastes aqui são significantes – o “trono do Pai” contrastado com o “meu trono”, e o presente “estou assentado” contrastado com o futuro “assentar-se-á”. Esta passagem está completamente contra aqueles que contendem que o milênio está agora em progresso, e nós nunca soubemos de um só deles para experimentar tratar com ele.

Ato 2:25-32 não prova, como tem sido alegado, que Cristo está agora no trono de Davi. Nossos opositores apresentam argumentos infundados sobre a suposta base desta passagem junta com 2 Samuel 7:12: (1). Que esta passagem ensina que Cristo devia sentar-se no trono de Davi imediatamente depois de Sua ressurreição. Mas a passagem não diz nada disso. Ela ensina que a ressurreição era necessária para Ele sentar no Seu trono, mas não que Ele ascendeu ao trono imediatamente. As Escrituras já citadas mostram que este não foi o caso. (2) Que Davi, compreendido pela promessa citada por Pedro (2 Samuel 7:12) que Cristo sentar-se-ia no trono de Davi enquanto Davi ainda estava dormindo com seus pais, e não depois da ressurreição dos mortos justos. É uma lógica maravilhosa ouvir isto daqueles que protestam que nós incorporamos algo em Apocalipse 20:1-7 que não se ensina ali.

A letra literal e a fase natural de 2 Samuel 7:12 referiu-se à colocação de Salomão no trono de Davi, e insistir que o cumprimento do significado espiritual da pro-

nessa se conforma com a letra literal é meramente arguir de forma absurda por suporte de uma proposta que é demasiadamente fraca de sustentar. Alguém da mesma forma podia questionar que, tanto como a fase natural da passagem via um sucessor imediato para Davi, Cristo ascendeu ao trono de Davi na morte de Davi. Em Atos 2:29, Pedro fala do fato “que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura” meramente para provar que Davi não podia ter estado falando de si mesmo quando disse que sua alma não seria deixada no Hades e que ele não veria corrupção. Este fato é evidente a todos, exceto àqueles cegos por um desejo de sustentar uma teoria não escriturística.

### 3. CRISTO ASCENDERÁ AO SEU TRONO EM SUA SEGUNDA VINDA

Isto é indisputável pela seguinte passagem:

“E QUANDO o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, ENTÃO se assentará no trono da sua glória” (Mateus 25:31).

Nesta passagem temos mais respostas à absurda contenção notada acima. É em Sua segunda vinda que Cristo se assentará em Seu trono. Naquele tempo será estabelecida a forma futura do reino referida em Mateus 13:43; 25:34. Isto concorda com Lucas 19:12, onde um “certo nobre” representa Cristo.

## II - A NATUREZA DO REINO FUTURO

### 1. ELE SERÁ SOBRE A TERRA

Este é um fato significativo que é estabelecido pelas duas passagens seguintes:

Apocalipse 5:10, onde os redimidos (vinte e quatro anciãos), após falarem de redenção por meio de Cristo, dizem: “E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a TERRA.”

Zacarias 14:9: “*E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um só será o Senhor e um só será o Seu nome.*”

Citamos a primeira passagem da Revisão<sup>3</sup>, a qual segue o manuscrito Alexandrino onde se lê “eles reinam” em vez do Sinaitico que diz “reinaremos”. Assim devemos escolher aqui entre dois manuscritos em evidência para decidirmos se o

tempo é presente ou futuro. Contudo, A. T. Robertson, sem nenhuma afinidade pelo pré-milenismo, diz que temos o “uso futurístico” do presente do indicativo ativo. E quem, exceto alguém à caça de provas para uma teoria do que a verdade das Escrituras, pode duvidar de que temos aqui uma referência à mesma coisa em Apocalipse 2:26-27, 3:21 e 1 Coríntios 6:2 onde está sempre posto no futuro?

Notem desta passagem, então, que este reino é para ser na terra; e lembrem-se que Apocalipse 3:21 nos diz que os santos sentar-se-ão com Cristo no Seu trono. Vemos assim que, já que o reino dos santos é para ser na terra, o trono de Cristo e, portanto, o Seu reino, são para ser aqui igualmente.

A segunda passagem refere-se àquilo que é ainda futuro. Em nenhum tempo até o presente a terra toda ficou sujeita ao Senhor. A passagem deve ser cumprida depois dos eventos dos versos precedentes tomarem lugar. Aqueles que têm tentado achar um cumprimento deste capítulo no passado têm sido capazes apenas de engendrar um confuso e improvisado cumprimento. Um escritor, por exemplo, argumenta conclusivamente que o capítulo não se cumpriu na destruição de Jerusalém 70 A.D., porque naquele tempo, em vez de *metade, todo* o povo foi “cortado da cidade”. Mais ainda, naquele tempo *Deus não lutou a favor dos Judeus, mas contra eles*; enviando os exércitos Romanos mesmo como dEle mesmo, Ele “destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade”, como Jesus disse que Deus faria (Mateus 22:7). Ainda mais, está assinalado que desde aquele tempo Jerusalém tem sido “pisada pelos gentios” (Lucas 21:24), e ninguém tem ido lá para “guardar a festa dos tabernáculos”. Mas este mesmo escritor então passa a tentar conceber um cumprimento acerca *do cuidado de Deus por Seu povo durante as trevas e aflições do período inter-Bíblico*, referindo-o particularmente às *terríveis* perseguições infligidas aos Judeus por Antiôco Epífanes, Rei da Síria no segundo século A.C.. Mas ele se encarrega de não achar qualquer cumprimento minucioso, que, sem dúvida, ele não pode fazer. As seguintes diferenças evidentes existem entre o cerco descrito em Zacarias 14 e as guerras e perseguições sob Antiôco:

(1) Em Zacarias 14:2 lemos: “ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém.” Sob Antiôco somente nações debaixo do comando Sírio vieram contra Jerusalém.

(2) Em Zacarias 14 o cerco era para durar só um dia (vs. 6, 7), enquanto que o sob Antiôco e seu filho houve ataques por um período de anos; e, num tempo, o culto em Jerusalém foi abandonado pelos Judeus por três anos, durante cujo tempo a



religião dos judeus esteve proibida e o templo dedicado ao deus grego, Zeus.

(3) Em Zacarias 14 o cerco e a vitória são seguidos de um glorioso período de bênção e prosperidade espiritual, ao passo que o período seguinte às guerras sob Antiôco assinalou-se por mais guerra, divisão interna, rivalidade, intriga e guerra civil entre os Judeus, terminando na sua sujeição a Roma.<sup>4</sup>

(4) Em Zacarias 14 uma grande praga está predita para os exércitos opostos (v. 12). Isto não ocorreu ao tempo de Antiôco.

(5) Em Zacarias 14 o cerco deve ser seguido por todos os que restarem de todos as nações que vieram contra Jerusalém e subirão de ano em ano para adorar e guardar a festa dos tabernáculos. Isto não aconteceu depois da libertação da perseguição de Antiôco na mesma medida que não ocorreu depois da destruição de Jerusalém em 70 A.D.

Nossos opositores reconhecem que *os pés de alguém “estarão sobre o Monte das Oliveiras”*, mas não estão certos de quem é a pessoa. Eles não têm certeza disto porque estão comprometidos com uma teoria que lhes proíbe admitir fatos evidentes. Para aqueles que não estão presos é claro que o inconfundível antecedente gramatical de “seus” no vs. 4 é “O Senhor” no vs. 3. É evidente também que a afirmação de que “o Senhor meu Deus virá, e todos os santos contigo” refere-se ao segundo advento de Cristo, exatamente como as afirmações semelhantes no Novo Testamento. Vide Judas 14; 2 Tessalonicenses 1:7; Mateus 25:31. Concluimos assim que o nosso ponto aqui está provado.

## 2. SERÁ NA NOVA TERRA

Desejamos chamar a atenção aqui para Mateus 19:28, que diz:

*“E Jesus lhes disse (aos doze apóstolos): Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, NA REGENERAÇÃO, o Filho do homem se assentar no trono da Sua glória, TAMBÉM VOS ASSENTAREIS SOBRE DOZE TRONOS, PARA JULGAR AS DOZE TRIBOS DE ISRAEL.”*

Comentando a frase “na regeneração”, A. T. Robertson diz: “O novo nascimento do mundo é para ser cumprido quando Jesus se sentar em Seu trono de glória”. John A. Broadus diz: “Quando o reino Messiânico for completamente estabelecido, haverá um novo nascimento de todas as coisas, chamado uma ‘restauração de tudo’

<sup>4</sup> Blaikie diz: - “Seria impossível narrar todos os cercos, batalhas, assassinios e massacres que deram o seu tom escuro a este período da história” (Bible History, pág. 398).

(Atos 3:21), ‘novos céus e nova terra, em que habita a justiça’ (2 Pedro 3:13) ...”

Porém, mais interessante do que estes comentários são duas passagens do Antigo Testamento que fazem ligação com esta passagem de um modo muito definido. Notem estas duas passagens:

“Porque, eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão. Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo. E exultarei em Jerusalém, e me alegrarei no meu povo; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o menino morrerá de cem anos; porém o pecador de cem anos será amaldiçoado. E edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a perturbação; porque são a posteridade bendita do SENHOR, e os seus descendentes estarão com eles. E será que antes que clamem eu responderei; estando eles ainda falando, eu os ouvirei. O lobo e o cordeiro se apascentarão juntos, e o leão comerá palha como o boi; e pó será a comida da serpente. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o SENHOR” (Isaías 65:17-25).

“Porque, como os novos céus, e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante da minha face, diz o SENHOR, assim também há de estar a vossa posteridade e o vosso nome. E será que desde uma lua nova até à outra, e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR” (Isaías 66:22,23)

Pode haver qualquer dúvida razoável que nosso Senhor tinha estas passagens em mente quando Ele falou da “regeneração”? Ainda mais, não é evidente que Pedro também tinha estas passagens em mente quando ele escreveu dos “novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pedro 3:13)? O autor considera definitivamente como resolvido que as palavras de Pedro aludem à mesma coisa que as de nosso Senhor em Mateus 19:28 e que o estabelecimento do reino milenar de Cristo será introduzido pelo estabelecimento de novos céus e nova terra.

### 3. SERÁ PREEMINENTEMENTE JUDAICO

Temos notado que os crentes reinarão com Cristo em Seu trono. Entretanto Mateus 19:28, o qual já temos observado, conta-nos que *os doze apóstolos ocuparão doze tronos julgando as doze tribos de Israel*. Sem dúvida os espiritualizadores nos amaldiçoarão por entendermos o Senhor exatamente pelo que Ele diz aqui, mas não estamos no mínimo temerosos, nem de leve aflitos por sua campanha sem tréguas de enfraquecer a Palavra de Deus.

Tanto como nosso Senhor, aprofundado em profecia como Ele era, muito provavelmente tinha em mente as passagens já citadas de Isaías ao falar da “regeneração”, assim igualmente existe outra passagem de Isaías que Ele deve ter dito em mente ao referir-se aos doze apóstolos e ao seu assentar-se em doze tronos julgando as doze tribos de Israel. Esta outra passagem é Isaías 1:26, a qual diz:

*“E te restaurarei os teus JUÍZES, como foram dantes; e os teus conselheiros, como antigamente; e então te chamarão cidade de justiça, cidade fiel.”*

Tudo isto implica, e a Bíblia conclusivamente ensina, o ajuntamento de Israel, a conversão de Israel, e a restauração da vida nacional de Israel. Notemos:

#### 1) O ajuntamento de Israel

##### A. Passagens que aludem a isso

Notem cuidadosamente as três passagens seguintes:

*“E acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e o lugar do seu repouso será glorioso. E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a pôr a sua mão para adquirir outra vez o remanescente do Seu povo, que for deixado, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elá, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar. E levantará um estandarte entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra”* (Isaías 11:10-12).

*“Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem estátua, e sem éfode ou terafim. Depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao SENHOR seu Deus, e a Davi, seu rei; e temerão ao SENHOR, e à sua bondade, no fim dos dias”* (Oséias 3:4,5).

*“Eis que eu os congregarei de todas as terras, para onde os tenho lançado na*

minha ira, e no meu furor, e na minha grande indignação; e os tornarei a trazer a este lugar, e farei que habitem nele seguramente. E eles serão o meu povo, e eu lhes serei o seu Deus; E lhes darei um mesmo coração, e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem, e o bem de seus filhos, depois deles. *E farei com eles uma aliança eterna de não me desviar de fazer-lhes o bem; e porei o meu temor nos seus corações, para que nunca se apartem de mim.*” (Jeremias 32:37-40).

“E trarei do cativeiro meu povo Israel, e eles reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão pomares, e lhes comerão o fruto. E plantá-los-ei na sua terra, e *não serão mais arrancados* da sua terra que lhes dei, diz o SENHOR teu Deus” (Amós 9:14,15).

Notem que estas profecias falam de uma restauração, uma volta, um ajuntamento, e um retorno dos judeus. Afirmamos que elas se referem a Israel como nação e que ainda não tiveram o seu cumprimento completo. Fazemos esta afirmação com base dos seguintes fatos:

(a) A distinção é feita na primeira passagem entre *os Gentios* e o *Seu povo*. Os gentios devem participar das bênçãos do reino de Cristo, mas é o *Seu povo*, Israel e Judá, que deve ser rejeitado.

(b) Esta deve ser *“a segunda vez para restaurar o restante do povo de Deus”*.

(c) O ajuntamento deve ser, não meramente da Assíria e da Babilônia, e outros países vizinhos, mas pelo contrário “dos quatro cantos da terra”<sup>5</sup>. Assim deve ser um ajuntamento de ambos, Judá e Israel.

(d) Isto deve-se cumprir no dia quando *“acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos”*. Isto claramente se refere aos tempos do Messias.

(e) A segunda passagem afirma que, no dia de sua volta, os Israelitas *“buscarão ao Senhor seu Deus, e a DAVI SEU REI”*. Isto outra vez se refere claramente aos tem-

---

5 Para uma predição da presente dispersão geral dos judeus, vide Deuteronômio 28:49-69; que se cumpriu no ano 70 A. D. sob os romanos. “A distância de que vieram os romanos, a rapidez de suas marchas, o emblema de suas armas, o seu treino militar, e língua estranha, podiam escassamente ter sido descritos em termos mais apurados. A desolação continuada a seguir-se não é aplicável ao tempo de Nabucodonozor ou de Antiôco” (Urquhart, *The New Biblical Guide*, Vol. 8, pág. 275).

pos do Messias.

(f) A terceira passagem estipula que no tempo deste ajuntamento Deus vai fazer “*uma aliança eterna com eles*” com o resultado que Ele jamais “*se apartará deles*” e que “*eles não se apartarão*” dEle.

(g) A quarta passagem nos conta que quando Israel for rejuntado, “*não serão mais arrancados da sua terra*”. Eles foram arrancados de sua terra outra vez depois do retorno do cativo sob Zorobabel, Esdras e Neemias.

### **B. Objeções apresentadas por nossos opositores contra nossa interpretação destas profecias**

Estas objeções são muitas e invocadas com grande insistência. Mas, tanto quanto o espaço permitir, nós as tomaremos e mostraremos que são infundadas.

(a) Apesar dos fatos para os quais nós temos chamado atenção, nos é dito certamente que a primeira passagem dada acima (Isaías 11:10-12) refere-se ao retorno registrado nos livros de Esdras e Neemias.

Isto é dito com base no fato que em Isaías 10:24-34 o profeta “*se refere à Assíria*”. Mas isto de modo nenhum prova que nada no capítulo seguinte pode ir além do retorno histórico de Israel, mesmo como os nossos opositores admitem referir uma parte desta profecia aos nossos tempos. Está notado o fato que “*o Senhor tornará a pôr sua mão para adquirir OUTRA VEZ o remanescente do Seu povo*”, porém nós estamos dito que a “*primeira vez*” foi seu livramento do Egito. Isto é dito simplesmente com base do fato que o v. 16 diz que no dia do retorno de Israel “*haverá caminho plano para o remanescente do Seu povo... como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito*”<sup>6</sup>. Deixamos o leitor formar sua própria opinião da validade deste argumento. A mera menção de uma coisa por um profeta nos dá a liberdade de lê-la em seus escritos onde

---

6 O verso 16 é realmente um bumerangue contra nossos oponentes, quando lido à luz do v. precedente. O v. 15 nos conta que haverá uma destruição da “*língua do mar do Egito*”, de modo “*a fazerem os homens ir a pé enxuto*”. Isto explica a referência ao livramento de Israel no Egito. Assim como atravessaram o Mar Vermelho a pé, enxuto, assim no seu final retorno do cativo atravessarão águas a pé enxuto. Agradeçam-nos nossos oponentes por nos dizerem como isto se cumpriu na volta da Assíria e Babilônia.

quer que nos pareça adequado?

“Naquele dia” de Isaías 11:10 é arrancado de sua conexão com o restante da sentença e feito referir-se ao *dia do retorno da Assíria e Babilônia*. Absolutamente nenhuma importância é concluída do fato que esta profecia está “anexada a um tempo específico”, toda a coisa sendo anexada àquele dia quando “*acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos.*”

(b) Todavia, apesar de todos os esforços, nossos opositores não podem achar um cumprimento completo destas profecias no Antigo Testamento. Assim eles recorrem a uma segunda linha de ataque, e afirmam um cumprimento nesta presente época do Evangelho. Dizem que *o Espírito Santo marcou um tempo específico para a profecia de Isaías 11:1-10 e declarou-a cumprida neste tempo*. Romanos 15:12 é dado como prova disto. Respondemos que Paulo, em Romanos 15:12, faz meramente *uma aplicação de uma e apenas uma parte* desta profecia para mostrar “que o propósito de Deus desde o princípio foi abranger tanto os Judeus como os Gentios no vasto abraço de Sua misericórdia, através do Messias” (A. N. Arnold). Não existe qualquer coisa em Romanos 15 ou em qualquer outra passagem do Novo Testamento que indique que Cristo e os apóstolos consideraram as profecias do Antigo Testamento concernentes aos Judeus achando cumprimento consumado nos Gentios desta época. Paulo, em Romanos 15:12, cita Isaías 11:10 apenas na medida em que esta última passagem se refere aos gentios, e que, como dissemos, apenas pelo modo de aplicação. Ele não diz qualquer palavra sobre o v. 11 e sua predição do retorno de Israel. Nem qualquer outro escritor do Novo Testamento faz uma aplicação espiritual de tais profecias.

Não obstante, é-nos dito que *o Novo Testamento explica e aplica as profecias da restauração de Israel do cativoeiro a esta era do Evangelho* (Isaías 52:11; Jeremias 30:18-24; 2 Coríntios 6:17,18), e, daí, *que elas são típicas de nosso grande livramento por Jesus Cristo*. Que o leitor verifique cuidadosamente as passagens referidas. Não existe aqui nada mais do que a aplicação por um escritor do Novo Testamento de um princípio e um apelo que encontram sua primeira enunciação no Antigo Testamento. Esta prática constante de nossos opositores ao lerem no Novo Testamento passagens e argumentos que não estão lá é evidência suficiente da completa falsidade de sua contenção. Se tivessem qualquer prova real, eles a usariam.

Similarmente é afirmado *que a profecia de Jeremias do Novo Testamento da nova Aliança (Jeremias 31:31-34) cumpriu-se e estabeleceu-se em Cristo*. Já que a nova aliança é uma aliança de graça sob a qual Deus trata com crentes individuais em vez de tratar

com uma nação, assim como sob a antiga aliança, os crentes estão agora debaixo dela (a da graça). MAS ASSIM FOI ABRAÃO! Gálatas 3:6-18. Esta aliança foi primeiro feita conhecida completamente a Abraão, e foi aplicada através dele à sua semente espiritual através de Cristo. Esta é a razão dos Gentios participarem dela. Mas em Jeremias 31 e 32 está revelado que Israel como uma nação (a nação vivendo no tempo) virá sob esta aliança. Enquanto uma vez Deus tratou principalmente com eles como um todo debaixo da antiga aliança, então Ele tratará com toda a nação como indivíduos debaixo da nova aliança. Então o escritor aos Hebreus, escrevendo a crentes professos entre os Judeus, faz aplicação das palavras de Jeremias para provar a estes Judeus que a antiga aliança tem sido substituída. *Não existe nada aqui para provar que ainda não existirá uma aplicação desta aliança a toda a casa de Israel nacional.* Este é o significado evidente das palavras de Jeremias, interpretadas à luz de toda a profecia do Antigo Testamento. Quando nossos opositores espiritualizam-nas, fazem-no, não com base na Escritura, mas com base em suas próprias noções pré-concebidas. O único método seguro de interpretar a Palavra de Deus é considerá-la literal, a menos que exista clara indicação de um sentido figurado ou espiritual. Eles têm falhado completamente ao produzir essa clara indicação.

Quando chegamos a Isaías 11:11,14 nossos opositores estão de fato em apuros. Eles sabem perfeitamente que eles não podem achar um cumprimento no Antigo Testamento, nem eles procuram achar um; mas antes eles nos dizem que *exigiria um milagre de levantar dentre os mortos às referidas nações*, se esses versos devem ter um cumprimento literal no futuro. Eles referem, dizendo-nos *ao retorno nesta época do remanescente segundo a eleição da graça dentre os Judeus, isto é, seu retorno a Deus e a Cristo.* Não; o cumprimento futuro e literal destes versos não requererá o levantamento dentre os mortos das nações mencionadas. As nações mencionadas meramente representam as nações da terra, dentre as quais, *mesmo “dos quatro cantos da terra” e “as ilhas do mar”* Deus *“ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará.”*

(c) Mas nossos opositores ainda não estão liquidados. Caso possa haver alguns resquícios de profecia que escaparam aos métodos de eliminação já observados, eles vem com um terceiro ataque. É-nos dito que *se houver alguma esquecida, essas não estão devidamente incluídas nas classificações anteriormente citadas, elas devem ser consideradas perdidas e canceladas, porque as condições não foram preenchidas.* Alega-se que Cristo e os apóstolos declararam isto ser verdade em Mateus 23:37, 38; Romanos 11:10; 1 Tessalonicenses 2:15, 16.

Examinemos estas passagens. Na primeira (Mateus 23:37, 38) Jesus diz: *“Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta”*. Isto, Ele lhes disse no verso seguinte, foi porque Ele ia separar-se deles, o qual no propósito de Deus se deu em consequência deles de O rejeitaram. Daí, não O veriam dali em diante – por quanto tempo? Não para sempre, **“ATÉ QUE DIGAIS: BENDITO O QUE VEM EM NOME DO SENHOR”**. Isto aponta para o tempo quando Israel não será mais incrédula, mas alegremente receberá Cristo. Isto é para ser, de acordo com Cristo, na SUA VINDA. Veremos mais disto depois.

A segunda passagem é Romanos 11:10, a qual diz: *“Escureçam-se-lhes os olhos para não verem, E encurvem-se-lhes continuamente as costas.”*, uma citação do Salmos 69:23. Esta depreciação, quando lida, como ela deveria ser, à luz do contexto de Salmo 69 e do capítulo 11 de Romanos, pode ser tomada como se **APLICANDO PRIMARIAMENTE À GERAÇÃO DOS JUDEUS VIVOS NO TEMPO DO MINISTÉRIO TERRENO DE CRISTO**.

Além disso, pode ser **APLICADA À NAÇÃO CONTINUADA SOMENTE ENQUANTO CONTINUE SUA REJEIÇÃO À CRISTO**. Observem que Davi implica que eles nem sempre rejeitarão o Messias, quando no v. 35 ele diz: *“Porque Deus salvará a Sião, e edificará as cidades de Judá; para que habitem ali e a possuam.”* Paulo desenvolve este pensamento e faz seu sentido inconfundível, a saber, *“Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos); que o endurecimento veio em PARTE sobre Israel, ATÉ QUE A PLENITUDE DOS GENTIOS HAJA ENTRADO”* (Romanos 11:25). Este é o verso chave do capítulo inteiro. Todo o capítulo é baseado em dois fatos:(1) Que o endurecimento e a incredulidade de Israel são somente **EM PARTE**, parcial, não envolvendo a nação inteira – existindo agora *“um remanescente, segundo a eleição da graça”* (Romanos 11:5); (2) Que é **TEMPORÁRIO**, estendendo-se somente *“ATÉ que a plenitude dos gentios haja entrado”*. Então, como o verso seguinte afirma, e como notaremos completamente mais tarde, *“todo o Israel (a nação vivendo naquele tempo) será salvo.”*

O que temos dito por enquanto sobre Romanos 11:10 explica completamente também a terceira passagem citada, 1 Tessalonicenses 2:15,16.

A alegada perda e cancelamento de bênçãos prometidas a Israel é baseada no que nossos opositores chamam de *elemento condicional na profecia*. Como prova deste elemento condicional eles citam Deuteronômio 28:13-15,25,43,44; Jeremias 18:7-10.



Ao que respondemos que as bênçãos de Deus são sempre *condicionais*. A graça e as bênçãos de Deus aos crentes neste tempo são *condicionadas*<sup>7</sup> à sua fidelidade e perseverança final. Vide Mateus 10:22,32; Atos 14:22; Romanos 2:6-10; 11:22; Colossenses 1:21-23; Apocalipse 2:7-11. Contudo, Deus declara em termos absolutos que todos quanto verdadeiramente creem em Cristo serão finalmente salvos. É apenas o Arminiano que nega isto. *E nossos opositores colocam-se a si mesmos na base Arminiana quando alegam o cancelamento e a perda das bênçãos prometidas a Israel.* Eles não são melhores neste ponto do que os Arminianos em procurar provar que o povo salvo pode falhar em receber sua herança eterna. Nós já tínhamos arguido tanto um como o outro. Os casos são exatamente paralelos. As bênçãos prometidas a Israel estão estabelecidas em termos completamente absolutos assim como estão as palavras faladas e aos crentes. Voltem e leiam novamente as Escrituras dadas em página prévia para provar o ajuntamento de Israel. As palavras não poderiam ser mais manifestamente absolutas.

*A explicação disso tudo quer seja com Israel, bem como com os crentes, Deus tem garantido que as condições sejam preenchidas.* Em ambos os casos esta garantia está baseada na presciência eterna e escolha de Deus, ou seja, sobre a eleição eterna incondicional. Vide Romanos 8:29,30; 11:2,27-29.

Isto nos leva então a notar:

## 2) A conversão de Israel

### A. Escrituras que aludem a isto

As passagens seguintes mostram que Israel receberá todas as coisas prometidas de Deus por voltarem para Ele como um todo em genuíno arrependimento e fé através de Sua graça e a operação do poder do Espírito Santo:

“E voltarei contra ti a minha mão, e purificarei inteiramente as tuas escórias; e tirar-te-ei toda a impureza. E te restituirei os teus juízes, como foram dantes; e os teus conselheiros, como antigamente; e então te chamarão cidade de justiça, cidade fiel. Sião será remida com juízo, e os que voltam para ela com justiça” - Isaías 1:25-27.

“E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém; Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio

7

Uma condição, como implicada aqui, é “um evento, fato, ou coisa parecida, que é necessário à ocorrência de alguma outra, ainda que não sua causa” (Funk & Wagnalls Desk Standard Dictionary).

dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor” - Isaías 4:3-4.

“E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o SENHOR, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos” - Isaías 25:9.

“E vos tomarei dentre os gentios, e vos congregarei de todas as terras, e vos trarei para a vossa terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis” - Ezequiel 36:24-27.

“Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e pranteá-lo-ão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito” - Zacarias 12:10

“E removerei o cativo de Judá e o cativo de Israel, e os edificarei como ao princípio. E os purificarei de toda a sua maldade com que pecaram contra mim; e perdoarei todas as suas maldades, com que pecaram e transgrediram contra mim; E este lugar me servirá de nome, de gozo, de louvor, e de glória, entre todas as nações da terra, que ouvirem todo o bem que eu lhe faço; e espantar-se-ão e perturbar-se-ão por causa de todo o bem, e por causa de toda a paz que eu lhe dou” - Jeremias 33:7-9.

“E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles, Quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” - Romanos 11:26-29.

Este “todo Israel” que será salvo está explicado em Isaías 4:3, previamente dado, a saber, *“aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém... todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém.”* Esta última passagem está melhor explicada por Zacarias 13:8,9 que diz: *“E acontecerá em toda a terra, diz o SENHOR, que as duas partes dela serão extirpadas, e expirarão; MAS A TERCEIRA PARTE RESTARÁ NELA. E farei passar esta terceira parte pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro. Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: É meu povo; e ela dirá: O SENHOR é o meu Deus.”*

## B. Objeções feitas por nossos opositores contra nossa interpretação destas profecias

**a) Será que qualquer um de nossos opositores dirá que estas profecias já se cumpriram na experiência de Israel nacional? Se assim for, deixem que eles notem:**

(1) Que esta conversão, de acordo com Zacarias 12:10, devia vir depois que os Judeus tivessem transpassado Cristo, pois está dito “...*olharão para mim, a quem transpassaram*”, e é evidente que esta passagem se refere à mesma experiência dita nas outras passagens que temos citado. (2) Não existiu tempo algum na história de Israel no Antigo Testamento quando todos *que permaneceram em Jerusalém* foram chamados santos, como declarado por Isaías 4:3. (3) A referência de Paulo à salvação de Israel (Romanos 11:26) mostra que isto não foi uma experiência do Antigo Testamento. (4) As palavras de todas as passagens dadas implicam algo incomparável a qualquer coisa experimentada por Israel quer na volta da Babilônia ou na libertação de Antiôco Epífanes.

**b) Nossos opositores dirão que as bênçãos mencionadas foram perdidas porque as condições não foram preenchidas? Em caso afirmativo, permitam-lhes estipular as condições:**

Não nos é dito que Israel dirá: “*Eis que este é o nosso Deus*”; que um *novo coração* e um *novo espírito* serão postos neles, fazendo-os *andar nos estatutos de Deus e guardar os Seus juízos*; que sobre eles será derramado o *espírito de graça e de súplicas*; que serão purgados, *lavados, purificados, redimidos e perdoados*? Como a linguagem poderia ser mais clara? Se as bênçãos destas passagens poderiam ser perdidas, *então da mesma forma também a salvação dos eleitos de Deus*. Antes de podermos crer que estas promessas não são absolutas teremos que ser convencidos da verdade do Arminianismo.

**c) Não; talvez poucos de nossos opositores tomarão qualquer das duas visões já observadas. A maioria deles dirão que estas promessas devem ser espiritualizadas e aplicadas aos crentes nesta época do Evangelho; ao que respondemos:**

(1) Qual é o significado, então, de “*te restituirei os teus juízes, como foram dantes*” (Isaías 1:26)? (2) E além do mais, qual é o significado de “*todo aquele que estiver ins-*

*crita entre os viventes em Jerusalém*” (Isaías 4:3)? Outra vez, o que quer dizer quando Deus diz a Israel que Ele *“os edificará como ao princípio”* (Jeremias 33:7)?

Toda a questão referente a espiritualização das passagens dadas pode ser resolvida mediante a interpretação apropriada de Romanos 11:26. Os que não tomam literalmente essas passagens dizem que *“todo Israel”* aqui é o eleito de todas as nações, o assim chamado Israel espiritual. Mas tal interpretação desta passagem não passa de um impiedoso saque dela de seu contexto. Isto é tão absurdo que atrevemo-nos a dizer que nenhum leitor cuidadoso a adota, salvo se ele estiver mais interessado em sustentar uma teoria do que em conhecer a verdade. O contraste através de todo o capítulo está entre os Gentios e Israel e o v. 25 torna-o claro que esta distinção prossegue avante até ao v. 26. Portanto, sinceros comentadores, inteiramente à parte de qualquer interesse na questão milenar, reconhecem que a alusão aqui é ao Israel nacional, a saber, *“O contexto imediato... argumenta para o povo Judaico ‘como um todo’”* (A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Figuras de Linguagem no Novo Testamento). *“Mas certamente isto põe violência nas palavras, e no pensamento, explicar ‘Israel’ misticamente em toda esta passagem. A interpretação torna-se um trabalho arbitrário se é que assim podemos repentinamente fazê-lo, onde a antítese de Israel ‘os Gentios’ é o verdadeiro tema da mensagem. Não; temos aqui a nação, escolhida uma vez para uma especialidade misteriosa na história espiritual do homem, escolhida com uma escolha jamais cancelada, contudo suspensa. Uma bênção está em vista para a nação; uma bênção espiritual, divina, toda de graça, perfeitamente individual em sua ação, porém nacional na escala dos seus resultados.”* (H. G. Moule, *The Expositor’s Bible*, A Bíblia do Expositor). *“Todo o Israel será salvo: a grande massa dos Judeus em contraste com o ‘remanescente’ referido no verso 5”* (J. M. Pendleton, *The New Testament With Brief Notes*, O Novo Testamento Com Breves Anotações). *“E assim... todo o Israel será salvo, isto é, o Israel literal, no sentido coletivo da palavra, toda a posteridade de Jacó. Que a palavra deve ser tomada neste sentido e não no sentido de Israel espiritual, incluindo os Gentios, é razoavelmente concluído da rigorosa distinção entre Judeus e Gentios observada através de toda esta seção; ver 9:24,30,31; 10:12, 19:21; 11:11,12,13 e especialmente no contexto imediato vs. 17-31”* (A. N. Arnold, *An American Commentary on the New Testament*, Um Comentário Americano sobre o Novo Testamento). *“Em nossa visão Paulo ensina que... Israel como um todo, talvez ‘toda a nação que estará então em existência’* (Prof. Turner), *aceitará a Jesus como seu Messias...”* (D. B. Ford, *ibid*).

### 3) A restauração da vida nacional de Israel

A. O governo teocrático de Israel será restaurado. Cristo será o seu rei e os doze apóstolos serão os seus juízes. Isaías 9:7; 32:1; Jeremias 23:5,6; Ezequiel 34:23,24; Zacarias 3:14,15; 14:9,16; Isaías 1:26; Mateus 19:28.

B. Jerusalém será o centro do governo e da vida religiosa. Ver Isaías 2:3,4; Joel 3:16,17; Zacarias 14:8,9,21.

C. Todas as nações virão à Jerusalém para adoração. Ver Isaías 2:3 novamente e também Zacarias 8:21,22; 14:16,17; Isaías 66:22,23.

Nossos opositores dizem que um cumprimento literal destas passagens no futuro será impossível.

Pelo que somos lembrados de que Sir Isaque Newton predisse uma vez que, “para o cumprimento da profecia era necessário que os meios de comunicação rápida entre todas as nações fossem grandemente aumentados... para habilitar os homens a viajarem quarenta milhas por hora. Sobre cuja opinião Voltaire fez esta observação: ‘O quê você pensa que Sir Isaque Newton disse? Eia, ele atualmente prediz que virá o tempo quando as pessoas viajarão na velocidade de quarenta milhas por hora. Veja a que extremidades o estudo da Bíblia pode levar uma grande e bem dotada mente’” (Urquhart, *New Bible Guide*, Novo Guia Bíblico, Vol. 8, pág. 287). Sorrimos diante disto que disse Voltaire. Mas o argumento de nossos opositores é assim tão pueril e estúpido. Eles pensam que é impossível para Deus fazer isto acontecer? Eles sabem o quão rápidas as comunicações internacionais serão? Eles podem predizer que as condições geográficas na nova terra não tornarão isto mais fácil do que no presente? Quanto a nós, cremos que a boca de Deus falou a profecia, essa mesma boca ordenará seu cumprimento; e será feito.

D. O culto será de pleno acordo com a terminada obra da redenção. Sentimos que nem a lógica, nem a consistência, nem qualquer outra coisa dita na Bíblia, nos obriga a crer que o sistema sacrificial dos Judeus será totalmente restaurado.

Haverá uma casa de culto, chamada tanto tabernáculo como templo. (Ezequiel 37:27; 43:5-7; Zacarias 6:12-13; 14:21; Malaquias 3:1). O templo mostrado a Ezequiel em visão (capítulos 40-47) é talvez uma prefiguração geral desse templo, especialmente na visão de Ezequiel 45:5-7; 47, mas, quanto à letra, consideramos o modelo como aquele que Israel deveria ter seguido na reconstrução do templo depois da volta da Babilônia.<sup>8</sup> Aqui talvez seja uma fusão de ambos: o templo que Israel

deveria ter construído e aquele que o Senhor mesmo edificará; tanto como em outras passagens temos uma fusão das duas voltas de Israel, e dois adventos (Malaquias 3:1-5; Isaías 61:1-2)<sup>9</sup>, os dois cercos de Jerusalém (Mateus 24 – aquele ocorrido em 70 A.D., e aquele que ocorrerá na batalha de Armagedom, Zacarias 14:1-2; Apocalipse 19:19-21). Existem passagens que falam de sacrifícios em conexão com o milênio. Mas estas podem ser simples expressões figuradas de culto. Temos a certeza que a obra dos sacerdotes sob o reino de Cristo (Isaías 66:21) será tão alterada a ponto de fazê-la ajustar-se à Sua consumada redenção. Os sacrifícios que foram feitos em conexão com a Festa dos Tabernáculos (Zacarias 14:16) e quaisquer outras razões especiais que sejam observadas, temos a certeza, ou serão abolidas ou tão alteradas a se ajustarem na natureza do reino de Cristo. Não temos o menor receio que Deus não saberá como ajustar estas coisas em Seu plano.

Interpretar referências a sacrifícios na nova terra como figuras não significa que, para sermos coerentes, devemos espiritualizar impiedosamente toda profecia que não foi cumprida para Israel na antiga dispensação. Não existe absolutamente qualquer razão para espiritualizar o ajuntamento, a conversão e o restabelecimento de Israel como uma nação. Eles nunca aparecem espiritualizados no Novo Testamento, e não existe nada sobre eles que seja incongruente com o reino de Cristo. Mas no caso do sistema sacrificial, é diferente. Assim estamos nos apegando à nossa regra de interpretar a Escritura literalmente, a menos que tenhamos clara indicação de, ou boa razão para, um sentido figurado ou simbólico. Nossa interpretação aqui também está em harmonia com o fato que o literal e o simbólico estão algumas vezes misturados na Bíblia.

Neste ponto é apropriado responder brevemente a certas objeções:

---

ocasionaria a edificação de um templo segundo todos os pormenores desta visão. De outro lado está positivamente declarado que Deus realizará o retorno, a conversão e o restabelecimento de Israel. Assim podemos crer coerentemente no segundo sem crer no primeiro.

9 Notai como nosso Senhor, ao ler na sinagoga em Nazaré (Lucas 4:16-20), deteve-se no meio desse verso porque o resto do verso não tinha que ver com seu primeiro advento, mas com o segundo. De igual maneira, o que quer que haja na visão de Ezequiel que não se ajuste ao reino de Cristo na Terra podemos considerar como não se aplicando a ele.

(1) Não haverá uma volta de Cristo a Moisés, porque Cristo estará lá em vez de Moisés, de acordo com Deuteronômio 18:15. A graça e o Evangelho se reunirão no milênio como agora. (2) Não haverá uma volta a antiga aliança, mas a aplicação da nova aliança a Israel como predito. (3) Não haverá uma volta ao sacerdócio de Arão, exceto tanto quanto ele se ajuste ao reino do Messias. Então Cristo será o sumo sacerdote como agora. Ele nomeará sacerdotes e Levitas para assisti-IO. Isaías 66:21. Nós estamos dispostos a confiar-Lhe a realização disto em completa harmonia com Sua obra completada. (4). Não será um passo atrás quando a igreja der lugar ao Israel redimido. Antes será um glorioso término. Romanos 11:12; Isaías 11:10. (5) O Cristianismo não será substituído pelo Judaísmo, mas antes a graça de Deus triunfará sobre Israel, permeando-o; e Israel será feito o que aprouver a Deus para que seja. Esperamos estar lá e regozijarmo-nos nele. Isaías 65:17-19; 66:10-14. Mesmo agora nos regozijamos enquanto vivemos na antecipação dele.

### III - OS APÓSTOLOS E O FUTURO REINO

Os apóstolos, depois de servirem ao ministério de Cristo por três anos, creeram que o reino estava para ser restaurado a Israel, como evidenciado pela pergunta em Atos 1:6. Eles O tinham ouvido falar as palavras de Mateus 19:28, as *quais lhes prometeram que eles regeriam Israel*, e as palavras de Mateus 23:39, as quais levam à inevitável implicação que Israel algum dia diria: *“Bendito é aquele que vem em nome do Senhor”*. Talvez Ele tivesse expandido nestes assuntos na presença deles, e tivesse dito acerca deles em outras ocasiões que não as referidas acima. As palavras de Cristo tinham confirmado a esperança que a profecia do Antigo Testamento tinha acendido em seus corações. Eles creram no fato, porém estavam confusos quanto ao tempo. Consequentemente perguntaram a Jesus: *“Senhor, restaurarás neste tempo outra vez o reino a Israel?”* Aqui estava a oportunidade de Cristo para corrigi-los se estivessem errados. Mas Ele não o fez! Porquê? Se nossos opositores tivessem estado em Seu lugar, certamente não perderiam a oportunidade. Eles são muito ativos e zelosos hoje em tentar salvar da “heresia” aqueles de nós que acreditam exatamente no que os apóstolos criam, isto é, que o reino no tempo apropriado *será restaurado a Israel*. Cristo foi menos zeloso pela verdade do que eles? Ele estava menos interessado nos apóstolos do que eles estão em nós? Por que Ele não contou àqueles apóstolos “errados”,

como seguramente nossos opositores teriam feito, *que esta fábula Judaica que teria sido originada nos escritos apocalípticos do período inter-Bíblico não foi ensinada pelos profetas* e que eles não deveriam entendê-Lo como ensinando isto em qualquer coisa que Ele tivesse dito; que a distinção entre Judeus e Gentios tivesse sido obliterada para sempre; que todas as profecias do Antigo Testamento, não literalmente cumpridas naquele período, ou tivessem sido perdidas, ou deviam ser espiritualizadas e aplicadas a esta época? Perguntamos novamente: “Por que Cristo não tirou-lhe a ilusão?”

A “falha” de Cristo em corrigir esta noção supostamente errada torna-se a mais forte evidência que ela não estava errada à luz de João 14:2: *“Na casa de meu Pai há muitas moradas; SE NÃO FOSSE ASSIM, EU VO-LO TERIA DITO.”*

Então, quando em vez de corrigi-los Ele deu-lhes uma resposta que distintamente implica a verdade de sua crença, ela fornece prova certa que eles estavam corretos. Ele simplesmente disse: *“Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder.”*

#### IV - O REINO FUTURO E O SILÊNCIO COMPARATIVO DO NOVO TESTAMENTO

Nossos opositores dão grande importância àquilo que eles chamam de o silêncio de Cristo e dos apóstolos quanto aos detalhes do que cremos concernente ao reino futuro. Este silêncio não é tão grande como eles gostariam de nos fazer pensar. Eles negam tudo quanto é dito e então berram que o Novo Testamento está calado. Eles são como um oponente que proíbe ao seu adversário de falar e depois usa sua falha como argumento contra ele.

Nós temos notado que o Novo Testamento prediz um reino futuro. Temos notado que ele ensina inconfundivelmente que Cristo ascenderá ao Seu trono quando Ele vier, e que os apóstolos ocuparão posições especiais de regência sobre Israel. Temos mostrado como isto se conecta com a profecia. Temos visto que todos os crentes reinarão com Cristo quando Ele ascender ao Seu trono. Temos observado que “todo Israel”<sup>10</sup> em distinção dos Gentios, será salvo, dizendo: *“Bendito o que vem em nome*

10 Outro argumento de nossos oponentes quanto ao sentido de “todo Israel” (Romanos 11:26) é que se refere ao resíduo de eleitos entre os judeus e não à nação inteira; mas os vs. 16 e 25 fazem isto muito insustentável a todos que põem a verdade acima de uma teoria. O primeiro verso argui que os eleitos restantes no tempo de Paulo foram as “primícias” e tanto quanto estas primícias foram santas, “a massa (a nação em perspectiva) também o é”. Então, como previamente assinalamos. O último verso nos informa que a cegueira da nação não é somente parcial,



do Senhor” (Mateus 23:39), cujo evento estava manifestamente na mente de Paulo quando ao falar do véu que ainda está sobre o coração de Israel disse: “*Mas, quando se converterem (a nação) ao Senhor, então o véu se tirará*” (2 Coríntios 3:16). Em harmonia com isto, Cristo ensinou que Jerusalém, após sua devastação por Tito, em 70 A. D., seria “*pisada pelos Gentios*” não sempre, mas somente “*até que os tempos dos Gentios se completem*” (Lucas 21:24). Temos então a muito disputada passagem de Apocalipse 20:1-7, a respeito da qual veremos mais depois. Estas referências bastam para mostrar o significado da profecia.

Entretanto, seja verdade que o Novo Testamento diz muito menos do que o Antigo Testamento acerca do futuro de Israel como nação, *isto é porque sua aplicação primária é ao tempo dos Gentios*. Isto é igual ao fato que o Antigo Testamento tem comparativamente pouco a dizer de bom sobre os Gentios.

Por outro lado, pode-se observar que as passagens sobre as quais nossos opositores se afirmam são comparativamente poucas e inconclusivas. Eles não encontram qualquer referência a Cristo sentar-se agora no trono de Davi. Não podem apontar qualquer declaração de Cristo ou de quaisquer apóstolos de que as referências proféticas ao ajuntamento de Israel se referem aos eleitos e seu ajuntamento dentre todas as nações; que as referências do Antigo Testamento a Jerusalém e as bênçãos que viriam sobre ela tinham sido cumpridas nesta época ou que elas se referem à “nova Jerusalém”; que os crentes estão agora reinando com Cristo na terra ou no céu. Assim a discussão se reduz a duas perguntas: (1) *As referências do Novo Testamento apoiadas por nós são mais forte e mais conclusivas do que aquelas que nossos opositores se afirmam?* (2) *A profecia do Antigo Testamento submeter-se-á aos métodos de eliminação empregados pelos nossos opositores?* Cada estudante deve decidir estas perguntas por si mesmo.

## V - O REINO FUTURO E A INTERPRETAÇÃO DE APOCALIPSE 20:1-7

Estamos prontos agora para inquirir da interpretação correta deste disputado capítulo. É totalmente apropriado interpretar à luz do resto da Bíblia, particularmente o Novo Testamento. Quando assim interpretado, devemos concluir que Satanás está agora preso ou tinha estado preso em qualquer tempo desta época, como contendem alguns de nossos opositores? Existem quaisquer outras referências que

---

mas também temporária, existindo só “até que a plenitude dos gentios haja entrado”.

sugiram ou aprovem esta conclusão? Certamente que não cremos assim. A vitória de Cristo sobre o Diabo na Cruz, na medida em que ela afetou o mundo em geral, foi potencial, não atual. Mateus 12:29 e Lucas 11:22 têm referência a casos individuais e não ao aprisionamento geral de Satanás. O mesmo é verdade de Cristo dando autoridade aos apóstolos sobre demônios. Isto afetou sua obra apenas no caso daqueles com os quais os apóstolos tiveram contato. Isto deixou-o perfeitamente livre com outros. Nem 1 João 5:18; João 10:28; Tiago 4:7 têm qualquer referência à prisão geral de Satanás. Através de todo o Novo Testamento ele é visto, não acorrentado e no abismo sem fundo, mas *“arrebataando o que foi semeado no seu coração”* (Mateus 13:19); semeando o joio no campo (Mateus 13:39); cirandando os crentes (Lucas 22:31); prendendo os perdidos no seu poder (Atos 26:18) e cegando seus olhos (2 Coríntios 4:4); corrompendo as mentes *“da simplicidade que há em Cristo”* e transformando-se a si mesmo *“em um anjo de luz”* (2 Coríntios 11:3); como *“o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”* (Efésios 2:2); impedindo crentes (1 Tessalonicenses 2:18); andando em redor como um leão rugindo *“buscando a quem possa tragar”* (1 Pedro 5:8). Passagens tais como Romanos 16:20 e Apocalipse 12:12 (se Apocalipse 12 for interpretado como sendo cumprido pelo nascimento de Cristo) devem ser interpretadas na luz de 1 Coríntios 7:29 onde o uso da palavra “abrevia” permite o lapso de mais do que dezenove séculos.

Parece provável que o aprisionamento de Satanás quer dizer nada mais do que *ele não deveria impedir a pregação do Evangelho a todas as nações?* Será que a linguagem de Apocalipse 20:2,3 é forte demais para ser adaptada a um significado tão fraco? A queda do império Romano pagão satisfaz ao fato que Satanás, na visão, foi lançado “no abismo sem fundo”, onde ele foi trancado com um selo? Isto soa como uma mera limitação de sua atividade ou soa como restrição completa? O paganismo era o único método de engano usado pelo Diabo? O chamado Santo Império Romano tornou-se tão grande inimigo do verdadeiro Cristianismo como o paganismo jamais tinha sido? Ele não absorveu muito do paganismo e trouxe consigo dentro das limitações do Cristianismo, corrompendo assim a verdade? Isto não foi um engano pior que antes? E este engano não tem crescido a grandes proporções, envolvendo povos de todas as nações? À luz de Apocalipse 3:21, o qual mostra que Cristo não está agora no Seu trono, e Mateus 19:28 e 25:31, os quais nos dão a primeira vez cronológica quando é dito que Ele senta em Seu trono, isto é, na Sua vinda, podemos considerar os santos como reinando com Ele agora ou no céu ou na terra? À luz do uso de

“almas” em Atos 2:41; 27:37; 1 Pedro 3:20, pode alguém insistir que as palavras: “*Vi as almas daqueles que foram degolados*”, etc., provam que estes mesmos eram para reinar no estado desencarnado? Não é evidente que a “besta” de Apocalipse é uma e o mesmo “homem do pecado” de Paulo? (2 Tessalonicenses 2:4)? Assim sendo, então, já que o homem do pecado deve ser destruído “*com o resplendor de Sua (de Cristo) vinda*”, não é manifesto que Apocalipse 19:11-16 retrata a vinda de Cristo, como o evento aqui descrito resulta na destruição da besta (Apocalipse 19:20)? Se isto é verdade, então, já que a ressurreição dos justos ocorrerá em conexão com o a vinda de Cristo (1 Coríntios 15:23; 1 Tessalonicenses 4:16), não é provável que a “primeira ressurreição” referida em Apocalipse 20 é a ressurreição atual dos justos, mais do que uma ressurreição espiritual ou metafórica? Não parece confuso e ilógico considerar a “primeira ressurreição” simbolizando o *avivamento de coisas pelas quais os mártires resistiram* e conseqüentemente a correspondente “segunda ressurreição” simbolizando o avivamento e triunfo das coisas pelas quais os ímpios resistiram, quando nos vs. 12-14 uma atual ressurreição é retratada? Noutras palavras não é uma pobre exegese postular uma ressurreição nos vs. 7-10, onde não existe menção de um ressurgimento dentre os mortos, quando a exigida “segunda ressurreição” está dada nos vs. 12-14, nos quais temos um atual ressurgimento dentre os mortos? Não está contorcendo o emprego ordinário da linguagem para insistir com tal exatidão para exigir que as palavras: “*Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram*” significam que a “segunda ressurreição” deveria vir exatamente ao expirar os mil anos e não podia ocorrer no fim do seguinte “pouco de tempo”? O vs. 6 não indica que a “primeira ressurreição” é uma ressurreição corporal por implicar que quem não participar dela virá sob o poder da segunda morte? A “primeira ressurreição” pode ser considerada como representação de *um avivamento da piedade e dos princípios dos mártires* quando o v. 4 não diz que apenas os mártires sentaram-se sobre tronos? João viu os tronos ocupados, e ele viu os mártires, mas o versículo certamente não prova que somente os mártires estavam nos tronos.

Assim como respondemos estas perguntas para nós mesmos concluímos que a passagem em discussão se refere ao mesmo reino que temos considerado; esse reino que principiará quando Cristo vier e ascender ao Seu trono. Em nossa mente, a evidência para esta visão é conclusiva.

## VI - O REINO FUTURO E CERTAS OBJEÇÕES GERAIS

Assim como prosseguimos com a nossa discussão temos procurado responder a tantas objeções específicas de nossos opositores quantas pudermos tratar de uma maneira organizada. Agora tornaremos a algumas objeções mais gerais às coisas estabelecidas neste capítulo.

### 1. É NOS DITO QUE O NOVO TESTAMENTO CARACTERIZA OS DIAS DESTE EVANGELHO COMO DA “ÚLTIMA” ERA, E NÃO PODE HAVER, PORTANTO, NENHUM PERÍODO DE TEMPO ALÉM DO FIM DA PRESENTE ÉPOCA. AS PASSAGENS CITADAS NESTA CONEXÃO SÃO AS SEGUINTE: HEBREUS 1:1,2; 9:26; 1 CORÍNTIOS 10:11; 1 JOÃO 2:18; 1 PEDRO 1:20.

A resposta aqui é simples. Estas passagens falando “*nestes últimos dias*”, “*consumação dos séculos*”, “*os fins dos séculos.*”, “*a última hora*” e “*nestes últimos tempos*”, devem ser entendidas à luz das seguintes passagens: Mateus 12:32; Lucas 18:30; Efésios 1:21; 2:7; Hebreus 6:5, as quais falam “*nem neste século nem no futuro.*”, “*na idade vindoura*”, “*nos séculos vindouros*” e “*do século futuro.*”. À luz destas últimas passagens, as primeiras não podem significar mais do que nós *estamos agora vivendo nos últimos dias, séculos e tempos da presente ordem de coisas*, enquanto as últimas passagens contam-nos de outros tempos ainda por vir. Aqueles que negam isto se colocam em oposição direta e inconfundível com a Palavra de Deus.

Nem nos cabe dizer arbitrariamente qual será a ordem divina de coisas para a época que vem a seguir imediatamente a esta. Devemos deixar a Palavra de Deus responder. Esta era terminará com juízo. Ver Mateus 13:40; 25:31-46. (Nossos opositores concordarão conosco até aqui). Isto será seguido pelos salvos na terra entrando no reino preparado para eles. Mateus 25:34. Está em conexão com este julgamento e este reino que temos a primeira menção de Cristo sentando-se em Seu trono. Então aprendemos mais da natureza deste reino por voltarmos para Mateus 19:28, onde encontramos que este reino será principiado por “*na regeneração*”, e *pelos doze apóstolos assentados em tronos julgando as tribos de Israel.* “A regeneração” inconfundivelmente aponta de volta aos “*novos céus e nova terra*” de Isaías 65:17-25. Será vista pela leitura destes versos que eles não descrevem o estado final dos justos, mas apenas a maneira que poderia esperar que acontecesse sob as prometidas bênçãos de Deus sobre Israel

e a prisão de Satanás. É uma maneira de existência onde a morte ainda prevalecerá, onde o pecado entrará, contudo ele não estará presente a princípio; onde casas serão edificadas, vinhas plantadas, e oração oferecida.

Estamos vivendo nos últimos dias da oportunidade do Evangelho para aqueles que agora vivem. Ninguém que morrer na incredulidade ou for encontrado em incredulidade quando Cristo vier para julgar o mundo entrará no Seu reino futuro, mas perecerá, Mateus 25:41. Daí, ninguém, vivendo agora terá uma oportunidade de ser salvo além desta vida ou época.

O julgamento de Mateus 25 é um julgamento de nações no sentido dos indivíduos que constituem estas nações. Ninguém além de indivíduos salvos entrará no milênio. Estas são as ovelhas deste julgamento. São crentes Gentios. Por outro lado, temos provado que “todo Israel”, a nação que testemunha a volta do Senhor (Isaías 4:3,4; Zacarias 12:10), será convertida como indivíduos. Daí somente Judeus salvos entrarão no milênio. Mas, se como cremos, estes Gentios e Judeus salvos entrarem no milênio nos seus corpos naturais, a raça continuará a reproduzir-se e as crianças que nascerem precisarão ser salvas. Certamente o Evangelho não terá perdido seu poder salvador para elas. Lembremo-nos de que o termo “era do Evangelho” para este atual período é de nossa própria cunhagem. O Novo Testamento não lhe deu esta designação. A designação Bíblica para esta era é “os tempos dos Gentios” (Lucas 24:21). Não temos fundamento, pois, para inferirmos que esta é a única era na qual o Evangelho será pregado. Nossos opositores presumem injustificadamente tanto aqui como além mais.

## **2. NOSSOS OPOSITORES ACHAM A MISTURA DE MORTAIS E IMORTAIS NO REINO DO MILÊNIO UMA INCONGRUÊNCIA INTOLERÁVEL.**

Não sabemos quanta mistura haverá entre os dois. Mas outra vez a resposta é muito simples, sim, sobremaneira simples, e muito breve. Os santos que reinarem com Cristo terão corpos como o de Cristo (1 João 3:2; 1 Coríntios 15:49; Filipenses 3:21): o corpo no qual Ele se ressurgiu do túmulo, no qual Ele ascendeu, e no qual Ele virá novamente (Atos 1:11). Enquanto aqui na terra naquele corpo Cristo misturou-se com os discípulos mortais, sendo visto por mais de quinhentos deles numa vez. 1 Coríntios 15:6. É aparente que Ele não achou incongruência nisto. Nem achariam nossos opositores se eles não estivessem afitos por argumento.

### 3. CONTENDE-SE QUE OS PROFETAS VIRAM O CUMPRIMENTO FINAL DE SUAS PROFECIAS NA RESSURREIÇÃO DE TODOS OS CRENTES MAIS DO QUE NO RETORNO E NA RESTAURAÇÃO NACIONAL DE ISRAEL.

A. Ezequiel 37 é dado como se ensinasse isto. Neste capítulo o ajuntamento e a restauração de Israel são comparados, não como uma ressurreição, mas como uma restauração. Ezequiel viu a carne e a pele vindas sobre ossos secos, e estes foram feitos viver. Nossos opositores enxergariam isto, se eles procurassem por fatos, em vez de porem sobre cada passagem tratada por eles a interpretação que lhes apraz. A visão foi dada porque os Israelitas no cativeiro estavam dizendo: *“Nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós mesmos estamos cortados”* (vs. 11). Portanto, os “sepulcros”, mencionados no versículo seguinte, dos qual Deus prometeu trazer Seu povo, não são os buracos no chão, mas as nações que os tragaram. Lamentações 2:16; Ezequiel 36:3; Oséias 8:8.

A parábola das duas varas que segue essa dos ossos secos no vale mostra o significado da primeira. Ezequiel foi ordenado a segurar as duas varas unidas como uma só diante os olhos povo, e dizer: *“Eis que eu tomarei os filhos de Israel dentre os gentios, para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei à sua terra”*, vs. 20,21. Então os versos que seguem mostram que isto apontava aos tempos Messiânicos para ser o seu cumprimento consumado, um tempo quando *“Meu servo Davi será rei sobre eles,”* e quando *“eles habitarão na terra que dei a Jacó...”* (vs. 24,25). Não há nada aqui que indique, mesmo remotamente, a ressurreição de crentes.

B. Outra passagem usada por nossos opositores nesta conexão é Isaías 25:2-9. Esta passagem faz alusão à ressurreição, mas ela não pode ser tomada como se as profecias concernentes à restauração de Israel fossem para ser cumpridas através da ressurreição, pois *“naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus; a quem aguardávamos, e ele nos salvará, este é o SENHOR a quem aguardávamos, na sua salvação gozaremos e nos alegraremos.”* (vs. 9). Estas são as palavras do Israel restaurado, e elas são as palavras, não de um povo ressurreto, mas de um povo convertido. Verso 8 menciona a ressurreição de crentes ocorrendo junto com a restauração de Israel, mas não como o meio dela.

C. Daniel 12:1-3,13, também é citado em defesa desta posição. Mas nenhum ensino semelhante é achado ali. O vs. 1 fala de um fato, o livramento dos Judeus, a

nação viva, enquanto os vs. 2, 3 e 13 falam de outro, a ressurreição de crentes. De novo ambos estão associados, mas o último não é o meio do primeiro.

D. Em Oséias 13:14 a restauração de Israel é expressa como uma ressurreição, mas é tão fácil entender isto como sendo uma representação figurativa da restauração de uma nação viva como é entender passagens que descrevem semelhante restauração como sendo representação figurativa de uma ressurreição. Cremos que a Bíblia exige a primeira. O fato de Paulo, em 1 Coríntios 15:55 citar Oséias 13:14, nada prova quanto à aplicação desta passagem a Israel. Sua linguagem alude a uma ressurreição, e pode portanto ser aplicada a uma ressurreição. Mas a aplicação do verso a Israel deve ser governada pela preponderância do testemunho escriturístico.

E. Atos 26:6-8 é usado num esforço para provar que a ressurreição de crentes é a esperança de Israel, mas a passagem não diz coisa alguma. A esperança era, como Hackett assinala, “*Da promessa*” – isto é, de um Messias – *feita para nossos pais*”. A ressurreição mencionada é aquela de Cristo, como mostrado em Atos 13:32,33, e não a de crentes, como nossos opositores queriam que pensássemos; *“porque a ressurreição, considerada como envolvendo a ascensão e exaltação, foi essencialmente o último ato do cumprimento da promessa relacionada com o Messias.”* (Hackett).

F. Algo relacionado com as passagens preditas, nossos oponentes também usam Atos 3:24; 1 Pedro 1:10-12.

Atos 3:24 diz que *“todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também predisseram estes dias.”* Sim, todos os profetas tinham predito *“destes dias,”* mas a passagem não diz, como nossos oponentes assumiram arbitrariamente, que TUDO QUE OS PROFETAS ESCREVERAM TEM SUA APLICAÇÃO A ESTES DIAS. Eles falaram do primeiro advento de Cristo e do Seu ministério terrestre, mas também falaram do SEU SEGUNDO ADVENTO E DAS COISAS QUE VÃO SEGUIR. Vs. 21, por exemplo, fala *“dos tempos de restituição (ou restauração) de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas, desde o princípio”*. Isto aponta além do segundo advento e alude a *“um estado de ordem primitiva, pureza, e felicidade, tal como existirá para aqueles que têm parte no reino de Cristo em Sua segunda vinda”* (H. B. Hackett, em *An American Commentary on the New Testament*, Um Comentário Americano sobre o Novo Testamento). A palavra para *“restauração”* foi

“usada pelos discípulos a Jesus em Atos 1:6” (“Restaurarás tu neste tempo outra vez o reino a Israel?”) e por Josefo “do retorno do cativo” (Robertson).

Nem 1 Pedro 1:10-11 ensina que tudo que os profetas escreveram pertence a crentes da presente época. Pedro diz que aos profetas foi revelado “*não para si mesmos, mas para nós eles ministravam estas coisas*” – Que coisas? As palavras restantes do verso dão a significativa resposta – as coisas “*que agora vos foram anunciadas por aqueles que, ... vos pregaram o evangelho...*” Isto não quer dizer que os profetas nada escreveram que pertença a uma época futura.

#### 4. NOSSOS OPOSITORES TAMBÉM USAM LUCAS 17:20 E 21; JOÃO 18:26 E 37 E LUCAS 20:35 E 36 CONTRA NOSSA IDEIA DO MILÊNIO

A. Em Lucas 17:20 e 21 o Mestre contou aos fariseus que “*o reino de Deus não vem com aparência exterior... o reino de Deus está dentro de vós*”. O tempo presente aqui mostra que Cristo falou da forma presente do reino. Mas nós temos mostrado que o reino deve ter uma forma futura; e nossos opositores, independente de quanto eles diferem de nós a respeito da forma futura do reino, devem admitir que virá com observação. Ele virá, como temos mostrado, quando Jesus vier outra vez, e Sua vinda deve ser visível. Seu primeiro ato como rei em Seu próprio trono será julgar as nações. Este julgamento será visível. Como um resultado deste julgamento as ovelhas entrarão no reino, ou formarão o reino, a ser estabelecido. Tudo isso será visível.

B. Em João 18:36 Jesus disse: “*O meu reino não é deste mundo.*” Mas Ele certamente não quis dizer que o Seu reino não está *neste mundo*, pois ainda há pouco notamos uma Escritura que diz que o reino está agora no meio dos homens. Ele quis dizer que o Seu reino não era do material que os reinos mundanos são feitos; que não era permeado pelo mesmo espírito, não mundano em natureza. Isto será tão verdadeiro na futura forma do reino como o é desta presente forma.

C. A declaração de nosso Senhor em Lucas 20:36 e 37, note-se, não diz simplesmente: “Mas os que forem... alcançar o mundo vindouro, nem hão de casar, nem serão dados em casamento.” Antes diz: “Mas os que... alcançarem o mundo vindouro, E A RESSURREIÇÃO DENTRE OS MORTOS”, etc. A declaração se aplica apenas aos que participam da primeira ressurreição. A pergunta nos versos precedentes,



bem como o verso em foco, mostra que isto é verdade.

## 5. NOSSOS OPOSITORES TÊM MUITO A DIZER SOBRE O LIVRO DO APOCALIPSE SER UM “LIVRO DE SÍMBOLOS”

É assim que eles buscariam espantar-nos da verdade, e fazer-nos aceitar o seu sistema de interpretação arbitrária. Acreditamos que existe muito de figurativo no livro, mas nunca admitiremos, como eles não admitem, que tudo do livro é figurativo. Nem concordaremos em segui-los enquanto eles o espiritualizam à vontade para que concorde com a sua teoria preconcebida.

Reconhecemos que o cavaleiro do cavalo branco em Apocalipse 19 é um símbolo, um símbolo de Cristo. E quando lemos neste capítulo, que Ele “*julga e peleja com justiça*”, abatendo as nações e regendo-as com vara de ferro, tomando a besta e o falso profeta e lançando-os num lago de fogo, a honestidade comum não nos consentirá dizer que tudo isso alude à queda do império Romano pagão, A. D. 476. Vemos aqui o glorioso segundo advento de Cristo, pois outras passagens nos contam que quando Ele vier virá para julgar (Mateus 25:31) e fazer guerra (Zacarias 14:3-5). Vemos nos versículos 19-21 a mesma coisa que está descrita em Apocalipse 16:14-16, bem como parcialmente em 2 Tessalonicenses 2:8, e isto é para ocorrer em conexão com “*aquele grande dia do Deus Todo Poderoso*”, o qual é manifestamente o dia de juízo para este mundo. Além disso quando lemos da besta e do falso profeta que “*ambos foram lançados vivos no lago de fogo ardendo com enxofre*”, cremos que significa a mesma coisa que declarações similares significam, isto é, que foram lançados no Inferno. Isto se confirma em Apocalipse 20:10, que se refere à presença deles lá no tempo do julgamento do grande trono branco. Assim outra vez encontramos uma ligação entre Apocalipse 19 e Mateus 25:31-46.

Então quando chegamos ao capítulo vinte de Apocalipse reconhecemos mais alguns símbolos. Não cremos que Satanás deve ser preso com uma corrente física ou que será trancado num abismo físico. Uma corrente e um abismo não podem prender um ser espiritual. Mas reconhecemos que isto quer dizer que Deus pelo Seu poder suspenderá temporariamente a obra do Diabo. Nossos opositores não só querem espiritualizar os versículos conforme as suas próprias vontades, mas também querem diminuir os significados de alguns dos seus símbolos. Recusamo-nos a menosprezar a Palavra de Deus dizendo que isto significa meramente que o Diabo não poderia

daqui em diante tirar os crentes da mão de Deus, ou meramente não poderia impedir a pregação do Evangelho a todas as nações por causa da destruição do poder político pagão.

Além disso quando lemos dos tronos ocupados e reinando com Cristo vemos aqui todos os crentes reinando, porque outras passagens nos contam que eles irão reinar com Cristo. Ver Apocalipse 2:26; 3:21 à luz de 1 João 5:4. Quando encontramos este reinar consistentemente posto no futuro (Apocalipse 2:26; 3:21; Mateus 19:28; 1 Coríntios 6:2 e 3), somos confirmados na colocação deste capítulo onde ele justamente pertence de acordo com os eventos do capítulo dezenove. Finalmente, observando que o reino dos santos deve ser na terra (Apocalipse 5:9,10), concluímos que todo este assunto alude a um reino terreno, o que está confirmado por Zacarias 14:9; Isaias 2:4.



CAPÍTULO 40

# A SEGUNDA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda de Cristo tem sido esperada como o “acontecimento do século”, a estrela d’alva do povo de Deus desde que a promessa de Sua vinda lhes foi comunicada. Ela os tem animado, fortalecido e encorajado nas horas mais escuras. Cristo e os apóstolos implantaram nos corações dos primeiros crentes o fato da vinda de Cristo e sua iminência como um motivo de vida piedosa e serviço fiel.

Não devemos permitir que nem as perversões de fanáticos, nem as negações dos críticos, nem a controvérsia sobre os detalhes da segunda vinda de Cristo nos afaste de um estudo cuidadoso da revelação de Deus a respeito dela, nem de uma adequada apreciação dela.

## I - O FATO DA VINDA DE CRISTO

A segunda vinda de Cristo está:

### 1. PREDITA PELOS PROFETAS

Isaías 11:1-11; Zacarias. 14:3-5; Judas 14. Muitas profecias do Antigo Testamento, como é o caso de Isaías 11:1-11, referem-se tanto a primeira como à segunda vinda à terra.

### 2. MENCIONADA POR JOÃO, O BATISTA

Lucas 3:3-6. A linguagem desta passagem não é inteiramente aplicável ao primeiro advento de Cristo. Como muitas profecias, tem uma dupla aplicação. Vide Malaquias 3:1 para uma profecia igual.

### 3. PROMETIDA POR CRISTO MESMO

João 14:2,3.

### 4. DECLARADA PELOS ANJOS

Atos 1:11.

### 5. ENSINADA PELOS APÓSTOLOS

- 1) Mateus. Mateus 24:37, 42, 44.
- 2) Marcos. Marcos 13:26.
- 3) Lucas. Lucas 21:27.
- 4) João. I João 3:1-3.
- 5) Tiago. Tiago 5.7.
- 6) Pedro. I Pedro 1:7, 13.
- 7) Paulo. I Tessalonicenses 4:15-17.
- 8) O Escritor aos Hebreus 9:28.

9) Judas. Judas 14.

## II - A NATUREZA DA VINDA DE CRISTO

Havendo determinado o fato da vinda de Cristo, é importante conhecer sua natureza; pois, sem um conhecimento da natureza de Sua vinda, um conhecimento do fato dela é praticamente inútil. É necessário, ao estudar a vinda de Cristo, considerá-la primeiro de um foco negativo e depois com um foco positivo.

### 1. CONSIDERADA COM UM FOCO NEGATIVO

A vinda de Cristo não é para ser:

#### 1) Sucessiva, como na Morte

A ideia que a morte de alguém é para o tal a segunda vinda de Cristo, é a mais completa insensatez à luz da Palavra de Deus. Não existe essa morte acompanhante que responde àquilo que a Bíblia revela como acompanhando a segunda vinda de Cristo.

#### 2) Contínua, como na Propagação do Cristianismo

O modernismo tem-na como se Cristo jamais voltasse corporalmente à terra, mas Ele está “vindo tão depressa quanto Ele pode a este mundo”, pela propagação do cristianismo. Os modernistas sustentam que Jesus pintou Sua volta em termos dos conceitos do povo, mas que Ele não intencionava que Suas palavras fossem entendidas literalmente. É claro, tal noção como esta pode ser sustentada apenas por aqueles que negam a inspiração da Bíblia. Por essa razão, nós, que cremos na inspiração da Bíblia, não precisamos notá-la seriamente.

#### 3) Espiritual, como na:

Vinda do Espírito Santo no Pentecostes

A vinda do Espírito Santo no Pentecostes não foi em sentido algum a vinda de Cristo. Cristo disse que Ele *enviaria* o Espírito.

### A destruição de Jerusalém

Na destruição de Jerusalém, 70 AD, tivemos um cumprimento típico do que está dito na Bíblia sobre a segunda vinda de Cristo, visto como Sua vinda acompanhar-se-á por um outro cerco de Jerusalém. Vide Apocalipse 16:12-21; 19:17-21; Zacarias 13:8 a 14:3. A destruição de Jerusalém foi um tipo deste último cerco. Então, na destruição de Jerusalém, tivemos um cumprimento espiritual da promessa da vinda de Cristo, no sentido que esta destruição desferiu o golpe mortal no Judaísmo, e marcou a vinda do reino de Deus com poder. Até à destruição de Jerusalém o Cristianismo pareceu a muitos como uma mera crença somada ao judaísmo. Com a destruição de Jerusalém o Cristianismo mostrou o que era.

Creemos que à luz destes fatos é que devemos entender Jesus quando Ele disse: “*Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.*” (Mateus 16:28). Vide também Marcos 9:1 e Lucas 9:27. O mesmo é verdade, cremos das seguintes palavras também: “*Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam*” (Mateus 24:34). Vide também Marcos 13:30 e Lucas 21:32.

Mas, na destruição de Jerusalém, não houve uma vinda atual de Cristo. E o fato que, após a destruição de Jerusalém temos referências adicionais à Sua vinda como futura faz isto indisputável.

## 2. CONSIDERADA COM UM FOCO POSITIVO

A vinda de Cristo será:

### Corporal

Atos 1:11. Sua ascensão foi corporal e o anjo prometeu que Sua volta deveria da mesma maneira. Outras passagens que mostram que a vinda de Cristo será corporal: Zacarias 14:4,5; Mateus 25:31; João 14:3; Filipenses 3:20; 2 Tessalonicenses 1:7-10; 2 Timóteo 4:1; Tito 2:13; Hebreus 9:28; Apocalipse 19:11-21.

**Visível**

Mateus 24:27. Todas as passagens anteriores implicam a visibilidade de Sua vinda; mas a passagem agora dada sob esta última seção mostra que Sua vinda (em uma de suas fases) será surpreendentemente visível ao mundo inteiro.

**Como um ladrão**

1 Tessalonicenses 5:1-4. Esta passagem descreve Sua vinda como ela será para os ímpios, porém especifica que não é para ser da mesma forma aos justos.

**Em glória e esplendor indescritíveis**

Mateus 16:27; 24:29,30; Marcos 8:38; Tito 2:13; Apocalipse 19:11-16.

**Em duas fases**

A vinda de Cristo consistirá de duas fases. Notemo-las:

**A primeira fase**

Esta fase será:

(a) No ar. 1 Tessalonicenses 4:15-17. Não há indicativo algum aqui de que Ele venha sobre a terra nesse tempo.

(b) *Para* Seu povo. João 14:3.

(c) Como um noivo. Mateus 25:1-10. O casamento e a ceia (Apocalipse 19:9) são típicos das bênçãos consumadas da salvação. Gente salva constitui a noiva (Apocalipse 21:2-27).

**A segunda fase**

Esta fase será:

(a) Para a terra. Zacarias 14:4; Mateus 25:31.

(b) *Com* Seu povo. Zacarias 14:5; Judas 14; Apocalipse 19:14.

(c) Como um destruidor. 2 Tessalonicenses 1:7-9; 2:8.

(d) Como um juiz. Mateus 21:31-46.

(e) Como um rei para conquistar e reinar. Zacarias 14:9; Apocalipse 19:11-16; 20:1-5.

### III - O TEMPO DA VINDA DE CRISTO

Não nos referimos aqui à data de Sua vinda. O negócio de datar é a obra de charlatões religiosos. Temos referência somente em relação de Sua vinda com o tempo.

O tempo da vinda de Cristo está representado na Escritura como:

#### 1. DESCONHECIDO DE TODOS, EXCETO O PAI

Marcos 13:32; Mateus 25:13. Agora o Filho, mais uma vez igual com o Pai, pode saber a hora; mas em Sua carne, quando Ele considerou igualdade absoluta com Deus não como coisa a ser usurpada (Filipenses 2:6), Ele não sabia.

#### 2. INCERTO AOS HOMENS

Mateus 25:13. Nenhum sinal têm sido dado que seja explícito o suficiente para que qualquer homem se assegure de que Jesus virá em qualquer tempo particular.

#### 3. IMINENTE

Pela vinda de Cristo ser iminente queremos dizer que ela está *“ameaçando de ocorrer a qualquer momento”*. Os salvos devem sempre estar vigilantes e esperando por ela (Mateus 25:13; Tito 2:13). Ela está representada na Escritura como sendo o próximo evento dispensacional. Discutiremos mais acerca disto noutro capítulo.

#### 4. QUANDO NÃO ESPERADO

Mateus 24:44,50; Lucas 12:40,46.

#### 5. UM TEMPO DE FRIEZA ESPIRITUAL, SENSUALIDADE E IMPIEDADE

Lucas 18:8; 17:26-30; Mateus 24:12; 2 Timóteo 3:1-5. Quando Cristo vier, Ele não achará um mundo convertido onde a justiça governa.



## IV - O PROPÓSITO DA VINDA DE CRISTO

O propósito da vinda de Cristo se dará em duas maneiras porque terá a ver com duas classes de pessoas. Notemos como este propósito afeta:

### 1. OS JUSTOS

Desde que a vinda de Cristo afeta os justos, é com o propósito de:

#### 1) **Levantar os mortos**

1 Tessalonicenses 4:16. Não há qualquer indício que seja que esta ressurreição não incluirá todos os mortos em Cristo. Não temos paciência com a noção que somente os mais fiéis compartilharão desta ressurreição. Toda passagem que fala dela implica uma ressurreição total dos justos falecidos. Vide 1 Coríntios 15:23; Apocalipse 20:5,6. As palavras de Paulo em Filipenses 3:11 são similares a de outros enunciados seus, e expressam sua preocupação em provar que ele estava verdadeiramente em Cristo. Vide 2 Pedro 1:10.

#### 2) **A transladação dos vivos**

1 Coríntios 15:51,52; 1 Tessalonicenses 4:17. Cremos também que isto incluirá todos os crentes na terra no ato do aparecimento de Cristo no ar. Não temos paciência com a teoria do “arrebato parcial”. Aqueles que crêem em tal teoria são aptos a responder que nós que não cremos num arrebato parcial e numa ressurreição parcial dos salvos destroem o fundamento dos cristãos terem responsabilidade pelos atos deles diante de Cristo. Não destruímos o fundamento escriturístico disto; porém, seja como for, estamos mais preocupados em saber o que Deus tem revelado do que em fazer nossas próprias teorias e explorá-las. E aqueles que ensinam um arrebato parcial e uma ressurreição parcial de crentes, rebaixam o padrão da vida Cristã muito além do nível escriturístico. A Palavra de Deus ensina que todas as pessoas regeneradas vencem (1 João 4:5), e as bênçãos mais preciosas se prometem a todos os vencedores.

Cremos que os corpos glorificados dos santos serão como o corpo res-

surreto de nosso Senhor (Filipenses 3:21; 1 João 3:2). Evidentemente Jesus ascendeu num corpo visível e os anjos disseram que Ele voltará assim como Ele foi. E, quando Ele voltar, nós vamos ser como Ele é. O corpo glorificado, então, será um corpo visível aos olhos físicos, tanto como Cristo estava visível após Sua ressurreição. Mas esse corpo será sem pecado e corrupção.

### **3) O arrebatamento de todos os crentes**

1 Tessalonicenses 4:17. Os vivos trasladados e os mortos ressuscitados serão todos arrebatados a encontrarem o Senhor no ar.

### **4) O julgamento das obras dos crentes**

1 Coríntios 3:12-15; 2 Coríntios 5:10; 2 Timóteo 4:8. Os pecados dos crentes já foram julgados em Cristo. João 5:24; Romanos 8:1,33

Logo, nenhuma menção dos pecados do crente deverá ser feita no julgamento. Não são mais imputados a ele (Romanos 4:8), e não são mais lembrados (Hebreus 8:12). A ideia de alguns que os crentes serão arguidos no julgamento, a contar porque fizeram isto ou não fizeram aquilo, desonra a morte de Cristo e nega a Palavra de Deus. Daremos conta a Deus, mas isto será feito em nossos próprios corações, sem qualquer acusação ou palavra de censura da parte de Cristo. Não há nada de penal sobre o julgamento para o cristão. 2 Coríntios 5:10 não significa mais do que receberemos recompensa por nossa fidelidade e sofrer detrimento por nossa deslealdade. Graça e penalidade são mutuamente exclusivas.

### **5) O casamento de Cristo com a Igreja**

Mateus 25:1-10; Apocalipse 19:7-9. No presente, a igreja está somente esposada com Cristo como uma virgem casta (2 Coríntios 11:2). O casamento não terá lugar senão quando Cristo voltar.

## 2. OS ÍMPIOS

O modo como a vinda de Cristo afeta os ímpios tem o propósito de:

### 1) Destruir os vivos e lançá-los no inferno

Apocalipse 19:19-21; Zacarias 14:3-12; Jeremias 25:15-33; Isaías 24:17-21; 26:20,21; 34:1,2.

### 2) Julgá-los por causa da maneira como trataram Israel

Mateus 25:41-46; Joel 3:2. A atitude dos injustos para com Israel manifestará sua atitude para com Cristo por meio da sua própria incredulidade.

A salvação daqueles que estarão vivendo na terra quando Cristo Se revelar para reinar sobre a terra (a segunda fase de Sua vinda) terá sido manifestada pelo seu tratamento dos arautos judaicos da cruz durante o período da grande tribulação. Destas coisas veremos mais agora. Estes não serão salvos por tratarem bondosamente estes irmãos de Cristo, mas eles anunciarão assim sua atitude para com Cristo e daí sua salvação.

### 3) Levantar, finalmente, os mortos e lançá-los no lago de fogo

Apocalipse 20:12-15. Isto deve acontecer, não imediatamente depois da vinda de Cristo, mas no fim do pequeno intervalo de tempo durante o qual Satanás será solto depois do milênio.

Os ímpios terão um corpo ressurreto (Mateus 10:28), mas acerca de sua natureza temos pouco sobre que basear nossa opinião. Será capaz de sofrer, mas será indestrutível e não será justo como será o corpo dos salvos.





## CAPÍTULO 41

# AS DUAS FASES DA VIDA DE CRISTO

No capítulo anterior frisamos que a vinda de Cristo deve ser constituída de duas fases. Também frisamos brevemente alguns contrastes. Neste capítulo devemos discutir esta matéria mais amplamente.

Consideramos o fato das duas fases da vida de Cristo como a chave que é necessária para destrancar o sentido de muitas passagens da Escritura. Sem um reconhecimento deste fato as passagens que tratam deste grande evento são confusas.

### **I - AS DUAS FASES CONTRASTADAS**

1. A primeira fase será no ar (1 Tessalonicenses 4:15-17); a segunda será na terra (Zacarias 14:4).
2. A primeira fase de Sua vinda será para o Seu povo (Mateus 25:6-10; João

14:2); a segunda fase será com o Seu povo (Judas 14; Apocalipse 17:14).

3. A primeira fase será Sua vinda como um noivo (Mateus 25:6-10); a segunda fase será Sua vinda como um rei para julgar e reinar (Salmos 96:13; Zacarias 14:9; Mateus 25:31; Apocalipse 19:15; 20:4).

4. Na primeira fase os justos serão tirados dentre os ímpios (Mateus 25:6-10; 1 Tessalonicenses 4:15,17); na segunda fase os ímpios serão tirados dentre os justos (Mateus 13:40-42).

5. Na primeira fase os justos na terra encontrarão o Senhor no ar para entrarem no céu com Ele (1 Tessalonicenses 4:17; João 14:2); na segunda fase eles simplesmente entram no reino aqui na terra (Mateus 13:43; 25:34).

6. Na primeira fase os incrédulos são meramente deixados na terra (Mateus 25:10-12); na segunda fase eles são destruídos e lançados no fogo eterno (Mateus 25:41,46).

7. Em conexão com a primeira fase haverá uma ressurreição, a ressurreição dos justos (1 Tessalonicenses 4:15-17); em conexão com a segunda fase não haverá ressurreição específica (Mateus 25:31-46).

8. A primeira fase é sempre iminente (Marcos 13:35,36; Tiago 5:8; Apocalipse 22:12); a segunda fase é para ser precedida de certas e definidas coisas (Mateus 24:14-29; 2 Tessalonicenses 2:1-8).

## II - AS DUAS FASES SEPARADAS QUANTO AO TEMPO

Mesmo uma casual consideração dos contrastes antecedentes mostra que as duas fases da vinda de Cristo não podem ocorrer simultaneamente ou em conexão aproximada. Mas notem que dentre estas evidências específicas, um período de tempo intervirá entre elas:

1. Visto que nessa primeira fase os justos serão tirados dentre os ímpios e na segunda os ímpios serão tirados dentre os justos, é impossível que as duas fases ocorram em conexão aproximada. Todos os justos serão retirados na primeira fase; logo, deve haver tempo suficiente entre a primeira e a segunda fase para alguém ser salvo.

2. Visto que nessa primeira fase Cristo deve receber os Seus discípulos nas “muitas mansões” preparadas para eles no céu (João 14:2) e na segunda fase os justos na terra devem entrar no reino sobre a terra, é outra vez impossível que ambas as

fases ocorram em conexão aproximada. Aqueles que entram no reino na segunda fase devem ser salvos depois da primeira fase.

3. Visto que a primeira fase possa ocorrer em qualquer tempo (tanto quanto o homem sabe) e a segunda fase deva ser precedida de eventos específicos, elas não podem ocorrer em conexão aproximada. Uma é iminente, a outra não. Logo, uma deve estar separada da outra.

4. Deve haver tempo suficiente entre as duas fases para que o “Homem do Pecado” (2 Tessalonicenses 2:3) seja revelado e possa completar o seu propósito. Ele não pode ser revelado até que “o que o detém” seja tirado do caminho (2 Tessalonicenses 2:6,7). Aquele que o detém é o Espírito Santo habitando em toda a pessoa salva (1 Coríntios 6:19).

Que o Espírito Santo é aquele que o retém está provado pelo pronome pessoal que a Ele se aplica e também de duas maneiras pelo processo de eliminação. A outra única teoria digna de consideração, e que tem sido adiantada, é que o governo romano é aquele que resistia. Mas o governo romano foi tirado do caminho há uns quinze séculos atrás, e o “Homem do Pecado” ainda não foi revelado. Além do mais, o governo romano não podia impedir a revelação de semelhante ser, como ele é representado, mas antes contribuiria para sua revelação. A remoção do Espírito Santo do caminho realizar-se-á quando Cristo tirar o Seu povo da terra, que será na primeira fase de Sua vinda. Tempo suficiente deve transcorrer, portanto, entre a primeira e a segunda fase para este monstro cumprir o seu propósito, pois ele deve ser destruído na segunda fase (2 Tessalonicenses 2:8).

5. Também deve haver tempo suficiente entre as duas fases para todos os eventos registrados em Apocalipse 7 a 19. Esta seção da Escritura deveria incluir o capítulo seis também, sem dúvida, mas podemos estar certos de que ela deve começar com o capítulo sete. Pois no capítulo sete temos a selagem dos servos de Deus na terra, e só os judeus são selados. Isto mostra que a primeira fase da vinda de Cristo já teve lugar; pois, doutra maneira, certamente existiriam alguns gentios servos de Deus na terra. Os cento e quarenta e quatro mil judeus mencionados como sendo selados neste capítulo são evidentemente aqueles que serão salvos imediatamente depois do aparecimento de Cristo no ar. E então, para confirmar esta visão seguindo-se imediatamente o relato da selagem desses Judeus, temos a multidão inumerável no céu (Apocalipse 7:9). Estes, manifestamente, são aqueles que foram levantados da terra no aparecimento de Cristo no ar.

Então a segunda fase da vinda de Cristo não aparece até atingirmos o capítulo 19, e existe toda a evidência de uma ordem cronológica geral. Assim os eventos dos capítulos do meio devem ter lugar durante o ínterim entre as duas fases da vinda de Cristo.

Nossos opositores escarnecem da ideia de um período de tempo entre as duas fases da vinda de Cristo. Dizem que ensinamos que haverá duas vindas em vez de uma. Podem chamá-la do que quiserem. O Novo Testamento fala só de uma vinda, mas claramente revela que esta única vinda consistirá de duas fases, separadas por um período de tempo. Preferimos crer no que ele ensina, não considerando as perversões de nossos opositores.

### III - A PRIMEIRA FASE DA VINDA DE CRISTO É IMINENTE

Temos mostrado agora que a vinda de Cristo deve-se consistir de duas fases, e que estas fases devem ser separadas por um período de tempo. Aqui nos encarregamos de provar que a primeira fase de Sua vinda é iminente. Notem que não estamos tentando provar que a vinda de Cristo para o julgamento e para reinar é iminente. Tanto quanto sabemos, todas as profecias não cumpridas referentes a esta época (e existem muitas), sem violência a elas ou a quaisquer outras Escrituras, podem ser cumpridas no ínterim entre as duas fases da vinda de Cristo. Elas devem ser cumpridas antes da segunda fase da vinda de Cristo, mas não sabemos de nenhuma profecia que deva cumprir-se antes de Cristo vir para Sua noiva.

O dicionário Houaiss define a palavra “*iminente*” como significando “*que ameaça se concretizar, que está a ponto de acontecer; próximo, imediato*”. Sustentamos que este é exatamente o modo que Deus tem ensinado em Sua Palavra, que os crentes deveriam considerar a vinda de seu Senhor para recebê-los para Si mesmo. A Escritura ensina que este evento está sempre “à mão” e que os crentes, portanto, deveriam estar sempre na atitude de expectativa vigilância. Notem as seguintes passagens:

**Marcos 13:35,36 – “Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo.”**

Thayer diz que o sentido de ‘vigiar’, nesta e passagens parecidas, é “*prestar aten-*



ção, sob a pena de, por negligência e indolência, alguma calamidade destrutiva venha assaltar alguém.” Pode haver qualquer razão consciente para vigiar acerca de um evento, a menos que, tanto quanto sabemos, aconteça agora?

**Tiago 5:8 – “Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima”.**

A palavra Grega para “*está próxima*” está no tempo mais que perfeito e quer dizer, segundo Thayer, “*chegou perto, está à mão*”. Uma forma parecida da mesma palavra é dita por Thayer para ser usada “*concernente a coisas iminentes e prestes a acontecer*”. O verbo na passagem acima (#1448, Strong’s) é usado nove vezes na Almeida Corregida Fiel (ACF) e é traduzido várias maneiras<sup>1</sup>.

**Apocalipse 22:12 – “E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra”.**

A palavra na passagem para “cedo” não significa repentinamente, como alguns a teriam, mas quer dizer “*presto, expeditamente, sem demora*” (Thayer). Boas amostras do seu uso podem ser encontradas em Mateus 5:25; 28:7,8; Marcos 16:8; João 11:29. Na passagem citada, a vinda de Cristo está dita como Deus a vê: mil anos são como um dia para Deus (1 Pedro 3:8). E está assim representada, uma vez que o tempo dela pode ser incerto aos crentes. Tanto quanto eles sabem, ela pode ocorrer a qualquer momento; logo, para eles é sempre *iminente*.

Muitas passagens mostram o valor prático de se acreditar na vinda iminente de Cristo. Proeminente entre elas é Tiago 5:8, já citada acima. Esta passagem mostra que acreditar na vinda iminente de Cristo é um incentivo à paciência e fortaleza no meio de sofrimento e aflições.

---

<sup>1</sup> As várias maneiras: “É chegado” - Mateus 3:2; 4:17; 10:7; 26:45-46 e Romanos 13:12. “Está próximo” - Marcos 1:15 e I Pedro 4:7. “Está perto” - Marcos 14:42.





## CAPÍTULO 42

# O PERÍODO DA GRANDE TRIBULAÇÃO

Nós temos visto que a segunda vinda de Cristo consiste de duas fases, e que estas duas fases devem ser separadas por um período de tempo. O autor tem apresentado sua crença em que este período de tempo será o tempo da futura grande tribulação. Suas razões para esta crença aparecerão no curso deste capítulo. Deveremos estudar este período sob as seguintes epígrafes:

### I - AS ESCRITURAS QUE DESCREVEM ESTE PERÍODO

A primeira Escritura que desejamos observar é Mateus 24:21,22, e lê-se como segue: *“Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles*

*dias*". Que estas palavras não podem ser totalmente referidas aos sofrimentos dos Judeus no tempo do cerco e destruição de Jerusalém por Tito, 70 AD, está mostrado nos versos 29 a 31. Estes versos nos contam que imediatamente após a tribulação daqueles dias Cristo virá em poder e grande glória. Isto claramente se refere à segunda fase da vinda de Cristo. Nada do que se trata ou resultou da destruição de Jerusalém pode satisfazer completamente a estes versos. Verdade é que, de acordo com o verso 34, a destruição de Jerusalém causou um cumprimento espiritual ou típico de tudo que está predito nesta parte do discurso.

A destruição de Jerusalém brandiu o golpe mortal no Judaísmo, e marcou a vinda do reino de Deus com poder, como Jesus predissera (Marcos 9:1; Mateus 16:28; Lucas 9:27). Isto foi um cumprimento espiritual de tudo quanto Cristo disse sobre Sua vinda neste capítulo. E o cerco de Jerusalém (70 AD) trouxe um cumprimento típico de tudo quanto Ele disse sobre Jerusalém neste capítulo. Mas o cumprimento literal daquilo que Cristo disse sobre Sua segunda vinda e o antítipo do cerco de Jerusalém ainda estão por vir. Nenhum crente na inspiração verbal pode achar na destruição de Jerusalém uma satisfação perfeita e completa da profecia deste capítulo. Sua referência final deve ser ao cerco final de Jerusalém na batalha do Armagedom (Apocalipse 16:13-21; 19:11-21; Zacarias 12:2-9; 14:1-7,12-15), e a vinda pessoal e corporal do Senhor, como prometida em Atos 1:11.

Mas em Apocalipse 6-19 cremos ter uma descrição muito mais extensa e detalhada deste período. Tomamos estes capítulos como descritivos deste período pelas duas razões seguintes:

### **1. COMO VIMOS NO ÚLTIMO CAPÍTULO, TEMOS NO CAPÍTULO SETE A SELAGEM DOS SERVOS DE DEUS NA TESTA E SOMENTE OS JUDEUS SÃO SELADOS**

Isto mostra que todos os crentes gentios (e prévios crentes judaicos) foram arrebatados da terra e, portanto, que o arrebatamento dos santos (que ocorrerá na primeira fase da vinda de Cristo – 1 Tessalonicenses 4:15-17) já aconteceu. Então a segunda fase da vinda de Cristo está claramente retratada em Apocalipse 19:11-12. Portanto, tomamos a seção intermediária do livro como descrevendo o ínterim entre as duas fases da vinda de Cristo. E relacionamos o capítulo seis a este período porque consideramos os cavaleiros dos quatro cavalos (6:2-8) os mesmos como os quatro anjos (7:13), cuja obra está restringida até depois da selagem dos servos de Deus.

## 2. ENTÃO EM APOCALIPSE 7:14 TEMOS UMA REFERÊNCIA AO PERÍODO DA GRANDE TRIBULAÇÃO COMO ESTANDO EM PROGRESSO

Em Apocalipse 7:14 lê-se: “*E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro*”. Estas palavras foram ditas da multidão incontável do verso 9. O original aqui é muito enfático. Diz literalmente: “Estes são os que estão saindo de tribulação, *a grande*”. Não é só de tribulação em geral que se fala aqui: é uma tribulação definida e particular, a saber, a grande. O particípio presente neste verso, “*estão saindo*” mostra que a grande tribulação está em progresso. Assim assinalamos esta seção do livro ao período da grande tribulação.

## II - A DURAÇÃO DESTE PERÍODO

É nossa convicção que este período será de sete anos de duração. Sustentamos esta convicção por causa do tempo combinado do profetizar das duas testemunhas (Apocalipse 11:3) e a carreira da Besta (Apocalipse 13:5) é, aproximadamente, de sete anos. Notem que as testemunhas devem profetizar por “*mil duzentos e sessenta dias*” (aproximadamente três anos e meio); então a Besta deve levantar-se e matá-los (Apocalipse 11:7) e continuar “quarenta e dois meses” (Apocalipse 13:5). É nossa opinião que as testemunhas principiarão a testificar logo depois do arrebatamento e, desde que a Besta deve ser destruída quando Cristo vier para julgar e guerrear (Apocalipse 19:11-21; 2 Tessalonicenses 2:8), concluímos que a duração do período intermediário deve ser encontrado pelo método já descrito. Notar-se-á que tomamos os mil, duzentos, e sessenta dias, com os quarenta e dois meses, literalmente. Não achamos razão para tomá-lo diferente quer nas próprias passagens, ou no seu contexto, ou em qualquer outra Escritura.

Também sustentamos que a grande tribulação seja de sete anos de duração porque a consideramos como sendo a septuagésima semana de Daniel (Daniel 9:27).

## III - OS HORRORES DESTE PERÍODO

Este período é para ser o “dia” da ira de Deus. Durante este período, o Deus a quem pertence à vingança, vingar-se-á do tratamento que este mundo dispensou ao Seu Filho e aos Seus santos. Ele vingará completamente Seus eleitos (Lucas 18:7; Apocalipse 6:9,10). Ele derramará os vasos de Sua ira até a última escória amarga sobre esta terra amaldiçoada de pecado e entenebrecida pelo diabo. A terra será arrancada do Diabo e o seu povo dado ao povo de Deus (Mateus 5:5).

#### IV - ALGUÉM SERÁ SALVO DURANTE ESTE PERÍODO?

Esta é uma questão muito controversa, mas nós, sem hesitar, damos uma resposta afirmativa como opinião nossa. No capítulo onze, como já vimos, temos a menção das duas testemunhas de Deus. Nós já afirmamos que cremos que estas duas testemunhas profetizarão durante o ínterim entre as duas fases da vinda de Cristo. Cremos que elas pregarão o Evangelho e anunciarão o reino milenar, tanto como Cristo e os apóstolos pregaram o Evangelho e anunciaram o reino espiritual (o reino de Deus) e a fase temporal do reino do céu. Não podemos pensar em nenhuma outra mensagem que Deus teria para o mundo durante este período.

E sustentamos que os cento e quarenta e quatro mil Judeus de Apocalipse 7 serão salvos imediatamente após o princípio da grande tribulação.

Então, por causa do tempo presente no verso 14, consideramos a multidão em Apocalipse 7:9-17 como contendo alguns que são salvos durante este período, e que, tendo sido martirizados ou doutra maneira mortos, são imediatamente arrebatados ao céu, um tanto depois da mesma maneira como as duas testemunhas em Apocalipse 11:7-12.

Também tomamos as ovelhas no julgamento das nações (Mateus 24:31-46) como o povo que creu e foi salvo durante este período.

Pode-se questionar como o povo será salvo durante este período. Respondemos que serão salvos exatamente do mesmo modo como todos os outros têm sido salvos. Deus nunca teve e jamais terá senão um modo de salvação. Esse modo é pela graça através da fé. “Mas”, alguém pode dizer, “como pode alguém salvar-se depois que o Espírito Santo foi tirado do mundo?” A resposta é que serão salvos justamente como foram antes do dia de Pentecostes. Durante o período da grande tribulação o Espírito Santo terá acesso ao mundo tanto como Ele teve antes do dia de Pentecostes.



## CAPÍTULO 43

# O HOMEM DO PECADO

Nos capítulos anteriores já dissemos algo sobre o Homem do Pecado, mas agora vamos estudá-lo mais de perto. Antes de prosseguirmos, peço que leiam as seguintes passagens: 2 Tessalonicenses 2:3-10; Apocalipse 11:1-7,13; 16:13-16,17; 19:17-20; Daniel 7:8-27; 8:8-25. Estas duas últimas Escrituras têm referência a Antiôco Epifano<sup>1</sup>, o tipo do Homem do Pecado.

## I - A IDENTIDADE DO HOMEM DO PECADO

### 1. É PARA SER UM INDIVÍDUO ATUAL

Como declarado anteriormente, interpretamos qualquer passagem da Escritura literalmente, a menos que haja alguma coisa na passagem, ou no contexto,

---

1

Antiôco Epifano IV reinou no Império Selêucida durante 175 a.c. até a sua morte em 164 a.c.

ou em alguma outra Escritura que indique um sentido figurativo. Não encontramos razão alguma, absolutamente, para tomarmos a descrição do Homem do Pecado de outra maneira que não literalmente. Nenhuma instituição ou agência podia sentar-se no templo de Deus. Vide 2 Tessalonicenses 2:4.

## **2. ELE E A BESTA DO APOCALIPSE DEVEM SER O MESMO INDIVÍDUO**

Sustentamos esta convicção pelas seguintes razões:

### **1) Ambos devem correr seus cursos durante o intervalo entre as duas fases da vinda de Cristo**

Abaixo mostramos que isto é verdade acerca do Homem do Pecado. E em outro capítulo mostramos que a seção do livro em que se registra a carreira da Besta pertence a esse período.

### **2) Suas atividades são igualmente descritas**

2 Tessalonicenses 2:4-10; Apocalipse 13:6-8.

### **3) Ambos são para serem destruídos na vinda final de Cristo à terra**

2 Tessalonicenses 2:8; Apocalipse 19:11-20.

## **3. ELE É PARA SER UM REI MUNDIAL COM ASSENTO DE PODER EM ROMA**

Vide Apocalipse 17:1-11. Sustentamos que os sete montes (verso 9) são as sete célebres colinas de Roma. Os cinco reis caídos, sustentamos ser Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia. A que então era, cremos que foi a Roma pagã. A que ainda era por vir, foi a Roma “Cristã”, ou o Santo Império Romano, assim chamado. Os primeiros seis reinos (o termo para reis significando tanto reis como reinos) culminaram no sétimo. A Besta é para ser o oitavo rei e seu reino combinará todo o poder e maldade dos sete. A ferida mortal em uma das cabeças da Besta (Apocalipse 13:3) tomamos por representar a queda de Roma, 476 A.D.. Referimos a cura da ferida ao restabelecimento do Império Romano com sua capital em Roma sob o reinado da Besta. O mar do qual se vê surgir a Besta (Apocalipse 13:1; 17:1,15) tomamos por representar a massa da humanidade em ebulição turbulenta e revolucionária, à qual



os habitantes da terra serão reduzidos pelo arrebatamento dos santos.

Não achamos fundamento satisfatório para sustentarmos que o Homem do Pecado será Judas reencarnado. Certo é que Deus não operaria ativamente semelhante reencarnação. E o Diabo não tem o poder de operá-la. Ele pode possuir e dominar os homens, mas ele não pode encarnar-se nem reencarnar os seus seguidores falecidos. A base da noção que o Homem do Pecado será Judas reencarnado ser o fato dele ter sido chamado “um diabo” (João 6:70), e “o filho da perdição” (João 17:12), e é dito ter-se desviado “para o seu próprio lugar” (Atos 1:25), é insuficiente para estabelecer uma ideia tão radical. Consideramos fantasiosas esta e outras noções concernentes ao Homem do Pecado.

Nem existe fundamento escriturístico para referir-se ao Homem do Pecado como o Anticristo em qualquer sentido exclusivo. Apenas João em suas epístolas usa o termo, aplicando-o aos falsos mestres de seus dias que negavam a humanidade de Cristo (1 João 2:18-22; 4:3,4; 2 João 7). E João disse que existiam muitos deles no mundo. O prefixo “anti” pode significar *contra* ou *em vez de*. Não existe qualquer evidência que João o tenha dado no último sentido. Ele usou-o exclusivamente aplicado àqueles que *eram contra Cristo*; àqueles que negavam que Jesus era o Cristo<sup>2</sup>. Não existe qualquer evidência que os falsos mestres aos quais João se referiu tentaram estabelecer qualquer deles como o Cristo. O Homem do Pecado será um anticristo, porém identificá-lo como “o Anticristo”, num sentido exclusivo, e então tomar o prefixo para significar *em vez de*, inferindo que ele será um Judeu e apresentar-se-á como Cristo, é algo sem qualquer fundamento. O Homem do Pecado assentar-se-á no templo e exigirá culto, mas ele poderá fazer isso sem impor-se como o Messias. Como um tipo deste, Antíoco Epifânio erigiu a estátua de Júpiter Olympus sobre o altar da oferta queimada. Os sete precursores da Besta ou do Homem do Pecado não eram Judeus. Sustentamos que o Homem do Pecado será Romano (Italiano).

## II - O TEMPO DE SUA CARREIRA

2 “Esta posição era sustentada de duas formas: - (1) que Jesus Cristo não era homem literal (5:2), e Sua humanidade sendo negada, a Sua qualidade messiânica também, já que a primeira era necessária à segunda; (2). Que Jesus e o Logos eram apenas temporariamente e, como se fossem ligados mecanicamente; e como o Logos e Messias foram tidos como sendo essencialmente idênticos, assim Jesus não podia ser o Cristo.”

## 1. ELE DEVE SER REVELADO NO ÍTERIM ENTRE AS DUAS FASES DA VINDA DE CRISTO

Como já assinalamos previamente, nenhum indivíduo que cumpriu a descrição do Homem do Pecado ainda tem sido revelado na terra. Alguns pensam que a linhagem papal é o Homem do Pecado, mas nenhum papa jamais se sentou no templo de Deus. O Vaticano não é o templo de Deus. O Cristianismo apóstata não é o templo de Deus. Pelo contrário, é a habitação de demônios (Apocalipse 18:2). A revelação do Homem do Pecado está sendo agora resistida por algum indivíduo (2 Tessalonicenses 2:6,7). Cremos que este que resiste é o Espírito Santo habitando em todo crente verdadeiro (1 Coríntios 6:19) e em toda a verdadeira igreja Neotestamentária (1 Coríntios 3:16). É a influência controladora do Espírito Santo exercida através de crentes que agora impede a revelação do Homem do Pecado. Assim os crentes são o sal da terra (Mateus 5:13). Retirar do caminho aquele que resiste, então significará a remoção do Espírito Santo da terra<sup>3</sup>. Isto requererá tirar da terra todo o verdadeiro crente. Já que isto ocorrerá na primeira fase da vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 4:15-17), a revelação do Homem do Pecado não pode ocorrer até depois da primeira fase da vinda de Cristo. E já que ele deve ser consumido e destruído na segunda fase da vinda de Cristo (2 Tessalonicenses 2:8), ele deve ser revelado e deve correr seu curso durante o íterim entre as duas fases da vinda de Cristo.

## 2. A DURAÇÃO DE SUA CARREIRA SERÁ DE QUARENTA E DOIS MESES

Apocalipse 13:5. Ele deve ser revelado no meio do período da grande tribulação e para continuar através da última parte dela. Interpretamos os quarenta e dois meses literalmente porque isso parece mais apropriado em vista de todas as outras indicações de tempo. Três anos e meio respondem bem a “um tempo, tempos e metade de um tempo”, durante o qual ele (evidentemente o homem do pecado tipificado em Daniel) “espalhará o poder do povo santo (os Judeus)” (Daniel 7:25; 12:7), e durante o qual a mulher (a quem tomamos por representar a nação Judaica) deve habitar no deserto (Apocalipse 12:14).

---

3 Nós referimos aqui apenas à remoção de sua presença especial como habitando nos crentes e na igreja, o que começou no Pentecostes. Isto marcará o fim da dispensação especial do Espírito. O Seu ministério reverterá então de volta ao que ele foi antes do Pentecostes.

### III - SUAS ATIVIDADES

#### 1. SENTAR-SE-Á NO TEMPLO, FINGINDO SER DEUS

Vide 2 Tessalonicenses 2:4. O templo em que o Homem do Pecado se sentará é sem dúvida o templo Judaico restaurado, o qual será o centro do culto durante o milênio.

Toda igreja Neotestamentária é um templo de Deus (1 Coríntios 3:16). Mas isto não poderia ser o que se quer dizer em 2 Tessalonicenses 2:4. Estar sentado numa igreja local não seria suficiente para satisfazer a ambição deste monstro de iniquidade. E seguramente a Escritura indica uma exaltação mais ousada e de maior escala do que esta. A referência em 2 Tessalonicenses 2:4 não poderia ser a um Cristianismo apóstata, porque, como já observamos, um Cristianismo apóstata não é o templo de Deus; pelo contrário, é a habitação de demônios (Apocalipse 18:2). A referência é certamente ao templo Judaico que deve ser restaurado pelos Judeus em Jerusalém algum tempo durante o período da grande tribulação. Este, parece claro, é o templo que está na visão em Apocalipse 11:1,2.

Não cremos que o Homem do Pecado se sentará pessoalmente no templo, mas será representado lá por sua imagem (Apocalipse 13:14-17). É assim que ele fingirá ser Deus e não se imporá como o Messias. Se ele desejasse ser reconhecido como Messias, o senso comum proibiria a concessão de exigir adoração de sua imagem.

#### 2. ELE FARÁ A INDÚSTRIA PROSPERAR

Daniel 8:25. Ele dará ao mundo o novíssimo de todos os “novos negócios”; será um grande líder industrial.

#### 3. ELE FARÁ MUITAS COISAS ARROGANTES

Daniel 7:25; 8:10-12,23,24.

#### 4. ELE SUSTENTARÁ A IGREJA CATÓLICA ROMANA E RECEBERÁ DELA APOIO

Apocalipse 17:2-6. Tomamos a grande meretriz como representação da Igreja

Católica Romana (Apocalipse 17:1-7). Sua indumentária e ornamentos retratam a riqueza da Igreja Católica Romana. As abominações são suas doutrinas e práticas não escriturísticas. A fornicção representa o seu adultério espiritual em estar esposada com o Papa em vez de Cristo. As prostitutas das quais ela é a mãe são as denominações Protestantes. Ela estar *“bêbada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus”* retrata sua perseguição contra verdadeiros crentes (particularmente Batistas) ao longo da Idade Média e da Idade das Trevas. Em Apocalipse 18:4 encontramos que mesmo na hora exata de sua destruição ela terá alguns do povo de Deus nela, como sem dúvida ela tem neste tempo. E o mandamento de Deus agora é o mesmo que será no fim: *“Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas”*. Dizemos que a besta sustentará a Igreja Católica Romana porque vemos, primeiro, a meretriz cavalgando a Besta (Apocalipse 17:1-12). Dizemos que a Besta receberá o apoio da Igreja Católica Romana porque consideramos a segunda Besta (Apocalipse 14:11-17) como o Papa. Notem que esta segunda besta tem a aparência de um cordeiro. Isto representa a professa santidade do Papa. Notem também que, em contraste com a primeira Besta, a segunda besta levantar-se-á da terra (Apocalipse 13:11). A primeira besta erguer-se-á do (do mar) - tumulto e revolução. A segunda terá uma fonte sólida, compacta, regulada – o sistema Católico Romano.

## **5. MAS, FINALMENTE, ELE E SEUS DEZ REIS VIRAR-SE-ÃO CONTRA A MÃE DAS PROSTITUTAS E A DESTRUIRÃO**

Apocalipse 17:16,17.

## **6. ELE PERSEGUIRÁ OS JUDEUS**

Daniel 7:25; Apocalipse 11:7; 13:7. Isto será ocasionado sem dúvida pela recusa dos Judeus de se curvarem à sua autoridade e adorarem sua imagem.

## **7. FINALMENTE, ELE CONDUZIRÁ OS REIS DA TERRA E SEUS EXÉRCITOS CONTRA JERUSALÉM PARA A BATALHA DE ARMAGEDOM**

Apocalipse 16:13-16; 19:17-21. Consideramos o falso profeta mencionado

nestas passagens como sendo idêntico com a segunda Besta – o Papa, que, após a destruição da Igreja Católica Romana, permanecerá aliado com a Besta. A batalha de Armagedom prenderá nossa atenção no capítulo seguinte.





## CAPÍTULO 44

# A BATALHA DO ARMAGEDOM

Muitas pessoas tem uma noção errônea, se é que têm mesmo qualquer noção, sobre a Batalha de Armagedom. Alguns pensam que a última Guerra Mundial foi essa Batalha. Outras têm avançado com a ideia que ela será uma guerra entre católicos e não católicos. Outras ainda ensinam que ela deve ser um mero conflito espiritual entre o bem e o mal sem qualquer realidade literal. Outras, contudo, confundem-na com o cerco aludido em Apocalipse 20:8, que deve ser depois do Milênio. Todas estas ideias não são escriturísticas e indignas de séria consideração.

Estudemos esta batalha notando o seguinte:

## **I - POR QUE A BATALHA É CHAMADA ASSIM?**

A batalha é chamada segundo o lugar no qual ela é para ser lutada. Vide Apocalipse 16:13-16. Existem versões não baseadas no Texto Receptus que interpretam o nome como “Har-Magedon”. Har-Magedon significa “montanha de Megiddo”, que se situa à margem sudoeste da Galiléia. Por isto se quer dizer, talvez, não meramente a montanha apenas, mas a montanha e a região em redor. Esta região é descrita como “um elevado planalto rodeado de colinas” (Carpenter). Ela forma uma passagem para o Norte e assim era famosa como campo de batalha. Esta vizinhança foi a cena de duas notáveis vitórias e três notáveis mortes. As vitórias de Baraque sobre os Cananitas e de Gideão sobre os Midianitas. As mortes de Saul, de Acazias (morto por Jeú) e de Josias. Mas o evento mais famoso de todos está ainda para ocorrer lá.

## **II - QUEM SERÃO OS COMBATENTES?**

Os combatentes devem ser os reis da terra e os seus exércitos sob a liderança da Besta e dos falsos profetas de um lado, e o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores e Seu povo – os Judeus e os santos glorificados – de outro lado. Vide Joel 2:11; Zacarias 12:2,3,8,9, 14:3; Apocalipse 19:11-12.

## **III - OS PORMENORES DA BATALHA**

Próximo ao fim do período da grande tribulação a Besta e o falso profeta (a segunda besta – Apocalipse 13:11) enviarão seus emissários a incitar as nações da terra para se ajuntarem contra Jerusalém (Apocalipse 16:13-16, 19:19). Assim estarão cumprindo o propósito de Deus, pois é Seu desígnio reunir todas as nações juntas com o propósito de julgá-las (Joel 3:2) e derramar sobre elas Sua indignação e furiosa ira (Zacarias 3:8). Os exércitos das nações terão permissão de capturar Jerusalém e produzir grande destruição nela (Zacarias 14:2). Na aproximação dos exércitos e a captura da cidade, dois terços dos Judeus em Jerusalém que não forem mortos serão capturados ou expulsos da cidade (Zacarias 14:2). Então o Senhor aparecerá para livrar Seu povo (Zacarias 14:4). Então, a julgar pelo fato que Apocalipse 16:16 diz que



as nações devem ser ajuntadas num lugar chamado Armagedom, nós tomamos que os exércitos das nações, alarmados pelos eventos que pressagiarão a vinda do Senhor, desertarão Jerusalém em retirada para o Norte. No Armagedom o Senhor virá sobre eles e derramará Sua vingança sobre os mesmos como descrito em Isaías 66:15,16; Zacarias 14:12,13; Apocalipse 16:17-21, 19:20,21.

#### **IV - A VINGANÇA DO SENHOR EM CONEXÃO COM ESTA BATALHA SERÁ MUNDIAL**

A vingança do Senhor não cairá apenas sobre os exércitos das nações que vem contra Jerusalém, mas também sobre todos os ímpios por todo o mundo. Cremos que isto está patente nas seguintes passagens: Jeremias 25:15-33; Isaías 24:17-21; 26:20,21; 34:1,2.

#### **V - A RELAÇÃO DESTA BATALHA COM O JULGAMENTO DAS NAÇÕES**

Cremos que o julgamento das nações, como retratado em Mateus 25:31-46, terá lugar em conexão com a Batalha de Armagedom. Cremos que Mateus 25:31-46 é uma descrição figurativa do tratamento de Deus para com as nações na Batalha de Armagedom e a destruição que sobrevirá. É assim que todo o joio deve ser ajuntado fora de Seu reino e queimado (Mateus 13:40-43). Ninguém sobrevirá a esta prova exceto os justos. Para a relação entre esta batalha e o julgamento das nações vide Joel 3:2,12,13. Notem também Joel 2:10,31; 3:15-16; Isaías 13:10,11 em conexão com Mateus 24:29.

#### **VI - ESTE PERÍODO DE DESTRUIÇÃO MUNDIAL SERÁ “O DIA DO SENHOR”**

Vide Isaías 2:12; 13:9; 34:8; Jeremias 46:10; Ezequiel 30:3; Joel 1:15; 2:11; Amós 5:18-20; Obadias 15; Sofanias 1:15,18; Zacarias 14:1. “O dia do Senhor” deve ser um dia de grande duração (Zacarias 14:6,7).

**VII - UM NOVO CÉU E UMA NOVA TERRA EMERGIRÃO DO DIA DO SENHOR**

Vide Isaías 34:4; 65:17-25; 2 Pedro 3:10-13.



## CAPÍTULO 45

# O ESTADO FINAL DOS JUSTOS E DOS ÍMPIOS

Neste capítulo no preocuparemos com o lugar e a condição tanto dos justos como dos ímpios na eternidade. E visto que a ressurreição e o julgamento de ambas as classes estão envolvidos em seus estados finais, temos escolhido considerar estes assuntos neste capítulo também.

### **I - A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS**

#### **1. HAVERÁ UMA RESSURREIÇÃO TANTO DOS JUSTOS COMO DOS ÍMPIOS**

Isto é inconfundível e inegavelmente ensinado em Daniel 12:2; João 5:28-29; Atos 24:15.

## 2. MAS AS DUAS CLASSES NÃO DEVEM RESSURGIR JUNTAS

### 1) As Escrituras ensinam que haverá uma ressurreição separada para os justos

As passagens que ensinam isto dividem-se em duas classes:

#### Passagens que falam de uma ressurreição “dentre” os mortos

Existem duas passagens: Lucas 20:35; Filipenses 3:11. A primeira passagem diz: *“Mas os que forem havidos por dignos de alcançar o mundo vindouro e A RESSURREIÇÃO DENTRO OS MORTOS, nem hão de casar, nem ser dados em casamento”*. Que este versículo se refere a uma ressurreição na qual apenas os mortos justos participarão é mostrado de dois modos:

a) A frase *“ressurreição dentre os mortos,”* é a mesma que aquela que é sempre usada para designar a ressurreição de Cristo (Atos 17:31; Romanos 1:4; 1 Coríntios 15:20; 1 Pedro 1:3) e é manifestamente diferente no sentido da frase genérica *“ressurreição dos mortos”*. A primeira frase nunca é usada quando se alude tanto à ressurreição dos justos como à dos ímpios. Por outro lado, a ressurreição de Cristo nunca é dita como sendo uma *“ressurreição dos mortos”*. Ele foi ressurreto dentre os mortos, e assim será com os justos segundo a passagem em foco.

b) Este ensino é confirmado pelo contexto da passagem. O versículo seguinte ao que está em consideração conta-nos que aqueles que participam desta ressurreição não podem *“mais morrer, pois são iguais aos anjos, e são os filhos de Deus, sendo os filhos da ressurreição”* (Lucas 20:36).

O autor uma vez foi confrontado com estes versículos num argumento contra a ressurreição os ímpios. Sua resposta tomou a forma deste presente tratado. Franca-mente, se ele cresse numa ressurreição geral, estaria totalmente perdido para responder ao argumento.

A segunda passagem mostra-nos Paulo dizendo: *“Para ver se de alguma maneira posso chegar à RESSURREIÇÃO DENTRE OS MORTOS”* (Filipenses 3:11). A teoria de uma ressurreição geral torna estas palavras sem sentido. Certamente Paulo não teria precisado de se preocupar em participar de uma ressurreição geral, pois ele cria tenazmente na ressurreição tanto dos justos como de ímpios. Ver Atos 24:15. Também a linguagem aqui é muito forte, empregando o duplo *ek, ten exanastasin ten*

*ek nekron*, significando, quando completamente traduzido, “a ressurreição (para fora), que é dentre os mortos”. A linguagem não podia transmitir mais fortemente o sentido sobre o qual estamos aqui insistindo.

**Passagens que descrevem apenas a ressurreição dos justos. Tais passagens acham-se em 1 Coríntios 15:21-23; 1 Tessalonicenses 4:14-16.**

A primeira passagem aqui trata o assunto da ressurreição como se apenas os justos serão ressuscitados<sup>1</sup>. Isto é compreensível apenas sobre um fundamento, e esse é que existe uma ressurreição na qual apenas os justos participam.

A segunda passagem fala apenas da ressurreição dos justos e não deixa lugar na ocasião para a ressurreição dos ímpios. Os mortos justos devem ressurgir em corpos imortais e devem ser arrebatados imediatamente com os santos vivos transladados para encontrarem o Senhor no ar. Não existe qualquer indicação que Cristo venha à terra nesse tempo, como seria necessário se os mortos ímpios devessem ser levantados e julgados neste ponto.

Apocalipse 20:5,6 fala da “primeira” ressurreição, da qual apenas os justos participam. Nossos opositores, sem dúvida, como já foi notado, buscam roubar destes versículos o seu significado claro. Mas note-se que nossa interpretação deles ajusta-se exatamente ao significado claro de outras passagens já citadas, enquanto os nossos opositores precisam tentar explicar cabalmente os versículos sem qualquer amparo específico das Escrituras.

## **2) As Escrituras também descrevem a ressurreição na qual os ímpios são mencionados**

A descrição a que se refere encontra-se em Apocalipse 20:11-15. E notem que a afirmação de que “*morte e o inferno foram lançados no lago de fogo*” não pode significar menos que todos os ocupantes da morte e do inferno foram neste tempo lançados no

---

<sup>1</sup> É impossível por meio de uma sábia exegese fazer a cláusula, “assim também todos serão vivificados em Cristo,” abraçar os ímpios. Os ímpios não serão vivificados “em Cristo.” Sua ressurreição é uma questão de justiça e não algo que provém da expiação. Se não existisse expiação, a mesma justiça que agora exige sua ressurreição teria exigido justamente o mesmo. A linguagem de todo o versículo tem seu paralelo em Romanos 5:18, onde “*todos os homens*”, sobre os quais veio o julgamento, são todos descendentes de Adão; onde “*todos os homens*”, sobre os quais veio o dom gratuito da justificação da vida, são todos crentes.

lago de fogo; distintamente implicando que os justos não serão achados entre os mortos na ocasião, tendo sido ressurretos previamente. A presença do livro da vida neste julgamento não dá qualquer outra evidência além da que ele estará lá presente. O livro da vida estará presente como prova de que os ímpios não têm seus nomes nele.

**3) As passagens sobre as quais se amparam nossos opositores ensinando uma ressurreição geral são inconclusivas e cedem às passagens já citadas sem provocar violência em nenhuma delas**

As passagens nas quais se amparam nossos opositores são: Daniel 12:2; João 5:28,29; Atos 24:15. Nestas passagens observamos:

**A. A associação dos justos e injustos juntos na ressurreição deles não prova que eles serão ressurretos simultaneamente.**

A Bíblia muitas vezes associa coisas parecidas que estão separadas quanto ao tempo. Como um caso pertinente, podemos referir outra vez à citação de Cristo em Isaías 61:1-2 onde Ele se deteve no meio do versículo dois porque o restante do versículo não tinha a ver com o Seu ministério corrente, senão com o Seu segundo advento. Ver Lucas 4:18,19. Assim, num breve versículo, temos um intervalo que já tem se estendido por mais de mil novecentos anos.

Novamente, podemos citar Malaquias 3:1-5 referindo a ambos os adventos de Cristo, não obstante sua separação quanto ao tempo. Como João A. Broadus acertadamente diz, a purificação mencionada nestes versículos “não significa simplesmente que Ele *purificaria indivíduos por consumir o que neles estivesse defeituoso*, mas Malaquias 4:1-3 mostra-o significando que Ele *purificaria a nação por consumir os indivíduos ímpios* como ‘restolho,’ e então os verdadeiros justos da nação regozijar-se-iam e prosperariam”. Assim a passagem não pode ser aplicada totalmente ao primeiro advento de Cristo. E mais ainda, em Mateus 3:11 João o Batista associou o batismo “*com o Espírito Santo, e com fogo*”, onde o versículo seguinte mostra que o batismo com fogo não alude às línguas repartidas de fogo no Dia de Pentecostes, mas ao fogo do julgamento. Assim, mais uma vez duas coisas separadas por séculos são mencionadas juntas como se ocorressem no mesmo tempo.

**B. A tradução de Daniel 12:2 por Tregelles alivia completamente esta passagem de sua suposta alusão a uma ressurreição geral**

“E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna; e outros – o restante dos que dormem que não despertam neste tempo – para vergonha e desprezo eterno.”

**C. João 5:28,29 pode ser entendido como se referindo a duas ressurreições tão facilmente como pode ser entendido como se referindo a uma.**

Estes versículos mencionam “a ressurreição da vida” e “a ressurreição da condenação”. E o emprego de “hora” no versículo 28 não pode ser insistido como prova simultânea, já que a “hora” da ressurreição espiritual, mencionada no versículo 25, cobre toda esta época. “Hora”, aqui, quer dizer simplesmente tempo – o tempo está chegando, etc.

Alvah Hovey observa muito justamente a respeito destes versículos: “Se a ressurreição das duas classes aqui mencionadas terá lugar ao mesmo tempo, ou em tempos deferentes, não está perfeitamente claro nesta linguagem; mas, se em outros lugares do Novo Testamento não existe nada inconsistente com a visão de que a ressurreição de ambos será no mesmo tempo, esta é, certamente, a interpretação mais óbvia da linguagem aqui usada”. Concordamos; mas insistimos, e cremos que temos mostrado, que existe isso no Novo Testamento que é inconsistente com uma ressurreição geral.

**D. Interpretar Atos 24:15 como ensinando uma ressurreição geral é colocar Paulo em discordância consigo mesmo.**

Duas vezes ele descreve a ressurreição dos justos sem mencionar os ímpios. E uma vez ele fala do seu sincero desejo de “chegar à ressurreição dentre os mortos” (Filipenses 3:11), usando a linguagem mais forte possível para indicar que ele estava pensando numa ressurreição seletiva.

### **3. O TEMPO DA RESSURREIÇÃO DOS JUSTOS**

Em 1 Tessalonicenses 4:15-17 Paulo deixa claro que os justos serão ressurretos no tempo da aparição de Cristo no ar – a primeira fase de Sua vinda; nesse tempo os santos vivos serão transladados e arrebatados também. Conquanto o mesmo escritor,

em 1 Coríntios 15:23, liga a ressurreição com a parousia ou segunda fase da vinda de Cristo. Isto se deve, nós cremos, ao fato de Paulo, segundo um costume escriturístico já aludido, associa juntas as duas fases da vinda do Salvador, não obstante sua separação enquanto ao tempo.

À luz de outros exemplos de associação, nenhum argumento pode ser aqui encontrado contra nossa posição quanto à separação temporal das duas fases do segundo advento. Esta associação torna-se ainda mais natural, se, como cremos, a primeira ressurreição for contínua, principiando com a aparição de Cristo no ar e continuando ao passo que os santos vão morrendo por toda a grande tribulação e até pelo milênio. Notem em Apocalipse 11:11 a ressurreição das duas testemunhas após três dias. Notem também, como já foi apontado, que nenhum dos justos será achado no inferno no tempo da ressurreição dos ímpios. Apocalipse 20:14.

## II - O JULGAMENTO DOS VIVOS E DOS MORTOS

Todos os homens devem comparecer perante Cristo no julgamento de alguma maneira e nalgum tempo, porém nem todos da mesma maneira e no mesmo tempo. Notem:

### 1. O JULGAMENTO DOS GENTIOS VIVOS

Mateus 25:31-46. Isto é para acontecer quando Cristo vier para reinar. Marcará o fim desta era, e o começo da era milenar. Haverá três classes presentes neste julgamento – ovelhas, bodes e irmãos, mas somente ovelhas e bodes serão envolvidos no julgamento. Estes serão separados de acordo como trataram os irmãos de Cristo, não de acordo como se trataram mutuamente.

A única interpretação sensível é que estes irmãos de Cristo são judeus crentes, que pregarão o Evangelho durante o período da grande tribulação. De baixo da besta ninguém pode favorecer a estes missionários Judeus, exceto sob risco de morte, e ninguém ousará fazê-lo exceto crentes. Assim desta forma será possível fazer uma separação infalível; não que o bom tratamento dos Judeus é o fator que salvará os Gentios, mas antes que indicará que eles são salvos. As ovelhas aqui são aqueles que devem ser salvos durante a grande tribulação. Este julgamento é manifestamente de



nações como indivíduos e não no coletivo. Uma nação como tal, separada dos indivíduos que a compõem, não pode ser lançada no “*fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos*” (verso 41). Como referência a este julgamento no Velho Testamento veja Joel 3:2,11-14.

## **2. O JULGAMENTO DA NAÇÃO JUDAICA**

Acima apontamos que os “irmãos” não são julgados com os Gentios. Assim um julgamento separado é implicado para eles. A este julgamento as Escrituras fazem alusão definida. Veja Isaías 1:25,27,28; 4:4; Zacarias 13:8,9; Malaquias 3:3. Este julgamento se dará em conexão com a conversão de Israel.

## **3. O JULGAMENTO DAS OBRAS DOS CRENTES GLORIFICADOS**

Veja 2 Timóteo 4:8; Filipenses 2:16; 1 Pedro 5:4; Apocalipse 22:12. Os pecados dos crentes já foram julgados. Ele nunca mais entrará em condenação por conta deles. Entretanto suas obras devem ser julgadas. 1 Coríntios 3:13-15. Não existe nenhuma penalização neste julgamento. O crente recebe ou perde as recompensas de acordo com o que ele fez e de acordo com a qualidade de sua obra.

## **4. O JULGAMENTO DOS MORTOS PERDIDOS**

Apocalipse 20:11-15. Isto acontecerá ao final daquele pouco de tempo durante o qual Satanás será solto em seguida ao milênio. Um pouco antes deste julgamento os ímpios na terra serão mortos (Apocalipse 20:9). Então todos os ímpios, incluindo talvez aqueles julgados em Mateus 25:31-46, serão ressurretos, julgados e lançados no lago de fogo. Tentem como puderem, nossos opositores não podem indicar um simples indício verdadeiro que deve ser um julgamento geral. Eles tentam identificar este julgamento com o descrito em Mateus 25:31-46. Mas permita-nos notar o seguinte:

## **5. CONTRASTES ENTRE ESTE JULGAMENTO E O JULGAMENTO DOS GENTIOS VIVOS EM MATEUS 25**

MATEUS 25:31-46	APOCALIPSE 20:11-15
1. Ninguém é mencionado exceto os vivos.	1. Ninguém é mencionado exceto os mortos ressuscitados.
2. O julgamento está explicitamente ligado com a segunda vinda de Cristo.	2. Nenhuma menção é feita da segunda vinda de Cristo em conexão imediata com o julgamento.
3. Não existe qualquer indício do milênio, nem mesmo qualquer lugar perceptível para um milênio de justiça precedendo este julgamento.	3. Está definitivamente declarado que o julgamento vem ao final daquele “pouco de tempo”, durante o qual Satanás é solto depois do milênio.
4. Nada é dito do julgamento de Satanás.	4. O julgamento e a perdição de Satanás estão claramente revelados.
5. O fundamento para o julgamento é o tratamento dispensado aos irmãos de Cristo	5. Menção alguma é feita dos irmãos de Cristo.
6. Duas classes se distinguem: ovelhas e bodes – salvos e perdidos.	6. Menção alguma é feita de qualquer um, exceto aqueles lançados no lago de fogo.

Cada um destes contrastes ajusta-se lindamente ao sistema pré-milenal, enquanto que cada um deles está frontalmente contra a visão de nossos opositores. Muitos deles são ignorados por eles. Uns poucos deles eles tentam descartar. Agora, o quê será dito da lógica daqueles que rejeitam uma visão na qual entram estes contrastes, e depois adotam uma teoria que está em variação com cada um deles?

Ainda mais, achamos que a besta e o falso profeta já estão no lago de fogo antes deste julgamento começar. Nossos opositores não têm qualquer explicação para este fato, senão que a besta (sendo manifestamente o mesmo que o homem do pecado) deve ser destruída na segunda vinda de Cristo. Se este julgamento ocorre na segunda vinda de Cristo, como dar conta do fato que a besta e o falso profeta já estão no lago de fogo?

## 6. PASSAGENS QUE SÃO USADAS PARA ENSINAR UM JULGAMENTO GERAL

As passagens usadas como textos-prova pelos advogados de um julgamento

geral são: Mateus 7:22; João 5:28,29; Atos 17:31; Romanos 2:5-9; 2:16; 14:10; 2 Coríntios 5:10; 2 Timóteo 4:1; 4:8; 2 Pedro 3:7; Apocalipse 11:18. A respeito destas passagens comentamos:

**1) Mateus. 7:22; Atos 17:31; Romanos 2:5-9; 2:16; 2 Pedro 3:7 e Apocalipse 11:18 todas se referem ao julgamento das nações como descrito em Mateus 25:31-46**

*Se houver qualquer objeção* que Romanos 2:9 menciona os Judeus, respondemos que o julgamento da nação Judaica ocorrerá em íntima conexão com este julgamento, provavelmente logo antes ou logo depois. Ambos virão como uma parte do “*dia da ira e revelação do justo juízo*” de Deus. Se for dito que Romanos 2:5 implica que o povo vivo naquele tempo estaria no aludido julgamento, o que não será o caso de acordo com nossa visão, respondemos que isto está de acordo com o fato que a segunda vinda de Cristo é comumente representada como um evento que pode ocorrer durante aquela geração.

Notem em 1 Tessalonicenses 4:17 como Paulo usa o “nós” em conexão com o aparecimento de Cristo. As palavras “*o tempo dos mortos, para que sejam julgados*”, em Apocalipse 11:18 não significam que os mortos ímpios serão ressurretos e julgados nesse referido tempo. Este versículo encontra sua simples explicação em Apocalipse 6:10, onde as almas dos mártires debaixo do altar clamam “*Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não JULGAS E VINGAS NOSSO SANGUE DOS QUE HABITAM SOBRE A TERRA?*” Os mártires assassinados devem neste tempo ser julgados no sentido de serem vingados na ira de Deus sobre as nações da terra.

**2) Quanto a João 5:28,29, já mostramos que esta passagem não é conclusiva em ensinar uma ressurreição geral**

O mesmo, portanto, é verdade com referência a um julgamento geral.

**3) Romanos 14:10; 2 Coríntios 5:10 e 2 Timóteo 4:1, nós cremos, podem ser adequadamente agrupadas como ensinando que todos – salvos e perdidos, vivos e mortos, devem ser julgados, conforme dissemos em nossa declaração inicial sob a epígrafe de julgamento**

Mas nem essas passagens, nem outras quaisquer, ensinam que todos devem ser julgados no mesmo tempo e da mesma maneira.

#### 4) 2 Timóteo 4:8 refere-se ao julgamento das obras dos crentes.

Já temos tratado deste julgamento. É para vir, segundo esta passagem, no aparecimento de Cristo – a primeira fase de Sua vinda.

### III - A PUNIÇÃO FINAL DOS ÍMPIOS

#### 1. SERÁ ETERNA

Mateus 25:41; Apocalipse 14:11. O sentido pleno destas passagens é que a punição dos ímpios será sem fim.

#### 2. CONSISTIRÁ DE SOFRIMENTO CONSCIENTE

Na última passagem dada acima é contado que os ímpios “não têm repouso nem de dia nem de noite”. Isso envolve sofrimento consciente. É contestado por alguns que a punição final dos ímpios consistirá somente de aniquilamento. A passagem anterior nega isto. Não obstante, nós examinaremos os fundamentos desta discussão. São eles:

##### 1) Malaquias 4:1-3

Esta passagem refere-se apenas à destruição física dos ímpios pouco antes da instauração do reino milenar. Esta passagem, em essência, é paralela com Isaías 24:17-22, 26:20,21; 34:1,2; 66:15,16,24; Zacarias 14:12-15; Mateus 25:41-46; 2 Pedro 3:7. Esta destruição ocorrerá junto com a batalha de Armagedom. Mas aqui não existe qualquer aniquilação. Isto está claro em Isaías 24:22 e 66:24.

##### 2) A descrição desta punição como a “segunda morte”

A “segunda morte” corresponde à morte da raça de Adão, e não à morte física. Por esta morte o homem foi incapacitado para a comunhão de Deus e colocado por ela sob a ira de Deus, mas não foi posto além da esperança ou alcance de Deus. A “segunda morte” traz a execução da ira de Deus pela *“continuação da morte espiritual numa outra existência sem tempo”* (E. G. Robinson); um completo banimento da presença de Deus.

Assim a “segunda morte” não implica mais a não-existência do que o presente

estado de morte espiritual do pecador. Marcos 9:48 mostra claramente que os ímpios no Geenna retêm existência consciente. “Salgado com fogo” pode significar que o fogo terá uma qualidade conservadora como o sal.

### 3) A declaração que os incrédulos devem perecer

Lucas 13:3; Atos 8:20; 1 Coríntios 1:18. Mas que este perecer não denota aniquilamento está provado pelo fato que a palavra Grega em Atos 8:20 é a mesma palavra usada para descrever a perdição da Besta (Apocalipse 17:8), e achamos que a besta ainda está no lago de fogo mil anos mais tarde (Apocalipse 20:10). Um ser aniquilado nunca pode estar imediatamente em qualquer lugar. A palavra Grega nas outras duas passagens é a mesma palavra usada para “perdidos” em Mateus 10:6; Lucas 15:24; 19:10; 2 Coríntios 4:3, onde aniquilação não pode ser o sentido.

### 4) A representação da punição final dos ímpios como destruição

Romanos 9:22; 2 Tessalonicenses 1:9. A palavra Grega em Romanos 9:22 é a mesma que aquela para perdição em Apocalipse 17:8, a qual não expressa aniquilamento, como já apontamos acima. E a palavra grega em 2 Tessalonicenses 1:9 é a mesma usada para a destruição da natureza carnal em 1 Coríntios 5:5; e sabemos que a natureza carnal não é aniquilada nesta vida.

Finalmente, o fato de existir graus de punição, por causa do quais a punição será “mais tolerável” para uns do que para outros (Mateus 11:20-24), mostra que a punição final do pecador não é aniquilação; pois, em tal caso todos os pecadores sofreriam a mesma penalidade, e seria tolice falar de aniquilamento como sendo mais tolerável para uns do que para outros.

### 5) A representação escriturística de imortalidade como algo a ser buscado pelo homem (Romanos 2:7), revelada pelo Evangelho (2 Timóteo 1:10), e conseguida apenas na ressurreição dos justos (1 Coríntios 15:54-55).

Veja a discussão destas passagens no capítulo *O Presente Estado dos Mortos*.

## 3. SERÁ DE ACORDO COM O SEU MERECEMENTO

Mateus 11:21-24; Lucas 12:47-48; Romanos 2:6, 12; Apocalipse 20:13. Estas passagens ensinam que haverá graus de punição baseada na luz possuída pelo indiví-

duo e segundo suas ações.

#### **IV - A BEM-AVENTURANÇA FINAL DOS JUSTOS**

Isto está descrito em Apocalipse 21, onde a Nova Jerusalém é vista descendo do céu para a nova terra. Os salvos irão compor esta cidade celestial. Eles terão completa satisfação. Todo aborrecimento e causa de tristeza se acabarão. À semelhança do seu Salvador os salvos se satisfarão com a luz do amor de Deus para sempre, adorando-O e servindo-O, regozijando-se em Sua comunhão e na de uns para com os outros.

Talvez “glória” seja a única palavra que melhor descreva a bem-aventurança dos justos. Veja Romanos 8:18; 2 Coríntios 4:17; Colossenses 1:27; Hebreus 2:10; 1 Pedro 5:1. Esta glória consistirá em ser “glorificados juntamente” com Cristo, compartilhando igualmente com Ele de toda a Sua glória adquirida, isto é, a glória que Lhe será conferida por causa de Sua obediência aqui na terra e Sua obra redentora. Somos co-herdeiros com Ele de Sua glória. Ver Romanos 8:17.



# A CRIAÇÃO DO HOMEM E A EVOLUÇÃO

Temos só uma coisa a inquirir neste capítulo e esse é o método de Deus na criação do homem. O estado original do homem e sua natureza foram tratados em um capítulo específico.

Criou Deus o homem por um ato direto? Ou foi por meio e pelo processo de evolução das formas mais baixas da vida? Afirmamos que foi por um ato direto. Para prova disto, notamos:

## **I - ARGUMENTOS DA EVOLUÇÃO REFUTADOS**

### **1. O ARGUMENTO DA GEOLOGIA**

Dizem-nos que um exame de restos fossilizados mostra que as várias formas de vida na terra não se originaram todas de uma vez, mas sucessivamente e que,

como regra, a sucessão procede das formas mais simples para as mais complexas.

Em resposta a este argumento, seja primeiro observado que a asserção acima, mesmo se verdadeira, não prova a evolução de uma espécie para outra na ausência do registro geológico de elos conectores entre as espécies. Mais tarde notaremos mais em minúcia a ausência de elos conectores no registro geológico. Em face a essa ausência, caso fosse verdadeiro tudo quanto se afirma sobre a sucessão dos fósseis, o registro geológico apenas provaria uma sucessão de espécies e não de evolução.

Mas, quanto à sucessão das espécies, ninguém menos que T. H. Huxley declara: *“Na atual condição de nossos conhecimentos e de nossos métodos um veredicto – “não provado e não provável” – deve ser arquivado contra todas as grandes hipóteses dos paleontologistas a respeito da sucessão geral da vida no globo”* (Lay Sermons, pág. 213, London, 1883). E George MacCreay Price, no seu livro “Os Fundamentos da Geologia” explodiu completamente esta “teoria casca de cebola”, assim chamada, de épocas sucessivas quando apenas existiam certas formas de vida.

Eis aqui algumas das afirmações do Professor Price, achadas no seu notável “Q. E. D.”: “É verdade que no princípio do século dezanove Sir Charles Lyell e outros tentaram dar de mão a esta herança não científica das cascas de cebola de Werner, mas a geologia moderna nunca se livrou ainda de sua ideia essencial e mais característica, pois todos os nossos compêndios falam de várias fases *quando só certos tipos de vida prevaleceram sobre o globo*. Daí é que Whewell, na sua ‘História das Ciências Indutivas’ recusa reconhecer que qualquer avanço real se tenha feito na direção de uma ciência estável como a astronomia, física e química. ‘Custosamente sabemos”, diz ele, “se o progresso começou a história da astronomia física quase principia com Newton e poucas pessoas aventurar-se-ão a afirmar que o Newton da geologia tenha aparecido.”

*“A ciência da geologia, conforme se ensina comumente, está verdadeiramente numa espantosíssima condição e sem dúvida apresenta a mistura mais esquisita de fato e absurdo a encontrar-se no círculo todo de nosso conhecimento moderno... Que gente educadíssima ainda acredite na sua tese principal de uma época definida para cada espécie particular de fóssil é exemplo triste mas instrutivo dos efeitos da inércia mental.”*

“Mas a teoria de eras definidas e sucessivas, com as formas de vida aparecendo



na terra numa ordem precisa e invariável, está morta em todo o tempo por vir e para cada homem que tenha bastante treino e métodos científicos para saber quando uma coisa está realmente provada.”

E dos “Fundamentos da Geologia” do Professor Price disse Gilbert E. Bailey, primeiro professor de geologia na Universidade de Califórnia: “Foi preciso. Creio que descascastes completamente a teoria casca de cebola”.

## 2. O ARGUMENTO DA EMBRIOLOGIA

Alega-se, geralmente, entre os advogados da evolução, que o embrião humano, no seu desenvolvimento, passa pelas mesmas mudanças que eles supõem ter passado o homem na sua evolução da ameba, recapitulando assim a evolução da raça. Ou, para ser mais explícito, o argumento da embriologia, inclui as seguintes três asserções: *Primeira*, que os germes das plantas, dos animais e do homem são idênticos, não mostrando nenhuma diferença tanto na análise química como sob o microscópio. *Segunda*, que, no desenvolvimento do embrião achamos uma recapitulação da história antepassada do organismo particular a que pertence o embrião. *Terceira*, que, quando isto é comparado com outros achados da ciência, e a ordem das coisas vivas, segundo são classificadas pela ciência, apresenta uma sucessão completa de formas desde a ameba ao homem.

Em resposta a este argumento desejamos dizer:

### **1) A semelhança entre o germe das plantas, dos animais e do homem é só aparente e superficial.**

Isto é verdadeiro pelas seguintes razões:

#### **A. O protoplasma de um dado germe não pode ser homogêneo, conquanto assim pareça**

Uma parte desse protoplasma sempre se desenvolve em sangue, outra em músculos, outra em células cerebrais. Se o protoplasma fosse homogêneo, então tudo que sabemos de causa e efeito compelir-nos-ia a crer que o ser dele desenvolvido seria exatamente homogêneo em todas as suas partes. Em vez de se formar uma conclusão que destrói a lei bem estabelecida de causa e efeito, muito melhor é concluir que o protoplasma de um germe parece homogêneo só porque não temos os meios neces-

sários para descobrirmos sua heterogeneidade.

**B. O mesmo argumento se aplica com força sempre maior à contenção que o germe do homem é exatamente igual aos das plantas e dos animais**

Se são exatamente iguais, porque o homem se desenvolve invariavelmente de um animal de outro e uma planta de outro sem jamais uma reversão? Desde que os cientistas empreenderam explicar os segredos da vida, expliquem-nos eles isto. E, até que o façam, pedir-lhes-emos que fiquem acusados de ensinar uma teoria não científica.

**2) É também verdadeiro que o embrião humano no seu desenvolvimento retrata a história antepassada da raça, mas por uma afirmação que paira somente num fundamento aparente e superficial**

*“O embrião da espécie humana nunca é realmente semelhante a um verme, a um peixe, a um réptil ou mesmo a um dos animais mais elevados.”*

Assim diz o Professor Thompson em “Outline of Zoology”, pág. 64. Os invertebrados permanecem dobrados para trás e os vertebrados dobram em direção oposta em redor da gema do ovo. Tudo o que se pode afirmar verdadeiramente a respeito da similaridade embriológica está exposto pelo Professor Hegner, da Universidade de John Hopkins, nas palavras seguintes: “Certas fases neste desenvolvimento têm sido reconhecidas como comuns a todos os animais mais elevados” (College Zoology). Notem que ele inclui somente os animais mais elevados. E ele não afirma uma similaridade exata entre os embriões mesmo dos referidos animais, senão que somente em certas fases de desenvolvimento são comuns a todos eles.

Essas fases de desenvolvimentos que são comuns a todos os animais mais elevados são dadas pelo Professor Hergner como segue: (1) Fendagem ou a divisão da célula simples do ovo em outras células. (2) a formação de uma cavidade no centro do ovo. (3) Gastrulação ou o engraçamento das células num lado do ovo. (4) Introversão, por meio da qual se formam camadas de germe adicionais. Quando está completa aquela segunda fase em que se forma a cavidade do centro, o ovo é como uma bola de borracha oca e a cavidade do centro está rodeada por uma camada simples de células; mas o lado que está endurecido na terceira fase curva-se para dentro e assim

o ovo assume grosseiramente o feitio de uma ferradura e vem a possuir uma dupla camada de células. E o Professor Hergner nos diz que “a maioria dos animais mais elevados tem uma terceira camada que aparece comumente entre as outras duas”. (5) O desenvolvimento dessas camadas em órgãos. A camada mais externa desenvolve-se em pele do corpo, na cobertura dos vários corpos e no sistema nervoso. A camada do meio desenvolve-se em músculos, tecidos de conexão e sustento, no sangue e nos vasos sanguíneos. A camada interna desenvolve-se na cobertura do trato digestivo, na faringe e no trato respiratório.

Agora, se houvesse exata similaridade entre as fases de desenvolvimento em todos os animais mais elevados, isso nada provaria a favor da evolução; porque é só para ser esperado que o plano perfeito do Deus onisciente teria fases comuns na reprodução das formas mais elevadas da vida.

Mas não há exata similaridade entre as fases de desenvolvimento de todos os animais mais elevados. Encontramos uma diferença importante logo na primeira fase do desenvolvimento do ovo ou germe. Há quatro tipos distintos de divisão da célula: (1) Divisão igual, onde o ovo se divide em duas partes iguais e estas em quatro, etc.; (2) Divisão desigual, onde se formam uma célula grande e outra pequena; (3) Divisão discoidal, onde o ovo inteiro não se divide, mas onde se formam na superfície células pequenas; (4) Divisão superficial, onde o núcleo do ovo se divide rapidamente e as novas células emigram para a superfície e formam uma camada simples de células.

Já que um dado ovo não pode soto-pôr-se a cada tipo de divisão, é obrigatória uma divisão logo na primeira fase entre algumas das formas mais elevadas da vida.

Uma segunda diferença já então se apresentou na citação do Professor Hegner em que ele menciona o fato de na quarta fase só a maioria dos animais mais elevados desenvolverem uma terceira camada de células.

Não admira-nos, pois, que o Professor Conn, em “Evolution of Today”, admita que a embriologia muitas vezes dá uma história falsa e que o paralelo é grandemente uma grande ilusão.

### 3. O ARGUMENTO DA MORFOLOGIA

Tem-se achado que há uma similaridade de plano entre a escama de um peixe, a barbatana de uma baleia, a perna de um animal e o braço de um homem; bem como uma medida de similaridade entre outras partes correspondentes. Por causa disto

dizem os evolucionistas que todas estas espécies provêm de um antepassado comum.

Mas, em resposta a isto, Huxley, em “Study of Zoology”, pág. 86, diz: “Nenhuma quantidade de evidência puramente morfológica pode bastar para provar que umas coisas vieram a existir de um modo mais do que de outro”. E o Professor Quatrefages, do Museu de Ciência Naturais, de Paris, escreve o seguinte: “Sem deixar o domínio dos fatos e julgando somente do que conhecemos, podemos dizer que a morfologia em si mesma justifica a conclusão que uma espécie nunca produziu outra por derivação”.

Nós, portanto, riscamos o argumento provindo da morfologia com o seguinte comentário de Alexandre Patterson:

“Esta parecença de partes é bem o que deveríamos esperar das coisas que se originam de um operador inteligente, seja criador, seja manufaturador. Encontra-se em qualquer fábrica. A roda é a mesma do carrinho de mão, na carroça, na carruagem, na locomotiva. De fato, a uniformidade de plano prova a unidade causal e não a diversidade de causas fortuitas reclamada pelos evolucionistas. Se a evolução fosse verdade, haveria tanta diversidade no meio dos órgãos como há no meio das formas dos órgãos. Se a operação de condições fortuitas resulta em mudanças radicais nas formas dos órgãos, por que então não há uma diversidade semelhante no meio dos próprios órgãos? A evolução não tem resposta. A criação tem tal resposta; um é Deus e o Seu plano é um. Porque não deveriam ser iguais as formas de todas as coisas, sendo que são para viver nos mesmos climas, comer o mesmo alimento e propagar-se da mesma maneira?” (The Other Side of Evolution, O outro lado da Evolução, pág. 45).

#### 4. O ARGUMENTO DAS PARTES RUDIMENTARES DO HOMEM

Afirmam os evolucionistas que há certos órgãos e partes no homem que são inúteis e que os mesmos devem ser considerados como relíquias de órgãos e partes úteis em nossos antepassados supostamente inferiores na sua evolução. Dizem eles que os cabelos compridos de nossas sobranceiras, as pontas e todo o exterior do nosso ouvido, os cinco dedos do pé, as reentrâncias nos pescoços dos embriões, o apêndice e, possivelmente, as amídalas, são relíquias de nossa ascendência bruta.

A resposta a isto é simples. De fato, todo este argumento encarna tanta ignorância e tão pouca razão que é estranho que qualquer pessoa inteligente tivesse a temeridade de apresentá-lo.

Notem os seguintes pontos:

**1) Ainda que não se possa achar utilidade para certas partes no homem, todavia não é certo que sejam inúteis**

O homem ainda não avançou tão longe que possa estar certo de que não descobrirá novos fatos que lançarão luz sobre problemas como este.

**2) O apêndice talvez tenha tido um uso puramente humano nos primórdios de sua história, quando os seus hábitos foram diferentes**

Tem havido bastantes mudanças nos hábitos de vida do homem, particularmente quanto à sua dieta, para explicar-se a existência do apêndice sem ao mesmo tempo assumir-se que ele foi herdado de uma suposta ascendência bruta. Tem sido afirmado, por exemplo, que o coelho, por causa de sua dieta exclusivamente vegetal, acha uso para o seu apêndice. Provavelmente o homem também o achou quando ele viveu mais de uma dieta vegetal. Assim, quando os homens assumem que tais coisas como as mencionadas são restos de uma ascendência bruta, fazem-no arbitrariamente.

**3) Nenhuma razão pode ser dada sobre o por que devemos ter herdado sobrelhas aparte de todo o cabelo que cobre a face de um antepassado macacóide**

O uso de roupa supre aos evolucionistas uma explicação plausível porque o manto comprido de pelo do macaco não continuou no homem. Não se proporciona, contudo, igual explicação para a ausência de cabelo sobre a testa nua. É a força do uso de roupa como razão para a ausência comparativa de cabelo comprido sobre o corpo humano está grandemente enfraquecida pela mesma ausência na testa humana.

**4) De que serviram aos nossos antepassados as pontas da orelha?**

A menos que as mesmas foram úteis aos nossos antepassados de um modo que não para nós, nossa posse delas, então, não pode ser invocada como argumento para a evolução.

**5) A asserção que toda a orelha exterior é inútil é quase demasiada tola para merecer atenção.**

Observem os comparativamente surdos quando levam a mão em concha através da orelha para facilitar a audição... Nada mais é preciso dizer em resposta a esta ignorante noção.

**6) Quando o pé está nu, são os dedos de valor perceptível em balançar o corpo.**

Não há dúvidas que, por bastante tempo, os sapatos foram pouco conhecidos após a criação do homem. Vemos assim a necessidade dos dedos.

**7) As reentrâncias são necessárias, não resta dúvida, à própria manutenção do embrião.**

Através delas o fluido circo-ambiente ganha acesso e, sem dúvida, preenche alguma necessidade no desenvolvimento dos órgãos internos.

## **5. O ARGUMENTO DE CARACTERÍSTICAS HUMANAS NOS ANIMAIS**

Um argumento da evolução se deduz do fato que se acham animais com memória, amor, ódio, ciúme e pelo fato que podem planear e usar de meios, admirar a beleza e, nalguns casos, combinar em esportes. Entretanto isto nada prova mais do que uma certa soma de similaridade na vida íntima dos animais e do homem. Como no argumento da morfologia, este argumento prova apenas um grau de unidade de plano por parte do Criador. Arguiríamos da mesma maneira que os anjos evoluíram dos homens em vista do fato que o homem possui certas características em comum com os anjos; e, na mesma base, poderíamos argumentar que o homem evoluiu do diabo.

## **6. ARGUMENTO DA DISTRIBUIÇÃO DE ANIMAIS**

Diz-se que certos animais se encontram em certas regiões, o que é tomado como evidência que eles evoluíram de onde se encontram. Esta asserção é em parte falsa. Em uma das Ilhas Bermudas encontram-se lagartos iguais aos da Austrália; noutra iguais ao da América. Huxley afirmou que na vizinhança de Oxford, Inglaterra, acham-se restos de animais como os da Austrália. Mais: ele afirma que as Ilhas Britânicas estiveram uma vez ligadas à África. Se isto for verdade (e não há razão por

que não deveria ser), essas ilhas estiveram indubitavelmente ligadas também com a Europa. E é também perfeitamente provável que a Ásia e a América do Norte estiveram ligadas no Estreito de Bering, se não em outros pontos. Assim é verossímil que, originalmente, todos os continentes estiveram visivelmente ligados e os animais consequentemente espalhados. Então morreram em regiões a eles não adequadas ou se tornaram extintos devido a inimigos predatórios. O fato de os restos de apenas certos animais poderem ser achados numa localidade dada não é prova que eles são os únicos que jamais existiram lá. As relíquias não podem de nenhum modo ser creditadas como dando um arquivo perfeito da vida animal.

## II - FATOS CIENTÍFICOS OPOSTOS À EVOLUÇÃO

A evolução é uma teoria não sustentada por fatos imparciais. É uma cisma selvagem. A única causa de sua invenção é que ela ministra ao orgulho do homem natural e o auxilia a desfazer-se de concepção que lhe são desagradáveis ao coração ímpio e rebelde. Seus sentidos são obtusos ao máximo para perceberem coisas espirituais. Assim os milagres são-lhes repugnantes; portanto, ele busca uma explicação materialista da vida. Não há um só fato em prova da evolução, mas muitos fatos contra ela. Os seguintes fatos são alguns deles:

### 1. A IMPOSSIBILIDADE DE SE DAR CONTA DA LINGUAGEM NA BASE DA EVOLUÇÃO

Diz o Professor Max Mueller: “*Há uma barreira que ninguém ainda se aventurou tocar, - a barreira da linguagem. A linguagem é o nosso Rubicon e nenhum bruto jamais ousa transpô-lo... Nenhum de seleção natural destilará jamais palavras significantes das notas de pássaros e animais.*” (Lesson on the Science of Language, Lição sobre a ciência da linguagem, pág. 23, 340, 370).

### 2. A IMPOSSIBILIDADE DE SE DAR CONTA DE OUTRAS COISAS NA BASE DA EVOLUÇÃO

As coisas seguintes de que a evolução não pode dar conta são tiradas de “Evo-

lution at the Bar” (P. Mauro):

### 1) As asas das Aves

Segundo a evolução, as asas das aves “devem ter-se desenvolvido cada uma independente da outra do que no princípio era um calombo ou protuberância acidental nas costas de um réptil implume. Mais ainda, devem ter-se perpetuado, com desenvolvimento firmemente progressivo, guardando passo uma com a outra, através da progênie de gerações sem conta, durante todo referido tempo essas excrescências inaturais seriam, não uma vantagem senão, decididamente, um entrave aos seus possuidores. Mas isto não podia prosseguir sob a “lei de Seleção Natural”, porque essa “lei” tolera somente a promoção de variações úteis; logo, a Seleção Natural destruiria rapidamente tais variações. Mas, conversamente, as asas da ave destroem a Seleção Natural. A Evolução não pode dar conta das asas, quer por Seleção Natural, quer por qualquer outro método de operação. Muitos evolucionistas competentes têm admitido isto (entre eles Herbert Spencer); contudo, agarram-se à Evolução, não obstante a impossibilidade de proporem um método pelo qual ela pudesse operar”.

### 2) Os hábitos da aranha aquática

A aranha aquática respira o ar e contudo vive debaixo d’água! Ela constrói sua casa debaixo d’água e a enche de ar. Como chegou ela a tão estranhos hábitos? A evolução não tem resposta. A vida da aranha aquática exige um equipamento muito complexo. Tudo dela não podia ter-se desenvolvido quer fora d’água, quer na água, segundo os métodos evolucionários. Se ela viveu sempre na água, a evolução não tem explicação do fato dela respirar o ar. Se ela primeiro viveu em seco, e evolução não pode explicar como ela desenvolveu a habilidade de viver debaixo d’água; porque isso teria sido impossível sem o seu equipamento altamente especializado, que consiste de: (1) Pelos protetivos para prevenirem-na de se molhar. (2) O órgão ou órgãos próprios para secreção de um material a prova de água. (3) A habilidade de formar esse material dentro de uma célula estanque. (4) O estranho aparelho para encher sua casa de ar. (5) Os vários instintos maravilhosos que causam a consecução dessas notáveis funções. Nenhuma delas seria de valor incompleto de desenvolvimento. Da aranha aquática requerer-se-ia viver dentro d’água por séculos sem conta para o



desenvolvimento deste equipamento, mas ela não poderia viver dentro d'água sem o equipamento! Até aí a evolução da aranha aquática é barrada.

### **3) A habilidade produtora de seda de outras aranhas**

Para a produção de seda as aranhas estão munidas de: (1) Glândulas capazes de destilarem um fluido que se endurece instantaneamente e se cristaliza em seda quando exposto ao ar; (2) fianderinhas (três) assemelhando-se a pernas, perfuradas nas pontas com miríades de tubos excessivamente delgados com o fim de enovelarem o fluido em fios tão pequenos que a união de milhares deles faz uma trança de seda escassamente visível a olho nu; (3) pernas traseiras adaptadas à função altamente especializada de formar milhares desses filamentos microscópicos num fio. E, neste caso, assim como no primeiro, pode-se indicar que nenhuma destas seria de utilidade alguma sem as outras, nem todas elas juntas seriam de utilidade alguma, salvo no atual estado completo de desenvolvimento. Se as fianderinhas tivessem menos que o número de tubos que elas têm agora, não haveria a área de exposição ao ar para efetuar o endurecimento do fluido em seda. A Seleção Natural não teria tolerado nenhum desses órgãos num estado incompleto de desenvolvimento.

Não é necessário que continuemos com o tratamento minucioso dos órgãos e instintos das abelhas e hábitos do castor. Em ambos os casos a evolução colapsa numa tentativa de explicação muito no mesmo jeito como nos casos já mencionados.

### **4) O fato que as características adquiridas e as variações fortuitas não são regularmente transmissíveis**

A evolução ensina que um calombo fortuito aparecendo no corpo de algum animal perpetuou-se e finalmente desenvolveu-se em pernas, que as manchas sensitivas fortuitas que deram uma sensação agradável quando viradas na direção do sol, fazendo assim o animal guarda-las na direção do sol, transmitiram-se, e, sob o estímulo da luz, desenvolveram-se em olhos. Todavia, todo esforço para provar a transmissibilidade de características adquiridas e variações fortuitas terminou em sombrio fracasso. Todas as venetas e esportes podem ocorrer, mas não se propagam regularmente em espécies iguais. Há sempre uma reversão ao tipo na vasta maioria das descendências. Uma criancinha pode nascer com seis dedos nas mãos, ou nos

pés, e com alguém de sua progênie pode acontecer o mesmo, mas uma variação tal nunca torna permanente. Professor Coulter, da Universidade de Chicago, diz: “(1) É geralmente crido que os caracteres adquiridos não são herdados; (2) a mais leve variação usada pela teoria de seleção natural não pode ser continuada pela seleção contínua além dos limites das espécies; (3) as formas conservadas pela seleção artificial reverterem; (4) a seleção entre tais variações leves é uma que não pode ter qualquer vantagem decidida”. George McCready Price diz: “Algumas vezes a Lei de Mendel é chamada de lei de herança alternativa, assim incorporando no seu nome o pensamento que uma descendência possa mostrar caracteres possuídos por um dos pais, mas ela não pode desenvolver quaisquer caracteres que sejam que não fossem manifestos ou latentes no ascendente. Mudanças no ambiente durante a fase embrionária, é verdade, parecem algumas vezes estar registradas na forma crescente; mas nunca se provou que essas mudanças induzidas possam nalgum tempo avultar numa unidade de caráter ou fator genérico que se manterão e segregarão como um fator distinto depois da hibridização. A ascendência só fornece o material para o fator e nenhuma quantidade de mudança induzida consegue registrar-se no organismo de maneira a entrar nesse círculo encantado de caracteres ancestrais único que parece estar transmitido à posteridade”. (Q. E. D., pág. 91).

### **5) A lei universal de regressão em vez de progressão**

O professor George McCready Price diz: “É uma lei universal das coisas vivas que todas as formas deixadas a si mesmas tendem a degenerar. A necessidade de seleção artificial contínua na beterraba, no algodão da Ilha do Mar, no milho, no gado Jersey e Holstein e nos cavalos de trote, prova esta tendência universal para degenerar” (Q. E. D., pág. 94). O Professor A. H. Sayce, esse eminente arqueologista de Oxford, diz: “Quanto mais antiga a cultura, mais perfeita se acha ser. Este fato é muito notável em vista de teorias modernas de desenvolvimento e de evolução da civilização dentre a barbárie. Seja qual for a razão tais teorias não surgem pelas descobertas da arqueologia. Em vez do progresso que se deveria esperar, achamos regressão e decadência.” (Homiletic Review, June, 1902).

### **6) O intervalo entre os vertebrados e invertebrados no reino animal**

A evolução não tem podido transpor este intervalo provadamente e demonstrar como os animais de espinha dorsal evoluíram dos que a não tem. Prof. Hegner, da Universidade de John Hopkins, no seu “College Zoology”, pág. 619, cita com aprovação Wilder, assim: “A origem dos vertebrados está perdida na obscuridade de formas a nós desconhecidas”. Mas, se a ciência nalgum tempo o demonstra, haverá um consolo para nós: a demonstração pode mostrar-nos como remediar a falta de espinha de pregadores pés de lã e compromissórios.

### **7) O intervalo entre as diferentes espécies de cada classe**

Cândidos estudantes de geologia dizem-nos que as espécies aparecem de repente no arquivo geológico sem formas intermediárias. E entre os incontáveis animais e insetos em existência não há um elo de ligação entre as espécies. Isto é a cruz da teoria evolucionista em geral e é aqui que a evolução está destituidíssima de prova. Deixada está ela como um litigante num tribunal, com as suas testemunhas mais importantes dolorosa e ominosamente ausentes. Contudo, urge o litigante em que o tribunal decida a seu favor no pressuposto que a questão seria provada se ele pudesse apresentar as testemunhas que não pode e para cuja ausência não pode oferecer razão. O evolucionista é um indivíduo estranhamente crédulo. Ele está tão acostumado a vós tontos da imaginação que não acha dificuldade em subir de espécie em espécie tanto no registro geológico como entre as formas vivas sem se aborrecer com os intervalos escancarados entre as espécies.

Dizemos isto de nós mesmos, ou não dizem também o mesmo os cientistas? O Dr. Robert Watts diz: “O registro das rochas nada sabe da evolução de uma forma mais elevada vinda de uma mais baixa... Tanto a natureza como a revelação proclamam-se leis invioláveis, que o igual produz igual”. O Dr. J. B. Warren, da Universidade de Califórnia, disse: “Se a teoria de evolução for verdadeira, então, durante os muitos milhares de anos cobertos no todo ou em parte pelo atual conhecimento humano, seriam certamente conhecidos alguns casos de evolução entre uma e outra espécie. Nenhum caso tal é conhecido”. O Dr. David Brewster declara: “Temos prova absoluta da imutabilidade das espécies, quer a sondemos nas épocas históricas ou geológicas”. Sir William Dawson, grande geólogo canadense, diz: “Não há evidência direta que no curso de tempo geológico uma espécie mudou-se gradual ou repentinamente noutra” (Modern Ideas of Evolution, Idéias Mmodernas da Evolução, pág.

118). O Professor Winchell diz: “O grande fato obstinado que toda forma da teoria encontra logo de início é, que, não obstante as variações, estamos ignorantes de um só caso de derivação de uma boa espécie doutra. Vasculhado tem sido o mundo por um exemplo, e ocasionalmente pareceu por algum tempo como se um exemplo tivesse sido achado da originação de uma espécie genuína por agências naturais assim chamadas, mas apenas damos expressão a admisão de todos os recentes advogados das teorias de derivação quando anunciamos que o há muito procurado calvário experimental não foi descoberto.” (The Doctrine of Evolution, A doutrina da Evolução, pág. 54). Diz o Professor Conn: “Será admitido de todos os lados que nenhum exemplo inquestionável foi observado de uma espécie ser derivada de outra.” (Evolution of Today, Evolução de Hoje, pág. 23). O Dr. Etheridge, do Museu Britânico, perito em fossiologia, diz: “Em todo este grande museu não há uma partícula de evidência da transmutação das espécies. Nove décimos da prosa dos evolucionistas são escarada tolice, não achada nas observações e totalmente desamparadas pelos fatos. Este museu está cheio de provas da completa falsidade de suas ideias.” O Professor Lê Conte, da Universidade de Califórnia, diz: “A evidência da geologia hoje é que as espécies parecem vir à existência repentinamente e em completa perfeição, ficam substancialmente imutáveis durante o termo de sua existência e morrem em completa perfeição. Outras espécies tomam seus lugares por substituição, aparentemente, não por transmutação”.

### **8) O tremendo intervalo entre o animal mais elevado e o homem**

O Dr. Frederich Pfaff, professor de ciência natural na Universidade de Erlangen, diz: “Em nenhum lugar dos depósitos mais antigos se vê um macaco que se aproxima mais de perto do homem, ou homem que de perto mais se aproxima de um macaco, ou talvez de homem nenhum. O mesmo hiato que se acha hoje entre o homem e o macaco retrocede em diminuídas larguras e profundidades ao período terciário. Só este fato basta para fazer sua ininteligibilidade clara a quem quer que não esteja penetrado pela convicção da infalibilidade da teoria de transmutação gradual e desenvolvimento progressivo de todas as criaturas organizadas” (Age and Origin of Man, Idade e origem do homem, pág. 52). Lê Conte diz: “Os homens mais primitivos até agora achados não são em nenhum sentido elos conetivos entre o homem e o macaco. O crânio de Mentone é de tamanho médio ou mais que médio, enquanto o

de Neanderthal, também muito antigo, é de tipo inferior, mas em nenhum respeito intermediário entre o homem e o macaco, sendo verdadeiramente homem”. O Dr. Virchow, que foi a autoridade alemã mais alta em fisiologia e estilizado o “químico dianteiro do globo”, sendo o originador da teoria do germe, disse: “A forma intermediária é inimaginável, salvo num sonho”. E outra vez: “É tudo asneira. Não pode ser provado pela ciência que o homem descendeu do macaco ou de outro animal. Desde o anúncio da teoria, todo o conhecimento científico real caminhou na direção oposta. A tentativa de achar a transição do animal ao homem acabou em fracasso total”.

### III - FATOS BÍBLICOS OPOSTOS À EVOLUÇÃO

Até aqui discutimos a evolução de um ponto de vista científico. Isto fizemos porque todo o estudante da Bíblia bem informado deverá saber algo do aspecto científico deste assunto. Uma refutação inteligente da evolução pela Bíblia é impossível sem algum conhecimento correto do aspecto científico.

Viramos agora a notar o ensino da Bíblia em referência a evolução. Alguns eruditos da Bíblia acham que a Bíblia não está em antagonismo necessário com a teoria da evolução; mas está e, especialmente, com referência às seguintes matérias:

#### 1. O MÉTODO DE CRIAÇÃO DO HOMEM

A Bíblia declara que o homem foi criado do pó da terra (Gênesis 2:7; 3:19; 18:27; Jó 10:9; 34:15; Salmos 104:14; Eclesiastes 12:7), não de formas de vida previamente existentes, como seria o caso se a evolução fosse verdadeira.

#### 2. O MÉTODO DE CRIAÇÃO DA PLANTA

Refere a Bíblia que Deus criou “toda planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava” (Gênesis 2:5). Por outro lado, a evolução alega que as plantas se produzem por desenvolvimento gradual e evolução de uma para outra. A evolução afirma a produção por crescimento; a Bíblia ensina a produção antes do crescimento.

### 3. O ESTADO ORIGINAL DO HOMEM

De acordo com a Bíblia, o homem foi criado santo e justo, caiu desse estado, trazendo o pecado ao mundo (Gênesis 1:27; Eclesiastes 7:29; Romanos 5:12-21; 1 Coríntios 15:22). Mas a evolução não tem lugar para um estado original santo do homem, nem para a entrada do pecado através de uma queda.

### 4. O COMEÇO DA RAÇA HUMANA

Aprendemos da Bíblia que a raça humana começou com um homem, Adão. Mas, se a evolução fosse verdadeira, é certo que muitos seres humanos teriam sido produzidos simultaneamente e em várias partes da terra.

### 5. O MÉTODO E O TEMPO DA CRIAÇÃO DA MULHER

O relato escriturístico da criação da mulher representa-a como sendo criada conforme o homem e de uma costela tirada do homem. Por outro lado, a evolução teria necessariamente produzido a fêmea com o macho, do contrário a procriação teria sido impossível.

### 6. A PERMANÊNCIA DAS ESPÉCIES

Lemos que Deus prescreveu que cada espécie de animal produzisse “segundo sua espécie”. Isto nega a hipótese evolucionária da transmutação das espécies.

## IV - OS EFEITOS ESPIRITUAIS DA EVOLUÇÃO

O Professor Jonathan Rigdon, Ph. D., no seu “Ciência e Religião”, diz que “tanto quanto à religião concerne, não faz diferença, absolutamente, se a hipótese da evolução é verdadeira ou falsa”. Discordamos fortemente desta posição, não somente porque se opõe à Bíblia, mas também por causa dos seus pestilentos efeitos espirituais. O Professor Virchow eminentíssimo entre os patologistas europeus denunciou a evolução como ruínoza ao estado e disse que ela deveria ser excluída das escolas. É ruínoza ao estado e a tudo de valor no reino secular, mas muito mais ruínoza no

espiritual.

Alguns dos efeitos espirituais da evolução como segue:

### **1. LEVA A CONCLUSÃO QUE A RELIGIÃO NADA MAIS É QUE UM PRODUTO DE EVOLUÇÃO**

O Professor Rigdon, no livro previamente citado, diz: “Se a evolução provar-se verdadeira, então veremos que a religião mesma, crença em Deus e imortalidade, é o efeito mais alto da evolução. A religião então aparecerá como a suprema atitude mental que a luta pela existência desenvolveu para fazer a vida digna de se viver e para salvar a raça de extinção voluntária.”

Isto tanto deixa a religião como mera crença na existência de Deus e no fato da vida após morte, ou, se por crença em Deus e na imortalidade quer-se dizer o que a Escritura significa pela fé e a esperança do crente, como a evolução despreza a obra regeneradora do Espírito Santo, pela qual estas são efetuadas. Ambas estas alternativas são falsas. A religião ensinada na Bíblia é mais do que crença na existência de Deus e no fato da vida depois da morte. A evolução podia produzir esta crença e contudo estar longe da fé e esperança do cristão. A fé e a esperança do Cristão são confiança em Cristo para salvação e a expectativa de uma imortalidade bem-aventurada na presença de Deus. Estas se produzem, não por quaisquer meios naturais senão pelo mesmo poder que levantou a Cristo dentre os mortos (Efésios 1:19,20).

### **2. FAZ DA BÍBLIA TAMBÉM UM DOS SEUS PRODUTOS**

E não basta dizer que a evolução foi o meio de Deus para dar-nos a Bíblia, e, portanto, que a Bíblia não está roubada de seu caráter sobrenatural. A Bíblia professa ter sido escrita, não por vontade do homem, como teria sido o caso se ela viesse pela evolução, mas pela ação sobrenatural do Espírito Santo (2 Pedro 1:21).

### **3. DESTRÓI A REALIDADE DO PECADO E SUA ODIOSIDADE À VISTA DE DEUS**

Aos olhos dos evolucionistas o pecado é somente imaturidade humana. O pecado não entrou no mundo como escolha deliberada de um ser humano maduro que verificou algo de suas consequências e não é agora o resultado de inimizade contra

Deus: é, meramente, um incidente no destino ascensional da raça.

#### **4. SUBSTITUIU O TREINO E O BOM AMBIENTE NO LUGAR DE REGENERAÇÃO E DO SANGUE DE CRISTO**

Se o pecado é apenas de relíquias de imperfeição animal, não carecemos de nada como seu remédio a não ser de tais coisas que contribuem para promover a evolução da raça. Assim a regeneração e o sangue de Cristo são desnecessários.

#### **5. SUBSTITUI A SALVAÇÃO INDIVIDUAL ACENTUADA NA BÍBLIA PELA SALVAÇÃO SOCIAL**

A evolução faz os homens interessados na raça como um todo para que ela atinja a mais elevada civilização, cultura e eficiência; Deus está preocupado com o cumprimento do Seu propósito através da salvação espiritual do indivíduo.

#### **6. SUBSTITUI A LEI DE AMOR NA BÍBLIA PELA LEI DA SOBREVIVÊNCIA DO MAIS APTO**

A evolução não tem lugar para os fracos e incapazes; mas a Bíblia nos manda socorrer os fracos e os fortalecer. A civilização, inteiramente imbuída de evolução e permeada pelo seu espírito, não faria nenhuma provisão pelos fracos.

#### **7. AUMENTA O PRECONCEITO NATURAL CONTRA OS MILAGRES**

Diz o Professor Rigdon: “A toda pessoa pensante os milagres são repugnantes”. Isto diz ele, não como uma negação dos milagres senão para expressar a preferência da mente do homem por uma explicação natural. O homem tem uma tal preferência e a evolução encoraja esta preferência, agravando a repugnância do homem para com os milagres. Por essa razão achamos muitíssimos evolucionistas negando o nascimento virginal e a ressurreição corporal de Cristo, como também negando o elemento miraculoso na regeneração.







Imprensa



Palabra Prudente